

GUSTAVO CORÇÃO

O
SÉCULO
DO
NADA

O
SÉCULO
DO
NADA



GUSTAVO CORÇÃO

O SÉCULO DO NADA

*"De que futuro nos falam eles,
então, esses esperantes às avessas,
esses escavadores do nada?" —
Léon Bloy, Le Desespere.*



DISTRIBUIDORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Copyright (c) Gustavo Corção

*DILECTISSIMIS CERTANTIBUS
BONVM CERTAMEN
COMITIBVS*

» *

Direitos reservados por:
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Av. Erasmo Braga, 255 — 8e andar — Rio de Janeiro — GB
Impresso no Brasil

ÍNDICE

INTRODUÇÃO. 11

PARTE I

CAPÍTULO I — *UM VELHO LEIGO INTERROGA...* —
Entrevistando o velho camponês do Garona
— Maritain analisa a crise católica — A gra-
tidão e a mágoa do Pe. V. A. Berto —
Como o camponês vê o teilhardismo — Cam-
ponês ou "intelectual"? — Notas. 51

o⁴

CAPÍTULO II — *O JOGO ESQUERDA-DIREITA* — Um
começo que não promete grandes coisas —
Os vários binómios do jogo Esquerda-Direita
— A estranha cegueira dos "intelectuais" no
jogo E-D — Quem desarmou a França? —
Ainda a cegueira dos "intelectuais" católicos
franceses envolvidos no jogo E-D — Um sím-
bolo profundo escondido — O jogo E-D foi
um jogo falseado e falsificador — O espírito
de esquerda e o espírito de direita — A im-
postura do jogo E-D — Arima e Ormuz —
Solecismos políticos fundamentais: a direita e
a esquerda — O otimismo das esquerdas
— Notas. 73

CAPÍTULO III — *A REVOLUÇÃO SE AVOLUMA* — O re-
volucionarismo — Será a História essencial-

mente revolucionária? — Um momento revolucionário ocorrido há cerca de 2.000 anos — O milagre da Idade Média — "Dois amores, duas cidades" — O que hoje sabemos da Reforma — O cientificismo — O cientificismo e o senso comum — Dois exemplos de ruptura de uma teoria interpretativa — A "revolução" copernicana — Reflexões sobre ciência autónoma e heterónoma — O heliocentrismo e o culto do "Deus-Sol" — O caso Galileu — A inteligência em perigo — As "sociétés de pensée" e a Revolução — Duas palavras sobre a Revolução Francesa — O século XIX e a Igreja — O catolicismo social no século XIX — Alguns marcos do catolicismo social — Frederico Ozanam — Uma página de Ozanam sobre o socialismo — Donoso-Cortés — Uma página sobre o que fez Ozanam em 25 de junho de 1848 — O catolicismo social no fim do século XIX — Um inventário — • Um estampido e o céu escureceu — Estampidos, músicas e discursos — Notas

PARTE II

- I — *ESTAMOS NO SÉCULO XX* — As origens do século XX — Uma sinistra explosão de "sinistrisme" — Le Sillon, Marc Sangnier — Duas reflexões sobre o caso de Le Sillon — Action Française, Charles Maurras — Os homens da Action Française — Léon Daudet — Um belo defensor da Fé — O que a surdez de Charles Maurras nos revelou — Os sinais de Deus — *Une ténébreuse affaire* — Da carta do Cardeal Andrieux até a condenação — Bibliografia sobre a Action Française — Notas
- II — *ESPAÑHA, ROMA E FRANÇA* — A década dos trinta — 1931, Roma: "Quadragesimo Armo" — • 1931, Espanha — Os personagens do drama espanhol — • Espanha, primeiras perseguições religiosas — 1932, Paris: Mari'

tain e a revista *Esprit* — Maritain e a A.F., 1912 a 1927 — Maritain e a A.F. vistos por Yves Simon — Haverá dois Maritain? — 1932, Maritain e Mounier — 1932, na Espanha se organiza a perseguição religiosa — 1933, Roma fala... — 1933, as esquerdas católicas francesas respondem — Na Espanha, recuos e avanços das esquerdas — 1935, as esquerdas católicas na França ganham terreno — 1936, na Espanha precipitam-se os acontecimentos, os comunistas dominam a situação — 1936, também na França começa uma guerra civil, mas em lugar de um "alzamiento" desenha-se um "abaissement" — 1936, chegam à França notícias de Espanha — 1936, Roma repreende — 1936, na França não se ouve a voz de Roma — 1936, setembro, o Papa abençoa os espanhóis que defendem a Igreja e a Pátria — 1936, em Paris a "gaúche catholique" tem ideias próprias — 1936, Humanismo Integral — 1936-37: "la France en état de bêtise" — Fim de 1936, na Espanha o Alcazar resiste — 1937, Roma: "Divini Redemptoris" — 1937, em França a esquerda católica evolui — 1937, um homem em Paris ouve o Papa — Ainda em 1937, na Espanha os bascos... •— 1937, Guernica — 1937, 1º julho, pronunciamento dos "intelectuais" da esquerda católica francesa •— Roma, os enviados bascos e o Cardeal Pacelli — Paris, agosto de 1937: a revista *Sept*, dos padres dominicanos, morre de gripe espanhola — Uma digressão sobre os graus da perversidade — • Em resumo... •— Henry Bars explica o caso Maritain — Os últimos apontamentos de Maritain em Paris — Termina a esquisita década dos trinta — Notas.

205

- III — *ENCRUZILHADA DE TRAIÇÕES* — A queda da França — Junho de 1940 — Pronunciamentos de bispos sobre Pétain — Um equilíbrio impossível — "Gallia est omnia divisa in partes três" •— Encruzilhada de traições — Ainda a encruzilhada de traições —

A traição dos povos de língua inglesa — O demónio, símio de Deus — Winston Churchill e o comunismo — O pacto com Satã — Stalin conta até 10.000 — A Résistance e a Liberation, 1944 — "Cette résistance passe em jugement" — Humildade e magnanimidade — A résistance e sua incapacidade de julgar — "Mini vindictam: et Ego retribuam" (Deut. XXXII, 35) — Robert Brasillach — O processo de Robert Brasillach — Doze anos depois — Maurice Bardèche — O fim da guerra civil francesa — Notas. 295

%

CAPÍTULO IV — *O ATIVISMO DESESPERADO* — Tempos de otimismo — Um desafio do mundo — A produtividade e a verdade — O progressismo de vento em popa — Revolução, revolução, revolução — Duas palavras sobre o comunismo — Honra e glória à U.R.S.S. vencedora! — O ativismo ganha o clero e a hierarquia — "Jeunesse de l'Église" — "La France pays de mission?" — "Éssor ou Déclin de l'Église" — Entra em cena o fantasma do integrismo — Ainda o díptico integrismo-progressismo — A peroração do cardeal Suhard — O mito da classe operária e de sua missão histórica — Um leigo responde ao Cardeal Suhard — Ainda algumas reflexões sobre a classe operária — "Economia e Humanismo" — Paris, 1950 — Padres-operários — Um *unhappy end* — O inventário da experiência — Uma estranha explicação — Os vários defeitos de uma explicação feita sob "censura" — O estuário se explica pelas nascentes e pelos afluentes — O cavalo de Tróia — Notas. 351

, i

CONCLUSÃO

429

i •

INTRODUÇÃO

"*Lacrymabiliter*"
Léon Bloy, *Le Desespere*.

Comecei hoje. Começo agora, nestas Unhas, um livro com que venho sonhando há mais de quatro anos e que agora, depois de muitas hesitações, resolvi começar, mas logo pressenti que este livro, como todos os que quis escrever e escrevi, e como os milhares que não escrevi, está rigorosamente acima de minhas forças. O fato é que tudo o que li nestes últimos cinco anos sobre o que aconteceu no mundo católico, e sobre o que me parece explicar o que está acontecendo, compele-me imperativamente, preceptivamente, a escrever este livro, não por julgá-lo necessário e útil para a Igreja e para o mundo, mas simplesmente por julgá-lo indispensável à completação e ao retoque do testemunho que venho deixando há tantos anos em livros, aulas e artigos. Mas, além desse imperativo de algumas retratações que tenho impaciência de formular, não escondo o velho vizo de professor que me leva ao temerário empreendimento de buscar explicações nas águas turvas deste século. Daí os subtítulos que já tenho antes de ter o título:

*RETRATAÇÕES
REAFIRMAÇÕES
INTERROGAÇÕES
E OUTROS...ÕES.*

Hestas páginas de introdução, tentarei dar ao leitor algumas explicações pessoais sobre posições tomadas, que hoje me

obrigam às retratações e me estimulam à busca das causas. O tom será aqui e ali pessoal, evocativo e afetivo, porque na verdade vou reabrir feridas, ou ferir-me onde me julgava ileso. Deixarei correr a memória sem preocupação de método e de sistematização, mas depois desse desabafo no ombro imaginário, de um leitor imaginariamente amigo, levantarei vôo para as terras onde todo o drama deste século se iniciou e se desenrolou, e então tratarei de esquecer-me de mim e do leitor, para entregar-me de corpo e alma à observação do registro dos fatos, que nos trouxeram tão inimagináveis calamidades. Teremos de entrevistar muitos autores, teremos de nos afastar aqui e ali de alguns a que estivemos quase colados, mas também teremos de nos aproximar de outros que um preconceito dos anos quarenta e cinquenta nos impedira de ver e de admirar. Tudo isto custou para o autor destas linhas um esforço de estudo que só pôde realizar porque, no momento em que se aposentava de alguns deveres de estado e se simplificava a família, teve ainda reservas de força e saúde para rever e ler tudo o que não lera em trinta anos de estudo mais aplicado à doutrina perene do que aos turbilhões produzidos na história pelos contatos, sempre difíceis e sempre trágicos, entre a Igreja e o Mundo.

Comecemos, pois, as explicações pessoais prometidas. E como sempre convém a qualquer obra que, embora minúscula, pretenda ser serviço de Deus, começemos pelo sinal da santa cruz.

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.

Antes de mais nada, convém agradecer a Deus o fato de estarmos nós ainda em tempo de colher e de louvar. Por mim, considero com estupefação, e certo constrangimento, este elevado patamar da vida que nunca julguei alcançar.

Desde que me lembro de mim, vejo-me sempre espantado de sobreviver. Não que tivesse índole melancólica ou tristonha. Ao contrário, fui um menino alegre e cheio de vida, mas por isso mesmo, ou por uma das tantas contradições do pêndulo da alma, sempre senti muito vivo, muito aguçado, o provisório de tudo o que por aqui andei fazendo. Desde os dez ou doze anos vivo eu a sobreviver e a me espantar. Quando fiz vinte e quatro achei-me um Matusalém e apostei comigo mesmo que não chegaria aos vinte e cinco.

Anos atrás conheci Oswaldo Goeldi. Estava querendo ilustrar minhas Lições de Abismo e julgou que, antes de prosseguir o trabalho, devia conhecer pessoalmente o autor. Foi assim, em busca de minha alma, que uma tarde bateu-me à porta. Con-

versamos. Dez minutos depois éramos amigos de infância; com mais dez minutos quase chorávamos juntos, cada um sofrendo a dor do outro. A dele, no momento, era a Bienal. Só de falar "Bienal" o olhar abrasava-se e o nome saía-lhe como um saúdo.

— E você? e você? — perguntava-me aflito de não saber qual era, no dia, a minha bienal. E foram só esses míseros vinte minutos toda a nossa amizade vivida. Tempos depois, atravessando uma rua entre os carros de um congestionamento, avistei-o numa fila de ônibus. Ele também me viu, e espantadíssimo exclamou: — Você está vivo? você está vivo?

No dia seguinte recebi a notícia mais estapafúrdia e mais natural do mundo; Oswaldo Goeldi morrera.

Esta curta história de uma curtíssima amizade está descabida neste livro, ou melhor, nesta breve introdução de um livro que muito me admirará se um dia o tiver nas mãos terminado. O que tentei transmitir foi uma ideia simples, ou um critério simples que me classifica no hemisfério da humanidade onde se acotovelam, sempre mal instaladas, as almas incôgruas que andam por aqui como se estivessem a viajar no "outro lado", ao revés, ao avesso de tudo.

O fato é que assim mesmo, de surpresa em surpresa, de admiração em admiração, de agradecimento em agradecimento, percorri uma quilometragem que pouco falta para somar um século. Nasci antes do balão de Santos Dumont. Antes do "Affaire Dreyfus". Antes do Século. E desde cedo comecei a ensinar. Aos onze anos tive os primeiros alunos de aritmética, e cedo habituei-me a respeitar as formas humildes da incapacidade de compreender as primeiras noções da abstração matemática. Lembro-me com ternura e admiração do meu aluno e amigo José, da mesma idade, que depois de um esforço quase muscular, rubro de vergonha ou do esforço, suplicava-me:

— Gustavo, explica outra vez. Mais devagar. Você sabe que eu sou burro.

Mais tarde, na vida de professor ou de jornalista terei muitas vezes uma lancinante saudade da casta e genial burrice do José.

Cresci dentro de um colégio, ensinando em todos os níveis e a todas as raças. Quando volto os olhos para qualquer estação do passado, lá me vejo a ensinar. Ensinei no Colégio Corção — colégio pobre e supermisto, colégio de antigamente — todas as matérias do primário e do secundário, e mais algumas que a fantasia da vida acrescentava. Ensinei matemática, português, geografia, ciências, taquígrafia, xadrez e esgrima. Toda a fa-

mília estudava e ensinava, e eu, dentro dela, cumpria um modo de ser, um feitio do corpo, um código genético. Professor. Animal-professor. Sempre. Na Escola Politécnica daqueles largos e claros dias em que não existia ainda o monstro disforme chamado "universidade", fui professor de química e de astronomia todas as vezes que o avanço sobre colegas menos estudiosos me proporcionasse ocasião. Lei dos vasos comunicantes. Guarde bem, leitor, esta nota: não estou aqui a me inculcar como alguém capaz de ensinar física, química, matemática, astronomia, esgrima e xadrez. Estou apenas dizendo que sempre, ao longo da vida, por uma fatalidade cromossômica, andei ensinando o pouco que aprendia antes de outros aprenderem. Só me vejo mais engenheiro do que professor no ano de 1919, em que andei a fazer coordenadas geográficas nos confins de Mato Grosso, onde estive perdido muitas vezes, com sede, fome e febre e onde aprendi a laçar boi e a apanhar no chão o sombreiro sem me aprear do cavalo a galope.

A que vêm todas essas recordações? Não incluí nos subtítulos desta obra "confissões" nem "recordações". Abrevio, pois, as léguas que andei por esses brasis, e os anos que vivi como engenheiro. Em certa altura da vida troquei a astronomia pela eletrônica que acabava de nascer. E logo me vejo, depois de 15 anos de engenharia na Radiobrás, onde com Carlos Lacombe e José Jomotskoff fomos pioneiros dos primeiros circuitos transatlânticos de radiotelegrafia, a ensinar a dita eletrônica aplicada às telecomunicações na recente Escola Técnica do Exército (hoje Instituto Militar de Engenharia), onde também fui uma espécie de padrinho da nova técnica, que ensinei durante 35 anos. Na Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil, também ensinei a mesma disciplina até a aposentadoria.

Mas antes disto, lá no meio do caminho, quando "la dirita via era smarrita", ao contrário do que aconteceu com Dante, achei-me de repente dentro de uma casa luminosa, como se já estivesse no "outro lado" onde me viu naquela tarde inesquecível o ardente olhar de Oswaldo Goeldi. Voltava à fé de meu batismo. Voltava à Casa. Já tive a estulta extravagância de tentar contar a história dessa volta em A Descoberta do Outro (AGIR, 1944). Hoje tenho certo vexame do que andei escrevendo de mim mesmo e de minhas angústias espirituais; mas não é dessas coisas que me sinto na obrigação de me desdizer e de me retratar.

Não seria capaz de encontrar hoje, em mim mesmo, suficiente petulância ou suficiente inocência para escrever, reescrever ou desescrever A Descoberta do Outro. Fica como está. Quod

scripsi, scripsi. Eis a dura lei da irreversibilidade dos textos imprudentemente publicados. Se ao menos, em vez do papel e da tinta, nos contentássemos em escrever com o dedo na areia, teríamos melhor patrono do que Pilatos.

Bem avisado andou Henri Charlier quando um jovem intelectual o procurou para entrevistá-lo e pedir-lhe a história de sua conversão. Interrompendo com mau humor a obra que pintava, rasgou uma tira de jornal e rabiscou: "Ma conversion est une grâce immeritée de la Toute-Puissance Divine". Não menos sábio foi o humilde e obscuro amigo que ouvia em silêncio as histórias dos "convertidos" do Centro Dom Vital. Quando lhe perguntaram: — E você? Como foi? — ele ficou meio embaraçado e afinal balbuciou: — Foi assim. Deus me pegou, me afeitou na porta da Igreja, e me meteu o pé. ..

Assim ou assado, "à plat ventre dans la Maison Lumineuse", ou bola no goal de Deus, achei-me logo compelido à posição essencial de animal-professor. Estudar para ensinar. Ensinar para ser o primeiro a aprender, e para logo ensinar. E a par dos cursos que dei sobre a eletrônica aplicada às telecomunicações passei a ensinar o que quer dizer, por extenso, o credo dos Apóstolos: Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, etc. etc.

E deste curso até hoje não me aposentei nem tenho nada a retratar. Nesse meio tempo escrevi livros, escrevi artigos que ainda interminavelmente escrevo nos jornais. Sempre na mesma posição genética, inevitável. Com exceção de algumas páginas em que permiti que o doido, o máscara-de-ferro, tomasse a pena e deixasse vaziar a nostalgia de loucura que trazia acorrentada a sete deveres de estado, volto sempre ao plantão, ao avental. Já disse atrás que isto é um feitio do corpo. E agora, nesta recapitulação, assusto-me, acho-me a rezear ter sido demasiadamente professor. Perãoem-me os amigos que enfadaram pelo esquecimento de que há um tempo para tudo, como lá diz o sábio do Eclesiastes.

Mas a razão de todo este preâmbulo, onde já corri o risco de não conseguir o que mais almejava, não é a de me pintar para uma eventual posteridade, nem a de me desculpar de ser o que sou irremediavelmente. Outra é a razão. Pensando em tantos anos de ensino, de comunicações, de livros, de conferências, recapitulo preocupado, assustado, tudo o que andei transmitindo. Ou melhor, recapitulo o que deixei de dizer. Terei de fazer várias retificações, várias retratações, mas agora acode-me a ideia de uma omissão que implica uma série de reações, e pela qual eu estremeceria de vergonha e tristeza se, no momento de dizer o nunc dimittis, me viesse à mente o relâmpago do negrume de tão espantosa omissão. Qual?

A de nunca ter escrito em minha longa vida de escritor, entre tantas páginas de louvor e de admiração, de entusiasmo e de apologia, estas poucas palavras exigidas pela mais clara verdade e pela mais límpida justiça, sim, estas poucas palavras que já deveriam ter transbordado de meu coração agradecido e deslumbrado:

Honra e glória à Espanha católica de 1936.
Honra e glória a Dom José Moscardo Ituarte,
defensor do Alcazar, a seu filho Luís Moscardo, a
Queipo de Llano e a Luis António Primo de Rivera.

"España libre, España bella
Con roquetés y Falanges
con el tercio mui valiente..."

Honra e glória aos doze bispos mártires, e
aos quinze mil padres, frades e religiosas
"verdadeiros mártires em todo o sagrado
e glorioso significado da palavra" (Pio XI).

Honra e glória a todos que morreram
testemunhando com SANGRE: "Viva Cristo Rey"!

E agora que sobrevivi e consegui apressadamente cumprir um dever atrasado, poderemos mais descansadamente explicar a trama de desatenções, de erros, equívocos e empulhamentos que, entre outras coisas, produziu tão grave omissão em tantas páginas de escritores católicos. Se Deus for servido, transmitirei ao leitor o que venho estudando há alguns anos sobre as causas próximas da crise que aflige nosso século e que flagela a Igreja com espantosa crueldade. Tenho a poucos metros de distância, em formação de combate, a centena de livros básicos de que já tirei as fichas principais; em cima da mesa as esferográficas e o papel aberto, branco, vertiginosamente branco.

Foi em 1939. Sim, para entender as causas e as implicações de tão grave omissão, preciso prolongar um pouco as explicações pessoais, e preciso lembrar que foi em 1939 que me achei no grupo de amigos que nesse tempo militavam no Movimento Litúrgico, em torno do Mosteiro de São Bento e do Centro Dom Vital. Aos quarenta e dois anos voltava à fé do meu batismo, e abria os olhos para o mundo. Toda a minha formação anterior era a de um engenheiro, ou de um quase-bárbaro armado de alguns conhecimentos científicos, provado por alguns intermitentes e malogrados acessos literários, mas totalmente desinteressado do tumultuoso curso de acontecimentos com que o século, já quase meio andado, ganhava corpo. É difícil imaginar maior candura e maior despreparo do que o do pobre engenheiro e professor que em meados de 39 se achou de repente cercado e intimado a uma incondicional rendição. Lera livros

de Chesterton e outros de Maritain. Descobria ao mesmo tempo a Igreja e o Mundo aos quarenta e dois anos de idade. E no mesmo despertar encontrava-me a mim mesmo nas várias tentativas que fizera no mundo da poesia, da música e da pintura. Tudo isto, que trazia guardado, e que nesse enclausuramento me mantinha apartado do mundo, quase como um anacoreta na Estação Receptora da Radiobrás, em Jacarepaguá, obrigava-me agora a entrar no turbilhão dos fatos. No Brasil, o regime originado pelo golpe de estado de 1937 inculcou-me uma aversão pelos regimes políticos semelhantes. Vinha da Europa, e mais especialmente da França, uma corrente de antifascismo que recebi sem procurar discernir as várias significações que o mesmo vocábulo encobria. Vagamente tomara conhecimento da ascensão de Hitler e de Mussolini. Lembro-me bem da primeira vez que vi em Jacarepaguá, num cinema poeira, a figura de Adolf Hitler, a discursar num cenário wagneriano. Levantei-me, como quem acorda, sem poder sopitar uma exclamação: "Esse homem é um louco!" Minha mulher puxou-me pelo casaco, e eu me espantava com a tranquilidade da plateia. Naquele momento tive uma fulgurante intuição de que começava um período de demência universal, mas não imaginava que traços tomaria e que itinerários seguiria. A figura de Mussolini, correndo em passo ginástico com seu ministério, veio compor o que designava o termo "fascismo", e veio facilitar o sumário desprezo com que enquadraríamos o regime de Salazar em Portugal, e a recente ditadura implantada por Franco na Espanha.

Nos dias em que acordei para o mundo, já a guerra civil da Espanha estava terminada. Só ouvia vagas e sinistras alusões à hecatombe de padres e freiras feitas por católicos que nosso grupo, fiel a Jacques Maritain, tido por mestre quase infalível, via com certo desprezo. Eram os reacionários. A verdade é que, nas pequenas amostras que examinei com mais atenção, os defensores da Espanha do Alzamiento serviam mal à causa de Franco, enredando-a na do integralismo indígena, e assim comprometendo a causa que merecia melhores advogados.

Empenhado em estudar a filosofia tomista, e a Sagrada Doutrina, agarrei-me, ia dizer coleí-me à pele de Jacques Maritain e tomei, sem maior exame, a posição que o mestre tomara.

Escrevendo hoje estas linhas, no limiar de um livro que desde já me dói como um descolamento de peles machucadas, pondero o escuro o universo dos fatos, e como andamos nele às apalpadelas, com um pequenino flashlight a buscar veredas entre paredes e abismos. Além disso, pondere o leitor que naquele tempo eu tinha sete deveres de estado, família grande,

aulas e aulas por dia, e que logo começaram a aparecer alunos que me procuravam para aprender o que eu acabava de aprender. Do dia para a noite, ou da noite para o dia, transformara-se a vida tranquila do pobre engenheiro que na Estação Receptora da Radiobrás vivera quinze anos atento aos elétrons e esquecido dos homens. Por isso, não podendo acompanhar pelas revistas o que acontecia no mundo católico, tive de aproveitar as brechas de tempo para estudar intensamente a doutrina perene. Em 1939 e 40 eu cairia das nuvens, e não acreditaria, se me viessem contar o que já estava acontecendo na gaúche catholique, em Paris. Foi preciso viver e sobreviver largamente para um dia ter tempo de voltar atrás e de descobrir, entre outras coisas, o que a dita gaúche catholique fez com Robert Brasillach.

E ainda é preciso lembrar que em 1939 o mundo inteiro concentrava todas as atenções na guerra monstruosa que começava.

De setembro de 1939 em diante o mundo ficou brutalmente simplificado; e na mesma proporção simplificou-se a filosofia política de meus primeiros anos de aprendizado humanístico. Não havia errada possível: era seguir em frente na trilha das "democracias". A queda da França lançou-me num inesperado estupor. Chorei como uma criança, mas logo que se delineou uma possibilidade de resistência inglesa, novamente simplificou-se para nós, brasileiros, e para mim, católico recentemente alfabetizado, a filosofia e a conduta política. Era ainda seguir em frente a trilha das democracias, e lá adiante, em 1941, dobrar à esquerda.

Lavro aqui um modesto elogio que o pobre católico semi-analfabeto daqueles anos bem mereceu. Apesar de toda a torrente antifascista e das prestidigitações de Hitler, que oscilavam entre o cómico e o diabólico, eu nunca tive o menor entusiasmo pelo papel que todos, já esquecidos do pacto germano-soviético, passaram a atribuir à URSS. Não dobrei à esquerda e resumi todos os meus anseios no desejo da derrota de Hitler pelos ingleses e americanos. Depois veríamos.

Nesse meio tempo, como atrás já disse, achei-me obrigado a estudar como nunca estudara, para me colocar de pé nos meus quarenta e tantos anos de vida nova que mais adiante, certamente, exigirá do animal-professor a sua atitude fundamental.

Cabe aqui um reparo sobre o Movimento Litúrgico, que foi uma espécie de trem andando que tive de tomar. Só se

cuidava da Liturgia, só se ensinava a significação da Missa e dos Sacramentos. Havia nesse movimento uma boa tomada de consciência da participação que os fiéis devem ter no *mysterium fidei*, mas havia também qualquer coisa que não combinava bem com o pouco que já aprendera de catecismo. Lembro com alegria a história de minha primeira iniciação catequética. Antes de encontrar o grupo de amigos, e depois de já ter lido livros altos e difíceis, o engenheiro, pai de família numerosa, sentiu um dia a necessidade e o valor das proposições simples, e das fórmulas nítidas, para a custódia dos mais profundos mistérios da Fé.

Já possuía o primeiro compêndio que está no Símbolo dos Apóstolos. Naquele tempo os rústicos pescadores da Galiléa sentiram a mesma necessidade e trataram logo de gravar o primeiro Credo do Povo de Deus. O que havia de comum entre os primeiros apóstolos e o engenheiro de 1937 ou 38 era o bom senso de quem sabe que o homem não pensa só com a cabeça, mas também com as mãos. Nós outros, engenheiros ou pescadores, sabemos assim, por várias vias, que o homem deve ser dócil e obediente à realidade das coisas. O "intelectual", ao contrário, é aquele refinadíssimo indivíduo que acha certa vulgaridade no real, e por isso prefere pensar a conhecer, isto é, prefere jogar com os entes de razão que ele mesmo fabrica ou compõe. Digo estas coisas, com o risco de nunca acabar esta introdução, e por mais forte razão o livro, porque parece-me que nunca é demasiado insistir no valor que tem o bom senso para a mais alta vida do espírito.

Voltemos à necessidade que um dia senti de doutrina sagrada. Procurando por toda a casa, achei o catecismo de meu filho que cursara o Colégio Santo Inácio quando eu era ainda vagamente filocomunista, e o Colégio Santo Inácio era ainda menos vagamente integralista. Achei-o e tive o dissabor de ler nas margens as reflexões desairosas que meu filho escrevera, e que certamente aprendera comigo. Havia pilhérias, irreverências e aqui ou ali algum palavrão.

Foi nesse livrinho assim marcado por minha própria miséria que tive uma primeira visão de conjunto da Sagrada Doutrina. Eu sentia que aquele "grau do saber" precisa começar por uma visão global, por uma primeira aproximação de um todo doutrinário. O progresso se processaria depois intensivamente, por aprofundamento, e não extensivamente por alargamento.

Lia decorando, e procurando uma primeira penetração dos mistérios da Fé. Às vezes parava angustiado, humilhado; às

vezes chorava; mas também às vezes entrevia um fulgor de eternidade e então beijava a página, eventualmente no lugar de alguma reflexão deixada pelo filho de um pobre-diabo que fora filocomunista em 1934 e 35. Marxista nunca.

O materialismo ateu, e especialmente o marxismo, modéstia à parte, sempre me pareceram estúpidos demais. Naquele tempo, não era a existência de Deus a coisa mais difícil de aceitar de joelhos. Era o pão da vida, eram as chagas de um Deus escandalosamente crucificado por mim. E era sobretudo o mistério da Igreja a perpetuar com homens e para os homens a distribuição do preciosíssimo sangue.

Nos anos da guerra, já convertido e muito ajudado pelos amigos beneditinos e por Fábio Alves Ribeiro, comecei a ler Gardeil, Garrigou-Lagrange e Santo Tomás. Escrevi nesse tempo o meu primeiro livro, A Descoberta do Outro, que alcançou um inesperado sucesso: em menos de quinze dias esgotou-se a primeira edição, e em poucos meses a segunda e a terceira. Começaram a aparecer pessoas a me procurar no Centro Dom Vital. Minha vida tornou-se então difícilíssima na execução das tarefas, mas fácilíssima nos critérios. Devia estudar filosofia, teologia, desejar a vitória da Inglaterra, combater o "fascismo" e a ditadura Vargas. E principalmente devia desejar ser perfeito como o Pai Celestial é perfeito, ou, pelo menos, devia nunca deixar de desejar esse desejo.

Nossa filosofia política se resumia no credo democrático às vezes excessivamente simplificado, mas incontestado. Nesse tempo todos nós, do São Bento, do Centro Dom Vital e do Pinguim, tínhamos convicções tranquilas e bem definidas. O Pinguim era uma loja de discos e músicas na Rua do Ouvidor, cujo génio tutelar, o Rocha, Oscar Rocha, a par da fina sabedoria escondida numa doce e irônica modéstia, dava-se ao luxo de ter uma cabeça de Beethoven. Nos fundos dessa loja, numa escassa área de uns quinze metros quadrados, ou pouco mais, reunia-se todas as tardes uma tertúlia onde tive o gosto de conhecer os mais variados e surpreendentes representantes desta tão desmoralizada humanidade.

Se naquele tempo algum agente marciano quisesse sequestrar eu terrestre para estudos, eu o aconselharia a procurá-lo no Pinguim, onde quase todas as tardes Fernando Carneiro trazia um novo argumento para contestar Barreto Filho, a respeito do Labour Party ou do socialismo em geral, e onde Ovale frequentemente trazia o brilho de seu monóculo e o inesperado de alguma nova apreciação sobre as coisas mais definitivas e assentadas. Tínhamos também Villa Lobos, em carne, osso e charuto, sempre lírico e sempre absurdo. E foi nesse reduto de

efêmeros que o vento da vida levou, foi nesse fundo de loja que diversos encontraram a primeira notícia de vida eterna. Lembro-me de meu bom afilhado Oswaldo Dourado, de minha afilhada Maria Isabel e do excelente Tancredo Ribas Carneiro, e principalmente de Alfredo Lage, que também conheci n'0 Pinguim.

Todas as tardes, pontualmente, derrotávamos Hitler e salvávamos o Brasil. Barreto Filho e Fernando Carneiro tiveram a ideia de fundar a Resistência Democrática, novo grupo que também, com o correr dos dias, tornou-se um acampamento do Reino de Deus.

Nesse tempo chegava da Europa católica um vento de ativismo. O cristão tinha de dar também seu testemunho na cidade temporal. Mas a nossa Resistência Democrática funcionou ao contrário: os resultados temporais foram medíocres, mas em compensação foram numerosas as conversões que levaram Fernando Carneiro a fazer um patético apelo ao Hilcar Leite, ateu, vagamente socialista e conhecedor de todas as prisões do Rio e de Niterói. Com os estatutos na mão, Fernando Carneiro frisava o caráter aconfessional da Resistência e concitava-o a manter-se no seu robusto ateísmo:

— Hilcar Leite, você agora é o único ateu desta casa, que é uma instituição aconfessional. A Resistência Democrática espera que você cumpra o seu dever. . .

Todos se riam, felizes, e no fundo da sala o próprio Hilcar Leite exibia um pobre sorriso desdentado onde se lia a mesma comum alegria de vivermos entre irmãos.

No dia 2 de abril de 1945 o mundo inteiro estava eletrizado com a notícia do fim da guerra. Eu sentia um mal-estar indefinível. À noite recolhi-me mais cedo, e já estavam todos dormindo quando o telefone tocou. Atendi. Uma voz de mulher estrangeira gritou no meio de um vozerio: — Os russos estão entrando em Berlim!

Fiquei silencioso. E ela repetia com estridência: — Os russos estão entrando em Berlim! Inexplicavelmente respondi-lhe: — Merda! E no quarto, diante de minha mesa de trabalho e do crucifixo, depois de uma breve oração deitei a cabeça nas mãos e repeti para mim mesmo como quem geme: — Os russos estão entrando em Berlim. Uma certeza medonha e brutal apunhalou-me: perdêramos a guerra. Ou melhor, perdêramos a paz. Eu sentia o punhal: arrematara-se a mais hedionda conjun-

ção de traições. E começava, naquele dia de festividade monstruosamente equivocada, uma era de inimagináveis imposturas. Incompreensivelmente, depois de tantos sofrimentos, de tão desmedidos esforços, de tão maravilhosos heroísmos, os povos de língua inglesa, derrotados por si mesmos, pelo liberalismo e pelo democratismo, entregavam ao Minotauro comunista dez vezes mais do que a parte da Polónia em razão da qual entrara o mundo em guerra. Singular e cínico paradoxo: para cumprir um tratado e para evitar a partilha da Polónia, a Inglaterra e a França aceitaram finalmente o ônus de uma guerra mundial contra o pacto germano-soviético; agora, depois da vitória sobre o nazi-comunismo, entregavam-se a Polónia inteira ao comunismo que também foi vencido, e que só comparece entre os vencedores no quinto ato da comédia de erros graças a um aberrante solecismo histórico, que nem sequer podemos imputar à habilidade e à astúcia do principal beneficiário. A impressão de uma direção invisível nessa comédia de erros impõe-se irresistivelmente.

Eu ouvia os foguetes. Milhares de bons cidadãos, de excelentes pais de família, de fidelíssimos antinazistas, abraçavam-se, congratulavam-se uns com os outros, convencidos de que finalmente as "democracias" alcançavam a vitória. E eu perguntava: que vitória?

Terminada a guerra, voltávamos à rotina da vida. E nosso grupo dia a dia aumentava com famílias inteiras que chegavam, e de amígdalas que se multiplicavam na proporção de combinações de objetos 2 a 2, sem jamais nos passar pela ideia a mais tênue suspeita de que, dentro de uns poucos anos, um furacão passaria sobre o mundo com devastação maior do que a de todas as guerras somadas, e então veríamos os padres abandonarem as batinas, as freiras esquecerem os votos e os modos, e os bispos se transformarem em diretores, secretários, presidentes e vice-presidentes de uma organização burocrática incumbida de publicar falsas notícias e de difundir doutrinas e esperanças ainda mais falsas. Mas não antecipamos.

Uma noite, creio que em 1948, estava eu a ouvir um disco de Mozart quando alguém bateu à porta. Era Fernando Carneiro, o inimitável Fernando Carneiro que chegava sempre com ar de quem, entre uma corrida e outra corrida, quase digo entre um e outro vôo, precisava pousar e transmitir alguma coisa que escrevera sobre política imigratória ou sobre a pena de morte. Ele precisava angustiosamente de quem o ouvisse, e

ficava nervoso, irritado, pronto a voar se percebesse o mais leve sinal de impaciência ou desinteresse. Bom Fernando Carneiro. Passou pela vida como um original, quase como um louco, sendo entretanto um homem cheio de sabedoria e de bondade. Guardo como jóias os poucos conselhos que me deu nos ângulos da vida.

Em matéria de doutrina social tínhamos divergências porque Carneiro estendeu o mais que pôde seu crédito às esquerdas. Eu, que já havia pago meu pedágio à estupidez humana nessa matéria, não sentia a menor disposição de "voltar ao vômito", mas estávamos todos longe de supor, de pressentir o que ainda deveríamos sofrer nesse capítulo.

Naquela noite, Carneiro pediu água, e no meio da sala, com o copo na mão e o lenço na outra, parecia um mágico que se preparava para tirar coelhos do lenço ou do copo. Em vez de coelho, tirou o Padre Lebret.

— Você já ouviu falar no Padre Lebret?

Eu não ouvira falar, e Carneiro continuou:

— Olhe, o negócio é assim: Aristóteles, Santo Tomás, Lebret.

Fiquei meio alarmado, mas não pestanejei. E Carneiro explicou-me quem era esse frade dominicano que se dedicara a levantamentos sociológicos entre os pescadores da França, que fundara um movimento chamado "Economia e Humanismo" e que agora viera estudar o Brasil. ..

Naquele tempo poderíamos saber, se estivéssemos acompanhando de perto a evolução da esquerda católica e da infiltração comunista na ordem dominicana, se conhecêssemos a história da revista Sept, "que morrera de gripe espanhola" mas logo ressuscitara em Temps Présent, revista apresentada por Mauriac e outros como sendo totalmente diversa de Sept (condenada por Pio XI), et cependant da mesma cepa, se conhecêssemos as escapadas de Maritain na revista Vendredi, poderíamos saber que o Pe. Joseph Lebret em 1948 trazia ao Brasil os primeiros germes do "ativismo desesperado" de que nos ocuparemos no último capítulo deste livro, ou os primeiros vírus do esquerdismo católico que vinte anos depois produziria o escândalo dos dominicanos que em São Paulo transformaram o Convento das Perdizes em reduto de guerrilheiros.

Mas não antecipemos. O fato de ser dominicano o personagem que cativara Fernando Carneiro tranqüilizava-me. Lembrou-me da primeira vez que vi e ouvi Frei Pedro Secondi. Falava de algum problema social, muito carrément, sem precauções e meias-palavras. E, notando talvez sombra de receio ou escân-

dalo no semblante de alguma senhora, explicou-se: "— Nós, dominicains, podemos pisar todos os terrenos sem medo, porque temos pés firmes e boa doutrina". E, para ilustrar a sentença, andou com passo forte em cima do estrado, de um lado para outro, e eu, maravilhado, ouvia as tábuas do estrado rangerem debaixo da corpulenta ortodoxia do frade dominicano.

Com ternura ainda mais viva (e hoje indizivelmente machucada) lembro-me como se fosse hoje daquela tarde, na Praça Quinze, creio que em 41 ou 42. Chegavam de França os moços da AUC que tinham escolhido o hábito branco de São Domingos; os mais numerosos já estavam vestidos de preto no Mosteiro de São Bento, ou para lá se encaminhavam. Creio que era a primeira vez que eu via um dominicano, ou pelo menos um dominicano em flor. Quem naquela tarde viria ao Centro Dom Vital dizer alguma coisa de seus projetos e de suas esperanças no Brasil era Frei Romeu Dale. Sentei-me no fundo da sala, onde convinha que se apertasse a arraiá-miúda dos novatos e dos ignorantes, e fiquei ansioso a esperar o lírio vivo e branco que nascera do coração de Domenico de Guzman; e quando, na frente do Alceu, entrou um moço alto, corado, com riso de criança, eu o acompanhei com os olhos e com o coração tomado de veneração apenas um pouco menor do que se visse surgir no salão o próprio Santo Tomás de Aquino.

No estrado, ladeado pelo Alceu, que exultava como um pai feliz, Frei Romeu Dale falou da França, disse que tencionava dar um curso de teologia moral segundo Santo Tomás. E no decorrer da palestra, não sei por que, falou de Gilberto Freyre, e lamentou que "aquela grande inteligência tivesse resvalado para o socialismo". Alceu sorria deslumbrado. E eu fixava, guardava no coração, como um tesouro, a figura do frade, a veste, as palavras que nos prometiam a 11^a 11^{ae} do Doutor Angélico...

Outro dia, vendo a majestosa cabeça grisalha de Gilberto Freyre a cinco metros de distância, no Conselho Federal de Cultura, lembrei-me de sua profissão de Fé, no elevador, quando alguém lhe perguntou em que é que afinal ele acreditava. Franzindo o rosto severo, apontou o teto do elevador e foi conciso: — "Em Deus, ora essa! em Deus, em Deus".

Houve no ar uma corrente invisível de afeição, e vi que ele voltava-se para mim e me sorria. E eu então senti-me transportado não sei aonde, para um céu deste mundo ou do outro. E na cena maravilhosa que sonhei, num relâmpago de imaginação, vi-me outra vez sentado no fundo da sala, nos últimos lugares, à espera de um Gilberto Freyre anunciado por um

Alceu de sonho ou de delírio. Entrava Gilberto em seus 70 anos em flor, e eu, encolhendo-me nos meus 73, vi-o subir o estrado onde, ladeado pelo Alceu, dizia com austeridade: — "Em Deus! Ora essa, em Deus!" E depois de um preâmbulo abria os braços e lamentava que a mocidade de Frei Romeu tivesse resvalado para o "progressismo" comunizante.

Dias depois do anúncio de Fernando Carneiro (voltamos a 48) assisti a uma conferência do Pe. Lebret. Não disse a ninguém minhas reservas e minha preocupação. O frade falava com voz grave, contida, que forçava a admiração e revelava um ardor interno. Descravia as favelas que visitara, e com muita firmeza e decência exprimia a dor que sentira; "J'ai pleuré". A sala da ABI estava cheia, Hélio Beltrão sentara-se aos pés do frade, no estrado, e quando o pregador estendia o braço com um dedo acusador, eu apreciava o quadro vivo e me lembrava de estampa igual em que Eça de Queiroz descreve a manta universitária de Antero de Quental, que caía nos degraus da escadaria com pregas de imagem. No outro lado da sala, Carneiro enxugava a testa e não despregava os olhos do pregador. Todo o mundo conhecido. Naquele tempo todos nós sabíamos que era preciso enfrentar a questão social, que era imperativo levar o testemunho cristão aos menos favorecidos. Repetia-se muito a frase de Pio XI ao Pe. Cardijn, fundador da JOC: "O maior escândalo do século foi a perda da classe operária. ...".

À esquerda, no grupo da Ação Católica, estavam moças conhecidas, Yolanda, Maria Augusta, Nair Cruz. No momento preciso em que o Pe. Lebret com mão reprovadora afastava o "paternalismo" de certas instituições assistenciais da Ação Católica, Maria Augusta olhou em redor, e num décimo de segundo nossos olhos se cruzaram e eu vi que Maria Augusta estava feliz. A proscrição do "paternalismo", em nome da verdadeira ação social de baixo para cima, nos unira nesse décimo de segundo. E eu imaginei que todos os conhecidos estavam felizes de se sentirem ali acampados diante de uma certeza, e imersos num confortável consabido. Mas logo aoeu-me alguma juntura da alma quando ponderei a curiosa força de congregar que têm as palavras muito repetidas. No fundo de todos nós há esse insaciável apetite de ver o que os outros vêem, de sentir o que os outros sentem, de saber o que os outros sabem e de atribuir às palavras o mesmo espectro de conotações e ressonâncias que os outros atribuem. Não aguentamos ver sozinhos, sentir, ouvir, saber sozinhos. Já escrevera a minha A Descoberta do Outro, e achei-me a pensar: o céu deve ser assim, um grande, um resplandecente consabido com o Carneiro de olhos pregados

num Orador, e a Maria Augusta a olhar em volta como quem quer transmitir aos outros a alegria que de outro recebeu. Disse com meus botões: o céu são os outros. E senti de repente uma dor muito aguda como a de quem quase acertou, quase atingiu o alvo, mas ficou suspenso num acorde de sétima. Mais tarde um perverso intelectual dirá: "l'enfer c'est les autres". A dor aguda que sentia vinha da descoberta do ridículo daquele céu improvisado na ABI. Imaginei como seria fácil colocar ali outro frade a dizer outra coisa e a transmitir a mesma morna contiguidade das almas que só querem viver encostadas. Tive uma vertigem de pensar na relatividade das coisas que os homens vivem dizendo, e saí triste com minha pobreza. Foi só na rua que me corrigi; não, o céu é Deus. No salão da ABI éramos nós todos que, numa projeção convergente de subjetividades, modelávamos o pregador. O céu de Deus há de ser, ao contrário, uma verdade que se impõe fortiter et suaviter e que nos segura como um pai segura a mão do filho.

A conclusão a que cheguei, com todas essas considerações vertiginosas, foi esta: o padre não me convencera de coisa alguma que transcendesse o sincronismo das mentes atualizadas. Guardei minhas reservas sem deixar de reconhecer a verdade dos temas, no seu plano próprio, e a força de comunicação do pregador. Certamente não fora para esse tipo de atividade que o mesmo Pe. Lebret anos atrás resolvera deixar o século para ingressar na Ordem dos Pregadores fundada por Domingos de Guzmán que se disciplinava, rugindo de dor e de amor pela salvação das almas.

Dias depois, Fábio Alves Ribeiro e eu conversávamos, e começávamos a achar que o movimento do Pe. Lebret não rimava com o que estudáramos em Santo Tomás, em Garrigou-Lagrange, e no próprio Maritain que, nesse tempo, já escrevera Humanismo Integral. Comentamos que o dominicano francês falava demais em efficacitéé, coisa que também não rimava com o que procurávamos no Mosteiro.

Abreviemos. Uma tarde fomos todos com o Padre Lebret ao Mosteiro. Guardei bem a cena porque eu ia atrás e podia observar bem as várias configurações que tomava o grupo, e ouvir o que diziam sem necessidade de intervir ou apartear. Na frente, ao lado de Dom Abade curvado e afável, a carrure robusta do dominicano de rosto quadrado, duro e resoluto. Dois monges esticavam o pescoço para o gosto de ouvir falar francês, e Murilo Mendes, desembaraçado e afoito, quis em certo momento dizer uma frase definitiva. E lançou: "O comunismo é chato por não ter o senso da poesia".

E então eu vi, com estes mesmos olhos mais moços, uma cena inesquecível. O Te. Lebret voltou-se como se o tivessem picado, e com dois olhos azuis implacáveis pregados no rosto de Murilo retorquiu: "Cest vous que n'avez pas rien compris du communisme". Os monges sorriram. O abade sorriu. Ninguém sabia o que fazer dos braços e do rosto. Murilo meteu a viola no saco. Felizmente terminava ali o corredor e uma porta envidraçada produziu um torvelinho de pequenas amabilidades que encerraram o episódio. A visita ao Mosteiro prosseguiu, os pés inquietos e petulantes dos vivos avançavam sobre as lápides tumulares do claustro, a vida continuava por cima dos mortos, mas eu sentia-me paralisado, imobilizado, e quando dei acordo de mim ouvi-me dizer aos meus botões:

— "Esse frade é um comunista que se ignora". E tive a impressão, ou a ilusão de que um dos botões retrucava:

— "Que se ignora? . . ."

Mais tarde soube pelo Fábio, de nós todos o mais informado, que o movimento de Economia e Humanismo fora fundado pelo Fe. Lebret e outro dominicano, o Fe. Desroches, que fá deixara o hábito e se tornara resolutamente marxista. O Fe. Lebret morreu dentro da Igreja e da Ordem, e até disseram publicamente que foi ele o inspirador da Populorum Progressio,

Naquele tempo não se comentavam tais coisas em nosso grupo, e pouco sabíamos do que já era efervescência e quase explosão na Europa. Recalquei minhas impressões, e reconheci que nada do que ouvira do Fe. Lebret se enquadrava mal na doutrina sagrada. O que eu poderia dizer, se naquele tempo usássemos tal vocabulário, é que sua pregação era secularizante. Punha o centro de gravidade da vida nas coisas temporais. Aonde nos levaria, com o tempo, o interesse despertado e difundido pelo Fe. Lebret?

Andava no ar desse tempo um ativismo que nos concitava a levar, não apenas nossos deveres de cidadão, mas também nosso testemunho cristão, a um engajamento maior e mais direto na luta por uma ordem temporal mais justa. Por um mundo mais cristão, para inclusive poder ser mais humano. A obra de filosofia política e cultural de Maritain nos despertava para um dever de participação mais consciente e se inseria em nossa aversão pela ditadura de Vargas. De Charles Joumet recebê-ramos a frase "uma nova cristandade quer nascer", que acolhê-

ramos com otimismo e confiança. Não sei quantas vezes terei eu dito a meus alunos e companheiros essa frase que não sabia inserida, e às vezes comprometida num contexto cultural lide-rado pelas esquerdas e já envenenado pela infiltração da praxis marxista que desde a década dos 30 se espalhava pela Europa, e mais intensamente na França.

A vida continuava, e o pobre engenheiro, que em Jaca-repaguá vivera quase como um anacoreta, mal conhecendo uma pessoa a mais por ano, e até chegara ao requinte de esquecer um dia o nome do Presidente da República, achava-se agora em pleno turmoil: aulas, aulas, aulas, estudo, estudo, estudo, conferência, conferência, conferência, campanhas eleitorais, filha, filha, filha, e às tardes, no Centro Dom Vital, o mais despreparado dos homens recebia pessoas, pessoas, pessoas e aos borbotões, famílias inteiras.

Na década dos 50, contra meus mais consolidados costumes, aventurei-me a viajar pelo Brasil e a fazer conferências sobre as coisas do Reino de Deus. Lembro-me de uma viagem nossa a Belo Horizonte onde, com surpresa, vimos que os estudantes tinham colocado faixas pelas ruas, e espalhado camionetas pela cidade a anunciar as conferências do autor destas linhas. Toda a Juventude Católica estava conosco nesse tempo e não se percebia um só sinal de comunismo entre os moços. Perdão, havia o Luís Carlos. Foi uma maratona de conferências, entrevistas e conversas em círculo, sem interrupção. Creio que em 2 ou 3 dias fizemos mais de 12 conferências, às vezes com 400 ouvintes, moços universitários. Não começara a infiltração de estupidez. Os moços eram ainda adjetivamente moços, e não substantivamente e magicamente "jovens". O comunismo ainda não começara... Perdão, havia o Luís Carlos. Sim, o Luís Carlos. No segundo dia de batalha, ao meio-dia e trinta, consegui fugir dos moços, e já me esgueirava para chegar ao hotel, onde contava descansar um pouco e almoçar, quando senti travarem-me o braço. Era o Luís Carlos, que se apresentava e queria dizer-me uma palavra. Conversamos horas: ele tinha ideias comunistas, mas já desconfiava de seu quilate; queria mais. No dia do Corpo de Deus, numa grande festa em que mais de quinhentos moços confessaram e comungaram, lá estava o Luís Carlos, humilde e feliz. Meses depois recebi no Rio uma carta dos pais de Luís Carlos, e num farrapo de papel um agradecimento escrito a lápis e uma despedida marcando encontro no céu.

Agora noto que errei na cronologia. Foi numa segunda visita a Belo Horizonte que encontrei o Luís Carlos. Tudo mais

está certo. Nessa segunda visita em que fora convidado para pregar a preparação para a festa do Corpo de Deus, da JUC de Belo Horizonte, escolheu o tema: "Os sinais de Deus". A sala estava repleta e na primeira fila, entre dúzias de batinas estava o Pe. Francisco Lage. Acompanhava-me por toda parte e sempre que vinha ao Rio almoçava ou jantava conosco. Foi ele quem deu os dois primeiros missais de minhas duas primeiras filhas do segundo casamento. Tenho cartas afetuosíssimas dele. Em Belo Horizonte, sentado na primeira fila, acompanhava minhas conferências sem mover um músculo da face, mas às vezes, quando lhe parecia melhor alguma conexão teológica (que é o próprio da teologia) ou alguma imagem inopinada, que era a parte de meu ofício ele sorria apertando os olhos como gato afagado e feliz. E saíamos juntos conversando sobre sacramentos e sacramentais. ..

Muitos moços que voltavam à vida religiosa me pediam que lhes indicasse um padre, e eu indicava o Pe. Lage.

Passam-se os dias. Os anos. Uma noite bate-me à porta o Antônio Pimenta, que chegava de Belo Horizonte "para acertar os ponteiros".

Era um dos vários que formavam, em Ferros, um grupo de estudo em torno do Pe. Lage. Soube que o Pe. Lage havia fundado um núcleo de Economia e Humanismo, e agora tinha diante de mim o Antônio Pimenta e a evidência fulgurante: o Pe. Lage estava ensinando marxismo aos moços que o haviam procurado para perseverarem no cristianismo.

Conto estas coisas porque esse Pe. Lage é hoje figura internacional. Há livros em francês mentindo sobre o Pe. Francisco Lage Pessoa, como mentem sobre Dom Hélder Câmara. E o que eu quero dizer, em poucas linhas, é que convivi, e dia a dia acompanhei a evolução desses padres que trocaram a Comunhão dos Santos pelo Partido Comunista. E assim como esses, vi de perto muitas e muitas outras degradações que julgava impossíveis. Começava para nós a Paixão da Igreja segundo o século XX.

Foi em 1956 que percebi que a Ordem Dominicana, no Brasil, e certamente no mundo, estava em processo de erosão; e que, naquela tarde de anos atrás, eu poderia ter dito a Fr. Pedro Secondi, com apoio em São Paulo: "Quem está de pé, olhe bem que não caia" (I Cor. 10,12).

Naquele dia de 56 os soviéticos tinham esmagado a Hungria. De manhã, meu filho me chama por telefone, do Itamarati, e só pergunta: — Pai, não vamos fazer nada?

Combinamos um encontro à tarde para uma manifestação pública de protesto, e fui com Gladstone Chaves de Melo ao Convento Dominicano combinar não sei o que com Fr. Romeu Dale. "Pai, não vamos fazer nada?" Chamamos Fr. Romeu, que ajavelmente nos conduziu à biblioteca, onde nos sentamos e eu logo desabafei meu horror pelo que estava acontecendo na Hungria. Desabafei veemente e ingenuamente. Mas, de repente, parei assombrado: diante de mim um pseudo-Fr. Romeu, ou o verdadeiro Fr. Romeu, com um sorriso ao canto da boca começava a dizer: — "Também os ingleses em Suez..."

Explodi. Dei um soco na mesa, não tão forte como o daria Santo Tomás, e gritei sem poder conter-me:

— Padre! Era aqui o último lugar do mundo onde imaginava ouvir tal coisa.

Gritei outras coisas de que não me lembro. À porta acotovelavam-se frades que vinham ver o que acontecera. E eu, caído em mim, pedi desculpas a Fr. Romeu e saímos do Convento. Na rua, não disse nada: sentia a terra fugir-me em baixo dos pés, e adivinhava que nunca mais me sentaria naquela casa onde tantas vezes parecera-me ver passar, trazidas pelos anjos, as figuras de Domingos, Tomás, Catarina de Sena. .. e tantos outros. Tempos depois o Pe. Lage dava à revista Manchete uma entrevista em que falava de cristianismo social e dizia que "essa história de administrar sacramentos não tem futuro". Os estudantes católicos já não me convidam. Em três ou quatro anos, sem nenhuma modificação minha, fui chamado de "inimigo n.º 2 dos estudantes", e dois ou três daqueles mesmos que me tinham por padrinho naquela festa do Corpo de Deus escreveram artigos em que eu era "múmia" ou "tinha morrido, mas esquecera-me de deitar-me no caixão".

Começa a violenta infiltração no meio estudantil. Eu vi essa infiltração como quem vê uma mosca caída no leite. E vi como se degradam os moços, como se violam as almas, como se envenenam os corações. Esse espetáculo da comunização de católicos é certamente o mais feio e deprimente feito que nosso século obscenamente exhibe.

Surge a UNE, o "Metropolitano", e quando já se patinhava numa nova espécie de lama espiritual, desembarca no Rio o Pe. Cardonnel, dominicano francês, que logo se põe em contato com os estudantes da UNE e com os futuros dirigentes de VOZES. Em julho de 1960 começa a falar e a dizer tolices. Nesse tempo nós já éramos veteranos e já sabíamos que alguma coisa acontecera na Igreja e especialmente na Ordem dos Pregadores. Para nós, Fr. Cardonnel teve o mérito de ser o primeiro

a nos trazer amostras de um fenómeno que brevemente tomaria proporções diluvianas. Eis aqui um tópico da autoria de Fr. Cardonnel, registrado e comentado em artigo nosso no Diário de Notícias de 31-07-60 com o título "Sinais dos tempos": "B preciso — dizia Fr. Cardonnel — que desconfiemos do que chamarei de fuga abstrativa. Por exemplo, falemos de homens, em sua situação concreta, e não da pessoa humana com sua eminente dignidade. O valor abstrato que possamos destacar dos homens reais é indiferente àquilo que eles são de fato. Em que consiste o direito da Família, pelo qual se pergunta frequentemente? A família é uma abstração e ela não existe enquanto tal,..". E por aí a fora galopava Fr. Cardonnel no ano 60 para admiração dos jovens da UNE e do Metropolitano. Escrevi vários artigos, Os Dois Mundos (11-09-60), Ainda os Dois Mundos (18-09-60) e mais tarde (25-06-61), sobre um manifesto da PUC, escrevi O Anti-anti-comunismo. E em (28-08-60) em Carta Aberta a um estudante de Belo Horizonte, que aconselhava a aposentadoria para os intelectuais, aconselhava eu exame vestibular aos colunistas.

Começava a luta fastidiosa que dura até hoje. Avolumava-se dia a dia a infiltração comunista no meio estudantil-católico, como se houvesse uma organização para ativar os agentes e outra para amolecer os pacientes. Frei Cardonnel foi um pombo-correio que se adiantou demais e chegou antes dos outros, porque nesse tempo ainda existiam bispos, e o episcopado brasileiro não fora ainda metido dentro do liquidificador das conferências, e por isso pude ainda ver, creio que pela última vez, funcionar a autoridade episcopal. O trêfego Cardonnel foi reexportado para a França, onde oito anos mais tarde, graças à maré montante de imbecilidade que invadiu a França, alcançaram enorme sucesso suas blasfêmias e suas asneiras, mas quem foi suspenso de ordens foi o Abbé de Nantes.

Começava o tempo da Paixão. Foi nessa época que procurei o Cardeal D. Jaime Câmara, pela primeira vez, para pedir, sugerir, suplicar, demonstrar a necessidade de fechar a JVC, com ideia de reabri-la mais tarde, depois de purgada. Dom Jaime fez-me uma série de ponderações onde as palavras "prudência", "caridade" e todas as outras do léxico cristão pareciam-me colocadas num painel de equívocos. E confiou-me D. Jaime que estava pensando em designar um bispo para o especial cuidado da juventude. Dias depois saía no jornal a nomeação de Dom Cândido Padim, que vinha preencher uma lacuna na coleção de equívocos eclesíásticos. Fiquei apavorado, sobretudo quando vi na fotografia e na declaração publicada no

jornal que D. Padim estava otimista!! Mais tarde soube que Gladstone Chaves de Melo tivera conversa semelhante e igualmente inútil com o Cardeal.

Em novembro de 1963, Alceu Amoroso Lima, Presidente do Centro Dom Vital, de regresso de longa permanência no estrangeiro, escreve numa página inteira do Jornal do Brasil uma "encíclica" intitulada A Igreja, O Socialismo e o Comunismo, para demonstrar que a Igreja, de Gregório XVI a João XXIII, em relação ao socialismo e ao comunismo evoluíra da "rígida intolerância" para "o entendimento esclarecido" e finalmente para o "diálogo", e para a colaboração. Já mostrei em Dois Amores, Duas Cidades (páginas 376 e 381) que o suposto diálogo de João XXIII não tem nenhum fundamento, e que o "entendimento esclarecido" de Pio XI baseou-se num texto da Quadragésimo Anno em que o jornalista interpola nas palavras do Papa duas palavras de sua invenção, em negrito, com as quais a frase do Papa muda de sentido. Remeto o leitor à obra e página acima citadas, onde se vê que no tópico 43 (in fine), o Papa diz: "Maior condenação ainda..." e o jornalista acrescenta e frisa "do que o comunismo",- alterando o sentido do tópico.

Resolvi desligar-me do Centro Dom Vital, onde durante 15 anos militara. Escrevi ao Presidente do Centro uma carta queixando-me da plástica que tão desembaraçadamente fazia nos textos pontifícios, e dos novos rumos que tomava sua pregação. Respondeu-me afavelmente, insistindo que permanecêssemos juntos, cada um com suas ideias. Procurei o Cardeal e participei-lhe minha decisão de deixar um Instituto onde cada um dos dirigentes ficaria e ensinaria segundo suas ideias, e assim a única lição comum que transmitiriam era a do desprezo pela verdade e pela exatidão da Sagrada Doutrina.

Quando terminei minha exposição, o Cardeal pôs a mão no meu braço e disse-me: — "Não. Quem deve sair é o outro". Respondi-lhe que isto estava fora de minha alçada. O que eu queria, e aceitaria no mesmo local, era uma sala onde pudesse continuar as aulas que até hoje ministro ao mesmo grupo crescido dos filhos que nasceram e cresceram. Pediu-me então o Cardeal que lhe indicasse três nomes de pessoas de confiança e boa doutrina. Dei-lhe os nomes: Fábio Alves Ribeiro, Oswaldo Tavares e Eduardo Borgerth. E o Cardeal acrescentou: — E o senhor afaste-se para que ninguém possa dizer que está disputando a presidência do Centro.

Despedi-me do Cardeal que me acompanhou até a porta, prometendo comunicar-me o que resolvesse. Passaram-se dias

sem novidades e nosso grupo já procurava uma sala para nossas aulas quando fui avisado pelos três amigos que o Cardeal os convocara e combinara com eles um plano a partir de uma carta que naquele mesmo dia enviaria ao Dr. Alceu Amoroso Lima pedindo-lhe a renúncia do cargo. No dia seguinte, com grande espanto vejo estampada no *Jornal do Brasil* a notícia de uma conjuração tramada no Centro Dom Vital contra o professor Alceu Amoroso Lima às vésperas de seus setenta e sete anos.

Mais tarde tivemos a explicação desse falso "juízo" do jornal: D. Jaime Câmara escrevera efetivamente a carta combinada, mas, para magoar menos o Dr. Alceu, como depois nos disse, começou-a nestes termos "Fui procurado por um grupo do Centro Dom Vital..." E na continuação pedia-lhe que renunciasse ao cargo de Presidente. Além disso, e também para agradar ao Dr. Alceu, teve a ideia de enviar a carta por Dom Hélder Câmara. O resultado de todas essas precauções foi o que se viu: a carta foi parar no *Jornal do Brasil*, o Dr. Alceu respondeu respeitosamente que entregaria o cargo se fosse demitido, mas não se sentia em consciência obrigado a renunciar. O Cardeal recuou, e tudo ficou como se efetivamente a "conjuração" gorada tivesse partido daquelas pessoas. .. Nesse tempo, em que o Concílio absorvia a atenção dos Bispos, nosso Cardeal esqueceu o Centro Dom Vital, que se esvaziava porque a maioria dos sócios e frequentadores não concordavam com as novas ideias do Presidente, e a revista *A Ordem* morreu.

E com ela morreu a obra de Jackson de Figueiredo, e inutilizou-se a doação generosa do Dr. Guilherme Guinle. Começava para a Igreja um período de "aberturas" com a esquisita consequência de jecharem-se seminários, ordens religiosas, conventos e colégios religiosos. Muito mais tarde, em 68, abrimos nós o movimento PERMANÊNCIA com o grupo de amigos que há mais de vinte anos nos seguiam no Centro Dom Vital, e com os assinantes que choveram de todo o Brasil.

O episódio do Centro Dom Vital, que só se esclarecerá no dia do Juízo, desviou-nos da história que vínhamos contando —• a história da infiltração no Brasil que colocou os comunistas no poder até o inacreditável desenlace, em 1964. Já contei essa história mais de uma vez com o título de Lembrança de um Pesadelo e de um Milagre, e não resisto ao prazer de inseri-la nesta Introdução, que já ameaça tomar o livro todo. Ei-la:

O homem, como tão expressivamente disse Chesterton, é um curioso monstro que anda impetuosamente para o futuro com os olhos voltados para o passado. Conhece-se o teor de uma civilização pelo gosto e pela atenção com que se pondera o passado, com que se registram os fatos e feitos, com que se demarca com pedras — como na história de João e Maria — o caminho percorrido, como se esse trajeto fosse também um caminho de volta. Ao contrário, aquilata-se a gravidade de uma crise civilizacional (como a que atravessamos no mundo inteiro) pelo desprezo ou pela violência com que os novos querem romper com o passado. Esta é uma atitude de bárbaro ou de desesperado — em qualquer hipótese uma atitude infra-humana.

Romper com o passado é, numa linha horizontal e freudiana, desejar a morte do pai; e, numa linha vertical e teológica, desejar a morte de Deus. Numa outra perspectiva, que inclui os dois vetores na mesma humana peregrinação, romper com o passado é romper com o humano.

Todos nós desejamos ardentemente um mundo melhor, libertado de certas taras, de tantos erros às vezes acumulados, renovado pelo aperfeiçoamento moral dos homens; todos nós sabemos que o homem é essencialmente progressivo, e que quem não progride regride, já que a imobilização dos passos é impossível neste restless Universe; mas também sabemos que só progride o que permanece, só avança na direção de um real progresso quem tem o olhar voltado para os grandes feitos e os grandes compromissos da humanidade. E é com esta convicção que orientamos aqui o nosso retrovisor para um passado recente e especialmente para os dias de março de 64 em que se decidiu, milagrosamente a meu ver, a sorte do Brasil.

Ê instrutivo reanimar a memória para aqueles dias sinistros em que parecia vivermos um pesadelo. Depois de anos de demagogia populista e de estatizações catastróficas, o Brasil chegou ao período Kubitschek em que a pátria parecia transformada num carro carnavalesco. Perpetrou-se o erro gravíssimo da construção de Brasília, que arruinou o Brasil e até hoje impede o estancamento da inflação. Falsificaram-se metas com preferência dada aos gastos inúteis em prejuízo das coisas úteis e urgentes. Pouca gente sabe que o acréscimo percentual de potência elétrica instalada, mesmo favorecido com os trezentos e cinquenta mil kilowatts da estação de Itapetininga (S. Paulo-Grupo Light), inteiramente construída no governo anterior e simplesmente "inaugurada" pelo Presidente Juscelino, foi a metade da cifra alcançada nos governos anteriores. Tudo isto sem

falar no clima de uma jocosa corrupção que fez de Brasília o nosso panamá — com a diferença da sua perfeita superfluidade.

Segue-se a este período de alegre irresponsabilidade o curto governo de um louco, que não merece comentário, E estamos agora no sinistro período do Governo Goulart. Agrava-se a inflação e o Presidente chama a si a organização da desordem. Como todo ressentido, ou como todos os chamados homens de esquerda, João Goulart imagina que a ofensa ao princípio de autoridade agrada aos pobres, o que seria verdade se todos os pobres do Brasil já estivessem "conscientizados" pelo famoso MEB das cartilhas da luta de classes. E, com esta idéia-mestra, Goulart por seus ministros e pelegos, insuflou desordens, greves, insubordinações e insolências. Os comunistas tomam posições-chaves, e no Ministério da Educação se apoderam dos dinheiros públicos com espantosa facilidade: rapazes de vinte anos passavam recibo de somas de milhões em farrapos de papel e levavam como melhor título de recomendação a prova de pertencerem ao Partido Comunista. A UNE conseguia do Congresso verbas de 3 bilhões, que valiam o que hoje valem 500 mil cruzeiros.

Caminhávamos para o caos. O episódio da Faculdade Nacional de Filosofia é bem característico: os terroristas do diretório recusam entrada ao paraninfo eleito, o governador Carlos Lacerda. O Governo Federal mobiliza suas forças para garantir a desordem. O paraninfo, o Reitor e os demais professores são desfeiteados. E nesta mesma tarde eu vi um bravo barbeiro a agitar sua navalha e a perguntar ao céu, às árvores e ao vento: — Como pode? Como pode? Atirar alunos contra os professores é o mesmo que atirar filho contra o pai. ..

Acéleram-se os acontecimentos depois do comício na Central do Brasil, no dia 13 de março. Lembro-me bem, e gostaria de que todos rememorassem aquela tarde sinistra. Sentíamos uma ameaça pesada e próxima. Dir-se-ia que até no céu carregado se viam prenúncios de desgraça. Estavam ali reunidos os possessos que desejavam reduzir o Brasil a um presídio com oitenta milhões de detentos. Os rádios, histericamente, transmitiam notícias, nomes, frases. Um matutino compusera sua primeira manchete com o novo titular: O COMISSÁRIO DO POVO... O agrupamento popular relativamente pouco numeroso, que cercava o palanque, procurava compensar sua tenuidade com multiplicação de gritos e de gestos. Um padre (de batina) pulava quase um metro de altura cada vez que seu

sistema nervoso era percorrido pelas descargas vindas dos slogans. E o povo? O povo, que a UNE chamava de antipovo, olhava com medo e repugnância a desordem crescente. Greve todos os dias. Naquela tarde sombria e lívida com contrastes de tempestade e bonança, havia falta de luz. Racionamento da Light. (Esse racionamento da Light em 64 foi uma das obras das antímetas de Juscelino Kubitschek; em seu governo a Light empreendera a construção da Usina de Ponte Coberta, que iria trazer mais 100.000 kW para o Rio. O empreendimento tinha financiamento estrangeiro, mas precisava de um aval do governo brasileiro e portanto de uma assinatura do Presidente. Duas vezes teve a empresa de dispensar seus trabalhadores para reatualizar os orçamentos, porque o Presidente Juscelino, com uma omissão criminosa, deixava de assinar seu compromisso. Durante um ano andavam os homens da empresa a procurar o Presidente, sem conseguir seu rabisco, que ativaría uma enorme construção e que traria luz e conforto a quatro milhões de cariocas.)

Em nosso bairro as ruas estavam vazias, e nos rebordos das janelas víamos durante todo o dia[^] velas acesas em sinal de que naquele apartamento rezava-se pedindo a Deus que não permitisse o assassinato do Brasil. Creio que joi nesta semana que um colunista católico escreveu que as reformas anunciadas por Goulart coincidiam com os ensinamentos de João XXIII!

Precipitam-se os acontecimentos. Foi nesta última semana ou na anterior? Cada manhã, ã saída da missa, os amigos se entreolhavam com o ar de quem tem em casa um grande doente. Evitávamos falar no assunto. Nesta manhã, porém, alguém perguntou:

— Viram o que aconteceu ontem na Ilha do Fundão?

O Presidente Goulart apazara encontro com o Reitor, professores e estudantes. Desceu de helicóptero, mas a meia altura mandou parar e começou a gritar:

— Os estudantes para a frente! Os estudantes para a frente!

E a manada de estudantes rompeu a socos e empurrões a fila dos professores. E nós, ouvindo a história, sentíamos uma vergonha profunda, alternada com convulsões de cólera perdida. Ah! que vontade de combater! "Ô rage, ô desesper, ô vieillesse ennemie!"

Cada notícia era uma injúria; cada página de jornal, uma bofetada. E os nervos tensos, e o coração sangrando... Não se via uma perspectiva, uma saída. A tênue esperança que tínhamos era a de que o Exército se organizasse e seus chefes

soubessem sobrepor a lei natural à mesquinha legalidade produzida pelo positivismo jurídico. Saberiam? Poderiam? O fato é que o comunismo já se achava no Poder e já tinha a seu favor a moleza de uma sociedade maltratada por tantos e tão maus governos. Faltava-lhe um arremate de forma, mas contava com grande parte da imprensa, com os "intelectuais", com os estudantes e com padres e até arcebispos "progressistas" que já ensaiavam a voz para a declaração:

— Companheiros! Eu também sou comunista! Eu sempre fui comunista!

De onde nos viria o socorro humano, a reação viável? Trouxeram-me um revólver. Que faria eu com um revólver contra um bando de executores que me cercassem a casa à noite? Aconselharam-me a mudar de posição a mesa de trabalho colocada diante da janela. Cheguei a pegar na mesa, mas detive-me, prevendo que entraria numa espiral de precauções intoleráveis se admitisse a primeira. Aconselharam-me a mudar de casa, mas o mesmo horror da organização do medo me tolheu. Sinceramente, a um Brasil emporcalhado de marxismo, eu preferiria não sobreviver. Dias depois, fui dar minha aula na Companhia Telefônica, na Avenida Presidente Vargas. Quando cheguei ao local, vi-me cercado no carro por uns oito ou dez indivíduos de má catadura.

— O que vem fazer aqui?

— Vim dar uma aula —• respondi com uma repugnância infinita.

— Somos o piquete da greve! Você não sabe que a CTB está em greve?

Senti oscilar a razão sob a pressão de uma cólera explosiva. Tive medo e raiva de ter medo. Consegui conter-me: engrenei o carro, baixei a cabeça para evitar algum tiro, e entre gritos dos pelegos e freadas de carros entrei na roleta russa da Avenida Presidente Vargas. No dia seguinte, li no jornal o que o mesmo piquete de greve fizera com uma moça datilógrafa que ousara discutir com eles. Despiram-na e deixaram-na nua junto de uma palmeira.

Os possessos! Os possessos! Tínhamos a impressão de que o número deles crescia, ou que se multiplicava a sua força. E pasmávamos diante da inexplicável insensibilidade de alguns intelectuais e de muitos padres e bispos que não sentiam o cheiro da substância que lhes entrava pelo nariz. Empoleirados em esquemas, obnubilados pelo amor-próprio, ou compelidos a rotular com louvores o hediondo fenômeno que os empurrava, esses

intelectuais e esses padres ousaram apontar no comuno-peleguismo, cruel e cafajeste, uma realização da doutrina social da ... Igreja.

Não víamos saída, sobretudo quando comparávamos nossa situação à dos países tombados sob o jugo do comunismo. Os processos se repetiam. "Vejam o caso da Tchecoslováquia!", dizia-nos um comentador de política internacional. Eu acordava resmungando, não sei por que em francês: "sans issue... sans issue...". Receávamos todos que nossas próprias lições na Resistência Democrática se tornassem obstáculos mentais, superstições, pontos de honra para os nossos melhores soldados: democracia, vontade do povo, legalidade... Receávamos que tudo isso recobrisse a noção fundamental de bem comum e de lei natural e paralisasse as melhores consciências.

De Minas chegou a notícia consoladora de um comício pelego-comunista dissolvido por um grupo de senhoras armadas com o terço. Mas a anarquia se precipitava. O grupo de marinheiros rebeldes reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos venceu a resistência do próprio Governo. O Almirante Aragão voltou ao comando dos fuzileiros, e nesta tarde o povo carioca teve de suportar o vexame da carnavalesca passeata dos comandados do Cabo Anselmo na Avenida Rio Branco. De hora em hora arrematava-se a chinificação do Brasil. O Clube Naval esboçou uma resistência que obrigou o Presidente Goulart a voltar à ofensiva no tristemente famoso discurso no Automóvel Clube. Nesta noite o Brasil chegou ao ponto mais baixo de sua história. Um marinheiro rebelde, tomando a palavra, começou um discurso bobo e convencional, e pela força do hábito deixou escapar a palavra "disciplina". Foi estrondosamente vaiado.

Naquela manhã, à saída da missa, percebemos logo que a anormalidade chegara a um ponto decisivo. Antes mesmo de ver os lenços azuis, sentimos o ar de um dia diferente. O que faziam ali aqueles rapazes de lenço azul e revólver na cinta? Eram milicanos. O que é que se esperava? Um ataque ao palácio do Governador da Guanabara.

Esboçavam-se filas diante dos armazéns. A cidade inteira — adivinhávamos — se preparava e se retesava. Caminhamos na direção do Palácio e encontramos amigos, homens pacíficos, negociantes e professores, que se dirigiam também ao Palácio, com um revólver surgido na cinta que jamais sonhara tamanha responsabilidade. O brasileiro bom, o brasileiro sem jeito, mo-

desto, caminhava mansamente e sem ares de heroísmo para uma situação em que possivelmente teria de dar a vida. Povo manso, povo bom, pensava eu, mas também povo bobo e sem jeito. O que iria acontecer?

Numa esquina ouvi uma conversa entre dois populares:

— Parece que os tanques vão atacar o Palácio pela Rua Paissandu.

— Não pode. O cara, você não sabe que é contra-mão?

Perto do Palácio adensava-se a multidão, mas no meio dos homens canhestramente dispostos a dar a vida pela Pátria passavam meninos de bicicleta e moças risonhas e despreocupadas. Seria da mocidade, desta bateria nova e bem carregada, que eles tiram tamanha energia? Não. O povo todo, observando melhor, ostentava uma graciosa e leve coragem. Uma coragem humorística. E eu tive, de repente, a intuição viva e fulgurante da vitória desse gênio brasileiro contra a substância que o ameaçava.

Pouco depois chegou a primeira onda de notícias surpreendentes: os tanques tinham aderido ao Governador, as Forças Armadas dominavam a situação, João Goulart fugira do Palácio das Laranjeiras, sem tempo de meter a fralda da camisa para dentro das calças. Pouco depois confirmava-se a notícia, e o povo brasileiro (com exceção dos intelectuais de esquerda e dos eclesíasticos paracomunistas) ficou sabendo que Nossa Senhora ouvira nossas súplicas, que Deus nos salvara e que o instrumento escolhido para este milagre fora o nosso bom soldado de terra, mar e ar.

Dois dias depois, em todas as cidades grandes do Brasil, o povo encheu as ruas com a Marcha da Família — com Deus pela Liberdade. Eu e quatro amigos estivemos perdidos, imersos na mais densa multidão que jamais víamos reunida. Ali estava o que os intelectuais de esquerda chamavam de antipovo. Ali estava o sangue vivo de nosso bom Brasil. E eu então senti-me possuído de uma enorme admiração por este povo singular que acabava de vencer uma Copa do Mundo no combate ao comunismo. Agradecendo a Deus os favores de exceção que de certo modo não merecíamos, agradecia também os favores da natureza e das merecidas consequências. Grande povo! "A Europa curvou-se ante o Brasil" nos dias de Santos Dumont. Menino de quatro anos, cantei o pequeno hino de nossa projeção internacional. Velho, às portas dos setenta, cantava outro hino e

candidamente prelibava a admiração universal diante da facilidade dançarina, graciosa, dionisíaca, com que o povo brasileiro pôs a correr os comunistas. (Mal sabia, na embriaguez de meu entusiasmo, que o mundo inteiro nos caluniará. Os Estados Unidos com base na superstição de sua liberal democracia, ou no seu "democratismo", e a Europa com base no esquerdismo que se apoderou dos meios de comunicação).

Foi um dos mais belos espetáculos que vi. E tenho pena dos corações alienados que não tiveram a capacidade para acolher tão boa e tão bela alegria. Lembrei-me de uma página de Léon Bloy. A França acabara de marcar a vitória do Mame. Os jornais estavam encharcados de júbilo, de esperança, de triunfo. Mas Léon Bloy folheava os jornais com cólera crescente, e depois com tristeza infinita. O que é que o velho leão procurava nos cantos dos jornais? Lá está escrito em seu Diário: "Je cherche en vain le nom de Dieu".

Ora, em nossa grande Marcha — cuja fotografia está diante de mim — não houve menção de um só nome dos tantos civis e militares que bem mereceram o aplauso do povo. Havia um só nome: o nome de Deus.

O levante militar de 64 pôde expulsar dos postos de governo os comunistas, mas não pôde fazer o mesmo nas ordens religiosas, onde a infiltração se agravou com a cobertura dos bispos agora burocratizados ou motorizados na CNBB. Anos atrás D. Jaime Câmara, e muitos outros bispos do Brasil clamaram contra o perigo iminente e evidente da infiltração comunista, mas agora, ao sabor da chamada era pós-conciliar, e da liquidificação da autoridade episcopal, tornou-se ostensivo e agressivo o comunismo de padres desatinados, e tornaram-se inevitáveis os atritos entre esse clero e o Governo. Um dos primeiros padres presos foi o lazarista que deixamos páginas atrás a ensinar marxismo em Ferros, perto de Belo Horizonte.

Mais tarde foram presos dois padres assuncionistas franceses que ensinavam marxismo e que pertenciam à Ação Popular. Voa de Paris o Pe. Guillemain, superior dos assuncionistas que desde a primeira entrevista anunciou a nova-Igreja pós-conciliar, disse uma dúzia de asneiras em torno desse tema, e voltou à Europa para levar a queixa à Comissão de Justiça e Paz que nesse tempo já era o que é e já estava preparada para repositório das reclamações esquerdistas. Mereci desse Superior Assuncionista uma carta suavemente injuriosa, mas nunca tendo conseguido ser colecionador de coisa alguma não guardei o autó-

grafo do personagem. Nesse meio tempo chegou ao Brasil, com atraso de vinte anos, o fenómeno Teilhard de Charãin. Escrevi em 1965 mais de dez artigos sobre essa nova faceta do poliedro de estupidez que o mundo católico parecia empenhado em construir. O sucesso editorial alcançado pelas obras de Teilhard de Chardin, que não têm nenhum valor filosófico, teológico, literário ou científico, só é comparável à febre de valorização de tulipas que grassou na Holanda do século XVII, ou à quase idolatria do boi zebu que foi apaixonadamente praticada no Triângulo Mineiro há mais de quarenta ou cinquenta anos. Ponderando, no caso, a gravidade da matéria tratada, podemos dizer que essa epidemia teilhardista foi certamente 0 mais humilhante acontecimento do último milénio nos dois hemisférios deste honrado planeta habitado. Não insisto no assunto porque já declina o fenómeno que brevemente mergulhará no nadir de um esquecimento total e absoluto, e se misturará às fantasias de Simão, o Mágico.

Menos cómica do que a omegalização e a noogênese do infortunado jesuíta, foi a degradação que se via na ordem dominicana. Convém lembrar que em 1968 as esquerdas, vencidas e expulsas dos cargos, estavam levantando a cabeça. Vale a pena ler o divertido livro de Charles Antoine publicado pela Desclée Brouwer em 1971 com este título: L'Eglise et le Pouvoir au Brésil, e este subtítulo: Naissance du Militarisme. No capítulo 4, o autor, que é ou foi padre, começa com estas palavras do mais límpido cinismo jamais impresso: "O ano de 1968 è particularmente fértil em campanhas de opinião pública contra a ala avançada da Igreja. A ofensiva se desenrola em três frentes: corrupção financeira dos bispos, comunismo no clero e perversão sexual nos colégios católicos. Os resp&nsáveis dessas campanhas são respectivamente os meios conservadores, os integristas católicos e os militares da linha dura".

E mais adiante o autor se entusiasma com a famosa passeata. Dom Castro Pinto e Pe. Adamo se desdobram na promoção dessa passeata chamada dos "100.000" em que todos se sentavam no chão quando o rapaz que a liderava — creio que se chamava Vladimir Palmeira ou Coqueiro, não tenho certeza — declarava que estava cansado, "Sentar no chão!" era a ordem; e padres, freiras e bispos sentavam-se no chão.

No auge do entusiasmo o professor Cândido Mendes publica no Correio da Manhã, de 30 de junho de 1968 um artigo: "Enfim a Marcha!", onde dizia no seu peculiar idioma:

"No máximo a alternativa à baixa dos cassetetes ou à carga de cavalaria se constituía na exasperação dos dispositivos de "deterência", palavra que cada vez mais assume o primeiro plano na logística do conflito contemporâneo",

A avalanche de perversidade e de estupidez se avoluma e se precipita sobre os restos de uma civilização vacilante, sob disfarces e com apelidos de "progresso" e "frutos maravilhosos" do Concílio Vaticano II, que se quis a si mesmo mais "pastoral" do que definidor, dogmático e condenador de erros, começando por emprestar ao termo "pastoral" um significado de tolerância que destoa não apenas da tradição mas de qualquer ideia de reger, conduzir e governar. Se o Concílio tivesse sido realmente tão pastoral como euforicamente prometiam seus padres, teria reservado espaçoso lugar para a denúncia dos mercenários e para os gritos de alarme contra os lobos. Ao contrário disto, tivemos um Concílio otimista, e os resultados não tardaram.

A famosa Constituição Pastoral sobre a Igreja e o Mundo Moderno, que um irreverente chamaria Constituição Pastoral sobre a Igreja e o Mundo da Lua, "reconhece agradecida a ajuda variada que recebe de parte dos homens de todas as classes e condições". Que quererá dizer isto? Que a Igreja agradece aos padeiros e vinhateiros, e que além disso agradece ao mundo a afabilidade com que tolera sua presença e com que proporciona serviços de água e esgoto a suas instituições? Em outra passagem (21) a mesma Gaudium et Spes diz que "a Igreja, embora repelindo de forma absoluta o ateísmo, reconhece sinceramente (sic) que todos os homens, crentes e descrentes, devem colaborar na edificação do mundo em que vivem em comum, e isto requer necessariamente um prudente e sincero diálogo". E assim se vê que já se consideram peremptos os decretos de Pio XII e João XXIII que severamente proibiam a colaboração dos católicos com os comunistas, como também se vê que cai em desuso e esquecimento a definição do Concílio de Trento pela qual "a Igreja na terra se chama de militante porque está em guerra constante contra três cruéis inimigos: o mundo, o Diabo e a carne. Agora, em vez disso "somos testemunhas do nascimento de um novo humanismo (! ?) no qual o homem fica definido, principalmente, por sua responsabilidade diante de seus irmãos e diante de...".

Se anos atrás entregássemos esse texto a alunos de catecismo elementar, com o claro por preencher, todos imediatamente escreveriam: "Deus"

Ora, não é diante dos homens e de Deus que o "novo humanismo" deve ser principalmente responsável: é "diante dos

homens e da HISTÓRIA"!! Está claro que o realce é nosso. Nosso é o espanto, nosso é o estupor, nossa é a preocupação. Frases como estas se diziam em discursos rotarianos, ou diante das pirâmides do Egito, mas nós, católicos, raça humilde e altiva que não reconhece outro senhor senão o Deus dos exércitos, sabemos que a história, com minúscula ou maiúscula, tomada como curso dos acontecimentos ou como o registro deles estudado pelos homens, pode ser julgada, mas não pode julgar coisa nenhuma, e sabemos que não é diante do trono do século XX ou do século XXX que prestaremos conta de nossos atos.

As consequências de tais afrouxamentos de doutrina e de redação se traduzirão rapidamente em afrouxamentos morais e disciplinares, e veremos espetáculos espantosos nas casas de recolhimento e de oração. Em 1967, temos em Belo Horizonte e em São Paulo conventos dominicanos e beneditinos que abrem suas portas a falsos estudantes da UNE sob pretexto de retiro espiritual. Nesses dias escrevi: "Ia eu formular um apelo... Mas, quando os religiosos chegam a mentir — e mentir descaradamente, pretendendo que se enganaram, e que tomaram o ajuntamento de moços como um desejo de retiro espiritual — todos os apelos se tornam inúteis e ingênuos demais". (O Globo, 2 de julho de 1967).

Em 1968, como se tornou manifesto ulteriormente, os guerrilheiros de Marighela tinham quartel-general ou cabeça-de-ponte no Convento das Perdizes, em São Paulo. Quando as autoridades policiais prenderam "frei Chico" (o prior) para prosseguimento do inquérito, todos os padres e frades progressistas se moveram e organizaram uma passeata diante do DOPS, em São Paulo, vestidos com os hábitos que já haviam desprezado. A CNBB pressionou o governo; o Cardeal Rossi pressionou o governo do Estado, e depois a Presidência da República.

Esses senhores agiam em função de dois novos princípios, ou novos dogmas: 1º, sendo dominicano, o preso não podia ser revolucionário, e muito menos comunista; 2º, sendo militares as autoridades que promoveriam a diligência, ela era evidentemente injusta. O provincial e o vice-provincial dominicanos, chacun avec sa chacune, fá preparavam as malas para deixar tudo, como ulteriormente efetivaram.

E é nessa atmosfera de apostasias e de corrupção que os senhores bispos resolvem corrigir as estruturas econômicas da América Latina e aprazam reunião na Colômbia, em Medellín, onde, com base num manifesto marxista do padre belga José Comblin, elaboram um documento inflado de auto-suficiência, mas absolutamente vazio de qualquer saber sócio-econômico. O

senso comum de nível mais rudimentar os aconselharia a não discorrerem tão profusamente sobre matéria que tão mal conhecem e que escapa a sua jurisdição, enquanto lavrava o incêndio nas próprias dioceses abandonadas, e as almas eram devoradas. Sim, senhores bispos, as almas que lhes foram confiadas se perdem! Ou não? Mas então, se a salvação não é o mais importante dos assuntos, se não é para cooperar com o Cristo crucificado que os padres e os bispos são padres e bispos, então fica provada, à luz da "Gaudium et Spes" ou de outros tópicos conciliares que invoquem a História, a perfeita inutilidade do esbanjamento do preciosíssimo Sangue.

Um ano depois estoura o escândalo Marighela, e logo depois, como era de esperar, surgem da Europa, de onde nos vêm as diretrizes e os agentes da corrupção, denúncias contra arbitrariedades e perversidades praticadas pelo governo do Brasil.

O tenebroso nadir de todo esse amontoado de perversidade e estupidez é atingido no dia em que todos os provinciais dominicanos franceses escrevem uma carta ao Cardeal Leroy, presidente da Comissão de Justiça e Paz. Nessa carta inimaginável os provinciais franceses, negando pura e simplesmente os fatos atribuem as notícias à invencionice do governo brasileiro.

O que terá acontecido na ordem dominicana, perguntaria alguém que tivesse cochilado, não cem ou duzentos anos como no apólogo do frade que se entretém com o canto melodioso de um pássaro, mas apenas vinte.

Sim, o que aconteceu entre a data do desembarque do Pe. Lebrez no Brasil e o dia em que Marighela marcou encontro fatal com dois comparsas duplamente traidores? Apenas isto: os erros, os desvios produziram suas consequências. E alargaram-se: parvus error in initio magnus est in fine.

Recrudescem em toda a América Latina a onda de assaltos e sequestros. Praticam-se friamente crimes espantosos. No aniversário de morte de Guevara é decidida nos "tribunais" revolucionários a condenação à morte de um norte-americano qualquer. É "justiçado" o oficial Chandler, quando saía de casa com seu filho de onze anos.

Entusiasmado com esses feitos praticados por jovens, o arcebispo de Olinda e Recife sai voando e em Paris dá à revista I/Express uma entrevista que fica registrada para vergonha do planeta Terra: ele aplaude os sequestradores assassinos. Pede

bis. *Escreve em livro que devemos abrir aos jovens "crédito de ilimitada confiança". E nós nos perdemos em monótonas indagações: como se explica? O que aconteceu com o Concílio? com o Papa? com os bispos? com as freiras que vendem prédios, imagens, objetos sagrados para saírem por aí a multiplicar conferências sobre o sexo? O que aconteceu com a Igreja? "Has the church gone mad?"*

Uma ponta do mistério está no Livro Santo: "Simão, Simão, eis que Satanás te reclamou para joeirar-te como trigo, mas eu roguei por ti para que tua fé não desfaleça; e tu, uma vez convertido, vai e conforta teus irmãos" (Luc. XXII, 31, 32). Nesta hora sexta do século, Deus permitiu que Satanás passasse pelo crivo os discípulos de Jesus. Se quisermos lograr algum entendimento de tão sombrio mistério, será preciso voltar anos atrás a fim de ver e auscultar o que andaram fazendo os homens que descendiam de uma civilização cristã, e orgulhosamente anunciavam o surgimento de um "novo humanismo". Nas páginas subsequentes trago minha minúscula colaboração, arrancada das lágrimas e do estudo, e tornada possível com a graça de Deus e com uma sobrevivência que já me causa certo espanto, e que quero aproveitar para o serviço da mesma Igreja de Deus, tão bela, tão luminosa, mas momentaneamente toldada, eclipsada pelo enxame dos que a abandonam mas ainda se detêm em torno de suas torres, diante de sua porta, para o triste mister de um escândalo rendoso, e de uma última bofetada na Mãe e Mestra que renegam. Ousemos desejar que esses maus filhos se afastem mais lealmente e vão comer bolotas com os porcos, porque essa será talvez a última oportunidade que terão de sentirem um dia saudades da Casa do Pai. E como filhos pequeninos que temem e tremem nesta hora crepuscular, nesta hora do lobo, coloquemos estas páginas sofridas e choradas aos pés de Nossa Senhora, Consoladora dos Aflitos.

E agora que já esbocei um resumo de nossos itinerários e de nossos extravios, deixemos o Brasil, aonde apenas chegaram os efeitos de causas remotas e alheias. Proponho ao leitor, nas páginas deste livro, que ainda não começou, a procura, a indagação, não digo das causas de tão assombrosos acontecimentos, por me parecer que o termo é austero demais e que a aventura está acima de minhas forças, mas digo procura e indagação dos sinais, das pegadas, dos sulcos que vêm deixando na história a passagem de uma caravana destruidora. Contentemo-nos com os marcos mais próximos e recentes e procuremos de onde vieram eles, o que disseram, por onde passaram...

E não se queixe algum leitor de que estejam na Europa e principalmente na França, na Inglaterra e na Espanha os personagens da Comédia de Erros, nem espalhe por aí que me desinteressei da própria história pátria. Na tragédia ou comédia de que depende a sorte da Civilização por alguns milênios já escrevi, e continuo a escrever, milhares de páginas sobre o que vem acontecendo no Brasil. Reunidas em volume dariam dez livros maiores do que este que hoje ofereço.

E agora partamos. Examinemos o chão do século e procuremos de onde vieram eles, os principais, por onde passaram e o que pelo caminho deixaram. E retiremo-nos para esperar novos avanços da sinistra caravana que dá à desesperança e a nada do século nomes de otimismo e de progresso.

PARTE I

"Pode alguém ignorar a doença profunda e grave que nestes tempos, muito mais do que no passado, devasta a sociedade humana e que, dia a dia agravada, a corrói até a medula e a arrasta à ruína? Essa doença é o descaso de Deus e a apostasia; e nada, sem dúvida alguma, leva mais depressa à ruína, segundo esta palavra do Profeta: "Eis que perecerão os que se afastam de Vós". Pio X, E supremi apostolatus, 1905.

CAPÍTULO I

UM VELHO LEIGO INTERROGA. . .

(Sim, um velho leigo, olhando em volta de si, sai pelo espaço e pelo tempo a fazer interrogações.)

Num de seus últimos livros, Jacques Maritain vestiu-se de camponês, e passou a interrogar-se, como diz na epígrafe que adotou: "Un vieux lalé s'interroge à propôs du temps présent". Proporções guardadas, minha situação, pela idade, pela condição de leigo, e pela perplexidade, é semelhante à do grande filósofo. Assinalo, porém, duas diferenças. A primeira refere-se à caracterização com que compareço diante do respeitável público: em vez da blusa e do tamanco de campônio, visto-me de engenheiro, o que vale dizer que me visto do que nunca me despi inteiramente. Talvez tenha esboçado o *strip-tease* profissional, mas sempre conservei, a tempo e contratempo, minha qualidade de engenheiro que agora invoco para oferecer ao leitor as garantias de objetividade e de indefectível docilidade ao real, que os intelectuais de nossos tempos dificilmente podem oferecer. De início eu poderia dizer que a docilidade ao real deve ser apanágio dos sábios, teólogos ou filósofos; mas acontece que vários abalos de terra, incêndios e inundações de nosso *brave new world* trouxeram grande desprestígio para os altos níveis da grande sabedoria, de onde desalojaram a supracitada docilidade, deixando em seu lugar um estranho e desdenhoso desembaraço em relação ao também supracitado "real". Daí o garbo com que aqui compareço com meu título de engenheiro, e mais especialmente de engenheiro que sempre soube usar suas mãos com as diversas ferramentas dos vários ofícios. Sei serrar, limar, torner e aplinar. Até hoje ainda sou eu que mudo os fusíveis e efetuo em casa os pequenos consertos que não exijam demais de minhas velhas coronárias.

Este modesto diploma que aqui apresento vale para provar que longamente cursei a escola da pequena sabedoria na qual aprendemos que não só com a cabeça pensa o homem, mas com os pés para tê-los no chão, e com as mãos para sentir a primeira verdade das coisas. Nesta escola aprendi que o pilriteiro só dá pilritos, e insiste em só dar pilritos ainda que o chamemos de *Crataegus oxyacantha*; como também aprendemos que a água molha, o sol alumia, o fogo queima, e daí, por duas ou três ilações, facilmente descobrimos que o marxismo, além de ser uma estupidez que só produz marxistas, é a maior impostura da história do sistema planetário. E, além disso, a pequena sabedoria presta-se a ser estribo para outra maior, e nos ensina que Deus é Deus, e de Deus não se zomba, ou então, caprichando, diríamos: "Deus non irridetur".

Tempos atrás, escrevia eu um artigo sobre vários pronunciamentos do robusto cardeal Suenens, e afligia-me com os disparates do purpurado quando ouvi da sala contígua os rumores que fazia um electricista na perseguição de um insidioso curto-circuito em nossa instalação. Honrado electricista! Pensei eu com meus botões, você sabe que tem de obedecer à natureza das coisas, sabe que deve tratar o cobre de uma maneira, o chumbo de outra, e o plástico isolante de uma terceira maneira. Cada coisa é o que é, e o bom electricista sabe, por outras palavras mais singelas, que deve ser dócil ao real, que deve ser atento, e sobretudo sabe que os equívocos têm consequências. Se trocar os fios, se ligar errado, ele logo verá o claro e ouvirá o estrondo do curto-circuito, e logo terá de mudar os fusíveis. O cardeal Suenens, pelo que se depreendia facilmente de sua entrevista, não parece saber que os erros são consequentes, e que há clarões e estrondos muito mais graves do que o de um curto-circuito caseiro.

Devo agora assinalar a segunda diferença prometida nas primeiras linhas deste tópico. É a seguinte: o camponês do Garona é um velho leigo que se interroga sobre os tempos que correm. Minhas interrogações não são reflexivas. Pode ser que nas últimas páginas desta obra eu também entretinha com meus botões o diálogo de perplexidade; mas, antes disso, o meu propósito é sair por aí formulando interrogações, perguntando, aos vivos e aos mortos, o que é que houve? Como? Por quê? Quem? Onde?

E para isto, para tirar ainda a tempo o enorme atraso em que estive a vida toda sobre o que estava acontecendo nos vários compartimentos da história recente, para recompor toda uma coleção de histórias mal contadas, de que este século é particularmente fértil, eu precisava entrevistar centenas de autores e ler centenas de livros fora da fremente e estonteante atualidade. Precisava, por exemplo, saber que cartas Charles Maurras escreveu a Pio XI e que paternais cartas Pio XI escreveu a Charles Maurras. E muitas outras coisas.

Ora, para esse trabalho tive a sorte de entrar em regime de meia-aposentadoria (digo meia-aposentadoria porque ainda estou na ativa para boa parte dos deveres de estado) com um capital de disposição e de saúde que me permite manter há quase dez anos a média de oito ou dez horas por dia de estudo e de redação. Creio que nunca estudei tanto em minha vida. Se com tudo isto a obra não sair a contento de quem a encomendou, não posso queixar-me de nada e de ninguém, a não ser de meus pobres limites. E aí vai o estudo que ofereço ao leitor: nem sempre será ameno e fácil, às vezes parecerá fastidioso, sobretudo nos tópicos em que procurei mais exata concatenação de ideias. Feitas todas as contas, apego-me ao provérbio dos pilriteiros: fiz o que pude.

Entrevistando o velho camponês do Garona.

Tendo professado, ao longo dos quarenta anos de luta e pregação, uma fidelidade de discípulo à obra filosófica de Jacques Maritain, a quem tanto devo, e a quem me sinto ligado por laços muito afetuosos e muito desligados dos jogos de interesses deste mundo, tenho de começar as retratações prometidas no subtítulo desta obra pelos pontos em que hoje me desligo, não do pensamento tomista do autor de *Dégrès du Savoir* e de *Trois Réformateurs*, mas das posições tomadas em várias circunstâncias; não tanto de sua filosofia política, mas do uso prático que dela fez, ou de sua "política filosófica", como diz Henry Bars.

Depois de ler o que li, e de reler *Le Paysan de la Garonne*, um de meus sonhos, desvairadamente sonhado, foi o de procurar Maritain na sua última estação para entreter com ele mil e duzentas conversas sobre todas essas coisas. E não escondo o lado mais fantástico do sonho: o de conseguir, na milésima duocentésima primeira conversa, à feição de circunstâncias especialmente favoráveis, do mestre tão admirado e tão amado, algumas importantíssimas retratações. Considerando que a vida neste vale de lágrimas mais separa do que une, ou bem compreendendo que meu sonho nem no céu se realizará, porque, se a misericórdia de Deus lá nos unir, estaremos ocupadíssimos em admirar e louvar Deus três vezes santo e totalmente livres dos cuidados de retratações, reafirmações e interrogações; e sobretudo considerando a brevidade desta vida, concluo que devo eu fazer em meu próprio nome as retratações que julgo exigidas pela verdade. Mas bem sei que tudo o que eu disser é intransferível como retratação; e não me custa muito imaginar o brio gaulês com que Maritain repeliaria tal impertinência.

Preocupa-me, ademais, o fato de estarmos ambos, como também Alceu Amoroso Lima, com o tempo muito medido. Para que eu pudesse desafogadamente escrever o que planejei, no tom habitual de minha argumentação, seria preciso que todos sobrevivêssemos ainda alguns anos. Indo eu primeiro, desaparece o problema; morrendo Maritain amanhã ou depois, ser-me-á difícil, por algum tempo, prosseguir esta obra. Mas deixemos esses cuidados na mão de Deus, e cuidemos nós da tarefa de hoje.

Voltemos, pois, a *Le Paysan de la Garonne*, que é um livro quase heterogêneo com a restante grande obra escrita do filósofo, e que de certo modo revela e realça as posições tomadas em face da crise da *Action Française*, da guerra civil espanhola e da infiltração marxista na esquerda católica francesa a partir da década de 30.

Começo por lembrar, como já o fez Alfredo Lage em excelente artigo (1), que todos nós nos alegramos, e até publicamos nosso júbilo quando apareceu, com grande sucesso, o livro que gregos e troianos esperavam. Pareceu-nos na primeira leitura uma obra vigorosamente anti-"progressista" ou anti-ISTO. E todos os dispositivos de "infalibilidade" de que dispomos logo confirmaram nossa primeira impressão. Tristão de Athayde, por exemplo, logo escreveu um artigo (2) no qual, armado de um curioso diploma de "Amador-de-ideias-gerais", passava a criticar em Maritain o "tomista de estrita observância", como se Maritain só tivesse rejeitado o teilhardismo por motivos disciplinares. Naquele tempo, 1965, *Teilhard de Chardin* passava pelo zênite de nossa cultura tropical. As livrarias estavam abarrotadas do "point-omega", "noosfera", "amorização", e outras tantas invenções. Creio que todo o debate em torno dessa obra e desse sucesso poderia reduzir-se a este sucinto diálogo:

- Teilhard de Chardin? Que tal?
- Vende-se muito.

E a mágoa de Tristão de Athayde se explica no próprio artigo: em 1962 escrevera ao filósofo, então em Toulouse, enviando-lhe um artigo seu em que punha Teilhard de Chardin como continuador e alargador de Tomás de Aquino. Recebeu do mestre uma carta com um P.S. no qual Maritain rejeitava categoricamente a validade de tal aproximação e explicava a Amoroso Lima que Teilhard de Chardin não era um autor sério. Sua obra não passava de "fábula e moeda falsa". Dois anos antes, e sem necessidade de incomodar o mestre, eu já escrevera vários artigos dizendo por extenso a mesma coisa e até usando a imagem paulina "cócegas nos ouvidos" que Maritain três anos depois usou em *Paysan de la Garonne*.

f¹) Notas no fim do capítulo.

Parecia, pois, que o livro vinha ao encontro de nossos desejos e aborrecia os progressistas. Entusiasmado, escrevi um longo artigo em *O Estado de São Paulo* aplaudindo incondicionalmente o velho camponês.

Maritain analisa a crise católica

Como convém a um filósofo, Maritain, antes de procurar entender a Coisa na linha da causa eficiente, ou das correntes históricas, procura aprender o que a coisa é, *como é*, na linha da causalidade formal.

De início, e depois de uma ação de graças por todas as "novas" riquezas trazidas pelo Concílio, Maritain assinala a extensão da "febre neomodernista, muito contagiosa, pelo menos nos meios "intelectuais", perto da qual o modernismo do tempo de Pio X foi apenas uma simples gripe alérgica" (págs. 16 e seg.). Logo depois (pág. 25) fala nos pruridos auriculares a que se refere S. Paulo (2 Tim, IV, 3) e que nós tantas vezes invocamos em nossos artigos sobre Teilhard de Chardin. Abre então um belo capítulo sobre a idolatria da atualidade ou "cronolatria epistemológica". Estamos tocando a medula do "progressismo".

No capítulo III, *O mundo e seus aspectos contrastantes*, tenta alguns *approaches* do grande problema Igreja-Mundo, e depois de vários parágrafos sobre a ambivalência do mundo e sobre vários equívocos a que mais tarde voltaremos, chega no parágrafo 5 à grotesca e idolátrica subserviência dos novos católicos diante do mundo que o filósofo descreve como um "agenouillement devant le monde". Sim, a *brave new Church* nos aparece de joelhos diante do mundo. E Maritain observa: "Que vemos nós por toda parte? Em amplos setores do clero e do laicato — mas é o clero que puxa o cordão — se acaso alguém pronuncia o termo "mundo", logo se acende um fulgor de êxtase nos olhos do auditório". E com boa cólera o velho camponês exclama: "Em resumo: só existe a terra. Completa *temporalização do cristianismo*" (pág. 88). Estamos diante do constitutivo formal da grande heresia do século, como dirá Madiran. Convém lembrar que toda a essência do cristianismo, que toda a honra do Cristo Senhor, se posso usar tal expressão, reside na transcendência de sua obra, ou da "nova criação" sobre a "velha criação", ou na especificidade da dimensão nova de sua missão neste mundo; e que é sempre nas passagens em que seus discípulos *secularizam*, ou puxam para baixo a força de seu ensino, que Nosso Senhor mais duramente lhes fala. A mais instrutiva passagem é aquela em que Pedro, o papa Pedro I, pronuncia *ex-cathedra* a primeira definição da Igreja: "Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mat. XVI, 16) e ouve um elogio

que mais parece uma advertência: "Bem-aventurado és, Simão filho de Jonas, porque não foi o sangue nem a carne que te revelaram isto, mas meu Pai que está no Céu". Mas dez passos adiante, quando Jesus anuncia sua paixão, Pedro entrou a *secularizar*, a querer *providenciar* e ouve, certamente surpreso, esta violenta reprimenda: "Para trás, Satã, tu me és escândalo, porque [agora] tu não tens o sentir das coisas de Deus, mas o das coisas dos homens" (Mat. XVI, 24).

Poderíamos multiplicar as passagens que nos levam a esta conclusão: nada é mais anticristão do que essa tentativa abominável de rebater sobre as horizontais do mundo as forças e os ensinamentos apontados para o céu. Nada é mais anticristão do que a filantropia e do que todas as formas de solidariedade humana que desprezam o sentido exato da fraternidade no sangue de Cristo, e no amor do Pai que está no Céu. Ora, é esse horror que está bem condensado na exclamação: "Completa temporalização do cristianismo!" Ninguém poderá ver nestas páginas de Maritain a menor concessão à "heresia do século" ou ao "neomodernismo", e dificilmente poderá alguém se gabar de ser mais vigorosamente anti-"progressista" do que Maritain.

Em 1965, data da publicação de *Le Paysan...*, a "secularização" ou a "prosternação diante do mundo" não produzira ainda a safra de asneiras e torpezas que hoje conhecemos. Imagino o sofrimento do velho filósofo em Toulouse e tremo de pensar na comunidade que o cerca.

Sim, a "heresia do século" cresceu, alargou-se e aprofundou-se, e o problema da relação Igreja-Mundo tem sido apresentado sob os mais exóticos aspectos. Num certo momento divulgou-se uma descoberta sensacional: os adeptos da nova seita protestante descobriram que a Igreja está no mundo para servir! Houve uma explosão atômica de besteiras em torno dessa ideia que tem exatamente, do Lava-pés até hoje, cerca de 2000 anos. Podemos, com certo método, dividir o dilúvio de tolices em gêneros, espécies, raças e tipos. Dois grandes gêneros logo me parecem evidentes: 1º, o dos *indóceis* que descobriram maravilhados que então, sendo servidora, a Igreja não poderá ensinar, já que ensinar e servir, para esses parvos, são coisas incompatíveis; 2º, o dos *anárrquicos* que deslumbrados descobriram que a Igreja não pode governar, já que, para esses, servir e governar são coisas incompatíveis.

Li nestes dias um livro (3) de Louis Boyer em que o autor, sem nenhuma ação de graças, diz que Vaticano II "foi seguido de uma demissão geral da Igreja ensinante", e aborda o fenómeno da subserviência da Igreja em relação ao mundo:

Mas o pior está na ideia que se difundiu sobre o serviço que a Igreja deve ao mundo. Traduzida em linguagem clara, essa ideia diz que a Igreja já não deve converter o mundo, e sim converter-se nele. Ela nada mais deve ensinar; deve contentar-se em escutar o mundo...

Escutá-lo e segui-lo para pegar o curso da história. Louis Boyer continua:

Dias atrás me dizia um de nossos novos teólogos que a simples ideia de salvar o inundo é um insulto para o mundo, como obra de Deus: o homem de hoje não pode aceitá-la!

Creio que Maritain, se tivesse escrito o seu *Le Paysan* três anos mais tarde, em vez de prosternação ou genuflexão diante do mundo, poderia dizer agachamento. Louis Boyer insiste:

Servir o mundo não é mais do que agradá-lo, adúlá-lo, como ontem adulávamos o vigário em sua paróquia, o bispo em sua diocese, e como hiperadulávamos o Papa na cátedra de São Pedro.

Não acompanho todas as ideias de Pe. Louis Boyer sobre "a decomposição do catolicismo", nem apenas sobre o que ele chama de "catolicismo". O velho companheiro de Pius Parich e de Odo Casei, do velho movimento litúrgico do eixo Roma-Berlim, que provocou a *Mediator Dei* de Pio XII, parece-me amargurado demais para nos trazer algum conforto, ou alguma diretiva na tempestade que ele descreve e comenta com talento. Além disso, como quase todos os franceses, Louis Boyer entra no jogo progressismo *versus* integrismo sem parecer dar-se conta da falta de homogeneidade do esquema que de um lado tem uma heresia, todo um processo de apostasia em massa, e de outro lado, na pior das hipóteses, teremos pessoas que defendem mal valores bons sem por isso formar um sistema, um "ismo", simétrico do monstro que ameaça toda uma civilização.

Mas voltemos a Maritain, que para nós é muito mais significativo do que Boyer, e continuemos a saborear a análise feita no mesmo *Le Paysan* ... no capítulo V sobre a *Liberação da Inteligência*, onde o filósofo parece dirigir-se ao fantasma do Pe. Lebreton:

Minha terceira observação diz respeito à eficácia e à verdade. No capítulo III deste livro falei longamente do mundo e dos sentidos contrastantes do termo. Conhecendo bem o valor, a dignidade e a beleza do mundo que Deus fez, a Igreja quer seu bem temporal e seu bem espiritual. Ela o envolve no divino *ágape* que recebeu do alto, e de todo o coração se esforça por ajudá-lo a progredir na direção de seus fins naturais, e na linha de seu progresso terrestre, na medida em que o mundo tende para melhores e mais elevados estados da humanidade, e põe a serviço dos homens os tesouros de luz e de compaixão, cujo depósito lhe foi confiado. A Igreja não está a serviço do mundo. Defende-se de se conformar com as cobiças, os preconceitos e as ideias fugazes do mundo. Nesse sentido tinha toda a razão o velho Chesterton quando dizia: "A Igreja Católica é a única coisa que poupa ao homem

a degradante servidão de ser um filho de seu tempo". E São Paulo: *Nolite conformari huic saeculo* (Rom. XII, 2). O século de que falava São Paulo, e como sempre se viu no andamento de seus negócios, tem sua norma suprema na eficácia, ou no sucesso. A norma suprema da Igreja é a verdade.

Falam-nos de eficácia?! O resultado será finalmente a defecção de uma grande multidão. No dia em que a eficácia prevalecesse sobre a verdade, as portas do inferno teriam prevalecido sobre a Igreja. (4)

É mais adiante, depois da clássica e sempre vigorosa crítica do *idealismo* filosófico, que foi o objeto constante de sua grande luta, e que agora chama de *ideosofia*, para bem distinguir os sistematizadores de ideias dos verdadeiros amigos da verdade, chegamos ao tópico intitulado "A necessidade de fábulas e moeda falsa" que é uma marca de depressão cultural de nosso tempo, e que já anuncia "Teilhard de Chardin e o teilhardismo".

Logo de início confessa seu espanto diante "do completo isolamento" em que Teilhard de Chardin conduziu sua pesquisa. Mais tarde, num número de *Itinéraires* dedicado inteiramente a *Le Paysan de la Garonne*, o Pe. V.-A. Berto, o insubstituível colaborador de *Itinéraires*, falecido há dois ou três meses em plena batalha, desenvolve essa ideia do "isolamento" de Teilhard num artigo em que justamente faz o paralelo entre o filósofo tomista e o famoso jesuíta paleontólogo. Vale a pena transcrever algumas páginas desse artigo:

Não podemos deixar de assinalar aqui o violento e enigmático contraste que se observa entre esses dois homens quase da mesma idade. Ei-lo: O primeiro é um convertido, casado antes de sua conversão, leigo por condição e por gosto livre, completamente livre de ler ou de não ler a encíclica *Aeterni Patris* (5), livre de filosofar ou não filosofar, e de filosofar com Santo Tomás ou, como Georges Dumesnil e Peguy, de filosofar longe de Santo Tomás. Na hora em que Jacques, Raïssa e Vera recebem o batismo (1906), o Pe. Teilhard, que só teve o trabalho de nascer para logo renascer da água e do Espírito Santo, já é um jovem escolástico da Companhia de Jesus. Submeteu-se, não apenas à mais enérgica disciplina da vontade jamais vista, mas também a um regime de estudo muito intenso, muito sério, muito austero, rigorosamente ortodoxo, e muito tomista. (...) Naquele dia de São Barnabé de 1906, Pierre Teilhard de Chardin não podia não ter lido a *Aeterni Patris* que Jacques Maritain não podia ter lido. Maritain, naquele dia, desconhece *le pre-inter mot* da história da Teologia na Companhia; Pierre Teilhard aprende-a, respira-a, vive imerso nela. Nomes ignorados no mundo em que se movia Maritain, são familiares para Pierre Teilhard de Chardin.

Não falando dos antigos, que no entanto ele frequenta, Teilhard vive a par de tudo o que ilustrou a Companhia ao longo do século que há seis anos terminara. Taparelli nasceu em 1793, Perrone em 1794, Liberatore em 1810, Kleutgen em 1811, Franzelin em 1816, Tilman Pescli em 1836, Billot em 1846, Christian Pesch em 1853, d'Alès em 1861.

Que linhagem! Pertencendo ao último terço do século, como o próprio Teilhard, a geração dos Grandmaison, dos Grény, dos de la Taille, dos Lebreton se engajou, unanimemente com a Companhia (•••), no combate contra o modernismo, e conduziu-o com clarividência e espírito de justiça. Que ambiente! Se o anjo da guarda de Pierre Teilhard de Chardin se abriu com o anjo da guarda de Jacques Maritain, com sinais de inquietação sobre o futuro teológico de seu protegido, é bem provável que o outro o tenha mandado passear: "Meu caro colega, que mais quereria você? Entregaram-lhe um rapaz que tem tudo a seu favor, batizado logo depois de nascer, e ainda por cima religioso, e jesuíta de quebra. E você não está satisfeito? Que direi eu então a quem as Três Divinas Pessoas acabam de entregar um jovem casado que veio sei lá de onde e chega ao seu batismo nu como um verme, com o perdão da palavra, e mal raspado por fora e por dentro de ideias, cada qual menos angélica do que as outras, e todas muito mal arrumadas para se casarem com as ideias do Doutor Angélico. Se ele não tivesse o padrinho que tem, eu teria pedido outro cliente. Guardo-o por causa do padrinho, mas de nós dois, não me venha dizer que é você o mais mal servido!".

Vejam agora o enigma; apesar da enorme desproporção de *chances* na partida, foi Jacques Maritain que se tornou, não apenas tomista, mas um dos príncipes da filosofia tomista contemporânea, e foi Pierre Teilhard que se tornou, se já não o era em 1906, não um antitomista, mas um a-tomista; ou melhor, o enigma não está no tomismo de Maritain, está antes no a-tomismo de Pierre Teilhard.

Falta-nos o tempo de consultar *Les Grandes Amitiès*, e não temos à mão as Atas da Semana Tomista de 1923. Mas nossa memória deve ser exata porque estávamos atentos e com o cuidado de não perder uma só sílaba do orador separado de nós por muitas filas de poltronas e cadeiras, cujas duas primeiras, pelo menos, eram ocupadas por cardeais, e as outras pelos mais altos dignitários da Cúria, pelos reitores e professores das universidades e seminários pontifícios e por todas as espécies de personagens que só deixavam, no fundo da Aula Magna, um espaço apertado onde a arraia-miúda se apinhava como podia.

Jacques Maritain já passara dos quarenta, mas parecia muito mais moço. Falava sem pressa e sem lentidão, com uma voz abafada mas distinta e cativante, e passava, de vez em quando, pelos cabelos alourados e já grisalhos a mão, que era pálida e transparente como o rosto. Foi assim como o vi que maravilhosamente o fixou seu amigo pintor, Otto van Rees, e que M. Gonzague Truc teve a ideia, digna de toda a gratidão, de reproduzir no seu belo livro *La Pensée*, muito antes de ser reproduzido em *Les Grandes Amitiès*.

Nós o ouvíamos com o coração batendo e o fôlego suspenso. Na peroração de sua conferência, não! Não estamos inventando! Foi assim mesmo: Jacques Maritain rendeu homenagem à Igreja por sua adesão ao tomismo: "Não era — disse ele em substância, pois infelizmente não gravamos palavra por palavra — não era de um doutor qualquer que tínhamos necessidade no desamparo em que estávamos, era daquele mesmo que a Igreja nos propõe, era de Santo Tomás de Aquino".

Não sabemos se o leitor avaliará bem a força com que tais palavras, ditas em tais circunstâncias, por um homem tão excepcional, atingiram e impressionaram um seminarista de 22 anos, deixando-o numa espécie de êxtase. Ó beata Roma, que com profusão dispensa essas jóias incomparáveis, como é verdade que só tu ultrapassas todas as belezas do

mundo! Essa conferência foi certamente uma grande exemplo de tomismo praticado, mas o que mais nos transmitiu foi admiração por um homem que, tendo a estatura e o estofo de um chefe de Escola, tivera a magnânima humildade de sentar-se aos pés do Doutor Comum.

E o Pe. V.-A. Berto continua:

Por contraste, em que estranha luz aparece o enigma do que somos forçados a chamar a impiedade, objetivamente horrível, de P. Teilhard!

Não entramos em sua consciência, dizemos *objetivamente*. Muitos filhos, desde que o mundo é mundo, já se ergueram contra sua mãe para odiá-la. Viu-se acaso algum desses para quem a mãe tenha sido por ele mesmo tão reduzida ao nada? De tantas recomendações da Igreja, de tantos elogios por Ela atribuídos a Santo Tomás de Aquino, de tantas incitações e recomendações para que não nos afastemos dele, nada, nada, nada, nem vestígios, nem sombra de uma sombra de vestígio se encontra nos escritos de Teilhard de Chardin. Tudo isto, para ele, jamais existiu, ou só existiu para recair instantaneamente nas profundezas do nadir. E o mesmo se observa em relação à Companhia: nem um sinal de filiação, nem um gesto, uma palavra, um traço em que se reconheça o jesuíta, nem um aceno de gratidão por seus mestres ou indício de troca de ideias com seus irmãos, ou de espírito de colaboração e de camaradagem. Nada. Com ele só sabemos o que ele pensa, ele só. Não tem referências, dependências ou conexões. Como Melquisedeque, ele nos surge "sine patre, sine matre, sine genealogia".

Já transformaram essa impiedade em seu louvor. Já se disse — creio que foi o Pe. Danielou — que ele olhava o mundo com um olhar novo de *Pré-socrático*. Não somente negamos a possibilidade de ser um pré-socrático no século XX, não somente negamos a vantagem de sê-lo, mas também, ainda que vantagem houvesse, negamos o direito à legitimidade de tal atitude num cristão, num padre, num religioso, num jesuíta. O Pe. Teilhard trabalhou na mais total preterição das intenções da Igreja, e basta esta (horrível) impiedade para desacreditá-lo sem apelação.

É tão isolado que seus admiradores só têm um único objeto de admiração: em torno dele, ninguém. Nem se diga que está num deserto. Não, ele flutua no vácuo. Para admirá-lo é preciso rejeitar até o A<> mandamento. (0)

Grave bem o leitor estas linhas que condensam a reprovação da obra de Teilhard de Chardin como nenhum de seus críticos logrou fazer, com tanto acerto e vigor;

TEILHARD DE CHARDIN TRABALHOU NA MAIS TOTAL PRETERIÇÃO DAS INTENÇÕES DA IGREJA: BASTA ESTA HORRÍVEL IMPIEDADE PARA DESACREDITÁ-LO SEM APELAÇÃO.

A gratidão e a mágoa do Pe. V.-A. Berto

O artigo do Pe. V.-A. Berto, publicado em *Itinéraires*, começa por uma declaração de gratidão e de mágoa que o autor condensa nesta epígrafe:

"Il m'a fait trop de bienn pour en dire du mal.;

"Il m'a fait trop de mal pour en dire du bien."

Da gratidão já demos na longa transcrição anterior uma prova comovente e ao mesmo tempo instrutiva no que se refere ao teilhardismo. E a mágoa? No artigo em questão a mágoa principal do Pe. V.-A. Berto refere-se ao "integrismo", e ao jogo da falsa simetria "progressismo" — "integrismo" em que Maritain se deixou envolver, como há pouco observamos que Louis Boyer também se enredou. Esse binómio deriva diretamente do jogo esquerda-direita, jogo falseado como veremos no capítulo seguinte, jogo quase especificamente francês. Por quê? Talvez por causa do "*esprit de géométrie*" que será sempre o defeito da qualidade do povo mais inteligente do mundo. O próprio Pascal não escapou inteiramente a esse obsessivo cartesianismo que arma esquemas vetoriais nas mais lúcidas mentes inscritas no glorioso hexágono.

Mais adiante voltaremos ao assunto e transcreveremos o que diz o Pe. V.-A. Berto das considerações tecidas por Maritain, em *Le Paysan de la Garonne*, sobre o "integrismo". Desde já recomendamos a leitura de Alfredo Lage (7), que foi o primeiro, em nosso meio, a sentir a impropriedade do conceito esquematizado por Maritain, e a exprimir a mágoa que também nós sentimos a par da imensa gratidão.

Creio que valha a pena antecipar algumas reflexões nossas sobre esse falso esquema que pretende contrapor duas coisas de espécies diferentes, como se se tratasse de dois sistemas de qualidades efetivamente simétricas. Mas a verdade é que de um lado temos um "neomodernismo" muito maior do que o que Pio X combateu, e portanto uma monstruosa "heresia" que Jean Madiran já chamou "a hereisia do século XX"; e a do outro lado? Do outro lado temos pessoas que podem ser acusadas de defender mal a ortodoxia, de testemunhar mal, por todos os vários motivos que compõem o espectro das várias radiações da miséria humana, ideias e valores bons, mas isto, meu Deus!, é a própria condição do cristianismo em todos os tempos, e somos todos integristas, com exceção dos santos, que possuem e praticam as virtudes em grau heróico.

Tentemos especificar alguma coisa dentro da genérica mediocridade do pobre povo de Deus. Só vejo uma possibilidade de especificar o integristismo que permita a oposição vetorial e o esquema "progressistas"- "integristas"; é aquele que concede aos "progressistas" a iniciativa do jogo e da designação. Integristas serão, nessa linha, os que efetivamente, e mais ou menos vigorosamente, combatem o "progressismo". No próximo capítulo veremos que este é o jogo "esquerda"- "direita" em que se deixaram enredar tantos "intelectuais" católicos.

Mas agora voltemos ao *Camponês da Gatona*.

Como o camponês vê o teilhardismo

A apreciação de Maritain sobre o teilhardismo não é menos severa do que a do Pe. V.-A. Berto. E bastava este tópico do livro, na página 173 e seguintes, para marcar sua posição contra a onda de estupidez que desfigura a Igreja. Apesar disso, não posso esconder uma pequena decepção. Maritain pareceu-me despreparado, alheio aos melhores trabalhos escritos sobre a moeda falsa do teilhardismo, que não chegando a ter nível de heresia mais nos parece uma grotesca ficção. Escorou-se num artigo de Etienne Gilson, muito sensato mas superficial e desdenhoso. No Anexo II, pág. 383, em que volta a apertar um pouco mais os parafusos, escora-se em Claude Tresmontant, que não está ainda suficientemente purgado das tolices que escreveu com certo entusiasmo em 1956 (8) num livro cujo título já é uma apologia, ou pelo menos uma concessão. No primeiro capítulo desse livro de juventude, Tresmontant começa com esta frase: "O ponto de vista em que se coloca Teilhard de Chardin é o ponto de vista científico, fenomenológico". Ora, essa é uma frase que bem merece a qualificação de "*faux départ*" porque, se é verdade que Teilhard se coloca no ponto de vista científico (de que ciência?), já é preciso distingui-lo do ponto de vista filosoficamente fenomenológico, e já o desautoriza de falar em Point-Omega, e em qualquer outra coisa que não sejam ossos, fósseis, camadas geológicas, instrumentos de sílex, carbono-14 etc. etc. O jovem Claude Tresmontant, em 1956, parece ignorar que a obra "científica" de Teilhard de Chardin é de 5ª classe. Na melhor das hipóteses é insignificante. E o velho filósofo tomista parece ignorar que seu ponto de apoio na crítica ao teilhardismo é um recém-convertido ao bom senso.

Escrevi, nesse tempo, a Jacques Maritain, chamando sua atenção para dois livros do Pe. Philippe de la Trinité (9), e lembrando que anos atrás ele, Maritain, Monsenhor Ch. Journet e o Pe. Philippe de la Trinité tinham trabalhado juntos, creio que em *Etudes Carme-*

litaines, sobre *O pecado do anjo*, que lhes valeu na época a alfinetada de um bravo progressista: "*lis ont du temps à perdre*".

Lembro-me agora de que também sugeri a mesma ideia atribuída ao Pe. Danielou (hoje cardeal) pelo Pe. Berto, mas em ângulo diferente. O Pe. Teilhard — dizia eu — é um curioso pré-socrático que teria feito, entre os jônios e os eleatas, ao contrário do que fez Aristóteles, a síntese dos erros: será mais evolucionista do que Heraclito, e mais unitarista e panteísta do que Parmênide. Não recebi resposta dessa carta que provavelmente se perdeu, e não se perdeu jóia nenhuma.

O principal, entretanto, estava feito em *Le Paysan de la Garonne*: um pensador com o imenso valor de Maritain, conhecido no plano dos pronunciamentos políticos e nos meios intelectuais como homem inclinado a assumir coisas novas, aplicara o ferro em brasa em cima do teilhardismo.

E agora? Examinando o conjunto de apreciações que cercam o monstro poliédrico, saboreando cada um desses parágrafos que esperávamos do velho mestre, neomodernismo, cronolatria, logofobia, prosternação diante do mundo, completa temporalização do cristianismo e finalmente teilhardismo, que mais esperávamos?

É curioso. Há no livro em questão uma enorme omissão, uma lacuna colossal, um lapso gigantesco que no entanto nos passou despercebido na primeira leitura. Entre as diversas faces que configuram o "monstro" ou os diversos ingredientes que compõem a "salada" houve um prodigioso esquecimento que só foi percebido numa segunda leitura.

Mais adiante voltaremos a fazer alguns reparos relativos à causa eficiente, às correntes históricas com que o autor explica a formação de tão grave e volumoso fenómeno. Desde já quero transmitir ao leitor o constrangimento com que me atrevo a criticar tão grande filósofo, e o sofrimento com que escrevo estas páginas — e ai de mim se as não escrevesse. Ligado demais a Maritain, só posso efetivar minhas retratações e reafirmações em termos que inevitavelmente incluem críticas e desligamentos. Transcrevi a bela página do Pe. Berto para fundir com a dele a minha gratidão. Digo até veneração. E tranquilizo o leitor, ao menos em certa perspectiva. As críticas e as correlatas retratações não atingem a grande obra filosófica, nem de longe significam um arrefecimento de nossa confiança em Santo Tomás. A obra filosófica de Maritain permanece para mim inalterável, com reservas na filosofia política contida em *Humanismo Integral e Democracia e Cristianismo*. Afasto-me aqui do artigo de Alfredo Lage, admirador como eu da grande obra de Maritain, que se associa a Gaston Fessard para perguntar se em 1936 seria possível fazer melhor do que fez Maritain em *Humanismo Integral*, e que

depois acrescenta: "Depois da publicação de *Le Paysan de la Garonne* a nossa posição é diferente", como se fosse agora, nessa obra, que surgiram as "posições" de Maritain hoje inaceitáveis para nós. Ao contrário, foi em torno de 1936 que Maritain tomou várias "posições" que hoje nos obrigam a retratações porque nós é que não podíamos, em torno de 1936, fazer coisa melhor do que acompanhar Maritain. *Le Paysan* é o livro revelador dos erros da década dos 30, e é precisamente o documento que nos prova que, em 1936, Maritain podia ter feito o que não fez, e podia não ter feito o que fez.

E por aí já se vê que *Le Paysan* não é o objeto principal de nossas investigações, é antes o livro revelador de todo um drama cultural de que nos ocuparemos nas demais páginas deste livro. Valhame desde já de uma divisão proposta por Henry Bars, um dos mais fiéis seguidores de Maritain, mesmo, ou sobretudo em sua filosofia política (10). Diz Henry Bars (11) que é preciso distinguir em Maritain, além da obra especulativa,

19 — uma filosofia política;

2º — uma filosofia da história e da cultura;

3º — tomadas de posições temporais, que são atos de filósofo, mas não de puro filósofo, atos de filósofo que se inspiram numa filosofia (e talvez a inspirem sob certos aspectos), que não são completamente separáveis mas não entram a título de ingrediente nessa filosofia, mas procedem diretamente da prudência política (ou da im-prudência, diriam os adversários) .

É principalmente do terceiro ponto, e das "im-prudências" que me ocuparei a partir de algumas revelações de *Le Paysan*, e da leitura de muitos livros e revistas da época, não como "adversário" mas como discípulo que naquele tempo se comprometeu nas mesmas posições e que se sente na obrigação de se retratar.

Perguntará o leitor com que títulos me apresento para tão ousado empreendimento. Respondo com a simplicidade de engenheiro: um dos principais títulos que hoje tenho é simplesmente o planisfério das consequências. De duas maneiras podemos nós aquilatar as posições tomadas na vida, ou em termos de *princípios* nem sempre facilmente conversíveis em prudência pratico-prática, como diz Maritain; ou em termos de análise das consequências desenroladas no chão das existências. Hoje, diante do supramencionado planisfério de erros e disparates, podemos traçar linhas, remontar às causas, e facilmente descobrir que tais e tais posições foram erros de trilhos que nos levaram aos abismos por onde hoje rolam alegremente cardeais, bispos, religiosos e religiosas... .

E Maritain? Não verá ele a mesma coisa que nós vemos? E, assim, não manterá ele sempre a mesma superioridade que nos desni-velava?

Todas essas perguntas que agora atribuo ao leitor, já muitas vezes as formulei comigo mesmo e com os amigos de sofrimento. E chegamos a uma curiosa e aflitiva conclusão que será desenvolvida em vários tópicos deste livro. E desde já precisamos voltar a *Le Paysan de la Garonne* para resolver um *suspense* que deixamos atrás.

Camponês ou "intelectual"?

Voltemos a *Le Paysan*. .. Trata-se de uma obra escrita com certo *relax*, em tom coloquial, onde sentimos que o filósofo, habitualmente tão *duro* para as arestas de cristalização da verdade, achasse a conversar entre amigos, e onde quase adivinhamos que não está suficientemente só, resguardado, como conviria para a inquirição profunda que se propôs com sua própria alma. O tom coloquial, a começar pelo provérbio chinês que não é provérbio nem chinês: "*Ne prenez jamais la bêtise trop au sérieux*", não me parece adequado para a consideração da tempestade ou barafunda de erros e malícias em que se aventura. Parece-me que nunca, em toda a história, foi preciso levar a sério, como hoje, a divertida matéria que deixa totalmente de ser divertida quando ganha dimensões de calamidade planetária. Vivemos dentro de um dilúvio de estupidez. E na Arca, onde nos refugiamos, parece que ainda é mais torrencial a chuva do que lá fora... .

Mas esse caráter de obra mais espontânea, e menos censurada no nível do *consciente*, nos permitirá talvez algumas descobertas úteis, entre elas a dos mecanismos de censura no nível do *inconsciente* que nos expliquem a razão de tão colossal omissão.

Qual? Qual é afinal a lacuna, a ausência, a omissão de que já falamos duas ou três vezes. É a seguinte: num livro de 400 páginas em que um grande filósofo francês, em 1965, se interroga, e por via indireta nos explica a crise da Igreja em nossos dias, sem disfarçar sua gigantesca proporção, não há um capítulo, um parágrafo, uma frase, uma só palavra para o fenômeno que largamente contribuiu para a Onda de estupidez que aflige a Igreja, e que além disso cobre, molesta ou injuria a metade do globo terrestre. Esse fenômeno chama-se: comunismo.

Qualquer beata do Apostolado da Oração no Brasil sabe que o comunismo é um dos venenos que transtornou tantos padres; sabe que é o ópio do clero. Ora, o grande filósofo não toca nesse assunto. Em duas leituras atentas, e numa terceira *dinâmica*, não encontrei

uma só vez o vocábulo "*communisme*". Estarei enganado? Peço ao leitor que me ajude, e que, de lente em punho, procure o monstro ciclópico acaso reduzido à condição de infusório.

O termo "marxismo", e a filosofia designada por esse termo, merece destaque de duas páginas (12), mais para enaltecê-la do que para criticá-la. Num mundo em que a inteligência se degradou pela ruptura trazida pelo idealismo (racionalista ou empirista) subsistem apenas dois realismos: "O realismo marxista e o realismo cristão. (...) Eis aí um ponto de encontro entre o cristianismo e o marxismo que M. Garaudy teria a boa inspiração de assinalar se sua atenção não estivesse desviada pelos autores com que se informou para nos oferecer esta piedosa humanização de uma velha fé desmitizada, convertida finalmente às esperanças da terra..."

E ao pé da página uma referência ao livro de Garaudy (13): "Se bem li M. Garaudy, só vi o nome de Santo Tomás aparecer uma vez..."

E o comunismo? A realidade histórica, única pela qual o marxismo seria um "realismo", a encarnação de erros e perversidades que mereceram advertências e condenações de tantos papas, não figura entre os ingredientes da grande salada, nem entrou na fila das interrogações que o velho leigo a si mesmo dirige. Como se explicará tal ausência?

Acresce que a atenção dada ao teilhardismo conduzia facilmente ao comunismo. Em outro lugar (14), depois de enumerar os vários componentes do chamado "progressismo" católico, que não é progressista, e já deixou de ser católico, dizia eu o seguinte: "Esses diversos fatores formam um sistema. Assim é que no famoso "diálogo" os teilhardistas e marxistas andaram sempre entrelaçados, como tão bem demonstra o Pe. Philippe de la Trinité (15). No 10º aniversário da morte de Teilhard de Chardin, em 1965, o jornal *Le Monde*, como era de esperar, promoveu uma edição especial para homenagear o famoso jesuíta que viveu alheio à Companhia e à Igreja, como evidenciou o Pe. V.-A. Berto. Entre os colaboradores de *Le Monde* estava Roger Garaudy, líder do P.C. francês com um artigo intitulado *Pionnier du Dialogue*, onde, entre outras amabilidades, dizia que Teilhard tinha a incontestável glória de ter tornado possível o diálogo entre comunistas e católicos."

Mais adiante, entretanto, Roger Garaudy confessa que, como marxista, e apesar de toda a simpatia que tinha pelo falecido, não podia aceitar a fórmula com que Teilhard de Chardin tão generosamente se oferecia aos comunistas: "A síntese do Deus cristão para-o-alto, e do Deus marxista para-a-frente, eis o único Deus que doravante poderemos adorar em espírito e verdade". Por onde se vê que

coube ao comunista o testemunho de um apego doutrinário. Garaudy, diante das ofertas de Teilhard de Chardin, sentiu-se no dever de pronunciar o *non possumus*.

Se Maritain tivesse lido o Pe. Philippe de la Trinité sobre Teilhard de Chardin, em vez de se ter apoiado em Claude Tresmontant, inevitavelmente teria de dizer alguma coisa sobre a infiltração comunista no clero e sobretudo na esquerda católica francesa. Admitamos que Maritain evitasse o Pe. Philippe de la Trinité, a quem se atribui a redação do famoso *Monitum* do Santo Ofício, de que tão gostosamente se riu o mundo católico. Qualquer outra leitura, da década dos 60, dos 50, dos 40 ou dos 30 irresistivelmente atrairia sua atenção para as *liaisons dangereuses* entre católicos e comunistas.

Qualquer brasileiro sabe que o convento dominicano em São Paulo foi transformado em quartel de guerrilheiros do líder comunista Marighela, sabe que o Pe. Francisco Lage Pessoa desde o princípio da década 60 ensinava marxismo em Ferros e foi preso como conspirador comunista, sabe que os padres assuncionistas de Belo Horizonte ensinavam marxismo na Faculdade de Filosofia, sabe que o Pe. Wauthier de Osasco teve parte no incitamento à greve dos operários e principalmente sabe que tudo isto começou aqui com a transfusão do sangue francês trazida pelo Pe. Leuret em 1947. Os mais atentos e lidos sabem que o Pe. Desroches, companheiro do Pe. Leuret e co-fundador de Economia e Humanismo, deixou a Igreja e tornou-se comunista puro, limpidamente ateu, dois ou três anos depois da fascinante experiência que teve um filho bastardo no movimento dos padres-operários, que também se comunizaram... Que mais?

Tenho diante dos olhos, ao acaso da desarrumação de minha mesa, um livro mais recente de G. Cottier o.p., *chrétiens et marxistes*, Mame, Paris, 1967. Nesse livro corro os olhos, com tristeza enjoadada, pelo prefácio de M.D. Chenu o.p., que irresistivelmente me lembra "*Mr. Trouhadec saisi par la débauche*" de Jules Romain.

Nesse prefácio, o velho dominicano, ou ex-dominicano, ou ex-tudo, ou antidiluviano, cita Ricoeur, que hoje é obrigatório, e exuma Camus com sentenças que agora sugerem a figura do Conselheiro Acácio: "O contrário do diálogo é tanto a mentira quanto o silêncio. Só há diálogo possível entre pessoas que são o que são e que não mentem". Exemplo: entre os que traem a Igreja e os que obedecem estritamente às diretrizes do Partido que é o maior gasómetro de mentiras do mundo.

O Père Chenu termina seu prefácio com um suspiro: *Difficile dialogue! à la mesure de la dureté des objets en cause. C'est le cas içl Mais, comme dit le P. Cottier, ce cher dialogue (sic) est-il sans doute une école de liberté?* "Ce cher dialogue!?" Agora o que vejo em imaginação é um velho dominicano com o "*cher dialogue*" no colo como um gato de estimação.

Perdoe-me o leitor esse curto delírio. Volto ao tema: é racionalmente inexplicável a ausência do "comunismo" nas interrogações do camponês. E onde se vê como é difícil falar da "crise" e principalmente de Teilhard de Chardin, sem dizer alguma coisa do "diálogo" que o Pe. Chenu afaga, é no livro de Etienne Gilson, *Les Tribulations de Sophie*, VRIN, Paris, 1967, escrito num tom parecido com o de *Le Paysan*, mas com uma diferença: quase metade do livro de Gilson se aplica ao vergonhoso conúbio que tanto entusiasma o Pe. Chenu. Na página 135 encontramos esta melancólica conclusão: "Podemos dialogar proveitosamente com um ateu? Duvido, se ele é comunista; receio as consequências se esse diálogo se estabelece entre um marxista bem informado de sua doutrina, como o Sr. Garaudy, e o teólogo tão mal informado da sua, como o Pe. Teilhard de Chardin. Num caso assim, o comunista devora o teólogo com a maior facilidade, e nutre-se dele com proveito. E só nos resta o ridículo da aventura".

Voltamos à obsessiva pergunta: como se explica a omissão de Maritain em *Le Paysan...*? Muita gente hoje, levada pela evidência de certos fatos e pela simplificação brutal das ideias, julgará que a explicação reside na inclinação esquerdizante ou comunizante do grande tomista. Ora, não se vê na obra do filósofo, digo na obra de especulação filosófica, seja no plano metafísico, seja no plano da filosofia da cultura ou da história, nada que de longe se pareça com um Mounier, que desabusadamente dizia querer trabalhar com os comunistas para as coisas de César, e com sua fé católica para as coisas de Deus. Tal afirmação, ou tal outra do léxico "progressista", é inconcebível num livro de Maritain. Sobre o comunismo ele sempre foi muito nítido e duro, quando falou ou escreveu como filósofo.

Tomemos dois depoimentos do filósofo colhidos em pontos extremos de sua obra e de sua vida: o primeiro em *Antimoderne* (Paris, 1922) e o segundo em *On the Philosophy of History*, Scribner's Sons, N.Y., 1957. E insisto em assinalar a *separação* dos dois depoimentos, separação em vários sentidos: *Antimoderne* é escrito no período de 15 anos em que Maritain esteve na *Action Française*, no fim do pontificado de Pio X e no princípio do de Pio XI. O segundo livro mencionado, escrito *em inglês*, nos Estados Unidos, doze anos depois da tormenta europeia e da catástrofe francesa, está, por assim dizer, *além e por cima* de todo um período de inquietações e de grandes paixões: depois da crise da *Action Française*, 1926, e de um período de transição, Maritain passa a frequentar os meios ditos de esquerda. Em 1932 colabora com Mounier na fundação da revista *Esprit*, e depois com os dominicanos de *Sept*, e depois com a extrema-esquerda de *Vendredi* e de *Temps Présent* que sucedia a *Sept*, fechada por decisão de Roma. Resistindo e contrariando os conselhos de Garrigou-Lagrange, que durante tantos anos tivera por mestre nos *Cercles de Meudon*, Maritain se inclina para

a filosofia política e escreve *Humanismo Integral* em 1936, livro marcado pelo "otimismo" da época que exercia a ultracorreção sobre a quadra anterior de depressão e desespero. Para os franceses, mais sujeitos às oscilações e contrastes políticos do que ninguém, porque a França corre ao longo da história entre espasmos revolucionários (ou euforias democráticas) e arroubos monárquicos (ou nostalgias autocráticas), o novo livro de Maritain representava, na obra do filósofo, uma guinada para a esquerda. Não nos deteremos demais neste ponto porque logo depois entram em cena acontecimentos mais significativos e marcantes para a vida e para a "política filosófica" de Maritain, como diz Henry Bars.

Em 1936 desencadeiam-se na Europa duas revoluções de incalculáveis consequências: uma visível, ruidosa e sangrenta; outra invisível e com mais derramamento de tinta do que de sangue. Refiro-me à revolução ou contra-revolução espanhola que terminou com a derrota dos comunistas; e à revolução ou infra-revolução francesa, ocorrida no plano das ideias e em forte antítese à revolução de Espanha, que terminou com a fragorosa derrota da França, e depois com a monstruosa vitória do comunismo, principalmente nos meios católicos. Ora, em todo esse drama Jylarítain tomou posições, assinou manifestos, escreveu prefácios, incentivou revistas, tudo isto inequivocamente com as esquerdas, contra os brancos na Espanha, e dia a dia mais engajado com as esquerdas francesas, contrariando nisto uma feição de sua personalidade, resistindo aos conselhos de Garrigou-Lagrange e desconhecendo com estranho desembaraço os pronunciamentos normativos e preceptivos do Papa Pio XI sobre a Guerra Civil espanhola. Nos capítulos subsequentes deste livro voltarei a esta tragédia da França, mais grave do que a episódica derrota infligida pelos nazistas. No momento quero consignar estes fatos que nos preparam para admitir, com o próprio Henry Bars, fidelíssimo amigo, a ideia de certa duplicação na vida, senão também na personalidade de Maritain.

Passado aquele período tumultuoso, instalado na América, de certo modo desligado da seqüela da *Épuration* e da efervescência crescente das esquerdas católicas de França, Maritain, bem cercado por dois admiráveis representantes do mundo feminino, Maritain se reencontra, se recompõe, e arriscar-me-ia até a dizer que se restabelece de uma segunda ruptura mais grave e decisiva do que a primeira.

E então consegue escrever em *On the Philosophy of History*, sobre o comunismo, páginas que se cosem facilmente ao que escrevia em 1922, e que serão vistas pelos "progressistas" franceses como uma espécie de traição, ou de regressão. É significativo o fato de escrever em inglês esse livro, e seu grande livro *Creative Intuition*

in An and Poetry. E ainda mais significativo é seu afastamento dos amigos com que em 1932 (grave bem esta data, leitor) fundava a revista *Esprit*. Quando em 1950 morreu Emmanuel Mounier, que ganhara na França um enorme prestígio, todos os jornais de Paris noticiaram o falecimento com destaque. Não se vê, entretanto, nos diários de Raissa, ou no *Carnet de Notes* do próprio Maritain um só comentário. O intenso sofrimento da guerra trouxera um dilaceramento, ou um despertar na vida de Maritain. Mas a marca interior da tempestade de paixões certamente ficou a comandar os conhecidos aparelhos de censura psicológica.

Agora, em 1965, reintegrado na França, mas exausto e mutilado, embora ainda senhor de uma maravilhosa lucidez, Maritain é solicitado a escrever, e a escrever justamente sobre as consequências de tudo o que se preparou em França desde o início do século.

E aqui vai a explicação daquelas omissões. Não digo que está "na cara", como se diz na gíria; mas digo, em boa língua, que está na capa: *Le Paysan...* Não, não é um camponês que se esquece de nos dizer o mal enorme que o comunismo fez à sua pequena propriedade, nem é o camponês quem nos serve aquela hiperbólica definição de "integrista" que irrita o bom Pe. V.-A. Berto.

Não é também o grande filósofo tomista que sabe, melhor do que o camponês, que o comunismo é intrinsecamente perverso. Vale a pena aqui transcrever os dois textos, o de 1922 e o de 1957. Ei-los:

O que a história, "juízo do mundo", mais severamente denunciará no comunismo não será certamente sua falta de ideal, é ao contrário, precisamente, seu ideal, isto é, o princípio espiritual que o comanda. A lembrança dos crimes cometidos pode-se apagar, e passar depressa, não me custando muito imaginar os netos de Turelure sob os aspectos de pacatíssimos cidadãos. Um regime fundamentado sobre a violação do direito natural, depois de algumas experiências devoradoras de carne humana, pode atenuar-se e, na continuação dos dias, pela necessidade de viver, pode renegar na prática os dogmas que invoca em teoria. Mas o princípio espiritual que desempenha a função de *forma* animadora, este só se atenua ou se perde quando desaparece.

Deste ponto de vista parece claro que as forças de destruição que ameaçam a atual ordem social, simbolizadas nos termos "bolchevismo" e "ditadura do proletariado", são uma forma nova e mais virulenta (a única, a bera dizer, que ainda é virulenta) do velho fermento da Revolução anticristã. Dizem-nos que os comunistas russos, continuando embora a proclamar que *a religião é o ópio do povo*, já não perseguem crenças religiosas (1⁶). Acredito que no momento estejam ocupados em tarefas mais urgentes. Mas o esforço deles é anticristão, *essencialmente*, no seu próprio princípio. Com uma decoração ideológica capaz de comover ao mesmo tempo os sete pecados mortais e as transviadas generosidades, é sempre um esforço inteligente, o mais ativo que até hoje já se

viu no mundo, para *estabelecer praticamente* a humanidade no *ateísmo*, instaurando realmente a *cidade sem Deus*, sim, uma cidade, uma civilização que, enquanto tal, ignore de modo absoluto qualquer outro fim que não seja uma perfeição humana exclusivamente terrestre e faça do Homem e da Ciência humana, segundo a grande ideia hegelianizante de Karl Marx, o Senhor todo-poderoso da Humanidade. (17)

A este magnífico texto, onde se ouvem as ressonâncias majestosas de uma consciência católica sensível às trágicas afrontas de uma civilização apóstata, acrescentaria duas observações. A primeira refere-se à consideração dos *meios* e dos *fins* no comunismo: em nossos dias muita gente está inclinada a pensar que o que nos separa do comunismo são os *meios* violentos e amorais, e que o que nos aproxima é o *fim* comum. Ora, é justamente no fim proposto, no ideal visado, como tão bem explica Maritain, que reside a virulenta oposição ao cristianismo e à lei natural. Ouso dizer que o comunismo seria ainda pior, mais desumano e mais satânico, se sua expansão se efetuasse *satis larmes*, por processos suaves e insensíveis. A segunda nota refere-se à "perfeição humana exclusivamente terrestre" que depressa se transformará numa explosão de subumanismo que tornará a pobre vida terrestre mais imperfeita do que nunca. Já temos sinais à vista.

Agora uma observação sobre o autor da página transcrita. Em 1922 Jacques Maritain já tinha mais-de 40 anos, e já era conhecido e admirado em todo o mundo católico. A *Aula Magna*, a que assistiu o Pe. V.-A. Berto, foi dessa época e bem mostra o enorme prestígio do filósofo em Roma. Já publicara os seguintes livros:

La Philosophie Bergsonienne, M. Rivière, 1913.

Art et Scolastique, ed. Les Lettres, 1919.

Elements de Philosophie I: Introduction générale à la Philosophie, Téqui, 1921.

Théonas, Nouv. Lib. Natio., 1921

Antimoderne, 1922

Sem contar os numerosos artigos publicados em revistas diversas. Dois anos depois publicará:

Reflexions sur l'Intelligence et sur sa Vie Propre, N.L.N., 1924

Trois Réformateurs, Roseau d'or, 1925.

E agora, depois de trinta e dois anos de crises, revoluções, revisões, manifestos, guerra, mudança para os Estados Unidos, temos em 1957 este outro texto que se articula perfeitamente no de 1922, mas não se solda bem com a *sinistrite* delirante dos intelectuais franceses, a partir de 1932. Escrevendo em inglês, vivendo num meio profundamente diverso daquele em que escreveu *Antimoderne* e

Trois Réjormateurs, Maritain de certo modo se alija da carga de esquerdismo, que a devastação de todo um mundo ajudou a levar, e se reencontra.

Charles Péguy, que fora um revolucionário proudhoniano, dizia que a revolução social haveria de ser moral, ou não haveria de ser. Agora *houve* a revolução; e não foi moral, (i⁸)

E pouco adiante:

O que os cristãos têm agora a fazer não é sonhar com uma revolução social cristã, é antes trabalhar para que os ideais cristãos prevaleçam nos graduais ajustamentos, através dos quais o mundo não-comunista (cuja estrutura social e estilo de vida, ao menos nos Estados Unidos, já ultrapassaram o capitalismo e o socialismo) realizará as mudanças exigidas pela justiça social *que a revolução comunista, por sua ideologia bloqueou, chegando até a proibir sua simples menção.* (19)

É difícil ser mais anticomunista. Maritain vê na revolução comunista não apenas o seu próprio fracasso, mas a abismal e apavorante *desmoralização* de um ideal autêntico e perene. E com estas seis ou sete linhas demonstra a impossibilidade, a ilegitimidade, a intrínseca imoralidade de uma colaboração com os comunistas. Em outras palavras, nesse momento, Maritain esquece-se do Pe. Chenu e "*son cher dialogue*", esquece-se de Mounier, de *Vendredi*, de *Sept*, e esquecendo-se de que se esquecera de Pio XI durante toda a Guerra Civil espanhola, volta à *Divini Redemptoris* que esqueceu de mencionar na alocação que fez pelo rádio na noite da morte de Pio XI. (20)

Voltemos a *Le Paysan*. . . Maritain está em Paris e considera em torno de si o espetáculo da "completa temporalização do cristianismo". Há na composição desse livro todo um drama. Quem o escreve é o filósofo tomista Jacques Maritain, o autor de *Trois Réjormateurs* e *Dégrés du Savoir*, é o homem de Deus, o afilhado em quem Bloy, em 1913, adivinhou um braço poderoso e uma grande voz de lamentador.

O filósofo procura arrimar-se no ombro do *camponês* que nunca pôde ser, e cuja presença mal pôde entrever entre as várias instâncias psíquicas de sua grande e riquíssima personalidade. Teoricamente, e graças às memoráveis lições de Garrigou-Lagrange (que mais próximo esteve sempre do rústico camponês), Maritain sabe que sua

grande sagesse emenda na *petite sagesse* do senso comum; mas no período tormentoso de sua vida (naquele em que se separa de Garrigou-Lagrange para frequentar Mounier) esse convívio consigo mesmo esteve prejudicado pela intromissão de um terceiro personagem. Quem? Qual?

O mesmo que agora, em *Le Paysan*, faz o filósofo e o camponês se desavirem, e fã-los ambos *esquecerem* o simples termo "comunismo" que atrás dele traz uma torrente de dolorosíssimas recordações. Esse personagem é o "intelectual" no sentido exato que lhe dá Jules Monnerot quando conta "a história sucinta dos intelectuais" e diz; "Outro traço próprio dos intelectuais é o de nunca tirarem lição dos acontecimentos, porque eles os *censuram*". (21)

Gostaria muito de transcrever todo o excelente e saboroso capítulo do autor de *Sociologie du Communisme*, mas detenho-me e deixo ao leitor a recomendação, porque se me estendo a transcrever os livros que já estão escritos certamente malograrei o intento de escrever o meu próprio, com que já tenho uma espécie de compromisso.

NOTAS DO CAPÍTULO I, P. I

- (1) Alfredo Lage, *Hora Presente*, maio de 1970, n° 6.
- (2) Jornal do Brasil.
- (3) Louís Boyer, *La Décomposition du Catholicisme*, 1968.
- (*) Jacques Maritain, *Le Paysan de la Garonne*, Desclée de Brouwer, 1966, pág. 141.
- (5) Encíclica de Leão XIU, 4 de agosto de 1879, em que o Papa, dirigindo-se aos bispos do mundo inteiro, e em continuação da apologia deixada por seus predecessores, Inocêncio V, Clemente VI, Urbano V, Nicolau V, São Pio V, Bento XIII, Inocêncio XII, Clemente XII, Bento XIV, e outros, recomenda a doutrina do incomparável Doutor de todos os Doutores da Igreja Santo Tomás de Aquino.
- (6) *Itinéraires*, abril de 1969, n.º 132.
- (7) Alfredo Lage, *A Recusa de Ser*, AGIR, 1971, pág. 284.
- (8) Claude Tresmontant, *Introduction à la Pensée de Teilhard de Chardin*, ed. du Seuil, 1956.
- (9) PhiHppe de la Trinité, *Dialogue avec les Marxistes?* Les Ed. du Cèdre, 1966; *Rome et Teilhard de Chardin*, Arthème Fayard, 1964.
- (10) Henry Bars, *La Philosophie Politique selon Jacques Maritain*, les ed. Ouvrières, Paris, 1961.
- (H) Henry Bars, *Maritain et notre temps*, Grasset, Paris, 1959, pág. 130.
- (12) Jacques Maritain, op. cit., pág. 154.
- (13) *Un marxiste s'adresse au Cynclie*.
- (14) Gustavo Corção, *Dois Amores, Duas Cidades*, AGIR, 1967, volume II, pág. 362.
- (15) Philippe de la Trinité, op. cit.

- (¹⁶) Ao pé da página Maritain refere-se a recentes informações de novas perseguições.
- (¹⁷) Jacques Maritain, *Antimoderne* Revue des Jeunes 1922, pág. 241-42.
- (¹⁸) Jacques Maritain, *On the Philosophy of History*, Scribner's Sons, N. Y., 1957, pág. 66.
- (19) *Ibíd.* pág. 67.
- (20) Jacques Maritain, *Raison et Raisons*, LUF, Paris, 1947, pág. 199.
- (²¹) Jules Monnerot, *La France Intellectuelle*, Borigine, 1970, pág. 63.

CAPÍTULO II

O JOGO ESQUERDA-DIREITA

Um começo que não promete grandes coisas

Começemos por um jogo falseado, ou melhor, pela realidade que se esconde sob aquela falsidade, ou ainda melhor, ou talvez irremediavelmente pior, começemos pelo anúncio de trágicas consequências da falsificação tomada como critério de valor ou de verdade. E qual é essa falsificação? É o esquema, ou o jogo Esquerda-Direita.

A origem desse binómio, como ninguém ignora, foi a divisão das poltronas no parlamento francês. Os termos que definiam bancadas e ídoles partidárias subiram para o céu das essências e passaram a designar certos arquétipos, ou, em linguagem mais aristotélica do que platónica, tornaram-se abstratos; mas ao mesmo tempo que perdiam densidade telúrica ganhavam estranhas energias. No princípio do século XX, com a explosão do *Affaire Dreyfus*, mais violenta do que a explosão de Krakatoa, na Polinésia, os termos do binómio ganharam uma carga histórica imprevista. Mas é depois de 1930 que o jogo — jogo falseado em suas regras — ganha um vigor que bem traduz o enfraquecimento da inteligência deste século.

Numa primeira tentativa de definição dos termos em confronto, tomemos uma página de Maritain, em *Le Paysan de la Garonne*, página esta exumada de um antigo opúsculo, *Lettre sur l'Indépendance* (Desclée de Brouwer, 1935), e na qual o autor tem clara consciência da ambiguidade em que flutuam os termos empregados, mas nem por isso toma o partido de denunciar o falso utensílio mental.

Começa por dizer que "num primeiro sentido alguém é *de direita* ou *de esquerda* por uma disposição de temperamento". Nesse sen-

tido seria vão querer ser isto ou aquilo, já que nascemos ruivos, biliosos ou sanguíneos. O que se pode fazer, diz ainda Maritain, é corrigir seu temperamento para evitar as monstruosidades dos limites extremos: o puro cinismo da "direita" e o puro irrealismo da "esquerda".

Aqui, evidentemente já se percebe que um dos mais inteligentes filósofos do século caiu no erro de querer modelar matéria muito ingrata. Desde logo se levanta em nosso espírito uma ideia que merece reparo: se podemos corrigir os temperamentos para evitar as monstruosidades extremas, por que não corrigi-los desde logo no nível das monstruosidades medianas que certamente todos nós gostaríamos de evitar?

Além disso, nota-se no raciocínio do filósofo uma quebra de homogeneidade entre os conceitos definidos como temperamentos e cada um desses limites extremos que, de um lado, pertence à ordem moral (já que ninguém é cínico por temperamento), e de outro lado pertence à ordem intelectual.

Este pequeno tropeço poderia ser evitado se o autor considerasse o vigoroso, ou até o violento dualismo que caracteriza o jogo esquerda-direita, e que se coaduna mal com a caracterologia. Se quisermos caracterizar os homens por seus temperamentos, não há razão nenhuma para limitar a dois tipos essa espécie de variedade. Hipócrates foi mais pluralista do que o autor de *Humanisme Integral*, porque abriu a rosa dos quatro ventos para os humores predominantes e os consequentes temperamentos humanos: o sanguíneo, o fleugmático, o melancólico e o colérico.

O dualismo do esquema já nos induz a procurar sua colocação no plano ético, ou mesmo no plano da cosmovisão, ou da ideologia, onde os termos esquerda e direita poderão significar tipos de personalidades marcadas por parâmetros morais e por concepções intelectuais.

Numa segunda tentativa, contra seus hábitos e seu gênio, o autor prefere a ilustração à definição e toma dois personagens representativos: Jean Jacques será o "puro homem de esquerda" que prefere "o que não é ao que é", isto é o homem a quem repugna o *ser*; e para representar o puro homem de direita "que detesta a justiça e a caridade" (!!)) o autor toma Goethe, não a pessoa de Goethe, é claro, mas a abstração ou hipóteses de pessoa que levasse às últimas consequências uma frase atribuída ao autor de *Fausto*, pela qual "ele preferia a ordem à justiça".

Aqui estamos novamente fora do campo neutro da caracterologia: de um lado temos um monstro intelectual ou uma espécie hiperbólica de demência, e de outro lado um monstro moral, ou um demônio, porque só os demônios podem detestar a justiça e a caridade.

Além disso, não há homogeneidade entre os dois termos do binómio e portanto não há possibilidade de contraposição.

Detenhamo-nos um pouco na frase atribuída a Goethe e frequentemente utilizada para estigmatizar os conservadores, os tranquilos, os bons pais de família com o mediano egoísmo que constitui o *niveau de Vhumanité*, como dizia Péguy. Esses homens, a acreditarmos no binómio que reaparece na página 236 de *Le Paysan de la Garonne*, preferem a ordem à justiça.

Que sentido terá essa frase? Receamos que não tenha sentido nenhum. Rigorosamente, *formaliter loquendo*, não há ordem social sem justiça, nem justiça sem ordem. As duas coisas pedem integração e não oposição e opção. A frase só recupera a mínima dignidade verbal a que aspira qualquer proposição se admitirmos que os termos confrontados, ordem e justiça, são tomados equivocadamente, ou pelo menos com certa frouxidão. Assim, um dado homem é *de direita* porque prefere "o que ele chama de ordem" à justiça, ou prefere apegar-se ao "que ele chama de ordem" ao que ele mesmo sabe que é "justiça". Mas esse mesmo homem acusado de ser de direita, nesses termos, poderia dizer que ele prefere "o que sabe ser ordem" ao que você, de esquerda, "chama de justiça". E não se diga, depressa demais, que é só a ideia de ordem que se presta à equivocidade, enquanto a ideia de justiça, com refulgente nitidez, se impõe a gregos e troianos. Creio que, se promovêssemos um inquérito sobre o uso equívoco dos dois termos nos tempos que correm, a equivocidade do termo "justiça" ganharia por dois corpos da equivocidade do termo "ordem". Estamos evidentemente em pleno delírio se insistirmos em dar algum valor de utensílio mental a frases que contrapõem dois termos equívocos, e se admitirmos que o valor de tais fórmulas dependem do teor de equivocidade de cada termo. O que até aqui já vimos nos inclina a concordar com Mes Monnerot (1) que chama de "solecismos políticos fundamentais" o conjunto de fórmulas postas debaixo do título genérico Esquerda-Direita.

Quando Maritain emprega em *Le Paysan* o mesmo binómio "ordem-justiça" duas vezes, para caracterizar a direita e a esquerda, podemos imaginar a presença do fantasma de Maurras, e de outros fantasmas menores, nas zonas obscuras de sua memória. Nas paredes da *Action Française* o termo *ordem* tinha sonoridades de clarim ou de trovões do Sinai. Mas Charles Maurras não era tão cartesiano ou tão positivista como o pintam: nos dias de mais ardorosa paixão política, nos momentos em que o jornal mais precisava de seus golpes de soldados, ou nas horas em que a *vermine rongeaît la France* e em

(1) Notas no fim do capítulo.

que os inimigos mais mereciam o que Jean Madiran (2), com certa impiedade, chamou de psitacismo de Maurras, jamais deixou de ser poeta o último soldado francês. Certa ocasião em que os amigos reunidos na *Action Française*, em conversa animada, passaram da notícia do dia à Grécia de Eurípedes, houve quem dissesse que o rei Créonte representava a "ordem", e com surpresa geral Maurras caiu a fundo sobre o infeliz: "Não! Não! Quem representava a "Ordem" era Antígona".

Nos tempos modernos a delirante equivocidade do termo "justiça" produziu variadíssima flora onde poderíamos colher os mais variados ramalhetes antiespirituais. Para começo de conversa, não deixa de ser divertida a simplicidade com que os "intelectuais" de esquerda concedem ao comunismo intenções de justiça. Poderíamos dizer aqui, sem nenhum malabarismo, em termos menos equívocos do que os das frases aplicadas a Maurras ou a Garrigou-Lagrange, que são os esquerdistas que preferem a ordem-estrutura à justiça-virtude, (2) E com esse equacionamento teríamos no comunismo a extrema direita!

Exemplo ainda mais delirante da variedade de sentidos atribuídos ao termo "justiça" nos é hoje proporcionado por um arcebispo católico que encoraja os terroristas, os sequestradores, os assassinos de reféns, apontando-os como heróis que lutam pela implantação da "justiça". Essas afirmações ditas "corajosas" apesar da absoluta inexistência de qualquer risco, a não ser o de um tropeço nos palcos apinhados de fotografos e operadores de TV, podem ser discutidas em vários planos. Certamente não acham lugar nenhum no edifício da sabedoria católica; certamente não se inscreverão no património da glória das civilizações; certamente destoam de todos os códigos penais desde Hamurabi até nossos dias; mas o que é indiscutível é que, com aquelas afirmações o arcebispo tem todos os títulos para merecer a gloriosa qualificação de extrema esquerda.

Os vários binómios do jogo Esquerda-Direita

Os resultados colhidos com a tentativa de explicar o binómio Esquerda-Direita com o binómio Justiça-Ordem já bastam para nos indicar que a contraposição procurada nesse jogo é mais completo e envolve maior número de categorias contrapostas. Tentemos esboçar um quadro dos vários binómios que o jogo Esquerda-Direita, promovido e ativado pelos "intelectuais" deste nosso glorioso século, nos recomenda. Ei-lo:

ESQUERDA

Igualdade
 Liberdade
 Anarquia
 República
 Democracia
 Anarquia
 Revolução
 Internacionalismo
 Justiça
 Justiça social
 Virtudes revolucionárias
 Ação social
 Reformismo
 Comunismo
 etc.

DIREITA

Aristocracia
 Autoridade
 Hierarquia
 Monarquia
 Autocracia
 Ditadura
 Tradição
 Nacionalismo
 Ordem
 Segurança nacional
 Virtudes militares
 Ação política
 Conservantismo
 Reação anticomunista
 etc.

Vê-se logo que não há correspondência bi-unívoca entre os termos E e os termos D. Assim como já opusemos "ordem" e "justiça" poderíamos agora contrapor sem menos infelicidade:

ESQUERDA

Anarquia
 Revolução
 Igualitarismo
 Liberalismo
 etc.

DIREITA

Ordem
 Ordem
 Ordem
 Ordem
 etc.

A primeira coisa a notar nesses vários binómios é a variedade de espécies. Creio que são três as espécies possíveis.

Em primeiro lugar temos os binómios formados de termos *opcionais*, válidos ambos, e ambos moralmente aceitáveis. Exemplo:

República — Monarquia

Em segundo lugar temos os binómios formados de termos *complementares*, aparentemente opostos. Exemplos:

Justiça — Ordem

Ação social — Ação política

Justiça social — Segurança nacional

E finalmente temos os binómios formados por termos realmente opostos e antagónicos. Exemplos:

Anarquia — Ordem

Comunismo — Regime de dignidade da pessoa humana

Liberalismo — Princípio da autoridade.

No primeiro caso, o dos termos opcionais, podemos e devemos escolher um deles conforme as exigências de uma dada conjuntura apreciada por nosso sistema de convicções. Em princípio, é moralmente neutra esta ou aquela forma de governo que não contrarie a lei natural. O calor de nossas convicções poderá, acidentalmente, valorizar demais a república ou a monarquia, poderá até chegar a excessos de radicalização, como chegaram os monarquistas da *Action Française*. Posso entretanto admitir que Maurras, Bernanos e outros, por uma acuidade especial, empírica, para o caso concreto da lamentável experiência francesa do princípio do século, tivessem razão no paralelismo que estabeleciam entre república (ou democracia) e anarquia. Posso até admirá-los sem necessidade de retocar minhas pacatas e assentadas convicções republicanas. Mesmo nos casos em que nenhum preceito moral determine uma escolha e a correlata recusa, resta ainda a margem para a ponderação de qual das duas soluções será melhor em relação aos mil e um vasos capilares do caso concreto. A experiência da história mostra que os homens são capazes de se empenhar com o mais afogado fervor nos desempates onde não há nenhuma indicação nítida de princípios morais. Talvez para compensar a insegurança ou a obscuridade da percepção dos contingentes, criamos em nós uma ênfase calorosa que muita vez mais se destina ao uso interno do que ao proselitismo exterior.

Mas deixemos essas digressões e voltemos ao nosso esquema E-D.

No segundo caso estão os termos em falso antagonismo que pedem complementação. É curiosa a tendência com que o jogo E-D, que Monnerot chama de "solecismo político", tem de introduzir antagonismos falsos e desconhecer a necessidade da conjunção dos opostos; coisa que prova a tendência de tal jogo à inimizade. No caso lembramos o binómio justiça e ordem que, pelo senso comum, antes de grandes especulações, pede complementação aos gritos. Veremos no tópico seguinte um eloquente exemplo de mau funcionamento do jogo E-D, que mais parece ter sido inventado para confundir do que para aclarar as ideias.

No terceiro caso estarão os verdadeiros antagonismos que, a rigor, constituem o assunto da imensa polémica interna de nosso fim de civilização, de que tentamos fazer em todo este livro uma conden-

sacão. Mais adiante, no tópico que se refere ao revolucionarismo, voltaremos a considerar este assunto na pauta especial do jogo esquerda-direita; mas antes disso precisamos desenvolver um pouco mais as consequências desse jogo falso e falseador em que tantos "intelectuais" se deixaram envolver.

A estranha cegueira dos "intelectuais" no jogo E-D

O exemplo seria irrelevante e desprezível se o fôssemos buscar em algum dos "progressistas" católicos de nossos dias que se distinguem pela fecundidade na tolice. Para provar o intrínseco defeito do utensílio, coloco-o nas mãos de um homem honesto e competente: o filósofo Yves Simon, discípulo de Maritain e autor de livros sérios como, por exemplo, *UOntologie du Connaitre*, Desclée de Brouwer. Mas é no livro escrito no exílio e publicado em 1941, (3) no meio da tempestade de emoções trazidas pela queda de Paris, que nós melhor apreciaremos o que o "intelectual" Yves Simon diz quando utiliza o aparelho E-D. Na página 128, a propósito da guerra da Abissínia, lemos:

Os adversários de Mussolini eram os homens do nascente *Proni Populaire* e mais um grande número de católicos. Quanto à *direita*, quanto aos conservadores e reacionários, quanto ao partido nacionalista, quanto àqueles que chamei "guardiães da cidade" — esses se levantaram como um só homem contra a Sociedade das Nações, contra o direito internacional, contra os tratados assinados pela França, e apoiaram a agressão italiana.

Ao pé da página, arrependido de ter escrito "como um só homem", Y.S. admite algumas raras exceções. Não sabemos se em algum lugar definiu o que entende por "homem de direita" e agora nos diz que essa espécie de homem comportou-se da maneira acima descrita, ou se é precisamente nesse comportamento que devemos ver uma definição de "homem de direita". Na verdade, em cada texto onde aparece esse tipo baixado do arquétipo tem-se a penosa impressão da mesma recorrência: "Aqueles homens que chamo de direita (e que todos nós sabemos como são feitos) comportaram-se como homens de direita".

Não consigo ver no mesmo saco, com o mesmo cheiro e mesmo gosto os reacionários, os conservadores e os fascistas que apoiaram o feito de Mussolini *avec un enthousiasme jievreux*. Se queremos definir os homens "de direita" como os defensores da "ordem", da "tradição" e da autoridade, ou como os homens apegados à segu-

rança pessoal e ao seu padrão de vida, não vejo como equiparar esse tipo de homem com os inquietos e efervescentes fascistas, descendentes de Sorel e de d'Annunzio, que só se propunham viver na constante exaltação dos valores da vida, realçados pelo constante perigo.

Ora, por uma dessas aberrações culturais de nosso bravo século, é justamente esse exaltado, quase diria esse desordeiro ou esse aventureiro por sede e fome de vida, que será apontado como extrema-direita. Reciprocamente, não haverá para os homens ditos de esquerda melhor título do que antifascista.

Em seu *opus magnus*, traduzido em várias línguas (4), Jules Monnerot descreve muito lucidamente "as variáveis e constantes do fascismo" (pág. 589). E na página 593 diz:

O fascismo, para contornar a carência de uma oligarquia política em posse de um estado, promove uma elite sobressalente, aparentemente improvisada, e *toma emprestado os processos subversivos do adversário principal*, o comunismo, com o qual está sempre num processo de osmose: muitos homens em poucos meses passam de um para outro desses supostos extremos. (...) O fascismo é característico de uma sociedade predominantemente industrial de mobilidade social fraca. E deriva o caráter "revolucionário" (rápido, violento) dos fatos de circulação das elites que constitui. Os liberais e os marxistas propagaram ou deixaram propagar a ideia de que o "parti" fascista é um partido conservador, um partido de direita (*etc*). Convém proceder à constatação contrária.

Voltemos ao livro de Yves Simon na página 85, onde o autor se refere ao motim de 6 de fevereiro de 1934, que deixou vinte e dois mortos na noite gelada da Praça da Concórdia. Diz Yves Simon que a situação parecia favorável ao estabelecimento do *fascismo* em França. Essa afirmação soa-me como um irrealismo de delírio, ou como a de alguém que me explicasse as guerras do Peloponeso em termos direita-esquerda, e me dissesse que os espartanos eram homens "de direita". Mas o mais bizarro é o que nos diz depois:

Teria sido vantajoso conseguir que os católicos marchassem *como um só homem* (grifo meu) em favor do golpe de estado projetado (?) contra as liberdades democráticas, e era possível esperar que se realizasse facilmente a unanimidade católica, já que se oferecia uma oportunidade de comer o maçom, como no tempo do *Affaire Dreyfus*. Mas alguns católicos tinham compreendido que o prazer de comer o pedreiro-livre não devia sobrepujar o bem comum da pátria Um manifesto, *Pelo Bem Comum*, assinado por 52 escritores católicos...

Não, digo eu: assinado por 52 "intelectuais" católicos.

... bastou para demonstrar que a França cristã não permitiria que sua causa se identificasse com a do fascismo. (5)

E aí está, nessas poucas palavras de um honrado filósofo tomista transmutado em "intelectual" assinador de manifestos, um dos mais fantásticos exemplos do irrealismo político, ideológico e histórico a que se deixaram levar os intelectuais que viveram numa perpétua "*journée des dupes*".

O que realmente aconteceu em 6 de fevereiro de 1934 foi o seguinte: a exaltação de umas cabeças quentes (algumas das quais pagaram com a vida esse delírio), ativada com o escândalo Stavisky, ofereceu uma oportunidade realíssima que logo se concretizou no *Front Populaire*, que é, nem mais nem menos, o começo da derrota da França em 1940. E é o próprio Yves Simon, santo Deus!, quem nos diz das nuvens estas palavras verdadeiramente aladas, embora num sentido um pouco afastado do que lhe dá o Rapsodo:

Mas o mais importante dos resultados políticos imediatos do 6 de fevereiro foi a formação do *Front Populaire*. Antes dessa jornada trágica, o perigo fascista nunca tinha sido levado a sério.

Em 6 de fevereiro as ligas fascistas se mostraram capazes de tentar um golpe de estado, e até de efetivá-lo. Em presença de uma ameaça tão clara, todas as forças antifascistas de França compreenderam que era tempo de cessar suas dissensões e de realizar a unidade de ação que as forças antifascistas da Alemanha não conseguiram. (6)

É espantoso o ilogismo de Yves Simon, que nos fala como se a França, que teve a felicidade de reunir as forças antifascistas, tivesse invadido e vencido a pobre Alemanha, que não conseguira a mesma salutar união.

Na realidade — realidade espessa, áspera, pegajosa e vagamente fétida, realidade que escapa sempre à percepção dos intelectuais católicos de esquerda — o que aconteceu foi o seguinte: capitalizando, como de costume, a exaltação (fascista?) de 6 de fevereiro, os socialistas e comunistas se coligaram para a desgraça da França e do mundo com o apoio dos 52 ingénuos que julgavam salvar a França no momento exato em que contribuíram para abrir as comportas da torrente revolucionária, e assim liberar o monstro que tem a singularidade de se nutrir de fantasmas, de esquemas irrealis e de categorias de delírio.

Um notável filósofo tomista não consegue ver o óbvio, o fulgurante, porque usa uma álgebra política com o sinal (—) diante do parêntese que encerra os fatos. Tudo muda de sinal, e o filósofo gaba a sagacidade de uma França idealmente vencedora em face da parvoíce de uma Alemanha idealmente derrotada. E quando cai em si e esbarra na grossa e dura notícia do dia, então *bon sang de bon*

sangl, sente-se obrigado a procurar nós socavões da História quem desarmou a França e quem a precipitou na catástrofe de 40.

Quem desarmou a França?

O mesmo filósofo confessa seu estupor diante do resultado que vê em 1940 e 41, quando relembra os trunfos que a França tinha poucos anos atrás, e perdeu.

... A França tinha ainda sobre a Alemanha uma esmagadora superioridade militar. Tinha aliados poderosos e fiéis, possuía os instrumentos jurídicos necessários para tornar impossível o rearmamento alemão. Bastava-lhe *querer*. A menor resistência francesa encontraria poderosos apoios na Alemanha. Para que o nazismo tivesse a mínima *chance* de impor à Europa e ao mundo sua "nova ordem", era preciso que a vontade nacional do povo francês fosse tomada de estupor. A tarefa parecia irrealizável. (...) Os acontecimentos provaram que era possível enfraquecer a resistência moral dos franceses até conseguir que abandonassem, uma por uma, todas as garantias de segurança que os tratados lhes haviam dado. (?)

Perguntemos: de que quadrantes vieram as correntes que enfraqueceram a resistência moral dos franceses?

Na página seguinte o próprio Yves Simon, abrindo um parêntese para formular um lema de filosofia política, deixa entrever a dialética interna da tragédia da França. A França morrerá de "sínistríte mielóide aguda". Eis o que nos diz o filósofo, agora em tom especulativo e teorizante:

É inevitável, e até certo ponto normal, que as pessoas que mais se interessam pela segurança nacional sejam as que menos se interessam pelo progresso social, e reciprocamente. (...) Esta divisão de trabalho não resulta apenas de uma diferença de temperamentos: é fundada num conflito real entre os fins perseguidos. (8)

Ora, não há nenhum conflito real entre as duas perfeições exigidas por qualquer corpo político que, em vez de antagônicas e inconciliáveis, são complementares. Os alunos de nossa Escola Superior de Guerra sabem há mais de vinte anos que o conceito de "segurança nacional" inclui necessariamente o cuidado da interna justiça social. Por outro lado, não haverá boa estrutura de justiça social onde faltar o sentimento e a virtude do patriotismo e, principalmente^ onde, para os operários, o sentimento de classe prevalecer sobre o sentimento pátrio. Yves Simon fez a clivagem entre dois termos mais conjuntos do que opostos, porque se deixou levar pelo jogo E-D,

que conduz invariavelmente a esses antagonismos por razões profundas que mais adiante veremos.

O que é curioso, no caso, é o fato de tão ilustre filósofo não desconfiar de que, com este pseudo-lema de filosofia política, ele tem a resposta para o enigma do estupor que paralisou a vontade francesa. Disse Yves Simon que à França "bastava-lhe querer". Mas num corpo político, como Yves Simon sabe melhor do que nós, o "querer" se diz mais diretamente e mais propriamente dos que governam. Ora, o governo que acaba de "salvar" a França de um "golpe fascista" em 1934 é um governo de pura esquerda. Cobia-lhe querer a segurança nacional, em face do ameaçador e febril rearmamento alemão; mas, por uma congênita impotência proclamada por seus próprios mandarins, há entre as esquerdas e a segurança nacional um real conflito, e um invencível antagonismo.

Por aí se vê que, na sua própria lógica — se lógica há nesse jogo de binários que mais se presta para computadores do que para filosofia — Yves Simon cooperou com outros 51 "intelectuais" franceses para unir as forças antifascistas, isto é, para entregar a França àqueles *que não podem querer salvá-la*, O resultado é conhecido.

Como, porém, Yves Simon faz uma inexata referência a Henri Massis (9) (de quem estava separado pelo oceano, pela guerra e pela condenação da *Action Française*), valho-me aqui do próprio Massis (falecido há dois meses) para trazer mais um esclarecimento sobre quem foi ou quais foram os homens que desarmaram a França desde 1934. É na revista *Esprit* de abril de 1935 (10) que encontramos esse esclarecimento impressionante, diria até inacreditável.

É o próprio fundador da revista, Emmanuel Mounier que, sob o título *Corrida Armamentista*, apresenta uma *Carta da Alemanha* de seu correspondente em Berlim.

Na sua introdução, Mounier declara que, diante da aproximação da tempestade, "sentiríamos um intolerável mal-estar se não levássemos este testemunho diante da mentira universal". Eis aqui o testemunho:

Há, sem dúvida, na Alemanha-, quem queira a guerra e muitos que a preparam pacientemente. Pode-se entretanto afirmar, sem otimismo ridículo, que os alemães em massa aclamam o Führer porque ele lhes devolveu o sentimento de sua honra (!!!) e porque *soube impor ao unu verso as mais legítimas exigências da segurança e da igualdade jurídica do povo alemão*. Releiam a proclamação do governo. Nem uma palavra de ameaça ao estrangeiro, nenhum apelo ao imperialismo, à expansão, à desforra. Hitler não invoca, em todo o caso, nenhum conceito obscuro e se coloca resolutamente *no plano do direito puro*.(11)

As exclamações são nossas. O enviado de Emmanuel Mounier, fundador da revista *Esprit* (1932) e universalmente apontado como uma das colunas do neocatolicismo progressista, insiste em proclamar a sinceridade de Adolf Hitler, que chama de Führer: "E por que recusar sempre o crédito à boa fé humana?" E assim, patético, roçando o sublime, o expoente do catolicismo francês de esquerda de 1935 continua:

Quem nos dará um novo São Luís que, enfrentando o mundo, e confiando na justiça de Deus acima de tudo, ousasse abrir crédito à paz e, diante do rearmamento alemão, respondesse sempre com a única arma eficaz, isto é, com o desarmamento integral e sem restrições, (...*et sans arrière pensée*).

E, se preciso fosse, se um dia, em consequência de um tal gesto, ou pela simples consequência aritmética de seu malthusianismo, a França (que nada tem de eterno) viesse a desaparecer da face da terra, quem, sim, quem não preferiria essa responsabilidade à mais direta cumplicidade no crime de direito comum que seria uma nova guerra?

Nesse meio tempo, Robert Brasillach vai também a Berlim, entusiasma-se com as manifestações nazistas, impressiona-se com a figura insignificante e *triste* de Adolf Hitler e volta à França convencido de que aos franceses é que competia tal exaltação. "*Et pourquoi pas nous!*"

No jornal *VAction Française*, Charles Maurras não se cansou de gritar: "Armons! Armons!"

Mas em 1944, quando a França resolver punir seus "traidores", os colaboradores de *Esprit* e os comunistas estarão com a lança e o gládio; Maurras, o último soldado da França, será condenado à prisão perpétua com mais de 80 anos; Robert Brasillach será fuzilado como "colaboracionista"... Mais adiante voltaremos a falar na *Épuration*. No momento queremos frisar a cegueira de honestos intelectuais católicos que se deixaram envolver no jogo E—D e perderam a rudimentar capacidade de ver um palmo adiante do nariz.

Ainda a cegueira dos "intelectuais" católicos franceses envolvidos no jogo E—D

Voltemos a *Le Paysan de la Garonne* e retomemos, na página 45, a tentativa que faz Maritain de definir o binário tipológico, agora ilustrado alegoricamente por dois arquétipos, os *Carneiros de Panurge* e os *Grandes Ruminantes da Santa Aliança*. Não vejo nessas figuras nenhuma ajuda à imaginação, e muito menos à inteligência, e por isso volto à denominação "esquerda" e "direita", que ao menos tem

a vantagem da concisão. Vejamos agora o que nos diz Maritain além do que já disse em páginas antigas, atrás comentadas.

Note-se, de início, que as denominações alegóricas se aplicam declaradamente aos extremismos de direita e esquerda. Maritain demonstra visível mal-estar diante de um e de outro, sem dizer qual dos dois mais detesta. Mas, logo abaixo, lemos esta quase declaração de simpatia, derivada de uma caracterização que vale a pena analisar: "os *moutons* (extremistas de esquerda) fazem geralmente triste figura em matéria filosófica ou teológica, mas em compensação, em matéria política e social, seu instinto os empurra na direção da boa doutrina, que a seguir eles estragarão ora mais ora menos".

Com os "extremistas de direita" dá-se o contrário; e Maritain acrescenta "que se sente menos longe dos primeiros quando se trata das coisas de César, e menos longe dos segundos (*hélas!*) quando se trata das coisas de Deus." Consideremos antes de mais nada a tonalidade, a configuração geral da dialética desta passagem revelada por esse curioso *hélas*" encaixado entre parênteses. A página, como está escrita, nos autorizaria a concluir que afastam mais de Maritain as discordâncias nas coisas temporais do que as discordâncias nas coisas religiosas. Ou, se quiserem, que mais o aproximam e o atraem as concordâncias nas coisas de César do que as concordâncias nas coisas de Deus.

Mas nós todos sabemos, abundantemente, por todos os livros que escreveu e por muitas coisas da vida que viveu, que esta conclusão seria falsa, não porque estejamos a raciocinar mal, mas porque sabemos que é o próprio Maritain que se compromete no uso de um esquema infeliz, ou melhor, de um esquema que foi posto em circulação para confundir os espíritos.

A lógica se restabelece quando no "*hélas!*" descobrimos uma espécie de sinal remissivo que mais adiante, na hora de definir o "integrismo", nos traz o esclarecimento dessa página. O termo "*hélas!*", encaixado como um muxoxo nessa comparação de esquerda e direita, já nos deixa entrever que Maritain atribui algo de falso — um apego aos interesses ou à segurança — à ortodoxia das "direitas". Mas então quebra-se o esquema, rompe-se o falso equilíbrio entre duas detestações, e o que sobra é uma inadmissível simpatia, nas coisas de César, voltada para as esquerdas; e numa razoabilíssima simpatia, nas coisas de Deus, reservada para uma outra amostragem humana da qual não se possa dizer "*hélas!*".

Concentremos agora nossa atenção para esta fantástica proposição: "Os extremistas de esquerda são medíocres filósofos ou teó-

logos, MAS EM MATÉRIA POLITICA O INSTINTO OS EMPURRA NA DIREÇÃO DA BOA DOUTRINA". Ao pé da página temos esta citação de Claude Tresmontant: "A esquerda católica, em França, tem entranhas evangélicas, mas não tem cabeça teológica".

E aí estão duas afirmações paralelas, colocadas na mesma ambiência e ambas inclinadas para as esquerdas... Dirá o leitor: "Para as coisas da terra!" Sim, mas acontece que são somente essas que interessam aos extremistas de esquerda. Quando Mounier mais tarde disser: "Com os comunistas nos negócios da terra, e com minha fé católica nos negócios do céu", ninguém duvidará um só instante de uma coisa deslumbrantemente óbvia: os comunistas não se aborrecerão com as reservas que Mounier lhes fará para as coisas do céu. O importante, para os comunistas, é *que Mounier marche; et il a marche*.

Teilhard de Chardin também inventou um esquema: "O Deus para cima dos cristãos, e o Deus para a frente dos marxistas, eis o único Deus que doravante deveremos adorar em espírito e verdade". E aqui Roger Garaudy foi obrigado a dizer *non possumus* porque admitia que o jesuíta se entretivesse com suas ideias alienantes de um Deus, mas não podia admitir que trouxesse essas ideias para a linha horizontal da colaboração católico-comunista.

Mas deixemos o alto da página, onde vemos que o termo "mouton" foi escolhido para designar o arquétipo de extremismo de esquerda. E agora, nas últimas linhas, relemos: os *moutons*, isto é, a extrema-esquerda não tem boa cabeça filosófica e teológica, "mas em matéria política e social o instinto os empurra na direção da boa doutrina". Eliminando o termo "mouton" entre as duas proposições, e deixando de lado a inaptidão para especulações filosóficas e teológicas, temos esta proposição: "A extrema-esquerda pende por instinto para a boa doutrina".

Desde logo notemos este "solecismo": se são inaptos para especulações filosóficas e teológicas, como? com que instrumento? por que via podem tender para a boa doutrina? Entenderíamos a proposição se ela dissesse: "Embora maus filósofos e teólogos, por instinto praticam atos e tomam posições práticas que se coadunam com a boa doutrina que só é perceptível para quem tenha retina filosófica ou teológica". Ou então "... por instinto tomam posições e fazem coisas que nós, filósofos e teólogos obedientes à Igreja, ou dotados de *habitus* especiais, reconhecemos como bons, segundo a boa doutrina."

Corrige-se assim a forma, mas o conteúdo de tais proposições parece-nos dificilmente conciliável com o tomismo, com o cristianismo e, sobretudo, com os ensinamentos do Magistério.

Analisemos mais detidamente o conteúdo da página em questão. O termo "extremismo de esquerda" só pode significar, dentro do conjunto de várias e gradativas esquerdas, uma perfeição no género, um máximo, um ponto limite. Se admitirmos que o termo "esquerdas" designa uma coisa homogênea em todas as suas gradações, admitiremos *a jortiori* que as esquerdas medianas e tímidas já satisfazem a norma de pertinência do grupo. Ao contrário, se concluirmos que a denominação é equívoca, e não se refere à mesma coisa realizada em graus diversos de perfeição, deveremos renunciar a qualquer digressão que use o termo "esquerda", ou então deveremos exigir uma definição para "esquerda" e outra para "extrema-esquerda".

No uso corrente, "extrema-esquerda" significa comunismo ou socialismo marxista, e nesse caso fica esquisitíssimo para um católico qualquer, e por mais forte razão para um grande filósofo tomista, dizer que "os comunistas tendem por instinto para a boa doutrina". Estritamente, já que realiza a extrema perfeição do género, o comunismo só poderá tender para o esplendor de suas virtualidades.

Afrouxando um pouco o rigor lógico, concederíamos que o autor de *Le Paysan* queira apenas dizer que a "esquerda" (e não a extrema-esquerda) pende por instinto para a boa doutrina. Mas ainda assim estamos num impasse porque não vemos bem para que lado pende por instinto o possuidor das entranhas evangélicas. A nenhum de nós, evidentemente, ocorrerá a fantástica ideia de que os franceses *de gauche*, por instinto, ou pelos instintos, tendem para posições sempre mais nitidamente anticomunistas. A história dos últimos 40 anos prova, ao contrário, que a coisa chamada *gauche catholique* precipitou-se, numa enxurrada catastrófica, na direção daquilo que nós aqui no Brasil, e em Portugal, chamamos comunismo. Será isso a "boa doutrina"? Estará nos comunistas realizada com maior perfeição o que Tresmontant chamou de "*entrailles évangeliques*"?

Achamos difícil imaginar que toda uma zona de cultura católica possa pronunciar discursos, escrever revistas e livros sobre o fenómeno designado "esquerda" sem ter presente no campo visual a brutalidade que ocupa a metade do mundo e que foi objeto de inúmeras advertências e condenações dos últimos Papas. Como explicar que em 1965 um dos filósofos católicos mais inteligentes do século tenha dito, contra a lógica, contra a evidência dos fatos e contra o ensino da Igreja, que os homens da esquerda tendem por instinto "*vers la bonne doctrine*"? Como explicar esse lapso espanoso?

O mundo inteiro sabe hoje que a infiltração marxista nos meios católicos foi um dos principais fatores que produziram a desastrosa crise que o Papa já qualificou de "autodestruição da Igreja". Como explicar que em 1965 Jacques Maritain e Claude Tresmontant igno-

rem o que qualquer pessoa no Brasil sabe e conservem a candura de atribuir às esquerdas generoso instinto político e entranhas evangélicas? Como explicar que em 1965, na hora de interrogar sobre o terremoto e o incêndio que vêm, esses dois intelectuais não se lembrem do que fez Emmanuel Mounier, a revista *Sept*, e a seguir o que fizeram os Montuclard, os Mandouze, os Leuret, os Desroche, e o que fizeram os comunistas e católicos de *gaúche* na *Résistance* e depois na *Épuration*!

Aqui no Brasil nós sabemos que a pregação de *Economia e Humanismo* do Pe. Leuret, e dos dominicanos contaminados, levou o Pe. Francisco Lage ao marxismo e ao comunismo militante. Sabemos que foi essa infiltração que transformou o Convento de Perdizes, dos frades dominicanos, em quartel-general do guerrilheiro Marighela. Sabemos que moças egressas de tradicionais colégios católicos se transformaram em salteadoras de bancos, amantes de comunistas e culpadas de assassinatos de inocentes policiais. E para maior estridência do escândalo, e para maior evidência da fonte de inspiração, temos um arcebispo a esvoaçar pelo mundo inteiro e a pregar uma espécie de socialismo em favor do qual é belo e meritório o ato de sequestro e assassinato de reféns.

E agora sabemos que todas essas monstruosidades começaram principalmente na monumental impostura da *gaúche catholique*, escorada na não menos monumental candura de pensadores e filósofos que até 1965 ainda ignoram e ainda prestigiam as famosas "esquerdas". Como explicar tão prodigioso equívoco?

Creemos que o mistério se elucida, ao menos em parte, quando começamos a entrever as consequências produzidas pelo jogo, ou pelo "solecismo cultural" E—D, numa civilização predisposta para as "filosofias da inimizade". (11) O efeito produzido, sobretudo nos "intelectuais", é o da censura psicológica denunciada por Jules Monnerot. (12) Para entendermos melhor o mecanismo desse processo, precisamos aprofundar um pouco mais o sentido psicocivilizacional do jogo E—D. Convido o leitor a esse trabalho, fastidioso, mas indispensável.

Um símbolo profundo escondido

Todos nós sabemos que os termos "esquerda" e "direita", com conotação de antagonismo político, tiveram origem histórica na disposição das bancadas parlamentares. Daí em diante, por um conhecido processo semântico, os termos desligaram-se das significações primeiras e passaram a denotar mentalidades, cosmovisões em forte anta-

gonismo. O fenômeno linguístico não é raro, nem mereceria maior atenção, se não estivesse associado à mais apaixonante controvérsia ideológica do século, atuante como gerador de equívocos e molas de censuras, na cultura mais orgulhosa de sua lucidez em todo o Ocidente.

Este fato de estar uma metáfora tão vigorosamente ligada a um drama de dimensões planetárias nos leva a desconfiar da gratuidade ou da casualidade da escolha dos termos. Sabemos hoje que há metáforas leves, destinadas a produzir aproximações inesperadas, centelhas poéticas que nos induzem a apreciar a maravilhosa solidariedade de todas as existências, e outras metáforas densas, maliciosas, inventadas para ocultar algum símbolo profundo com que entretemos algumas de nossas "mentiras vitais".

Desconfiamos que o jogo E—D esteja nesse caso, e em vez de dizer *cherchez la jemme*, diremos *cherchons le symbole*.

Os termos "esquerda" e "direita" são adjetivos aplicáveis a qualquer par de coisas simétricas, e destinados a significar, cada um deles, mais uma relação do que uma coisa. A primeira reclamação que Jules Monnerot faz do uso e do abuso do binário é justamente a da coisificação do que só se deveria entender como uma pura relação. (13) E qual será a razão desse "solecismo político"?

Parece-me que descobriremos a pista do segredo se lembrarmos que os termos posicionais, significadores de uma simetria no espaço, muito antes de existirem bancadas parlamentares, têm sua primeira e direta significação adjetiva aplicada às duas mãos do homem. E tão unidos estão a esses substantivos, tão profunda é essa primeira associação, tão imediata é a adjetivação que logo facilmente se substituíam os dois adjetivos e, assim substantivados, absorvem totalmente o nome da coisa, ou com ela se identificam. "Direita" não será então apenas a qualificação posicional *desta mão*, é o seu nome, é ela própria. No dicionário de Aulete o termo "direita" é logo, primeiramente, apresentado como "substantivo feminino". Em latim e em grego observa-se a mesma forte tendência à substantivação dos termos "*dextera*" e "*sinistra*" ou *dexiós* e *aristerós*.

Ora, em todos os nossos dualismos nenhum há em que, pela força de sua simetria, tão veementemente e tão visivelmente se oponham e se componham as duas partes; nenhum há que tão instrutivamente nos inculque as vantagens e a necessidade de uma integração. A mão esquerda e a mão direita, como todas as formas simétricas, são formas geométricas iguais mas de incompatível superposição. Não posso na mão esquerda calçar a luva da direita a menos que faça meu braço girar cento e oitenta graus dentro de uma quarta dimensão do espaço. Que quer isto dizer? A frase "... girar o braço pela quarta dimensão" não tem nenhuma significação física; é apenas a generaliza-

ção lógica de uma propriedade dos entes de razão matemáticos. Se o leitor quiser entender melhor essa ideia, trace num pedaço de papel a figura de dois triângulos simétricos, recorte-os com a tesoura e verá que não conseguirá superpô-los enquanto mantiver esses dois entes geométricos de duas dimensões no seu espaço de duas dimensões, o plano. Para conseguir a superposição, a identificação posicional, será preciso tirar um deles do plano e, graças à terceira dimensão de que dispomos, deitá-lo sobre o plano com a outra face sobre o triângulo que permaneceu no plano. Generalizando, direi que duas formas simétricas de n dimensões só se superporão graças a um rebatimento por um espaço de $n+1$ dimensões.

Deixemos o mundo fantasioso dos entes de razão e voltemos às nossas mãos. Ei-las: sua igualdade simétrica é um desafio e um convite. Estamos diante de uma contraposição feita para composição, ou de uma disjunção que pede conjunção. A diferença na igualdade é um incentivo para a união, para a complementação e para a colaboração.

Nós sabemos, nas profundezas de nossa alma, que nosso eu está sempre ameaçado de uma disjunção, de um mal-estar, de uma inimizade interna, semente e modelo de todas as inimizades exteriores. O mais profundo de nossos instintos é o da unidade pessoal reforçado e aguçado pelo sentimento da unicidade do eu. A vida nos solicita, nos desafia, e em cada uma de suas arestas nos fere e nos quer dilacerar, e os outros nos chamam, nos pedem, nos comem. Aprendemos com a vida e com os outros, se alguma coisa aprendemos, a lição paradoxal, a lição quase absurda das leis do amor. Cabem em duas palavras: integridade difusiva. Só é difusivo, capaz de plena vida de conhecimento e amor, só é capaz de entrega, dom de si mesmo, difusão de seu ser e de seus dons, quem em si mesmo e consigo mesmo estiver bem integrado. Em outro lugar (14) já vimos que nosso relacionamento com os outros é homólogo do relacionamento que temos em nosso próprio eu: amamos e desamamos o próximo conforme nos amamos e desamamos a nós mesmos. B do supremo mandamento: "Amar a Deus, e ao próximo como a ti mesmo" que Santo Tomás (II^a II^{ae}, q.26, a.4), tira a ordem da caridade, e que tiramos nós a lei de sua difusão em conformidade com sua integração. Mas a perfeita integração que capacita a alma para a perfeita difusão de amor só se obtém se nosso próprio eu procura em Deus, e não no seu eu-exterior, a fonte de todo o verdadeiro amor. O amor-próprio, ou egoísmo, cicatriz do pecado original, cisão do

eu, está na raiz de todos os descomedimentos humanos. De todos os pecados. Nosso tempo, por causa de sua atmosfera civilizacional, é especialmente marcado por uma terrível abundância de eus em avançado processo de desintegração. E as energias liberadas por essas desintegrações atômicas enchem de letal egoísmo, de essencial inimizade, a atmosfera de nossa civilização. O mundo morre de desamor. E as filantropias que inventa são a mais cruel forma desse desamor.

Ora, está em nossas mãos, nesta, naquela, na direita, na esquerda, duas, duais, diversas, iguais e inconciliáveis no espaço, simétricas —• está em nossas mãos a figura exterior mais eloquente de nosso drama interior. Separadas, alheias, diversas, duas, duais, devem complementar-se diligentemente para a obra comum: vede o artifice como sabe bem explorar e conjugar o bom dualismo quando a esquerda segura a peça enquanto a direita busca o instrumento; vede o pianista como distribui as partes da mesma música nas duas mãos espalhadas, ora afastadas como se se desconhecêssem, ora aproximadas como se quisessem na obra comum encontrar a tão desejada integração. Vede como se afastam ou se juntam nos sinais da amizade. Mas é no rebatimento que realiza numa espécie de quarta dimensão que nossas pobres mãos divididas, duas, duais, conseguem docemente realizar o gesto perfeito de súplica e de adoração. Mas devem afastar-se, abrir-se, ignorar-se, esquecer-se cada uma de si mesma, na hora de dar: "*nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua.*" (Mat. VI, 3)

E o símbolo do jogo E—D? O símbolo escondido na persistente e difundida metáfora, que tumultua um século, está agora desvendado. Denunciemo-lo. O sucesso da metáfora e a violência de sua aplicação e sobretudo a sua capacidade de confundir, mentir e falsear se explicam pelo humanismo que Maritain em *Humanisme Integral* chamou de *humanismo antropocêntrico*, e nós (na mesma linha de ideias) preferimos chamar de humanismo antropeocêntrico. (15) Ou se explicam por todo um processo civilizacional aberrantemente afastado de Deus e gerador de inimizades. Os homens quiseram-se bastar, pretenderam desvincular-se de todas as "alienações", e nesse ato de suprema soberba produziram um humanismo que só tem consciência de sua interna inimizade, e fabricaram um mundo novo que rapidamente se aproxima do modelo dos institutos para alienados.

O símbolo da antítese esquerda-direita está no secreto desejo de rasgar o homem. O século disputa a hegemonia da nova civilização e disputa com a Igreja a posse do filho, preferindo-o rasgado em dois como a falsa mãe desvendada pelo rei sábio.

E aí está. O binário E—D pertence ao léxico das filosofias da inimizade que vêm no homem, de Hobbes a Marx, o irreductível, o inconciliável inimigo do homem.

Não contestarei, evidentemente, a validade de esquemas no domínio da caracterologia, e até, se quiserem, a validade de binómios tipológicos que indiquem oposições de inclinações temperamentais. Poderíamos, por exemplo, colocar na Esquerda as pessoas que por índole se dedicam a obras sociais, à enfermagem, ao ensino primário etc. e colocar na Direita as pessoas que, por índole ou feitio do corpo, se dedicam à cirurgia, à carreira militar ou ao Corpo de Bombeiros.

Esse esquema tipológico poderia ser desenvolvido por algum estudioso, mas duvido de que alcançasse o sucesso e o vigor do jogo E—D, que encheu todo um século de equívocos e ódios. E por quê? Porque o jogo E—D tem seu motor naqueles elementos intrinsecamente maus incluídos entre outros que são intrinsecamente bons, dependendo todavia do uso que deles fazemos.

Voltemos atrás e reconsideremos as categorias confrontadas nas colunas Esquerda e Direita. Há no lado E um elemento: *o anarquismo*, que é intrinsecamente perverso por ser, não apenas a contestação das sociedades de direito natural que não se sustentam sem o princípio da autoridade, como também a contestação disfarçada da Autoridade suprema. Ao lado do *anarquismo* vemos o revolucionarismo, que é a dinâmica do anarquismo. A mística do revolucionarismo é essencialmente uma mística de inimizade, de constestação, de ruptura com o passado, de recusa de qualquer paternidade. O revolucionário místico, como já vimos em outro lugar, (16) não é apenas o espírito ferido pelas injustiças sociais e desejoso de um mundo *aperfeiçoado*; é essencialmente um negador que quer a estaca zero, o recomeço de um mundo *mal venu*, como dizia Van Gogh a seu irmão.

No mesmo lado E, representando a realização histórica em vigor da mística anarquista e revolucionária, está o comunismo marxista, sem o qual o jogo E—D perde o seu princípio interno de inimizade, e logo perderia sua força externa de perturbar, mentir e confundir. E é a presença desse jogo E—D na atmosfera cultural de nosso século que explica, de um lado a "censura" e a cegueira para as coisas concretas de filósofos do nível de Maritain e Yves Simon, e de outro lado a enxurrada de secularização e de apostasias. Mais adiante voltaremos, com apoio em Henry Bars, ao problema dos "dois Maritain" mas desde já quero frisar que há uma enorme injustiça na equiparação e no paralelismo que os próprios "progressistas",

como Adrien Dansette traçam entre Maritain e Mounier. O segundo foi realmente um dos precursores de tudo isto que aí está. Sua vida concentrou-se toda no sinistrismo católico, enquanto Maritain só acidentalmente, e descontinuamente, interrompeu sua grande obra de permanente tomismo, e teve atuação nos meios de esquerda. Atuação infeliz, para a qual faltou-lhe tantas vezes a pequena sabedoria do bom senso familiarizado com as obscuridades inteligíveis do contingente e do efémero.

O jogo E—D foi um jogo falseado e falsificador

Sim, um jogo falseado, e posto em circulação pela torrente do anarquismo revolucionário. Não há nos binómios que fazem parte do jogo a simetria de peças e regras como no xadrez, ainda que umas peças sejam brancas e outras pretas. *A rigor não há "esquerda" e "direita". Historicamente, como feixe de linhas-de-história, só há "esquerda". A "direita" não existe como corrente histórica. Ela passa a existir como coisa designada e apontada à execução pela "esquerda".*

Abstratamente podíamos imaginar a possibilidade de existir na civilização sumeriana, na Gália ou na Islândia primitiva tipos humanos temperamentalmente e espiritualmente divididos em torno de alguns daqueles binómios. Sempre houve, certamente, tipos mais inclinados a conservar do que a reformar, e tipos opostos; e sempre existiram, certamente, tipos propensos a acentuar o valor e a necessidade da autoridade, e tipos opostos, propensos a ver na autoridade mais os defeitos da miséria humana do que as perfeições que são reflexos das perfeições de Deus. Admitamos que na Suméria e na Islândia o desgosto da autoridade, em certos indivíduos, chegou a ver nela um mal, e na anarquia um ideal. Mesmo assim eu não diria que houve na Suméria, ou entre os Incas, o binómio E—D. Porque não é somente a presença de tais ideias e valores, e o seu uso por algumas pessoas, que faz existir o jogo E—D.

Esse jogo de binómios, como abundantemente o tivemos, só começa a existir quando aquelas ideias e valores *formam corrente histórica*. Enquanto permanecem avulsas e raras, o jogo não começa, porque o jogo E—D não pode ser jogado entre 2 ou 20 pessoas. Ele se processa e só pode processar-se quando ganha dimensões de disputa civilizacional.

No século em que vivemos não são 3 ou 3.000.000 de pessoas que formam a E inicial que dá partida ao jogo: é todo um estuário de erros, desatinos e desacertos de quatro séculos que produziu certas "formas históricas" particularmente virulentas e capazes de pôr em movimento o perturbador binário.

Jean Madiran viu com grande lucidez esse aspecto da trapaça intelectual que atingiu principalmente o povo mais inteligente do mundo, e escreveu um livro (17) que dedica todo o capítulo II a esse problema.

E eis o que diz Madiran:

A distinção entre a esquerda e a direita é sempre uma iniciativa da esquerda, feita pela esquerda e em proveito da esquerda. Há uma direita na proporção em que uma esquerda se forma para designar a direita e a ela se opor: o inverso nunca se dá. Os que instauram e põem em funcionamento o jogo esquerda-direita, logo se situam na esquerda de onde delimitam a direita para combatê-la e excluí-la. Num segundo momento, a direita, assim designada e apartada, arregaça as mangas, nunca muito depressa nem com muita disposição, e então se organiza, se defende, contra-ataca e às vezes consegue vitórias...

Por isso, será "de direita" aquele que a esquerda designa ou denuncia arbitrariamente como tal: o inverso não é verdade, não existe. A arbitrariedade do processo se explica, ou se impõe, já que o jogo esquerda-direita, que mais exatamente deveria chamar-se *esquerda-contra-direita* é inventado, conduzido e julgado sempre pela esquerda, jamais pela direita.

A direita sabe ou sente que se submete sem poder fixar ou modificar as regras do jogo. A própria extrema-direita, quando não está contente com M. André Tardieu ou com M. Paul Reynaud, dirá que eles cedem às esquerdas, que aplicam seus programas, ou até dirá que traem. Jamais dirão que M. Tardieu ou M. Reynaud se tornaram homens da esquerda. E por quê? Porque a direita não se julga com títulos nem com a possibilidade de colar o rótulo nos frascos. A esquerda, ao contrário, senhora e árbitro do jogo que inventou e iniciou, relega para as direitas quem ela acha que deve relegar, e como e quando lhe parece oportuno e conveniente.

Duas páginas adiante, no mesmo livro que teríamos a tentação de transcrever inteiro se não estivéssemos nós comprometidos com o nosso próprio livro, Madiran aborda o problema da correlação entre as esquerdas e as injustiças, e aí nossa concordância não é perfeita. Estivéssemos um diante do outro, para prazer maior meu, e ambos na Idade Média, a exuberante palavra de Madiran seria interrompida por mim nos moldes escolásticos: "nego", "concedo", "distingo".

Madiran chega a conceder que a esquerda se constitui para combater a injustiça, mas logo adverte que não é bom o seu método de combater as injustiças. Na página 31 lemos:

A esquerda e o cristianismo lutam ambos contra a injustiça, e algumas vezes contra a mesma injustiça, mas nunca da mesma maneira, ressalvada a hipótese de uma contaminação do método cristão pelo método de esquerda.

Eu hoje posso dizer que conheço bem o vigor com que Madiran defende a Igreja e a Civilização contra o Monstro, e sei perfeitamente que ele não é inclinado a concessões e a meios-termos emolientes. Mas neste caso não concedo o que ele concede. Não, a esquerda propriamente dita jamais lutou contra a injustiça ou pela justiça; mas frequentemente lutou contra os que, por assim dizer, lhe fazem o favor de praticar certas injustiças. É melhor usar o termo próprio: as esquerdas aproveitam as injustiças, vivem das injustiças, para manter em movimento os dois cilindros da motocicleta do progresso na direção da luta de classes.

Mas, antes que o leitor grite que assim eu exagero, corro a prestar um esclarecimento: há nas esquerdas definidas como corrente histórica de inspiração anarco-socialista, ou comunista, duas espécies de membros: os positivos e os negativos. E *honni soit qui mal y pense*. Os positivos são os da esquerda propriamente dita; os negativos são os simpatizantes, os incautos, os cândidos, *ceux qui sont dupes*. E esses, efetivamente, entram na caravana com a vaga e mole ilusão de estarem combatendo uma injustiça; mas esses mesmos, na maioria dos casos, estão buscando *ser alguma coisa*, ou tentando acalmar algum ressentimento familiar. Os outros, os positivos de esquerda, usam as abundantes injustiças, mas o que os move é sobretudo uma paixão de impor ao mundo uma forma nova, uma Ideia. E a vontade de poder. E não há mais violenta paixão do que essa de ver realizada, materializada, e funcionando, uma Ideia emanada de nossa mente criadora. Eu, que já inventei órgãos eletrônicos, e outras coisas de meu primeiro ofício, posso imaginar a violência da paixão que deseja realizar uma Ideia, quando essa Ideia em vez de envolver resistores, capacitores e transistores, envolve gente, crianças, mulheres, velhos, instituições, edifícios e todo o vistoso trem de uma civilização.

É ingênuo estabelecer qualquer paralelismo entre o ideal desses ideólogos e a cálida justiça tão apetecida pelos corações normais. Os agregados, os negativos, frequentemente ingênuos e até imbecis, podem ser levados ao sinistrismo por algum anseio de justiça, embora seja hoje difícil admitir a ingenuidade nessa matéria.

Estou pensando aqui em dois personagens de Roger Martin du Gard, Jacques Thibault e Meynestrel. Relendo as páginas do grande romance, lembrei-me de uma carta de Mareei de Corte, publicada anos atrás, onde o filósofo belga dizia que nada há mais cruel do que esse amor abstrato dos socialistas. Tolstoi e Henri Troyat, em *Ana Karenina* e *Tant que la Terre Durerá*, também souberam dar realce a essa dualidade de tipos revolucionários, o positivo, possuído pelo cruel amor abstrato, e o negativo que adere à Revolução por

um vago sonho de justiça, ou por algum desejo de ferir o pai. Retocando uma frase de Jean Lacroix, poderíamos dizer "la gaúche est le meurtre du père".

E aqui, neste tópico que trata dos que são atraídos pela "Esquerda" por um real embora perturbado anseio de justiça, não posso esquecer a admirável figura de Simone Weil que vejo, levada pelo mais monstruoso dos equívocos, fazendo a mala e tomando o trem para lutar ao lado dos *rouges* na Espanha. Durou pouco seu entusiasmo e sua febre, que mais se alimentava de 50 séculos de dor de todo um povo do que de 1 século de disparates franceses. Pobre grande judia! Na primeira expedição organizada para matar um "cura" pela simplíssima razão de ser "cura", Simone Weil se dispõe a dar sua própria vida pela do cura, mas não chegou a realizar o sacrifício porque a expedição punitiva não encontrou a vítima. Simone Weil volta à França, amargurada, e escreve uma carta a Georges Bernanos que também não suportara as experiências da guerra civil, mas jamais procurara consolo disto nas "esquerdas" que ninguém detestou com tão perfeita galhardia.

Outro grande amigo com quem Simone Weil se conforta é o admirável Gustave Thibon, que recolheu o último poema recitado com lágrimas por Charles Maurras, e que ainda hoje, não menos galhardamente, colabora na revista *Itinéraires*.

Simone Weil já terá encontrado no Céu a justiça e o amor que, por um prodigioso equívoco do século, andou algum tempo procurando entre os "possessos".

O espírito de esquerda e o espírito de direita

Gustave Thibon, que hoje milita arduamente contra a Onda, ao lado dos companheiros de *Itinéraires*, não consegue escapar ao estranho fascínio que o jogo E—D exerce sobre os franceses. No seu último livro, *Diagnostics* (18), dedica um capítulo inteiro a esse problema, e começa com estas palavras:

É fácil definir o homem de esquerda como um invejoso ou um utopista, e o homem de direita como um satisfeito ou um "realista". Essas fórmulas nos ensinam pouca coisa sobre a verdadeira diferença interior entre esses dois tipos da humanidade.

Tentemos ver melhor. Se evocarmos em cada campo algumas personalidades superiores (só elas serão capazes de nos fornecer a amplificação necessária à descoberta das essências), a seguinte conclusão se imporá: o grande homem de direita (Bossuet, de Maistre, Maurras, etc.) é profundo e *estreito*, o grande homem de esquerda (Fénelon, Rousseau, Hugo, Gide, etc.) é profundo e *confuso* (*trouble*). Uns <

outros possuem toda a envergadura humana: em suas entranhas se misturam o mal e o bem, o real e o irreal, a terra e o céu. O que os distingue é isto: o homem de direita, dilacerado entre uma visão clara da miséria e da desordem do mundo e o apelo de uma pureza impossível de confundir com qualquer coisa a ela inferior, tende a *separar* com força o real e o ideal; o homem de esquerda, cujo coração é quente e o espírito menos lúcido, mais depressa se inclina a confundir-los, a baralhá-los... (19)

E por aí adiante, o lúcido Gustave Thibon (ora homem de "direita", ora de "esquerda", segundo sua própria definição) se deixa levar pelas equivocidades do jogo inventado precisamente para produzi-las. Voltando às primeiras linhas do tópico citado, onde o autor se refere à "diferença interior entre esses dois tipos da humanidade", eu começo por negar aquilo que o autor de início aceita sem nenhum espírito crítico: a existência desses dois tipos da humanidade.

E curioso que todos os autores até aqui citados falam de "direita" e "esquerda" como se houvesse um unânime consenso na existência dessas duas coisas e até um unânime consenso de uma diferença em primeira aproximação; sim, falam como se desejassem analisar melhor, mais a fundo, duas coisas que todo o mundo conhece. Ora, esse pressuposto é falso. As únicas coisas que preexistem são os termos, mas na verdade a límpida conclusão a que se chega é que ninguém sabe quem é de direita e quem é de esquerda. Gustave Thibon, colaborador de *Itinéraires*, deve ser visto hoje como *un homme de droite*; mas ontem e anteontem o grande amigo de Simone Weil e dos pobres era visto como um homem de esquerda. E o que dizer de Frederico Ozanam, o admirável amigo dos pobres, autor da famosa frase que podia ser explorada um século depois pelos padres-operários: "allons aux barbares"? fi um homem de esquerda e quase diríamos de extrema esquerda; mas quando nos lembramos da atitude que tomou em 1848 e das páginas candentes e proféticas com que denunciou o "socialismo", mais depressa diríamos que é um irmão de Donoso Cortês e até ousaríamos traçar uma extrapolação em que seu pensamento viria passar na área da *Action Française*, e a léguas de distância do Sillon de um Marc Sangnier.

Insisto neste ponto: o binómio esquerda-direita é falso e falseador, e o melhor que dele se pode dizer é a denúncia de sua equivocidade tantas vezes posta a serviço da impostura. Para tornar mais claro o meu pensamento direi que uma tipologia só pode ser *dual* à custa de um brutal tratamento ou de uma escamoteação. Podemos, sem dúvida, aplicar à humanidade várias análises tipológicas, segundo várias linhas de comportamento, e podemos tirar, de cada linha de comportamento definida por dois contrários (reais ou aparentes) dois

tipos opostos E e D. Se nos entregássemos a essa fastidiosa ou divertida análise, mas nunca esclarecedora, veríamos com surpresa que muitos indivíduos classificados como *E* numa linha de comportamento são classificados como *D* em outra. O próprio Maritain, que tanto usou o esquema tipológico E—D, quando se sente embaraçado, usa o recurso de uma divisão do esquema E—D em dois: um temperamental e fisiológico e outro político. No opúsculo *Lettre sur l'Indépendance*, Maritain desenvolve a ideia e chega a admitir que

as coisas se embrulham quando os homens de direita (no sentido fisiológico) fazem uma política de esquerda, e reciprocamente Penso que Lenine é um bom exemplo do primeiro caso. Não há mais terríveis revoluções que as revoluções de esquerda feitas por temperamentos de direita; e não há mais fracos governos que os governos de direita conduzidos por temperamentos de esquerda (Luís XVI).

Tudo isto hoje me parece um jogo do espírito e quase *un jeu de mots*. É com mal-estar que leio a atribuição de governo de *direita* à monarquia de Luís XVI, e de temperamento de esquerda ao próprio Luís XVI. Também li com penoso sentimento a oposição feita por Gustave Thibon entre o "calor de coração" dos homens de esquerda e a lucidez fria dos homens de direita; e estou inclinado a crer que foi esta a taxa de imposto mais pesada que Gustave Thibon teve que pagar à tolice universal.

Estou pensando na rapaziada de nossa extrema esquerda e no terno calor com que decidiram, no aniversário da morte de Guevara, o assassinato "justiceiro" de um oficial norte-americano que saía de casa com seu filho de onze anos. Deveremos usar o recurso proposto por Maritain, dizendo que esses moços se acharam na mesma trágica situação de Lenine e que são moços de direita engajados numa guerrilha de esquerda?

Parece-me decididamente mais razoável abandonar esse binário equívoco e gerador de equívocos e procurar em cada caso a adjetivação apropriada que tanto a língua portuguesa como a francesa possuem fartamente. Mas antes disso, e pelo menos uma vez no século, é preciso denunciar a impostura que está na base de todos esses equívocos.

A impostura do jogo E—D

Em qualquer época da História e em qualquer parte deste mundo, por isso mesmo chamado vale de lágrimas, é possível demarcar vários "conjuntos" de homens cuja norma de pertinência seria uma das várias aflições da vida. Haverá o conjunto dos carecas, o conjunto dos desdentados, o conjunto dos cardíacos, o dos neuróticos, e o largo e denso conjunto dos pobres de cada pobreza. Dada a conhecida

tendência que o homem tem de atribuir a outrem a culpa de sua miséria ou de sua dor, é fácil imaginar a correlata tendência de explorar essa tendência de inculpar os outros.

Ora, uma das características de nossa civilização, como já vimos em outra obra (20), consiste precisamente na exacerbação dessa filosofia da inimizade, de Hobbes a Marx. É então fácil imaginar que o largo, denso e doloroso conjunto dos pobres será assediado por solícitos advogados que requererão, primeiro: explicar toda a pobreza de uns pela riqueza dos outros; segundo, corrigir esse erro por um levante dos pobres, ou por uma Revolução. Para isto os "advogados" dos desfalcados, dos oprimidos, contando com os bons sentimentos e a imaturidade da maior parte do mundo, erguem o punho, impostam a voz e declaram: "Nós somos os amigos dos pobres! Nós somos os que combatem pela justiça!"

E quem não concordar com eles, na explicação da origem da pobreza ou no método de sua eliminação, sentir-se-á tolhido, vagamente apontado como mau, como insensível à causa dos pobres.

Hoje, qualquer honesto estudante de economia e de sociologia sabe que as desigualdades económicas se explicam por várias causas, entre as quais a exploração injusta está longe de ocupar os primeiros lugares. Numa sociedade qualquer, imaginariamente tratada por um processo de pasteurização igualitária, ao cabo de poucos meses apresentar-se-ão diferenciações e, no fim de poucos anos, ver-se-ão nela milionários e pobres. Alguns desses enriquecimentos serão injustos e feitos à custa do empobrecimento de muitos; mas nem todos. Há casos de enriquecimento de um ou de poucos, que contrariam essa aritmética estática dos marxistas e que, ao contrário, produzem o enriquecimento geral e, por conseguinte, a melhora da vida dos pobres. Não é difícil encher um volume com exemplos. Tomemos um, no domínio da medicina: quem descobrisse um remédio eficaz para a gripe ficaria rico. Para os socialistas ele só poderia ficar rico à custa do empobrecimento alheio; mas para a economia do bom senso, a riqueza desse homem se explica melhor pela riqueza de todos. É claro que, num determinado instante da história do dinheiro possuído por uma comunidade, houve um fluxo favorável a esse químico bem sucedido e uma diminuição no bolso de cada gripado. Mas logo no momento seguinte, na suposição da real eficácia do remédio, verificar-se-á que todos ganharam mais com a cura do que perderam com o custo do remédio. Houve portanto enriquecimento geral, mas não igual, que não é exigido pela justiça. O inventor e o produtor ganharam mais do que os operários da fábrica. Será justo esse prémio dos que souberam criar valores que seus operários apenas sabem

materialmente fazer? O fato incontestável é que *todos*, operários e burgueses, se beneficiam. Quererão os reformadores do mundo inventar um sistema em que o aumento de produtividade e de riqueza geral não beneficiasse em primeiro lugar seus próprios criadores, e não criasse por conseguinte desníveis de riqueza? Então terão de inventar outro homem, outro coração, outra alma insensível aos proveitos pessoais e desinteressada do progresso. O que há de especialmente estúpido nas utopias socialistas é a contradição dos que ao mesmo tempo desejam o progresso, sem o qual não se pode proporcionar bem-estar material a uma multidão, e reivindicam um igualitarismo, com o qual não se vê como se dará partida ao motor do progresso. Se os socialistas fossem ardorosos apóstolos de um hiperespiritualismo desinteressado dos bens materiais, entender-se-ia que fossem também ardorosos apóstolos de um igualitarismo que não faz questão de progredir materialmente. Sim, o que há de grotesco, de supremamente impostor, no ideal socialista é a contradição entre o brutal materialismo dos fins propostos e o delirante e falso espiritualismo dos meios imaginados.

Além disso, e em vista das experiências que o planifério do século nos exhibe, temos todos os fundamentos para duvidar da sinceridade de bons sentimentos que tão facilmente se transformam em ferocidade de demónios. Em outras palavras, e admitindo a realidade da entredevoração humana e da exploração dos mais pobres pelos menos pobres, o que se pode dizer de todas as experiências socialistas é que revelaram uma requintada perversidade, parecida com a de todos os exploradores das misérias humanas: os capitalistas exploraram o trabalho dos operários; os socialistas exploraram o sofrimento, a lágrima do pobre. Uma das grandes imposturas das esquerdas foi esta: ostentaram bons sentimentos escondendo cuidadosamente a vontade de poder que os levava a aproveitar-se da sofrida massa humana, tornaram-se donos dos bons sentimentos e logo denunciaram a dureza, o egoísmo de todos aqueles que discordavam de sua panaceia social. Se discordavam dela, não era porque apenas discordassem da droga, mas porque desprezavam a justiça e até a caridade.

Cabe ainda aqui outra reflexão. Qualquer pessoa medianamente iniciada nas ciências da humana convivência sabe que o bem comum é arduamente promovido por um rico concurso de fatores. Numa sociedade complexa, densa, como a de nossos dias, a melhor divisão de bens em cada conjuntura, a mais razoável política de atendimento dos pobres, não pode ser *direta, uniforme, imediata* sem se tornar catastrófica. Trabalha *diretamente* para os pobres todo aquele que trabalha em obras assistenciais, em obras de misericórdia, e todo aquele que dá diretamente seu tempo e seus bens aos mais necessitados. Mas trabalha socialmente para os pobres — e às vezes mais eficazmente — aquele que indiretamente traz sua contribuição para

o bem comum. Todos os professores que ensinarem bem o que sabem, todos os pesquisadores que se debruçam sobre problemas de engenharia ou medicina, todos os profissionais que cumprirem seu dever de estado trabalham para todos e portanto para os pobres. Os que mais alegam serviços prestados nessa matéria são os que menos fizeram, mas são efetivamente os que mais exploraram a miséria humana. Os comunistas, na Rússia, constituem o mais espantoso exemplo da impostura e do equívoco socialista. É preciso lembrar que esta corrente se compõe quimicamente de 1 perverso para 100 ou 1000 ingênuos. O fato brutal que no princípio deste século deveria ter definitivamente vacinado o planeta para o socialismo foi a revolução russa seguida de um governo que quis aplicar num povo traumatizado três ou quatro ideias de uma primária economia política. O genial Lenine, cercado de outros ideólogos, imaginou e decretou uma reforma agrária que matou, entre 1920 e 1930, mais de oitenta milhões de camponeses russos.

Para encobrir esse total e colossal fracasso, desencadeou um jogo de chicote-queimado: o jogo esquerda-direita, que consistiu essencialmente em cobrir a evidência dos fatos com a ideologia. E como em toda a parte do mundo havia pobres, e especialmente na Europa havia a aceleração do progresso material que proporciona o confronto capital-trabalho, tornou-se fácil manter a repetição do binómio E—D. Os intelectuais ditos generosos prestaram-se admiravelmente a esse jogo por causa da tendência que têm à levitação. Pairam nas nuvens. E então um Emmanuel Mounier pôde tranquilamente dizer esta frase: "Nós, que a vida inteira lutamos pela justiça..."

Arimã e Ormuz

Esta frase, escrita por Mounier e abundantemente repetida com variações nos discursos de um Dom Hélder, constitui um modelo de novo farisaísmo, que só se tornou possível pela aplicação do jogo E—D repetido durante mais de um século. Seu pretendido dualismo tipológico na verdade inculca uma outra espécie de dualismo, que só pode ser moral, mas que se apresenta mais como um dualismo substantivo, um dualismo de entidades, um dualismo de mal e de bem tornado fisicamente delimitado com muito mais nitidez e brutalidade do que o confronto de pretos e brancos. Surge assim, no século XX, um maniqueísmo imprevisivelmente organizado às avessas daquele que Maritain aponta no *Le Paysan*.. ., quando nos fala no *maniqueísmo larvado* anterior que explicaria a crise de nosso tempo.

Graças ao jogo E—D avalizado pelos mais prestigiados intelectuais, pôde um Emmanuel Mounier escrever tranquilamente esta

frase: "Nós, que a vida inteira lutamos pela justiça", para significar "nós fizemos tudo o que pudemos para instalar na França um governo de *Front Populaire*, e para instalar na *Résistance* e na *Épuration* uma casa de tolerância onde os católicos se tornaram comunicantes, como diz o Pe. Bigo, citado por Adrien Dansette (21). E, graças ao mesmo jogo, ficou universalmente admitido que seria de *droite*, e portanto contrário à Justiça, quem discordasse da *ideia* que o diretor de *Esprit* formara de Justiça e dos *meios* que julgara ter descoberto para alcançá-la — meios que discordavam singularmente da doutrina moral ensinada pela Igreja durante mais de um século.

O jogo E—D, por iniciativa das "esquerdas", como tão bem mostrou Madiran, forneceu critérios que superaram os do Magistério e que, concomitantemente, tranquilizavam os que sem nenhuma hesitação se valiam de tal superação. No caso da Guerra Civil espanhola, ou melhor, no caso do *alzamiento* do exército, dos patriotas e dos católicos espanhóis contra o horror do terrorismo comunista e anarquista, o grande filósofo Jacques Maritain, engajado no jogo E—D, pôde tranquilamente discordar e contrariar *todos os pronunciamentos de Pio XI*; pôde ficar indiferente à maior unanimidade católica de toda a História, provocada pelo apelo do Episcopado Espanhol, que foi respondido pelo apoio veemente e patético do mundo inteiro; e pôde explicar com estranha tranquilidade a singular incapacidade que impedia o Pe. Garrigou-Lagrange de ver o erro colossal cometido por toda a Igreja e de compreender as luminosas razões que dava aos homens de *gaúche* tão especial direito de ignorar o Magistério, o Episcopado mundial e a preocupação de um grande teólogo que até então fora respeitado como mestre e diretor espiritual do *Cercle de Meudon*. Tudo se explica com estas frases de espantosa simplicidade:

"Le Père Garrigou était un homme de droite"... *mes positions sur la guerre d'Espagne étaient décidément trop pour lui...*" (22)

Estas frases de inconcebível impertinência, escritas em 64 com o estado de espírito voltado para 37, como aquela de Mounier, servem para ilustrar o grau de obnubilação a que podem chegar os mais lúcidos espíritos quando se deixam envolver por um jogo de equívocos criado e alimentado por uma corrente histórica maligna e devastadora.

É incrível que um filósofo, como Jacques Maritain, não tenha percebido em 1937, e continue a não perceber em 1964, que obstinadamente apregoa a impossibilidade de apreciar racional e prudencialmente uma grave situação histórica, já que o fato de pertencer ao grupo tipológico dito de direita torna fisicamente impossível a per-

cepção daquilo que o elemento oposto, pelo fato de pertencer à torrente histórica dita de esquerda, tem a liberdade (e o estranho privilégio) de chamar de "*mes positions*", à revelia do que diz o Papa e do que clamam os bispos do mundo inteiro.

Graças a esse totemismo, a essa pertinência quase mágica a um grupo, pode o praticante das esquerdas, sacerdote de um dualismo de tipo religioso, apresentar-se como dono da "justiça", que contrapõe à "ordem", valendo-se das ressonâncias de irracional antipatia que cercam o vocábulo e o conceito. Poderá então o grupo mais representativo das esquerdas, o comunismo vitorioso depois da revolução de 1917, ostentar seus mais estridentes fracassos, seu massacre de milhões e milhões de camponeses, sua fome monumental, sua incomparável ferocidade, seus operários aprisionados nas fábricas, o massacre de Katym, a *Épuration* na França, o muro de Berlim, os horrores praticados contra freiras e padres no México e na Espanha: tudo isto, julgado com os critérios da moral comum de que em vão se vale o Ocidente para mostrar o malogro total da Revolução Russa, esbarra num novo dualismo místico que divide toda a criação em dois hemisférios inconciliáveis. Ormuz e Arimã se defrontam e proporcionam critérios absolutos e irredutíveis àqueles com que até hoje o mundo do homem viveu.

Durante a desastrosa experiência dos padres-operários, os militantes da mística revolucionária chegaram à enormidade de apregoar que "o operário é *puro* pelo simples fato de pertencer à *classe* que não explora, que é explorada".

Estamos evidentemente na paisagem lunar ou onírica de um mundo que "recusa o ser", como diz Alfredo Lage (23), ou no mundo de jogo em que "o sinal toma o lugar da coisa significada", como diz Mareei de Corte (24).

Uma pessoa sensata que acordasse nesta altura do século, depois de uns quatrocentos anos de sono, relutaria muito em compreender a continuidade, o nexa dessa corrente histórica que, em nome da "justiça" e do "interesse pelos pobres", produziu o monstrificado mundo socialista; e não saberia o que mais admirar, se volvesse a considerar a flácida tolerância com que o mundo liberal se deixou esturpar.

Solecismos políticos fundamentais: a direita e a esquerda

Como atrás disse, Jules Monnerot também se preocupou com esse jogo falseado, dedicando-lhe um capítulo inteiro no livro (25) em que denuncia a já quase secular "*journée des dupes*" dos "inte-

lectuais" franceses. Nesse capítulo, o autor da famosa *Sociologie du Communisme* começa por citar uma passagem de um livro de René Rémond (26), na qual o historiador, tomando as "esquerdas" e as "direitas" por coisas subsistentes, cai na armadilha do jogo e passa a provar que todas as "direitas" enumeradas naquele período da História de França têm uma coisa comum: são antigas "esquerdas". Ou melhor, foram esquerdas vencidas, superadas, por outra formação situada mais à esquerda que as suplantou. Diz então Monnerot:

Direita e derrota (ou envelhecimento) são sinónimos. Uma formação passa de direita à esquerda quando é vencida, e porque foi vencida. É o sentido da História; a História "mantém-se à esquerda" (ao contrário dos automobilistas). Mas isto só se aplica à História em maiúscula porque a história com minúscula não autoriza de modo algum tais generalizações. Na verdade, esse *sinistrismo* não pertence à História, e sim à ideologia.

Mas qual é a ideologia que, na França e na data em que foi publicado o livro de Rémond, antes de qualquer outra decreta que a direção da História é "sinistra" e também que todos os governos, todos os partidos na França, desde 1815, passaram de direita à esquerda, todos, *menos um*? Qual é esta ideologia e este partido? É claro que só há uma palavra para responder a essas duas perguntas: comunista. E assim é que esse postulado comunista, aliás anticientífico e anti-histórico, é ministrado *ex cathedra* na França de hoje, aos jovens de hoje, sem nenhum antídoto crítico, e aparentemente com toda a sinceridade. Explicitemos o postulado implícito: *o partido comunista é a esquerda realizada. A distância em relação ao Partido comunista basta para medir, em dado momento, o grau de sinistrismo de uma formação política.*

O partido comunista, nesse jogo, é a esquerda em *ato-puro*; é o referencial absoluto trazido à força para a política e para a História numa física antieinsteineana e anticopernicana. E o curioso paralogismo está em pretender que tal concepção, tão brutalmente fixista, seja o modelo perfeito do progressismo. Desaparece a incoerência, ou coleção de solecismos, se lembrarmos que na metafísica e na teologia sobrenatural explicam-se os movimentos das coisas pela imobilidade de Deus. E concluímos: o comunismo é deus, ou é para seus crentes uma encarnação do verbo divino na realidade histórica do PC.

^ Monnerot termina seu capítulo, que gostaríamos de transcrever na íntegra:

O efeito desse jogo e dessa denominação afetiva é o de transferir, por contiguidade, o ódio que o propagandista espalha (...) de um ser a outro ser, e finalmente, de transferência em transferência, é o de aplicar a Guy Mollet a aversão inicial que o homem de esquerda tem pelo rei Carlos X. A identidade de denominação tem por objetivo es-

tender e aplicar a dois seres, artificial e abusivamente identificados, o mesmo sentimento hostil.

Nesse sentido, a mágica — trata-se efetivamente de operações mágicas — produz efeitos reais. Porque, se for bem sucedida, e isto depende dos meios empregados (e os *mass media* aqui são dominantes), essa transferência de ódios passará a motivar os atos. Se conseguirmos, por condicionamento de reflexos, ligar um epíteto a condutas hostis, bastará alguma circunstância favorável para que um indivíduo, apontado como *fascista*, seja linchado por uma multidão previamente condicionada. O caso já se registrou mais de uma vez. O inevitável desgaste do epíteto *fascista*, á despeito das maldições rituais repetidas pelos "mandarins", levou nossos publicistas sob controle "intelectual" à substituição progressiva do epíteto *fascista* por "extrema direita". Mas esse vitupério só se manteve por decreto. Abstrato demais, não pôde ser suficientemente mágico. Eles poderiam sempre achar quem os ajudasse a linchar um homem com o grito: "fascista!" Mas dificilmente conseguirão comoção pública com gritos: "Extrema direita!" E é assim que o mau lógico acaba por nem conseguir ser um bom "publicitário". Na rampa do declive da inteligência intelectual, procura-se em vão uma *linha de parada*.

E não resisto ao prazer de terminar este penoso e trabalhoso capítulo, com as mesmas palavras que Monnerot escolhe para terminar o seu. O leitor certamente já percebeu que este livro não tem um só autor. Sem chegar à mania dos Congressos, dos Sínodos, das Conferências que não caberiam na minha pequena sala de estudo, convidei vários amigos vivos e mortos, enquanto eu mesmo ainda pertencço a "esta orgulhosa aristocracia dos vivos". Mas calemo-nos, porque Monnerot já deu sinais de impaciência. Ouçamo-lo:

Essa bipartição mágica em direita e esquerda acarreta, pelo jogo de uma espécie de inércia psicológica, uma classificação dualística de categorias opostas, cada uma a cada outra, a qual classificação poderá, por contágio, paranóico, estender-se no espaço e no tempo. Já vi um conhecido intelectual aplicar-se a dividir os heróis de Homero e os profetas do Antigo Testamento em *direitistas* e *esquerdistas*. O alarmista Jeremias, em particular, homem de direita disfarçado em homem de esquerda, por suas profecias derrotistas para o seu próprio campo, aparecia ao nosso intelectual como "um *social-democrata* típico". E o sacrifício de Efigênia, em que se prefigura o proletariado, desmascara em Agamêmnon o "fascista" não menos típico.

O otimismo das esquerdas

Estava decidido a encerrar, com o tópico anterior, este fastidioso capítulo, quando deparei com um livro da coleção *UUnivers des Connaissances*, editado pela Hachette e publicado simultaneamente na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Espanha, nos Estados

Unidos, na Itália e na Suécia. A excelente iconografia, a ótima impressão e o largo internacionalismo logo me convenceram de que o livro intitulado "*Qu'est-ce que la Gaúche*" muito provavelmente era mais uma contribuição para o dilúvio de estupidez que inunda o mundo moderno.

A rápida leitura confirmou o prognóstico. Efetivamente, depois de abundantes *solecismos* assinalados por Monnerot, o livro chega onde eu esperava. Começando por assinalar o *inicial handicap* das direitas nas Sagradas Escrituras, onde se vê em Mateus XXV, 33 que as direitas são chamadas benditas e as esquerdas malditas, e de onde se poderia tirar mais um argumento a favor da tese que mostra a Igreja comprometida com os interesses da classe dominante, o autor anuncia o termo da secular injustiça.

Mas no mundo contemporâneo, os maçons, os radicais e os socialistas inverteram as posições: desde algum tempo a esquerda adquiriu, no plano sentimental, uma significação nitidamente favorável, que implica progresso e enriquecimento do espírito.

A partir daí a dita esquerda, subsistente, quase hipostasiada, passa a ser apontada como confiança, OTIMISMO em relação ao homem e ao seu futuro, desde que esse futuro, evidentemente, seja atingido pela Revolução que tudo promete, sob a condição de tudo rejeitarmos.

Jean Madiran disse em 1968 que sentiu nas ruas de Paris o hálito da Revolução. Eu acabo de sentir nas páginas desse livro internacional e otimista o "hálito do nada" que perseguiu Frederico Nietzsche e não resisto ao desejo de agora encerrar este árido capítulo com a pergunta de Léon Bloy estampada como epígrafe desta obra: "De que futuro nos falam *eles*, então, esses esperantes às avessas, esses escavadores do nada?"

O que realmente se vê neste mundo moderno modelado "pelos maçons, radicais e socialistas" é uma mortal des-Esperança— e não há nada mais lúgubre do que o otimismo desses desesperados.

NOTAS, CAP. II, PARTE I

- (1) Jules Monnerot, *La France Intellectuelle*, Raymond Bourguin, ed. 1970;
- (2) J. Maritain, in *De Uéguise du Christ*, Desclée de Brouwer, 1970, pág. 203, e G.M.M. Cottier, in *Honors de l'Atheisme*, ed. du Cerf 1969, pág. 113, assinalam ambos o amoralismo de Marx, atenuado-o todavia com o eufemismo de *contradição*. Maritain chega a sentir, à distância de século e meio, o "coração de Karl' Marx arder de um furor sagrado, contra a injustiça social", Cottier também nos fala de um "fogo devorante", mas o que nós conhecemos objetivamente de Karl Marx, pelo que deixou

escrito, é o seu furor sagrado contra quem pretendesse dar conteúdo moral à sua revolução científica,

- (3) Yves Simon, *Lo Grande Crise de la Republique Française*, ed. l'Arbre, Montreal, 1941, pág. 128.
- (*) Jules Monnerot, *Sociologie du Communisme*, Fayard, 1969.
- (⁵) Yves Simon, op. cit., pág. 85.
- (6) Ibid. pág. 109.
- (7) Ibid. pág. 116.
- (8) Ibid. pág. 118.
- (9) Ibid. pág. 107.
- (10) Citada por H. Massis, *Maurras et notre temps*, Plon, 1961, pág. 295-7.
- (10/A) J. Maritain, *Le Paysan...*, pág. 45.
- (U) Gustavo Corção, *Dois Amores, Duas Cidades*, Agir, 1967.
- (12) Jules Monnerot, *La France Intellectuelle*.
- («) Ibid. pág. 118-9.
- (14) Gustavo Corção, op. cit., t. II, pág. 85 e seg.
- (15) Ibid. pág. 154.
- (16) Revista PERMANÊNCIA, outubro 69, *rfi* 13.
- (17) Jean Madiran, *On ne se moque pas de Dieu*, Nouvelles Ed. Latines, 1957, pág. 27 e seg.
- (18) Gustave Thibon, *Diagnostics*, ed. Genin-Paris, 1945.
- (19) Ibid. pág. 56.
- (20) Gustavo Corção, op. cit., pág. 285 e seg.
- (21) Adrien Dansette, *Destin du Catholicisme Français*, Flammarion, 1957, pág. 225-6.
- (22) Jacques Maritain, *Camet de Notes*, Desclée de Brouwer, 1964, pág. 231.
- (23) Alfredo Lage, *A Recusa de Ser*, AGIR, 1971.
- (24) Mareei de Corte, *Vncarnation de l'Homme*, ed. Universitaires, 1942, pág. 164.
- (⁸⁵) Jules Monnerot, *La France Intellectuelle*, pág. 117.
- (26) René Rémond, *Lo Droite en France de la Première Rcstauracion à la Cinquième Republique*, 1963, pág. 257.

CAPÍTULO III

A REVOLUÇÃO SE AVOLUMA

O revolucionarismo

Creio que até agora não houve escritor ou repórter, interessado nas coisas brasileiras, suficientemente original para contestar a existência do Rio Amazonas e dos numerosos tributários que concorrem para o triunfalismo da maior bacia hidrográfica do mundo.

A História tem também seus rios maiores e menores, e suas depressões hidrográficas, e também creio que ainda não houve escritor suficientemente original para negar a existência do caudal chamado REVOLUÇÃO, que nasceu em fontes remotas, engrossou com a tributação de muitos erros e tolices dos povos e de seus dirigentes, alargou-se no fato histórico chamado Revolução Francesa e chegou em nosso bravo século com tal vulto ou tanta água turva que quase poderíamos dizer, entre outras coisas, que este é o Século da Revolução.

Logo nos primeiros anos, ou nos últimos do anterior, registramos no rumoroso "Affaire Dreyfus"(*) mais do que um erro judiciário e o escândalo por ele desencadeado. Esse episódio, como veremos, foi uma explosão do revolucionarismo falhado em 1848 e contido durante meio século.

Ao leitor não terá passado despercebida uma modulação estilística discutível: troquei o elemento água pelo elemento fogo para exprimir a mesma realidade histórica. A água mesmo turva tinha a vantagem da continuidade, e da forma de torrente alongada pelos

(*) Não ignoro que o termo "affaire" em francês é feminino, como se vê no título de um tópico (Parte II, Cap. I) "une ténébreuse affaire". No contexto português usei sempre a concordância masculina, como se pensasse na tradução "caso" ou "negócio".

anos da História; o fogo tem agora a vantagem de exprimir a descontinuidade explosiva com que de tempos em tempos se manifesta espetacularmente o fenómeno que vinha capitalizando suas energias. Neste século o fenómeno Revolução me parece mais uma sucessão de fogueiras e explosões do que o escorrer de uma inundação.

Deixemos os requintes de escolha das imagens e vamos à coisa vista em sua sinistra nudez. Depois do *Affaire* tivemos a Primeira Guerra Mundial a que os historiadores atribuem uma excessiva importância intrínseca. Essa guerra só foi ela mesma, só foi uma grandiosa catástrofe porque deixou o mundo preparado, ou inteiramente despreparado, para a Revolução de 1917, que desta vez pega nas terras devastadas da Rússia. Entra em cena o comunismo, bacia hidrográfica do Amazonas da História. Todas as tolices praticadas na Europa e nas Américas serão tributárias desse Amazonas. A civilização em agonia cede terreno a uma nova experiência histórica cuja substância é a essencial inimidade tornada caudalosa.

Na Segunda Guerra Mundial, repete-se a mesma química: os acontecimentos que encheram cinco anos, e que pareciam conduzidos pelo Ocidente disposto a resistir e a defender seus tesouros tão arduamente acumulados, na verdade foram meros episódios, meras anedotas introdutórias do resultado final obscura e inconscientemente desejado por esse mesmo Ocidente que tanto se vangloria da ascensão e da libertação do Homem. E qual é esse resultado? O reforço inacreditável, incompreensível, inexplicável trazido à Revolução, e à sua atual feição comunista. E agora, pela quarta vez no século, é nos recintos da Igreja que penetra a Revolução. Cavalo de Tróia? Infiltração? Radioatividade das explosões atômicas? Escolha agora o leitor, à vontade, a imagem que mais lhe agrada. O fato bruto me ocupa tão excessivamente que não me deixa folgas de estado de espírito para herborizar entre as flores do campo e fazer ramalhetes de metáforas. Escapou-me esta, sem querer, talvez para me indicar o escondido desejo de evitar uma confrontação direta com a Coisa; ou para compensar a obscuridade que parece cercá-la.

O fato é que estamos na quarta explosão revolucionária do século.

Sabemos que a sorte do homem não é coisa que se explique em épuras, ou com radiografias. Mesmo assim, prevenidos embora contra o *esprit de géometrie* que nos atiraria no quebra-cabeça de que nos ocupamos no capítulo anterior, não podemos fugir aos imperativos da razão. Procuramos entender ao menos os motivos alegados pelos homens mais diretamente empenhados na dinâmica da Revolução. E então ouvimos variar relatórios. O de 1879 nos diz que o *Tiers Etat*, cansado de ser tudo sem ser coisa alguma, como foi dito num livro que só pela capa, pelo título e subtítulos, celebrou Sieyès

e esgotou o assunto, resolveu erguer-se. Outros dirão que o povo lutava contra o "absolutismo"; outros, nesse brinqueado de amigo e amiga, dizem que o povo lutava contra os privilégios; outros, mais enfáticos, dizem que lutavam pelos direitos do homem.

Ninguém até hoje conseguiu provar que não havia um meio menos selvagem, menos regressivo para a promoção de tais progressos. A Revolução Francesa, que mantém certa dignidade até o momento em que o Presidente Bailly se encaminha para o Jeu de Paume, perde todos os últimos traços de decência humana quando o personagem "*peuple*" transformado em animal carnívoro se encaminha para a inofensiva e decorativa Bastilha e logo trata de começar as decapitações com que doravante se adornará o monstro Revolução.

Creio também que até hoje ninguém conseguiu provar que a Revolução Francesa resolveu cabalmente os problemas que alegaram em suas motivações.

Mais tarde, a revolução abortada de 1848 e a revolução preparada e ocasionada em 1917 traziam outras alegações. Falava-se agora da má distribuição dos bens materiais, da má remuneração do trabalho, da exploração da classe operária, tudo isto agravado pelas transformações técnicas trazidas pelas máquinas da chamada revolução industrial. E agora, depois de 1917 e de 1944, mais do que nunca podemos perguntar, com Stratchey, se não haveria outros meios, a não ser os "*terrible means*" comunistas, para a promoção do homem. Mas ainda mais ponderadamente podemos perguntar se a Revolução comunista resolveu realmente os famosos e tão falados problemas económicos. O *Muro de Berlim* é a vitrina que o comunismo oferece ao Ocidente.

E o que espanta os engenheiros, os barbeiros, as donas-de-casa é o fato de não estar completamente desmoralizada a famosa e secular Revolução. Aos "intelectuais" nada espanta, nessa matéria, porque se sentem todos obrigados, com algumas honrosas exceções, a tomar a atitude dita de esquerda, e inculcada com maior luxo publicitário do que toda a rede de propaganda posta a serviço da *toilette* feminina.

Já ficaram para trás as motivações de 1879, de 1848, de 1871 e de 1917. Qual é agora o objetivo da Revolução de 1960 a 1970 que tanto entusiasmou parte do clero e do episcopado católico? Invocam agora a miséria de regiões, de países e de continentes, falam em salvar o *tiers monde* com menos graça do que Sieyès quis salvar o Tiers État.

Alguém acreditará? Acreditarão eles mesmos? Mas nada se move sem ser em vista de um fim. *Propter finem*. Uma Revolução deveria ser a coisa mais nitidamente intencionada ou finalizada do mundo. Tudo porém indica que vivemos um momento histórico antimeta-

físico, onde os *meios* usurparam o papel de *fim*, o nada usurpou o lugar do ser. A Revolução é um mecanismo automantido que no momento só parece ter um objetivo: mobilização geral das massas humanas. Para quê? Para o apuro, o esmero da massificação dessas massas. No momento o que importa acima de tudo na corrente histórica revolucionária é condicionar fortemente coletividades cada vez mais densas e cada dia menos humanas.

Suponho que algum de meus leitores não esteja contente com essa explicação. Nem eu. Não vejo a possibilidade de fazer um fenómeno tornar-se sua própria razão de ser, seu princípio e seu fim; mas, para sairmos desse embaraço, teríamos de recorrer a princípios e luzes de outra ordem. Prometemos ao leitor perseverante uma volta a este assunto, possivelmente uma resposta a este enigma; mas antes disto devemos deixar momentaneamente o problema suspenso; e devemos insistir numa interrogação.

Será a História essencialmente revolucionária?

Ou será o Progresso necessariamente revolucionário de um modo contínuo ou por descontinuidades quânticas? O mundo moderno, inebriado de uma ou outra ideia, responde com veemência que História é revolução.

Nós podemos convir que certo trecho da História seja tecido de negações, contestações, rejeições e decapitações, mas não podemos, de modo algum, admitir que a sucessão de eventos e experiências humanas tenha necessariamente esta feição por inelutável exigência da própria natureza humana. Podemos convir que o homem ou os homens agrupados em tribos, nações e civilizações devam, por natural imperativo, dizer não a certas circunstâncias atravessadas em seu caminho; mas não podemos achar pensamento digno deste nome, filosofia digna deste título, que faça do homem essencialmente um negador, ou como disse Bloy, um escavador do nada.

Correndo os olhos pelas várias fases da grande e esparsa aventura humana, não encontramos sequer o desenho das linhas de força que mostrem a olho nu algum sentido ou polarização escatológica. Com as lentes da Fé só conhecemos, bem marcadamente orientada, uma História: a história do Povo de Deus que espera a Promessa de Deus. Um povo escolhido espera o Messias.

Pode ser que o historiador, em pesquisas mais profundas, descubra sinais de messianismo na geologia da civilização sumeriana ou da civilização pré-colombiana na América; mas o que parece predominar em cada uma dessas tantas experiências é talvez o obscuro desejo de realizar uma orquestração das virtualidades humanas, mais

como modelo eidético, proposto e exposto entre as demais figuras zodiacais, do que como experiência histórica a ser continuada e desenvolvida. Nesse sentido pode-se pensar na Grécia, por exemplo, como "o povo eleito da razão" segundo a bela expressão de Maritain, e não admira que realizada sua obra, completos os seus arquétipos, ela tenha mais perenidade no firmamento das culturas do que nos chãos pisados pelos vivos.

Excluídas essas eleições especialíssimas, não se vê na antiguidade algum *sentido* para a História que transcorreu ao sabor de casuais nascimentos e mortes favoráveis ou desfavoráveis, batalhas, dinastias, e narizes maiores ou menores de Cleópatras escalonadas ao longo dos séculos. Duvido de que o mais convicto marxista descubra nas dinastias do Egito ou nas guerras do Peloponeso vestígios do compasso binário que daria à História o ritmo revolucionário.

Um momento revolucionário ocorrido há cerca de 2.000 anos

Sim. Há um momento em que a História — já que querem personalizá-la e transformá-la em agente principal — torna-se grávida ou enxertada por um Fato transcendente, desde logo manifestamente incompatível com sua substância e portanto rejeitado.

Esse fato está consignado num tom ultra-humano no Prólogo do Evangelho de São João:

No princípio era o Verbo

A verdadeira luz era
A que iluminava todo o homem
Vindo ao mundo.
Estava no mundo
E o mundo por Ele fora feito,
E o mundo não o reconheceu.
Ele veio para o que era seu
E os seus não o receberam.

No Evangelho de S. Lucas a "rejeição" é contada em estilo mais ameno, parecendo assim menos relevante:

Ora, enquanto eles estavam em Belém
cumpru-se o tempo do parto, e Ela
deu à luz o seu filho, enfaixou-o
em panos e deitou-o na creche
PORQUE NAO HAVIA LUGAR PARA ELES
NAS HOSPEDARIAS...

E quando os meios de comunicação espalharam a notícia,

Então Herodes, convocando secretamente os magos e indagando deles o tempo da aparição da estrela, enviou-os dizendo:
— Ide e informai-vos a respeito da criança porque eu também quero adorá-la.

E finalmente:

"Que quereis que eu faça de Jesus que se diz Cristo?
— Crucificai-O ! crucificai-O!

Encerrou-se assim, como sabemos, o processo revolucionário que se estenderá até a contestação do testemunho dos Santos Mártires.

Mais de um jovem "teólogo" da Nova Igreja do século XX já escreveu sua "Teologia da Revolução". Este livro, que já se alongou demais numa Introdução e em dois capítulos de fastidiosas controvérsias, começa neste a delinear seu propósito de também ser uma Teologia da Revolução que pode ser resumida em poucas palavras. Escrevo-as arrostando o risco de parecerem simples demais, claras demais, diria até pueris, para os amadores do nada retorcido e para os desesperadamente otimistas. Ei-las: "A Revolução com que enchem o papel os *teólogos* da nova igreja é simplesmente isto: um processo de rejeição do Sagrado Coração de Jesus". E aos ditos teólogos de língua francesa quase acrescento: *et excusez du peu*.

O milagre da Idade Média

Através da confusão da decadência do Império Romano desenha-se uma linha histórica marcada pela era patrística, que culmina com Agostinho, e das ruínas do mundo antigo começa a firmar-se a mais extraordinária e misteriosa experiência histórica: a Críandade ou Civilização Cristã. Esta idade, ou essa *statio* da humanidade, realizada por mais de um milénio no ocidente cristão, se alguém quer admirá-la pelo que ela tem de mais admirável, terá de começar por aquilo mesmo de que ela é acusada pelo trepidante e insensato espírito moderno: terá de começar por admirar sua feição realmente *estacionária*.

Há na vida comum dos povos o mesmo paradoxo que se observa na vida dos corpos. À primeira vista, e às vezes nas últimas vistas dos espíritos fracos, a vida parece ser antes de tudo um movimento, um crescimento e até uma evolução; é preciso aprofundar o estudo

para descobrir que o ser vivo, antes de tudo e principalmente, quer permanecer. Toda a intensa atividade do ser vivo converge para o interesse central que é a manutenção de uma forma. Assim também mediríamos a mais profunda e intensa vitalidade de um momento histórico por sua profunda e intensa imobilidade. Enquanto os séculos? triviais, ou subservientes ao tempo, têm empenho de passar, como se passar fosse seu ofício próprio, a Civilização Cristã da Idade Média* pareceu querer estacionar, não como as civilizações adormecidas ou hibernadas, mas como uma experiência única que mais pareceu querer eternizar-se, pareceu querer rejeitar a História, como se todos os feitos de mais de mil anos tivessem o objetivo de deixar multi-luminosamente abertas até o fim do mundo as rosáceas das catedrais feitas de uma composição impressionista e indelével de pedra e luz.

As trevas da Idade Média — disse o judeu Gustave Cohen — são realmente as trevas de nossa ignorância; e creio que Egon Friedel, outro judeu, disse por outras palavras a mesma coisa (1).

Rompe-se o equilíbrio no seu esplendor. O século XIII, o maior dos séculos, abre-se para o tormentoso e enlouquecido século XIV. E depois do sombrio corredor de loucuras, luxúrias e flagelações, começa a "*via modernorum*" pelos dois portões engalanados da Renascença e da Reforma.

"Dois Amores, Duas Cidades"

Num ângulo em que cuidava mais da filosofia das civilizações, do que da teologia das revoluções, escrevi esse livro (2) para mostrar que a Civilização Ocidental Moderna nascera sob inspiração nominalista com todas as consequências culturais desse desastre filosófico: ruptura entre a inteligência e o ser na ordem especulativa, moral do homem exterior na ordem prática. Por pretender o homem colocar-se no centro de tal Novo Mundo, negando o senhorio de Deus, tal civilização, no dizer de Maritain, seria antropocêntrica em oposição ao teocentrismo medieval. Preferi eu dizer: "civilização antropocêntrica" não por um preciosismo de palavras mas por uma razão fundada na teologia paulina do homem exterior, na teologia da história de Santo Agostinho e na II^a II^{ac} de Santo Tomás, Qu. 25, especialmente onde o Doutor Angélico mostra que o amor-próprio, ou amor-de-si-mesmo segundo o homem exterior, procede de um desvio, de um equívoco que descentraliza o homem de si mesmo.

Assim, quando tenta entronizar-se, não é propriamente o homem, segundo o que ele é realmente ou principalmente, que fica entronizado: é o falso homem, o homem exterior.

(1) Notas no fim do capítulo.

Chamo a atenção do leitor para este texto de Santo Tomás e para sua estreita articulação com Santo Agostinho e São Paulo. Respondendo à inquirição sobre o amor com que o pecador se ama a si mesmo, diz Santo Tomás: Os homens bons sabem que neles o principal é a natureza racional, o homem interior; e assim eles se estimam pelo que verdadeiramente são. MAS OS TRANSVIADOS JULGAM QUE O PRINCIPAL NELES É A NATUREZA SENSÍVEL, o HOMEM EXTERIOR; E ASSIM, NÃO SE CONHECENDO VERDADEIRAMENTE, ELES NÃO SE AMAM VERDADEIRAMENTE: AMAM-SE SEGUNDO O QUE TOMAM POR SI MESMOS, isto é, SEGUNDO O QUE NÃO SÃO.

Com estas palavras de ouro ("*unde non recte cognoscentes seipsos, non vere diligunt seipsos, sed diligunt illud quod seipsos esse reputant*"), que dariam imenso proveito aos psicólogos modernos que se extraviaram e às apalpadelas procuram a alma humana no exterior, com estas palavras — repito — Santo Tomás mostra que a vã tentativa de colocar o homem no centro da civilização se perde no cómico equívoco de entronizar a deformação do homem, o homem exterior. Daí a impossibilidade metafísica de uma civilização antropocêntrica e a realidade ridícula da civilização antropocêntrica.

Assim, o falso humanismo da Renascença, pretendendo rejeitar o cristianismo e a Idade Média, pretendendo libertar-se do senhorio de Deus para afirmar a autonomia do homem, começa por enganar-se sobre o que o homem é, ou é principalmente, e daí se extravía pela estrada que conduziu a civilização a este *brave new world* que temos a honra de habitar enquanto não conseguem destruí-lo.

No livro que escrevemos em torno desse drama de dimensões planetárias, já que o Ocidente se expandiu e que o mundo inteiro se ocidentalizou para absorver e asfixiar o Ocidente cristão, colocamos a tônica nessa ideia da cisão do homem, da fissão da alma humana, e de uma nova civilização (que Maritain, Charles Journet e nós com eles esperávamos com tanto otimismo: "*une nouvelle chrétienté demande à naître*") que já se delineava sob o signo da inimizade entre o homem e o homem, entre a alma e si mesma. Hoje tenho a impertinência de pedir ao leitor que leia ou releia o livro de dez anos atrás para entender melhor o que agora escrevemos com a tônica colocada na ideia de "revolução" que é uma rejeição global do homem na pessoa do Pai.

Creio que os dois livros se completam e se ajudam. O de ontem era ainda mais tranquilo e especulativo; o de hoje é mais sofrido e combativo, porque, nesse meio tempo, as ameaças se concretizaram e nos levaram a procurar, para combatê-las, as causas mais próximas que estão todas avolumadas na primeira terça parte deste século.

Agora pagamos para ver o cientificismo, o liberalismo e o socialismo gerados pelo humanismo renascentista; e pagamos para ver o protestantismo e suas consequências.

O que hoje sabemos da Reforma

Ainda nos primeiros anos deste século, e antes da "*ténébreuse affaire*" contra Maurras, e da consequente virose de ativismo que baixou sobre o catolicismo francês depois de 1932, Jacques Maritain traçou com vigorosa mestria, em *Trois Réformateurs* (que deve ser relido!), não somente a figura do drama desencadeado pelo egocentrismo de Lutero como também o "Advento do eu", ou talvez melhor "O advento do eu-exterior" que baixava tragicamente sobre as ruínas de um mundo cristão.

Levando a impertinência até o desejo de chamar a atenção do leitor para o entrosamento de nossos dois estudos, ousou esperar sua compreensão da conclusão que se impõe: o drama religioso *in sino Ecclesiae* e o drama civilizacional da entronização do Homem-Exterior confluem ao mesmo movimento contestador, negador, devastador com que a auto-idolatria flagelará e desfigurará o Homem até chegar ao blasfematório "*Ecce Homo*" com que se abriu o século XX.

E o que nos dói hoje, no ocaso do século, com especial amargura, é o escárnio da suprema contradição com que nos esbofeteiam os demónios. Sim, quando já pagamos para ver o que foi a Reforma, e quando já a conhecemos melhor do que os padres de Trento, melhor do que Pio X, melhor do que Maritain de 1925, quando já temos a vantagem de possuir e conhecer o mural de todas as consequências da Reforma, protestantizam-se alegremente, carnavalescamente, os católicos ditos progressistas que conseguem, mais do que o modernismo combatido por São Pio X, amontoar todos os erros, todas as vilanias e todas as heresias, todas as secularizações, todas as blasfêmias e desumanizações nascidas dos dois ralos da História. E para cumular todos esses vexames fazem-se passeatas marxistas e festividades para comemorar os 450 anos da bofetada que Lutero deu em sua Mãe e Mestra.

O cientificismo

Com o objetivo de apontar, na bacia hidrográfica a que nos referimos atrás, os principais afluentes que convergem todos na caudalosa Revolução que faz de nosso século um estuário de contestações e recusas, comecemos por este "ismo" que, no livro anteriormente citado (*Dois Amores, Duas Cidades*, AGIR 1967), foi apontado como uma das primeiras consequências da poluição nominalista. Cremos que vale a pena transcrever algumas linhas dessa obra:

Como atrás já dissemos, o termo *cientificismo* não designa o maior incremento de pesquisas nem o maior ardor de estudo nos domínios das ciências naturais. Tudo isto, em si, é bom. O que não é bom é o estado de espírito que coloca a ciência da natureza na presidência de uma civilização, depois da expulsão da Sabedoria.

Uma vez que a inteligência não alcança as coisas superiores — diz o homem moderno — apliquemo-la no trabalho de apalpar o fenómeno para deles tirar uma nova confiança em nós mesmos, e para ordenhar a nosso gosto a imensa mãe telúrica, brutal, que às vezes, no seu sono pesado, mata os próprios filhos.

Esse estado de espírito nos primeiros tempos produzirá grande euforia. A humanidade, depois de descobrir a pólvora, o movimento dos astros, a força do vapor, o poder mágico da electricidade, terá, como teve nos séculos XVII, XVIII, XIX, momentos de inebriado otimismo.

A cândida ideia que logo ocorrerá nos espíritos fracos é a de que, na continuação dos tempos, a Ciência do fenómeno polirá todas as arestas do Velho Homem, iluminará todas as trevas, resolverá todas as dificuldades. Ora, essa ideia, comicamente falsa, extravagantemente, delirantemente falsa foi difundida e tornou-se o ar que respiramos e a água que bebemos, e isto aconteceu porque a Civilização Ocidental moderna já não tinha à sua presidência os dados da antiga Sabedoria. Se a ti, vesse, ouviria a censura clara e irreputável: a ciência dos elementos exteriores — dilata o campo do domínio do homem sobre as coisas exteriores e inferiores, mas nada acrescenta ao domínio do homem sobre si mesmo. Uma civilização (...) não pode ser governada pelas ciências da natureza que é cega, surda e conseqüentemente muda para os problemas mais comuns e mais profundos de nossa vida. Como já disse em outra obra⁽³⁾, a ciência pode-nos dizer que nossos pulmões estão anormais e devem ser tratados desta ou daquela maneira, mas é inteiramente incapaz de nos dizer, de nos sugerir o que podemos ou devemos fazer de nossos pulmões normais.

Hoje eu não diria que o *cientificismo*, isto é a falsíssima ideia que espera da ciência inferior solução para os problemas superiores, difundiu-se depois da desmoralização e do destronar da Sabedoria; antes diria que essa tentação foi um dos fatores que contribuiu para a rejeição da Sabedoria. É, assim dizendo, estarei apontando o "cientificismo" (e não a legítima glória das ciências) como um dos fatores do revolucionarismo evacuador da civilização.

O scientificismo e o senso comum

Para entender bem o processo demolidor da subversão cientificista é preciso compreender a imensa significação que teve nesse drama a desmoralização do "senso comum" promovida pelos "intelectuais" a partir do século XVIII sempre em nome da "Ciência". Todo o drama cultural que no século XVIII capitaliza explosivos para a Revolução Francesa começou pelo repúdio do senso comum,

que eu chamaria de "*pétite sagesse*" e que foi a primeira vítima da torrente nominalista que inundou os tempos modernos. E para compreender bem a gravidade e a infinita consequência desse processo precisamos saber o que não é, e o que é o "senso comum" neste contexto. Poderia remeter o leitor à citada obra (*Dois Amores, Duas Cidades*, AGIR, 1967, vol. II p. 57 e seg.) ou recomendar o profundo estudo de R. Garrigou-Lagrange, *Le Sens Commun* (Desclée de Brouwer, Paris, 1936); mas cremos prestar bom serviço avivando e condensando aqui as noções principais.

De início lembremos que todo o homem já nasce com todos estes dons de sua natureza racional:

- a) a alma espiritual ou forma específica pela qual o homem é homem;
- b) as potências da alma: a inteligência e a vontade racionais;
- c) as inclinações inatas determinadas pelo condicionamento (inclusive o corpóreo e o sensível) que favorecerá ou desfavorecerá a sorte ulterior dos *hábitos* adquiridos;
- d) os primeiros princípios, que são dons de natureza.

A partir desse núcleo essencial começa a história das aquisições intelectuais e morais. O senso comum se situa na zona dos primeiros acervos da razão especulativa e da razão prática, é uma primeira metafísica rudimentar, e uma primeira filosofia moral. Situado entre a cercadura dos primeiros princípios, e a cercadura maior e mais confusa do *consabido* cultural de cada época, ousa dizer que o senso comum, de importância vital para todo o desenvolvimento ulterior do homem, está muito mais próximo dos primeiros princípios do que do firmamento das coisas sabidas por todos num momento histórico, e portanto participa mais da perenidade da metafísica (digo da reta metafísica) do que da fluência e da mobilidade do *consabido* que anos atrás ignorava totalmente os raios *laser*, o *código genético*, a existência de um planeta transnetuniano e outras coisas desse tipo.

O senso comum é um acervo das primeiras elaborações dos primeiros princípios e poderá ser enriquecido ou deformado pelo envoltório cultural.

Gostaria de me estender longamente sobre a transcendental importância do senso comum tanto na vida temporal, particular ou pública, como na vida da Fé, que se torna dificilmente praticável numa sociedade que perde a docilidade ao real, e o instinto racional quase espontâneo que levaria a razão a bem considerar as coisas se não houvesse perturbações culturais trazidas pela enxurrada da his-

tória. Sem o senso comum sadiamente começado e alargado sem estorvos, dificilmente pode o homem começar a fazer filosofia e teologia, dificilmente pode ser vivida a sabedoria. Este é o drama dos tempos modernos, desde a Renascença e a Reforma, que na obra anteriormente citada chamei "civilização do homem exterior". E nesta "civilização", mal nascida de imensos dramas intelectuais, morais e religiosos de toda a Cristandade, e marcada com os sinais genéticos do nominalismo, um dos fatores mais nocivos para o senso comum, e portanto a todo o edifício da civilização e de seu relacionamento com a Igreja, foi o cientificismo. Torno a dizer: não foi em si o progresso da ciência das coisas exteriores e inferiores — a física, a astronomia, etc. — que é razoável e constitui uma glória para o homem, e sim o preço filosófico e religioso que custou esse progresso, por ter sido orgulhosamente armado em forma de rejeição de mais altos graus de saber, isto é, em forma de *revolução*.

Até hoje a pestilência do cientificismo continua a produzir seus frutos, como se vê no prazer sádico com que um Bertrand Russell, sob pretexto de filosofia matemática, tentou desmoralizar o senso comum, e como se vê no próprio nível vulgar da estupidez moderna que é, toda ela, tecida de pedante e asmático cientificismo.

Creio poder afirmar que um dos grandes pioneiros desse espúrio subproduto das ciências foi Galileu — ou mais exatamente — foi o "affaire Galileu" em que o próprio foi um dos agentes, irias não o único. É pena que Jacques Maritain não tenha introduzido este d'Artagnan entre os Três Mosqueteiros da Revolução (*Trois Réjormateurs*) que na verdade foram quatro. Para maior aflição nossa, o grande tomista teve a infelicidade de abordar o caso Galileu pela outra ponta que só vem servir os interesses da grande Rejeição. No seu livro recente, *Be UÉglise du Christ* (Desclée de Brouwer, 1970), Maritain aborda o caso mais explorado dos últimos 4 séculos como se estivessem em jogo os direitos da Ciência feridos pelo Santo Ofício, e não como efetivamente estava em jogo a pretensão do "cientificismo" e a injúria feita ao senso comum em nome do "progresso da Ciência". (4)

Em vista do papel de destaque que esse caso desempenhou no afluente revolucionário que nos trouxe a este estuário de erros, não resisto à ideia de inserir, com a maior condensação possível, algumas considerações que, de início, têm o picante do desafio, porque levam a mostrar que, no caso, certo estava o Santo Ofício e errado Galileu. E antes que clamores de asneiras escandalizadas cheguem ao meu tuguário, apresso-me a explicar o problema em termos de exemplar moderação. E desde logo observo que só entenderá alguma coisa do *imbróglío* quem tiver, razoavelmente claras, meia dúzia de noções.

Entre essas noções dou lugar de destaque ao "senso comum" que é, por assim dizer, uma primeira trincheira onde temos de defen-

der o humano. Forçado pelo espaço a contentar-me com o que disse no tópico anterior, e na leitura que remeto a Garrigou-Lagrange (*Le Sens Commun*), passo a ocupar-me da segunda, que diz respeito à estrutura e aos métodos das ciências da natureza: física, química, biologia, astronomia, etc.

O "depósito observado" e as "teorias"

Desde a Idade Média, e principalmente desde Santo Tomás, sabemos que convém distinguir, no cabedal científico a que damos vários nomes, conforme seus objetos materiais, duas coisas:

- a) O acervo dos dados observados e trazidos por observações e experimentações à prova da evidência sensível. Demos a este principal património, e principal critério das *ciências* o nome de "dato fenomênico" ou de "fenómenos observados", ou ainda lembremos o nome que lhe davam os escolásticos: "*apparentia sensibilia*" onde o termo "*apparentia*" não quer dizer "o que parece ser..." e muito menos "o que parece ser, mas não é", e sim "o que é evidente para o conhecimento sensível".
- b) A segunda coisa é a síntese interpretativa feita de teorias destinadas a propor uma explicação conexa aos vários elementos dispersos do *dado observado*.

E aqui cabe um reparo importante: a teoria interpretativa, apesar de seu talhe imponente, é cientificamente sujeita ao observado, aos fenómenos, e só se mantém enquanto suas articulações e a costura de seu tecido de hipóteses explicativas conseguem dar conta dos dados observados. Santo Tomás, na questão relativa à possibilidade de prova metafísica da Trindade (S.T. Prima, Qu.32), chega à conclusão de que seria possível sem a Revelação adivinhar, propor a ideia de um Deus Trino refletido em todas as coisas, mas não é possível prová-lo como provamos a existência de um Ato Puro ou de um Ser A-se. E então, para ilustrar genialmente com um exemplo astronómico, Santo Tomás diz que é evidentemente provado o movimento dos astros, que naquele tempo se enquadravam para cálculos de eclipses, etc, na teoria dos epiciclos que viera do *Almagest* de Ptolomeu e durante quatorze séculos conseguiu enquadrar os "dados observados"; mas logo o Doutor Angélico acrescenta com o mais lúcido discernimento científico (além dos outros mais altos) que isto não *provava* a teoria dos epiciclos, e que amanhã ou depois outra

teoria interpretativa poderia dar uma explicação mais simples. O que importava era a salvaguarda de "depósito observado". Digamos como os escolásticos: "*opportet salvare apparentia sensibilia*".

Dois exemplos de ruptura de uma teoria interpretativa

Há nos tempos modernos dois exemplos curiosos e curiosamente cercados de circunstâncias e ressonâncias diversas. Começemos pelo segundo: a saturação e os primeiros estalos de uma das teorias interpretativas mais gloriosas da ciência moderna: a da síntese newtoniana. Durante mais de dois séculos o mundo ocidental viveu tão solidamente agarrado à gravitação universal formulada por Newton que muitos, mesmo nos grêmios mais científicos, chegaram a esquecer a essencial distinção, i.e., chegaram a esquecer que a teoria interpretativa pode ter as costuras rompidas pelo advento de um fenómeno observado que nela não consiga encontrar explicação cabal. Tal era a convicção, mais cientificista do que científica, que milhões de pessoas não hesitariam em dizer que estava matematicamente provado que os corpos se atraíam na razão direta das massas etc. etc.

Ora, essa afirmativa era errônea (filosoficamente) porque nada se pode demonstrar matematicamente de coisas físicas. Pode-se observar, pode-se *medir*, mas essa mesma não é uma operação matemática e sim física.

Hoje sabemos que a grande síntese newtoniana não dava boa conta, por exemplo, do movimento do periélio de Mercúrio, nem conseguia enquadrar bem o eletromagnetismo depois de Maxwell. Por essas e outras e sobretudo depois de Plank e Einstein operou-se uma transformação do sistema de síntese explicativa para cumprir o preceito escolástico: salvaguardar o depósito observado. Não se trata pois de reformar, de revolucionar, e sim de procurar novos meios de sistematização que continuem o acervo adquirido e crescido. Não creio que tenha passado no espírito de Einstein ou de Plank que Newton fosse um trevosos medieval deixado para trás a babar na gravata, ou na gargantilha, que era o que se usava naquele tempo em que também se usava a ação a distância como vitória sobre o aristotelismo.

Aliás, convém lembrar que Netuno, descoberto com cálculos de Lavoisier do mais ortodoxo newtonismo, até a 6a. ou 7a. casa decimal do logaritmo, não tornou a mergulhar no ignoto, nem os eclipses, que ainda se calculam na mesma honrada mecânica celeste, que tão bons serviços prestou, deixam de comparecer, com a prevista pontualidade. Mas o fato incontestável é que a Física newtoniana,

assim chamada por seu lado hipotético-explicativo, cedeu lugar a uma outra Física que ainda se debate perdida numa excessiva soma de dados que andam à procura de uma nova roupagem.

O segundo exemplo de mudança de teoria interpretativa para manutenção do "depósito observado" foi cronologicamente anterior à transmutação Newton-Einstein e ocorreu num clima de euforia já revolucionária. Refiro-me ao "caso Copérnico", que merece um tópico especial, mais por seu alarido do que por seu valor epistemológico.

A "revolução" copernicana

A contribuição de Copérnico, por causa do ponto histórico em que ocorreu, produziu no mundo um ataque de estupidez que dura até hoje. Até então o sistema de Ptolomeu permitia prever a posição dos astros e o comparecimento dos eclipses, com uma precisão que só dependia do aperfeiçoamento dos aparelhos de medida (isto é, do instrumental de *observação física*), e todo ele se firmava em referenciais que estavam na Terra e eram tidos por imóveis. Da escolha desse sistema referencial fixado no observador terrestre resultavam os famosos epiciclos para adequada, e tão rigorosa quanto possível, previsão do movimento dos astros. Durante quatorze séculos esse majestoso sistema deu conta dos "dados observados", ou salvou os fenómenos como dizia Santo Tomás. Copérnico fez a experiência placidamente prevista por Santo Tomás; imaginou outra escolha de eixos coordenados com centro no Sol e viu que toda a geometria do movimento se simplificava se colocasse o Sol no centro do sistema planetário e se partisse do puro postulado (sem nenhuma base na observação) de serem circulares os movimentos dos planetas em torno do Sol.

É inegável a intuição que teve Copérnico nessa escolha de novos referenciais, mas há um colossal exagero no valor que passa o mundo inteiro a atribuir-lhe. Na verdade, nem o instrumental matemático possuía esse cientista e foi um matemático alemão Georg Rheticus (1514-1516) que, ouvindo falar em sua teoria, veio trabalhar dois anos com ele. Com os dados observados retomados no século XV por George Burlach (1423-1461), da Universidade de Viena, e sobretudo por seu discípulo Johannes Miiller (1436-1476), que haviam estudado na Itália as versões gregas do original de Ptolomeu, puderam ambos elaborar a obra principal que Copérnico publica: *De revolutionibus orbium coelestium*. Morre poucos anos depois (1543) sem ser incomodado por ninguém e talvez sem imaginar que lançava uma outra *revolução* diferente do giro circular dos planetas. A chamada revolução copernicana é realmente uma *revolução* no sentido

que hoje dou a este termo. Sem culpa nenhuma do autor, a mudança de eixos de uma cinemática trouxe fortes abalos culturais, e muita gente sentiu efetivamente um abalo no nível do senso comum, e até hoje as vítimas do cientificismo exageram o feito, ignoram as controvérsias, ignoram que a estrepitosa "revolução copernicana" nada descobriu na natureza física dos astros, mas pouco mais fez do que rearrumar os eixos de uma geometria do movimento, i.e., de uma cinemática. E sobretudo ignoram que, facilitando embora os cálculos astronômicos de previsão da ascensão reta e da declinação dos planetas, e das datas dos eclipses, o sistema do Copérnico *não trazia melhor aproximação do que os cálculos feitos com os epiciclos de Ptolomeu*, e até de certo modo se arriscava a trazer erros maiores, porque, enquanto os astrónomos tradicionais se apegavam aos dados observados que extrapolavam, Copérnico apegava-se *a priori*, e sem base física, à ideia antiquíssima, pitagórica, de órbitas circulares.

Há, assim, na festejada novidade um divertido anacronismo que vem precisamente do fato de ser mais imaginoso do que cientista o autor de *De revolutionibus*. . . , e do fato de não ter sido dócil ao observado como ensinava Santo Tomás; "oportet salvare *apparentia sensibilia*". É curioso notar que o conhecido autor da revolução copernicana, além de apriorista em matéria física, era rigidamente tradicionalista quando censurava Ptolomeu por ter-se afastado demais de Pitágoras. E eis aqui um divertido paradoxo resultante da mistura do cientificismo com uma espécie de mística, ou de *gnose*, com a qual Copérnico é ao mesmo tempo o abridor de portas do século XVI e o fiel pitagórico de vinte e dois séculos atrás! Kepler (1571-1630), quando descobrir a forma elíptica das órbitas planetárias e as famosas três leis do movimento planetário, dirá que Copérnico não soube aproveitar a riqueza que tinha nas mãos. Cumpre porém notar que, mesmo depois do apuro trazido pelas leis de Kepler ao movimento dos planetas, aplica-se à astronomia do tempo a mesma queixa formulada por Francis Bacon contra Galileu e Copérnico.

Adversário do método elaborado por Galileu, que consiste em isolar os fenômenos do contexto natural, para estudar somente os aspectos mensuráveis, e para desenvolver depois vastas teorias matemáticas sobre a base dos resultados, Bacon reclama a consideração dos fatos que tenham relação com a matéria tratada: em astronomia, por exemplo, a natureza física dos corpos celestes, que Copérnico desprezava, e a resistência do ar na queda dos corpos, desprezada por Galileu... (*)

Na verdade, a astronomia até Kepler, e antes de Newton, reduz-se a uma cinemática baseada em medidas de ângulos: era uma trigonometria esférica em movimento, com duas dimensões angulares, e uma 3ª dimensão de duração *t*. Exagerei dizendo em outro lugar (6) que se reduzia a uma cinemática colocada no 2º grau da abstração

matemática. Onde há medida experimentalmente feita, com régua e transferidor, por exemplo, já há uma espécie de topografia do espaço físico. O que se pode dizer, sem exagero, é que aquela astronomia era de uma magreza física esquelética que não tinha o direito de passar dos entes de razão, ou da teoria interpretativa para matrícula no acervo fenomênico, a não ser com prova *física*, isto é, reduzida experimentalmente a uma evidência sensível, a uma "*apparentia sensibilia*".

Mesmo depois de Newton (1642-1727) é ainda prematuro dizer que está *fisicamente* provado o movimento de rotação da Terra, e *fisicamente* justificada a escolha do centro do sistema planetário no astro que condensa a maior massa. É somente depois da medida da constante *g* de gravitação, realizada em laboratório por Cavendish, (1731-1816), que a chamada lei da gravitação universal pode ser provocada, medida e, assim, enquadrada no acervo fenomênico. Mas ainda é cedo para dizer que está cientificamente provado que o Sol *atrai* os planetas na razão direta das massas e na inversa do quadrado das distâncias, porque o verbo *atrair* implica toda uma teoria interpretativa. Na física moderna ainda não se solidificou uma tranquila teoria da gravitação, mas a tendência parece ser a de procurá-la mais numa "forma" do espaço-tempo em torno de uma massa do que numa ação a distância.

Ainda depois de Kepler, Newton e Cavendish é prematuro falar em prova física do movimento diurno da Terra, que só ingressa no patrimônio do "dado observado" com as experiências do pêndulo de Foucault, na cúpula do Panthéon de Paris, em 1850.

Reflexões sobre ciência autônoma e heterônoma

Apesar do título rebarbativo, o que queremos dizer neste tópico é simples e relevante: sendo as ciências empíricas (a astronomia, a física, a biologia, etc.) compostas de duas partes, um acervo fenomênico ou um "dado observado" de um lado, e uma "teoria interpretativa" de outro, é fácil adivinhar a soma de equívocos que advirá quando tomarmos uma coisa pela outra. E aqui cumpre notar que, embora não pareça, a primeira parte é muito mais inacessível e *impopular* do que a segunda, porque são poucos os que entram em confronto direto e fraterno com o irmão-fenômeno, e muitos são os que lêem as notícias das sínteses teóricas, quase sempre em formas vulgarizadas e brutalizadas.

Tomemos por exemplo o movimento diurno da Terra.

Muito poucos são os que fizeram ou refizeram a experiência de Foucault, e os que, com o olho colado à ocular do *círculo meri-*

diano, puderam verificar com aproximação cada vez maior a uniformidade do movimento angular dos "pontos no infinito" que cruzam os fios do retículo. Todos os outros que falam da rotação da Terra, de oitiva falam. De ouvir dizer e não de coisa vista ou diretamente ouvida. Essa grande e respeitabilíssima maioria dos não-astrônomos, o pouco que sabem de astronomia não o sabem com ciência adequada e autônoma, sabem-no por informação, por fé humana, ou por ciência pobre, inadequada e heterônoma. A mais lúcida inteligência do mundo, digamos por exemplo Jacques Maritain, fala com toda a simplicidade do acerto de Galileu, da mancada do Santo Ofício, sem se dar conta de que a verdade "científica" do movimento da Terra só é por ele conhecida em nível colegial de ciência heterônoma, colada por informação.

Arma-se aqui um problema filosófico interessante e indispensável à compreensão dos equívocos tecidos em torno do "caso Galileu". Será *hoje* o movimento diurno da Terra um simples dado do consabido, uma ciência realmente heterônoma de pura informação, ou será *hoje* um dado do senso comum e, portanto, sob certo título, uma ciência muito mais densa do que uma simples informação?

Respondeo dicendum que, nos tempos de Galileu e Copérnico, a rotação da Terra era um dado da teoria interpretativa, sem prova física para os próprios autores e defensores da ideia, que abusavam de seus dons intuitivos, divinatórios, ou de suas faculdades oníricas quando a apresentavam como fisicamente provada. Galileu chegou a dizer, sem direito de fazê-lo, que sentia-o (o movimento da Terra) como se o tocasse com as mãos. O glorioso florentino, nesse passo, abusava de seus talentos e cometia fraude epistemológica. E aqui não me venham dizer — pelo amor de Deus e das verdades menores — que o futuro deu razão a Galileu e provou que era verdade o que afirmava, porque a honra e dignidade do cientista não consiste em ter intuições de que outros mais tarde darão a prova adequada a esse grau do saber. Não, mil vezes não. A honra e dignidade da ciência não consiste em *acertar* como na loteria (que só mais tarde comprova o acerto), consiste *essencialmente* em dar as razões do que assevera e demonstrar o que diz com os recursos adequados a esse grau de saber. Foucault poderia dizer, metafisicamente, que sentia o movimento diurno da Terra como se o pegasse, mas Galileu, sem fraude ou abuso, não podia. Mas não é ainda aí que se situa o nó da questão para o qual abrimos este "respondeo dicendum", é na posição do problema em relação ao senso comum. Perguntávamos se hoje o movimento da Terra é um simples dado do consabido, ou do dilúvio de informações, ou se já ganhou lugar no senso comum. E agora respondo dizendo que *hoje* o movimento da Terra se incorporou aos dados periféricos do senso comum porque entre os dados mais nucleares da *petite sagesse* está a confiança no que

se tornou opinião universal e incontrovertida apesar da minguada minoria dos astrônomos.

Diferente era a situação no tempo de Galileu: a influência do consabido da época no senso comum tornava-o pouco acolhedor de uma transposição de eixos que colocasse o observador no Sol a menos que se atribuísse ao Sol uma imutabilidade e outros atributos cientificamente desnecessários para salvaguardar o "depósito observado", mas psicologicamente necessários para amolecer as resistências do senso comum e predispor-lo a novidades fantásticas de caráter gnóstico em que se misturavam dados de ciência e de religião entremeados.

O heliocentrismo e o culto do "Deus-Sol"

A História é sempre composta de uma face clara, consciente, superficial, onde se demarcam as datas, se travam as batalhas e se mudam os regimes, e de outra subterrânea, por onde correm os vasos capilares de mistério, irracionalismo e perpétua conspiração que os homens inventam nas profundezas da alma com a ilusão de conjurar assim as variadas aflições da vida.

O claro e estridente século da Renascença e da Reforma, com toda a sua presunção cientificista, ou por causa dela, não escapou à regra geral e até pode-se dizer que confirmou-a com certo exagero. Assim é que no próprio domínio da ciência que produzirá o cartesianismo e o culto das ideias claras vê-se o lado sombra formado pelo culto religioso do Sol, que vigorava na era das pirâmides, no Egito e na Mesopotâmia.

Num recente artigo, (7) Lewis Mumford assinala a estranha composição do "progressismo" do século XVI, metade mecanicista e metade gnóstico, sendo de notar que a parte gnóstica, esotérica ou mágico-supersticiosa, não era trazida pelas classes mais ignorantes, mas pelos mesmíssimos "filósofos" que enaltecem a ciência e que no século seguinte começarão a preparar a revolução. Vale a pena inserir aqui algumas passagens de Mumford:

Se algum ponto da História pode ser assinalado como o início da moderna concepção do mundo, concepção mecânica, expressão de uma nova religião e base de um novo sistema de poder, esse ponto está na quinta década do século XVI. Nesse tempo não foi apenas o sensacional *De revolutionibus Orbium Coelestium*, de Copérnico, que veio a lume; foram também o tratado de anatomia *De Humani Corporis Fabrica*, de Vesalius (1543), a *Ars Magna*, álgebra de Jerónimo Cardano (1545), e a teoria da bacteriologia patogênica enunciada por Fracastor em *De Contagione et Contagionis Morbis* (1546). Cientificamente pode-se dizer que foi a década das décadas.

A maneira usual de interpretar a chamada revolução copernicana é a que considera como principal efeito a ruptura de uma teológica e assentada concepção, pela qual Deus colocara a Terra no centro do universo, e fizera do homem o objeto último de Sua atenção. Se o Sol é efetivamente o centro do universo, então toda a estrutura da teologia dogmática cristã — com seu único ato de criação e a alma humana tida como interesse central de Deus, e a provação moral do homem neste mundo como preparação para a vida eterna em conformidade com a vontade de Deus — toda essa estrutura está ameaçada de colapso.

Observo eu que não é a Sagrada Congregação do Santo Ofício que está dizendo essas coisas em Roma nos idos de 1616, é o atualíssimo e muito lúcido autor de *The History of Utopies* que nos descreve o impacto cultural, teológico e, conseqüentemente, o impacto na fé católica trazido pelo "heliocentrismo", e nos prepara o espírito para a divertida surpresa de ver o refluxo desse impacto sobre os próprios autores das descobertas, invenções, utopias ou sonhos.

Continua Mumford:

Visto através das novas lentes da ciência, o homem encolheu. Em termos de escala astronômica, o gênero humano totaliza pouco mais do que um efêmero e inquieto mofo deste pequeno planeta. A ciência, que realizou esta impressionante descoberta pelo simples exercício das naturais faculdades humanas e não pela divina revelação, tornou-se a única fonte de autêntico conhecimento digno de crédito. *Tudo isto*, porém, embora nos pareça hoje tão claro, não foi imediatamente reconhecido por aqueles que estavam mais profundamente cativados pela nova religião...

Cabe aqui um reparo: esse encolhimento do homem não ocorreu logo no século XVI, após a formulação do heliocentrismo por Copérnico, porque a *escala astronômica* só ganhou divulgação depois da medida da distância do Sol que, não podendo ser feita por método puramente trigonométrico com base na Terra como a distância da Lua, foi efetivada pelo astrônomo Halley em 1631 por um processo mais indireto, que envolvia a observação de uma passagem de Vênus sobre o disco solar observada por dois astrônomos muito afastados. Essa distância, que orça por 149.000.000 quilômetros, passou a ser o *metro* da nova escala astronômica que somente no século XIX (1840), quando Bessel mediu a primeira paralaxe da estrela *6N do Cisne*, ganhou as dimensões de anos-luz que logo passaram de 4,3 (da estrela mais próxima, Alfa do Centauro) para milhares, milhões e bilhões de anos-luz com os sucessivos progressos da espectroscopia, da fotometria e da atual radioastronomia. Como, porém, "tudo isto foi descoberto pelo simples exercício natural das faculdades humanas, segundo observa Lewis Mumford, o conseqüente encolhimento do homem esmagado pela escala astronômica foi alternativamente seguido de momentos de narcisismo idolátrico: o próprio homem, em vez de passar de paulga a Napoleão, como na cabeça de Raskal-

nikoff, oscilava vertiginosamente entre Deus e Nada. Nunca chegara a tão delirante amplitude a oscilação psicológica a que Oliver Brachfeld (8) denominou "complexo de Gulliver". E nunca se descurou tanto o conselho de Pascal: não é bom falar na glória humana sem evocar sua miséria, mas também não é bom demorar-se em sua miséria sem lembrar sua glória.

Outro reparo: Mumford diz que todas as exorbitâncias do cientificismo, que hoje nos parecem claras, não foram imediatamente percebidas por aqueles que estavam profundamente cativados pela nova religião. Ora, isto que parece tão claro hoje a um dos mais argutos observadores da atualidade continua obscuro para os "progressistas" da nova religião, e o que disse ele ter passado despercebido aos "progressistas" da nova religião do século XVI não passou despercebido ao Santo Ofício, cujos juízes, no caso Galileu, sentiram, no nível do senso comum vivificado pela Fé, ou graças aos dons do Espírito Santo, não apenas uma tese ousada e mal fundada, mas todo um intrincado processo de cientificismo e de gnose que divinizava o Sol, no século XVI, como nos mostra Lewis Mumford, que mais adiante escreve:

O efeito imediato da nova teologia foi o de reviver concepções que datavam do tempo das pirâmides no Egito e na Mesopotâmia.

Alongando-se, no referido artigo, em considerações que merecem ser lidas e meditadas, em certa altura Mumford cita Battersfield, que diz: "Copérnico se torna lírico e chega quase à adoração do Sol quando escreve a respeito de sua natureza monárquica *{regai}* e da posição central que ocupa". Tyllyard assinala que o Sol, na era elisabetana, era geralmente considerado como a contraparte material de Deus.

O caso Galileu

Creio que agora temos, na condensação que nos foi possível, as várias noções e os vários dados que permitem uma abordagem do caso Galileu que permitirá, assim o espero, desanuviar mais uma das tantas histórias mal contadas com que se tece a história.

Eis os termos em que o Santo Ofício, sob o pontificado de Paulo V, foi consultado em fevereiro de 1616.

Duas proposições foram apresentadas.

1? — O Sol é o centro do mundo e por conseqüência imóvel de movimento local.

2? — A Terra não é o centro do mundo nem imóvel, mas move-se ela toda por um movimento diurno.

Poucos dias depois a resposta é dada:

- a) "A primeira proposição é insensata e absurda em filosofia e formalmente herética, por contradizer expressamente muitas passagens da Sagrada Escritura, conforme a propriedade dos termos, segundo a interpretação comum e o sentido dos santos padres e dos doutores da teologia";
- b) "quanto à segunda proposição, ela merece a mesma censura filosófica, e em relação à verdade teológica é pelo menos errônea na fé. (9)

Dois dias depois, o comissário do Santo Ofício notifica a Galileu a censura lavrada contra a opinião segundo a qual o Sol está no centro imóvel do universo, e a Terra se move. Essa opinião não deve ser sustentada nem defendida. Galileu é advertido das penas a que se expõe e promete obedecer.

Aqui termina a primeira parte do caso Galileu, e desde já se escandalizam os que vêm em tais condenações do Santo Ofício um crime de lesa-majestade contra a Ciência. Ora, por incrível que isto pareça aos que se deixaram conscientizar pelo culto da "livre pensée" (que na verdade, como veremos, é um culto da "pensée vide"), ousou dizer que essa reação é errônea. O próprio Maritain, que quer ser mais *anti-antimoderne* do que nunca, diz mais adiante (10) que: "se os juízes do Santo Ofício se enganaram tão gravemente foi porque, por um errôneo princípio ainda mais perigoso (por ser de alcance geral) julgaram que a ciência dos fenômenos estivesse sob a jurisdição da teologia e de uma interpretação geral da Sagrada Escritura. Pode ser — digo eu a título de hipótese — que os juízes do Santo Ofício acreditassem nesse falso princípio epistemológico, mas o que é certo, e duvido de que algum filósofo ou teólogo possa contestar-me, é que, se a teologia e o Magistério da Igreja não podem julgar as ciências dos fenômenos nos seus processos intrínsecos e próprios, podem e *devem* julgar o *uso* que o cientista faz das intuições e teorias interpretativas do fenômeno. Não ignoro que essa jurisdição da Igreja é hoje negada e recusada em todo o nosso bravo novo mundo gloriosamente pluralista. Mas é preciso lembrar que, no tempo de Galileu, a Igreja e o Santo Ofício ainda se sentiam responsáveis por todos os passos em que a prudência pastoralmente recomendava moderação nos domínios da ficção e do sonho científico. Além disso, explica-se certa brutalidade na sumária condenação do Santo Ofício, que parece efetivamente colocada em termos dogmáticos, pela cons-

ciência que tinha de representar ainda a paternal proteção de uma civilização cristã.

Podemos admitir que os assessores e juízes do Santo Ofício, não sendo todos geniais e santos como Santo Tomás, tenham confundido a censura *pastoral* que as proposições de Galileu bem mereciam com a censura dogmática que só mereceriam efetivamente os erros formalmente contrários à Revelação e à Fé; mas não podemos deixar de assinalar que tais proposições, lançadas num contexto cultural despreparado, em que os próprios astrónomos como Tycho Brahé reclamavam provas mais convincentes, afligiriam a cristandade nos costumes intelectuais, no nível do senso comum que, além da Fé e dos Costumes, também está sob a salvaguarda da Igreja. Além disso, notemos que a Igreja seria impraticável, e que a Civilização Cristã seria impraticável, se os juízes do Santo Ofício devessem todos ter a estatura de Santo Tomás. O próprio Maritain (na página 357 da mesma obra citada) diz encolerizado que:

... se era verdade — e é efetivamente verdade — que (como diz o Cardeal Journet) todos os contemporâneos tinham como evidente "que essa condenação doutrinal atingia matéria revogável por uma autoridade falível", eles, os juízes, eram certamente os primeiros a saber que podiam estar enganados.

É o caso de perguntarmos: e daí? Se os juízes do Santo Ofício só podiam proibir e censurar infalivelmente, concluo eu que o erro não está no *personnel* mas na *Personne* da Igreja que tanto tempo admitiu a possibilidade de governar que necessariamente inclui a possibilidade de decisões gravíssimas em matéria revogável, e fora do domínio estrito da infalibilidade. Se o Santo Ofício além de uma grave mancada (*bourde*) cometeu um "abuso de poder", então concluímos que é impraticável o governo da Igreja, já que o exercício da infalibilidade deve ser poupado preciosamente para as questões extraordinárias, e diretamente contrárias à Fé e já que o governo exige medidas pastorais em todas as matérias ordinárias.

E volto a dizer, com a consciência de estar afrontando de um lado um himalaia de opiniões amontoadas durante quatro séculos, e de outro um autor que em filosofia sempre tive por mestre, que o pronunciamento do Santo Ofício quis dizer que aquelas proposições eram perigosas contra a fé, nocivas à fé no nível do senso comum, que é uma *sabedoria* (rústica embora), e como tal superior e mais merecedora de cuidados do que as ciências das coisas exteriores e inferiores que nada perderiam por esperar um pouco o sinal verde nos cruzamentos da história, e que põem em risco toda a civilização se querem ser elas as infalíveis.

Além disso, nunca é demais insistir neste ponto: o erro do genial Galileu, no seu próprio campo científico, foi mais grave e

mais petulante do que o excesso de formulação dogmática com que o Santo Ofício o advertiu. A ideia de um Sol imóvel no centro do mundo é mais grotesca, mais fantástica, mais insensata do que a tradicional ideia que colocava o centro na Terra em que surgiu o homem e se encarnou o Verbo de Deus. O Santo Ofício, sem o saber, sem mesmo fazer questão do provar as sucessivas revoluções da Física, dizendo que o "heliocentrismo" era insensato e absurdo "filosoficamente", diz o mesmo que diriam os físicos modernos: a proposição que diz estar o Sol imóvel no centro do universo é *meaningless* para um físico, "e mesmo para um não-físico" como disse Einstein em situações semelhantes. Mais acertada é a proposição filosófica ou teológica que coloca o centro do mundo *onde está o observador* capaz de medir paralaxes e anos-luz, ou onde esteve a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade em sua condição carnal.

Sim, em 1611 como em 1971, e como em 2611 e até o fim do mundo, só terá sentido a noção de centro do universo na ordem do conhecimento e do amor. O Sol será, se quiserem, centro imaginário (ente de razão matemática) da órbita percorrida pelos centros de gravidade dos planetas, órbita circular para Galileu, elíptica para Képler, e complicadamente helicoidal quando se descobriu, depois que a análise espectral revelou o deslocamento de certas raias K na direção do vermelho ou na oposta conforme se observavam estrelas nas cercanias da constelação de Hércules, ou na oposta. Desde essa observação ficou sabido que *messer frate il sole*, longe da majestática imobilidade que lhe atribuíram Copérnico e Galileu, é um globo incandescente caindo, ou melhor, errando no espaço, mais erradamente do que Parsifal sem elmo e sem lança. Desmanchou-se num novelo caprichosamente desenrolado o pomposo "heliocentrismo" que sempre foi uma pobre verdade de fraca compleição, como dizia Ibsen, porque já no tempo de Képler o Sol passou do centro do círculo para o foco da elipse, e hoje não passa de um dos trepidantes e incertos grãos de nosso *restless Universe*, como diz Maz Born.

Na verdade, a proposição apresentada ao Santo Ofício por Galileu, ligada à presunção de uma prova física de que lhe parecia "evidente como se a tocasse com as mãos", constitui um monstro epistemológico, onde se misturam os graus de abstração e onde a hipótese explicativa se transforma em dado observado, ligado a uma fraude pelo empenho com que tentou, na divulgação, inculcar a ideia de uma *prova científica*.

Parece-me indubitável que, nesse episódio, Galileu, como cientista, errou mais gravemente na formulação de sua comunicação do que os juizes do Santo Ofício erraram como teólogos; porque para defender cabalmente o enunciado da condenação basta-nos colocá-lo no plano pastoral de defesa do senso comum barbaramente agredido, não pelas pesquisas e observações dos satélites de Júpiter, não pelas

teorias explicativas apresentadas prudentemente com caráter de hipóteses, mas pela fraude com que se pretendia inculcar como provado o que teria de esperar muito estudo "para ganhar direito a um enunciado decentemente científico. E aqui parece-me especialmente infeliz a nota (a) de Maritain (op.cit.pág.393):

Que Galileu não tenha realmente *demonstrado* o movimento da Terra nada tem a ver aqui. Realmente foi somente depois de Newton que o heliocentrismo se impôs a todos os homens de ciência. As provas invocadas por Galileu não eram demonstrativas e pouco valiam. Mas, antes de mostrar e sem estar ainda em condições de fazê-lo, há no espírito do grande sábio uma percepção intuitiva *que basta* (grifo nosso) para lhe dar uma convicção da qual — *certo ou errado* (grifo nosso), isto é outro assunto que diz respeito ao progresso da ciência — ele absolutamente não duvida. Tal foi o caso para o génio intuitivo de Galileu.

Nesta nota infelicíssima, onde se evidencia o empenho de glorificar um dos motoristas do progresso da ciência, em detrimento do obscurantista Santo Ofício, não reconhecemos o autor de *Théonas*, de *Antimoderne*, de *Trois Réformateurs*, de *Reflexiona sur VIntelligence et sa vie propre*, não reconhecemos o severo e exigente filósofo que nos ensinou, entre mil outras coisas, esta lição que eu já escrevi atrás e agora repito: a honra e dignidade do cientista não consiste em *ter acertado* (ou quase acertado) a proposição que outros demonstrarão, e da qual ele mesmo, dizendo que a sente como se a tocasse, não sabe provar; não, mil vezes não: a honra do cientista, do filósofo e do teólogo não é de natureza esportiva ou lotérica, não consiste em acertar *à tort ou à raison*, mas consiste essencialmente em dar as razões de sua proposição.

Os tomistas, e com toda a razão, costumam ficar irritados quando os franciscanos lhes dizem, ou melhor, lhes diziam com garbo que Duns Scotus *acertara* na questão da imaculada conceição da Virgem Santíssima, enquanto Santo Tomás perdera o ponto. Voltando com saudades aos bons tempos em que dominicanos e franciscanos discutiam essas coisas, lembro-me de um O.P., não sei se Garrigou-Lagrange ou Gardeil, que chegava a asseverar que no encaminhamento da proclamação do dogma valeram mais os argumentos refutadores de Santo Tomás do que os surtos intuitivos com que Duns Scotus, *à fort ou à raison*, afirmava.

No caso Galileu, para terminar, direi que hoje, melhor do que nunca, estamos em condições de apreciar a real e profunda intuição com que o Santo Ofício sentiu a presença do monstro — o cientificismo e não a ciência — que arrombava as portas e se precipitava para devastar uma civilização. Mas nossa constatação não é triunfalista porque são muito poucos os que participam dela; é antes melancólica, e tem todo o travo de uma batalha perdida.

A inteligência em perigo

Tomamos para este tópico o título de um belo livro de Mareei de Corte, em perspectiva um pouco diferente, para desenvolver um pouco mais uma questão que atrás abordamos, e que agora se torna mais oportuna (estamos no século XVIII) porque, enquanto na superfície da história os amadores do nada, que o tomam pelo tudo, se entretêm em ler a letra F ou H da Enciclopédia nos salões de Madame Geoffrin, e a atualidade se enfeita com nomes de luz, iluminismo, *enlightenment*, *aufklärung*, nos subterrâneos da mesma história os escavadores do nada cavam os alicerces da civilização e preparam a Revolução.

Vimos atrás que as coisas de qualquer ciência podem ser possuídas com ciência própria e autônoma, adquirida e assimilada profundamente, ou com ciência heterônoma, ou informação transmitida e recebida apenas com fé humana. Na filosofia e na matemática só há real conhecimento quando o mestre ou o informante podem ser despedidos e o estudioso se apodera da verdade compreendida ou demonstrada, que se torna sua, esposa de sua inteligência, sem nenhuma interposição. Nas ciências dos fenômenos, a rigor, também só possuem a certeza menor de suas correlações aqueles que observam e experimentam diretamente, e conduzem todas as suposições à certeza dos sentidos, vista, apalpada, medida. Mas esse acesso à experiência, à exaustiva prova experimental em que se consumiu parte da vida de Pasteur para desfazer a ilusão da geração espontânea da vida, ou o acesso ao círculo meridiano e ao espectroscópio sideral é difícil e muito escassa será sempre a parte de um povo que lá chegará. A maioria saberá sempre quase tudo de oitiva; e o mais assustador é que, crescendo o campo das coisas sabidas nesta espécie de saber, como começou a crescer vertiginosamente desde a Renascença, crescerá na mesma proporção o número de homens que falarão nessas coisas com grande entusiasmo, sem todavia as saberem com ciência própria e autônoma, mas apenas com fé humana ou por terem lido no jornal. E entre esses faladores da ciência que só a possuem por uma espécie de cola, incluem os intelectuais que falam no movimento diurno da Terra sem nunca terem aplicado um olho à ocular de uma luneta de círculo meridiano.

Receando que o leitor não tenha ainda apreendido o perigo em toda a sua profundidade, sou forçado a entrar em considerações sobre a vida da inteligência e suas exigências próprias. Assim como o olho foi dado para ver a luz e o ouvido para apreender o som, a inteligência nos foi dada para, de início, em sua primeira operação, apreender os inteligíveis, isto é, para ver por si mesma e não pelos outros o que as coisas são, e daí passar aos juízos que predicam

alguma coisa de um sujeito, e aos raciocínios que tecem e tramam as conexões do saber. Tudo isto a inteligência quer fazer por si mesma, a partir dos inteligíveis vistos nas coisas sem nenhuma interposição. Esse relacionamento autônomo com o objeto constitui propriamente a liberdade da inteligência, e se separa por um abismo da chamada "liberdade de pensamento" que consiste no suposto e arrogante direito de dizer que pensa o que quer, ou de pensar que pensa o que não chega a pensar.

A inteligência quer tornar-se o objeto conhecido numa união muito íntima, muito perfeita e muito casta, e sofre quando as regras da convivência lhe pedem que aceite como verdadeiro aquilo que como tal ela própria não pôde ver. Sofre, mas compreende que a vida em sociedade é própria do homem, e que essa feição essencialmente política do homem acarreta uma divisão no trabalho e uma divisão no saber. As humilhações impostas à inteligência se transformam em cordialidade, em amizade cívica, em *filia*, e neste transpasse a alma se conforta e aprende a conformar-se com um grande número de saberes possuídos por fé humana. O perigo da inteligência se contorna e até se transforma em riqueza na ordem do amor enquanto a sociedade consegue manter a inflação do consabido controlada e submetida a uma sabedoria, e enquanto a sociedade consegue manter os laços de amizade cívica. Quando se rompem os dois equilíbrios, quando a soma crescente de dados enciclopédicos sabidos por toda a humanidade se agigantam e se desprendem de qualquer sapiência mais alta, e quando se instila na Polis, em lugar da *filia*, a regra da competição ou a luta de classes, então a inteligência desvaria, se avilta, desespera, e passa a encher-se de gases, a indigestar-se de um milhão de nadas que somados e multiplicados dão nove fora nada. E os hospícios se povoam; e ao cabo de algum tempo o mundo se transformará no grotesco e sinistro conto de Edgar Poe, em que os últimos sensatos estarão nas camisas de força, e os loucos na direção e na administração do planeta.

Em palavras mais sóbrias, o cientificismo e o conseqüente enciclopedismo, é uma violação, uma curra da inteligência, que não pode ser praticada em dimensões civilizacionais sem as conseqüências de uma inimaginável massificação do homem, porque cada vez mais a inteligência renunciará à sua vida própria em favor da tirania do *sabido pelo homem coletivo*. No século XVIII os "escavadores do nada" começaram a difundir a "*libre pensée*", começaram a praticar com entusiasmo o regime de esvaziamento da inteligência: no glorioso século XX em que temos a honra de lacrimejar e de nos debater, já as conseqüências inimagináveis vão-se tornando rotinas sem espanto e sem nojo.

E quem já está idoso demais para habituar-se a andar de quatro sofrerá uma pungente nostalgia da posição erecta, mas em compen-

sacão sofrerá menos tempo e melhor aprenderá assim a desprender-se deste mundo cujo ofício é ser vagamente absurdo, e passar.

As "sociétés de pensée" e a Revolução

Ninguém até hoje analisou melhor do que Augustin Cochin esse processo de esvaziamento da inteligência que se operou na ação capilar das "sociétés de pensée" do século XVIII que, para os historiadores superficiais, continua a deter o campeonato do verniz.

"É no declínio do reino de Luís XV que o fenómeno se difunde na França. O Grande Oriente se constitui em 1773. As sociedades secretas e ordens diversas. Escoceses, Iluminados, Sweden-borgeanos, Martinistas, Egípcios, Amigos Reunidos disputam adeptos e correspondentes. Vê-se, enfim, de 1769 a 1780 saírem da terra centenas de pequenas sociedades semidescobertas, autónomas em princípio, como as lojas, mas agindo em comum, como também as lojas, constituídas à semelhança delas e animadas pelo mesmo espírito "patriota" e "filósofo", que escondia mil objetivos políticos semelhantes sob pretexto oficial de ciência, beneficência ou divertimento (...) O reino dos salões da maledicência espirituosa e elegante passou. Começa agora o das sociedades do livre-pensamento. (11)

E adiante Cochin nos apresenta com incisiva configuração o objeto, ou melhor, o não-objeto dessas academias:

Elas não são apenas agência de notícias, mas sociedades de encorajamento ao patriotismo, tribunais de espírito público. Para atingir esse fim, criam uma república ideal à margem e à imagem da verdadeira, tendo sua constituição, seus magistrados, seu povo, suas honras e suas lutas. Ali se estudam os mesmos problemas políticos, económicos etc. Ali se trata de agricultura, de arte, de moral, de direito. Debatem-se as questões do dia, julgam-se os homens eminentes. Em resumo, esse pequeno Estado é a imagem exata do grande, com uma só diferença: não é grande, não é real.

Seus cidadãos não têm, nem interesse direto, nem responsabilidade engajada nos negócios de que falam. Seus decretos não passam de desejos, ou votos, suas lutas são meras conversações, seus trabalhos são jogos. Nesta cidade das nuvens, faz-se a moral longe da ação, a política longe dos negócios: é a cidade do pensamento. (12)

Augustin Cochin grifa o termo *pensée* que, melhor do que a tradução portuguesa, exprime o vazio desse processo mental em que a inteligência se *libera* — se podemos empregar esse verbo ainda carregado de certa nobreza para exprimir tão degradante capitulação — do conhecimento real ou da reflexão, para comprazer-se numa efervescência verbal que mal recobre a indignação do espírito que à

exigente procura da verdade e do bem prefere essa liberdade que relativiza tudo exceto seu próprio vazio. O liberalismo, que na Inglaterra, com Locke, começa numa depravação do conhecimento que todavia ainda se apegava à experiência e ao conhecimento, no país que tem a vocação da inteligência haveria de começar e de se estender ainda mais baixo, desprendido da própria experiência e reduzido ao livre jogo de opinião, à *doxia* que não faz questão de ser *ortho* nem *hetero*, coroado ou paramentado este pouco ou quase nada com o termo mágico: *pensée, libre-pensée*.

Há aí um fato geral que é preciso estudar em si mesmo se quisermos compreender os efeitos no início da Revolução. Todas essas Sociedades têm o mesmo caráter: são Sociedades *igualitárias* de forma, e filosóficas de objeto, o que hoje chamaríamos Sociedades de *livre-pensamento*. Formavam o arcabouço material da "república das letras" e deram à "filosofia" uma consistência, um vigor, um império sobre a opinião sem exemplo até então.

Com efeito, embora ideal, o novo Estado, a "república das letras" ganhou, entre 1760 e a Revolução, uma prodigiosa extensão. (...) Ora, não está aí um fato capital, e desprezado demais, do fim do século XVIII?

Este estado de coisas, a própria existência das Sociedades de Pensamento, da casta de opinião que nelas se desenvolvia, das condições especiais em que punham os autores e o público, teve efeitos muito graves sobre o movimento das ideias: porque impunha de início, e sem apelo, aos autores e ao público, o ponto de vista "intelectual", irreal.

Nunca talvez a corrente geral das ideias, da literatura, esteve tão afastada das realidades, do contato com as coisas, como nesse fim de século. Basta mencionar filósofos políticos como Rousseau e Mably, historiador como Raynal, economistas como Turgot, Gocernay e a escola do *laissez-faire*, homens de letras como La Harpe, Marmontel e Diderot.

É assim que nasce o filosofismo. A prática da *libre-pensée* tem graves consequências, desde logo, para começar, na ordem intelectual. Os privilegiados esquecem seus princípios; nós poderíamos citar, do mesmo modo, o cientista a esquecer-se da experiência e o religioso a esquecer-se da fé. O fato da experiência, o dogma religioso, tais são com efeito as duas ordens de fato impostas brutalmente de fora à nossa inteligência, e dispostas a deter o impulso da "filosofia", ou, como se diz hoje, do pensamento livre. A "filosofia" (ou livre-pensamento) derrubará estes entraves à liberdade: a experiência, a tradição, a Fé. (13)

Sem pretendermos reduzir a este veio todo o sistema fluvial de causas históricas, podemos talvez afiançar que Augustin Cochin, no que se refere à preparação da Revolução Francesa, dá-nos a fortíssima impressão de estar acertando nos pontos mais feridos e doloridos de uma civilização em processo de niilização. E eu diria que é *en creux* que se prepara a Revolução. Os "horríveis trabalhadores" vistos por Rimbaud, numa espécie de retrovisor, não erigem, cavam. São

os "escavadores do nada" vistos por Bloy. E a maior impostura da história, a ser ultrapassada pelo comunismo, não é uma explosão —• é antes uma implosão.

Duas palavras sobre a Revolução Francesa

e então o *peuple souverain* depois de haver parlamentado com o governador da Bastilha achou mais "legal" cortar-lhe a cabeça e sair cantando com a cabeça do velho na ponta de um pau.

e então o mundo inteiro (com algumas honrosas exceções) pensou que os franceses acabavam de descobrir a liberdade, a igualdade e sobretudo a fraternidade, e toda a América Latina (para minha vergonha até hoje) passou a fazer do torpe "14 Juillet" feriado nacional.

e então acelerou-se o processo das decapitações, sempre em nome da liberdade, da igualdade, e sobretudo da fraternidade.

até que, enjoados de tanto sangue dos *ci-devant*, os bons burgueses sentiram a nostalgia do Rei, e numa espécie de ultracorreção histórica, através do Diretório, aclamaram l'Empereur, que aliás não esperou por povo nem papa e corou-se a si mesmo, ao espelho.

As mulheres desceram as saias desmesuradamente, mas cuidaram de alargar os decotes já que é preciso sempre mostrar certo mínimo de área. E os "pensadores" do mundo inteiro, durante quase dois séculos, se entretiveram com a ideia, julgada por eles muito inteligente, de que aquela Revolução trouxera côvados de elevação intelectual e moral a todo o género humano. E é por causa deste *état de bêtise*, em que se demora hoje especialmente a França, que o nome de Augustin Cochin, génio e herói, morto pela pátria, em 8 de julho de 1916, no calvário de Hardecourt-aux-Bois, não aparece no *Nouveau Petit Larousse*.

E é em razão do mesmo *état de bêtise* que em 1944 foi condenado como traidor, depois de ter sido coroadado de espinhos em 1940, outro herói mais graduado que

comandava a resistência da França na mesma região em que tombou o capitão Cochin.

Mas não antecipemos e volvamos ao século XIX, onde precisamos assinalar algumas balizas, sem as quais não conseguiremos sequer traçar o esboço da bacia hidrográfica prometida no início deste capítulo. (14).

O século XIX e a Igreja

A par de outras mistificações, todos nós aprendemos a ver o século XIX como o das grandes falhas e omissões da Igreja. A partir da frase atribuída a Pio XI, e dirigida ao cônego Cardijn, fundador da J.O.C.: "o maior escândalo do século foi a perda da classe operária", habituamo-nos todos, insensivelmente, a esse sentimento de culpa na "questão social". Ora, esta é mais uma história mal contada, é mais um empulhamento em que os católicos do século XX cairão, e então, efetivamente, assistiremos ao maior escândalo de toda a história: o povo de Deus subservientemente prosternado — *à genoux devant le monde*, como diz Maritain — a pedir desculpas aos inimigos de Deus e aos exploradores dos pobres.

E essa inversão, essa mitização foi engolida porque os católicos começaram por ver os primeiros quadros da luta da Igreja no século XIX às avessas, e começaram por tomar o partido do inimigo. Consideremos por exemplo o caso de *l'Avenir* em que Lacordaire, Montalembert e Lamennais se deixaram arrebatados pelos ventos do liberalismo. Muito poucos católicos da meia-esquerda do século XX viram esse episódio da história do povo de Deus sob seu verdadeiro e nítido aspecto, isto é, muito poucos viram que, naquele episódio, a perseguição e a flagelação que até então viera de fora, dos inimigos declarados (do liberalismo que, como corrente histórica, tinha todos os traços do "mundo" visto pelo Concílio de Trento como inimigo da Igreja), a partir do princípio do século XIX estão dentro da Igreja. Cabe a Gregório XVI a tarefa de iniciar o bloqueio desse inimigo — tarefa que a todos nós, católicos da meia-esquerda, até os meados deste século pareceu antipática e reacionária. Hoje o desdobramento planisférico das consequências permite-nos ver os gloriosos combates do papado no século XIX (e eu incluo Pio X como arremate ou fecho de ouro do século XIX) com olhos lavados com o colírio que deriva da esperança teológica, e nos permite ver *lacrymabiliter*, como já no seu tempo via Léon Bloy.

Em 1832 a encíclica *Mirari vos* se levantava no tom clássico da Igreja contra os erros do tempo. Expulsava de seu seio os inimigos trazidos no cavalo de Tróia que nesse tempo era o liberalismo. Cem

anos mais tarde, em 1932, a fundação da revista *Esprit* de certo modo assinalará a entrada triunfal do socialismo no mundo católico, a despeito de todos os pronunciamentos do Magistério. Mas no século XIX o socialismo, derrotado em 1848 e 1871, conserva-se ostensivamente adverso ao catolicismo, e reciprocamente. Será talvez por isso que a Igreja e o mundo católico são acusados de omissão pelos que usam indevidamente a frase que Pio XI talvez não tenha dito.

A grande, a magnífica luta da Igreja no século XIX se trava principalmente contra a "filosofia do nada" do liberalismo preparado pela *libre-pensée* do século XVIII e prestigiado pelo culto do "progresso".

A pergunta ciclópica de Léon Bloy, que escolhemos para epígrafe desta obra, traduz e resume bem a grande luta da Igreja: "De que progresso nos falam eles, esses esperantes às avessas, escavadores do nada?"

Costuma-se dizer — quando se pensa no outro Inimigo — que a Igreja combate o poder das trevas; pensando no inimigo "mundo", isto é, nas correntes de história que os homens inventam para voltar as costas a Deus, seria melhor dizer que combate o poder do nada. E torno a dizer que nunca em sua História foi tão militante a Igreja contra essa " vaidade das vaidades e perseguição do vento".

Em 1832 Gregório XVI constrói a "*Mirari vos*"; em 1846 Pio IX, de gloriosa e esquecida memória, levanta contra a onda a encíclica "*Qui Pluribus*"; em 1864 o mesmo Papa se ergue contra as modernidades com "*Quanta Cura*", que vem complementada com o catálogo de "Erros da Época" que nesse tempo os papas não tinham medo ou secreta vergonha de denunciar. O famoso "*Syllabus*", hoje qualificado como documento típico da *Igreja de Ghetto*, terminava com o enunciado do maior dos erros da época que era este: "O Romano Pontífice pode e deve reconciliar-se e transigir com o progresso, com o liberalismo e a civilização moderna".

Eis aí: a Igreja é hoje acusada pelos "progressistas" de ter sido omissa exatamente, precisamente porque foi intransigentemente, operosamente, incansavelmente militante.

Depois de Pio IX, Leão XIII se levanta em 1878 (*Quod apostolici muneris*) contra o socialismo, o comunismo e o niilismo. "Nada deixam intacto ou íntegro do que por leis humanas e divinas está sabiamente determinado para segurança e decoro da vida" — dizia dos revolucionários que, com o pretexto de aperfeiçoar o mundo, começam pelo sonho do arrasamento total, da estaca zero, e não disfarçam seu programa: são niilistas, isto é, paladinos do nada. Leão XIII na *Humanun genus*, em 1884, combate a maçonaria, que é o sustentáculo do liberalismo; na *Libertas* constrói a magistral doutrina contra o liberalismo, e com a *Rerum novarum* denuncia os egoísmos amplificados pela sociedade liberal e tornados especialmente gritantes

depois do grande progresso industrial que desordenadamente amontou operários em condensações subumanas para benefício de uns poucos.

É curioso notar a estúpida incoerência com que os liberais, adoradores do "progresso", foram os mesmos a alimentar o caudal socialista que se levantava a denunciar as consequências do mesmo "progresso". O leitor encontrará um divertido exemplo dessa incoerência no contraste entre duas atitudes de Mes Michelet, o lírico do progressismo liberal do século XIX, que numa página denuncia as condições miseráveis em que vive a *ouvrière*, e noutra página se extasia diante de uma locomotiva. (15)

No caso do século surge o *americanismo*, que trás do Novo Mundo a notícia de um catolicismo atualizado, eficiente e progressista. Enquanto se limita a um ativismo perdido *in longínqua oceani*, Leão XIII transmite aos arcebispos e bispos da América do Norte congratulações pela fundação de escolas e universidades. Em 1888 o bispo de Peoria, D. Spalding, se antecipava de mais de meio século e em tom mais ingénuo ao cardeal Suhard, e exaltava "os maravilhosos resultados políticos, sociais, morais e intelectuais que dão ao século XIX seu caráter", e Daniel Ropps acrescenta que a grande maioria dos bispos norte-americanos partilhavam o entusiasmo do bispo de Peoria, particularmente Gibbons, Treland e Keane. De fato era um catolicismo liberal, jovem, empreendedor que se desenvolvia, perfeitamente adaptado a uma raça de pioneiros". (16)

Em 1893 uma exposição universal em Chicago convocou um Congresso Internacional de Religiões, onde o cardeal Gibbons, arcebispo de Baltimore, teve o prazer de aceitar o convite para nesse encontro com protestantes de todos os matizes, arquiandritas, delegados do bramanismo, budistas, "se entenderem sobre certos pontos morais e religiosos comuns para uma ação conjunta contra os adversários comuns" (?). A primeira pergunta que se impõe a uma pessoa sensata é esta: e por que razão se excluirá alguém ou algum grupo com a odiosa designação de adversário?

Um dos heróis do movimento "progressista" que surgiu na América antes de se espalhar na França foi o pe. Hecker, que em Paris, cem anos depois, fará sucesso igual ao de Benjamin Franklin. Em 1892 Monsenhor Treland, de passagem em Paris, pronunciou várias conferências sobre as novidades da América. E no dia seguinte o jovem padre progressista Félix Klein, com saltos de entusiasmo, clamava: "As palavras de vida e de futuro nos vêm dos Estados Unidos!" Mas foi a publicação de um livro, "*Le Père Hecker est-il un*

saint", de um vigoroso sobrinho de Ozanam, Charles Maignen, que desencadeou a polémica e despertou a atenção de Roma. Em 1899 Leão XIII enviou ao Cardeal Gibbons uma carta *Testem benevolentiae* que bloqueou o *americanismo* na América, mas não represou a afluência que o *americanismo* trazia ao "modernismo" que se preparava e se avolumava na Europa.

Cabe aqui, creio eu, uma comparação entre os dois movimentos confluentes na agressão à Igreja, primeiro quanto à filosofia subjacente, segundo quanto à perspectiva teológica agredida. Sabemos que o velho nominalismo do século XIV se bifurcou nos tempos modernos em dois ramos homogêneos quanto à fonte e opostos quanto à parte da razão e da experiência no processo do conhecimento humano. (17) Esses dois ramos são o *racionalismo*, que predominou no continente com Hegel na Alemanha e Descartes na França, e o *empirismo* nos povos de língua inglesa. Podemos dizer que a filosofia subjacente no *americanismo* era a do empirismo, que mais valoriza as realizações práticas e tem a eficiência e o sucesso como critérios decisivos. Trazida para a França, a novidade americana afeiçãoou-se ao intelectualismo crítico, onde a razão pretendia insurgir-se contra a Fé e contra o senhorio de Deus.

Sob o ponto de vista teológico creio poder dizer que o "*americanismo*", como o "*progressismo de nosso tempo*", sonhando realizar neste mundo as bem-aventuranças, agredia mais diretamente a esperança e assim preparava um século de desesperados otimistas; o modernismo, que Pio X chamou amontoado de todas as heresias, agrediria mais diretamente a Fé. Forçando um pouco a estrita cronologia, podemos dizer que Pio X, o santo papa que combateu os erros de seu tempo com virtudes heróicas, é o último Papa do século XIX.

Nesta obra, que não é obra de história, no sentido próprio do termo, mas apenas obra de inquirição de alguns marcos, de alguns sulcos deixados pela caravana, para uma tentativa de compreensão dos disparates modernos, não podemos deter-nos na história do modernismo que Pio X freou. Mas recomendamos ao leitor a leitura da *F'ascendi*, que nos permite avaliar o imenso caminho percorrido até hoje, e o alargamento da catástrofe.

Antes de encerrar este tópico sobre a luta da Hierarquia no século XIX, para cujo estudo recomendo a leitura do livro do Pe. Corrigan (18), voltamos ao Papa Pio IX para assinalar o tom com que encerrou a encíclica *Quanta Cura*, de 8 de dezembro de 1864, a que foi anexado o famoso "*Syllabus*", ou seja, "Coleção dos erros de nosso tempo".

"Mas para que mais facilmente aceite Deus nossas orações e desejos, ponhamos como intercessora, com toda a confiança, a Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, que confundiu e desfez todas as heresias do mundo, e que sendo nossa amantíssima Mãe "é toda doce... e cheia de misericórdia (...) se mostra clementíssima e propícia a todos e se compadece de nossas necessidades com amplíssimo coração" (São Bernardo). É Ela, a Rainha que está à direita do Filho Unigênito, Nosso Senhor Jesus Cristo, coberta de vestes douradas e variadíssimas, que tudo pode conseguir do Senhor.

Com a mesma invocação que o mesmo Pio IX, em outras encíclicas, Gregório XVI em *Mirari vos* invoca a mulher forte que calcou aos pés a cabeça dos heresias; e não é por mero acaso que o centro do século XIX, para a Igreja Militante, é marcado pela proclamação do dogma da Imaculada Conceição. E também não será por mero acaso que, poucos anos depois, a própria Rainha dos Céus e da Terra, dizendo à pequenina Bernardette, em vulgar e íntimo *patois*: "*que soy er immaculada concepciou*", apenas repetia o que dissera em latim, pela boca do Papa, quatro anos antes.

E assim podemos dizer sem artificial apologética, creio eu, que a Virgem Santíssima marcou com Lourdes, "*capitale de la prière*", como bem diz Stanislas Fumet, o século glorioso da Igreja Militante: à soberba dos homens inebriados do Nada, a Onipotência Suplente respondeu deste modo: "Eles virão em procissão".

O catolicismo social no século XIX

Parece-me necessário completar nossa constelação de sinais com outro aspecto da luta da Igreja, que também tem sido objeto da mais divulgada das calúnias. Refiro-me à "questão social" e ao papel que o povo de Deus (agora os *membros* da Igreja) tiveram na tentativa de defender, contra a avidez de toda uma nova civilização, a causa dos pobres, e principalmente na tentativa de subtrair esse pretexto aos socialistas que, movidos por paixão de poder ou por avidez do vazio, quiseram fazer das chagas dos pobres degraus de sua dominação do mundo. Sem esquecer as condenações vindas do Magistério Extraordinário, é com apoio nas obras dos leigos que a Igreja combate o socialismo com seu magistério ordinário. Referime atrás aos movimentos em favor dos pobres no século passado, e agora creio estar ouvindo um clamor de vozes indignadas de nosso bravo século:

— Assistencialismo! Paternalismo! Obras de misericórdia! Caridade!

Respondeo dicendum:

—• Exatamente, minhas senhoras e meus senhores: assistencialismo, paternalismo, obras de misericórdia e de caridade, mesmo porque acho matematicamente impossível, fisicamente impossível, metafisicamente impossível e moralmente impossível melhorar um pouco as asperezas do mundo sem muito assistencialismo, muito paternalismo, muitas obras de misericórdia e muitíssimas obras de santa caridade. Os socialistas apregoam que só será possível construir um mundo melhor com mudanças radicais de "estruturas" sociais, a começar, todavia, por um arrasamento total. Nós outros, católicos, acreditamos modestamente no "mundo melhor"; mas só acreditamos nesse digno e preceptivo ideal a partir de um aperfeiçoamento interior do homem, isto é, a partir do melhor aproveitamento dos dons de Deus transformados em virtudes morais e teológicas, para uma vida humana mais dignamente vivida com vistas à vida eterna, pela qual e por nós Nosso Senhor Jesus Cristo padeceu.

Não ignoramos que o problema do aperfeiçoamento humano, tanto na ordem de pedagogia como na das reformas sociais, deve sempre contar com a primordial autonomia do educando ou dos pobres. Sabemos que a "atividade imanente do educando" é o principal fator no dinamismo da ascensão humana. Sabemos que o melhor modo de ajudar o pobre é o de nele ativar essa atividade, ou de nele despertar o gosto de se ajudar a si mesmo, sem o qual será difícil ajudá-lo. Há um abismo entre essas noções e a filosofia que só vê possibilidade de ascensão humana pelo processo de "conscientização" em que a autonomia é despertada para o ódio e para a luta de classes. Karl Marx, o messias do Século do Nada, conclamou a união de todos os proletários para a luta de classes no seu manifesto de 1848 que terminava com este grito: "Operários do mundo inteiro, uni-vos!"

Seria mais didático ter dito: "Operários do mundo inteiro, desunidos da humanidade comum". E é ainda Augustin Cochin, no termo da Introdução da obra atrás citada, quem nos dirá uma palavra lúcida sobre a *união na revolução*:

As três formas de opressão que correspondem aos três estados das "sociétés de pensée" — a socialização do pensamento, a socialização da vida pública e a socialização da vida privada — não são um efeito do temperamento do indivíduo nem um acaso, mas a condição da própria existência das sociedades que armam o princípio da liberdade absoluta na ordem intelectual, moral e sensível.

Toda sociedade de pensamento é opressão intelectual pelo simples fato de denunciar todo dogma como opressão. Porque ela não pode, sem cessar de ser, renunciar a toda unidade de opinião. Ora, uma disciplina intelectual sem objeto que lhe responde, sem ideia, é a própria definição de opressão intelectual. Toda sociedade de iguais é privilégio

pelo simples fato de renunciar em princípio a qualquer direção pessoal, porque ela não pode existir sem unidade de direção. Ora, uma direção sem responsabilidade, o poder sem autoridade, isto é, a obediência sem o respeito, eis a própria definição da opressão moral.

Toda sociedade de irmãos é luta e ódio pelo fato de denunciar, como egoísta, qualquer independência pessoal: porque ela não pode deixar de ligar seus membros uns aos outros, e não pode deixar de manter uma coesão social. Ora, a união sem o amor é a própria definição de ódio. (1^o)

E aí está como o liberalismo se transmuda em socialismo, e a mística da liberdade produz, como produziu, a opressão.

O "catolicismo social" só se manterá católico enquanto mantiver, paralelo ao seu atendimento dos pobres, uma vigilante luta contra os que exploram os pobres em nome da justiça, e portanto contra os pregadores da união no ódio.

Alguns marcos do catolicismo social

Logo após a invenção da máquina a vapor seguiram-se os conhecidos fenômenos que viriam armar o grave problema da questão social. Os habitantes dos campos acorriam para os centros industriais que nasciam, levados pela ilusão de um melhor salário. E logo se desencadeou um verdadeiro leilão de trabalho, onde a oferta abundante fazia baixar o preço da nova mercadoria. O drama do capitalismo nascente em sua entusiástica ferocidade poderia ser previsto, quase com a precisão do cálculo dos eclipses, por quem viesse acompanhando os itinerários da nova civilização que se desviava das coisas espirituais na mesma medida em que ganhava maior domínio sobre a natureza exterior e inferior. Era fácil prever que a súbita descoberta de novas energias físicas, num mundo laicizado, exteriorizado, materializado, produziria infalivelmente uma corrida de egoísmos.

A história aí está para confirmar a previsão imaginada, e para atestar que, desde os primeiros sinais de graves perturbações sociais, a consciência católica teve sempre quem a manifestasse em favor dos espoliados. Tomemos na França os exemplos mais marcantes, já que é da mesma França que mais adiante cobraremos o grave desserviço prestado pela *gaúche* católica.

Podemos dizer, com Adolphe Thery, que Villeneuve-Bourgemont, prefeito de um departamento do Norte, e promotor de um inquérito e de um relatório sobre a situação econômico-social de sua prefeitura, em 1828, foi um precursor do catolicismo social. (20) Numa obra conscienciosa e volumosa (21), Villeneuve-Bourgemont preconizava o estabelecimento de colônias agrícolas com o concurso

do Estado. Mas essa ideia, como bem observa Maurice Vaussard (22), tinha o defeito (ou a qualidade?) de afrontar duas deformações da época: o liberalismo não-intervencionista que confiava absolutamente no mecanismo económico, e recomendava o *laissez-faire*, e a força das concentrações industriais que atraía para as cidades, com a ilusão de melhores salários, os trabalhadores do campo. Diria eu que Villeneuve-Bourgemont, pregando ao arrepio da febre do tempo, errava no sucesso que perdia, mas acertava não apenas na intenção como também na pequena medida com que se opôs à loucura de sua época.

Não menos dedicado e perseverante do que Villeneuve-Bourgemont é Villermé, com cujo concurso conseguiu abalar todos os esclerosados preconceitos e produzir a lei de 22 de março de 1841, que trazia a primeira regulamentação de trabalho de menores e a limitação de horas de trabalho.

Mais notável e atuante personagem nos primeiros dois terços do século é Filipe-José-Benjamim Buchez, egresso dos seminários saint-simonianos. Como se sabe, Claude-Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon — *excusez du peul* — é um dos patriarcas do socialismo utópico ou romântico. Entre outras coisas notáveis com que sonhava, Saint-Simon queria simplesmente fundar um novo cristianismo em que a moral do Sinai se horizontalizasse na direção do progresso, como os secularizantes de nosso século. Digo "nosso" no sentido de puro coleguismo século-vintense, e sem nenhuma outra afinidade. A história dos disparates religiosos tem certas recorrências fastidiosas: Saint-Simon anuncia o americanismo do Pe. Hecker, que atravessando o Atlântico vem animar o modernismo francês, o qual, reprimido por Pio X, regride, encolhe, e trinta anos mais tarde, em conúbio com o sillonismo de Marc Sangnier, também condenado por Pio X, e também provisoriamente encolhido, produz o "progressismo" de Mounier que, regado, e principalmente estrumado, ganha as vigorosas proporções da "heresia do Século XX", cujo cheiro nos chega de todos os lados.

Perdoe-me o leitor esse extravio, ou essa extrapolação, e voltemos a Saint-Simon, que na ordem político-econômica, à semelhança do que fará Marx, quer transformar o governo dos homens em administração de coisas. E por essas e outras vê-se que tinha toda a razão o fiel laçao que todas as manhãs tinha a obrigação de abrir as janelas do quarto de seu amo gritando alegremente:

— "*Levez-vous, Mr. le C&nte, vous avez aujourd'hui beaucoup de choses à faire!*"

Mas F.-J. Benjamim Buchez, apesar de egresso do saint-simonismo, tinha olhos lavados e pés no chão. E acompanhou com ardente interesse as greves e a insurreição de Lyon (1831), provo-

cada por uma redução de salário de 4 francos para 18 soldos por dia, e afogada em sangue. Em 1834 novas insurreições em Lyon e Paris, e novas repressões do mesmo estilo. Buchez separou-se dos socialistas Bazard e Infantin, que já queriam canalizar e ativar as insurreições, enquanto a Buchez só interessava efetivamente o entendimento e a cooperação que trouxesse alívio aos pobres sem ser preciso mudar os critérios de uma civilização ainda vagamente cristã. Não cabe aqui a exposição da doutrina bucheziana e das *associações operárias de produção* que fundou. O que mais nos interessa, na perspectiva em que nos situamos, é a atitude espiritual que comanda a intensa atividade de Buchez. Eis o que diz Maurice Vaussard:

Não foi por este ou aquele pormenor de suas concepções sociais que Buchez teve uma influência absolutamente excepcional durante a Monarquia de Julho; foi antes porque esse homem, de tão vigorosa personalidade, não poupava observações severas aos grandes e aos poderosos chefes de Estado e mesmo Papas. Nunca também hesitou em fazer profissão pública de seu catolicismo diante do mundo operário, e sempre rejeitou energicamente a luta de classes...²³⁾

Numerosos discípulos de Buchez, por sua influência ou pela de seu grande amigo Lacordaire, tornaram-se religiosos na ordem dominicana. E J. B. Duroselle, segundo Vaussard, não hesita em incluir o Arcebispo de Paris, Mons. Affre, entre os seguidores de Buchez e propagadores de sua obra.

Frederico Ozanam

A evocação de Mons. Affre logo nos trás à lembrança o nome de Frederico Ozanam, grande sob tantos aspectos e dimensões humanas, que na sua intensa e brevíssima vida, além da obra de historiador, deixou atrás de si um odor de santidade que chega até nossos dias. Mas, além dessa ardente caridade e de seu amor pelos pobres, cristalizado na fundação das Conferências Vicentinas, e das obras de história, Frederico Ozanam empenhou-se na obra temporal exigida pelos problemas que se adensavam na *questão social*, que estava a pedir inspiração cristã. Influenciado por Charles de Coux, que por sua vez trazia de Sismondi e Ricardo as ideias que estão no *Cours d'Economie Sociale* — influência que, no dizer de Maurice Vaussard, se explica pela falta de mestres nesse domínio relativamente novo — Ozanam fundou em 15 de abril de 1848 o jornal diário *Ère Nouvelle*, com um manifesto também assinado por Lacordaire, Pe. Moret e Charles de Coux.

Será preciso lembrar a atmosfera do ano 1848, que alguém já chamou "o ano do medo"? Desde janeiro fora lançado em Londres o manifesto de Karl Marx. Por toda a Europa corre um vento de inquietação e revolta. A pregação socialista já se difundira e conseguira infiltrar no meio operário o estado de espírito agressivo, inamistoso, a que se convencionou dar o nome de tomada de consciência, e hoje de conscientização.

Na sua tendenciosa *Histoire de França*, o esquerdista Jacques Madaule diz que, pela primeira vez, a burguesia está na defensiva, e alvoroça-se com a ideia de que a Revolução, que o manifesto comunista anuncia, ensaia seus primeiros passos. Em fevereiro estalou a revolta nas ruas de Paris. A fraca Monarquia de Julho capitula, deixando livre espaço para um governo provisório: Louis Blanc é o primeiro socialista que chega ao poder, e traz a reboque o operário Albert, que parece não ter outra função a não ser a de catalisador proletário. Em 28 de fevereiro é criada uma Commission du Luxembourg, presidida por Louis Blanc, e incumbida de esboçar uma legislação trabalhista. É o primeiro Ministério do Trabalho instalado. Em março as festas do trabalho e as manifestações operárias são pacíficas.

As tropas regulares voltam a Paris. Fazem-se eleições e os republicanos moderados têm maciça maioria enquanto os socialistas se vêem reduzidos a uma minoria inoperante. Em 23 de junho "o povo operário está de pé", diz entusiasmado Jacques Madaule. Nova insurreição se desencadeia, e o sangue corre nas ruas de Paris. O jornal de Ozanam, *Ère Nouvelle*, que em dois meses de vida alcançara inesperado sucesso, toma posição nítida contra os agitadores, e julga o movimento de junho com muito mais severidade do que muitos historiadores de hoje definitivamente agachados diante do ídolo da Revolução. Jacques Madaule (católico progressista e filocomunista) coloca o ano 1848 no capítulo intitulado "A burguesia contra o povo" e não tem dúvidas em declarar: "23 de junho é uma grande data na história — de nossa nação", e em denunciar a "repressão". *Ère Nouvelle*, depois da vitória de Cavaignac e do apaziguamento da situação, tenta separar o joio do trigo dentro da vaga denominação "povo" e evidencia a presença de agentes provocadores, muitas vezes vindos das classes folgadas "sob blusas de empréstimo e com os bolsos cheios de dinheiro sob os falsos andrajos". O verdadeiro povo de Paris, arrastado por esses perversos, não podia ser visto como culpado dos excessos que resultaram na morte de seu pastor.

Na mesma obra já citada, Maurice Vaussard relata o caso do industrial de Lyon, fundador da manufatura de Savaugène, que teve a residência guardada por operários que voluntariamente se revezavam na defesa do bom patrão. Na mesma página 34, diz que no mesmo ano, 1848, viram-se populares tomar a defesa dos bancos e das Tulherias. Por aí se vê refulgentemente que já existia um catoli-

cismo social, uma consciência de justiça e de amizade cívica, antes de existir, ou de ganhar corpo a *Esquerda* propriamente dita.

O dia ardorosamente desejado pelo teilhardista Jacques Madaule ainda não chegou. Correu pela Europa uma rajada de loucura revolucionária, um prenúncio de Revolução perto da qual a Revolução Francesa seria um brinquedo de criança; mas os precursores do verdadeiro catolicismo social (que Vaussard obstinadamente chama de democracia cristã) tiveram o fino discernimento que um século depois faltará aos melhores representantes da inteligência francesa, graças ao qual não deram lugar, em suas várias experiências, ao fermento de inimizade que especifica o verdadeiro revolucionarismo. E entre todos, Frederico Ozanam, que Deus teve tanta pressa de levar, mostrou sempre, em todos os episódios, uma admirável, diria até uma incompreensível lucidez. Eu o aproximo sem a menor hesitação Donoso Cortês atribuindo a ambos uma espécie de percepção na obscuridade da história, ou uma espécie de gênio profético.

Frederico Ozanam, antes de dez ou doze papas falarem, antes da *Rerum Novarum*, da *Quadragésimo Ano*, da *Divini Redemptoris*, antes da perseguição religiosa na Rússia, no México e na Espanha, antes do Pacto Germano-Soviético, da opressão das nações cativas e da infiltração que desonrou tantas instituições católicas, antes dos majestosos ensinamentos da Igreja e dos humildantes ensinamentos do mundo, Frederico Ozanam viu os irredutíveis erros e a malignidade intrínseca do socialismo.

E melhor do que qualquer socialista ele conheceu de perto a pobreza, conheceu a dor da pobreza, a miséria, a leucemia do pobre, e a outra doença social que transforma em fantasmas exangues, mal nutridos, e mal encarnados os construtores de uma orgulhosa civilização. Melhor do que os socialistas deformados na escola do materialismo inumano, sentiu a gravidade das injustiças cometidas contra os pobres, contra os pequeninos, e percebeu com o sentimento, com a razão e com a Fé que, entre os vários modos que o orgulho humano inventou para ofender a Majestade de Deus, tem particular gravidade esse modo com que o homem ofende a humildade do presepe onde nasceu Jesus. E sabe que essa gravíssima ofensa feita a Cristo no seu doce advento de misericórdia há de ser cobrada e há de ser paga no seu terrível advento da justiça: "O que fizestes ao mínimo de vós, a Mim o fizestes". Ozanam não separou nunca a visão da questão social dessa visão que só a Fé permite, e por isso nunca se deixou levar pela lei do desamor que só vê na luta de classes e no ódio a solução para as injustiças e ódios. Com seu admirável equilíbrio legou-nos o critério e o modelo do militante social de todos os tempos.

Vale a pena reproduzir uma página escrita sobre o socialismo nos dias decisivos em que a França e o mundo enfrentavam a *preliminar* da Revolução que hoje abala o mundo e flagela a Igreja.

Tratando das origens do socialismo, reunimos sob esta denominação as diversas escolas que a arvoram, e que não poderíamos dividir para com cada uma abrir uma controvérsia particular. Se muitos socialistas não são mais do que discípulos retardatários dos mais culposos erros do paganismo, outros há que, em mais de um ponto, se prendem às tradições cristãs, e cujo erro principal é o de dar novos nomes às antigas virtudes, mudar em preceitos os conselhos evangélicos, e querer fixar na Terra o ideal do Céu. Não desconhecemos a generosidade dessas ilusões, mas vemos o seu perigo. Como todas as doutrinas que perturbaram a paz do mundo, o socialismo só tirou sua força de muitas verdades misturadas com muitos erros. Essa confusão lhe empresta uma feição de novidade que causa admiração nos espíritos simples e fracos: conseguiremos afastar toda a periculosidade de seus ensinamentos quando neles mostrarmos, de um lado, as antigas verdades que, para surgirem, não esperaram o sol do século dezenove, e de outro lado, os erros seculares tantas vezes julgados pelas consciências dos homens e pela experiência dos povos. Já é tempo de proceder à triagem e de retomar o que é nosso, isto é, as velhas e populares ideias de justiça e caridade, e de fraternidade.

Já é tempo de mostrar que podemos advogar a causa dos operários, devotar-nos ao alívio das classes sofredoras, promover a abolição do pauperismo sem nos solidarizarmos com as predições desencadeadas pela tempestade de junho (1848) que ainda suspende sobre nós sombrias nuvens.

O socialismo se propõe como um progresso, mas jamais se tentou, talvez, mais atrevido retorno ao mais remoto passado. Com efeito, nunca estiveram as doutrinas socialistas mais próximas de seu advento do que nas nações teocráticas da antiguidade. Quando a lei indiana faz sair a sociedade já constituída do deus Brama, de sua cabeça os sacerdotes, de seus braços os guerreiros, das coxas os agricultores, e os escravos dos pés, essa lei traduz o sonho de muitos modernos. É a apoteose do Estado, traz a classificação dos homens por um poder superior que julga soberanamente da capacidade e das obras de cada um, e a organização do trabalho sob uma disciplina que não deixa lugar nem à concorrência, nem à miséria, nem a todas as desordens da liberdade pessoal. Essa era a condição em todo o Oriente com suas consequências. Destruída a liberdade das pessoas, suprimia-se a propriedade que é ao mesmo tempo obra da liberdade e sua proteção. A legislação da Índia atribuía o solo aos sacerdotes; a da Pérsia dava-o ao Rei; sob vários nomes é sempre o Estado que o possui: os súditos não o detinham senão a título precário.

Os mesmos princípios revestiram-se de outras formas nas primeiras instituições da Grécia, entre os povos dórios, mais fiéis às tradições orientais. Daí a distinção de quatro classes feita pelos espartanos, o princípio igual das terras e sua inalienabilidade, a educação dos filhos

arrancada da família, as refeições em comum, e toda a disciplina que fazia dos lacedemônios um falanstério guerreiro.

Quando as doutrinas subvertedoras da família e da propriedade, sempre à espreita de uma brecha oportuna nas portas da sociedade cristã, tiveram a seu serviço circunstâncias tão favoráveis, como a ruína do Império Romano e a invasão dos bárbaros, ou como as dilacerações internas da França desde o tempo dos *Pastoureaux* até a *Jacquerie* (...); quando, sustentadas por tanta bravura, tanta perseverança e tantos braços, essas doutrinas subversivas vieram esbarrar invariavelmente contra a solidez da civilização, já não há por que nos amedrontarmos como se estivéssemos diante de um novo perigo. É razoável contar com a consciência e o bom senso de povos que há dezoito séculos resistem a essas tentações.

Podemos contar principalmente com o cristianismo, que nunca deixou de repelir com a mesma firmeza o erro dos socialistas e as paixões egoístas, que contém todas as verdades dos reformadores modernos e nada de suas ilusões, e é a única força capaz de realizar o ideal da fraternidade sem imolar a liberdade, e de procurar para os homens a maior felicidade terrestre sem lhes arrancar o dom sagrado da resignação, o mais seguro remédio de suas dores, e a última palavra de uma vida que tem de acabar... (24)

É extraordinária a lucidez de Frederico Ozanam em relação ao socialismo que, naquele tempo de românticas expectativas, não tinha evidenciado as intrínsecas malignidades que hoje têm solar evidência; e não deixa de ser divertido imaginar a dificuldade que os intelectuais de hoje teriam para classificar Ozanam com o critério "esquerda-direita".

Donoso-Cortés

Mais impressionante ainda é a lucidez profética de um Donoso-Cortés que, em 1848, no mesmo ano em que nasceu o comunismo, diagnosticava com firmeza "que tinha suas origens no panteísmo, e que, para a realização de seus princípios, exigia um despotismo de proporções inauditas e gigantescas". (25)

No que toca ao comunismo, parece-me evidente sua procedência das heresias panteísticas e todas as que com elas se aparentam. Quando tudo é Deus e Deus é tudo, Deus é sobretudo democracia e multidão: os indivíduos, átomos divinos e nada mais, saem do todo que perpetua, mente os engendra, e volvem ao todo que perpetuamente os absorve. Neste sistema, o que não é o todo não é Deus, ainda que participe da divindade: e o que não é Deus não é nada porque nada há fora de Deus, que é tudo. Daí o soberbo desprezo dos comunistas pelo homem e a insolente negação da liberdade humana; e daí essas aspirações imensas a uma dominação universal por meio da futura demagogia, que se

estenderá por todos os continentes e tocará os últimos confins da terra, e daí também essa fúria insensata com que se propõe confundir e triturar todas as famílias, todas as classes, todos os povos, todas as raças de gente no grande almofariz de suas triturações. Desse obscuríssimo e sangrentíssimo caos sairá um dia o Deus único, vencedor de tudo o que é vazio; o Deus universal, vencedor de tudo o que é particular; o Deus eterno, sem princípio e sem fim, vencedor de tudo o que nasce e passa; esse Deus é a demagogia, a anunciada pelos últimos profetas, o único sol do futuro firmamento, a que será trazida pela tempestade, coroada de raios e servida por furacões. Esse é o verdadeiro todo, Deus verdadeiro, armado com um só atributo, a onipotência, e vencedor das três grandes debilidades do Deus católico: a bondade, o amor e a misericórdia. Quem nesse Deus não reconhecerá Lúcifer, o Deus do orgulho? (26)

Mais impressionante ainda do que esse portentoso quadro que desde cedo adivinha o fundo terrivelmente religioso da ideologia que acaba de nascer como uma quinta-essência do materialismo religioso, e que até esboça certa analogia cruzada entre o marxismo e o delírio panteísta de Teilhard de Chardin — tudo isto percebido à distância de um século —• mais impressionante ainda, diríamos, é a profecia exata, precisa, localizada, particularizada, que Donoso-Cortés escreveu sobre a Rússia, treze anos antes de nascer o comunismo, e cento e dez anos antes da expansão soviética em consequência da cegueira de todo o Ocidente.

O que mais admira na Rússia é a força irresistível de expansão (...). A Rússia, ainda mal governada e convulsionada, alargou suas fronteiras e dilatou seus limites (...).• A Rússia guerreira para vencer, vence para proteger o vencido. E, no momento em que o vencido toma o nome de seu aliado, logo se converte em sua presa e sua vítima. As vitórias da Rússia conduzem à proteção; sua proteção conduz à morte. (27)

E alguns anos depois, mas ainda antes de a Rússia sonhar com o comunismo, Donoso-Cortés escrevia:

Um império, o mais colossal de quantos já existiram na terra, dirige-se em todas as direções na conquista do globo; meio asiático meio europeu, aspira à conquista da Ásia, aspira à conquista da Europa; o Império Russo, senhores, oferece-nos este fenómeno singular. (28)

Uma página sobre o que fez Ozanam em 25 de junho de 1848

Voltemos cento e tantos anos atrás, ao sombrio ano de 1848, em que, felizmente para os contemporâneos, não triunfou a Revolução animada pelo espírito da inimizade. Neste capítulo acho especialmente instrutivo o contraste que se observa no mundo católico, e mais precisamente no laicato, e ainda mais particularmente nos

leigos de sensibilidade aberta para a condição das classes humildes. Deixando Maritain, que é um caso único, e que nunca esteve efetivamente engajado de um modo vitalmente contínuo nem na Action Française, nem nas rodas de *Esprit*, *Sept ou Vendredi*, porque toda a sua continuidade vital, sua grande força, esteve sempre aplicada ao tomismo — "*vae mihi si non thomastizevero*" — seria curioso confrontar as figuras de um Sangnier ou de um Mounier, com a de Frederico Ozanam. Talvez seja impossível tal confrontação porque Ozanam também é um caso único na sua personalíssima grandeza, e no mesmo alto sentido com que Miguel de Unamuno diria que ele era único no gênero e na espécie.

De qualquer modo, a título de tentativa, vale a pena ler a página que nos conta o que andou fazendo em 25 de junho de 1848 o fundador das Conferências Vicentinas, o amigo dos pobres e autor da famosa frase "*allons aux barbares. . .*" tão explorada pelas esquerdas:

Ozanam pertence à Guarda Nacional, encarregada de proteger o Palais Bourbon a fim de evitar nova invasão na Assembleia Nacional.

— Já que não tive a honra de ser eleito membro da Assembleia Nacional, — dizia Frederico Ozanam, — quero ao menos contribuir para sua defesa...

No dia 25 de junho, de manhã, com uniforme de legionário e um fuzil na mão, Ozanam está no seu posto.

— Acha você que o Governo deve ceder às exigências deles? — perguntaram-lhe.

— "Não acho que se deva ceder diante da violência, — diz Ozanam, — mas acho que um acordo amistoso seria preferível à solução das armas.

E acrescentou:

— Este fuzil, há dois dias, me queima as mãos, eu nunca me servi dele e prefiro que me matem a me ver obrigado a atirar contra o povo.

Sabe? Hoje de manhã, depois da comunhão, tive uma ideia: pedir ao nosso Arcebispo que „obtenha de Cavaignac uma anistia geral. Que triunfo para a Igreja se, graças à mediação de Mons. Affre, chegássemos ao fim dessa horrível luta de classes! (29)

O Arcebispo recebe Ozanam e comunica-lhe que tivera a mesma ideia.

Ozanam transborda de alegria.

— Se o Sr. Arcebispo me permite, eu ainda lhe sugeriria uma coisa.

— Meu filho, há entre nós muita afeição para a necessidade de tal permissão.

— Para que todo o povo de Paris saiba que é seu Pastor que vai-se interpor entre os combatentes, eu lhe pediria que vestisse a batina roxa para que sua cruz de Arcebispo seja bem visível... (30)

O desenlace está na história. O bom Arcebispo, contrariando os conselhos dos timoratos, e dizendo modestamente que oferecia a Deus o seu pouco de vida por seu rebanho, tentou-se interpor entre os combatentes e foi atingido por uma bala. Levado para o presbitério, agonizou abençoando a pobre gente que a noite inteira desfilou junto ao leito do bom pastor.

O catolicismo social no fim do século XIX

Não sendo nosso intento traçar sequer um esboço condensado da história do catolicismo social no século XIX, mas apenas contestar, com os exemplos mais notáveis, a tese que se compraz em apresentar a Igreja como culpada de graves omissões nesta matéria, atemo-nos aos nomes mais significativos do fim do século.

Lembremos o de Albert de Mun que, iniciando encontros e debates com trabalhadores, a instâncias de Maurice Meigner, funda os Círculos Católicos de Operários e tantas vezes "confessa maravilhado o calor de amizade com que é recebido e a lembrança ardente que guarda de certos episódios". (31)

Mencionemos Le Play e o incansável Léon Harmel que, com La Tour du Pin, tentaram constituir o corporatismo cristão, desenvolvendo as ideias de solidariedade entre patrões e empregados, que Le Play sempre defendeu. Mais tarde essa ideia será apontada à execução universal com o labéu de "paternalismo".

A obra dos Círculos Operários, fundada por Albert de Mun e La Tour du Pin (monarquista irredutível que na velhice se enquadrará na Action Française), teve um enorme êxito graças ao senso prático e à dedicação de Léon Harmel. Em 1875 existem cento e cinquenta Círculos com 18.000 operários: em 1880 sobe o número a 40.000.

Ninguém tem mais autoridade e acesso no meio patronal do que Léon Harmel, por causa de sua fidelidade sem reservas à Santa Sé e de sua incomparável comunicação com os trabalhadores que o veneram e o chamam de "bom pai". Estamos em pleno "paternalismo" que os intelectuais da esquerda apontarão como o maior pecado em matéria de ação social.

E é sob o signo do paternalismo sobrenatural que o catolicismo social do século XIX se encerrará. O grande Pai comum, Leão XIII, encerra o século com a *Rerum Novarum*.

Um inventário

No parágrafo anterior não mencionamos os militantes do catolicismo social fora da França; não dissemos nada de um Ketteler, dos cardeais Manning e Gibbons, nada de Decurtins, Pottier, Verhaegen, e tantos outros.

Ninguém pode honestamente contestar a enorme soma de generosidades nascidas da caridade sobrenatural, da justiça sobrenatural, e irradiadas no mundo inteiro durante todo o século XIX, século em que a Igreja mais lutou contra os erros sociais, políticos e econômicos. Combatendo sempre em duas frentes, contra o liberalismo e contra o socialismo e o comunismo, a Igreja deixou firmados os grandes princípios para a edificação de um mundo efetivamente mais humano e mais cristão.

Mas também ninguém contestará que no princípio do século XX está mais largo do que nunca o abismo que separa a Igreja das classes trabalhadoras. Na verdade, há um abismo ainda mais largo e mais profundo; é o que separa a Igreja de toda uma civilização apóstata.

De quem nos queixaremos? Queixar-se da Igreja, no sentido próprio e profundo do termo, é evidentemente ímpio e insensato, como insensato e ímpio seria queixarmo-nos do Cristo que é a cabeça da Igreja, e do Espírito Santo que é sua Alma inciada.

Queixar-se dos católicos é fácil, e facilmente injusto. Poderemos dizer que o "insucesso" da Igreja em grande parte se explica pela mediocridade e pelos pecados de seus membros, incluindo a hierarquia e os próprios papas? Todos nós, efetivamente, não fazemos outra coisa senão cometer injustiças contra Deus e contra o próximo, na medida em que não somos santos. Pobre obscuro e triste povo de Deus que vive sempre e quase todo tão abaixo de sua vocação! A grande e única tristeza é a de não sermos santos. Critiquemos então os que não são comprovadamente heróicos em suas virtudes. Os católicos franceses, no século XIX, deveriam ter feito muito mais do que fizeram. O "bom pai" conseguiu congregar em seus círculos operários apenas quarenta mil operários quando devia congregar quatrocentos mil. Denunciemos a ineficiência de Bourgemont, e o luxo que Frederico Ozanam se permitiu, em sua escassa vida, sim, o luxo de traduzir a Divina Comédia, e de escrever as lições sobre os *Germânicos antes do Cristianismo ou a Civilização Cristã no século V*. Não faltam provas contra os católicos do século XIX.

Como advogado de tão pobres réus, eu posso ao menos dizer em favor deles uma coisa: mal ou bem, assim ou assado, eles não fizeram ostensivo empenho de trocar, na questão de justiça social, os

critérios católicos pelos critérios da inimidade de classes. Não pactuaram, não confundiram, não se agacharam. E o próprio Pai Comum que não foi canonizado, que não deixou os sinais do heroísmo sobrenatural de seu sucessor, mesmo assim ainda poderia dizer por cima de um século de apostasias e impiedades: — "Senhor, eu não escondi a Vossa justiça, mas eles não me quiseram ouvir".

É curioso. Nessa matéria de afastamento da Igreja podem-se acusar todos os que permanecem na Igreja, podem até ser chamados de integristas, em tom de derrisão, os que fazem questão de permanecer, ainda que nos últimos lugares; só não podem ser acusados de cavadores de abismos os que deliberadamente rejeitam a Igreja.

Acusam a Igreja de não ser infalivelmente eficiente em vez de ser infalivelmente verdadeira. E isto nos trás à memória as palavras vigorosas com que Maritain, em *Le Paysan*. . ., responde a essa imperinência do século.

Falais-me de eficácia? O resultado final [desse ativismo] será a defecção de uma grande multidão. O dia em que a eficácia venha a prevalecer sobre a verdade na Igreja não chegará jamais, pois nesse dia as portas do inferno teriam prevalecido.

Um estampido e o céu escureceu

No dia 26 de agosto de 1883 os habitantes da Indonésia e nas cercanias entre Sumatra e Java ouviram estranhas e terríficas explosões. Mas foi no ano seguinte, em 20 de fevereiro, que o cataclisma chegou ao paroxismo e de repente o céu se escureceu, como noite fechada, numa enorme região. E ao cabo de alguns dias o céu do mundo inteiro ficou lívido. O que foi? O que foi?

Foi apenas a explosão de uma *caldera* vulcânica, pela qual uma ilha povoada com uma centena de indonésios foi pulverizada e projetada na estratosfera. A terra, o chão, a rocha, não são tão sólidos nem tão firmes quanto pensamos. Uma folha, um buraco escavado por lavas pode atirar pulverizada uma cidade inteira. Mas essa explosão geológica e inocente fez muito menos vítimas do que as outras que as escavações humanas preparam.

Estampidos, música e discursos

Ouvimos agora outros estampidos distantes que se multiplicam e se aproximam. Serão foguetes ou bombas? Agora parece-me ouvir

sons festivos de música que lembram o *presto jinale* da 9a. de Beethoven. E a voz do guia social, em belo barítono, anuncia:

"O Freunde, nicht diese Tone.

Sonder lasst uns angemeinere anstimmen und freudvollere".

O que será que nos anunciam aquela festa e aquelas luzes da Exposição Internacional em torno da Torre Eiffel? Discursos em todas as línguas dizem que amanhã começa o século da concórdia e da paz. "Nicht diese Tone".

Amanhã estaremos no século XX.

NOTAS DO CAP. III, PARTE I

- (1) Egon Friedel, *A Cultural History of the Modern Age*, Vision Press.
- (2) Gustavo Corção, *Dois Amores, Duas Cidades*, AGIR, 1967.
- (3) Gustavo Corção, *A Descoberta do Outro*, AGIR.
- (4) Jacques Maritain, *De l'Eglise du Christ*, Desclée de Brouwer, 1970, pág. 345 e seg.
- (5) S. J. Mason, *Histoire de la Science*, Armand Colin, 1956, pág. 10.
- (6) PERMANÊNCIA, n° 41, pág. 22.
- (7) Lewis Mumford, *The Megamachine*, em "The New Yorker", 10-17 outubro de 1970.
- (8) Oliver Brachfeld, *Los Sentimientos de Inferioridade*, Luiz Mirade, Barcelona, 1959, pág. 24 e seg.
- (9) Jacques Maritain, op. cit.
- (10) Ibid.
- (11) Augustin Cochin, *La Révolution et la Libre-Pensée*, Plon, 1924, pág. XXIX (introduction).
- (12) Ibid., pág. XXX.
- (13) Ibid., pág. XXXIII.
- (14) Já é hoje abundante a bibliografia de desmitização da Revolução Francesa. Recomendamos aos estudiosos a leitura das seguintes obras:
Edmond Burke, *Reflexions on the Révolution in France*.
Hillaire Belloc, *The French Révolution*.
Alex Tocqueville, *U'Ancien Regime et la Révolution*.
Bernard Fay, *La Franc-Maçonnerie et la Révolution Intellectuelle au XVIIIe Siècle*.
Funck Brentano, *U'Ancien Regime*.
Hippolyte Taine, *Les Origines de la France Contemporaine*.
Pierre Gaxotte, *La Révolution Française* (já traduzido, Livraria Tavares Martins, Porto).
- (15) G. C. *Dois Amores, Duas Cidades*, vol. II, págs. 247-248.
- (16) Daniel Ropps, *Un Combat pour Dieu*, Fayard, pág. 331.
- (17) G. C. op. cit., pág. 237 e seg.
- (18) Raymond Corrigan S. J., *A Igreja e o Século XIX*, AGIR, 1946.
- (19) Augustin Cochin, op. cit., p.1.
- (20) Adolphe Thery, *Un Prêcurseur du Catholicisme Social Le Vicomte de Villeneuve-Bourgeois*, Paris-Lille, 1911.
- (21) *Traité d'Économie Politique Chrétienne*, 1834.

- (22) Maurice Vaussard, *Histoire de la Democratie Chrétienne*, ed. du Seuil, 1956, pág. 27.
- (23) *Ibid.*, pág. 30.
- (24) Frederico Ozanam, *Les Origines du Socialisme*, in *Mélanges*, vol. VII de *Ouvres I*, Paris, 1888, págs. 185-230.
- (25) Juan Donoso-Cortés, *Obras Completas*, B.A.C., *Introducción* de Carlos Valverde S. J., pág. 81.
- (28) Op. cit, tomo II, Carta ao Cardeal Fornari.
- (27) *ibid.*, tomo I, pág. 179.
- (28) *Ibid.*, tomo II, pág. 179.
- (29) Ambrósio Romero Carranza, *Ozanam et ses Contemporains*, ed. Française d'Amsterdam, 1953, págs. 300-301.
- (30) *Ibid.*, pág. 306 e seg.
- (³¹) Maurice Vaussard, op. cit., pág. 35.

PARTE II

"Nunca se dirá tudo das covardias que nossos franceses praticaram e praticarão pelo medo de não parecerem bastante à esquerda". Charles Péguy.

"... o caráter histórico dos espanhóis é o exagero em tudo; só nos falta exagerar o socialismo, mas lá chegamos certamente. E então vereis de que são capazes os espanhóis por uma ideia boa ou má". Donoso-Cortés, 1848.

"Não! não é por pessimismo e desespero que eu recuso o mundo moderno; eu o recuso com todas as forças de minha Esperança". George Bernanos, 1946.

"Onde está Deus? Eu vos direi: nós o matamos, tu e eu! Sim, nós todos somos os assassinos de Deus. Mas como podemos nós fazer tal coisa? Como podemos esvaziar o mar? A estatura de tal feito não é grande demais para nós? Nunca houve ação maior do que essa, e por isso nosso sucessor sobre a terra pertencerá a uma história mais alta do que todas as histórias. Deus está morto! Deus está morto! E fomos nós que O matamos". Frederic Nietzsche, "Ecce Homo", Janeiro de 1900.

CAPÍTULO I

ESTAMOS NO SÉCULO XX

As origens do século XX

Podemos demarcar essas origens por quatro acontecimentos, dois com caráter de escândalo, crise ou explosão, e dois outros com feição de inauguração, ou de fonte, mas todos, cada par a seu modo, com a mesma lei da continuação, que rege a vida e a história. As explosões ou crises não são criações novas, mas apenas consequências de acumulações anteriores; as inaugurações ou nascimentos também têm sua genealogia nas linhas-de-história que vêm de longe.

Mas se não há nada absolutamente novo "*sub sole*", como diz o Eclesiastes, não se pode todavia negar certa especificidade que dá a cada época sua fisionomia particular. E eu tenho a firme convicção de que há alguma coisa de cromossômico nos quatro acontecimentos já mencionados, e que é deles que nosso bravo século tira seu ar de espanto e de desassossego.

São os seguintes os marcos ou germes:

- a) O "Affaire Dreyfus" que culmina no ano de 1898 com o artigo *I'accuse...I* de Emile Zola, e com o manifesto dos intelectuais na mesma data.
- b) A crise "modernista" na Igreja começada nos últimos anos do século XIX e combatida por Pio X desde 1903 até 1907, data da encíclica *Pascendi*, que enquadrou doutrinariamente e condenou os vários erros convergentes naquilo que o próprio Pio X chamou "encruzilhada de todas as heresias".

- c) No mesmo ano em que começou o processo do capitão Dreyfus, 1894, dois jovens católicos fundam a revista e o movimento chamado *Le Sillon* (O Sulco), que parece inspirado pelo movimento do catolicismo social, mas na verdade traz a semente de um hibridismo, da qual nascerá o itinerário ou o sulco da "esquerda católica", com o sentido especial de que já falamos no capítulo II.
- d) Na mesma data, 1898, Charles Maurras escreve *Enquête sur la Monarchie*, com a qual nasce seu interesse e sua paixão política, e portanto nasce a Action Française, cujo crescimento e cuja crise, em 1926, terão incalculáveis consequências para a França, para o mundo e para a Igreja.

Neste capítulo tentaremos estudar o andamento das duas linhas-de-história dinamizadas pelo jogo "esquerda-direita", mas inicialmente devemos abrir um tópico para o estranho "Affaire" que parece ter uma função genética decisiva no mundo cujo nascimento foi festejado com o que hoje poderíamos chamar de cómico otimismo.

Uma sinistra explosão de "sinistrite"

Relevem-me o quase trocadilho que já é um mau começo de uma história que foi para a história do século um mau começo; e até digo um mau "negócio".

Tudo partiu de um erro judiciário e de uma criminosa falsificação que em outras circunstâncias — sim, em outro ponto da história e em outro país — seriam arrastados pela onda de acontecimentos e se corrigiriam sem tanto alarde, ou mesmo sem se corrigirem desapareceriam nos ralos da história ou da des-história, que de minuto em minuto escoam os erros, as injustiças, e as variadas mesquinhas e baixeiras que todos nós vivemos a produzir neste mundo sub lunar.

Sem duvidar da generosidade desta pobre humanidade já tão caluniada, diria que é um erro pensar que todo o colossal arruído em torno do "Affaire Dreyfus" teve como causa principal a justa indignação desencadeada por uma estúpida injustiça quase accidental, agravada pela inépcia das autoridades, elevada ao cubo pela descoberta de uma intenção teimosa de não corrigir o erro para não abalar as instituições, e finalmente exponencializada pela evidência de uma falsificação criminosa.

Fossem outras as ressonâncias e implicações, bastariam o suicídio do coronel Henry, a heróica honradez do coronel Picquart e a

reabilitação do inocente capitão Dreyfus para encerrar o assunto. E não estaríamos aqui a remexer essas lembranças que têm a minha idade, e portanto mais três ou quatro anos do que o próprio século.

Mas o *turmoil* que envolveu o desventurado e medíocre capitão Alfred Dreyfus não tem nenhuma proporção com os fatos interligados, nem se explica cabalmente pela indignação dos que apostavam na inocência de Dreyfus, nem pela desconfiança dos que suspeitavam sua culpa.

Contribuiu muito para o apaixonado interesse do mundo inteiro a descoberta sensacional do *petit bleu* em 1896. O capitão Dreyfus já comparecera em conselho de guerra sob a acusação de haver vendido à embaixada alemã documentos secretos. Toda a acusação repousava, ou tentava repousar sobre um documento, o famoso *bordereau*, que atribuíram ao capitão Dreyfus. Já vários indícios deixaram entrever a imperfeição do processo, mas a condenação à degradação do oficial e sua deportação para a Ilha do Diabo foram acolhidas friamente pelo público. E até Jaurés, que ninguém suspeitara de militarismo e de excessivo apego aos valores que começavam a estremer, lamenta publicamente que aquele traidor não tenha sido fuzilado. A descoberta do *petit bleu*, encontrado numa cesta partido em, 32 pedaços, dificilmente reconstituídos, evidenciou a presença de um personagem até então alheio ao processo: o coronel Esterházy. Cresce rapidamente a suspeita e espalha-se a notícia. A 14 de setembro de 1896 *UEclair* publica um "histórico do processo Dreyfus". Alguns dias mais tarde a *Revue Blanche* publica a primeira edição de uma brochura intitulada *Une erreur judiciaire*, de Bernard Lazare. E nesse dia começou propriamente o "Affaire" em todas as suas prodigiosas dimensões.

A partir desse dia, em qualquer ponto de Paris, onde estivessem três ou mais pessoas sentadas bebendo um refresco, passeando num jardim, ou reunidas num salão, poderíamos apostar que estavam discutindo interminavelmente o "Affaire".

Quem quiser maiores detalhes sobre o processo, poderá encontrar nas *Oeuvres Completes* de Roger Martin du Gard, ed. *Pléiades*, um excelente resumo feito por Jean Bloch Michel, nas páginas CLI e seguintes do tomo I, à guisa de introdução ao romance *Jean Barois*, que gira em torno do "Affaire".

O que não se vê nesses resumos objetivos, por falta de conexões históricas, é a razão profunda de tão pasmoso abalo produzido na estrutura da nação francesa. Péguy e seu amigo, o judeu Bernard Lazare, foram talvez, na época, as únicas pessoas do mundo que sentiram, digo melhor, que adivinharam os abismos místicos eclipsados pelas aparências políticas. É Péguy, em *Notre jeunesse*, quem contrapõe esses dois termos para explicar que o "Affaire" tem uma forma vi-

sível, real, verdadeira mas superficial, e outra forma, profunda, só perceptível para uma alma profundamente cristã e profundamente francesa ou para uma alma profundamente francesa e profundamente israelita.

Péguy tem a dolorida simplicidade de afirmar que eles dois, Bernard Lazare e Péguy, foram heróicos. "Nós fomos heróicos...". E explica que pode dizer isto porque mais ninguém no mundo o dirá, ninguém saberá que ele foi heróico, que Bernard Lazare foi heróico, o que é verdade para Bernard Lazare, que morreu na total obscuridade, pobre e desprezado pelos próprios judeus, mas estava reservada para Charles Péguy outra morte e outra sorte, que viriam dar um sentido novo e antigo às "virtudes militares" de que tanto falou o poeta sem saber que falava de si mesmo, e que falava para purificar a França ferida na honra militar.

Péguy tornou-se, e permanecerá, enquanto permanecerem resíduos da França, o arquétipo do francês que não sofre contestação. Poeta admirável, herói admirável, Péguy tornou-se a hipóstase de uma França ideal que deve ter um mapa moral no céu das essências.

O clamor que circundou o "Affaire" e o sofrimento indizível que Péguy tenta dizer provam a existência de todo um tremendo processo sísmico por baixo do erro judiciário. O que o mundo ouvia eram os estalos, os rumores subterrâneos de toda uma civilização concentrada naquela nação que é a "*filie ainée de VÉglise*" e "*le plus beau royaume après le royaume de Dieu*". Não é em vão, nem por pouca coisa que um país carrega tão esmagadores títulos. E tenho para mim que Bernard Lazare, apesar de judeu e de se dizer ateu, sentia, através de Péguy, toda a tragédia de desmoronamentos de valores cristãos; e que Péguy sentia, através de Bernard Lazare, as dimensões maiores da tragédia que, sem o Antigo Testamento, teria uma parte velada.

Em termos mais tranquilos, estavam em jogo, nesse misterioso "Affaire", categorias que transcendem a história e as dimensões superficiais da vida humana. Estava em jogo o princípio da autoridade, mal servido pelos que tinham mandato para representar a honra militar. E contra esse princípio, acobertados pelo "pretexto" da injustiça praticada, levantaram-se os ateus, os inimigos da Igreja, os inimigos da ordem em nome de um ideal de Revolução. Foi terrível e irreversivelmente desastroso para a França o fato de terem razão os Emile Zola e os Anatole France, não apenas contra os culpados de criminosa falsificação mas contra os princípios que esses homens traíam, e que aqueles desprezavam. Parece pouco generoso e até ilegítimo duvidar da pura generosidade de todos aqueles que criaram um alarido na defesa de um inocente injustamente condenado e degradado. Mas, meus queridos leitores, a pura generosidade não sendo

matéria tão abundante, nem tão disseminada entre os homens não é injusto duvidar de sua presença neste ou naquele caso. Acontece que os personagens em questão escreveram muitas outras coisas além de *Taccuse...!* e de *lie des Pingouins*. E o mundo católico alfabetizado sabe perfeitamente que espécie de testemunho da verdade deram esses mesmos escritores em outras circunstâncias. Os parentes espirituais de Renan tinham no erro judiciário uma excelente ocasião para golpear as instituições e os princípios com que Ernest Psichari, o neto do Renan, conseguira salvar o seu tesouro. ^(x).

Outro elemento em jogo no "Affaire" é Israel. Nem mais nem menos. Acontece que o incriminado era um *judeu*, e isto bastava para que toda "uma família espiritual" se apoderasse da circunstância para clamar contra o anti-semitismo dos franceses tradicionais. Porque o francês é tradicionalmente anti-semita, não pela estúpida razão dos nazistas, mas pelo fato de constituir a comunidade judaica um nacionalismo enxertado em outro vigoroso nacionalismo. O processo de rejeição da biologia verifica-se também na sociologia. O francês não considera o judeu uma raça inferior, poderá até admitir que os judeus constituem uma nação especialmente apta, inteligente e diligente. Mas custa a ver um francês num judeu. Esse anti-semitismo não leva ninguém a cometer nenhuma injustiça, mas conduz as pessoas a escolherem livremente suas dileções.

Escrevo estas coisas com desembaraço porque me sinto pessoalmente livre delas. Como brasileiro, e suponho que razoavelmente bom brasileiro, não tenho a menor dificuldade de admitir que um judeu seja brasileiro. O mecanismo de rejeição cultural e racional, em mim não funciona. E até funciona ao contrário. Passei toda a vida entre amigos judeus, como se eu fosse um deles.

Espero que o leitor, que acaso tenha chegado até aqui, seja suficientemente sábio para compreender que, por isso mesmo, por minha absoluta e total incapacidade de rejeitar uma nação, eu compreendo o mecanismo da rejeição de um católico francês do tipo dos membros da Action Française. Trata-se apenas de uma irritação cultural parecida com a anglofobia dos mesmos franceses. Como estamos cansados de saber, o francês é periodicamente inimigo do alemão, em termos militares; mas é anglóphobo em termos culturais, eu até diria é fraternalmente e constantemente anglóphobo.

E é essa a espécie do chamado anti-semitismo da "Action Française" — Brasillach, o admirável Robert Brasillach, fuzilado em 6 de fevereiro de 1945 como colaboracionista, quando a guerra já acabara, seria anti-semita dessa espécie; mas, por acaso?, foi o único escritor

(1) Notas no fim do capítulo.

francês que, durante a ocupação alemã, escreveu em *Je suis partout* contra a prisão dos judeus e especialmente contra a diabólica crueldade com que os nazistas, nas prisões de judeus, separavam os pais dos filhos!

O fato de ser judeu o capitão Dreyfus foi um atrativo a mais para os *dreyfusards* que ostentavam estandartes da justiça a serviço do ódio, do ceticismo, da inimizade, do socialismo. Com o "Affaire" começou em França o jogo "esquerda-direita" em toda a sua crueldade, e em sua intrínseca falsidade.

Além disso, ofereceu-se uma excelente oportunidade de humilhar e confundir os católicos, que estavam habituados, secularmente habituados, a viver, a não separar sua fé católica de um sentimento de brio, e de cavalheirismo, e sim, de um sentimento de honra que só se encontra com essa especial feição na França de São Luís e na Espanha de Santa Teresa. As outras nações do mundo terão suas maravilhosas qualidades específicas, e por isso suas específicas vocações. Duvido de que alguém, mais do que eu, tenha admirado o *humour* heróico com que os ingleses, em 1941, salvaram a Inglaterra e o mundo. E valho-me deles, não me lembra se de Belloc ou Chesterton, para admirar a maravilhosa e comunicativa "humanidade" do povo italiano. Na Itália, dizia o inglês, sente-se o *humano* como se sente o cheiro de queimado. E os russos, os russos de Tchekhov, de Puchkine, de Dostoiewski? E os russos de Mussorgsky?

E nós? Modéstia à parte, eu também acho que o povo brasileiro tem uma insubstituível vocação, e já deu provas disso na maneira *sui generis* com que expulsou e expeliu a mais cruel enfermidade social e política do século.

Mas, voltando ao povo francês e à composição de Fé e sentimento de honra que caracteriza a parte mais sólida de seu catolicismo — a parte que mais tarde será chamada de "*droite*" e de "integrista" — preciso fazer um reparo: todos os homens, e por igual motivo todas as nações têm os defeitos de suas qualidades. No sólido, vigoroso e brioso catolicismo francês as desfigurações, representadas pelos personagens de Mauriac, ou por um Oscar Thibault, são especialmente aberrantes. Mas os católicos que sofreram com o "Affaire" foram os melhores, foram aqueles que de repente, inexplicavelmente, viam escarnecidos todos os valores essenciais a propósito de um suposto erro judiciário em que se achava envolvido um judeu, e em que seriam os piores inimigos da Igreja que tinham razão. Esses mesmos católicos franceses que Yves Simon diz terem sido "a quase totalidade dos católicos franceses", sofreram vinte e cinco anos mais tarde a crise da Action Française, e até o ano de 1941 serão apontados, por um *francês*, como capazes de uma desonrosa e brutal injustiça. Eis o que diz Yves Simon:

O "Affaire Dreyfus" foi também uma crise religiosa, porque a quase totalidade dos católicos, cegos pelas paixões dos grupos com os quais tinham insensatamente ligado sua sorte, se pronunciaram pela culpabilidade do capitão Dreyfus. Ora, era uma questão de fato: o capitão Dreyfus era inocente da traição cometida por outro capitão chamado Esterházy. (Yves Simon se enganou no *posto*. Esterházy era de fato coronel). Mas Dreyfus era judeu, Esterházy não era judeu; era preciso então que o culpado fosse Dreyfus. Mas a causa de Dreyfus era defendida pelo partido republicano, por numerosos maçons, pelo partido socialista: logo, era preciso que Dreyfus fosse culpado. Entre os partidários de Dreyfus havia grande número de inimigos da Igreja, do exército e da ordem política: logo era preciso que Dreyfus fosse culpado. Pouco importava a realidade dos fatos (...) Com poucas exceções, os católicos franceses se engajaram a fundo na campanha *anti-dreyfusarde* contra a justiça. A justiça triunfou; mas esse triunfo acarretou a desonra daqueles que tinham combatido contra ela. (...) Em 1937 um grande católico me dizia que, se se reproduzisse um novo "affaire", não seria possível obter esse escândalo devastador: *O mundo católico se levantando em bloco* (ou pouco menos) em favor de um erro judiciário".

Difícilmente encontraríamos um documento que melhor exprimisse o trágico equívoco do "Affaire" que esta página de uma espantosa, de uma apavorante infelicidade, escrita por um filósofo católico que deve saber o que é *justiça*, que deve saber o que é honra, que deveria respeitar o foro interno nas arguições de pecado contra a justiça, e que deveria saber distinguir os vários graus de certeza ou de crença antes de escrever esta frase monstruosamente falsa: "o mundo católico se levantou como um bloco em favor de um erro judiciário".

Nunca vi mais leviana acusação levantada contra milhões de irmãos na Fé por um prestigiado pensador católico, no mesmo passo em que abre todos os créditos para as retas intenções dos piores inimigos da Igreja.

Analisemos esse expressivo tópico; mas antes disso preciso declarar que desde que me entendo sempre me pareceu pacífico este ponto: todos os homens de bem tinham sido dreyfusistas, como Péguy e Bernard Lazare; mas acrescento: nunca me passou pela ideia que fossem desonestas todas as pessoas que tinham sido antidreyfusistas. Essa ideia não me aparecia jamais como aceitável, mesmo nos tempos em que, simples engenheiro e não-católico, jamais lera uma página de Santo Tomás.

E agora abordemos o problema de "psicologia da crença ou do assentimento" dos católicos franceses em face do "Affaire". A primeira coisa a criticar na página de Yves Simon é a simplicidade com que diz: "ora, era uma questão de fato; o capitão Dreyfus era inocente, e a traição tinha sido cometida por outro, o coronel Esterházy". Mas esse *fato* só se impôs como um *fato* depois de todas as

provas, e depois de serenada a atoarda ensurdecadora, e estonteante, criada em torno dele.

Durante a evolução do processo os católicos não estavam diante de uma coisa evidente, nem mesmo de uma coisa fortemente provável e parecida com a evidência. Em relação ao objeto "Affaire", inacessível a cada cidadão francês, a não ser pela leitura dos jornais e pelas conversas e comentários, o cidadão médio francês só podia formular um juízo de fé humana, ou de certeza moral sujeita a todas as revisões. O *bordereau* e o *petit bleu* não foram nem podiam ser examinados por cada francês; e ainda que os jornais reproduzissem todos os documentos, não poderiam os leitores não-especialistas decidir com firmeza o veredicto final. Estamos dentro de uma explosão de opiniões formuladas com uma desproporcionada veemência, em inteira desproporção com as possibilidades de averiguação direta. Qual era então a razão de tamanha veemência, de parte a parte, onde faltava a evidência e onde todos se moviam em termos de certeza moral? Era simplesmente esta que formulamos sem nenhum trémulo de indignação, porque faz parte do modo social de apreciar os acontecimentos: na verdade o colossal debate, desde o início (e excetuadas as pouquíssimas pessoas em contato mais direto com o caso, como por exemplo o heróico Coronel Picquart), se deslocara para um debate de ideias, de valores abstraídos, por assim dizer, da atoarda nascida em torno de um *caso*. Tendo os católicos diante dos olhos a notícia de um caso turvo, como tantos ocorrem todos os dias, começaram a se inquietar quando observaram que todos os inimigos da Igreja tomavam posição a favor da inocência de um judeu condenado por um tribunal regular, degradado, deportado, e apontado como traidor da Pátria. Os mecanismos psicológicos da Fé humana são conhecidos: onde nos faltar um critério próprio de certeza, valemos do que dizem aqueles em quem temos confiança, e também, antiteticamente, valemo-nos do que dizem aqueles em quem não temos confiança, e até suspeitamos interesses ideológicos.

Se esse processo for impugnado, torna-se impraticável não apenas a vida social como também a vida religiosa, onde a Fé divina que vulnera os corações é sempre encaminhada, ajudada e agasalhada pela fé humana. O filósofo Yves Simon faz a caricatura de um processo psicológico normal, e logo acrescenta o valor moral negativo, sem nenhuma necessidade a não ser a de denegrir seus correligionários, quando diz:

Entre os partidários de Dreyfus havia grande número de inimigos da Igreja, do exército e da ordem política: logo, era *preciso* que Dreyfus fosse culpado. Pouco importa a realidade dos fatos.

Essa afirmação, prodigiosamente caluniosa na sua forma desastrosa, equivale a esta outra:

A quase totalidade dos católicos franceses em 1898 era composta de patifes capazes de condenar um inocente (ainda que tivessem a evidência dos *fatos*) só porque era judeu, e defendido por materialistas, maçons e socialistas.

Mas então, meu Deus!, o catolicismo, a religião, a distribuição do corpo e do sangue de Nosso Salvador é definitivamente uma monumental invenção da tolice humana, muito mais ineficaz do que a filantropia dos rotarianos e dos maçons. O que me parece sobremodo esquisito é o fato do filósofo francês (falecido anos atrás) não ter desconfiado em 1941 que estava cometendo contra milhões de compatriotas e correligionários uma injustiça mais grave do que aquela que lhes atribui. E só trouxe até aqui esses comentários em torno do texto de Yves Simon para mostrar a perturbadora gravidade do famoso "Affaire". Este prestou-se admiravelmente para o primeiro impacto da Revolução às portas do século XX. O *fato* deu ganho de causa às forças sabotadoras da Autoridade, da Ordem e da Igreja. É triste observar que até 1941, com quase meio século de distância, ainda se vê um filósofo católico afirmar:

- 19) que a quase totalidade dos católicos se pronunciou *formalmente* a favor da injustiça;
- 20) que os inimigos da Igreja se bateram e se pronunciaram *formalmente* a favor da justiça.

Mas, meu Deus!, será preciso explicar que os revolucionários, os contestadores, os anunciadores de um mundo novo sempre poderão encontrar neste pobre mundo alguma boa e sólida injustiça praticada por católicos, por pais de família, por militares, por homens de governo, em cima da qual, vingadores, justiceiros e eloquentes, possam denunciar a inutilidade dos governos, a perversidade dos exércitos, a decadência da Família e o ridículo anacronismo da Igreja?

E com estas considerações cremos ter justificado o título deste parágrafo. O "Affaire" foi efetivamente a primeira explosão ou erupção de "sinistrite" do século.

Le Sillon, More Sangnier

Nesses mesmos anos de agitação e de uma vitória inicial do revolucionarismo ateu e anarquista, travestido aqui e ali de libera-

lismo, nasceu o movimento e a revista *Le Sillon*, com todas as marcas do democratismo e de certo anarquismo que se dizia muito evangélico e fraternal. É um movimento católico, na direção geral do catolicismo social, mas dotado de uma condimentação especial que o distingue das atividades de um De Mun ou de um Ozanam.

É paradoxal a feição dos grupos formados em torno de Marc Sangnier. De um lado, predomina o espírito de camaradagem fraterna que vem dos tempos de *Crypte*, formada no colégio Stanislas, e que dá ênfase à igualdade, sem nenhuma distinção de idade ou de classe, tratando-se todos, uns aos outros, de "tu", ainda que um seja um jovem estudante e outro um sacerdote; de outro lado, nota-se um tal ascendente de "Marc" sobre seus companheiros que, sem nenhum exagero, se pôde dizer que "o *Sillon* tornou-se uma monarquia absoluta submetida à autoridade de Marc Sangnier". (2)

A dedicação, ou melhor, a submissão dos companheiros a "Marc" chegava ao dom total, à renúncia de carreira, e até de casamento. (3) Estranho personagem esse Marc Sangnier, cujo caráter Maurice Vaussard esboça com sua imperturbável objetividade: "O movimento que apregoa uma alma comum não possui todavia senão um chefe, Marc Sangnier, humilde e egocêntrico ao mesmo tempo, desejoso de expansão e rebelde a qualquer forma codificada de organização, pródigo de seu tempo e de afeto para a conquista dos corações, e capaz de quebrá-los, numa brusca indiferença, quando já não sente passar a corrente que alimentava a flama." (4) Tem toda a razão Manuel Zurdo Piorno quando diz que "la silueta espiritual de Sangnier, creador dei movimiento democrático, ofrece un extraño parecido con la dei fundador de *Esprit*". (5)

Ainda mais sugestivo é o retrato esboçado por Adrien Dansette sem sombra de desconfiança:

Sim — suspira com saudades esse antigo sillonista, — sua dominação era feita de um olhar belo, esse olhar puro do amante casto e entretanto dominador (!!!), era feita de gestos ternos — braços oferecidos ou apertados nos ombros do amigo — e do calor de uma voz com ressonâncias profundas e familiaridades de linguagem — o tratamento fraterno, o "tu" e o emprego exclusivo do prenome (Marc Sangnier é Marc e somente Marc) e do pronome possessivo antes do prenome. "meu Carlos", "meu Paulo", e sobretudo a compreensão dos tormentos e dos impulsos da juventude... (6)

^ O grupo de *Le Sillon* se propunha uma atividade social, democrática, que levasse aos meios mais diversos e mais humildes o fermento evangélico. A tônica do movimento é "o pobre", o homem da humildade comum, e o objetivo era não somente a evangelização mas também a elevação social e temporal. Não era muito difícil prever os deslizos de um movimento que ousava abordar o mais

penoso dos problemas temporais com mais vibração e calores da sensibilidade do que firmeza de doutrina.

Estamos num ponto da história do Ocidente marcada pelo otimismo. Há na manhã do século uma brisa de liberalismo e de democratismo. Leão XIII, com a encíclica *Graves de communi* (18 janeiro 1901), erguera uma barreira aos transbordamentos da "democracia cristã" e das correntes que, com as melhores intenções, e sempre invocando o interesse das classes desfavorecidas e às injustiças dos dirigentes, tomavam essa direção da história que segue a lei da matéria, da *entropia crescente*, mais do que a lei da vida e do espírito. Os famosos *abbés democrates*, que anunciavam a democracia como termo da evolução social, já naquele tempo diziam coisas que se tornaram triviais dentro da confusão ideológica e doutrinária da seita chamada "progressista". Diziam, por exemplo, que a Igreja é essencialmente democrática, ou estruturada de baixo para cima, coisa que todos os papas até Paulo VI condenaram; e viam no caráter institucional e hierárquico da Igreja algo que se opunha ao ardente zelo evangelizador e igualizador de que se sentiam possuídos.

Com exceção do italiano Muri, que apostatou, os demais "padres democratas" se submeteram. Contam que foi edificante essa submissão, e que o padre Naudet, "que ia ao povo já que o povo não ia ao padre", lera de joelhos a encíclica que vinha pôr água na excessiva fervura.

Algum dos modernos, creio que no tempo dos padres-operários, já observou que sempre que surge um ardoroso movimento de evangelização, a Igreja o entrava e o bloqueia. E faz bem, porque na maioria dos casos o ardor de novas iniciativas mais se nutre de amor-próprio inquieto e ávido de sucesso do que se inspira de pura e casta caridade. A grande calamidade que aflige a Igreja de nosso tempo tem origem, ou fator dominante, numa inversão de atitude que levou a Igreja, aí pela década dos 40 e dos 50, a ver as eferescências sem a antiga e sábia reserva.

Estamos ainda no começo do século; *Le Sillon* no berço mereceu todas as bênçãos de Pio X e depois "cresceu nos joelhos dos bispos", como dizia Marc Sangnier numa imagem de gosto discutível. Mas logo, com o crescimento, começou a extravasar, a tornar-se o *grand Sillon* que recaía nos erros apontados por Leão XIII. Começou por contatos tolerantes demais com os protestantes, prosseguiu na direção do democratismo, e enveredou pelo caminho que leva à negação do princípio de autoridade.

Em 25 de agosto de 1910, Pio X dirige uma carta ao episcopado francês lembrando "os bons tempos do *Sillon*" e lamentando os desvios que, sem trair o seu dever, o Papa não podia deixar sem advertência e sem censura. E logo no primeiro parágrafo o grande

e santo Papa toca o nervo inflamado: "O *Sillon* pretende escapar à direção da autoridade eclesiástica quando seu fim, seu caráter e sua ação pertencem ao domínio moral, que é o domínio próprio da Igreja". E mais: "Levado por um mal norteado amor pelos fracos, resvalou no erro" e, "tomando como ideal o nivelamento das classes", os "sillonistas andam ao arrepio da doutrina católica", e desconhecem as exigências de uma civilização cristã. Mais adiante diz o Papa que "o Sillon deixou-se ir na esteira da quimera socialista". Censura ainda o Papa a influência exercida pelo Sillon sobre seminaristas e sacerdotes, subtraindo-os à autoridade dos bispos.

Na verdade, a ideia central do *Grand Sillon*, ou de "Marc", era a exaltação do homem, da dignidade humana que só é possível, como tão bem assinala Manuel Zurdo Piorno (7), onde a consciência autónoma estiver liberada de qualquer vassalagem e obediência, e onde puder reger-se a si mesma sem exigências externas de governantes, padrões ou superiores hierárquicos. (8)

E aí está o princípio nuclear do anarquismo, que está no centro de gravidade da "Esquerda". E é fácil ver, desde já, que Sangnier, prolongado, passa por Mounier e chega à escatologia marxista: a sociedade sem classes.

Marc Sangnier submeteu-se filialmente, e procurou novas direções para seu fidelíssimo rebanho. Deixou assim o exemplo de perfeita e suave submissão, mas insensivelmente evolui, "progride" e mais tarde, num mundo católico desembaraçado da presença de Pio X, e numa França católica afastada da *Action Française*, vamos encontrá-lo na onda esquerdista elevadora e sustentadora do Front Populaire, que derrotou a França. E com eles multiplicam-se os casos e alarga-se a esquerda católica, que desonrou a França.

Com seu jornal *La Democratie*, e mais tarde no seio das *Ligas da Jovem República*, Marc Sangnier continua, diz Charles Lédré (9), mais ou menos conscientemente, a obra que o Papa Pio X condenara. Em 1936, diz Jacques Marteaux, não hesitará em se aliar, no Front Populaire, aos piores inimigos da Igreja. (10)

Duas reflexões sobre o caso Le Sillon

A primeira se refere ao límpido desembaraço com que Pio X dizia: "levado por um amor dos pobres mal norteado, resvalou no erro". Hoje anda completamente esquecida a doutrina que exige a retidão do amor e que não se dá por vencida diante de qualquer declaração sentimental. E por causa do esquecimento da sã doutrina todos se intimidam, e se rendem quando um Dom Hélder, ou outro

demagogo da mesma espécie, atira os braços, olha para o teto e garga-reja: "os pobres! os pobres!"

A segunda coisa digna de reparo é a força do empuxo telúrico que vem da corrente revolucionária que, como já dissemos, segue a lei da matéria inerte e não a lei da vida e do espírito. Passou por cima das comportas traçadas por Leão XIII, transbordou as represas de Pio X, contornou Pio XI e Pio XII e veio inundar nosso tempo. Dirão os marxistas que isto decorre do determinismo histórico; responderemos nós que antes decorrerá de algum determinismo geológico ou infra-histórico, já que onde impera a lei da matéria pode haver evolução, mas história só há onde impera, ou procura imperar, a lei da razão.

'Action Française', Charles Maurras

A enorme vantagem publicitária capitalizada pelos socialistas, liberais e revolucionários de vários matizes no rumoroso e desastroso "Affaire Dreyfus" despertou logo, nas consciências mais apuradas para as necessidades vitais da França, o desejo de uma organização que militasse na defesa dos valores e ideais ameaçados. Com esse ânimo formou-se uma efêmera Liga da Pátria Francesa, da qual permaneceram dois grupos: os "Patriotas", guiados por Paul Deroulède e Maurice Barres, e a "Action Française", fundada por Charles Maurras e Henri Vaugeois. Com a morte de Vaugeois, ficou Charles Maurras na direção do movimento e do jornal *L'Action Française*.

Começava na França, quase imperceptivelmente, o jogo "esquerda-direita", como uma espécie de guerra civil latente, mas logo marcada com sangue. Em setembro de 1923, a anarquista Germaine Berton, com a intenção de matar Maurras, entra na redação do jornal e atira em Marius Plateau, que cai mortalmente ferido. Dias depois, uma enorme multidão, com mais de vinte mil *royalists*, acompanha o enterro de Plateau até o cemitério Vaugirard. Nesse mesmo dia os dois movimentos fundiram-se num só, e Charles Maurras não só liderou mas identificou-se com a Action Française, sem todavia exercer nenhum superiorato sobre os principais colaboradores, que se contavam entre os maiores valores intelectuais da França: Léon Daudet, Jacques Bainville, Henri Massis, Georges Bernanos, Jacques Maritain. Apoiavam o movimento e o jornal os mais reputados teólogos e vários bispos e cardeais, e grande maioria do povo católico.

Podemos dividir em dois planos o programa que já se vê condensado na denominação.

O primeiro é um programa de ação bem definido e particularizado no espaço e no tempo: servir a França, concretamente encarnada e muito concretamente amada. Ora, essa França, na inabalável convicção dos militantes das A.F., tinha profunda identidade marcada pela monarquia e pela Igreja. O movimento e o jornal de mesmo nome, *VA.F.*, existiam para lutar por um "nacionalismo integral" e para não permitir que as forças de dissolução do internacionalismo socialista, maçônico, revolucionário, desviassem a França de sua verdadeira vocação.

Quem quiser, poderá hoje sorrir dessa mística, sobretudo quando considerar os caminhos percorridos desde então pela França. Já se disse muitas vezes que Maurras era um empirista, o que é verdade em certo sentido, porque não "doutrinava" em termos universais mas em termos imediatamente aplicados, experimentados, ou percebidos no caso particular francês graças a uma conaturalidade, a uma identificação que lhe deu uma extraordinária lucidez que só costuma nascer dos grandes amores. Se, por exemplo, era monarquista, de modo algum pretenderia demonstrar que o regime monárquico era exigido pela lei natural. Sua "doutrina" era válida para a França, que ele conhecia por dentro e com a co-naturalidade que só o amor pode dar.

O segundo plano em que se desenvolvia a programação da A.F., quase à revelia da violenta paixão de Maurras, era mais universal e por isso de interesse geral. Em sua curta e turbulenta existência da A.F. defendeu, contra a torrente revolucionária, os valores universais por ela ameaçados: a autoridade, a ordem, a tradição, e de um modo geral *todos* os valores que a Igreja difunde e defende.

A Charles Maurras e aos homens da A. F. é que se aplicaria bem a frase que Maritain, em *Le Paysan...*, dedicou às esquerdas: "em matière politique et sociale leur instinct les pousse vers la bonne doctrine".

E aqui se arma um curioso problema que deve ter parecido misteriosíssimo para os homens daquele tempo, muito mais do que para nós, que temos já desenvolvidas todas as consequências do drama, e quase podemos dizer que já conhecemos a chave do enigma. O fato é que Charles Maurras, dizendo-se um homem sem fé, e depois de uma literatura ostensivamente pagã e às vezes quase blasfematória, põe-se à frente de um movimento que defende a Igreja de todos os sucessivos ultrajes sofridos dos governos da república, e congrega em torno de si os católicos mais sérios de França. O mundo católico inteiro sentiu a irradiação dessa alma poderosa, e aqui no Brasil Jackson de Figueiredo, fundador do Centro D. Vital, foi um maurras-seano fervoroso.

Mais adiante veremos que esse homem terrivelmente sacudido por Pio XI foi na verdade sempre misteriosamente marcado pela solicitude da Igreja e pela comunhão dos santos.

O fato é que esse "homem sem fé" teve sempre uma total e nunca desmentida confiança na doutrina da Igreja e nunca molestou a Fé dos mais lúcidos católicos que a seu lado viveram longos anos, até as vésperas da crise de 1926, sem nenhum sinal de atrito motivado por questões doutrinárias. E aqui torno a lembrar os filósofos e teólogos que apoiaram ou fizeram parte da A.F. Jacques Maritain, por exemplo, ingressou no movimento a instâncias do Père Clerissac e nele se manteve durante 15 anos sem dar o menor sinal de inquietação até as vésperas da ruptura e da "condenação" de Pio XI.

O conhecido lema "politique d'abord" não significava de modo algum uma afirmação doutrinária do primado do político sobre a religião e os demais planos da vida humana, mas apenas especificava o caráter temporal e não-confessional da A.F., e marcava, isto sim, o primado do político nessa ordem. A A.F., dizia Maurras, não se intitula Ação Católica, nem Ação Social, nem Ação Popular, embora trabalhe para o povo e sustente as teses sociais de Albert de Mun, de La Tour du Pin e de Le Play, e embora seja ardentemente católica (no sentido de defender todo o ensinamento e todos os interesses da Igreja).

Além da atividade doutrinal e jornalística com que a A.F. fazia ato de presença todos os dias na pulsação da vida política da França, havia ainda a ação *física*: sempre que a honra do país o exigisse, a A.F. estava presente nas ruas por seus mais jovens militantes, os *Camelots du Roi*. "A A.F. tem a palavra, mas também tem braços", e nos casos mais quentes tinha punhos. Nos tempos mais amenos, os *Camelots du Roi* angariavam assinaturas e faziam cobranças. Um desses jovens *Camelots du Roi*, que certamente não era o mais calmo nem o mais timorato, chamava-se Georges Bernanos.

Tomada como "movimento histórico", que realizava o mais vigoroso engajamento numa realidade nacional em movimento jamais visto, A.F. surgiu como adversário implacável da corrente revolucionária, que evoluiria rapidamente em direção ao marxismo. Concretamente, Charles Maurras opunha-se, atravessava-se no caminho de Marc Sangnier e dos sillonistas com a disposição marcial de Pétain em Verdun: "ON NE PASSE PAS".

Mas a enxurrada avolumou-se, os rancores eclesiásticos deixados pela enérgica repressão de Pio X se coligaram para derrubar o movimento que naquele tempo se opunha a ISTO que hoje devasta a Igreja. Conseguiram em 1926, como adiante veremos, uma condenação (pastoral e não doutrinal) de Pio XI, que depois deu sinais visíveis de reconhecimento do erro em que caíra, erro para o qual

contribuíram a agressiva e descomedida reação da A.F. e seu incontinido *non possumus*. E mais tarde os descendentes do *Sillon*, de braço dado com os comunistas, conseguiram o resultado prático que mais pesará na história da França: ao soldado da Igreja e da França, ao último soldado da França, ao patriota infatigável, lutador de todas as horas, no fim de sua enorme vida, como prêmio de tão longo e constante amor foi dada — por aqueles que não tinham combatido ou tinham combatido combates oníricos ou simbólicos — a prisão perpétua por crime de traição à Pátria!!

Os homens da Action Française

A A.F. foi o que foram seus homens. Para compreender a grandeza da tragédia desencadeada em torno da A.F. é preciso considerar que a A.F. ousava opor-se, no ponto mais concentrado, digamos até mais estrangulado da Civilização Ocidental, à onda que nascera do desmoronamento da Civilização Cristã e durante quatro séculos se avolumara; e também é preciso levar em conta que nenhum dos combatentes principais, Maurras, Léon Daudet, Bernanos, Barres, Bainville, Massis, jamais recuou diante de alguma ameaça, e jamais hesitou em receber, em posição de combate, *un ennemi de plus!* Mas também não se entenderia a A.F. sem conhecer a espécie de gente, obscura, humilde mas tenazmente apegada à sua Fé e à sua Honra, que a condenação de Pio XI deixou "condenada à morte" como ainda ontem me dizia o artista pintor Bernard Bouts, pensando em seus pais, na Bretanha.

Num livro injustamente esquecido, (11) Robert Brasillach injustissimamente condenado à morte em 1945, quando já não havia mais guerra, pelo crime de não haver participado da Resistance, Resistance que aliás não resistiu a coisa alguma, deixou-nos uma página inesquecível:

Mas, do interior, chegavam-nos notícias penosas (sobre a condenação da A. F.). Velhos monarquistas (*royalistes*) que no tempo dos inventários se tinham arruinado pela Igreja, viam-se privados de sacramentos na hora da morte. E o enterro civil dessa pobre gente fazia escândalo nas aldeias, onde nunca se vira tal coisa.

Os padres estavam dilacerados pelo conflito. Num livro admirável, (!2) Jean Varende deixou-nos um pungente testemunho dessa crise imensa que foi certamente a maior crise espiritual de uma época. Varende pintou, magistralmente, as cenas dos pobres velhos despojados de sua fé nacional, perturbados na sua fé religiosa, e o desamparo enorme em que fora atirada a consciência católica dos franceses (...). Nada mais duro do que uma perseguição eclesiástica. Viram-se passar enterros sem padres, caixões que os humildes membros da fulminada A. F.

depunham no chão diante da porta fechada da igreja, enquanto o povo do lado de fora, em voz alta, recitava salmos e rezava terços. E atrás daquela porta fechada muitas vezes o padre estava mais atormentado e mais comovido do que o povo diante do qual era obrigado a fechar a porta.

Léon Daudet

No mesmo livro Brasillach lamenta a falta de um talento literário igual ao de Léon Daudet para nos deixar o retrato de Léon Daudet, que encheu um quarto de século com o fulgor de sua bravura e o estentor de seu riso de ciclope.

Quando Daudet e Maurras se encontraram, os amigos vaticinaram uma efêmera união, de um mês no máximo, dada a violência de transbordamento vital de um e a violência de intransigência do outro. Durou trinta anos a inalterável amizade e o inalterável respeito mútuo, e essa maravilhosa estabilidade atravessou todas as tormentas exteriores sem abalo interior. "No termo da viagem, quando se sentia desapegado de tudo, e os olhos se fixaram sobre a face de um outro mundo, Daudet concentrava seus últimos empenhos de viver neste condensado programa: "Minha oração à noite. .. e minha vida por Charles Maurras". (13)

Para Maurras, surdo desde os quatorze anos, murado na "*tragi-comédie de ma surdité*", Daudet surgira como um mundo de exultação nova que se abria, a começar pela quase milagrosa possibilidade de ouvi-lo: "Aquele voz portentosa, meio clarim, meio trovão — dizia Maurras — que ele não precisava forçar para que eu ouvisse, foi para mim, em nossos primeiros encontros, a mais deliciosa de todas as surpresas, que na continuação sustentaram a força de nossa coletividade, e o vigor e a continuação de nossa amizade. Seria ridículo imaginar que disto tudo dependeu; mas tudo ficou facilitado, aplainado a simplificado". (14)

"Ao som de sua voz, que dava ao que Daudet dizia uma fascinação espantosa, somava-se o riso, aquele riso homérico, um desses risos que imaginamos ser o dos deuses divertidos com o espetáculo da estupidez dos homens".

E, adiante, Massis descreve uma sessão da Câmara:

Quando Briand, com sua sinuosa melodia, pensava ter enfeitado toda a Assembleia, e contava assim arrebatá-la até as nuvens, enquanto a oposição adormecida pela carícia, à direita e à esquerda, desmaiava vencida aos pés da tribuna de onde se evolava a música sedutora... de repente estoura uma trovoadade, *um riso*, uma gargalhada de potência sobre-humana que parecia descer de um céu encolerizado pela imposição e pela mentira!

Rompido o encantamento, as cabeças se levantavam, as espáduas se endireitavam, os contínuos acordavam, os estenógrafos se aprontavam, as conversações retomavam seu curso e o público, nas galerias, se divertia e os jornalistas, no alto, se contorciam de prazer. Briand, sentindo fugir o chão, curvava-se olhando de soslaio com olho mau, e esperando com os ombros arqueados. A réplica de um adversário fez o discurso ríçochetear, mas *um riso*?! Muitas vinganças futuras se explicam. .. (15)

Tempos depois, no dia 24 de novembro de 1923, os deuses sequiosos se vingaram. O filho de Daudet, Filipe, de 14 anos, foi encontrado morto num táxi, com uma bala de revólver na nuca. Dias depois elucidou-se o caso, o menino fora atraído por uma armadilha anarco-policia. Léon Daudet, depois de levar o caixão de seu filho até a sepultura no Père Lachaise, ergue-se como um leão ferido e dardeja denúncias sem medir as consequências. E o mundo estupefato recebe a notícia do processo e da condenação de Léon Daudet a 5 anos de prisão. Mas, logo depois, com a notícia da fuga espetacular de Daudet, Paris inteira se ri do governo, como se as tremendas energias sísmicas de Daudet se tivessem espalhado por todos. Mas a dele próprio estava quebrada.

Maritain escreveu a Massis: "Acabo de ler *I'A.F.* que me dá a notícia. . . Que tragédia atroz! É apavorante o contato com esses abismos de ódio imundo..."

Um belo defensor da Fé

Pelo que até aqui trouxe, penso ter inclinado o leitor à compreensão de duas coisas que compõem a tragédia da A.F.: a admiração e dedicação que seus dirigentes despertavam nos meios católicos cristalizados nas mesmas convicções profundas, e a irritação terrível que produziam, e da qual Léon Daudet já neste ponto pagou seu tributo.

Depois das intrigas urdidas pelos militantes da "corrente" que hoje inunda e suja o mundo, e depois da desastrada reação colérica da A.F. contra o pronunciamento de Pio XI interditando a leitura de *VA.F.*, e do lamentável *non possumus* de que Charles Maurras em seguida se arrependeu, mas tarde demais, todos gritarão que Maurras é um pagão, e que sua filosofia política levava ao naturalismo. Mas, para entender o drama da A.F. em toda a sua extensão, largura, altura e profundidade, como hoje podemos melhor do que nos tempos de crise, é preciso começar pelo pontificado de Pio X, para ouvir do grande Papa canonizado por Pio XII o elogio de Charles Maurras, trazido de Roma, como uma jóia fabulosa, por Camille Bellaigue, nos últimos dias de 1914.

Camille Bellaigue pedia ao Santo Padre que se dignasse abençoar o escritor que muitos queriam condenar, e cujo processo de condenação o próprio Papa, seis meses atrás, mandara arquivar.

— Nossa bênção?! — exclamou o Papa. — Todas as nossas bênçãos! E diga-lhe que ele é um belo *defensor da Fé*. (16)

O primeiro a admirar-se foi o próprio Maurras. Confuso e emocionado, perguntou se o Papa não teria dito "de la Chiesa". Isto, ele entenderia, mas "*de la fedde. . .*". Bellaigue entretanto confirmava a palavra do Papa: "belo defensor da Fé".

Pobre Maurras. Aos quatorze anos, tão cheio de vida, de projetos, tão faminto de tudo, de repente, no decurso de uma aula, sentiu desaparecer quase totalmente o mundo dos sons. Desesperado, concentrou-se todo no imenso desastre que atingia, talvez mortalmente, uma vocação impetuosamente dirigida para a grande lei da tradição viva, com elos de palavras ouvidas e de palavras transmitidas. Maurras surdo é um contra-senso tão brutal como Beethoven surdo. Desesperado, o jovem Maurras concentrou-se todo na procura de um reequilíbrio ou na compensação do imenso desastre que atingia a razão de ser de sua vida, isto é, a comunicação de um ideal. E, nessa vigorosa convergência de todas as potências da alma, deu-se acordo de uma desatenção para os objetos, valores, ideias e crenças de sua vida de adolescente. Um bloqueio brutal empurrou e sepultou nas profundezas da inconsciência todas as aflorações e emergências que nos dão clara consciência de nossa fé profunda. Parecia-lhe que perdera a Fé de seu batismo e de sua infância. Além disso, e por um ingente esforço de compensação, agarrou-se, crispou-se nas experiências empíricas, e compôs, em torno do núcleo aristotélico-tomista que nunca perdeu, uma ganga de positivismo político. Além disso, cumpre notar que, a despeito de sua prodigiosa capacidade de estudo, Maurras é mais militante do que filósofo, mais soldado do que monge. Foi o último soldado *de la France des Bourbons, de Mesdames Marie, Jeanne d'Are et Thérèse, et Monsieur Saint-Michel*.

Sua obra literária de juventude é marcada por uma espécie de insolência pagã. *Chemin du ~P ar adis* e *Anthinea* têm páginas intoleráveis para uma alma cristã, e certamente não faltaram zelosos para destacar frases antigas na hora do encaminhamento a Roma da denúncia levantada contra a Action Française.

Em 1898, dentro da atmosfera do "Affaire Dreyfus", nasce em Maurras o militante político e desde logo se evidencia sua envergadura, seu sistema profundo de convicções, do qual a A.F. tirará uma figura homóloga, e na qual em lugar de destaque, e como pedra angular, estava a Igreja. A França era o que era, e o que devia ser, pela Igreja e por seus reis. Filosoficamente, o esquema parecerá simples demais, particularizado demais se tomarmos o termo Igreja

como pura instituição exterior, moralizadora e civilizadora; e até parecerá errado se pensarmos que nele a monarquia é apresentada em termos universais e como exigência da lei natural. É preciso lembrar que Maurras não quer universalizar; quer apenas, e tenazmente, lutar pela realidade concreta, palpável, pela qual dará seu sangue e sua vida. E se aqui prevalece um empirismo, que é dever de ofício do soldado, mas no homem de letras e de memoráveis lides verbais não deixa de ser uma fraqueza, é preciso não esquecer que Charles Maurras foi ininterruptamente poeta e grande poeta.

Todas as madrugadas, depois de doze ou dezesseis horas de trabalho, Maurras, já idoso, saía, da redação com passo leve, busto alto de espadachim — e pelas ruas adormecidas, sem sinais de cansaço, ia compondo poemas ou recitando ao acaso da lembrança seus autores fundamentais: Lucrécio, Virgílio, Mistral.

Num homem assim feito é difícil imaginar que se contentasse com um pragmatismo, dentro do qual a Igreja não excedia as dimensões culturais que harmoniosamente modelaram a história da França. Ele não podia dizer aos outros sua Fé teologal na Igreja *una sancta, catholica et apostólica*, por não achar como dizê-lo a si mesmo, ou por não saber como livrar-se do despotismo das potências exteriores que lhe davam, para compensar a surdez para a paisagem dos sons exteriores, uma outra surdez para os gemidos interiores.

Hoje, com o que sabemos da história inteira de Charles Maurras, podemos tranquilamente pensar que a Fé sobrenatural andou nele oclusa, a se filtrar nos subterrâneos da alma, mas nunca esteve morta. Naquele tempo, e sobretudo nos dias tempestuosos de revolta contra um ato da Igreja, que lhe pareceu incompreensível, era plausível ver em Maurras um descrente, e ver na sua filosofia política "tendências para o naturalismo".

"Mas os santos vêem mais longe" — diz-nos ainda Henri Rambaud no mesmo artigo." (17)

Os santos vêem mais longe... Meio século passou-se desde aquela bênção de Pio X, e se ainda parece paradoxal o título de defensor da Fé dado a um homem dela afastado desde a adolescência, e a um homem que mais adiante ficará doze anos em conflito violento com Roma, e só reatará a comunhão dos fiéis nas últimas horas de sua longa e poderosa vida, a verdade desse paradoxo é para nós muito mais perceptível desde que se tornou evidente o imenso empreendimento de subversão que hoje devasta a Igreja, e que Pio X vigorosamente combateu na sua origem...

De que lado estão hoje, no atual dilaceramento dos cristãos, os espíritos que Maurras ajudou a formar? Em vão os procuraremos entre os promotores das novidades que, sob pretexto de tornar a fé mais acessível e mais pura, substituem o culto de Deus pelo culto do homem.

No campo adverso não somos tão pouco numerosos, e não é a política, aliás desigualmente distribuída, que explica nosso conagraçamento.

Forçoso é reconhecer que a ação daquele "descrente" não foi nociva para as próprias crenças que ele não partilhava e que mais lutou por preservar sua integridade do que para abalar seus princípios.

E foi isto que Pio X viu meio século antes. Mas não só ele. Como adiante veremos, o próprio Pio XI, logo depois dos primeiros anos da crise, também viu, e com extraordinária solícitude procurou corrigir o catastrófico mal-entendido.

O que a surdez de Charles Maurras nos revelou

Ainda duas palavras sobre a figura de Charles Maurras, ou até sobre o segredo de sua grande alma.

É coisa sabida que a surdez, embora menos grave, predispõe mais do que a cegueira à irritação e à amargura. Mas a "*tragi-comédie de la surdité*" produziu em Maurras efeitos e reações que só se explicam pela incomum grandeza d'alma.

Pierre Gaxotte, que foi seu secretário, comentando a extraordinária paciência com que Maurras atendia os mais importantes visitantes na redação, disse-lhe um dia:

— O senhor é a Providência dos maçantes.

E logo Maurras explicou-lhe.

— Eu tenho necessidade de ouvir, de me informar. Todas as pessoas que recebo me ensinam alguma coisa que vocês podem ouvir de longe. Eu as ouço de perto... Nunca saiu alguém de meu escritório sem me deixar enriquecido... (18)

E em outra circunstância, mais liricamente, ele explicava que ademais os "importunos" lhe traziam um consolo especial. Os amigos, os companheiros de luta, especialmente na redação, já se haviam habituado a lhe falar num estilo condensado e reduzido ao *essencial*, mas os "*raseurs*" lhe traziam o supérfluo; ora, o supérfluo era o que importava, era o que lhe trazia a notícia deliciosa do modo comum com que os homens não murados conversavam.

Henri Massis (19) descreve maravilhosamente a atenção com que Maurras ouvia os moços, e a delicadeza... ah! quem poderá dizer o que era a cortesia, a polidez incansável desse homem que muitos só conhecem pelas furibundas manifestações de cólera!

E assim, por toda a sua longa vida, sofrendo todas as espécies de injustiças e perseguições, o pletórico, o vulcânico Charles Maurras sempre guardou intacta uma reserva de profunda doçura para a cortesia e para a amizade, essas antigas virtudes dos franceses da antiga França. E é assim que lá adiante, no auge do sofrimento, no topo dos arcabouços da mais cruel injustiça, é assim que o encontraremos

quando a Fé recalçada, murada, ensurdenizada, misteriosamente emerge, aflora, e o velho soldado pode dizer.. .

Mas não antecipemos, que ainda é preciso percorrer um grande lanço de estrada.

Os sinais de Deus

Registremos o primeiro sinal, que não é de espécie muito vulgar. O homem que centraliza um movimento vigoroso e exposto a todos os perigos é elogiado e encorajado por um Santo que sabe muito bem o que é heresia e o que é defesa da fé.

O segundo sinal é mais misterioso e pode ser desdenhado pelos incrédulos. Ocorreu poucos anos depois. O mundo está em guerra, a França está perdendo sua mocidade não contaminada pelo desespero de nosso século. Em fins de junho de 1918, quando a guerra se aproximava de seu termo, caiu morto, numa nesga de terra de França recentemente arrancada ao inimigo, o moço Pierre Villard, que Maritain vira uma ou duas vezes, e com quem se correspondia regularmente. Julgava-o desamparado e pobre. Foi com vivo espanto que recebeu a carta de um tabelião de Nancy com a notícia de que Pierre Villard o instituíra legatário universal, conjuntamente com Maurras. E, assim, Maritain e Maurras, que nesse tempo já se achavam unidos na Action Française, estão agora unidos no sangue de Pierre Villard. Tudo indicava que deviam permanecer unidos a vida inteira...

Deixo para outro tópico as considerações sobre a condenação da A.F. e a ruptura entre Maritain e o grupo de Maurras. Neste tópico quero ainda registrar uma observação, antes de prosseguir a enumeração dos "sinais de Deus". É a seguinte: aproximamo-nos do ano de 1926 sem que Maritain, Garrigou-Lagrange e os demais frequentadores dos *Cercles de Meudon* nada dissessem que indicasse sinal de inquietação sobre o andamento geral da A.F. Tenho à mão o *Dictionnaire des Connaissances Catholiques* de J. Bricout, que na sua edição de 1925 dedica, nas páginas 70 e 71 do vol. 1, um espaçoso verbete para a *Action Française* sem o menor vestígio de restrição. O verbete é assinado pelo próprio Bricout. Estranho silêncio! Estranha inadvertência de teólogos como Pe. Garrigou-Lagrange, Pe. Charles Journet, Pe. Lavaud, Pe. Philippon, e de filósofos como Jacques Maritain!

Adiante voltaremos a consignar a esquisita subitaneidade da condenação que ninguém previra e contra a qual ninguém se acautelara. Agora saltemos por cima do ano de 1926 e da condenação.

Três anos depois, em 1929, encontramos o Papa Pio XI a pedir ao Carmelo de Lisieux, por intermédio do Cardeal Gasparri, orações instantes dirigidas "todos os dias com um só coração e uma só alma"

a Santa Teresinha a fim de que, por sua intercessão, viesse a cessar "la grande pitié" que a questão da Action Française criava para a Igreja de França. ⁽²⁰⁾

Esse recado do Papa ao Carmelo de Lisieux, três anos depois da condenação da A.F., parece indicar claramente uma disposição benevolente e não se lê na carta nenhuma referência ao erro de que se deveria corrigir a A.F.

Em fevereiro de 1937 Charles Maurras, preso pelo governo Léon Blum, é visitado em *La Santé* por Henri Massis que, desde a entrada em sua célula, percebe uma doçura nova, um ar de felicidade profunda no semblante de Maurras. O que lhe teria acontecido de novo e tão maravilhoso? Maurras toma o amigo pelo braço, leva-o até o refeitório da prisão, e aí sentando-se, pergunta-lhe se imaginava de quem recebera uma carta. . . E Maurras estendeu-lhe uma carta marcada com um sinete amarelo, uma carta de três páginas com a assinatura: PIUS P.P. XI. ⁽²¹⁾

Sim, uma carta do Soberano Pontífice. E então, diz Massis, naquela prisão, Maurras diante de mim, Maurras que tanto sofrera nossas próprias dores, Maurras com o rosto inundado de alegria, explicou-me: "A conselho do Carmelo de Lisieux, eu escrevera ao Papa, por ocasião da luta heróica que sustentou contra a enfermidade. . . Exprimi-lhe a impressão comovida que experimentava, a respeitosa admiração que inspirava sua coragem, e os votos que todos fazemos por sua cura. Na verdade, senti-me embaraçado. Sabia que em 1936, dirigindo-se a Lavai, Pio XI lhe falara de minha pobre querida mãe, aproveitei a ocasião para agradecer-lhe. No mais, que diria eu? Achei, entretanto, que era meu dever assegurar-lhe a gratidão de todos os franceses que têm a paixão da ordem pela bela cruzada que ele pregava contra as ameaças da dupla revolução comunista e germanista que pesam sobre nosso Ocidente. Acrescentei que, no que me diz respeito, quanto mais avanço na vida mais se afirma em mim o invariável entusiasmo e a piedosa gratidão que sempre me inspiraram os benefícios do catolicismo. Se tais sentimentos tivessem algum valor, achava-me feliz de depositar essa renovada homenagem à Igreja no leito de dor de Sua Santidade... Sentia-me pessoalmente muito indigno, mas já que Lisieux insistia... E ademais na vida *tudo é graça*."

"Não ousava esperar esta honra que não mereci e que me enche de alegria... Desde que li e reli estas páginas, de que sou indigno destinatário, uma ideia se forma em mim: logo que me liberar, tomarei o caminho de Lisieux a fim de lá ajoelhar tudo o que tenho de sede de luz intelectual e tudo o que me eleva de gratidão pelo

Santo Padre, no túmulo da pequenina e tão grande Santa Teresa do Menino Jesus"...

Assim falava Maurras naquela tarde de abril de 1937 na prisão de *La Santé*. E Massis reproduz as primeiras palavras com que Pio XI respondeu à carta de Maurras:

Quero dizer-lhe meu profundo agradecimento pelo consolo que sua carta me trouxe, e dizer-lhe também que, como sempre tenho feito até hoje, continuarei, mais intensamente e mais paternalmente o pouco, *Hélas!*, que posso fazer *pele senhor*, isto é, continuarei a rezar, e agora, de tempos para cá posso unir a minhas pobres orações minhas não menos pobres dores, podendo assim imitar o Divino Salvador e Senhor, que também quis unir suas divinas orações a suas não menos divinas dores, sua Paixão e Morte, pela salvação de nossas almas..."

E essa carta de Pio XI terminava assim:

É com uma particular intenção que lhe envio também uma grande bênção neste dia aniversário de minha eleição, já hoje tão distante, quando a bênção do velho Pai comum é em toda a parte e por todos os filhos da grande família mais desejada e mais invocada. PIUS P.P. XI".

Três meses mais tarde, Maurras recebe de Lisieux a sugestão, o pedido de escrever ao Papa no dia 12 de maio, seu aniversário. Essa carta só foi conhecida muito mais tarde, quando foi suspenso o interdito de dezembro de 1926 por um decreto do Santo Ofício, dado em 10 de julho de 1939. (22) Sabemos agora também que as freiras de Lisieux não se limitaram a obedecer ao Papa. Não ofereceram somente as orações pedidas, mas acrescentaram mortificações e sofrimentos na mesma intenção. Em 1935, Madre Agnés, priora do Carmelo, comunicava ao Papa Pio XI a morte de uma jovem religiosa, cuja família conhecia Charles Maurras. Essa religiosa oferecera todos os sofrimentos de sua vida e de sua agonia pela pacificação dos espíritos. Em 1936, o Papa dirigira à Madre Agnés uma carta emocionada em que dizia também oferecer suas próprias enfermidades e sofrimentos pela paz das almas e do mundo. Em 1937, Lisieux escreve a Maurras. Maurras escreve ao Papa, o Papa escreve a Maurras, Maurras intimidado, mas disposto a obedecer às inspirações de Lisieux, escreve a carta que envia à Madre Agnés, que por sua vez a transmite para Castel Gandolfo. Eis a carta de Maurras:

Eu não saberia jamais exprimir a Vossa Santidade minha admiração pelo assalto que Vossa Santidade empreende contra as forças do mal. (23). Esta bela cruzada contra o comunismo abre um arco-íris sobre o céu do mundo e a alta bênção de Vossa Santidade sobre as forças da

ordem e da paz causa desde já um pânico bem sensível no campo dos espíritos que massacram, incendeiam e matam. A Igreja certamente sempre esteve na linha contra o mal; mas sua incomparável ofensiva de benefício e de caridade atua poderosamente sobre os homens de boa vontade a quem Vossa Santidade se digna dirigir. Eles sentem renascer a esperança, e aquecer-se a razão no fundo do pensamento comovido. Mas, Santíssimo Padre, entre esses homens de boa vontade, muitos de seus filhos sofrem e choram por estar separados do Pastor comum. Não me sinto capaz de falar em nome deles. Mas eu os conheço, vejo-os, vi muitos que na hora da agonia gritavam, apelavam para o tribunal de um juiz supremo, e todos, sim, todos acusavam seus acusadores, acusavam-nos de haver indignamente enganado Vossa Santidade. E um deles, um bispo que sempre tenho por mestre e amigo, Mons. Penon, bispo de Moulins, dizia-me alguns meses antes de sua morte, que uma coisa era certa — e ele sabia por experiência pessoal: "Se algum dia Sua Santidade o Papa Pio XI pudesse descobrir que fora enganado (e por qual maquinação!) nada no mundo se poderia comparar à cólera santa do Pai comum, que faria imediatamente a mais exemplar justiça".

Assim falava aquele espírito generoso e lúcido, verdadeiro santo. Parece-me, Santíssimo Padre, que os tempos amadureceram e que se tornou possível a Vossa Santidade afastar todos os véus insidiosos que cobrem a verdade injuriada. Se Vossa Santidade se dignasse abrir um inquérito, talvez pudesse verificar que os católicos franceses (...) mais reputados por uma apaixonada ortodoxia foram literalmente, corporalmente empurrados para longe do coração e do espírito de Vossa Santidade". (...).

Ouso falar livremente, porque é a verdade que liberta. E ousou dizer a Vossa Santidade que o mal feito outrora veio dos mesmos que hoje fazem o maior mal. Sim, aqueles que, na França, agiram para difamar meus amigos aos pés de Vossa Santidade são os mesmos que, mais ou menos conscientemente, entretêm a causa da mentira e da confusão universal, os mesmos que caluniam insidiosamente o nobre esforço da resistência espanhola, os mesmos que se empenham, às vezes sem o querer, mas diretamente, em fazer germinar na França toda a semente da revolução canibal de que a Espanha é hoje o teatro! De longe as pessoas podem-se enganar, mas nós estamos no próprio campo de ação. Nós vemos! Ah! Não se deixe enganar por esses informantes pérfidos ou fanatizados! Os inimigos da Action Française são os inimigos da ordem, da Pátria, da Igreja, e do Papado. Esses inimigos ganharam a primeira vaza e já causaram muitos males em 1926. Que 1937, pela vontade vitoriosa de Vossa Santidade, seja o ano da debandada e do castigo desses inimigos.

Pai Santíssimo, o apelo de Vossa Santidade sobre o perigo da França e do mundo me encoraja a escrever tais pensamentos, que têm duas desculpas: são sinceros (ah! e profundamente!) e estão em conformidade com tudo o que sei de meu país, isto é, são verdadeiros.

E não são menos desinteressados. No que me diz respeito, nunca contestei que certo número de minhas ideias são heterodoxas. Jamais neguei, e sempre preveni abertamente a meus leitores católicos a fim de que ninguém se surpreendesse. Mas essas ideias aparecidas em publicações pessoais, *jamais, não, jamais* tiveram caráter de ensinamento ou de propaganda. Tenho o dever de afirmar e reafirmar que *VAction Française*, o seu jornal e o seu Instituto, *jamais, jamais* abordaram essas questões pessoais. O ensino da A. F. foi sempre puramente polí-

tico, e de uma política experimental que não engajava nenhum dos princípios superiores aos quais, *de fato*, os católicos poderiam referir-se, e de fato se referiam livremente, constantemente, regularmente, sob o controle de religiosos, prelados e padres entre os mais famosos por sua fidelidade ao dogma católico e à mais intransigente ordem romana.

E isto é tão verdadeiro que — também, sempre *de fato* — nossa pregação política teve a virtude de reconduzir muitos protestantes, livres-pensadores e agnósticos à fé da Igreja.

Faz oito dias — porque o que existe há trinta anos ainda hoje continua — escrevia-me um francês (...) que acabava de batizar-se aos vinte anos, em consequência da impressão lógica e moral recebida em nossos trabalhos e estudos. Vossa Santidade sabe certamente que o caso não é único. Há centenas de outros. O *dossier* foi remetido ao Vaticano. E eu não tenho o direito de calar-me. E também não tenho o direito, Santíssimo Padre, de deixar dizerem que tive algum papel na ruína da fé católica de *um só* de nossos adeptos. Já pedimos que nos citassem um só caso sério dessa calamidade que sempre me causou horror. Nunca nos responderam.

É claro, Santíssimo Padre, que nem a qualidade inofensiva de nossas doutrinas políticas, nem o que elas tiveram de benéfico no plano espiritual ou moral constituem sombra de mérito em meu favor. Isto se faz *sem mim*.

Pela simples virtude de ideias que eram verdadeiras. Mas isto aconteceu e é preciso não acreditar que foi o contrário que aconteceu.

E Maurras terminava assim:

Pai Santíssimo, nada peço para mim. Mas a situação moral da França é apavorante. Tudo está minado, dividido, perturbado. Os meus, lhores se perdem em incertezas; os piores concebem e ousam tudo. Uma decisiva intervenção de Vossa Santidade pode fazer tudo entrar nos eixos e pode criar as condições de possível união e de ação da unidade moral tão necessária. Não estarei autorizado, pelos recentes sinais de benevolência, a suplicar que Vossa Santidade considere com um espírito de misericórdia e de paz a dor de alguns de seus filhos, vítimas infelizes da mais infame das manobras de calúnia e dolo urdidas pelo inimigo do género humano? Esses fiéis e dedicados filhos de Vossa Santidade formam, em nossa pátria, o batalhão mais coeso, mais decidido, e a mais corajosa e resoluta das tropas da ordem; por sua inteligência na ação, pelo conhecimento exato que têm dos pontos fracos inimigos, por seu espírito de combate, pela decisão e resolução heróicas; sempre prontos para os sacrifícios mais belos, com a história marcada pelo sangue deles, esses filhos são por excelência os homens de boa vontade nos quais pensou o coração de Pai de Vossa Santidade. Eles estremeceram, comovidos, empolgados, vivificados pelo sopro ardente desse apelo tão paternal ainda que pontifical. Suplico-lhe, Santo Padre, que esses nobres soldados sejam por Vossa Santidade recolocados em condições que lhes permitam restabelecer o combate. Ou teremos de nos resignar a ver, em nosso chão, os rios de sangue e pus que correm no solo magnânimo da Catalunha e de outros lugares da Espanha?

Santo Padre, foi a alegria de seu aniversário que me inspirou palavras tão audaciosas, mas tão pungentemente verdadeiras. Suplicando a Vossa Santidade dignar-se receber meus mais profundos agradecimen-

tos pelas bênçãos sucessivas com que me quis cumular, ousou insistir desde já e agradecer o augusto benefício que imploro, não para mim, mas para os ignorados, e sou com todo o respeito, ajoelhado a seus pés, o muito humilde, muito dedicado e obediente servidor de Vossa Santidade.

Prisão de La Santé, 10 de maio de 1937. (a.) Charles Maurras."

Logo que saiu da prisão, Maurras foi em peregrinação a Lisieux, no dia 13 de julho de 1937. Em 13 de julho de 1938 voltou a Lisieux, como peregrino e enviou ao Papa Pio XI o telegrama: "O peregrino de Lisieux conhecido de Vossa Santidade agradece a bênção especial fielmente transmitida, e ajoelhado junto à urna de Santa Teresa, ousa dirigir homenagem profundo respeito e confiança". Pio XI, que parecia acompanhar de longe os passos de Maurras, sabia de antemão a data dessa segunda peregrinação. Em 15 de julho o cardeal Pacelli, Secretário de Estado, enviava à Rev. Madre Superiora do Carmelo de Lisieux este telegrama: "Sua Santidade recebe com vivo agrado homenagem peregrino enviando-lhe bênção paternal".

Em 13 de julho de 1939 Maurras, acompanhado de Robert de Boisfleury, indo a Lisieux, pela terceira vez, envia ao Papa, agora Pio XII, esta mensagem: "Os dois peregrinos de 13 de julho, conhecidos de Vossa Santidade, ajoelhados diante dos despojos de Santa Teresa, enviam homenagem respeitosa de veneração e de humilde esperança". Por que sempre 13 de julho? Porque foi nessa data, em 1935, que morreu a irmã Maria Teresa do Santo Sacramento oferecida como vítima em favor de Maurras e da Action Française. No mesmo dia o novo Papa envia à Piora do Carmelo este telegrama: "Sua Santidade abençoa paternalmente dois peregrinos pedindo nossa cara santa de Lisieux atender e cumular suas esperanças". E algumas semanas mais tarde Madre Agnés, Piora do Carmelo, recebia de Sua Santidade Pio XII a carta que depois se tornou pública:

As cartas e artigos que, por intermédio da caridade de nossos filhos Charles Maurras, Robert de Boisfleury e Harvard de la Montagne, nos foram enviados para que acolhêssemos em nosso coração paternal os transbordantes sentimentos de suas almas, Nos enchem da mais viva gratidão para com o Pai do céu. É para Nós muito doce assumir não somente o reconhecimento desses caros filhos recuperados como também suas esperanças relativas ao imenso benefício da paz que acha na reconciliação e na união dos espíritos um aliado tão poderoso.

Confiamos pois à tua solicitude filial o cuidado de transmitir Nossos sentimentos a esses homens cujos talentos são ainda uma bela promessa para a causa de Jesus Cristo. É também através de tua caridade que Nós lhes enviamos de todo o coração, assim como a todas as Religiosas do caro mosteiro do Carmelo de Lisieux, a Bênção Apostólica. Dado no Castelo Gandolfo, em 18 do mês de agosto de 1939. — PIUS P. P. - XII.

Encerrou-se assim dentro da comunhão dos santos, pelos bons ofícios de duas pequenas Teresas, o dramático incidente produzido pelas maquinações do mundo.

Mas não se detinha aí a onda de conseqüências, nem se resolvia o drama da alma angustiada de Charles Maurras. Começava no mundo a guerra no termo da qual, graças a maquinações ainda mais espantosas do que todas as anteriores, Charles Maurras, o último soldado da França, será pelos franceses condenado à prisão perpétua como "*traître*". E é nessa prisão, com mais de 83 anos, que Charles Maurras se converte à fé de seu batismo e sem sombra de amargura dá contas de sua vida nestes simples versos que Gustave Thibon ouviu de sua própria boca:

Seigneur, endormez-moi dans votre paix certaine
Entre les bras de l'Espérance et de l'Amour.
Ce vieux coeur de soldat n'a point connu la haine
Et pour vos seuls vrais biens a battu sans retour.

Le combat qu'il soutint fut pour une Patrie,
Pour um Roi, les plus beaux qu'on ait vus sous le ciei,
La France des Bourbons, des Mesdames Marie,
Jeanne d'Are et Thérèse, et Monsieur Saint-Michel.

"*Une tenebreuse affaire*"

O romance de Balzac que tem esse título apavorante é um ameno conto de fadas comparado à trama de intrigas, à combinação de baixezas e misérias que produziu inesperadamente, como "um raio em céu de azul tranquilo", a tão falada "condenação" da Action Francaise. Não é minha intenção tentar aqui sequer uma aproximação de todo o "Affaire". Intencionalmente inverte a ordem dos tópicos, saltando por cima da crise que culminou no Decreto do Santo Ofício condenando certas obras de Charles Maurras e o jornal *UAction Francaise*, dado em Roma, em 29 de dezembro de 1926.

O que procurei mostrar nos tópicos anteriores é que *nada*, em um quarto de século, anunciava a tempestade e o "raio" de dezembro de 1926, e que a atitude posterior do Papa Pio XI evidencia um mal-estar de quem já não estava tão convencido de ter determinado uma drástica medida para o bem da Igreja universal e especialmente para o bem da Igreja de França. Dois anos depois da condenação, quando seria razoável esperar que passasse a natural efervescência e que os bons frutos aparecessem, Pio XI escreve a carta ao Carmelo de Lisieux pedindo instantes orações pela "*grande pitié*" da Igreja

de França. A ulterior benevolência transbordantemente manifestada na carta escrita a Maurras prova que nada tem de fantasiosa nossa interpretação da carta escrita à Rev. Madre do Carmelo de Lisieux em 19 de fevereiro de 1929. O que reforça a ideia da evolução do estado de espírito de Pio XI é a carta que escreveu a Charles Maurras em 6 de fevereiro de 1937. Mas o que realmente *prova* a completa mudança de juízo que o Papa forma de Charles Maurras e da Action Francaise e do *bien fondé* do decreto de 1926, é a reação que demonstra depois da carta que Maurras, a conselho ainda do "Carmelo de Lisieux, escreveu por ocasião de seu aniversário, em 12 de maio de 1937. Como vimos atrás, nessa carta, em harmoniosa mistura com o mais profundo e ardente respeito, Maurras escreveu a Pio XI, lembrando as palavras de Mons. Penon, e dizendo por conta própria que o Papa em 1926 foi envolvido numa diabólica maquinação. Releiamos estas palavras da carta de Maurras:

Não estarei autorizado, pelos recentes sinais de benevolência de Vossa Santidade, a suplicar que Vossa Santidade considere com espírito de misericórdia e de paz a dor de alguns de seus filhos, vítimas infelizes da mais infame das manobras de calúnia e dolo urdidas pelo Inimigo do género humano?

Qual é a resposta que Pio XI dá a essa carta em que Maurras afirma vigorosamente e respeitadamente que o Decreto de condenação foi resultado de maquinação e de manobras de calúnia e dolo urdidas pelo Inimigo do género humano?

É evidente que, fosse a de 1926 a disposição do Papa em 1937, a carta de Maurras agravaria a situação e tornaria mais difícil do que nunca a reconciliação. O Papa não responde à carta de Maurras, mas na primeira oportunidade, quando Maurras, dois meses depois, sai da prisão e vai a Lisieux como peregrino, com a intenção de ajoelhar-se diante da urna funerária de Santa Teresinha, já encontra uma bênção do Papa. Em 1938, na mesma data repete a peregrinação e torna a encontrar a bênção que agradece comovido. E desta vez o cardeal Pacelli já está envolvido, como atrás vimos.

Em 13 de julho de 1939 é Pio XII quem envia a bênção e quem, pouco depois, escreve à Piora do Carmelo uma carta que é uma iniciativa de reconciliação e um encorajamento: "Confiamos a tua filial solicitude o cuidado de transmitir Nossos sentimentos a esses homens cujos talentos são ainda uma bela promessa para a causa de Jesus Cristo". Haverá em toda a história da Igreja um sinal mais claro de reconhecimento de um erro pastoral praticado anos atrás em turvo ambiente de paixões e intrigas? O Decreto de suspensão do interdito, de 16 de julho de 1939, atende a uma súplica formulada pelos membros dos comités diretores do jornal *UAction*

Française, que exprimem a sincera tristeza das demasias irrespeitosas para com a Santa Sé e para a hierarquia eclesiástica publicadas no calor das controvérsias, e se submetem inteiramente à autoridade da Igreja. No que diz respeito à doutrina e aos erros doutrinários, essa respeitosa petição diz apenas o seguinte: "No que concerne em particular à doutrina, todos aqueles dentre nós que são católicos, reprovando tudo o que tenham escrito de errôneo, rejeitam completamente qualquer doutrina e qualquer teoria que sejam contrárias aos ensinamentos católicos, pelos quais nós professamos unanimemente o mais profundo respeito".

Não há em toda a petição uma só linha em que os signatários, em atitude de súplica respeitosa, reconheçam os erros doutrinários com que em 1926 o cardeal Andrieu iniciou o ataque à *Action Française*.

Não foi mais inexpressivo, e portanto mais expressivo, o texto do decreto de 5 de julho de 1939, com que a Sagrada Congregação do Santo Ofício suspendeu a interdição do jornal *L'Action Française*. Eis o texto integral, onde apenas três ou quatro linhas se referem vagamente aos motivos do decreto de 1926, e a maior parte trata das normas e princípios gerais que a Igreja recomenda a qualquer jornal:

Por decreto desta Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício, com data de 29 de dezembro de 1926, o jornal *L'Action Française*, tal como era então publicado (grifo nosso) foi condenado e posto no *Index* dos livros proibidos, em vista do que se escrevia no dito jornal, sobretudo nessa época, contra a Sé apostólica e contra o próprio Soberano Pontífice (grifo nosso). Ora, por uma carta dirigida ao Soberano Pontífice Pio XI., de santa memória, na data de 20 de janeiro de 1938, o comitê diretor⁽²⁴⁾ desse jornal fez ato de submissão e apresentou, para obter a suspensão do interdito do jornal, uma petição que foi submetida ao exame desta Sagrada Congregação. Além disso, recentemente, esse mesmo comitê, reiterando a petição, fez uma profissão aberta e louvável da veneração em relação à Santa Sé, reprovou os erros e ofereceu garantias sobre o respeito do magistrado da Igreja por uma carta de 19 de junho de 1939 do Papa Pio XII gloriosamente reinante, carta cujo texto consta do anexo nº 1, junto a este.

Em vista disso, na sessão plenária da Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício de quinta-feira, 5 de julho de 1939, os eminentíssimos cardeais, prepostos à salvaguarda da fé e dos costumes, depois de consultar os eminentíssimos e reverendíssimos cardeais de França, decretaram:

A datar do dia da promulgação do presente Decreto, a proibição de ler e guardar o jornal *UAction Française* é suspensa, continuando proibidos os números postos até este dia no *Index* dos livros proibidos, sem todavia pretender esta Suprema Sagrada Congregação formar juízo sobre o que concerne puramente às coisas políticas e sobre os fins visados pelo jornal nesse domínio — contanto, é claro, que não sejam contra a moral — e *ad mentem* a saber: de acordo com o que tem sido, muitas vezes, inculcado pela Santa Sé seja sobre a distinção entre as coisas

religiosas e as coisas puramente políticas, e a dependência da política em relação à lei moral, seja sobre os princípios e deveres estabelecidos em vista de promover e defender a ação católica, esta Suprema Sagrada Congregação recomenda instantemente aos Ordinários de França a vigilância em vista de assegurar o cumprimento do que já foi instituído na matéria pela Assembleia dos cardeais e arcebispos de França no /ano de 1936 e que consta do anexo nº 2. Na quinta-feira seguinte, dia 6 do mesmo mês e ano, nosso Santíssimo Padre Pio XII, Papa pela Divina Providência, na audiência habitualmente concedida a S. E. o Reverendíssimo Assessor do Santo Ofício, aprovou a resolução dos eminentíssimos cardeais que lhe foi submetida, confirmou-a e ordenou sua publicação. Dado em Roma, no Palácio do Santo Ofício, em 10 de julho de 1939.

E aí está o decreto que, não exigindo retratações e não mencionando erros doutrinários ou errôneas e perversas filosofias políticas, é por isso mesmo mais expressivo e significativo do reconhecimento, pela Igreja, de uma medida disciplinar infeliz.

Mas aqui imagino um leitor a me fazer dois reparos. O primeiro se refere à extensão e à interpretação que dei aos atos e fatos que ocorreram *depois* da condenação; o segundo se refere ao que eu disse atrás: *antes* da condenação *nada* a anunciava. E o dossiê organizado no tempo de Pio X? E todas as manobras feitas para arrancar de São Pio X uma condenação da *Action Française*? É verdade. Nós já vimos atrás que uma dessas tentativas obteve o resultado oposto. Pio X enviou a Charles Maurras o título de "belo defensor da Fé".

Vale a pena agora trazer outros depoimentos relativos ao que Pio X, até a hora da morte, pensou da *Action Française*, por um motivo que adiante se evidenciará:

TESTEMUNHO DO PE. PEGUES

Numa carta dirigida a Charles Maurras, o Pe. Pegues testemunhou o seguinte: Recebido por Pio X em 15 de janeiro de 1914, dia de reunião de Congregação preparatória do *Index*, falara de Maurras e declarara que ele defendera o Papa contra imputações inexatas de um artigo não assinado numa revista de Toulouse. E quando Pio X o felicitava por isso, o Pe. Pegues disse:

— Mas parece, Santo Padre, que Maurras tem inimigos poderosos aqui mesmo na Congregação.

— Sim, — disse o Papa, — eles estão unidos contra Maurras. *Ma faranno niente...*

Antes de se retirar, o Pe. Pegues pediu ao Santo Padre uma bênção especial para Charles Maurras, que lhe foi logo concedida e que Maurras recebeu com a carta de Pe. Pegues de 17 de janeiro de 1914.

Uma outra carta do mesmo religioso figura nos papéis deixados por Maurras. Nessa carta dizia o Pe. Pegues que o Papa, nesse mesmo dia, assinara sem dificuldade o decreto que condenava outro escritor (Maeterlinck) Quando lhe trouxeram o decreto que condenaria Maurras,

ele o deixou de lado. Três vezes o Secretário da Congregação voltou à carga; três vezes o Papa repeliu o libelo, e quando o Secretário ainda insistiu, o Papa tomou a folha e meteu-a numa gaveta de seu *bureau*. C²⁵)

TESTEMUNHO DE CAMILLE BELLAIGUE — Ver atrás esse testemunho que contém o famoso título de "belo defensor da Fé". (26)

TESTEMUNHO DE MONS. CHAROST

Nos últimos dias de julho de 1914, conversando com Mons. Charost, Bispo de Lille, e entreabrindo a gaveta de sua secretária, Pio X lhe diz:

— Nós temos aqui, meu caro filho, tudo o que é preciso para condenar Maurras. Mas temos a convicção de que as pessoas que nos documentaram tão bem agiram menos por amor e zelo da Santa Religião do que por ódio das doutrinas políticas sustentadas pela Action Française.

E, fechando a gaveta com um gesto seco, Pio X acrescentou:

— Enquanto eu estiver vivo a Action Française jamais será condenada. Ela defende o princípio da autoridade, defende a ordem.

Uma carta publicada em *Aspects de la France* de 20 de julho de 1951 confirma esta declaração. Era dirigida a Mons. Fontenelle: "Quando morava em Rennes, nas primeiras semanas de 1927, fui visitar meu arcebispo e amigo o Cardeal Charost. Falando da *Action Française*, exprimi minha surpresa ante os rumores que corriam sobre a parte que Pio X teria tomado na origem *das medidas disciplinares* que em 1926 fulminaram a Action Française.

O Cardeal Charost me disse que esses boatos eram falsos e que ele podia testemunhar alto e bom som: "Quando bispo de Lille, visitei o Papa nos últimos dias de julho de 1914. Fui o último bispo francês que o viu. Falamos da Action Française e Pio X me disse: "Fique tranquilo, caro monsenhor, eu vivo a Action Française não será condenada".

TESTEMUNHO DO CARDEAL CABRIÈRES

Em 18 de junho de 1914 o Cardeal Cabrières escreveu a um amigo — que guardou a carta e a mostrou a Maurras — sobre a audiência que tivera com Pio X: "Falamos de Maurras e vi o Santo Padre muito resoluto e muito feliz de o ter protegido".

Era 3 de agosto de 1920, depois da guerra, esse prelado escreveu a Maurras, a propósito da morte de Dom Besse: "...até a vista, meu caro Maurras, é uno-me ao senhor muito respeitosamente, em memória de Pio X, cuja vontade o protegeu durante a guerra para a salvação de nosso país. (27)

A esses antecedentes antigos, que provam exuberantemente que Pio X nunca externou a nenhum interlocutor insuspeito a menor intenção de condenar Maurras, e nunca escondeu sua determinação inabalável de apoiá-lo, como também nunca dissimulou a irritação que lhe causavam aqueles que vinham como cães raivosos pedir-lhe: "condenai-o! condenai-o!" (28) acrescentemos os mais recentes: a tran-

quilidade de todos os grandes teólogos e filósofos que até as vésperas da explosão serenamente dormiam sem pesadelos. O próprio Maritain que a seguir mudará de opinião quatro vezes, escrevera *Une opinion sur Charles Maurras et le devoir des catholiques*, opúsculo que será aproveitado com seu consentimento durante a crise. Não exagera, pois, o historiador que nos diz que a crise da Action Française estourou como um raio num tranquilo céu azul.

Da carta do Cardeal Andrieu até a condenação

No caso o raio foi a carta do Cardeal Andrieu, publicada no *Aquitaine* de 27 de agosto em Bordéus. Essa carta se apresentava como resposta de S. Em? o Cardeal-Arcebispo de Bordéus a uma consulta feita por um grupo de jovens católicos a respeito da Action Française.

Esta carta, lida hoje no contexto agora estendido num planifério isento das distorções de perspectivas da época, parece-nos simplesmente inacreditável. Detenhamo-nos, por enquanto, nesse adjetivo que para aquele tempo já é severo. Entre outras coisas, transcrevamos um tópico desta carta:

Os dirigentes da Action Française se ocuparam da Igreja. Que ideia têm eles? Repelem todos os dogmas que ela ensina. A Igreja ensina a existência de Deus, eles a negam porque são ateus. A Igreja ensina a divindade de Jesus Cristo e eles a negam porque são anticristãos. A Igreja ensina que foi fundada por Cristo, Deus e Homem, e eles negam a instituição divina porque são anticatólicos etc. etc.

O investigador que quiser ter o trabalho de investigar e reler todos os números do jornal *UAction Française*, em lugar algum encontrará um só tópico que contenha as contestações dos dogmas de fé católica *inventadas* pelo cardeal Andrieu.

Na verdade, o movimento e o jornal que tiveram a árdua missão de combater a horda revolucionária saída dos ralos da história, que tiveram a gloriosa missão de defender a Igreja e todos os valores cristãos nas épocas de perseguição religiosa na França republicana, tinham no seu centro um paradoxo que Maritain assinala muito bem no seu *Une opinion sur Charles Maurras et le devoir des catholiques*; o chefe e inspirador da ação política, o gênio que mais lucidamente entendeu e previu todas as catástrofes do século, e que viveu para lutar por uma França católica, por um desses misteriosos segredos de Deus, não tinha a fé, ou tinha-a recalcado para um nível de inconsciência e de incapacidade de expressão. Não podemos, evidentemente,

saber se Charles Maurras, na "tragicomédia de sua surdez", era realmente o ateu que parecia ser quando gemia sua impotência de crer. O que hoje sabemos é que ele viveu a vida inteira procurando essa fé perdida numa confiança total na Igreja, e sabemos que, maltratado por essa Igreja que venerava profundamente, e maltratado pela pátria que amou ardentemente, em vez de se amargar, no fim da vida fez o ato de humildade e mansidão que o colocou na mão de Deus, onde seu coração adormeceu em paz.

O cardeal Andrieu sabia que Charles Maurras dizia não ter fé, e sabia que ele era homem combativo como poucos de seu tempo. Terá então concluído que logicamente Maurras devia combater os dogmas em que não cria? Esta explicação com recurso a um cruel e estúpido abstracionismo não se sustenta porque poucos anos atrás, 31 de outubro de 1915, acusando o recebimento de um livro *UÊtang de Berre*, enviado com autógrafo por Charles Maurras, o mesmo "Paulin, cardinal Andrieu" escreve uma carta dizendo, entre outros rasgados elogios:

O senhor defende a Igreja com tanta coragem quanto talento. O que há de admirar? Ela representa princípios sem os quais tudo mais se desorganiza e desmorona. A Igreja deu à França, que não nasceu em 89, quatorze séculos de grandeza e prosperidade, e o senhor contou, numa página deliciosa, a propósito de uma sagração episcopal, que lhe deve, à Igreja, "votre salut intellectuel".

Não terá o senhor contraído em relação a ela outras dívidas, de ordem mais elevada? Estou tentado, inclinado a crer que o senhor manifesta essa nobre ambição — e ninguém mais do que eu deseja que ela se realize — quando escreve, no prefácio do hino à Provença: "A noite sublime de Agostinho e de Mónica". (29)

Como conciliar esta carta de 1915 com aquela outra de 1926? Nesta última, além dos tópicos citados, há frases atribuídas a Maurras: "Defense à Dieu d'entrer dans nos observatoires" que, apesar dos repetidos apelos, desmentidos e desafios, nunca foi devidamente localizada, pela simples razão de ser falsa.

É escusado dizer que *UAction Française* respondeu imediatamente ao intempestivo ataque. O leitor que quiser ver claramente todas as várias etapas da intriga urdida pelo Inimigo do gênero humano encontrará no livro de Lucien Thomas a mais completa e irrefutável exposição do *affaire*. E desde já adivinho que não deverá emitir nenhum juízo sobre essa matéria quem se apegar aos comentários da época, e às sumárias e truncadas (como as de Daniel-Rops) explicações dos que fazem das tripas coração para dar razão aos cardeais e ao Santo Ofício contra a evidência dos fatos. Sem nenhuma outra documentação além da que inserimos neste estudo, já poderíamos concluir o seguinte: a ser verdade o que nos diz esse Cardeal Andrieu, de que só conhecemos hoje o nome por causa da infeliz

carta de 25 de agosto (festa de São Luís!), então somos forçados a dizer que Pio X se enganou gravemente, e que teólogos como o Cardeal Billot, o Pe. Garrigou-Lagrange, o Pe. Clerissac (que induziu Maritain a entrar na A.F.) eram todos analfabetos em matéria de doutrina cristã. Aliás, teríamos que incluir na enorme lista de cegos o próprio Cardeal Andrieu de 1915.

Como se explica então a carta do Cardeal Andrieu de 1926? Não se explica, porque, para princípio de conversa, essa carta não era dele. No livro já citado, de Lucien Thomas, vemos na página 333 o *Annexe III*, onde se faz uma comparação entre os termos da carta do Cardeal Andrieu com os da brochura de um aventureiro, Fernando Passelecq, advogado da corte de Bruxelas e mais de uma vez vigorosamente atacado pela *Action Française*.

A trama começa sua urdidura em Bordéus. Ficou provado que outros bispos de França foram procurados por Passelecq para o mesmo fim. Por que aceitou o Cardeal Andrieu essa empreitada?

Maurras, com os demais dirigentes da *Action Française*, se empenha a fundo na defesa de sua honra e seu direito, sem todavia azedar-se o tom da controvérsia, apesar da violenta paixão que facilmente imaginamos em lutadores que todos os dias davam a vida por sua causa. O respeito mantido é admirável. Mas a urdidura prossegue. Agora é o Papa Pio XI que escreve uma carta ao Cardeal Andrieu aplaudindo seu zelo. Multiplicam-se as manifestações. Em 16 de setembro os estudantes da *Action Française* e os *Camelots du Roi* escrevem uma carta ao Papa (30); Bernard de Vesins, presidente da Ligue d'Action Française, dirige também um filial apelo ao Papa. Mas o Papa já está indisposto contra a A.F. Desde quando? Talvez desde as eleições de 1924, em que as esquerdas se beneficiam das *démarches* do Núncio.

— Vossos franceses votaram muito mal — disse Pio XI ao Cardeal Billot, que logo respondeu:

— Santo Padre, votaram mal por culpa do Núncio de Vossa Santidade...

— Meu Núncio, — exclamou o Papa, dando socos na mesa, — meu Núncio fez minha política! minha política! minha política! (31)

O Cardeal Billot se solidariza com Maurras e Daudet em carta que a *Action Française* não publicou, mas que mais tarde foi publicada em outro jornal. (32)

Precipitam-se os acontecimentos. A 20 de dezembro Sua Santidade Pio XI pronuncia uma alocução consistorial, onde, embora ainda não explicitamente, já se entrevê a condenação em preparo.

O jornal *UAction Française*, segundo a expressão de Robert Harvard de la Montagne, estava acuado, estava compelido a abandonar uma luta de 25 anos em defesa da Pátria e da Igreja. Os dirigentes da A.F. não podem discutir com o Papa seus direitos de defender a Igreja em tais e tais termos, mas julgaram, Maritain inclusive, que podiam defender o direito de defender a Pátria numa linha que em nada feria a lei natural. Acuados, escreveram o *Non Possumus*, que Maritain achou "humanamente legítimo", e de que Maurras se declarou mais tarde arrependido.

Mas a urdidura da intriga em torno do Papa, a habilidosa exploração de seus pontos sensíveis e das demasias dos combatentes da *Action Française* conseguiu seu resultado final: o decreto do Santo Ofício condenando certas obras de Maurras e o jornal *UAction Française*. E é aqui neste arremate que se condensa o que já a carta do Cardeal Andrieu anunciava com seu extraordinário desembaraço em relação à verdade dos fatos. Hoje que já estão mortos todos os personagens desse drama que fez um mal enorme à França, já temos os dados e a liberdade de analisar este decreto do Santo Ofício e de dizer dele o que outros, com muito menos fundamento, dizem do Santo Ofício que condenou Galileu.

Num livro recentemente publicado (33), Jacques Maritain desenvolve uma distinção entre a "Pessoa" da Igreja, e o seu "pessoal", e a distinção entre os casos em que o "pessoal" (bispos, cardeais, papas) age ou fala em causa própria (com toda a humana falibilidade) e os casos em que age ou fala como instrumento do agir e do falar da "Pessoa" da Igreja. A primeira parte desse livro escrito por um quase nonagenário que não perdeu sua luminosa acuidade poderá aqui e ali ser discutida pelos estudiosos. Na segunda parte do livro, Maritain dá uns exemplos clássicos de falhas do "pessoal" da Igreja agindo em causa própria. Entre esses o filósofo coloca o tão falado caso Galileu. Guardarei para outra oportunidade, se Deus me der, a discussão do *approach* adotado por Maritain neste caso. Mas, enquanto Deus me permite correr no papel estas mal traçadas linhas, quero formular aqui um desejo retrospectivo, um desejo colocado no imperfeito do subjuntivo que, além dessa ineficaz colocação no fluxo da vida e da história, contém tal teor de inverossimilhança e de *absurdité* que certamente despertará o riso até das cariátides de pedra.

Explico-me. Eu desejaria que o exemplo mais *vivo*, mais *próximo*, mais *real*, e mais *doloroso* de mancada do *personnel* da Igreja, tomado por Maritain, pelo Maritain de 88 anos, fosse o decreto do Santo Ofício que condenou a *Action Française*!

Eis aqui o texto do decreto:

DECRETO DO SANTO OFÍCIO CONDENANDO CERTAS OBRAS DE MAURRAS E O JORNAL *UACTION FRANÇAISE*.

Em 29 de janeiro de 1914 e 29 de dezembro de 1926. Para atender a muitos pedidos de um diligente inquérito sobre o pensamento e a intenção desta Sé Apostólica e *sobretudo sobre as de Pio X* (grifo nosso) de saudosa memória, concernentes às obras e escritos de Charles Maurras e o periódico *UAction Française*, S. S. o Papa Pio XI ordenou-me, a mim abaixo assinado, assessor do Santo Ofício, que procurasse com cuidado os atos e os *dossiers* da Sagrada Congregação do Index — que, como todos sabem foi anexada e incorporada ao Santo Ofício — e que lhe fizesse um relatório.

Terminado o inquérito, eis o que foi encontrado:

I — Na Congregação preparatória de 15 de janeiro de 1914: todos os consultores foram de unânime parecer que as quatro obras de Charles Maurras: *Le Chemin du Paradis*, *Anthinéa*, *Les Amants de Venise* e *Trois Idées Politiques* eram realmente más e portanto mereciam ser proibidas; a essas obras, declararam que deveriam acrescentar a obra intitulada *l'Avenir de l'Intelligence*. Muitos consultores opinaram que se acrescentassem também os livros intitulados *Politique religieuse* e *Si le coup de force est possible*.

H — Na Congregação geral de segunda-feira 26 de janeiro de 1914: o Eminentíssimo Cardeal Prefeito declarou que havia tratado esse assunto com o Soberano Pontífice, e que o Santo Padre, em razão de numerosas petições que lhe foram dirigidas de viva voz e por escrito, algumas de personagens consideráveis, tinha na verdade hesitado um momento, mas enfim tinha decidido que a Sagrada Congregação tratasse a questão com plena liberdade, *reservando-se o direito de publicar ele mesmo o decreto* (grifo nosso).

Os Eminentíssimos Padres, entrando então no mérito do assunto, declararam que, sem dúvida possível, eram verdadeiramente muito maus e mereciam censura os livros designados, tanto mais por ser muito difícil afastar os jovens desses livros, sendo o autor tido como mestre e chefe daqueles de que se devem esperar a salvação da pátria. Os Eminentíssimos Padres decidiram unanimemente proscrever, em nome da Sagrada Congregação, os livros enumerados, *mas deixar a publicação de decreto à sabedoria do Soberano Pontífice*. No que concerne à periódica *UAction Française*, revista bimensal, os Eminentíssimos Padres acharam que merecia igual decisão tomada para as obras de Charles Maurras.

III — Em 29 de janeiro de 1914: O Secretário, recebido em audiência pelo Santo Padre, prestou contas de tudo o que tinha sido feito na última Congregação. O Soberano Pontífice *se pôe a falar* (sic) da *Action Française* e das obras de Maurras, dizendo que de muitos lados recebeu pedidos para não deixar interditas essas obras pela Sagrada Congregação, e afirmando que essas obras estão entretanto proibidas e assim devem ser consideradas desde agora, quanto ao conteúdo da interdição feita pela Sagrada Congregação, o Soberano Pontífice se reservou, todavia, o direito de indicar o momento em que o decreto deve ser publicado, e se se apresentar nova ocasião de o fazer, o decreto que proíbe esse periódico e esses livros será promulgado na data de hoje.

IV — Em 14 de abril de 1915: O Soberano Pontífice (Benedito XV), de feliz memória, interrogou o Secretário a respeito dos livros de Charles Maurras e do periódico *VAction Française*. O Secretário relatou minuciosamente a Sua Santidade tudo o que a Sagrada Congregação tinha feito nesse assunto, e como seu predecessor Pio X, de santa memória, tinha *protelado para momento mais propício* (grifo nosso) a publicação do Decreto. Ouvindo isto, Sua Santidade *declarou que o momento não tinha ainda chegado* (grifo nosso), porque em tempo de guerra as paixões políticas impediriam o juízo equitável do ato da Santa Sé.

Relatadas cuidadosamente por mim, abaixo assinado, Assessor do Santo Ofício, todas essas coisas a Nosso Santíssimo Padre, Sua Santidade julgou oportuno publicar e promulgar *esse decreto de Pio X* (sic) e decidiu efetuar a promulgação, *com a data prescrita* (grifo nosso) por seu predecessor de feliz memória, Pio X.

Além disso, em razão dos artigos escritos e publicados, sobretudo nestes últimos dias, pelo jornal do mesmo nome, *UAction Française*, e principalmente, por Charles Maurras e Léon Daudet, artigos que todo homem sensato é obrigado a reconhecer que são escritos contra a Sé Apostólica e o próprio Pontífice Romano, Sua Santidade confirmou a *condenação pronunciada por seu predecessor* (grifo nosso) e estendeu-a ao quotidiano *UAction Française*, tal como hoje se publica, de forma que esse jornal deve ser tido por condenado e proibido e deve ser inscrito no Index dos livros proibidos, sem prejuízo, no futuro, de inquéritos e condenações para os trabalhos de um e outro escritor. Dado em Roma no Palácio do Santo Ofício, em 29 de dezembro de 1926. Por ordem do Santo Padre. Canali, Assessor.

Com todos os dados que o desenrolar dos acontecimentos nos proporciona hoje, e principalmente com a evolução da atitude de Pio XI e os termos que prepararam e que formaram o decreto que ao cabo de doze anos levantou o interdito, podemos tranquilamente dizer que o assessor da Sagrada Congregação do Santo Ofício, em dezembro de 1926, demonstrou um desembaraço excessivo em colar, à condenação que o Papa Pio XI já estava decidido a decretar, e que por si mesma bastava para o fim visado, um decreto e uma condenação que Pio X "talvez" (?) assinasse, se sobrevivesse, mas realmente não assinou, e deixou dito a várias pessoas da mais alta categoria que jamais assinaria.

Posso ainda acrescentar, com plena convicção, que esta condenação foi desastrosa para a França, para o mundo e para a Igreja, sem que isto se interprete como uma acusação de erro, falha ou intriga, lançada à conta do Santo Ofício já tão abundantemente caluniado, e sem que isto possa ser compreendido como uma diminuição do respeito e da veneração que tenho pela memória do grande pontífice que foi Pio XI.

Não podemos formar nenhum juízo sobre tão intrincada questão se não soubermos cuidadosamente discernir as circunstâncias intrans-

feríveis de uma para outra época, de uma para outra experiência pessoal.

De início é preciso não esquecer, como tão bem assinalou Maritain no ensaio *Une opinion sur Charles Maurras et le devoir des catholiques*, publicado em 26, *em defesa de Maurras*, nas vésperas da condenação, que Charles Maurras constituía, para quem o conhecia de longe, e mesmo para quem com ele conviveu, um paradoxo, um enigma indecifrável, um mistério perturbador. Vale a pena reler o que dizia Maritain *dois meses antes da condenação*.

Como poderia eu, de início, não dizer minha admiração por Charles Maurras? Sua grandeza, a mola interior profunda de sua atividade é, a meu ver, antes de tudo, o senso do "*bem comum*" da cidade... Maurras purificou, limpou a inteligência dos falsos dogmas liberais — e este é o benefício capital de sua obra, é o que explica o fato de tantos moços o tomarem por mestre. E por que razão tantos católicos deixaram para um outro (um não-católico) a tarefa que lhes incumbia, a que não exigia somente os tesouros de doutrina que superabundantemente possuem, e perto dos quais dormem tão frequentemente, mas a audácia, a força, a coragem intelectual de usar a fundo esses tesouros, e o génio de saber aplicá-los ao real? (34)

Assinalemos e friseemos esta especial queixa que Maritain tem dos católicos, e que é o reverso de um elogio de Charles Maurras, o mais desconcertante e merecido dos elogios: o génio de saber aplicar à situação real os tesouros de doutrina católica concernentes ao bem comum da cidade.

Maritain continua, reconhecendo a inquietante singularidade de tal situação:

Do ponto de vista religioso, é perigoso considerar a Igreja pelos bens que ela distribui por acréscimo, sendo como é a melhor protetora do bem social, mais do que por seu fim, sua função e sua dignidade essencial que é a de dar aos homens a verdade sobrenatural... (35)

Em face do paradoxo criado pelo génio de Charles Maurras, não é justo nem razoável querer que Pio XI tivesse em Maurras e na *Action Française* a confiança que tinha Pio X, confiança bem fundada nos admiráveis serviços prestados à Igreja nas horas da cruel perseguição, e nos dias em que inúmeros católicos da A.F. se arruinaram para socorrer as casas religiosas perseguidas pelo governo Combes e sucessores. Pio X sabia que Maurras, a despeito de suas obras literárias de mocidade — obras realmente condenáveis, e certamente mais condenáveis do que as do pobre Maeterlinck que teve um papel

providencial na conversão de Jacques Maritain (!) (36) — era um soldado de Cristo. Pio X adivinhava que Maurras defendia a Igreja não apenas pelos bens que ela distribui por acréscimo, e deixou na memória de numerosas testemunhas de mais alta categoria a lembrança dessa *convicção* que o levava a reafirmar que jamais condenaria Maurras apesar da insistência de alguns purpurados.

Daniel-Rops, no seu livro *Um combat pour Dieu*, atribuía a clemência e a boa vontade de Pio X a razões de conveniência política. Mas esse mesmo historiador, no mesmo livro à página 274, diz de Pio X:

Quando ele julga que os interesses de Deus estão ameaçados, esse homem maravilhosamente bom e benevolente *toma-se de uma dureza de ferro*.

Lucien Thomas aceita a *maior* assim formulada e desenvolve o silogismo que desarticula o comentário de Daniel-Rops.

Ora, é notório que, em relação a Charles Maurras Pio X não « mostrou de uma dureza de pedra. Ao contrário. Concluímos pois que, no espírito desse grande Pontífice, Maurras não ameaçava os interesses de Deus. (37)

Mas a "convicção" e a "confiança" de Pio X não são transferíveis. Assim como sabemos que erra por etnocentrismo quem quer julgar e apreciar outra cultura com os dados e critérios daquela que tem ao alcance de sua experiência, erraremos também se quisermos deslocar as convicções, experiências, afetos, pressentimentos do pontificado de Pio X para o pontificado de Pio XI. Todos esses numerosos fatores circunstanciais que condicionam o juízo prudencial não são transferíveis por uma simples operação da razão.

Em 1926 Pio XI não pensa em Charles Maurras como em um soldado de Cristo, ou mesmo apenas de Sua Igreja. Por infelicidade, desde as eleições de 24 em que a política do Núncio Apostólico favorece o famoso *Cartel des gaúches*, e desde as violentas reações da Action Française, ferida em sua carne, pode-se dizer sem nenhuma injustiça que Pio XI está indisposto ou predisposto contra Maurras.

Além disso, em 1926 falta a Pio XI uma experiência que ele brevemente adquirirá à custa de terríveis sofrimentos: a experiência mais próxima da malignidade da corrente revolucionária que desde a explosão do *affaire* avolumou-se e prepara-se para inundar o Ocidente. Os inimigos de Maurras e os inimigos da Igreja souberam bem aproveitar o momento favorável para quebrar seu mais vigoroso adversário.

A redação do decreto de condenação e a invocação de um suposto decreto e de uma suposta condenação de Pio X mostram que os intrigantes desta *ténébreuse affaire* estavam muito próximos do Santo Ofício e muito próximos do Papa.

Objetivamente, e com os dados que tinham na mão, os membros do Santo Ofício podiam julgar efetivamente perigosa a situação da Action Française, e realmente condenáveis os livros de Charles Maurras. Mas hoje, com os dados de que dispomos, é impossível evitar a penosa impressão de um ato em que o Papa e a Sagrada Congregação do Santo Ofício foram arrastados a uma intervenção desastrosa.

No tópico anterior, nós vimos um maravilhoso exemplo de como a comunhão dos Santos e a Pessoa da Igreja, como diz hoje Maritain, corrigem os erros e tropeços do *personnel de VÉglise* quando esse *personnel* age em causa própria.

Em dois anos Pio XI começou a desconfiar do equívoco a que fora levado, e começou a estimar Maurras. E, à medida que o comunismo se desmascarava na Espanha, Pio XI mais se aproximava daquele lutador que tão bem compreendia sua aflição (ao contrário do que acontecia com os que, na França em 1926, aplaudiram, obedeceram e até explicaram "por que Roma falou"); e mais começava a desconfiar que o devoto de Santa Teresinha não podia ser tão ateu e tão surdo à Fé como ele próprio dizia.

Durou doze anos o equívoco. Hoje, nós que não sofremos na hora a condenação, mas sofremos agora as consequências — hoje diríamos que foi rápida a reconciliação, que foi rápido o progresso pessoal de Pio XI na visão do tenebroso momento histórico. Foi mais rápido do que o tempo que Maritain gastou para descobrir o contrário, como veremos no capítulo seguinte. Não deixa de ter algo de extravagante, de quase cómico, de fantástico, esse desencontro de homens admiráveis. À medida que Pio XI se aproxima de Pio X e culmina na *Divini Redemptoris*, a "intelligentzia" francesa, beneficiando-se do tempo em que esteve dona do hexágono, corria vertiginosamente para as esquerdas.

Pio XI lutou como um atleta, Maurras lutou como um gigante e morreu no seio da Igreja que tão apaixonadamente e tão misteriosamente defendera.

Mas a Revolução satânica, que hoje devora milhões de almas batizadas, teve uma batalha ganha na condenação da Action Française! No próximo capítulo veremos como evolui e engrossa a torrente.

Bibliografía sobre a Action Française

Além do livro de Lucien Thomas, abundantemente citado, recomendamos ainda os seguintes:

Charles Maurras et Léon Daudet: *L'Action Française et le Vatican* (Flammarion 1927);

Charles Maurras: *Le Bienheureux Pie X, sauveur de la France* (Plon, 1953);

Robert Havard de la Montagne: *Histoire de l'Action Française* (Amiot-Damont, 1950);

Robert Harvard de la Montagne: *Chemins de Rome et de France* (Nouvelles Ed. Latines, 1950);

Henri Massis: *Maurras et notre temps*, 2^e édition complete (Plon, 1961);

Marie de Roux: *Charles Maurras et le Nationalisme de l'Action Française* (Grasset, 1928);

Maurice Pujo: *Comment Rome est Trompé* (Flammarion, 1929);

Robert Brasillach: *Notre Avant-Guerre* (Plon, 1966);

Lucien Thomas: *L'Action Française devant VÉglise de Pie X à Pie XII* (Nouvelles Editions Latines, 1965).

NOTAS DO CAP. I, PARTE II

- (1) Yves Simon, *La Grande Crise de la République Française*, ed. l'Arbre; Montreal, 1941, págs. 83-4.
- (2) Maurice Vaussard, *Histoire de la Démocratie Chrétienne*, ed. du Seuil, 1956, pág. 74.
- (3) Ibid., pág. 74.
- (4) Ibid., pág. 73.
- (5) Manoel Zurdo Piorno, *De Mounier a la Teologia de la Violência*, Madrid, 1969, pág. 156.
- (6) Adrien Dansette, *Histoire du Catholicisme Français*, Flammarion, 1957, pág. 414.
- (7) Ibid., pág. 163.
- (8) Joaquim Azpiazu, S. J., *Direcciones Pontificias*, pág. 177.
- (9) M. Charles Ledré, *Un Siècle sous la Tiare*, ed. Amiot-Dumont.

- (10) Jacques Marteaux, *VÊglise de France devant la Révolution Marxiste*, La Table Ronde, Paris, 1958, pág. 197.
- (11) Robert Brasillach, *Notre Avant-Guerre*, Plon 1941 pág. 28 e seg.
- (12) Jean de La Varende, *Les Manants du Roi*.
- (13) Henri Massis, *Maurras et notre temps*, Plon, 1961, pág. 234.
- (14) Ibid., pág. 237.
- (15) Ibid., pág. 137.
- (16) H. Rambaud, *Le Défenseur de la Foi*, Itinéraires, abril, 1968.
- (17) Ibid.
- (18) Ibid.
- (19) Ibid., pág. 86.
- (20) Annales de Sainte Thérèse de Lisieux, agosto-setembro, 1939.
- (21) Henri Massis, op. cit., pág. 286.
- (22) Ibid., págs. 283 e 433.
- (23) Refere-se à recente publicação de *Divini Redemptoris*.
- (24) Registre-se aqui um pequeno erro deste texto: a carta dirigida a Pio XI era assinada pelos "membros dos Comitês de Diretores" e não por um "Comité Diretor".
- (25) Esses e outros depoimentos que hoje pertencem à história e não à discutível intriga mundano-eclésiástica estão publicados por Lucien Thomas, *UAction Française devant VÊglise*, Nouvelles Editions Latines, 1965.
- (26) Ibid.
- (27) Ibid.
- (28) Ibid., pág. 81.
- (29) Ibid., págs. 130-31.
- (30) Ibid., pág. 139.
- (31) Charles Maurras, *Le Bienheureux Pie X*, pág. 132.
- (32) Lucien Thomas, op. cit., pág. 148.
- (33) J. Maritain, *De VÊglise du Christ*, Desclée de Brouwer, 1970.
- (34) Jacques Maritain, *Une opinion sur Charles Maurras et le devoir des catholiques*, outubro 1926, citado por Lucien Thomas, op. cit., págs. 212-13.
- (35) Lucien Thomas, op. cit., pág. 213.
- (36) Raissa Maritain, *Les Grandes Amitiés*, cap. V.
- (37) Lucien Thomas, op. cit., pág. 85.

CAPÍTULO II

ESPANHA, ROMA E FRANÇA

A década dos trinta

Sem sombra de dúvidas podemos asseverar que foi nessa altura que nosso século XX manifestou, ora com arrogância, ora com cinismo, todas as virtualidades de loucura e desespero que, desde o berço, trazia em seus cromossomos históricos.

Desde logo convém assinalar o caráter oscilante e ciclotímico de nosso século, onde se alternam ou se defrontam situações de depressão e situações de exaltação. Nas primeiras, os homens rejeitam todas as dimensões transcendentais e se comprazem num imanentismo, num ideal de térmita, ou de átomo; nas segundas, ao contrário, exaltam todos os seus títulos de glória num delirante esquecimento de sua miséria. Os mais expressivos exemplos de depressão histórica nos são proporcionados pelos socialistas que, desde a revolução russa em 1917, ganham raízes e espaço vital; o tipo oposto é, por sua própria índole, diferenciado em gostos, timbres e matizes do mais variado valor moral, desde a cavalheiresca Falange de José António Primo de Rivera até o teatral fascismo italiano, o cómico integralismo brasileiro e o demoníaco nazismo. Depressão e exaltação, duas formas da mesma desesperança, que é o mal do século. Depressão e exaltação, duas baldadas tentativas de realizar, no mundo e na carne, a "exaltatio" e a "exinanitio" que só se realiza em perfeita conjunção na Cruz de Nosso Senhor. E os dois estados, ora alternados, ora confrontados, às vezes se entrecruzam e então vemos os imanentistas, os aspirantes à terra, bruscamente possuídos de um ardor de violência que parecia apanágio exclusivo do outro semicírculo da loucura. E também vemos os exaltados, os sequiosos de heroísmo e de júbilo de viver de repente inclinados, e irresistivelmente levados

ao suicídio. Penso com dolorida simpatia num Drieu La Rochelle, num Brasillach, num José António, e acho simplesmente cómica a denominação comum "fascistas", com que as esquerdas convencionaram designar os homens mais diferentes do mundo, que só tinham em comum a exaltação.

Por essas e outras, a década dos trinta é a da maior densidade de equívocos de todos os tempos. O jogo esquerda-direita, acelerado, encherá o mundo de moeda falsa.

Outra evidência dessa época, que costuma passar despercebida, é a da dupla guerra civil. Todo o mundo sabe que houve na Espanha, motivada por incríveis abusos cometidos pelos comunistas e anarquistas desde 1931, uma guerra civil violentíssima entre 1936 e 1939, com enorme derramamento de sangue. Mas pouca gente sabe que, no mesmo período, houve uma guerra civil na França, movida pelos mesmos agentes ditos de esquerda. Há, entretanto, entre a guerra civil de Espanha e a guerra civil de França certos contrastes que merecem reparo. A primeira foi estridente e espetacular, a segunda foi invisível; a primeira destruiu igrejas, incendiou cidades, fez heróis e mártires, a segunda destruiu valores espirituais, fez traidores e apóstatas que se entregaram aos piores inimigos da Igreja. E em vez de sangue derramou muita tinta, sem falar na outra substância histórica a que aludia Bernanos.

A *Frente Popular* na Espanha foi finalmente vencida; o *Front Populaire* da França arrasou a França, desarmou-a, venceu-a, preparou-a enfim para a humilhação de 1940 e para a vergonha de 1945. O movimento espanhol chamou-se de *alzamiento*; a invisível corrosão da França mereceria o nome de *abaissement* ou outro equivalente. E é nesta década de 30 que se inicia essa derrocada francesa que é, sem possível contestação, o principal fator da crise espiritual do moderno mundo católico. O mais belo e glorioso dos reinos católicos ficou "*comme un vieux lion rongé par la vermine*". Mas ainda é na França católica que surgem hoje os mais vigorosos sinais de resistência, da verdadeira *Résistance* em que todos nos devemos arrolar na defesa do que ainda há de cristão em nossa civilização. Acho inconcebível um mundo sem a França, sem

"La France des Bourbons, des Mesdames Marie, Jeanne d'Are, et Thérèse, et Monsieur Saint-Michel".

1931, Roma: "*Quadragesimo Anno*"

Para celebrar o quadragésimo aniversário da *Rerum Novarum* de Leão XIII, o Papa Pio XI, em 15 de maio de 1931, lança a

Quadragesimo Anno, que reitera e renova os ensinamentos anteriores do Magistério, e nos deixa apelos inesquecíveis sobre a condição dos operários em muitas indústrias modernas: "enquanto a matéria bruta e inerte sai enobrecida das oficinas, os homens saem degradados". Pio XI espalha no orbe mecanizado, tecnicalizado, afastado de Deus, a ressonância da antiga lamentação da Igreja de Cristo sobre a sorte dos pobres e dos aflitos.

Aí está na Q.A. o verdadeiro catolicismo social que não tem esquerda e direita, isto é, que não aceita a dilaceração do homem nem pode admitir que o mecanismo essencial da história seja a inimizade. Em vão procuraremos em Pio XI, em seus predecessores e sucessores, algum texto que desaconselhe ou condene a estrutura económica firmada na propriedade e na livre empresa. O que a Igreja condena, veementemente, é o mau uso que uma civilização firmada sobre o egoísmo vem fazendo de estruturas e normas em si mesmas boas e exigidas pela lei material; e o que ensina e sempre ensinou e ensinará com infatigável paciência é que, sem virtudes morais e teológicas que elevam e santificam o homem, baldado será o esforço de procurar uma sociedade melhor e mais justa. A utopia de uma Supersociedade feita de subnomes será sempre rejeitada pela Igreja.

Para confusão, ou conversão, dos "católicos sociais" de índole socialista, a Q.A. defende vigorosamente a propriedade privada, e dá à livre empresa uma enfática cobertura com o enunciado que, depois das confirmações de Pio XII e João XXIII, se denomina "princípio da subsidiaridade". Poucas vezes, nessa matéria, tem sido um princípio precedido de tão veemente intróito: "Não obstante fique FIXO E PERMANENTE, na filosofia social, aquele IMPORTANTÍSSIMO PRINCIPIO QUE NÃO PODE SER SUPRIMIDO NEM ALTERADO: assim como não é lícito tirar dos indivíduos e transferir à comunidade o que os particulares, por iniciativa e esforço próprio, podem fazer, também não é justo, porque prejudica e perturba gravemente a reta ordem social, tirar das sociedades menores (das empresas) o que elas podem por si mesmas realizar e oferecer, para entregá-lo a uma sociedade maior (ao Estado)...". (x)

Este texto, que condena a socialização estatal crescente e o totalitarismo económico que conduz ao totalitarismo absoluto, mostra a conexão próxima entre "justiça social" e "ordem social", desfazendo assim a fraseologia atribuída a Goethe e usada no jogo esquerda-direita que sempre procura desarticular, romper e antagonizar dois bens complementares do homem e da sociedade.

E não se diga que a Igreja defende essa "ordem social" por cumplicidade ou compromisso com "classes furiosamente apegadas aos seus interesses".

(1) Notas no fim do capítulo.

A Igreja jamais defendeu os abusos e os falsos equilíbrios impropriamente chamados de "ordem". Lembrando uma vivaz réplica de Maurras, diríamos também aqui que a Igreja é muito mais Antígona ; do que Creonte.

Na Q.A., a parte mais extensa é dedicada precisamente à denúncia das injustiças que ferem a "ordem social" e conseqüentemente afligem os pobres. Mas nesses mesmos tópicos, ao contrário do que fazem hoje os desvairados que tentaram marxizar a doutrina social da Igreja, o Papa nos previne contra o pior mal, ainda mais injusto e danoso para os pobres: o remédio grosseiramente errado, o veneno do socialismo ou do comunismo marxista. Nos tópicos de (43) até (46), Pio XI não deixa nenhuma brecha para o socialismo nas formas mais mitigadas: "o socialismo, quer como doutrina quer como movimento histórico, ou "ação", na medida em que continua a ser verdadeiramente socialismo, mesmo depois de suas concessões à verdade e à justiça, a que já nos referimos, é incompatível com o dogma católico, já que sua maneira de conceber a sociedade se opõe diametralmente à verdade cristã".

Da mais virulenta forma de socialismo, o comunismo marxista, eis o que dizia PIO XI na Q.A.: "O comunismo ensina e promove, não oculta nem disfarçadamente, mas clara e abertamente, e por todos os meios, até os mais violentos, duas coisas: a luta de classes e a extinção completa da propriedade privada. Para conseguir seu objetivo nada há que não se atrevam (seus militantes), e nada há que respeitem. E uma vez conseguido, TÃO ATROZ E DESUMANO SE MANIFESTA SEU INTENTO QUE ATÉ PARECE COISA INCRÍVEL E MONSTRUOSA. (Q.A. 43).

E é essa coisa desumana, incrível e monstruosa, nos seus meios e sobretudo no seus fins, é essa coisa hedionda denunciada por Pio XI tantas vezes que, nesta década de equívocos e desastres, começa a se infiltrar nos meios católicos franceses, para pervertê-los, e para produzir mais tarde ISTO que hoje temos diante dos olhos, e começa também a se firmar na Espanha para aí desencadear a mais cruel perseguição religiosa da história da Igreja. Daí a estranheza e o mal-estar com que verificamos não estar mencionado uma só vez o termo "comunismo" por *Le Paysan*. ..

79J2 —• Espanha

Com a queda da ditadura do general Berenguer, sucessor de Primo de Rivera, e a partida de Afonso XIII para o exílio, instalou-se a República na Espanha em 12 de abril de 1931 mais tranqüila e

pacificamente do que a nossa em 1889, da qual Machado de Assis teve notícia em conversa na Rua do Ouvidor.

A Espanha parecia acordar do sonho das glórias magníficas para uma atualidade otimista num século de progresso; parecia disposta a uma atualização confiante e tranqüila. Houve até um *Te Deum*, foguetório e música para celebrar a jovem República que logo nos seus primeiros dias mereceu do povo a alcunha de "*Nina Bonita*".

Quem, no entanto, pudesse sobrevoar as terras de Espanha nesse mesmo ano, e com um sexto sentido pudesse perscrutar e auscultar as palpitações profundas da alma espanhola, logo saberia que era fictícia a bonança e que, por baixo daquele lençol de otimismo, preparava-se uma espantosa tempestade de fogo e sangue.

O que era a Espanha em 1931? Um país maior do que a França, mas um país meio esquecido dos outros e quem sabe? de si mesmo, um pouco posto à margem, quase decapitado da orgulhosa Europa. Mas nas suas entranhas, nas profundezas de sua alma trabalhava a nostalgia das grandezas perdidas, a lembrança do século de ouro e conquistas que em 1931 parecem sonhos de exaltação que não se enxertavam bem na substância de uma República que mais parecia um enorme aparelho eletrodoméstico comprado no estrangeiro.

E a Espanha espanhola que pela voz de Dom Miguel Unamuno desdenhava os progressos técnicos: "ellos que inventem, ellos que inventem. . .", onde estará concentrado o seu sangue?

Quem foi, se não a Espanha, que deu ao mundo outro mundo, um Novo Mundo neste mesmo mundo, glória terrestre por antecipação das glórias do céu? Quem duplicou o espaço geográfico da civilização? o solo da cristandade? E quem mais do que Espanha teve filhos valorosos e filhas ardentes, santos e santas mais incondicionalmente santos e santas? E de onde saíram as duas gloriosas ordens religiosas, uma para cristianizar a Idade Média no princípio de sua decadência, e outra para os tempos modernos desde o início de sua soberba? De Espanha saiu Domingos de Guzmán, o grande asceta que às noites, pelos pecadores impenitentes se flagelava e rugia de dor e de amor; e na Ordem dos Pregadores nasceu o maior "doutor do supremo saber diurno e comunicável", Tomás de Aquino, italiano, espanhol e francês, glória da latinidade, luzeiro da Igreja. Da mesma Espanha saiu para o largo mundo novo e antigo Inácio de Loyola, soldado de Cristo mobilizado para enfrentar os contestatários que se enfeitavam com os ouropéis da Renascença, mas se sustentavam com o leite da Idade Média. E de onde saiu aquele outro "meio frade" na contabilidade espiritual e reformista de Santa Teresa d'Ávila, que também encheria a Igreja com "o supremo saber noturno e incommunicável" das ascensões místicas? San Juan de la Cruz. E de onde veio a força propulsora que atirou por cima dos mares domes-

ticados e por cima da cordilheira dos Andes uma semente dominicana que germinou, cresceu e nos deu uma rosa, Rosa de Lima, odorífera padroeira de nossa pobre América Latina?

E quem, como Espanha, resistiu sete séculos às pressões do Islã, defendendo palmo a palmo o solo da cristandade, e nessa mesma guerra nos legou a flor pacífica do mais gracioso amálgama de culturas, quem como Espanha?

Poderá alguém, sensatamente, imaginar uma Espanha sensata segundo os padrões de sensatez do ano de 1931? Poderá alguém imaginar a Espanha sem arroubos, sem sonhos de grandeza, sem ideal, sem rei e sem Fé? E ainda não dissemos nada dos artistas, dos museus, da cultura. Num livro de apologia dos Estados Unidos, um grande de Espanha, Julian Marias, consagrou um capítulo especial ao problema do livro nos Estados Unidos, e assinalou a peculiaridade da cultura americana, socializada, com admiráveis bibliotecas públicas que matam as bibliotecas particulares sem as quais um espanhol e um francês não saberiam viver, e que dificultam o empreendimento editorial.

Julian Marias descreve sua própria casa, onde por toda a parte "hay libros, libros, libros...". E por isso, o movimento editorial de Espanha é simplesmente — *believe it or not* — maior do que o dos Estados Unidos!

O historiador Hugh Thomas (2) descreve-nos a situação da Igreja na Espanha em 1931 e conclui, em termos de sociometria religiosa, que o catolicismo da península apresenta sinais de decadência. De acordo com os dados do dominicano Fr. Francisco Peiró, somente 5% da população de Castela Nova cumprem o preceito da Páscoa. Em algumas aldeias da Andaluzia somente 1% dos homens frequenta as igrejas. Seria então por isso, concluiu o historiador, que o Presidente Azaria em 1932 declarou que "a Espanha deixara de ser católica", mais como quem constata um fato sociológico do que como quem decreta uma interdição. O mesmo historiador inglês reconhece que Azaria tem certa propensão de dizer frases infelizes e inesquecíveis, como aquela outra em que promete triturar a casta militar (3).

Mais infeliz ainda, na opinião do autor inglês, teria sido a pastoral inteira do Cardeal Segura, Arcebispo de Toledo e Primaz de Espanha. Diz Hugh Thomas (4): "O primeiro tiro da luta que continuaria até a Guerra Civil foi a carta pastoral do Cardeal Segura, grave e violenta, publicada em maio de 31. O altivo e independente prelado combinava inteligência com intenso fanatismo".

Compreendo que um erudito inglês, no seu escritório confortável, siata a aspereza e o vigor da carta do Cardeal Segura, mas já não

compreendo nem admito que dê ao sentimento do Cardeal a qualificação de fanatismo. Além disso, parece-me que seria melhor dizer "primeiro alarme" em vez de dizer "primeiro tiro". A verdade, porém, é que Roma também se inquietou com a veemência do Cardeal Segura. Eis como terminava a famosa pastoral do Primaz de Espanha: "Se nós ficarmos quietos e negligentes, se permitirmos que a apatia e a timidez se apoderem de nós, se deixarmos abertas as portas para aqueles que tentam destruir a religião, ou se esperarmos que o triunfo de nossos ideais seja assegurado pela benevolência dos inimigos, não teremos direito de nos lamentar quando a amarga realidade nos evidenciar que tivemos a vitória em nossas mãos, mas não soubemos combater como intrépidos guerreiros preparados para sucumbir gloriosamente".

Poderemos dizer que o Cardeal Segura foi imprudente nesta quase exortação a uma iniciativa na guerra que sentia inevitável? Não é fácil voltar atrás para bem medir a prudência de qualquer iniciativa em 1931. Cinco anos mais tarde, quando o que já causa espanto é a paciência dos militares e dos tradicionalistas espanhóis, ainda muita gente acusará o Exército e a Falange de injusta iniciativa. Por isso, admiramo-nos de que a própria Santa Sé tenha achado excessiva a exortação do Cardeal Segura, e tenha providenciado sua substituição pelo Cardeal Goma.

Os personagens do drama espanhol

Para entender a sucessão de acontecimentos que logo deixam entrever sua gravidade depois do equívoco otimismo de 15 de abril, precisamos conhecer, ao menos em esboço, o quadro das várias correntes históricas que confluem na Península Ibérica como se os erros do século ali tivessem aprazado um sinistro encontro para mortal ajuste de contas. E, para começar esse esboço, tomemos a cena ocorrida na Calle Alcalá, Madri, no dia 10 de maio de 1931, poucos dias depois da publicação da pastoral do Cardeal Segura: um grupo de jovens militares e monarquistas resolvera fundar o Clube Independente Monarquista. Uma vitrola tocava a Marcha Real, e um táxi com dois monarquistas parou no meio da multidão. Os monarquistas gritavam Viva a Monarquia! E o chofer: Viva a República! Na briga que resultou, o chofer caiu e logo na multidão espalhou-se a notícia de que o haviam matado. Em tumulto o povo dirigiu-se à redação do jornal monarquista *ABC* com a intenção de incendiá-lo. A Guarda Civil dispersou o povo. Mas na manhã seguinte a igreja dos jesuítas, na Calle de la Flor, no centro de Madri, foi arrasada e incendiada. Numa das paredes queimadas, em grandes letras de cal,

lia-se a advertência: "A Justiça do Povo para os Ladrões". Várias outras igrejas e conventos foram queimados em Madri nesse mesmo dia. Em poucos dias o fogo espalhou-se pela Andaluzia até Málaga. Um vento de alarme corria a Espanha. (5)

O novo Ministro da Guerra, Manuel Azana, não podendo perder a oportunidade de um de seus muitos pronunciamentos inesquecíveis, disse que preferia ver todas as igrejas de Espanha incendiadas a ver uma só cabeça republicana ferida.

Dir-se-á que, neste episódio, foram os monarquistas e jovens oficiais que provocaram o tumulto. Admitamos. Mas desde já devemos assinalar uma desproporção e uma assimetria que será sempre sistematicamente afastada pelos "intelectuais" que mais adiante assinarão manifestos contra o *alzamiento* e contra o bombardeio de Guernica.

Os monarquistas efetivamente provocaram o tumulto de 10 de maio. Entender-se-ia a reação dos anarquistas se no tumulto entrassem em luta com os monarquistas e os matassem. Haveria luta, duelo, morte de lado a lado, e até aqui estamos dentro da larga faixa da normalidade: é normal que os homens lutem por seus ideais, e não se quebra a normalidade com a menor ou maior violência da luta. O que rompe todas as barreiras do admissível é a resposta oblíqua, que não responde ao adversário golpe com golpe, mas atinge os inocentes. Ainda não começou o terrível espetáculo de massacre de sacerdotes e violação de freiras, mas já nesta amostra começa o que António Monteiro chamou de "*el martírio de las cosas*". Já em 1937 a carta coletiva do Episcopado espanhol menciona a destruição de 20.000 igrejas! Tudo isto indica que era acertado o instinto dos jovens militares e monarquistas que desejavam livrar a Espanha de tão cruéis inimigos da Igreja. E não me refiro aqui evidentemente aos republicanos. Acho perfeitamente admissível o ideal monárquico, e ainda acho mais admissível o ideal republicano já tantas vezes experimentado pela humanidade sem nenhuma necessidade de o vincular ao anarquismo.

Foram os anarquistas que em maio de 31 incendiaram a igreja dos jesuítas; e foi o liberalismo ateu, maçónico e "progressista" que falou pela boca de Manuel Azana.

Note bem o leitor que ainda não entraram em cena os comunistas nesta primeira amostra de perseguição religiosa. A Espanha tem nesse tempo, ligados à CNT (Confederación Nacional de Trabajo), cerca de um milhão de anarquistas, entre homens e mulheres de todas as idades; mas os militantes, que efetivamente atuaram nos incêndios de igrejas e conventos e nos assassinatos e violações cercadas de crueldades nunca vistas, pertenciam a uma sociedade secreta destinada a manter o ideal anarquista "em toda a sua pureza". Hugh

Thomas avalia em cerca de 30.000 esses efetivos anarquistas (6) que descendiam dos primeiros emissários de Bakunin chegados à Espanha em 1868. Em 1871, por ocasião do rompimento entre Marx e Bakunin, a Espanha foi o único país da Europa em que o socialismo ficou fiel ao puro anarquismo de Bakunin. Vítimas do curioso hibridismo de um revolucionarismo radical e absoluto, que quer voltar ao zero, e de um progressismo que vinha das *sociétés de pensée* do iluminismo, os anarquistas espanhóis esperavam ter brevemente instalado o paraíso terrestre. Para isto, como observa Hugh Thomas, bastava-lhes ter na mão direita uma pistola e na esquerda uma enciclopédia.

Nos tempos da monarquia costumavam dizer que não haveria paz e justiça para os povos enquanto não fosse enforcado o último rei nas tripas do último padre. Esse programa singelo fará sorrir algum leitor, mas aconselho-o a não sorrir porque os piores cruzamentos de estupidez e de perversidade podem revestir-se de uma especial singeleza.

A outra corrente que já no episódio de maio de 31 encontramos em ação é a dos monarquistas, tradicionalistas e anti-republicanos de vários matizes, entre os quais se destacavam, pelo lirismo e pela turbulência, os *carlistas* que, no dizer do historiador inglês, imaginavam salvar a Espanha com uma pistola na mão direita e um missal na esquerda. Lutavam por "Dios, Pátria y Rey". Com os monarquistas ortodoxos de várias tendências, os carlistas se uniram sob a sigla TYRE (Tradicionalistas y Renovación Espanola).

A esses grupos acrescentemos agora um exército em que havia cerca de 20.000 oficiais, sendo 219 generais, para uma exígua tropa com menos de 200.000 homens. Essa força, desde as guerras napoleónicas, mais se destinava à segurança interna do que à defesa do país contra agressões do exterior. A tendência política da maioria era nitidamente anti-republicana. Oficialmente, a maioria das forças armadas, em 1931, aceitava e prestara juramento ao novo regime. Mas no seu interior já fermentavam conspirações em torno de três pontos: "formariam um novo e legal partido monarquista equivocadamente chamado Renovación Espanola; fundariam a revista *Acción Espanola*, sob a direção de Ramiro Maezta, ex-anarquista da geração de 1898, com o programa de pugnar publicamente em favor de uma insurreição contra a república; e fundariam uma organização para criar o ambiente de revolução no exército. Essa organização teve o nome de Unión Militar Espanola".

Em torno e no fundo dessas várias correntes, estendia-se a massa de gente mais neutra do que polarizada, a massa de povo que quer

viver seu dia-a-dia com tranquilidade e que se deixa levar pelo liberalismo da época, mas também disposta a receber esta ou aquela nova orientação, conforme ventasse o século.

Na continuação dos dias da república surgiram outras correntes mais ou menos efêmeras, e mais ou menos atuantes. A Espanha, em sua perigosa disponibilidade republicana e liberal, tornara-se caixa de ressonância dos rumores e clamores do mundo. Assim é que, desde 1931, e portanto antes da ascensão de Hitler, já uma espécie de nazismo encontrava eco na Espanha.

Como já assinaléi atrás, corria mundo uma ideia de exaltação, de exultação, que na Espanha produziu vários efeitos. O primeiro foi um pequeno e turbulento grupo em torno da revista *La Conquista del Estado*, dirigida por Ramiro Ledesma Ramos. Mas o fundamento da exaltação espanhola, ao contrário do que fez Hitler, não era o sangue nem a raça tomada no sentido carnal, e sim a raça espiritual e cultural da Espanha tradicional e católica.

Mais notável, no mesmo quadrante dos exaltados e exultantes, característico dos anos 30 e equivocadamente etiquetado com a denominação genérica de "fascismo", foi o movimento fundado por José António Primo de Rivera em 1933. Diga-se de passagem que seu próprio fundador contribuiu para esse injusto equívoco quando deu ao jornal que fundou o nome *El faseio*, e não se esquivou nunca à qualificação de "fascista" que, após a vitória do *Front Populaire* na França e a derrota do eixo Roma-Berlim, se tornara pecha infamante.

Na verdade, porém, a Falange, sendo uma das formas de exaltação da época, tinha feição e características genéticas diversas do "fascismo" de Mussolini e do "nazismo" de Hitler. Ambas as pontas do eixo Roma-Berlim tinham marcas atávicas do socialismo: eram formas atualizadas e reviravoltadas do mesmo essencial instinto telúrico. Na Falange, que quase chegou a dar cor e nome ao movimento de recuperação nacional, predominava o ideal de revalorizar as dimensões do homem, e de reafirmar a transcendência de sua vocação. Isto se tornou possível graças à bela figura de José António Primo de Rivera, que em 29 de outubro de 1933, no *Teatro de la Comédia*, de Madri, lança, com o aviador Ruiz de Alda, o novo movimento.

... ataca Rousseau, o moderno liberalismo e o sufrágio universal que conduziram a Europa a este sistema democrático, o mais ruinoso sistema de "malgastar energias". E, diante da estupefação dos conservadores, José António exclama: "O estado liberal nos trouxe a servidão económica e disse aos operários este trágico sarcasmo: sois livres de trabalhar ou não trabalhar; ninguém pode forçar-vos a aceitar esta ou aquela condição de

trabalho; mas como somos nós os ricos, oferecemo-vos as condições de nosso agrado que vós, cidadãos livres, podeis rejeitar se não são de vosso agrado, mas sendo vós os cidadãos pobres, se não aceitais as condições que vos oferecemos, só vos resta morrer de fome com grande dignidade". (7)

Contra esse estado de coisas será válida a solução socialista? Não, porque o socialismo é materialista, e o materialismo nada resolve nem explica. José António quer devolver a pátria ao povo, como um bem comum e não de uma classe, e como o espírito religioso da nação. E acrescenta:

Si para alcanzar nuestros objetivos hay que recurrir a la violencia, no dudaremos. Cuando se ofende a la Justicia y a la Pátria, la única dialéctica admisible es la de los puños y las pistolas ... Nuestro puesto está ai aire libre, bajo la noche clara, arma ai horabro y allá arriba, las estrellas. Que los otros continuen sus festines! Nosotros, en la tensión febril y segura la guardiã, sentimos en el fundo de nuestra alegría el presentimiento de la aurora.

Em 17 de novembro de 34 José António pronunciara um discurso nestes termos: "Nesta hora solene posso muito bem fazer uma profecia: o próximo combate, que será mais dramático do que as lutas eleitorais, não se fará entre os valores caducos que se chamam esquerda e direita. Far-se-á entre a frente asiática, turbulenta, anunciadora da revolução russa em sua tradução espanhola, e a frente nacional desta geração em linha de combate".

Três anos depois, na mesma data, 17 de novembro, José António está em Alicante, nas mãos dos marxistas que o condenam à morte. Pede para falar ao juiz Federico Enjuto e lhe diz estas palavras tão admiravelmente espanholas:

Usted pensará que le he llamado porque tengo miedo a morir. No es verdad. No temo a la muerte. Tengo 33 años. Lo mejor de mi vida y de mi obra, ahora lo he comenzado. En este instante de Espana hay que vivir ardentemente. Però los fusiles no me dan miedo. Usted puede matarme cuando guste. Yo lo pido un favor: después de mi muerte, haga lavar bien el suelo en el lugar dei pátio donde caeré, para que mi hermano Miguel, que tambien está encarcelado en esta prisión y se paseará aún vários dias en este pátio, no tenga que andar sobre mi sangre (8)

Acrescentemos aos vários movimentos já mencionados a *Confederación Espanola de Derechos Autónomos* (CEDA), fundada por Gil Robles e elevada ao poder nas eleições de 33. Nosso historiador

Hugh Thomas, neste ponto, explica a vitória de Gil Robles pelo fato de ter sido dado o voto às mulheres, que "votavam segundo as instruções de seus confessores". Dá-me vontade de enviar a esse tão objetivo historiador uma palavra atrevida de Santa Teresa d'Ávila ao seu confessor: "Olhe lá que nós mulheres (e principalmente as espanholas) não somos assim tão fáceis de entender".

Pobre Espanha! De todos os lados deformam sua figura e caricaturam sua grandeza quando a querem explicar pela mediocridade de um clero que produzirá tantos mártires, e pela decadência ou subserviência de um povo que produzirá tantos heróis.

E neste esboço tão resumido, em que tentamos mostrar a disparidade perigosa, o antagonismo mortal das várias correntes, ainda não dissemos nada dos "separatismos" que afligem a Península e que parecem condenar a Espanha ao estilhaçamento de minirrepúblicas independentes. "É impossível — diz Robert Brasillach — compreender o aspecto que tomou a Guerra Civil em Barcelona se não se conhece a importância que sempre teve na Espanha o povo catalão"; e é impossível, dizemos nós, entender a repercussão dos paradoxos e contradições da Guerra Civil nos meios "intelectuais" do mundo inteiro, e especialmente da França, se não se conhece a dolorida singularidade do povo basco, e do modo como sofreram de todos os lados.

Os bascos são um estranho povo que não pertence à mesma etnia dos outros espanhóis e têm um idioma próprio, o *éuskaro*, que também não pertence à mesma família nascida do tronco indo-europeu, e não se parece com nenhum outro conhecido, a não ser com o de alguns grupos na Hungria. Espalham-se, num total de 600.000 habitantes, pelas províncias de Navarra, Alava, Viscaya e Guipazcóa, situadas na extremidade ocidental dos Pireneus. Desde tempos imemoriais, caracterizam-se os bascos pela religiosidade e pelo sentimento de independência política e económica. Na Idade Média, durante séculos, manteve-se o costume de reunir todos os homens maiores de 21 anos em torno de um carvalho na cidade santa de Guernica. Em nosso século, e mais especialmente na época da proclamação da república, o isolacionismo e o desejo separatista dos bascos era talvez mais uma ficção nostálgica do que uma força atuante, e as tendências nacionalistas eram maiores em Viscaya e Guipazcóa, enquanto em Navarra predominavam os carlistas. E em todas as províncias, como em todo o Ocidente, o velho liberalismo do século XIX se achava em estado de disponibilidade, pronto a se converter em uma de suas antíteses revolucionárias e totalitárias.

É difícil dizer qual das duas tradições, a antiga e isolacionista, ou a mais recente consciência de *hispanidad*, predominava entre os bascos; e é difícil desempatar e dizer se Dom Miguel Unamuno,

nascido em Bilbao, é mais basco do que espanhol ou mais espanhol do que basco.

Pelo sim pelo não, e com espanto dos "intelectuais" do mundo inteiro, Unamuno aderiu logo ao levante de 36. Entrevistado por Andrés Salmon em *Le Petit Parisien*, Unamuno respondeu:

- Por que aderi? Porque é a luta da civilização contra a barbárie.
- É certo que o professor contribuiu com 5.000 pesetas para a subscrição nacional?
- Completamente exato. Contribuí. É preciso salvar a civilização!
- E o velho liberal acrescentou:
- Comunismo! Esta palavra diz tudo. Basta ver as coisas como são. Por aí fora é a pura anarquia que impera. . .

E conclui:

— *Hay una palabra espanola que ha pasado a muchos idiomas: desesperado. Esto es. Por desesperación queman las iglesias! Por la desesperación de no creer en nada!*

A Jérôme Tharaud, que tempos depois o interrogava sobre suas vacilações e inquietações, o sempre rebelde autor do *Sentimiento trágico de la vida* confia:

"Desde el punto de vista religioso, esta guerra civil es debida a una profunda desesperación, característica dei alma espanola que no llega a descubrir (o a re-descubrir) su fe. . . El desesperado ya no creia en nada, ni en Dios, ni en los otros, ni en si mismo. Nosotros somos un pueblo de desesperados. . ." (9)

Mas logo Unamuno se volta novamente contra "el selvagismo inaudito de las gardas marxistas". . . mas não pode suportar o triunfo do que chama de "fascismo". O "desesperado" não sabe que bem representa o mal do século: no mesmo ano do *alzamiento*, em novembro, conversando e gracejando com um colega, tem um infarto e morre, levando talvez no último olhar uma visão estupefata, dolorida, quiçá cruelmente divertida, de um mundo incompreensível. E eu também aqui estou com o lápis paralisado no meio deste esboço a ouvir a imensa voz feminina de toda a Espanha a me dizer: "Eu não sou assim tão fácil de compreender".

O que hoje sabemos de nosso tumultuoso século — século de desesperados — nos autoriza a dizer que mais favoráveis circunstâncias não se poderiam querer para o grande beneficiário de todas

as tolices humanas nesta bacia hidrográfica da história. Refiro-me ao comunismo. E já podemos prever que será dura, terrível, crudelíssima, a luta que a Espanha terá de enfrentar para reencontrar sua identidade histórica.

Como vimos, os anarquistas descendentes de Bakunin tinham na Espanha, desde o princípio do século até o ano da república, muito maior número de adeptos do que o comunismo marxista. Mas, à medida que evoluem os acontecimentos, e a despeito da teatralidade espetacular de suas manifestações — igrejas incendiadas, conventos saqueados, freiras violadas — os anarquistas serão vítimas da própria anarquia tomada como fim e como meio. Durante a guerra civil, de 36 a 39, será cómica a tentativa anarquista de arregimentar combatentes sem hierarquia e sem disciplina, e sobretudo a tentativa de enfrentar um exército hierarquizado e disciplinado com soldados entregues à mais lírica desordem.

Soldados? Não! Buenaventura Durruti, em uma reunião de 10.000 anarquistas, fez este expressivo discurso, ouvido por Malraux:

Queremos liberar a nuestros hermanos de Cataluna. Queremos ser milicianos de la Libertad, no soldados de uniforme. El ejército se ha comprobado que es un peligro para el pueblo! Milicianos si! Soldados jamás!

E acrescenta este lema que lhe parecia de extraordinária clareza: um exército que combate por obrigação, isto é, que tem consciência de seu dever, está inevitavelmente levado para a derrota!!! Isto parece apenas uma das tantas majestosas tolices que se disseram desde que o mundo é mundo, mas na verdade esconde, sob o espesso manto da estupidez, a malícia profunda da rebeldia, da contestação do princípio da autoridade que as "esquerdas" espalharam no mundo, e principalmente na França desde o "Affaire Dreyfus" que lhes ofereceu uma oportunidade incomparável para a desmoralização do *soldat*, e por conseguinte para a desmoralização da França.

O comunismo, como sabemos, também é anarquista no seu ideal de uma sociedade sem classes a ser atingida no fim dos tempos revolucionários. Mas, em antítese com essa escatologia anarquista, o comunismo marxista, graças ao recurso da dialética hegeliana, é brutalmente autocrático em seus meios, e por isso, apesar do atraso inicial com que começam a ação revolucionária na Península, serão eles, os comunistas, que, a partir de 34, dirigirão a conquista da Espanha.

A Guerra Civil começada em 1936 será principalmente polarizada pelo comunismo, como bem viu José António Primo de Rivera.

As primeiras infiltrações comunistas na Espanha começaram com o estabelecimento de uma Secção Ibérica do Partido Comunista em 1920. Daí em diante evolue rapidamente a ação comu-

nista, primeiro sob inspiração trotskysta e depois sob inspiração stalinista. Além da dialética que lhe permite, para fins ditos anarquistas, meios disciplinares eficientes e duramente hierarquizados, os comunistas absorveram todas as outras correntes revolucionárias por sua maior capacidade de programação metódica.

Em seu livro *A Experiência Vermelha*, Yuan Delbos, radical-socialista francês, ministro do *Front Populaire* em 1935, conta-nos que viu, no Museu da Revolução Universal, em Moscou, um salão especial dedicado à Espanha onde expunham fotografias de líderes, de comícios, exemplares de revistas como *A Bandeira Vermelha*, *A Palavra*, e outras. "Senti naquela sala, diz Yuan Delbos, uma estranha atmosfera de fé, de exaltação revolucionária, e um vago cheiro de sangue..." (10)

Em abril de 1931 apareceu o diário comunista *El Mundo Obrero*, que logo alcançou a tiragem de 35.000. Em 1932 intensificou-se maciça infiltração na U.G.T. e logo se fundou a Confederação Geral do Trabalho Unitário (C.G.T.U.). E daí em diante, até a vitória da *Frente Popular*, são os comunistas que dirigem os acontecimentos e preparam a integral realização da profecia de Donoso Cortês.

Espanha, primeiras perseguições religiosas

Desprezando os tumultos e os incêndios de igrejas em maio de 31 em comparação com o himalaia de crueldades dos próximos anos, pode-se dizer que a verdadeira perseguição religiosa começou com os atos oficiais e aparentemente serenos de um governo deliberadamente disposto a apagar nas terras de Espanha e nas almas espanholas os últimos vestígios do catolicismo que Manuel Azana, na sua famosa frase, julgava ou decretava que fossem extintos.

Mal instalada a república, consagra-se o regime laico, se me permitem tal aproximação verbal, numa *Constituição* que retoma e requebra o laicismo proclamado e arvorado em outros estados modernos ao sabor do prestígio do liberalismo republicano. Na França, foi o governo Combes que explorou a fundo o desprestígio clerical deixado pelo "Affaire Dreyfus" e que tentou realizar, com o rancor profundo dos *défracqués*, a completa marginalização cultural da Igreja. Na Espanha, o laicismo temporão já não nasce e cresce na atmosfera do otimismo liberal de trinta anos atrás, mas na atmosfera que tem cheiro de sangue.

A nova Constituição, com uma brutalidade que as anteriores constituições liberais de outros países não conheceram, proclama o Estado Leigo, submete o culto público da Igreja à autorização do

Estado e tira da Igreja o direito de ensinar. (11) "O primeiro semestre de 1932, sob esse ponto de vista, é um dos mais ativos do quinquênio republicano. Com data de 24 de janeiro, a *Gaceta* publicou uma lei do dia anterior que decretava a dissolução da Companhia de Jesus em toda a Espanha! Dias depois, sai o decreto de 2 de fevereiro oficializando o divórcio, e quatro dias depois a mesma *Gaceta* publicava o decreto que secularizava todos os cemitérios do país. Na mesma data, o diretor-geral da Instrução Primária, Rudolfo Lopis, dirigia uma circular aos professores espanhóis com ordem de retirar das escolas todos os *sinais* religiosos. A retirada dos crucifixos, sendo embora uma simples aplicação da cláusula constitucional, levou as famílias cristãs ao cúmulo da irritação. . ." (12)

E assim, neste primeiro passo, o novo governo espanhol crucifica o Cristo fora dos muros da cidade.

Sim, o que está em jogo em todas essas leis, cláusulas, artigos e parágrafos, o que se condensa neste vocábulo "laicização" é algo mais do que a contestação dos direitos da Igreja. É a contestação da realeza de Jesus Cristo Nosso Senhor. E será por isto que, graças a um instinto da Fé teologal, os milhares de sacerdotes assassinados pelo simples e puro fato de serem "curas", quando os verdugos lhes quebravam a martelo os ossos da cara, ou lhes rasgavam o ânus com crucifixos, tiveram sempre a inspiração de aproveitar o último alento de vida para responder àquela contestação com o nosso grito de guerra e de paz: — Viva Cristo Rey!

Milhares e milhares de vezes este grito subiu aos céus na Espanha com a alma de um "mártir no exato sentido do termo", como dirá oportunamente o grande Papa reinante, S.S. Pio XI.

1932. Paris. Maritain e a revista *Esprit*

No dia 13 de março aparece pela primeira vez, nos Círculos Tomistas de Meudon, Emmanuel Mounier, que discorre sobre a propriedade (13). Em 17 de abril Maritain registrou a reunião menos numerosa, especialmente dedicada à fundação da revista *Esprit*. Berdiaef, às 5 horas, "diz coisas interessantes sobre o estado atual da filosofia soviética".

Consultando a *Cronologia das vidas e das obras de Jacques e Raissa Maritain*, de Henry Bars (14), vemos que Emmanuel Mounier começa a aparecer em casa de Maritain em outubro de 1928; mas é somente em 1932 que essa aproximação ganha uma significação nova e se consubstancia na fundação da revista *Esprit*. Esta data e esta

fundação deixaram uma marca profunda na vida de Maritain, como se vê na insólita nota ao pé da página 78 de *Le Paysan de la Garonne*:

A data da fundação da revista *Esprit* em França (1932) e, mais ou menos na mesma época, a de *Catholic Worker* nos Estados Unidos, pode ser considerada, ao menos simbolicamente, como marcantes de uma ruptura que anunciava o fim dessa confusão.

Mais adiante voltaremos a considerar a "confusão" a que Maritain se refere. É curioso notar que, neste reparo inopinado, Maritain parece ter-se momentaneamente esquecido de que estava tentando descrever e explicar uma catástrofe a que não hesitava em qualificar de "completa temporalização do cristianismo". Por um desses refluxos da vida, ele se situa em 1932 e respira o otimismo que se exprime pela frase "que anunciava o fim dessa confusão" que tem no contexto uma cômica ou trágica impropriedade, porque agora, *hoje*, nós sabemos e podemos provar com relativa facilidade que foi nessa data e com essa revista *Esprit* que começou toda esta confusão em que estamos imersos.

Estamos, como se vê, num ponto de inflexão da vida de Maritain, na história recente da França e do mundo. E para melhor compreensão da densidade ou da multiplicidade de linhas-de-história neste ponto, precisamos lembrar que poucos anos atrás Maritain deixara a A.F. Mas para entender bem essa saída é indispensável voltar atrás quinze anos, para entendermos a entrada de Maritain na A.F., ou melhor, precisamos consultar seu *Carnet de Notes*, o livro *Grandes Amitiés* de Raissa, e eventualmente o livro de H. Massis. Adiante o leitor entenderá a necessidade de toda essa pesquisa.

Maritain e a A.F. — 1912/1927

Em *Grandes Amizades* (15) (pág. 398), Raissa começa por dizer que o Pe. Clérissac, diretor espiritual de ambos, admirava apaixonadamente Charles Maurras; e acrescenta que seus conselhos e sua influência eram para eles, Raissa e Jacques, *absolutamente* prevalentes. E aqui começa um texto em que Raissa acentua singularmente a passividade de ambos nesse passo:

Seus conselhos e sua influência eram (...) e nos dispensavam de qualquer exame de questões que aliás, para nós, não tinham nenhuma importância.

Curioso paradoxo: Raissa declara que ela e Jacques não sentem o menor interesse, nem a curiosidade de examinar melhor a *coisa* que o diretor espiritual tão profundamente amado por ambos apresentava com admiração apaixonada. Na mesma linha Raissa continua:

Jacques não dava importância senão à metafísica e à teologia, e eu, perdida na felicidade sem sombra que me vinha então da oração, sentia-me inteiramente estrangeira nos problemas políticos. De resto, tinha instintivamente uma invencível apreensão por tudo o que concerne às atividades políticas...

E logo adiante (pág. 399) continua:

Por nós mesmos, não teríamos sonhado tomar o menor interesse pelo movimento de que nos falava o Pe. Clérissac, a nós e a Massis...

Neste ponto a memória de Raissa não coincide com a de Henri Massis, o amigo maravilhoso que Psichari leva à casa dos Maritain em janeiro de 1913 (16), e que diz: (17)

Eu não posso esquecer o calor com que Maritain juntava sua voz à do Pe. Clérissac para nos convencer, a Psichari e a mim, de nos voltarmos para os lados da *Action Française*. (*)

(*) Ernest Psichari e eu éramos então *du côté de chez Barres*, Maritain vinha de *chez Bloy*...

Na página 115, Henri Massis diz:

Conheci Jacques Maritain em 1912: ele era então *royaliste* e me censurava de também não ser...

Cinco páginas adiante, Massis encontra Maritain, "*un certain soir de 1932*" depois da crise e da separação, e tem com ele uma longa conversa que nessa mesma noite registrou em seu diário, e que mais tarde, 1951, publicou na primeira edição de *Maurras et notre temps*. Nessa conversa Massis rememorou sua entrada na A.F., aonde foi levado por Maritain:

Ah! disse-me Maritain, com a cabeça inclinada para mim, quantas vezes já me arrependi e me censurei disto entre tantas outras faltas de lucidez. Esta responsabilidade me pesa e me atormenta. (18)

Nesse mesmo ano Maritain já começara a voltar-se para o "*côté de chez Sangnier*" e já pensava em se unir a Mounier... Voltemos a Raissa em *Grandes Amitiés*:

... jamais sonharíamos dar a mínima atenção ao movimento de que nos falava o Pe. Clérissac... Nossas preocupações eram de ordem puramente especulativa e religiosa. Ademais, nossas afinidades estavam e ainda estão do lado daqueles que desejam mais justiça na terra. (19)

Mas, meu Deus! Desejar maior justiça na terra é uma atitude *política* e não simplesmente religiosa. Aqui, Raissa, numa data que já não tem todas as absolvições da ingenuidade, da candura, da inexperiência dos... 30 anos, fala com a imprecisão característica de quem se envolveu no jogo esquerda-direita. Quem são "aqueles" que desejam maior justiça na terra? Por que subtrair desse nobre desejo toda uma equipe que lutou, que expôs a vida por ideais patrióticos que, na teologia moral de Santo Tomás e na do senso comum, são ideais anexos da justiça? Neste ponto Raissa concede imprudentemente o que constitui a maior impostura da torrencial esquerda que se apresenta como descobridora da justiça!

Continua Raissa:

Nós não podíamos levar a sério a restauração da monarquia apreçada por Maurras e desejada pelo Pe. Clérissac.

Lembrando-se de Bloy e associando essa lembrança à de Clérissac, Raissa lamenta que os dois diretores que o destino, "*la petite providence aveugle*", lhes dera foram ambos anti-republicanos e anti-democratas.

Mas então, mas então, por que obedecer, *sem o menor exame*, em matéria pela qual *não sentiam o mínimo interesse*, e num programa que *não podiam levar a sério*, a um diretor por cuja orientação nesse domínio *sentiam instintiva antipatia*? Ninguém nos poderá convencer de que Jacques Maritain aos trinta anos pensava que uma sugestão calorosa do diretor espiritual, em matéria política, constituísse um preceito.

Ainda não terminamos a *via crucis* de retratações indiretas e sem procuração. Raissa continua:

O Pe. Clérissac zombava, sem piedade, das tendências democráticas e das ideias socialistas que Jacques ainda prezava...

Parece-me que, seis anos depois da conversão, e no ano em que começara a escrever o magistral estudo sobre Bergson, Jacques Maritain já devia saber de sobra que as ideias socialistas são imposturas de falsa generosidade. Frederico Ozanam, que também desejava ardentemente maior justiça na terra, jamais se enganou com as ideias socialistas. Mas continuemos...

Num esforço de docilidade intempestiva (grifo nosso) ele adiou ... e ele se censura de ter aceitado passivamente uma influência... e de não ter feito, ele próprio, um inquérito sério sobre as ideias religiosas e políticas de Charles Maurras ... Nós não nos demos ao trabalho, sequer, de ler seus livros até o dia em que nossa atenção foi violentamente atraída pela condenação do Papa Pio XI em 1926.

No funesto ano de 1914, morre Pio X, morre Péguy, morre Psichari, e finalmente, para o casal Maritain, não se fechou o ano sem o golpe doloroso: morre o Pe. Clérissac.

Seria ocasião de reexaminar em 1915 o problema da permanência na A.F., mas a França estava em guerra. Raissa diz: "era o tempo da união sagrada". A partir de 1918 e 1920 ficará cada vez mais fácil um retraimento e um afastamento, mesmo porque Jacques Maritain não colava na A.F. Um contemplativo ocupado em escrever livros como *Degrés du Savoir* dificilmente se aclimatará num ambiente em que cada minuto, cada fato está a exigir uma defesa e um contra-ataque. Jacques Maritain estaria deslocado na A.F. ainda que concordasse com as ideias e programas; estaria deslocado por inaptidão congênita de se mover na densa e espessa obscuridade das contingências. E os anos passam aumentando um equívoco que seria menos doloroso sem a tempestade desencadeada pelo Cardeal Andrieu e assumida pelo Papa.

Voltando às *Grandes Amitiés*, podemos ler explicações recentes (1940 ou 41) do próprio Jacques, transcritas por Raissa:

O ateísmo profundo de Maurras, o culto da violência e... os processos cada dia mais odiosos de polémica... — eu fechava os olhos... na esperança ingênua da próxima conversão de Maurras...

E mais adiante:

Eu me acusarei sempre, como de uma imperdoável *leviandade* o fato de ter dado crédito durante algum tempo... a um movimento cujos sofismas políticos têm base no desprezo do Evangelho.

Durante algum tempo? Quinze anos! O maior filósofo tomista do século levou quinze anos a descobrir (e ainda ao cabo desse tempo precisou de todo o majestoso aparelho do Magistério Extraordinário) que vivia num grémio onde as ideias e programas tinham alicerce no desprezo do Evangelho!

Agora damos a palavra a outro amigo de Maritain, que nos traz um curioso depoimento, parecido com o de Raissa, mas mais colérico e, de certo modo, mais divertido. Tem a palavra Yves Simon:

Maritain e a Action Française vistos por Yves Simon

Yves Simon, discípulo querido de Maritain, e também exilado no Canadá durante a guerra, não conheceu ou não conviveu com a geração de Charles Maurras. É em 1941, em pleno sofrimento pela queda da França e com toda a sensibilidade polarizada pela fé democrática e republicana, que Yves Simon pretende analisar a grande crise, e nesta análise reserva páginas especialmente cruéis para estigmatizar a A.F.

Esse sucesso espantoso (da A. F.) era constantemente alimentado pelos escritores que compunham o jornal *UAction Française*. O amador de literatura, não sendo muito delicado em matéria de verdade e de justiça, tinha a garantia de uma hora feliz todas as manhãs, desde que assinasse *UAction Française*. Contava com artigo quotidiano de Léon Daudet, saboroso, truculento, violento, jocoso, cheio de lances de espírito, que desatavam o riso e marcavam a memória; tinha o artigo cotidiano de Charles Maurras, sentencioso, grave, doutrinário e friamente implacável; tinha o artigo quotidiano de Jacques Bainville, que escrevia tão bem como Voltaire. (20)

A descrição de Yves Simon nos dá água na boca, e nos convence de que *L'Action Française* foi o jornal mais bem feito do mundo. E aqui já podemos imaginar com que vigor atacava, e com que precisão feria. E podemos com a mesma facilidade imaginar os ódios que despertou no *côté de Sillon*, onde só se falava em amor e justiça para esconder de si mesmos e dos outros o abstracionismo moral onde amor e justiça são pseudónimos da mais esquematizada e fria das crueldades. Lá chegaremos. Por enquanto deixemos o bom Yves Simon descarregar sua cólera de fraco numa equipe de homens que só a França ainda bem francesa poderia produzir. Continua Yves Simon:

O leitor habitual de *L'Action Française* tinha resposta para tudo, e jamais lhe viria a ideia de verificar o fundamento do que lhe haviam ensinado, no jornal, com tamanha firmeza dogmática e tal talento literário. (...) Nenhum jornal jamais praticou a difamação, a mentira, a ficção coerente e a injúria com uma constância mais imperturbável do que *UAction Française*. O leitor engolia tudo com uma disciplina perfeita. A credulidade dos leitores de *UAction Française* era fabulosa...

É claro que, no momento em que escrevia essas linhas, Yves Simon não se lembrou, um só instante, de que Jacques Maritain permanecera nesse estado de "fabulosa credulidade" durante quinze anos. Também não lhe ocorreram nomes de outros ilustres leitores de *l'A.F.* Pe. Clérissac, Pe. Garrigou-Lagrange, Cardeal Billot, Pio

X, e outros menores. Referindo-se mais adiante à condenação, diz Yves Simon:

Ao lado dos insubmissos e daqueles que só aparentemente se submetem, houve os que se submeteram plenamente e que em recompensa da submissão receberam a graça de uma maravilhosa purificação interior. Conheci muitos desses. Antes da intervenção do Santo Padre, nunca tinham suspeitado que pudesse existir algo de pernicioso na A.F. Com uma *candura de noviços* (grifo nosso) eles absorviam todas as manhãs, durante alguns anos (IS!) as histórias fantásticas, calúnias, raciocínios sofisticados com que o jornal costumava regalar os leitores. As censuras pontifícias lhes pareceram no primeiro instante inexplicáveis, e hesitaram até onde uma possível dúvida lhes estivesse ao alcance, mas quando a condenação os colocou entre a obediência e a revolta, responderam por um grande ato de obediência afetuosa pronunciado no humor purificador de uma noite completa. ⁽²¹⁾

Lembramos que Maritain tinha 45 anos quando ainda na véspera da condenação "absorvia com uma candura de noviço todas as histórias fantásticas, as calúnias, os raciocínios sofisticados" que lhe oferecia a A.F. Eu não estou com a menor disposição de me divertir com o espetáculo geral que me proporcionam, a propósito da tenebrosa conjuração que chegou a confundir o Papa, os autores que sempre admirei e amei. Mas a verdade é que agora eu vejo uma conjuração de explicações amistosíssimas tendentes todas a desqualificar o maior filósofo do século para qualquer coisa que não esteja no terceiro grau de abstração. O próprio filósofo, aliás, entra também nessa estranha conjuração e encerra-o no *Avant-Propos* do livro *Primaute du Spirituel*, escrito em 1927. Eis as primeiras linhas desse prefácio:

Se aqui serei levado a tratar de questões que dizem respeito à política e à religião, espero que o leitor creia que não o faço para usurpar o domínio da Igreja docente, nem para abandonar o terreno filosófico pelo das contingências da ação prática, *dos quais, mais do que nunca, quero-me alhear* (grifo nosso).

Haverá dois Maritain?

É o próprio Henry Bars (22), o fidelíssimo amigo e confidente nas horas mais dolorosas (23), quem nos provoca com este título dado a um tópico do livro que quis ser uma réplica de *Maurras et notre temps*, de Henri Massis.

De início o autor se refere à opinião corrente que mais se formulava nas conversas e na correspondência do que na crítica publicada. Na década dos 30 já são muitos os que observam certo desdobra-

mento da personalidade de Maritain. Assim é que Mounier distinguia o "autor das Sentenças" e o "autor das Meditações cristãs", ao qual agradecia ter sido salvo de um "novo modernismo" (24). Julian Green, recordando um jantar em 1929, diz de Jacques Maritain: "é uma alma verdadeiramente cristã em uma armadura católica que atrapalha seus movimentos..." (25)

Note-se de passagem a oposição cristã-católica usada explicitamente por Julian Green e implicitamente por Mounier: ela já soa como a protestantização de nossos dias... Cada um vê a divisão sob certo ângulo, e a aprecia de modo diverso: "Não entre o homem e sua filosofia — diz Henry Bars (26) — muito solidários, mas no interior de cada um entre o cristão e o católico (novamente?), ou entre o cristão e o escolástico, ou entre o espírito de ordem e o espírito de aventura, ou ainda entre o *coração terno* e o *espírito duro*."

Para analisar tal desdobramento, Paul Archambault (27) não hesitava em recorrer às categorias do fórum: discernia em Maritain uma "esquerda" e uma "direita" que não se casavam muito bem. Nós já sabemos que o jogo esquerda-direita parte de um essencial antagonismo cuja iniciativa está sempre na "esquerda". Adiante veremos o papel que esse jogo de equívocos desempenhou no *caso* Maritain.

Dom Nicolas Perrier (28) não hesita em separar o Maritain político do especulativo: "Parece-me que esse grande espírito é menos feliz à medida que se engaja no contingente". Eu diria "à medida que mergulha e se debate nas contingências". E outro não era certamente o juízo de Garrigou-Lagrange, com quem Maritain se chocou, depois de tantos anos de amizade, por causa das posições tomadas durante a Guerra Civil de Espanha.

No mesmo capítulo em que estuda o desdobramento de Maritain, ou de sua vida, Henry Bars faz a indagação de qual terá sido o resultado, o lucro, da política intelectual do filósofo. Acredita na germinação das sementes generosamente espalhadas na França entre as duas guerras e deixadas na América. "Tudo isso, porém, é uma esperança e não um fato. Podemos até perguntar se certas obras, como *Antimoderne* e *Théonas*, a despeito do intrínseco valor, não terão bloqueado a simpatia de inteligências rebeldes que talvez tivessem cooperado na obra comum. Parece-me que, mesmo na época de sua maior irradiação na França, Maritain só atingiu um pequeno grupo... A atitude de Mounier nesse ponto me parece típica".

Confesso que não acompanho com simpatia o pensamento que Henry Bars quer transmitir neste tópico. Que quer ele dizer com

a "atitude de Mounier" e com o bloqueio das "inteligências rebeldes"? Não quererá certamente que deixe de ser filósofo tomista. Mas quererá talvez que, como filósofo tomista, fale do mundo e da história num tom que não bloqueie as inteligências rebeldes, num tom diferente do que usou no admirável *Antimoderne*, que tem as graves e poderosas ressonâncias das grandes vozes católicas que atravessam os séculos embora com desagrado de muitas inteligências rebeldes. E aqui duvido do acordo entre um discípulo que se preocupa demais com a *efficacité* e o mestre que repetidamente deu provas de não ter demasiada estima por essa categoria menor.

Observe o leitor que todos os depoentes da dualidade maritainiana, com exceção de Dom Nicolas Perrier, mostram preferência pelo tal hemisfério que não bloqueará as "inteligências rebeldes". E aqui me ponho ao lado do beneditino, extremadamente a favor do Maritain que não desbloquearia Mounier.

Entro no debate de vozes tão ilustres, com que títulos? Quem sou eu para julgar o acerto ou o desacerto de um dos maiores filósofos do século? O leitor que acaso acompanhe livros e artigos que vivo escrevendo há mais de trinta anos conhece meus modestos títulos. Mas aqui trago um novo, que ainda não foi lembrado. Antes de dizer qual é esse título devo lembrar que não é a obra de especulação filosófica de Maritain que está na berlinda, nem é também sua filosofia política, é antes sua política filosófica, ou melhor, é o que fez de sua filosofia, de seu prestígio, de seu nome e até de seu corpo nos ângulos decisivos da história. E para ajuizar esse comportamento nós temos, além da objetividade profissional de que já nos gabamos, um título de valor incontestável. Temos a posição dolorosamente privilegiada para ver a paisagem de escombros e ruínas que são as consequências dos erros cometidos em momentos decisivos. Posso dizer, como contemporâneo de tantas calamidades, que paguei para ver...

Tolhe-me aqui ainda um escrúpulo de outra natureza. Vou analisar e mostrar o que vi num drama que envolve pessoas. A maior parte delas já compareceu diante de seu Juiz e assim escapa absolutamente aos liames de nossos juízos. As que ainda vivem, pouco lhes falta para escaparem também à trama das apreciações humanas. Tome, pois, o leitor nossas apreciações como juízos feitos não sobre *pessoas*, mas sobre *personagens*, ou figuras representativas de tal ou qual sistema de cristalização de valores e ideias. Fico assim à vontade para falar desembaraçadamente, como convém se quisermos sempre colocar a mais modesta verdade acima das mais pomposas conveniências.

E, agora, vamos ao problema levantado por Henry Bars. Haverá dois Maritain? Dois? Não. Há duas vezes vinte, cem, mil Maritain.

E não é só o ilustre filósofo que detém esse recorde de quase monstruosa multiplicação. Todos nós somos duplos, somos múltiplos, e somos múltiplos de dualidades. Todos nós somos atravessados por binômios cujos termos se compõem ou se opõem não apenas conforme suas intrínsecas configurações, mas conforme a disposição com que logramos subjugar o amor-próprio, o grande divisor, ou somos por ele vencidos. Todos nós somos poliédricos, com uma face para o gosto e o entendimento da ordem, e outra face com o gosto e a facilidade de improvisação capaz de fazer da desordem uma aventura que é às vezes uma forma dinamizada da ordem. Todos nós temos uma face masculina e outra feminina sem a qual seríamos um pobre monstro mutilado. Todos nós devemos ter em nossa cristalização psíquica e moral uma faceta pronta para o heroísmo, para a bravura, e outra disposta à humildade e à doçura. Todo o homem tem de ser tudo o que é humano, e há de possuir, ao menos em disposição vestigial, todos os talentos, todas as inclinações e todas aptidões que são corolários da nacionalidade, mas só se realizam plenamente na humanidade, e na humanidade-histórica. Cada homem terá sua figura própria, seu caráter marcado mais pelas proporções do que pelas exclusões ou inclusões. As fisionomias variam infinitamente por diferenças mínimas entre a proporção e a curva de um nariz e a distância e alargamento dos olhos, e não por uns terem nariz e outros não. Somos bilhões de seres maravilhosamente diferentes, e mais maravilhosamente semelhantes.

Não vamos, pois, incriminar ninguém de ser duplo ou sêxtuplo. Nem vamos ficar admiradíssimos se descobrirmos em Maritain o especulativo, o escolástico, o católico e do outro lado o doce Jacques sentado à borda da agonia de Satie; nem vamos gritar aqui d'el rei! se descobrirmos que o austero discípulo de Santo Tomás está agora tentando mover-se, tentando gochamente tatear as contingências. Nem vamos dizer que nessas andanças o filósofo desperdiça um tempo precioso. Todos nós devemos ter em nossa poliédrica estrutura uma face onde sabemos que o tempo não deve ser desperdiçado; mas se não possuímos outra face que nos diga que o tempo deve ser desperdiçado seremos o monstro de chatice que anda ruminando o mais imbecil dos apotegmas: *time is money*.

E ainda há outra maneira de sermos múltiplos. Assim como o somos em nossa geometria sê-lo-emos consequentemente em nossa cinematográfica. Em outras palavras, nosso grotesco e admirável poliedro no decurso da vida vai correndo, ora apoiado na face de nossa principal feição, ora na face instável de nosso feitio menor, ora segundo o que temos de melhor, ora ao sabor das arestas mais ingratas, e assim também nossa vida é feita de pedaços nem sempre bem emendados. Temos fibras de vida com longas continuidades, e episódios, rupturas, descontinuidades com as quais tantas vezes agimos contra

nossa identidade, querendo ser o que não somos ou tentando multiplicar pela falsificação o que não logramos engrandecer pela fecundidade.

Voltemos ao caso Maritain. As dualidades ou disjunções que nesse caso mais me afligem não são as de sua estrutura. São antes as de sua *vida*. Eu não lamentaria com Dom Nicolas Perrier que Maritain, além da especulação filosófica colocada no terceiro grau de abstração, nos oferecesse como de fato ofereceu em *Théonas*, *Antimoderne* e *Trois Réformateurs* admiráveis reflexões que têm às vezes a vigorosa gravidade profética de um Donoso Cortês, e outras vezes a severidade serena e doce de um Ozanam.

Há na *Avant-Propos* de *Antimoderne* uma passagem de adaman-tina perfeição que poderia ou deveria estar escrita na parede da cela ou do escritório do filósofo, ou do homem que pôs avental em sua inteligência para colocar sua pobre vida inteira — digo inteira com o sentido de principal e de permanente, que não exclui multiplicidades, diversões, explorações laterais, episódios, quedas, mas exclui o que Santo Tomás severamente chamava "*adultério espiritual*" — sim, para oferecer sua pobre vida inteira ao serviço da doce Verdade que nos vem do Senhor. Ei-Ia:

A bem dizer, tratava-se de determinar, para nós mesmos, certa disposição moral, ou atitude da alma em relação à verdade. Queríamos fazer obra do pensamento? De início, evidentemente, é preciso saber se nosso intelecto tem a necessária capacidade física; mas também é preciso ^ saber se desde a origem escolhemos a permanência na casa da sabedoria, arrastando o desprezo, de preferência a habitar mais confortavelmente e mais condignamente nas academias de ciência deste mundo, ou se nós queremos, desde a origem e por eleição primeira, conformar-nos com o nosso tempo, e já que somos cristãos, gozar ao mesmo tempo os benefícios de uma piedade sincera, e os benefícios da convivência com "o espírito moderno", coisa que nos inclinará, evidentemente, a julgar que esse espírito não é tão mau como o pintam. Tal escolha não pode ser feita, não pode ser evitada, contornada, porque ela é decisiva para o objetivo visado; e seria temeroso começar alguém sua vida intelectual por um pecado original do espírito.

E Maritain continua com estas palavras de ouro que teriam hoje um incalculável valor se ainda houvesse quem as ouvisse, e ouvindo as entendesse:

Acrescento que para nós, em certo sentido, é condição vantajosa ter contra nós as potências do mundo (e do século) — coisa que não acontecia no tempo em que o mundo era cristão — porque assim a opção que se nos oferece é mais franca e mais pura.

— Seria extremamente ingênuo — e nós sabemos que nada se parece mais com a traição do que certa espécie de ingenuidade — abordar o pensamento moderno e simpatizar com tudo o que nele há de bom antes de discernir cuidadosamente seus princípios espirituais e a maneira

com que esses princípios comandam, nos que a eles se abandonam, essa escolha. Ao contrário, uma vez operada essa discriminação, uma vez assegurado o trabalho basilar que garante, se posso dizer, a especificidade de nossa vida intelectual, então, *mas somente depois disso*, poderemos e deveremos pôr em movimento a tendência *universalista* tão admiravelmente manifestada em Santo Tomás que, acolhedora e pacífica, leva o pensamento católico a procurar em toda parte as concordâncias mais do que as oposições, os fragmentos de verdade mais do que as privações e as deflexões, e a procurar antes salvar e assumir do que subverter, antes edificar do que destruir e dispersar.

Maritain escreveu essas palavras em 1922, quatro anos antes da ruptura com a Action Française, onze anos depois de sua entrada nesse grémio fadado a viagem tempestuosa e choque trágico com o Papa. Neste mesmo volume há um admirável capítulo intitulado *Reflexões sobre os tempos presentes*, onde o Papa Pio X tem um lugar de honra; e há outro capítulo ainda mais belo sobre Ernest Psichari, onde se vê claramente, pelas ressonâncias e ecos, que Maritain, muito seguro de si, não sentia nenhum constrangimento de se mover entre as categorias de "*chez Maurras*". Leiamos, mais uma vez, o tópico onde descreve a conversão de Psichari, cujo instrumento foi a disciplina militar misteriosamente procurada pelo neto de Renan que praticava o mais anárquico e desesperado *antimilitarismo-dreyfusard*.

Sua inteligência vê, sua vontade deseja. (...) Mas ela precisa encontrar o instrumento, o meio. E só há um: agarrar-se a um princípio de ordem exterior a si mesmo. Para criar nele mesmo, e ele mesmo, sua ordem interior, precisava prender-se a uma ordem *dada* entre os homens. Para se reencontrar e se dominar, para se tornar livre — primeiro, fazer-se dependente. Psichari compreendeu *isto*, está salvo. Seu Anjo da Guarda pode respirar. Por um gesto simples da alma essa criança prostrada, certamente sem saber e sem pensar, triunfou sobre Kant, Rousseau, Lutero, sobre a autonomia, a imanência, os direitos do homem, e sobre todos os demais, demônios do individualismo moderno.

Uma escola de disciplina, uma escola onde se aprende a servir? Onde a achará o homem que se crê ateu? Psichari[^] sabe: ele irá para a caserna. É nos sórdidos dormitórios que encontrará sua escola de espiritualidade. O neto de Renan, para não perecer de miséria espiritual, se torna soldado de segunda classe.

Vede o pobre rapaz de cabeça rapada na sua faxina. Ei-lo em serviço: ele está de partida para o paraíso, já para sempre separou-se de seu mundo, do mundo. No momento só vê uma coisa: está no seu lugar. Indo visitá-lo em Beauvais, sua mãe, desde que o viu no seu uniforme, compreendeu, pelo que lhe adivinhou no rosto, que seu filho tinha reencontrado o equilíbrio moral. E ele mesmo me disse mais tarde que, no primeiro dia em que se achou na caserna, nessa atividade regrada de homens em que um diz a outro: vai ali, e ele vai; vem aqui, e ele vem; faze isto, e ele faz — desde esse primeiro dia, com uma intuição infalível, que luminosamente lhe dilatava o coração, sentiu

que estava *em casa*, onde devia estar, onde devia ficar, e onde salvaria seu tesouro.

É este livro que Henry Bars receia ter bloqueado às "inteligências rebeldes" como a de Mounier, mas pelo que aprendemos no melhor Maritain, e pelo que acabamos de ler, parece-me claro que nós, os escritores católicos que fizeram aquele primeiro e decisivo ato de escolha a que se referia Maritain, não estamos aqui para agradar às inteligências rebeldes, nem para ajudar os dirigentes da máquina do mundo. O mundo já precisou de nós para muito trabalho propriamente terreno e temporal, para muitas tarefas de civilização, mas já nos convenceu amplamente de sua autonomia nessa ordem. O século não precisa de nós para descobrir a cura do câncer, para acertar ou não seus enxertos de vísceras, não precisa de nós para ir à Lua. Podemos ser tranquilamente omissos nesses empreendimentos; não fazemos falta. Sobejam os que se dedicam a essas tarefas e delas tiram, além do gosto efêmero que trazem todas as ocupações engenhosas, um sabor mais exótico e de maiores consequências que vem da impressão de estarem, por essas vias, no verdadeiro itinerário do paraíso perdido. Digo mais: o mundo não precisa de nós para melhores ajustes econômicos, demográficos, urbanísticos, não precisa de nós para o bem-estar e para o desenvolvimento. Como cidadãos de duas pátrias, temos nossos compromissos com a cidade temporal, com a "cité-charnelle" de Péguy, mormente quando essa "cité-charnelle" é para nós o começo e a imagem da cidade de Deus. Temos nossos deveres de estado em relação à pátria e à família, deveres graves e santos quando lembramos que tudo o que colabora para o bem é serviço de Deus. Mas se quisermos ou pudermos nos dedicar à contemplação e ao estudo da santa verdade não seremos omissos, nem faremos grande falta ao andamento dos negócios do século.

Falta faremos, omissão gravíssima cometeremos se todos nos esquecermos do principal serviço que o mundo, nos seus recônditos sofrimentos, espera de nós: o serviço militar de nos erguermos sem vacilações e sem covardias para afrontar a soberba do século, e para clamar por sobre todas as estridências do mundo o nosso grito de combate: "Quem como Deus?"

Ainda Maritain e a Action Française

No meu teatro de personagens abstratos ou de fantasmas, os amigos de Maritain que há pouco ouvimos a explicarem o como e o porquê de seu ingresso na Action Française certamente rasgariam

as vestes horrorizados se lessem o que vou escrever: Maritain não poderia ter escrito esse livro fora e sem a Action Française. Henri Massis, e creio que também Madiran, disse que todo o desenvolvimento intelectual de Maritain se realizou *como se Maurras não tivesse existido*. (29) E assim, diz Massis, se enganam os que creram em sua formação maurrassiana e vêem nele um discípulo ingrato que renega o mestre.

Nem tanto nem tão pouco. Maritain de fato nunca soldou muito bem com a A.F., entrara por obediência, e em 1926 se desliga com uma obediência sem dor, que prova a pouca aderência. Mas daí a ter evoluído como se Maurras nunca tivesse existido vai uma infinita distância; como também diria para quem me propusesse a hipótese de Maurras ter vivido e evoluído de 1926 até o glorioso fim como se Maritain não tivesse existido. Esses dois homens de medida incomum não se podiam cruzar nos caminhos da vida sem que a alma de um marcasse de algum modo a alma de outro. A página que acabamos de ler está cheia de ressonâncias de A.F., e quantas outras, adiante na vida, escreverá o filósofo com aquela mesma nobreza que não precisava da A.F. para se exprimir, mas da qual precisava para ganhar novos registros e novas repercussões.

Torno a dizer, creio que pela terceira vez, que Maritain nunca *colou*, nunca aderiu de toda sua alma à A.F., como também não aderirá aos movimentos de esquerda que fortuita e episodicamente frequentará, para nosso inútil desgosto. Mas daí a dizer que entrou e permaneceu na A.F. por pura obediência também vai uma larga distância. E aqui vou-me permitir uma singular ousadia: a de contestar a veracidade, a plausibilidade, a fidelidade da versão trazida pelos mais íntimos amigos de Maritain: Raissa, Yves Simon, Henry Bars.

A história que Raissa nos conta em *Grandes Amitiés*, e cujas passagens principais transcrevemos atrás, não pode ser verdadeira, *ne tient pas debout*, porque nos leva, irresistivelmente, pela própria lógica da argumentação, a concluir que Jacques Maritain, entre os 30 e os 45 anos, era imaturo que só deveria sair de casa com algum acompanhante. Releia o leitor as páginas de Raissa e de Yves Simon e me diga se não é comprometedora, a mais não poder, a defesa com que pretendem "explicar" a entrada e a permanência de Maritain na A.F. Na necessidade de realçar a malignidade da A.F., coisa que em 1941 não se justificava mais pela zelosa obediência, porque a A.F. já estava nas boas graças de Pio XII desde 1939, mas se explicava pela refração "das esquerdas" em que se acham os observadores, Raissa, Yves Simon e Henry Bars mais comprometem do que exaltam ou defendem Jacques Maritain. E aqui estou eu na absurda obrigação, criada por todo um encadeamento de absurdos, a defender

o filósofo contra seus mais categorizados e amados defensores, e isto para agravação de todas as incongruências e para minha maior confusão, no momento exato em que traço os algarismos do ano de 1932 e em que componho as proposições para dizer que Jacques Maritain, egresso da A.F. e depois de ter feito os bons propósitos de se alhear o mais possível das contingências, como atrás vimos, encaminha-se para o "*côté de chez Mounier*" onde, a começar pela fundação da revista *Esprit*, iniciará nova série de canduras de "*je fermes les yeux*", de ingenuidades, de fabulosas credulidades segundo a enérgica expressão de Yves Simon.

Deixando de parte os personagens, estamos diante de um fato bruto apavorante: a corrente de lava ou de lama, ou daquela outra matéria que alterna com o sangue na sintética definição de Bernanos, a corrente que vinha de quatro séculos atrás, nascida da decomposição da cristandade, engrossada com tantos afluentes da mesma homogênea substância, entrara em nosso século pela explosão do "Affaire" e logo nos primeiros anos cavara um sulco, um "Sillon", que canalizava dentro do mundo católico a torrente de anarquia cuja fonte primeira está nos horizontes brumosos que nos velam as Origens. Grave bem o leitor esta ideia que me parece digna de consideração: assim como existe, instituída por Nosso Senhor, toda uma organização para servir de casa em casa, para distribuir de boca em boca o pão da vida, o resultado, o produto da obra e da obediência perfeita do segundo Adão, existe também não apenas a marca avulsa em cada um de nós, a tara, a cicatriz, mas também uma organização, uma anti-Igreja, que os autores espirituais, depois do próprio Senhor Jesus, chamam de "mundo", e que funciona com o intento de reorganizar, reagrupar, a dispersa herança da desobediência do primeiro Adão.

Mais adiante, se Deus for servido, volveremos a este plano de observação de onde se vê a História com outra pupila. No momento insisto neste fato: as torrentes de anarquia nascidas do "Affaire" e engrossadas com "Le Sillon" (e ativadas pelos modernistas) encontraram barreiras levantadas por Pio X. E além disso, nos dias subsequentes, e depois de 1914, tiveram sempre a ilharga vigorosamente atacada pela A.F. A partir de 1927, com a paralisação de todos os católicos franceses que tinham sensibilidade secularmente apurada para esse tipo de ameaça, as famosas "esquerdas" têm as mãos livres e donas do terreno, podem confortavelmente alimentar-se com as ovelhas desgarradas.

1932: Maritain e Mounier

Com a fundação da revista *Esprit*, ou com a frequência do vocábulo "personalismo" na obra de um e de outro, daí por diante, nos compêndios, nas páginas dos historiadores, nas enciclopédias, os dois nomes andarão juntos, associados, como se tivessem daí por diante vivido em união contínua e trabalhado continuamente na mesma obra. Ora, nada é mais falso do que esse paralelismo. Tomemos por exemplo o livro de Adrien Dansette: *Destin du Catholicisme Français de 1926-1956*. Trata-se de uma obra medíocre, como tantas se escrevem no género. O autor é escrupulosamente exato nas datas e nos nomes próprios. Anota os fatos, apresenta-os com certo aspecto de ordenação cronológica, sem jamais perceber onde estão as pontas dos fios que fazem dos episódios e dos fatos uma fibra de História.

Alegremente progressista, o autor começa pelo capítulo que já contém toda uma densa salada de equívocos sociológicos, filosóficos e teológicos. O título deste primeiro capítulo é: *Dechristianisation et vieillesse de l'Église*. Podemos convir que haja ou tenha havido em dada época um fenómeno de indiferentismo e descristianização, mas já não posso convir, por várias razões, que a causa do* fenómeno esteja no "envelhecimento da Igreja", e até não posso admitir sequer a ideia desse envelhecimento, porque a Igreja, por menor que seja o número de fiéis e por menos prestigiada que seja sua atuação nas classes operárias é, na verdade, a única coisa "nova" no mundo, que desde já, aqui e agora, nos anuncia a explosiva e fulgurante palavra de Deus: "Eis que faço tudo novo" (Ap. XXI). Não vamos cobrar exatidão teológica em cada página de crônicas eclesásticas, mas não podemos aceitar tranquilamente, na primeira página de um livro que diz tratar do "catolicismo" tão desembaraçado postulado que despoja a Igreja e o catolicismo de suas dimensões próprias.

Mas esse primeiro capítulo é indispensável para alimento do beato otimismo dos capítulos subsequentes que anunciam: "O despertar do laicato"... , "A tomada de consciência do clero..." , "O progressismo cristão. . .", "A reorganização da Missão de França.. .", "A paróquia comunitária e missionária.. .", "A evolução da Ação Católica..." , e finalmente: "Recristianização e juventude da Igreja?" Neste último capítulo, o alegre historiador começou a desconfiar do maravilhoso "progresso", e pingou no título um discreto ponto de interrogação.

Ora, é nesse livro, no início do Cap. III, pág. 119 que logo nos subtítulos encontramos isto: "O profetismo de Maritain e de Mounier"; e logo na página seguinte onde o historiador arma o problema da necessidade de desvencilhar a Igreja de seus "compromissos" sociais (coisa que os comunistas e socialistas costumam dizer em termos

mais claros: "a serviço da classe dominante"), surgem emparelhados Mounier e Maritain. E daí por diante andam sempre juntos, como dois irmãos siameses, Maritain e Mounier, profetas, iniciadores e responsáveis pelo admirável progresso que hoje qualquer pessoa pode apreciar nos meios católicos sem necessidade de consultar Adrien Dansette.

Mais cuidadoso e discriminador é o espanhol Manoel Zurdo Piorno (30), mas assim mesmo, desde o segundo capítulo de seu estudo, lá está Maritain associado, irmanado, colado a Emmanuel Mounier. Ora, não há dois homens, digo mais, não há duas vidas mais diferentes, embora efetivamente aqui e ali cruzadas num evento comum. Tomemos por exemplo a revista *Esprit*, que é sempre apresentada como um pacto de vida e morte. Para Mounier a revista foi um instrumento, um sinal de conagração simétrico e oposto à A.F., destinado a formar grupos de amigos por toda a França. Adrien Dansette nos informa com aparente agrado que a revista era muitas vezes lida às escondidas nos seminários (31). E por aí se vê que o progressismo desde cedo se beneficia de uma nutritiva oposição de caracteres: seus leitores não têm a firmeza, o caráter, a dureza dos católicos de A.F. e por isso não se prenderão a obstáculos disciplinares que desde já começam a mergulhar no passado. E Maritain? Basta consultar a cronologia de suas obras, da mais profunda e *desinteressada* especulação filosófica, escritas nessa mesma época em que a mensagem de Mounier se espalhava, e muitas vezes à socapa, para concluir que era impossível qualquer tentativa de acoplamento de duas personagens e de duas vidas tão prodigiosamente diversas. Digo mais, é tão exagerada a diferença de figura espiritual que chega a ser cómica a aproximação a que talvez não seja alheia certa aliteração. Não me lembra se Tristão de Athayde escreveu algum artigo intitulado: "Os dois M". A oportunidade era generosa.

Não sei se o leitor já cravou na mesa os cotovelos e já se debruçou com a devida atenção sobre *Degrés du Savoir*. Se passou por essa prova, poderá duvidar, com todas as chances de acerto, da capacidade de algum outro engajamento prático e contínuo no dono de uma inteligência tão prodigiosamente comprometida. Por mim e mais uma vez em defesa do "*pauvre Jacques*", tomo a liberdade de imaginar o estado de espírito com que se aturdiu na redação de *Esprit*, entre os novos "horribéis trabalhadores" que mostravam caninos aguçados para "morder a História". E não me custa imaginar, na fumaceira de cigarros que sempre faz parte das grandes transformações no mundo moderno, e na atoarda que sempre as estimula, não me custa muito imaginar a veemente nostalgia que o assalta quando se lembra do recanto bendito, da mesa onde deixou a página branca adormecida à espera do contato, do beijo amoroso do estilete que correrá dili-

gente, inspirado por Tomás de Aquino, "o doutor máximo do saber supremo diurno e comunicável" ou por Juan de la Cruz", "o doutor máximo do saber supremo, noturno e incomunicável".

Atrás falamos das coisas que são contínuas em nossa vida, e nas que são meros cruzamentos, ou pontos sem *intorno*. Aplica-se bem ao caso essa diferenciação das fibras-de-vida. Enquanto para Mounier a continuidade-vital está toda no engajamento, na engrenagem das contingências, para Maritain, ao contrário, violentamente ao contrário, a longa e inquebrável fidelidade estava sempre, se não totalmente, ao menos principalmente na obra filosófica continuada aos pés do mestre: "*Vae mihi si non thomistizavero*".

Tudo isto resguarda o principal, o essencial, o contínuo da obra e da vida de Maritain, mas não resguarda nem defende satisfatoriamente as posições tomadas, ontem na A.F. e hoje no lado oposto. Henry Bars diz que "o que mais impressionou, chocou e intrigou muitos contemporâneos foi o contraste entre o Maritain *acolhedor* das mais recentes invenções da arte, ou mesmo, a partir de certa época, das mais ousadas tendências da cidade moderna, e o Maritain "intransigente que enfrentava as filosofias de seu tempo".

Na verdade, parece-me inevitável a queixa que todos esses encontros e desencontros nos levam a formular. Em contraste com sua enorme capacidade de especulação abstrata, Maritain evidencia uma congênita fraqueza em face das constelações singulares de coisas e pessoas concretas. É de outra espécie, ou de outro nível o poder de percepção penetrante das coisas singulares. Sem de longe conceder coisa alguma aos netos e bisnetos de Guilherme Occam, ousou todavia dizer que o conhecimento do singular, na sua *quiddidade* e na sua singularidade, só é possível por um novo e precioso instinto do real que aprende num flagrante palpitante de existência própria o real realizado em sua singularidade única. Há um senso especial para entender as palavras e os silêncios, as proposições e as conotações, o atrás de tudo entender as pessoas num instantâneo vital que logo se esquiva; como também há um senso profético para entender a História, como quem vivesse dentro de uma caixa de ressonância, e ouvisse todos os rumores de um povo, de um momento histórico, de um gemido do mundo.

O conhecimento desse tipo se faz por um processo de auscultação que proporciona a confrontação de cada quadro com sistemas interiores já estruturados e já afinados para produzirem na alma uma imediata reação de recusa ou de simpatia. Maurras tinha em grau prodigioso esse instinto, essa conaturalidade pronta e tensa que não lhe poupou tropeços e erros, mas certamente lhe poupou andanças, "acolhimentos", destoantes de sua identidade e sobretudo discorantes do interesse pelo qual oferecia a vida em cada hora. É uma

espécie de nictalopia que dá aos espíritos instintivos o desembaraço vigoroso com que se movem onde os outros, às apalpadelas e caneladas, se extraviam e se ferem. Na Action Française, Maritain ingressou desajeitadamente, e saiu desajeitadamente. Não soube ver a grandeza de Maurras, que também não soube ou não pôde compreender e admitir que o desinteresse ou alheamento de Maritain pudesse ter um imenso *alibi*. O mínimo que se pode dizer, e o máximo que se pode lamentar é que dois gênios de tal quilate não se tenham efetivamente encontrado para maior lucro da França, do mundo e da Igreja. Há em todos esses episódios um cruel desperdício de grandezas como se a tal "pequena providência cega" a que aludia Raissa Maritain fosse uma pueril divindade entretida na polimórfica perversidade de quebrar seus melhores tesouros.

Henry Bars, contra seu costume, simplifica demais o caso da ruptura de Maritain com a A.F. Estranha que estranhem o fato de um filósofo católico obedecer a uma interdição pontifícia; mas o que ainda hoje estranhamos é que, depois de tão canhestra passagem pela A.F. e dos bons propósitos de se acautelar no futuro e até de se alhear às contingências, o grande filósofo católico se tinha deixado arrastar pelo empuxo do século e agora, em 1932, esteja a colaborar, do lado de *Sillon*, e de *Esprit*, com os piores inimigos da França, da Civilização e da Igreja.

Começa aqui uma nova série de quiproquós que pedirão explicações cada vez mais numerosas numa progressão que lembra um dos tantos paradoxos de Bertrand Russell, a propósito do fato de Tristram Shandy ter levado um ano a contar a história de seu primeiro dia de mundo. Lembra-me também aqui uma página em que Robert Brasillach, com uma *verve joyeuse*, que parece condensar todos os sabores e perfumes do gênio francês tomado na fonte de inesgotável juventude, rememora, entre duas batalhas, entre duas prisões, ao som das explosões de um mundo em decomposição, a maravilhosa descoberta dos Ptoeff, e todas as demais descobertas que um Paris de sonho vivido e de prodigiosa realidade lhes proporcionava a eles os jovens de 1927, o *nous* que é o *moi* de Brasillach sempre acampado num bivaque de jubilosas expectativas.

Entre essas páginas há um apontamento irreverentemente alegre e lúcido: "Nous parlions avec curiosité des convertis littéraires, mais aucun de nous, j'en suis sûr, n'a jamais pris une seconde au sérieux la Lettre de Jean Cocteau à Jacques Maritain et la Lettre de Jacques Maritain à Jean Cocteau. Cela nous paraissait une duperie assez rigolote, propre tout au plus à faire marcher les *Nouvelles Littéraires*". (32)

O leitor estranhará talvez esta inútil e irreverente digressão. Na verdade, porém, temos o direito de achar *beaucoup moins rigolote la duperie* da fundação de *Esprit* e de suas conseqüências, depois de

sabermos o que os descendentes espirituais de Sangnier e Mounier fizeram da genial juventude de Brasillach certa manhã gelada de fevereiro de 1945. Além disso, a lembrança de Brasillach nos devolve à Espanha que deixamos lá atrás na primeira estação da sua via sacra.

1932 — Na Espanha se organiza a perseguição religiosa

Como disse páginas atrás, o que o ex-seminarista e ex-tomista Emile Combes fez na França de 1902 contra os direitos da Igreja, numa atmosfera de anticlericalismo liberal, que se obrigava ao otimismo tolerante por um de seus lemas essenciais, vemos agora repetir-se na Espanha numa atmosfera de anarco-socialismo. Repito brevemente este tópico para avivar na mente do leitor certo paralelismo cronológico prejudicado pela extensão do parágrafo anterior. Marquemos o ponto: a data em que na França os neo-esquerdistas se entusiasmarão com o "despertar do laicato" e a "tomada de consciência do clero", no mesmo ano que Maritain escolhe para marcar "o termo de toda aquela confusão" que no léxico de Adrien Dansette se chama "envelhecimento da Igreja", o governo "de esquerda" da Espanha fecha os colégios católicos, desapropria as ordens religiosas, arranca os crucifixos das paredes, e o presidente Manuel Azaria alegremente anuncia que "a Espanha deixara de ser católica".

1933 — • Roma fala. . .

Tocada no seu direito, na sua honra, no nervo de sua ação pastoral, a educação cristã, a Igreja solenemente protesta pela voz do Papa Pio XI, que, com a encíclica *Dilectíssima nostra*, de 3 de junho de 1933, inicia uma série de pronunciamentos de amorosa solicitude pelas dores de Espanha. Depois da saudação inicial e da bênção apostólica, o Papa abre a encíclica:

Sempre foi por Nós sumamente amada a nobre nação espanhola por seus méritos insignes para com a fé católica e a civilização cristã, por sua tradicional e ardentíssima devoção a esta Santa Sé Apostólica, por suas grandes instituições e obras de apostolado, pois foi mãe fecunda de santos, de missionários, de fundadores de ínclitas ordens religiosas, glória e arrimo da Igreja de Deus.

Tão evidente se mostra a inconsistência do motivo aduzido (a necessidade de defender a nova República), que nos dá o direito de atribuir a perseguição movida contra a Igreja na Espanha não à simples

incompreensão da Fé católica e de suas benéficas instituições, mas ao ódio que contra o Senhor e contra Cristo é fomentado por seitas subversivas da ordem religiosa e social, como por desventura vimos acontecer no México e na Rússia.

O Papa Pio XI denuncia e desmascara o inimigo mais cruel e implacável que já afastou de seu caminho o subserviente, informe, indigno e repugnante liberalismo, que já fez o que pôde para relativizar a verdade e o bem, e para preparar as consciências amolecidas para a grande massificação, que será a obra específica do século XX. E não hesita em incitar os fiéis, se não desde já à resistência declarada e pública, mas ao menos desde já a enfrentar tudo nas coisas em que só à Igreja é devida a obediência.

Com todo o ânimo e coração de Pai e de Pastor, exortamos vivamente os bispos, os sacerdotes, e todos os que de algum modo tencionem dedicar-se à educação da juventude, a promover intensamente, com todas as forças e por todos os meios, o ensino religioso e a prática da vida cristã. E isto é tanto mais necessário quanto mais ousadamente profana o santuário da família a nova legislação espanhola, e assim semeia, com a intentada dissolução da sociedade doméstica, os germes de ruína da vida social.

1933 — As esquerdas católicas francesas respondem

Desde 25 de abril de 1931, Francisque Gay, que fundará um ano depois *VAube* (mais um!), em cujas páginas a democracia cristã deixará marcas inesquecíveis, se congratula com o povo espanhol pela nova República, e recomenda aos católicos o apoio leal do novo regime. Um mês depois da proclamação do dito novo regime, chegam a Paris as primeiras notícias de incêndios de igrejas e conventos, e *La Croix* (mais um à *gaúche*) de 13 de maio imprime este título fabuloso:

LA POPULACE DE MADRID A INCENDIÉ
DIX COUVENTS! GARDONS-NOUS POURTANT
DES JUGEMENTS HÂTIFS.

Sim, calma! calma, nada de juízos apressados sobre o incêndio de dez conventos.

Na continuação dos dias surgem *VAube* e *Esprit*, que se anuncia como uma revista não-confessional desejosa de unir seus esforços na edificação da civilização futura. (33) Quem são os trabalhadores convocados? Qual será o estilo e a direção dessa futura civilização? Progressivamente *Esprit* levantará a cortina e desvendará o Novo

Mundo que, ao contrário daquele de Colombo e de Castro Alves, desponta a leste. Com o tempo e o hábito de ousar, que se conquista de mansinho, Mounier dirá claramente que o futuro passa pelo comunismo, e que na França nada se pode fazer sem o comunismo e contra o comunismo. Data dessa década a ideia de que o supremo erro contra a História é o anticomunismo. A revista dominicana *Sept*, que dizem ter sido encorajada pelo Papa para compensar a lacuna criada com a interdição da *Action Française*, pende para a esquerda.

Em *VAube*, já em 33, aparecem artigos abertamente favoráveis ao regime soviético assinados por Maurice Laudrin, colaborador regular de *Populaire* e diretor da revista *Terre Nouvelle*, também comunizante.

Em 22 de maio de 33, o *Osservatore Romano*, que naquele tempo traduzia o pensamento da Santa Sé, publica a seguinte advertência, visando àquelas revistas e visando também a *La Croix*, que de 1932 a 1933 passara da "direita" para a "esquerda", e que é obrigada a publicar em suas próprias páginas a advertência, de Roma. Ei-la:

Não podemos calar nossa surpresa de ver, num jornal inspirado por princípios católicos (o *Osservatore* não costuma recorrer à ironia), um colaborador de jornais socialistas exprimir, sem nenhuma reserva, suas simpatias pela República dos Sovietes como elemento de "civilização mundial", num momento em que esse regime empreende a guerra mais clara e tenaz contra qualquer ideia religiosa ou moral, e em que a Santa Sé, firme e dolorosamente, denuncia ao mundo civilizado os abusos do bolchevismo.

Na Espanha, recuos e avanços das esquerdas

"As esquerdas calcularam mal o seu golpe, ou conheciam mal o povo espanhol para imaginar que aceitaria sem reagir a semi-apostasia das leis republicanas e da crescente dominação comunista. O sobressalto dos católicos foi nítido" (34). Nas eleições de dezembro de 33 venceu a Ação Popular "católica que Gil Robles, professor da Universidade de Salamanca, acabava de fundar. Congregavam-se nela diversas correntes anti-socialistas e anti-republicanas como a *Acción Nacional*, fundada por Calvo Sotelo.

Houve um interregno de ilusão e de confiança no "jogo democrático", como se possível fora algum jogo com a torrente histórica que desconhece totalmente o sentido do pacto. "Poderás fazer um pacto com o leviatã?" Anos depois, diante de outro leviatã, irmão caçula do comunista, as democracias ocidentais várias vezes tentaram fazer de conta que acreditam nos que em nada acreditam. Teremos Munique. E anos mais tarde teremos Ialta.

Mas voltemos a 1934, à acalorada Espanha. Durará menos de um ano "o engano d'alma ledo e cego, que a fortuna não deixa durar muito". O laborioso Daniel-Rops diz que o governo da *Acción Nacional* de Gil Robles não se manteve porque não realizou as necessárias reformas!! Esta explicação dos insucessos democráticos e das consequentes subversões será repetida, sobretudo depois do Concílio, com a insistente monotonia que nosso glorioso século sempre assegurou às frases sem sentido. Todos os problemas sociais são apresentados sob o signo das "reformas" como se nada do que se fez no mundo até hoje devesse ser continuado, devesse ser mantido, ou repetido, ou retomado ou mesmo re-formado no sentido próprio. O termo "reforma", esquecido o *r e e a forma*, tornou-se o repositório da última esperança deste século.

E aqui tocamos o nervo, o *punctum dolens* deste fim de civilização: tanto os arautos do socialismo bakuniniano ou marxista como os arautos de alguma forma de exaltação dos valores vitais, genericamente chamados de fascistas, apelam para um *novo* que é ou não sabe que é uma insolente afronta à Esperança teologal, porque é só na linha dessa Esperança que poderemos encontrar algo de novo sob o sol.

Mas voltemos à queixa que formulávamos do malogro de Gil Robles, e aqui reencontramos a bela figura de José António, o toureiro dos minotauros de Espanha, belo, audaz, cheio de vida e ansioso de inventar uma centelha de heroísmo. Brasillach, o menino genial e imortal que a infinita estupidez continua a fuzilar pontual e metodicamente, tinha de estar na Espanha, não podia deixar de estar no comício do Teatro da Comédia de Madri, quando Luiz António Primo de Rivera faz um apelo ao heroísmo diante da estupefação dos conservadores que prestigiavam Gil Robles. Já mencionamos atrás o discurso de Luiz António que é a ata de nascimento da *Falange Española*, que o mundo injustamente e estupidamente comparará a outras exaltações e rotulará de "fascismo". Antes dissesse "desesperado", como Unamuno, que ao menos é termo mais espanhol. Será oportuno? Será inoportuníssimo? Talvez tenha precipitado a coagulação das "esquerdas".

Para Brasillach, Gil Robles não soube aproveitar sua vitória, deixou-se enganar por Alcalá Zamora e ensejou às esquerdas esparsas a oportunidade de se unirem contra o perigo fascista. Adotando os métodos comunistas, Largo Caballero, o "Lenin español", conseguiu agrupar todas as forças de esquerda que em setembro de 1934 contavam mais de um milhão de homens. Em fins de 1934 o vapor soviético *Turquesa* desembarcava nas Astúrias 70 caixas de armas e munições. E logo após a tentativa de formação de um gabinete, com Leroux e Gil Robles, que enfrentasse as inquietações separatistas, explodiu a insurreição de outubro de 34: Madri, Barcelona e Oviedo

se sublevaram no mesmo dia. No país basco e na Cataluna, o movimento tomou feição separatista. Durante dez dias os insurretos se entregam às mais incríveis violências: incêndios, pilhagens, assassinatos. Sacerdotes foram torturados, cortados em pedaços e pendurados nos açougues com este leiteiro: "Carne de porco".

A repressão, exercida pelas forças regulares de Marrocos, não foi menos cruel. "O Governo Leroux-Gil Robles — diz Brasillach — fuzilava os mineiros e perdoava aos culpados, conseguindo assim, como todo governo débil, aliar o medo à ferocidade." (35)

E Brasillach continua: "Gil Robles não soube aproveitar a autoridade que lhe conferia a situação dramática criada pela sublevação das Astúrias (...). Granjeou a impopularidade da repressão e não soube tomar as medidas que no futuro evitassem a repetição dos feitos (...). Os anarquistas da C.N.T. foram perseguidos e aprisionados, mas os socialistas da U.G.T. e os comunistas da G.G.T.U., depois de breve período de censura, reabriram os centros de propaganda, em maio de 35, e daí por diante ganharam terreno e prepararam a retomada do poder. Em janeiro de 36, quando Alcalá Zamora assinou pela segunda vez a dissolução das cortes, as forças da "direita" estavam desarticuladas e enfrentavam a união dos anarquistas e socialistas mais fortes do que nunca. As eleições de 16 de fevereiro de 1936 deram à Frente Popular a vitória que, desde agosto de 35, fora preparada durante o Congresso da Internacional Comunista em Moscou". (36)

No dia seguinte à vitória "eleitoral" com que se consumava a comunização da Espanha, foram soltos todos os presos da sublevação das Astúrias, e todas as empresas particulares tiveram de readmitir os empregados demitidos. O general Franco foi deslocado para as Ilhas Canárias e o general Goded para as Baleares.

Senhores absolutos do terreno, os comunistas e anarquistas não tardaram a retornar aos atos de terrorismo de que precisavam para colocar a opinião pública, vagamente disponível e liberal, numa atmosfera de medo. Multiplicaram-se logo os assassinatos políticos, e desencadeou-se uma campanha de perseguição religiosa que, em volume e crueldade, deixou esquecidas as anteriores. De 16 de fevereiro a 13 de maio foram totalmente arrasadas 124 igrejas e incendiadas 217. (37)

Largo Caballero gritava: "Nosotros no dejaremos piedra sobre piedra de esta Espana, que devemos destruir para rehacer la nuestra". E aí está, debaixo da aparência de uma simples bravata ibérica, o lema satânico da Revolução: "Destruir tudo, voltar ao zero para criar o novo mundo *ex nihilo*."

Menos abstraía é a linguagem da deputada Margarida Nekken:

Nosotros queremos una revolución, pêro no es la revolución rusa la que puede servirnos de modelo, porque nos hacen falta llamas gigantes que puedan ser vistas desde todo o planeta y olas de sangre que enrojeczan los mares.

1935 — As esquerdas católicas na França ganham terreno

Em 1935, como atrás assinalamos, cap. I, Parte I, a revista *Esprit*, marco do avanço *católico-marxista* na França, pregava o pacifismo absoluto, defendia a pureza das intenções de Hitler e invocava um novo São Luís que, diante do rearmamento febril da Alemanha, tivesse a coragem de realizar na França o total desarmamento "*sans arrière-pensée*". É preciso fixar, registrar, repetir, difundir este episódio para que todo o mundo durante alguns séculos ensine nos colégios que foi a raça espiritual dos Mounier que desarmou a França, que traiu a França, que *efetivamente* colaborou com o inimigo. Torno a dizer que meus juízos nestas páginas não se referem a "pessoas" que já compareceram diante do supremo juiz e portanto já se libertaram, de um modo ou de outro, de nossas opiniões, mas referem-se a "personagens" que continuam nos livros, nas memórias, nos acontecimentos, na História. Mounier para mim é apenas um arquétipo ou *eidós* representativo de um certo tipo da estupidez muito representativa do abstracionismo esquerdista de nosso século. As duas substâncias com que Bernanos via o curso da História aqui se alternam: a Espanha vai-se afogar no sangue; a França vai-se atolar na outra.

Mas é preciso notar que a política de entrega da França não é uniforme e clara. Dentro de um ano os redatores de *Esprit*, numa reviravolta, tentarão compor um patriotismo inventado em *UHumanité* por André Malraux.

Antes disto teremos ainda em 8 de novembro de 1935 o primeiro número da revista *Vendredi*, dirigida por Jean Geheno e André Chamson, e para estupefação de *tout-Paris* via-se entre os colaboradores da nova revista da extrema-esquerda, ao lado de Mme. André Viollis, de Geheno, Chamson, Julien Benda, Jean Cassou e André Gide, o nome do eminente filósofo e professor do Instituto Católico, M. Jacques Maritain. Foi tamanha a repercussão e a estranheza que Maritain se sentiu ou foi convidado a uma explicação. No segundo número de *Vendredi*, Maritain explicava que sua colaboração, sendo apenas literária, não implicava nenhuma adesão política.

No dia seguinte, 16 de novembro de 1935, *UAction Française* fulminava ao filósofo travestido de literato com uma descarga maurrasseana de alguns mil volts:

... Trêve d'hypocrisie! M. Maritain n'est pas un novice. Il sait fort bien qu'en apportant son nom au journal d'extrême gauche il risque de fournir des disciples à l'extrême gauche.

No livro *Notre Avant-Guerre*, escrito nas trincheiras entre setembro de 1939 e maio de 1940 e publicado em 1941 quando o autor já era prisioneiro dos alemães, Brasillach rememora o episódio, mas se engana de data, o que se explica facilmente pelas circunstâncias. De *Vendredi*, com a jovial irreverência que o levará à *la lanterne comme son frère André Chénier, au col dégrafé*, Brasillach nos diz:

Il commençait par affirmer qu'il réunirait les "hommes libres", d'André Gide à Jacques Maritain. Ce dernier, gobeur de nature, retire pourtant sa collaboration tout aussitôt. (38)

Numa outra versão, dizia-se que as autoridades eclesiásticas e o próprio Cardeal Baudrillard não estavam alheios à cessação da colaboração do filósofo na revista filo-comunista; e é a própria revista *Esprit* que passa recibo do boato e em tom magoado conforta o leitor com a promessa de ser aparente, ou provisório, o recuo de Maritain. Apesar do ocorrido, "Maritain continuará sua investida até o rebordo extremo em que o conhecimento filosófico se encontra com a ação". (39)

Maritain não reapareceu na revista *Vendredi*.

1936 — Na Espanha precipitam-se os acontecimentos. Os comunistas dominam a situação

Desde a vitória dos comunistas em 16 de fevereiro de 1936, avolumou-se dia a dia a revolução vermelha com todo o seu sinistro cortejo de perversidades em progressão geométrica. Em 15 de abril de 1936 o deputado Calvo Sotelo se levanta em tumultuosa sessão parlamentar e faz um resumo da obra da República e da Frente Popular.

—• Cuando la vida no está segura en la calle, cuando por todos los lados se esgrime la amenaza de trastornos sociales y se grita como ayer se gritaba a una voz: "La Pátria no! la Pátria no!", cuando ai grito de "Viva Espana" se responde com el de "Viva Rusia", cuando se ofende el honor dei Ejército, cuando se vuelve motivo de burla todo lo que hace Pátria, cuando todo esto dura seis, siete y ocho semanas, yo me pregunto si es posible la calma. Yo envidio a su senoría, señor Azaria, por esa prueba de magnífica tranquilidad. Yo protesto^A contra esta calma ai igual que otros espanoles que viven en este momento en la inquietud y que no saben si Espana está viva o está muerta. (Lo inte-

rutpen, pêro continua.) Desde el 15 de febrero se diria que sopla sobre Espana una ráfaga de fuego e de furor. Desde 16 de febrero hasta el 2 de abril han sucedido: ataques y destracciones de centros políticos, 58; de establecimientos públicos y privados, 72; de domicilios particulares, 33; y de iglésias, 36.

— Es todavia muy poço! Aún no os han matado!

— Incêndios de centros políticos, 12; de establecimientos públicos y privados, 45; de domicilios particulares, 15; de iglésias 106, de las que 56 fueran totalmente destruidas. Huelgas generales, 11; agresiones, 65; ataques, 24; heridos 345, y muertos 74.

E Calvo Sotelo, o ex-ministro a quem a Espanha devia tantos serviços, o homem vigilante e lúcido que com Maurras e Bainville, que lia regularmente, sentia o hálito da Revolução, o homem vigoroso, que nenhuma ameaça fazia calar, venceu o tumulto dos apartes e repetiu bem alto as palavras de Asin no *meeting* de Cartagena em 5 de abril. Eis o que dizia o socialista da Frente Popular:

No debemos contentarnos con quemar una o mil iglésias. Es un espetáculo que tiene algo de faustoso, de exuberante, de más o menos magnífico, pêro que no tiene base sólida para garantir nuestro bien estar futuro.

E o socialista passa a explicar que a única forma de assegurar tal bem-estar é a instauração do comunismo marxista.

Em 11 de julho Calvo Sotelo pronunciou um novo requisito, calmo, meticoloso e implacável, aparteado pela deputada Dolores Ibaruri, a "Passionária", que disse:

— *Este hombre ha hablado por última vez.*

E acrescentou.

— *Calvo Sotelo morirá con los zapatos puestos.*

Dois dias depois, entre vários assassinados trazidos ao cemitério *dei Este*, foi reconhecido Calvo Sotelo, morto com uma bala na nuca, saída pelo olho esquerdo. O mundo inteiro compreendeu que a situação de Espanha chegara ao ponto de ruptura decisivo. E o que logo a seguir aconteceu terá longas e dolorosas consequências, mas tem uma singela e clara motivação, que os intelectuais da esquerda passarão a anatematizar com seu habitual abstrativismo: o homem que mais seguramente representava o exército terá dito com seus marciais botões alguma frase deste jaez: — É preciso pôr ordem nessa confusão. E levantou-se. E com ele toda a Espanha verdadeiramente espanhola. Começava o "alzamiento", a Guerra Civil espanhola, guerra terrível como todas as guerras, mais cruel de ambos os lados do que as guerras convencionais e nacionais, mas evidentemente justa nas motivações dos nacionalistas.

Cabem aqui algumas amargas reflexões. Qualquer pessoa, medianamente dotada da pequena sabedoria do bom senso, saberá com

límpida convicção, e sem necessidade de alongados e complicados argumentos, que aquela raça de gente que assassina, estupra e incendeia não é certamente a mais qualificada para empreender e promover o paciente e tantas vezes humilde trabalho de prover e orientar as necessidades de um povo, os programas de alimentação, comunicação, saúde pública, ensino e agricultura. Não será certamente por aqueles processos que os pobres deixarão de ser pobres e os ricos deixarão de ser gananciosos. O bom senso nos diz que a violência será necessária alguma vez para tirar do poder um governo injusto, desumano, assassino e incendiário, como é o caso da Espanha em julho de 1936; mas jamais nos dirá que a violência, o assassinato, o estupro de freiras e a tortura de sacerdotes é o método mais indicado para aumentar o produto nacional bruto, para incrementar a lavoura e para promover o progresso e o bem-estar de um povo.

A maior impostura do século XX consistiu precisamente na inculcação desta ideia que os "intelectuais saboreiam e propagam": os tipos humanos monstrificados por toda uma constelação de distorções internas, chamados "revolucionários", *lutam pela causa do pobre*. Este é o prodígio de insensatez e de impostura produzido por uma corrente histórica que nasceu na contestação do senhorio de Deus. E o que diremos nós de tal insensatez e de tal impostura quando a vimos instalada no último lugar do mundo onde esperávamos encontrá-la?

1936 — *Também na França começa uma guerra civil, mas em lugar de um "alzamiento" desenha-se um "abaissement"*

Começou mal para a França o ano de 36. Morreu Jacques Bainville, saindo de cena, num dos momentos mais inoportunos da História de França, o personagem de incomparável nobreza que Brassillach, esse outro personagem também dificilmente comparável, evocava no seu livro meio colegial meio profético, escrito sobre o Joelho entre duas alegres batalhas de uma guerra incompreensivelmente perdida para a França.

De todos que conheci, foi certamente o que mais se impôs. Sem que lhe faltasse uma cortesia e uma delicadeza perfeita, creio que ninguém que dele se aproximou tenha deixado de sentir a dominação extraordinária, e só sua. Foi atroz, penosíssimo, seu último ano de vida: de mês em mês, quase de dia em dia, vimos Jacques Bainville mais fraco e mais translúcido, só conservando no rosto cada vez mais seco o brilho dos largos olhos cheios de mistério. Sofria demais, e no entanto continuava a viver, a escrever artigos proféticos, a receber e a visitar. Lembro-me com singular emoção de uma noite de visitas em sua casa,

pouco antes do fim, em que o vejo ainda, de pé, pálido, falando a todo o mundo com cortesia senhorial tão sua; e até me lembro de ter ouvido aquele homem, que já não comia mais nada, engajar-se com vivo interesse numa discussão gastronômica.

Era um espírito espantoso. Todos gabam sua lucidez, sua clareza. Está certo. Mas ter ele previsto em 11 de novembro de 1918 que a Alemanha, em nome do nacional-socialismo, ressurgiria graças a um regime autoritário e popular, eis o que nos faz tremer. Mas o que sempre mais me impressionara em Jacques Bainville foi o mistério. (...). A verdade sobre sua alma creio que ele a escondeu em dois ou três poemas, menos ainda, em duas ou três frases pouco conhecidas e escapadas como confidências. E sobretudo, nos últimos meses de vida em que esse voltaireano ofereceu-nos a imagem da resistência, do estoicismo diante da dor, a verdade de seu segredo se entremostrou: o heroísmo. (...). Na mais bela página de seu discurso na Academia, que ouvimos poucos meses antes, sob a luz cinzenta da cúpula, Jacques Bainville citava aquela cena admirável do *Filoctetes*, de Sófocles, em que, a cada nome de herói da guerra citado, o jovem filho de Aquiles responde: "Morreu". Juntamo-nos agora aos outros poetas da nação: mas diante de nós os últimos, os recém-chegados, sua passagem foi tão breve que nos deixa mais maravilhados, mas mais desolados do que *Neoptólemo*. Ele abandonou o mundo em que seus serviços tinham um preço que apenas começávamos a conhecer. Mas aquele que algumas vezes foi chamado o conselheiro secreto de um Estado bastante indigno doravante tomou assento entre os conselheiros invisíveis da pátria. (4°)

Não consigo resistir ao desejo de trazer aqui um depoimento de outro francês que acompanhou o cortejo fúnebre de Jacques Bainville, já levando escondida certa pressa de passar também para as invisíveis galerias. Albert Thibaudet também sentia por todo o céu de... França pressentimentos de desastre e de morte.

As três formas de guerras históricas francesas compareceram às exéquias de Bainville, como ele mesmo previra. A primeira é a nossa mais francesa forma de guerra de religião, bem conhecida dos leitores do *Port-Royal*. A segunda foi a guerra civil: no lamentável incidente Léon Blum tivemos a sensação física da Discórdia que os poetas épicos, e Boileau em *Lutrin*, invocam para significar um momento excepcional em que tudo perde a medida, tudo se desloca e se desencadeia demoniacamente. Saberei doravante o que quer dizer o hemistíquio: "A Discórdia triunfa". E a terceira é a guerra estrangeira. No dia do enterro de Jacques Bainville discutia-se o pacto franco-soviético de que falava Bainville em um de seus últimos artigos: "Uma aliança com os Soviéticos oferece tudo o que é preciso para nos trazer uma guerra". Fico pensando na última frase de *Jaco et Lori* em que Jacó se perde no meio das árvores gritando três vezes: isto acabará mal! Acabará mal! Acabará mal! O cortejo fúnebre de Jacques Bainville se desenrolou entre esses três gritos. (41)

Mas eu creio que é Henri Massis quem nos deixou a verdadeira chave do segredo desse "voltaireano", reservado, fidalgo, estóico, francês a mais não poder. Segredo simples e tocante. Dias antes, quando

alguns amigos lhe traziam notícias do mundo, da França, do governo, das ruas, Bainville apenas murmurou:

— *Pauvres gens!*

E essas mesmas palavras foram encontradas várias vezes escritas à margem dos livros que lia. Expressiam indizível tristeza: "*pauvres gens*. . .", "*pauvres gens*", essas palavras rabiscadas em *nossa* intenção, mas também e sobretudo exprimiam uma espécie de piedade e de bondade alta e rara, que devem ter os conselheiros das pátrias e dos homens assentados nas elevadas e invisíveis galerias; bondade não conversível em imediatas e pequenas moedas de emoções populares, mas nem por isso, em sua fidalguia distante, alheada e desligada do grande, do pobre sofrimento comum da pobre gente. *Pauvres gens!*

O enterro de Bainville teve a majestade e a popularidade de exéquias de um rei. Não teve acompanhamento eclesiástico porque a A.F. continuava no Index, mas o povo sabia instintivamente que se despedia de um francês ao mesmo tempo muito raro e muito profunda e comumente francês. Não faltou no cortejo a nota dissonante e cómica produzida por uns jovens estouvados que não resistiram ao atrativo proporcionado pelo carro onde o Sr. Léon Blum se julgara obrigado a comparecer. De repente, vidros quebrados, bengalas, o Premier com galos e arranhões, e alguns moços presos. No dia seguinte transformou-se o episódio em atentado. Como de costume, o *Front Populaire* capitaliza as menores imprudências. Temos greves, ocupações de fábricas, e enquanto a Espanha banhava-se no Terror Rojo, a França do *Front Populaire* deleitava-se no Terror Róseo que plantava nos pavilhões da Exposição a bandeira com foice e martelo.

E para bem arrematar a perda de Jacques Bainville, temos Maurras na prisão de *la Santé*, onde receberá, maravilhado, a carta de Pio XI, encomendada por Santa Teresinha de Lisieux.

1936 — *Chegam à França policiais de Espanha*

Na revista *Sept*, dos padres dominicanos, lê-se em 5 de julho de 1936 um artigo alegremente intitulado: Tempos tempestuosos. Nestes termos:

Uma revolução social, até agora pacífica (!!!), se realiza (na Espanha). Um jovem engenheiro católico nos escreve: "Há em tudo isto uma força enorme de revolução; eu quereria embarcar nessa galera. É desejável que engenheiros católicos tomem esse encargo..."

O *lá* fundamental é produzido para a afinação da orquestra. É preciso frisar este ponto: o que acontece na Espanha é uma "revolução social", isto é, uma luta entre os que defendem os interesses dos pobres e os que "se apegam furiosamente aos seus próprios interesses".

Certamente reencontraremos essa estupidez da "*gaúche catholique*" que tão facilmente se deixou envolver na maior impostura do século, e destarte contribui largamente para colocar "*la France en état de bêtise*". No momento, a honra profissional exige de mim esta pergunta ao personagem vivo ou morto da revista *Sept*: por que engenheiros? Não vejo bem que papel específico terá o engenheiro no estupro de freiras e no esartejamento de padres, cujos^pedaços-terão nos açougues dos paladinos da Justiça o leteiro: "carne de porco". Nesse meio tempo todos os jornais e revistas da "*gaúche catholique*" já ergueram seu clamor de justa indignação contra o "alzamiento".

Nesse meio tempo, um escândalo revelou que o governo francês do camarada Blum, cedendo às chantagens comunistas, enviara à Frente Popular espanhola material de guerra e munições. (42)

A revista *Vendredi* enviou aos "republicanos espanhóis" um caminhão carregado de "material sanitário, açúcar, farinha e leite condensado". (42)

Mais curiosa é a furibunda reação dos dominicanos de *Sept* contra as abomináveis "direitas" que ousam lamentar o massacre de padres, religiosos e freiras na Espanha: "Hipocrisia! Imunda hipocrisia!" gritava, no número de 6 de agosto de 1936, a revista *Sept*, com que Pio XI sonhara encher o claro deixado pela interdição da *Action Française*.

Georges Bidault, no jornal *UAube*, a 14 de agosto de 1936, não hesitava em dizer, para contrabalançar o que se contava dos anarquistas e comunistas na Espanha, "que também os militares, que tiveram a culpa inicial da sedição, não pouparam o sangue do adversário".

Deixemos o balanço do sangue e cuidemos do outro termo do binómio em que Bidault se prende excessivamente. Não sei como qualificar o personagem vivo ou morto, francês, hindu ou patagão, que tenha tido o cinismo de dizer que os militares chegados na Espanha com atraso de alguns anos, quando de 1931 a 1936 se incendiavam igrejas, se assassinavam e se violavam meninas e freiras, podem ser apontados como culpados da iniciativa! Seria a primeira vez na história do crime em que a polícia cometeu a falta de iniciar a diligência antes do crime.

Quanto à parte do sangue, creio que Georges Bidault achou necessário escrever um longo artigo para explicar à fina flor da democracia cristã que o general Franco não armava seus combatentes com espingardas de rolha.

1936, Roma repreende

Numa alocução visivelmente dirigida à França, depois de denunciar mais uma vez os perigos do comunismo, que por toda a parte se infiltra, diz o Papa: "Viu-se até num jornal, que se atribui a honra de jornal católico, Nosso pensamento mal interpretado de modo a permitir crer que Nós não julgamos, ou esquecemos, ou não estimamos tão graves os perigos que o comunismo traz à religião".

1936 — Na França não se ouve a voz de Roma

Dez anos atrás, a voz de Pio XI chegou à França como com fragor de tempestade. Foi discutida. Foi até contestada pelos homens da *Action Française* que se sentiam feridos em sua honra e em seu patriotismo, sem entenderem a razão de tão inopinada severidade depois de tantos anos, e num momento especialmente crítico e doloroso para a França; mas a voz do Papa foi ouvida.

Agora, graças a não sei que casta de fenómeno acústico, o Papa não é contrariado nem enfrentado. Simplesmente: não é ouvido. Sua voz se perde nos penhascos dos Apeninos e dos Alpes. Em Paris *não se ouve Pio XI*.

1936, setembro, o Papa abençoa os espanhóis que defendem a Igreja e a Pátria

No dia 14 de setembro o Papa recebeu em Castel Gandolfo um grupo de 500 padres, religiosos e leigos espanhóis conduzidos pelos bispos de Urgel, de Vick, de Tortosa e de Cartagena, e lhes dirige uma longa e comovida alocução:

Vuestra presencia, queridísimos hijos, prófugos de vuestra e Nuestra querida y tan atribulada Espana, despierta en Nuestro corazón un tumulto de sentimientos tão contrastantes e opuestos, que es absolutamente imposible darles adecuada y simultánea expresión. Deberíamos a un mismo tiempo llorar por el íntimo y amarguísimo jpesar que nos

aflige, deteríamos regocijarmos por la suave e impetuosa alegria que nos consola y nos exalta. C⁴³)

E adiante, aludindo aos sofrimentos padecidos pelo clero espanhol *pro nomine Jesu*, diz o Papa estas palavras inesquecíveis:

Todo esto es un esplendor de virtudes cristianas e sacerdotales, de heroísmos y mártirios, VERDADEROS MÁRTIRES EN TODO EL SAGRADO Y GLORIOSO SIGNIFICADO DE LA PALABRA.

E reitera, e reafirma, a mesma repulsa já tantas vezes formulada pela Igreja, *contra aquelas absurdas e desastrosas ideologias* que ameaçam a Europa e o mundo. E depois de discorrer longamente sobre a eficácia da doutrina católica, desde que ouvida e seguida, o Papa dá sua bênção solene em termos que não podem ser ouvidos ou seguidos de dois modos, a não ser por interposição de espessa estultície ou grave desobediência:

A todo este bueno y fidelíssimo pueblo, a toda esta querida y nobilíssima Espana que há sofrido tanto, se dirige y quiere llegar Nuestra Bendición, como vá e irá, hasta el completo y seguro retorno de serena paz, Nuestra quotidiana oración.

E acrescenta:

SOBRE TODA CONSIDERACIÓN POLÍTICA Y MUNDANA NUESTRA BENEDICIÓN SE DIRIGE DE UNA MANERA ESPECIAL A CUANTOS SE HAN IMPUESTO LA DIFÍCIL Y PELIGROSA TAREA DE DEFENDER Y RESTAURAR LOS DE-RECHOS Y EL HONOR DE DIOS Y DE LA RELIGIÓN.

E desenvolve a preocupação que tem por tudo o que já antevê de violências e crueldades desencadeadas. O Papa não precisa ler os artigos do Sr. Bidault para saber que a mais justa das guerras, por suas motivações e pela mais santa das causas, nunca estará isenta de injustiças e crueldades inseparáveis, neste vale de lágrimas, dos choques das paixões desencadeadas, e dos processos de repressão dos crimes dos homens e dos povos. Antes de ler *Les Grands Cimetières Sous la Lime*, e antes de ouvir todas as sinceras e falsas lamentações em torno do bombardeio de Guernica, o Papa sabe que ainda não se inventou uma guerra sem dor e sem lágrimas, como também não se inventou meio algum de evitar a guerra nos casos extremos sem uma total objeção que é muito mais danosa para o género humano do que todo o sangue derramado. Emprestando ao Papa o binómio bernanoseano, ele, Pio XI de gloriosa memória, sabe que entre, a merda e o sangue, é melhor aceitar o sangue. E com todas essas ponderações, apelando para a Caridade e para a lei suprema do Amor, o Pai Comum não hesita em enviar de maneira especial sua

bênção A TODOS AQUELES QUE SE IMPUSERAM A DIFÍCIL TAREFA DE DEFENDER OS DIREITOS E A HONRA DE DEUS E DA RELIGIÃO.

Paris, 1936: A "gaúche catholique" tem ideias próprias

A revista *Esprit*, a 1º de janeiro de 37, não vacila em descarregar sua santa cólera sobre a *direita jrancesa* que, por ódio à ideologia republicana, aplaude "os mercenários de Franco".

No mesmo número, *Mounier* ou algum preposto seu sentencia ex-cathedra:

Nós, que temos sede e fome de justiça e que passamos a vida a denunciar os abusos do capitalismo, somos levados a dar toda a nossa simpatia àqueles que defendem, não odiosos privilégios nem o luxo supérfluo... mas simplesmente a possibilidade de uma vida dignamente humana. Nós não duvidamos de que os operários, que não são santos pelo simples fato de serem operários, se tenham entregado a atos *repreensíveis* (grifo nosso) nesses momentos de revolução...

Diante de cada amostra dessas dá-nos vontade de escrever oitenta volumes para explorar as infinitas ramificações e implicações de cada frase do tópico que acabamos de ler e que condensa todas as tolices e torpezas principais do século. E aqui me volta à mente a obsessiva ideia da biografia de Tristram Shandy, que precisa um ano para contar o primeiro dia de vida.

Conto com o leitor. Para não desatinar ou não desesperar, conto com o leitor. E não preciso de 1000. Bastam-me 100. Pensando bem, já me sinto feliz com a evocação de um só. "À nous deux", amigo leitor.

Comecemos pela obra-prima de humildade e de bom gosto contida nas primeiras linhas que apenas constroem um sujeito, com um majestático plural:

"Nós, que temos sede e fome de justiça e que passamos a vida etc".

Em seguida apreciemos a denominação de "operários" que o diretor de *Esprit* dá aos assassinos, incendiários, estupradores etc. etc. Por que "operários"? Fixado na ideia de estar assistindo a um espetáculo previamente rotulado, e vítima do próprio mecanismo de trapaça intelectual, o articulista de *Esprit* não se dá conta da clamorosa injustiça que comete contra a pobre classe operária, se classe há, já tão sobrecarregada de outros *handicaps*.

Detenhamo-nos a apreciar a hilariante propriedade do termo *repreensíveis* aplicado a monstrificados imbecis que numa praça de

Espanha jogaram futebol com a cabeça de um "cura". Mas o fino, ou o veneno, como diz o adágio que contraria toda a anatomia das cobras, está na cauda: "Nesses momentos de revolução".

Aqui está o canalhismo em estado puro: toda a esquerda católica ou todo o catolicismo-marxista quererá sempre crer que os atos "repreensíveis" só existiram a partir do "alzamiento" e foram suscitados pelo General Franco; todos se esquecem, se enganam a si mesmos para mais calorosamente enganar os outros neste pequeno grupo histórico, que nenhum esquerdismo logrará dissolver: desde 1931 todas as facções anarquistas e socialistas cansaram-se de matar, incendiar, violar. É indubitável que o terrorismo vermelho se tornou pavoroso quando se sentiu perseguido. Mas durante toda a guerra civil "os operários" dos imbecis da "*gaúche catholique*" mantiveram escrupulosamente a seguinte assimetria: eles guardavam sempre o melhor de suas ferocidades, o fino de suas vinganças para as freiras, os padres idosos, e até para os objetos inanimados e absolutamente inocentes.

Em 8 de janeiro a revista dominicana *Sept* faz coro com *Esprit* na denúncia do caráter de cruzada dado ao levante espanhol. Todas as fúrias da esquerda se desencadeiam contra a ideia de uma reação religiosa contra a impiedade cruel e provocadora. Dir-se-ia que, mercê de um neo-não-sei-o-quê, a esquerda católica passou a pensar que não há ideia mais esquisita, mais estapafúrdia, mais inaceitável, do que alguém lutar por sua Fé, e por todos os valores cristãos da civilização. Parece-lhes que só é razoável lutar pelo pão e ulteriormente pela respectiva manteiga. Lá chegaremos... lá chegaremos, ó sombras de 36 que evoco em 72! O movimento que vocês lançaram nos meios católicos está chegando à perfeição suprema: nada de guerras santas ou mesmo justas. Fiquemos nas guerrilhas que já têm hoje seus santos canonizados por comissões especiais de apóstatas: aí, nas comunidades guerrilheiras, a combatividade humana se purificará. E aqui está um telegrama da Colômbia com a notícia de um padre guerrilheiro fuzilado (ou justicado) por outros guerrilheiros por ter ousado reclamar a qualidade da comida e a quantidade da ração. Estamos na guerrilha, e evoluímos para a matilha.

1936 —• *Humanismo Integral*

A julgar pelo que nos diz Adrien Dansette, um dos acontecimentos mais marcantes do estranho ano 36, que Brasillach descreve como um período de loucura ou de "terror róseo", foi a atuação conjunta de Maritain e Mounier, e principalmente a publicação e o sucesso de *Humanismo Integral*.

Jacques Maritain e Emmanuel Mounier abordaram esse problema de consciência (dos compromissos da Igreja com as estruturas temporais vigentes) em termos proféticos; o primeiro, em obras diversas, sobretudo em *Humanisme Integral*, publicado em 1936, e sem dúvida o mais lido e comentado de seus livros; o segundo, na revista *Esprit*, da qual foi o principal animador desde a fundação em 1932 (e recentemente apontada por Maritain em *Le Paysan* como o *tuning point* da história da Igreja) até sua morte em 1950. (Os parênteses são nossos) ⁽⁴⁴⁾

A seguir, em página e meia, Adrien Dansette tenta resumir o pensamento novo trazido por Jacques Maritain, que qualifica, desde o subtítulo do capítulo III, de "profetismo de Maritain e Mounier".

Na página seguinte, 123, Dansette também profetiza, e nos diz estas poucas linhas que bem traduzem a ressonância que andava no ar:

Dentro de meio século o aspirante ao doutorado *ès-lettres* poderá minuciosamente pesquisar o itinerário da influência de Maritain sobre Mounier. Desde já está assentado que *Humanisme Integral* teve, antes da guerra, um sucesso indubitável no jovem clero intelectual que a revista *Esprit* formara nos grupos de amigos das cidades de província onde era lida, *às vezes às escondidas* (grifo nosso) por numerosos seminaristas (...). O próprio fato do papel representado por homens como Maritain e Mounier é um sinal dos tempos. ⁽⁴⁵⁾

Já comentei atrás, no tópico *Maritain e Mounier*, deste mesmo capítulo, o equívoco em que se embaraça Dansette na geminação de dois homens diferentíssimos, que a vida aproximou em descontínuos encontros na década dos trinta. Assinalei o mesmo equívoco no estudo muito mais lúcido de Manoel Zurro Piorno, mas agora direi que devemos convir numa coisa que salta aos olhos: nossos dois personagens fizeram o possível para criar equívocos que só se desfarão no Juízo Final.

Não tentarei entrar aqui na apreciação do ideal histórico da nova Cristandade imaginada por Maritain em *Humanismo Integral*, depois de impugnar o humanismo renascentista, cujo "antropocentrismo" entretanto comporá uma síntese mais hegeliana do que tomista, como bem mostrou Palácios (46). Vimos na Capítulo III da Parte I, e principalmente numa obra anterior. (47), que a pretendida descoberta e intronização do humanismo renascentista não tinha por objeto o Homem no sentido exato do termo, mas o ser monstrificado que São Paulo chamava de "homem exterior" e que Santo Tomás caracterizava tão bem como aquele que, não sabendo o que é, ou o que é principalmente, não se ama a si mesmo mas aquilo que por si mesmo se toma (48). Por onde se vê que não há de ser por uma

síntese, por acréscimo ou integração, que chegaremos a um humanismo realmente e integralmente cristão, e sim por uma conversão de critérios e valores, como a que, contrapondo carne a espírito, homem exterior a homem interior, homem velho a homem novo, constitui o ensino essencial da dialética paulina (49).

Não podemos estender demais esta análise sem arriscar a unidade de uma obra já tão ameaçada. Em nosso contexto parece-me melhor consultar o próprio Maritain de 1933, em *Du Regime Temporel et de la Liberte*, onde, no capítulo *Réligion et Culture II*, o filósofo nos transmite sábias lições de Santo Tomás sobre a noção de ordem, e nos escreve estas linhas que soam como *Antimoderne* dos tempos da *Action Française*, e destoam das que escreveu em *Lettres sur l'Indépendance*, e recentemente em *Le Paysan de la Garonne*:

É assim que à lei natural a razão acrescenta determinações da lei positiva; e funda os órgãos da vida civil que, embora exigidos pela natureza e pressupostos necessariamente pelas leis da natureza, são obra da razão e da virtude, e têm na justiça o "fundamento místico de sua autoridade". E assim, a frase, que tantos "homens de ordem" repetem depois de Goethe: "prefiro uma injustiça a uma desordem", é na verdade uma pura divisa da desordem e da anarquia. (50)

No tópico seguinte, *De l'humanisme*, Maritain começa por referir-se à contaminação de maniqueísmo trazida pelo protestantismo e tornada em Karl Barth "incompatível com o dogma central do cristianismo, o dogma da Encarnação". E na continuação nos devolve às grandes lições que nos temperaram para a ousadia de criticar seu otimismo de 36, mas de certo modo já aqui e ali nos deixa nesta mesma obra em estado vertiginoso diante de certos termos equívocos.

O debate que divide nossos contemporâneos e que nos obriga a uma opção, é o que se faz entre duas concepções do humanismo: uma concepção *teocêntrica* ou cristã, e uma concepção *antropocêntrica*, de cujo espírito a Renascença é a primeira responsável. A primeira espécie de humanismo pode ser chamada humanismo integral, a segunda, humanismo desumano. (51)

E no termo desse tópico:

Se a natureza decaída nos inclina demais a entender o termo "*humanismo*" no sentido de humanismo antropocêntrico (não! no sentido de desumano, como Maritain disse atrás, ou de antropocêntrico, como dissemos nós), o que mais importa é discernir a verdadeira noção e as verdadeiras condições do único humanismo que não desfalca o homem, e para isto *romper com o espírito da Renascença* (grifo nosso). (52)

Ora, ousou dizer que esta passagem se enquadra melhor no que dizemos nós aqui ou em *Dois Amores, Duas Cidades* do que com o que o próprio Maritain diz em *Humanisme Integral*. Na página 138, de *Du Regime*. . ., Maritain diz vigorosamente o que diria um Donoso Cortês:

O mundo saído das duas grandes revoluções da Renascença e da Reforma tem dominantes espirituais e culturais nitidamente anticatólicas. Sempre que pôde livremente seguir seu instinto, ele perseguiu o catolicismo...

Como estamos longe das concessões, dos pluralismos e dos discursos na ONU!

Mais adiante, onde Maritain já começa a ficar obcecado pelo fantasma do capitalismo, que é apenas *efeito* das revoluções nascidas na Reforma e na Renascença, e não *causa* de revoluções, ainda encontramos esta passagem de fundamental importância, que o candidato ao *doctorat-ès-lettres* de Adrien Dansette não poderá omitir se quiser realmente entender a modulação que se operou na obra maritainiana de 33 a 36. Ei-la:

Para criticar uma tal economia (como fazem todos os homens de esquerda) é ainda a uma filha de Deus, a justiça, cuja noção é excluída de todo o sistema materialista, que os revolucionários materialistas — sem ousar confessá-lo a si mesmos — recorrem para explorar secretamente sua energia. (53)

E aqui está lavrada a denúncia da maior impostura do século XX. A revolução que visa somente à contestação de Deus e à implantação de uma humanidade estabulada e vegetativamente feliz na verdade *explora secretamente* as energias das virtudes que despreza. Agora comparemos o texto acima com outro colhido em *Humanisme Integral*:

Há no humanismo socialista um grande impulso na direção de verdades que não podem ser desprezadas sem grave detrimento para a dignidade da pessoa humana. (54)

E logo adiante:

... haveria uma grande ilusão em crer que pela simples justaposição da ideia de Deus e de crenças religiosas ao humanismo socialista chegaríamos a uma síntese viável e fundada na verdade. Não, o que se impõe é uma revisão geral. Mas nós cremos também que aquilo que chamamos humanismo integral é capaz de salvar e de promover, numa síntese

fundamentalmente diferente, todas as verdades afirmadas ou pressentidas pelo humanismo socialista, unindo-as de uma maneira vital e orgânica, a muitas outras verdades (...).

As análises contidas neste capítulo levam a compreender — assim esperamos — o quanto é desejável a remodelação ou refusão (*refonte*) a que nos referimos. Por mais graves que tenham sido seus erros e suas ilusões, o socialismo foi, no século XIX, um protesto da consciência humana e de seus mais generosos instintos, contra-fiaes que clamavam aos céus. Grande foi a obra que instituiu o processo da civilização capitalista... (55).

E mais adiante, estas linhas de ouro para o candidato ao *doctorat-ès-lettres* que quisesse compor uma antologia de louvores do socialismo:

O socialismo conduziu uma áspera e difícil luta em que se gastaram inúmeras generosidades da mais comovente qualidade humana, a dedicação pelos pobres. Ele amou os pobres (56).

Intencionalmente manteve a índole francesa da última frase, "il a aimé les pauvres", por achar que nenhuma outra tradução ficaria fiel ao vigor com que foi posto o acento enfático do tópico nesta frase que só não encontrará simpatia nos corações empedernidos. Ou nas inteligências católicas formadas e informadas a respeito da "intrínseca perversidade" e impostura do socialismo — a maior talvez de toda a História. Já vimos no capítulo III o que Ozanam, o verdadeiro e santo amigo dos pobres, diz do socialismo em 1848, com maravilhosa lucidez. Já sabemos o que de tal perversidade e impostura disseram os papas e dizia Pio XI, gloriosamente reinante nos idos de 36 — e durante toda a luta da Espanha.

A comparação desses dois textos de Maritain, um de 33 e outro de 36, mostra uma evidente mudança, uma rotação de 180° na sua atitude em face dos desconcertos do mundo. O filósofo, que via com tão cortante nitidez a intrínseca malignidade do "humanismo" produzido pela geminada contestação RR, Reforma-Renasença, e que dessa fonte via nascer e alargar-se o mal do século, e que no socialismo via mais uma exploração das injustiças do que um serviço de justiça, tem agora sua sensibilidade deslocada e concentrada no que chama "civilização capitalista", e daí, seguindo o pendor das esquerdas, passa a dizer do socialismo, em *Humanisme Integral*, o contrário do que disse em *Du Regime Temporel*, três anos antes.

1936-1937 — *La France en état de bêtise*

Enquanto os *rojos* na Espanha cumprem minuciosamente a profecia de Donoso Cortês, a *gaúche* na França se esforça por fazer mais do que profetizar Péguy: "Nunca se dirá bastante a covardia que

nossos franceses praticaram com medo de não parecerem bastante à esquerda". Mas, como todos os grandes rebaixamentos são sempre precedidos por um processo de estupificação, e nisto a *gaúche catholique* não foge à regra, devemos começar por um bosquejo, simplificado embora, dessa etapa preparatória do "*état de bassesse*". Estamos em maio de 36, com Jacques Bainville enterrado e Léon Blum já refeito dos tapas e arranhões grandiosamente explorados. E aqui começa uma época da vida da França que nos será transmitida por uma voz límpida e jovial que nos dirá o que viu, o que penetrou, o que adivinhou o mais jovial e límpido olhar desse tempo.

Quinze ou vinte meses, a partir de maio de 1936, certissimamente têm lugar de destaque entre as épocas mais loucas vividas pela França. E também entre as mais nocivas, cujas consequências ainda não esgotamos tanto no interior como no exterior. E também entre as mais burlescas. Jamais em tempo algum a bobice, o pedantismo, a empáfia, a pretensão e a mediocridade triunfante foram tão esplêndidos. Tão magníficos. O tempo voa e ninguém se lembrou de descrever completamente essas semanas extravagantes. Os traços que alguns narradores conseguiram fixar provocarão mais tarde nos historiadores sustos de estupefação, ataques de riso, ou acessos de profunda vergonha.

É preciso ler em *La Terreur Rose* de Alair Laubreaux a descrição dos congressos morrinhentos em que cada um se chama "*Monsieur le Président*"; é preciso ler as aventuras inacreditáveis que se sucediam: uma velha senhora processada por ter guardado em sua casa uma metralhadora alemã de 1914 trazida por seu filho morto na guerra, uma enfermeira deixando o doente morrer no hospital porque sua hora de trabalho terminara. É preciso juntar a isso a morte do menino de sete anos, Paul Gignoux, morto pelos meninos de Lyon porque ele trazia nos bolsos bilhetes para uma venda de caridade, e por conseguinte era um pequeno fascista. O odioso e o grotesco se misturavam a cada instante nessa história inimaginável de que todos nós fomos recentes testemunhas.

Greves por toda a parte. No Vaugirard, onde ainda morávamos, esbarrávamos com arrecadadores e arrecadadoras de contribuições e em pedintes de todas as espécies. As janelas estavam ostensivamente enfeitadas com bandeiras vermelhas com foice e martelo, ou com estrelas, e até, por condescendência, aqui e ali algum escudo tricolor. Em reação, no 14 de julho os patriotas espalharam bandeiras tricolores por toda a França por instigação do coronel La Roque. As usinas, periodicamente, eram ocupadas por piquetes de greve que mantinham presos os diretores, os engenheiros e os operários. A essa operação chamavam "*la greve sur le tas*"...

Primeiro-Ministro desde junho, M. Blum lamentava e chorava duas vezes por mês na rádio, e com voz lânguida prometia a pacificação e o contentamento de todos... (57)

Foi nessa incrível atmosfera de estupidez atarantada e amedrontada que surgiu uma onda de exaltação inútil e acéfala numa tentativa de afronta à onda de espantosa e morrinhenta mediocridade mar-

xista, numa inundação de primarismo, que já vencida a França sem batalha nenhuma. *Drôle cTépoquel* Enquanto Hitler se prepara ostensivamente para a ocupação da Áustria, Roger Salengro, ministro do interior do governo Blum, se suicida sem razão aparente, passando a nome de rua nos mesmos dias em que se davam a grupos escolares os nomes de Karl Marx e Lenine. "Por um mistério de estranho sadismo dava-se o ministério da Educação a um antimilitarista, antibelicista, celebrizado por textos injuriosos publicados sobre a bandeira nacional. Pierre Gaxotte assinala que nesse ano as grandes fábricas de calçado, para agradar ao que supunham ser *tout-le-monde*, lançaram um modelo para crianças, chamado "*bolshevik*". Eles tinham lido, ou tinham ouvido dizer, que o futuro passava pela Rússia.

Para as almas sentimentais e doces, Tino Rossi murmurava ao ouvido com voz terna, mole e confidencial:

*Dis-lui que le printemps
Ne dure qu'un instant...*

Enquanto as almas ainda dotadas de uma alegre ferocidade, já que não podiam combater, exultavam com o hino de catástrofes nacionais e repetiam em todos os tons:

Tout va très bien, madame la marquise. ...

E nesta atmosfera de derrota, de desarmamento doutrinado pela *gaúche catholique*, encorajado pelos judeus, capitalizado pelos comunistas, nesta prévia de junho-1940, não apareceu ninguém, nenhum De-Gaulle-Qualquer que se levantasse da cadeira, que pigarreasse no rádio e que dissesse com seus marciais botões: "É preciso acabar essa desordem; passemos à segunda substância...".

Não apareceu. Não podia aparecer porque a França "intellectuelle" em cima dos mais altos e imaginários coturnos da História apontava a Espanha à execução universal pelo crime de lesa-história: o crime de ter preferido o banho de sangue à piscina de merda.

Aparecerá mais tarde, com irrecuperável atraso, um De-Gaulle-Qualquer, mais Qualquer do que De-Gaulle, para receber Paris numa bandeja, das mãos dos norte-americanos, para agradecer o presente aos russos por intermédio dos bons ofícios do Sr. Bidault, e final-

mente para se convencer e nos convencer, durante um quarto de século, de que foi ele mesmo o Libertador de Paris.

Só posso encerrar este tópico lamentável com um pensamento para Bainville: — *Pauvres gens. ...*

Fim de 1936, na Espanha o Alcazar resiste

Nesse fim de ano o mundo inteiro, estupefato, acompanhou a resistência do Alcazar de Toledo, que mais parecia uma dessas histórias contadas nos livros de estampas e lendas que o bravo mundo moderno ainda nos seus vagares gosta de ler com admiração e nostálgica incredulidade. . . E eis que surge, em pleno século XX, uma história de honra e heroísmo onde o que parece incôngruo são os episódios em que se entrevê um telefone, um avião, um automóvel e mais alguma das gloriosas conquistas do século em chocante anacronismo com a incendiada e bombardeada apoteose que ainda há de durar algum tempo, ao menos como eco de um nome: Alcazar de Toledo.

Essa fortaleza de guerra foi tomada nos primeiros meses pelos sublevados com cerca de mil combatentes e mais outros mil entre mulheres, crianças e velhos. O primeiro contra-ataque do governo republicano, quando soube da tomada da praça pelos sublevados, foi um telefonema ao coronel José Moscardo Ituarte, chefe nacionalista da guarnição. Quando o coronel Moscardo se encerrou no comando do Alcazar, foi tamanha a confusão que não logrou reunir sua mulher e seus filhos. Dona Maria se refugiou em casa do tenente-coronel Tuero, mas em 22 de julho sua presença foi descoberta. Conseguiu fugir com o pequeno Carmelo, mas Luís, de 17 anos, foi preso.

No dia seguinte o chefe dos milicianos toledanos chamou por telefone o coronel Moscardo, chefe da guarnição do Alcazar; e anunciou-lhe que seu filho Luís fora preso na antevéspera:

— Le damos diez minutos para capitular — dijo — en otro caso le fusilaremos.

— Usted nos es soldado, ni caballero. Si usted lo fuese, sabria que el honor de un militar no cede ante la amenaza.

— Usted me responde asi porque no cree em mi amenaza. Pêro hable con su hijo. j Aqui Moscardo!

— Oiga, i papá?

- ¡Que hay, hijo mio?
- Nada de particular, papá. Dicen que me van a fusilar si no te rindes. ¡Que debo hacer?
- Tu sabes lo que pienso. Si es cierto que te van fusilar, encomienda tu alma a Dios, ten un pensamiento para Espana y outro hacia Cristo Rey.
- Es muy fácil, papá. Haré las dos cosas . . . Un beso muy fuerte, papá.
- Adios, hijo mio. Un beso muy fuerte.

No dia 12 de agosto, dona Maria e Carmelo foram presos e reuniram-se com Luís. No dia 14 vieram buscar Luís. Todos sabiam para quê. Carmelo se pôs a gritar que queria ir com seu irmão. Luís abraçou sua mãe e instantes depois caía com as balas marxistas. Quem nos conta essa história está fadado a cair nove anos depois. .. (58).

O Alcazar resistiu 70 dias a um assédio fantástico, durante o qual choveram 3300 obuses de 155, 3000 de 105, 3500 de 75. Num só dia 450 bombas de 50 quilos foram lançadas de avião. Mil e novecentos sitiados viveram dias espantosos debaixo de ruínas fumegantes. Morreram 82. Nasceram dois! No dia 28 de setembro, depois da entrega do forte em ruínas e da promoção do coronel Moscardo, e da cerimónia religiosa em ação de graças, o novo general Moscardo passou sombrio e curvado entre aclamações: certamente lembrava-se de Luís e deu a entender que muito lhe pesava entregar à Espanha a fortaleza em tal estado.

Essa era também a opinião dos "rojos" que em Madri, num tribunal simbólico, condenaram à morte José Moscardo Ituarte por crime de rebelião, "desumanidade e perversão de instintos", e não se esqueceram de aplicar-lhe a multa de um milhão de pesetas por haver deteriorado um edifício do Estado.

1937, Roma: "*Divini Redemptoris*"

Em 19 de março de 1937, Pio XI, gravemente enfermo, sentindo aproximar-se o fim de seu pontificado, dirige-se agora não apenas a alguns exilados espanhóis, mas à Igreja universal, para ensinar solenemente, severamente, todo o horror da Igreja pela doutrina ímpia, monstruosa, inumana e por sua inseparável prática evidenciada no martírio da Espanha.

Divini Redemptoris é a encíclica que coloca em termos inequívocos e definitivos a condenação do comunismo. Começa Pio XI por lembrar os ensinamentos de Pio IX e Leão XIII, lembra depois a sua alocução de 1924, quando a missão de socorro voltava de Moscou (45). Menciona depois as encíclicas *Miserentissimus Redemptor* (46), *Quadragésimo Anno* (47), *Caritate Christe* (48), *Acerba nimis* (49), *Dilectissima nobis* (50), nas quais insistentemente denuncia as perseguições comunistas na Rússia, no México e na Espanha. Apesar de tantas condenações convergentes, a nova e última encíclica de Pio XI volta a condenar o comunismo e a denunciar os horrores da perseguição religiosa na Espanha. No tópico (8) denuncia "a ideia de falsa redenção"; em (9), o materialismo marxista e a doutrina da luta de classes; em (10) analisa as consequências do comunismo na vida da família; em (11) descreve a "sociedade sem Deus" desejada pelos comunistas; em (15) "a crueza repugnante e desumana dos princípios e métodos" de seus adeptos; em (16) assinala "a propaganda astuta e vastíssima, verdadeiramente diabólica"; em (17) mostra "que o liberalismo preparou o comunismo"; em (18) "a conspiração de silêncio da imprensa"; em (19) as perseguições na Rússia e no México; em (20) demora-se no que acontece em nossa queridíssima Espanha, onde o furor comunista não se limitou a matar bispos e milhares de sacerdotes, religiosos e religiosas. . .", e onde "se leva a cabo a destruição com um ódio, uma barbárie, e uma ferocidade que não se julgara possível em nosso século"; em (23) aponta o terrorismo metodicamente usado; em (25) até (34) resume as vantagens e a beleza da doutrina social católica, ensinada pela Igreja; em (44) a (46) lembra que só a espiritualidade cristã e o desapego aos bens terrestres podem inspirar uma civilização; em (52) a (56) recorda os ensinamentos da *Quadragésimo Anno* e recomenda mais uma vez o uso e a aplicação da doutrina social da Igreja; em (57) volta a prevenir os católicos contra as insídias do comunismo e contra sua técnica de infiltração; em (58) diz aos católicos, solenemente, que não se deixem enganar:

"O COMUNISMO É INTRINSECAMENTE PERVERSO", e por isso

"NÃO SE PODE ADMITIR QUE COLABOREM COM ELE EM NENHUM TERRENO TODOS OS QUE DESEJAM SALVAR a CIVILIZAÇÃO CRISTÃ".

E daí em diante recomenda a oração, incentiva a Ação Católica e o conagraçamento dos católicos. Concluindo, coloca a ação da Igreja

Católica contra o comunismo sob a égide de São José, poderoso protetor da Igreja.

1937, em França, a esquerda católica evolui

Pouco antes do pronunciamento solene de Pio XI a *gaúche ca-tholique* é cada vez mais *gaúche* e menos *catholique*. Dir-se-ia até que a guerra de Espanha, por estranha contradição, mais servia para afervorar as esquerdas católicas na direção do comunismo do que para armar os espíritos como espera em vão Pio XI. Para Emmanuel Mounier, por exemplo, um novo dogma se acrescenta aos clássicos em seu neocatólicismo: "Na Espanha a guerra de classes domina todos os outros aspectos da luta". Na revista *Sept*, com o título *Les Catholiques dans la Cite*, o R.P. Henri du Passage S.S. convida o sr. Léon Blum a se pronunciar sobre a "nova ordem" para a qual a França trabalha. E na *Vie Intellectuelle* de 25 de fevereiro de 37, Etienne Borne é mais desenvolto:

Novas doutrinas sociais, muito justamente celebradas e gabadas, não passam ainda de princípios insubstituíveis, mas técnicos, ora, nós que-remos refazer uma nova cristandade e ainda não possuímos, segundo a expressão de Jacques Maritain, "um ideal histórico e concreto" a oferecer às pessoas de boa vontade que pretendemos congraçar. O marxismo tem a vantagem prática de ser essencialmente uma filosofia da História que ao menos apresenta, ao espírito e à disposição de trabalhar, uma imagem do futuro. Cada dia mais parecemos aquele mágico que possui o elixir da felicidade, sempre gabado mas nunca experimentado, e os homens andam tristes em torno dele...!

Vejo em *Carnet de Notes*, de Maritain (65), que esse imbecil começou a frequentar Meudon em 1932, junto com Mounier, e em vão procurou alguma declaração em que Maritain repita a grotesca distorção que Etienne Borne faz de seu pensamento. Em primeiro lugar, Maritain propõe em *Humanismo Integral* um ideal que ele supõe praticável. Em segundo lugar, Maritain diz nitidamente que o pior do comunismo não é o seu terrorismo, é justamente o seu ideal. Em terceiro lugar, não é admissível que um francês, frequentador de Meudon, e habitante de Paris, finja ignorar que seu elixir da felicidade já provocou as maiores hecatombes da História. O que é particularmente penoso, em tudo isto, é a evidência das "más companhias" em que passou a andar, desde 1932, o ingênuo grande filósofo tomista que nesta altura dos acontecimentos já tem 55 anos de idade.

A *Divini Redemptoris* não foi ouvida em Paris. Os intelectuais passaram uma ou duas semanas falando de vários assuntos. Bidault fez uma referência em *L'Aube*, dizendo que Pio XI mais uma vez denunciava as injustiças sociais do regime capitalista.

Mais interessante é a reação de Gaston Fessard s.j. em *Études* (1): nesse tempo o autor de *De l'actualité historique* ainda não chegara ao grau de liberação que se observa no notável estudo publicado por Desclée de Brouwer em 1960. Usando uma inteligentíssima dialética hegeliana, o jovem Gaston Fessard de 1937 reconhece que, embora permanecendo proibida a colaboração *com o comunismo*, recomendavam-se entendimentos e aproximações *com os comunistas*. "O primeiro e urgente dever do católico é o de não ficar isolado, é o de entrar na Ação Católica recomendada por Pio XI (...). Mas, se as exigências da luta querem que, em tais ou quais circunstâncias, as associações operárias e patronais se entendam com os comunistas, para promover as reformas exigidas pelo espírito cristão e pela doutrina da Igreja, então o católico não deverá temer a colaboração com os comunistas..."

O leitor que sabe, ao menos rudimentarmente, o que é um comunista, como hoje no Brasil qualquer criança sabe, poderá tirar um fugaz divertimento diante das contorções a que se presta o sábio jesuíta para se inculcar a si mesmo, e depois aos outros, a ideia infinitamente vomitada de que os comunistas estão interessados pelas "reformas exigidas pelo espírito cristão", ou esta outra não menos dejectada de que os cristãos devem-se interessar pelas reformas cobichadas pelo espírito comunista.

Gostaria de me regalar com toda essa enorme patuscada intelectual se não houvesse em torno do caso tanto sangue a me tirar o gosto de rir. Mas não me tirou toda a capacidade de me espantar. Permita-me o leitor certa insistência nesta tecla do espanto. É convidado a me fazer companhia nesse estado de espírito que Machado de Assis chama de "consciência boquiaberta". Espantemo-nos.

Estamos no trágico e grotesco ano de 37. As frentes populares, em espanhol ou em francês, proporcionam ao mundo suas diversas pantomimas, e o Papa Pio XI, aflito, acaba de publicar a mais importante encíclica de seu pontificado. E o que acontece em Paris? Ela é ouvida às avessas, ou não é ouvida. O "intelectual" francês, parodiando e invertendo Oscar Wilde — *et honny soit qui mal y pense* — poderá gabar-se fartamente da "*advantage of being intellectual*", vantagem que o coloca acima e além das evidências vulgares. Com a publicação da *Divini Redemptoris* em março, e com o reconhecimento do governo de Vargas, e envio de um Núncio Apostólico em agosto, ninguém pode ignorar que o Papa Pio XI fe-

chou todos os lados da questão. Doutrinariamente, o comunismo marxista é mais uma vez condenado e é apontado como "intrinsecamente perverso"; pastoralmente, está proibida qualquer colaboração com os comunistas, e está claramente indicada pela Igreja sua posição tomada no caso de Espanha, por motivos religiosos e morais que transcendem as preferências de regimes aceitáveis pela lei natural, e consequentemente está contra-indicada a neutralidade e por mais forte razão a oposição declarada aos *brancos*.

Ora, em setembro de 1937, Maritain registra no seu diário estas notas que parecem provar o fenômeno a que atrás aludi; a voz de Pio XI não chega a Paris. Eis a nota:

O Pe. Garrigou está indisposto contra mim... o Pe. Garrigou queria impedir-me de falar de filosofia da História e de julgar os acontecimentos e de agir «sobre os jovens nessa ordem de coisas. (Ele não é o único, em Roma, a se apavorar do "Maritain político". Metafísica, só metafísica! Mas ele mesmo não hesita em se pronunciar a favor de Franco e a aprovar a Guerra Civil na Espanha.) (e⁶)

Perdão! Quem não hesitou em se pronunciar a favor de Franco e a aprovar a Guerra Civil, e a abençoar os que aceitaram o penoso encargo, não é o Pe. Garrigou-Lagrange, é o Papa Pio XI gloriosamente reinante nessa data, mas tornado invisível e inaudível para os intelectuais que tiveram tão pronta acuidade para ouvir e entender o decreto de interdição da *Action Française*. Curiosa obstrução! E para mais nos intrigar, o autor de *Carnet de Notes* intercalou nas páginas 231 e 238 uma explicação atualizada, isto é, datada de 1965. Ei-la:

[O Pe. Garrigou era um homem de direita. Sofrera muito durante a crise da *Action Française*, em espírito de obediência à Igreja, e sem nada me censurar; mas minhas posições sobre a guerra de Espanha eram decididamente demais para ele, como mais tarde minhas posições sobre o regime de Vichy. Transcrevo minhas notas de 1937 sem nada atenuar...]

Maritain termina esta nota entre colchetes com uma declaração de amor e gratidão por Garrigou-Lagrange dizendo que reza por ele e para ele com os santos do céu. O que, porém, agora nos interessa é o fenômeno que chamaríamos eclipse total de um Papa. O filósofo, em 1965, volta exatamente ao mesmo tom de 1937. Fala em "minhas posições sobre a guerra de Espanha", admitindo que sejam de difícil acesso ao Pe. Garrigou-Lagrange, seu amado mestre. "Mais mes positions sur la guerre d'Espagne étaient décidément trop pour lui..".

Todos nós sabemos que Maritain é e sempre foi um nobre espírito incapaz de dizer que *sabe*, que *vê*, que *compreende* uma coisa

que é decididamente *trop* para o Pe. Garrigou-Lagrange. Sabemos também que Maritain sempre quis viver e sentir com a Igreja." Como diacho se explicam então as duas páginas de 37 e a nota de 65?

Se o leitor quiser voltar ao capítulo II desta obra talvez encontre a explicação. Poupe-lhe o trabalho e a eventual humilhação de não encontrar logo o truque, o macete, o *jeito* de entender o que parecia incompreensível.

Tudo está na primeira proposição da nota entre colchetes: "*Le Père Garrigou était un homme de droite*". O leitor observará que a frase tem no contexto o lugar principal das proposições que cobrem todas as outras com seu benéfico clarão. A frase está ali para nos explicar clara e cabalmente tudo o mais: a impossibilidade de o Pe. Garrigou entender as posições de Maritain em razão de uma congênita deficiência glandular; e também a inutilidade de fazer qualquer referência ao Papa, a inutilidade de ouvi-lo, porque, ao que tudo parece indicar, também o Papa seria "*un homme de droite*", e cada vez ficam mais claras a posição que o Papa tomou, e a encíclica que escreveu. Mas então. . . E bruscamente, como se um fuzível tivesse queimado, o que era claríssimo se torna impenetrável obscuridade, porque então, das duas uma, ou somente são bloqueados os "de direita" ou também os "de esquerda" têm a sua zona de cegueira. E então poderíamos atribuir ao falecido teólogo dominicano uma explicação datada de 1964 e nestes termos: "*Jacques est (ou était en 1937) un homme de gauche*" e por isso minhas posições na guerra da Espanha (concordantes com as do Papa por uma feliz coincidência) *étaient décidément trop pour lui*.

Não estou gracejando, nem admitiria que ninguém tentasse explicar-me as posições de Maritain entre 1932 e 1939 pelo fato de ser ele "*un homme de gauche*". Acho simplesmente que essas frases não têm sentido nenhum; e se tivessem, então nada mais teria sentido porque cada coisa que eu disser ou que me disserem ficará na dependência desse perspectivismo. E aqui está a meu ver a explicação dos dramáticos equívocos que levaram Maritain a tais posições e a tais explicações. Não reside ela (a minha explicação) no fato de Jacques ser *homme de gauche* e Garrigou *homme de droite*, mas no fato de Maritain se ter deixado envolver pelo jogo esquerda-direita que foi inventado e projetado no firmamento do século precisamente para produzir essa rede de equívocos. Já pela estrutura lógica de nosso pensamento, que pede uma tríade, vê-se que o binário produz uma mutilação, sendo mais próprio para mover um computador do que para proporcionar o discurso lógico em passos estruturalmente silogísticos.

Passando da especulação onde se move genialmente, para o plano das contingências que de certo modo nos desafiam sempre para o *sim* ou *não*, Maritain aceitou o jogo que estava no ar de nossa civilização com um enorme potencial de paixões e foi vítima da vertigem, da ofuscação e de todo um jogo de censuras psicológicas.

De outro modo ficam tenebrosamente impenetráveis as razões de tantos equívocos e de tão esqueléticas explicações. Não vê o leitor que com aquela simples frase "*le Père était un homme de droite*" eu lanço em duas caixas de sorte D e E todas as encíclicas de todos os Papas e a Igreja naufraga numa tempestade de relativismo abismal?

E aqui tocamos um problema curioso e doloroso, o da comunicação entre os níveis da sabedoria. Sim, as grandes tragédias da condição humana não vêm de nossa incapacidade de resolver os grandes e difíceis problemas; vêm mais depressa de nossa pungente e humilhante incapacidade de passar, sem tropeços e quedas ridículas, das altas especulações para o nível das ideias simples que pedem à inteligência uma proporcionada simplicidade de abordagem. Daí a necessidade do exercício não somente no trapézio e nas argolas da acrobacia, mas no andar comum pelos caminhos ordinários, onde sempre há algum buraco ou alguma pedra de tropeço.

Deixemos todos esses problemas para os analisadores das complicações do homem e prossigamos nossa viagem pelo século.

1937: um homem em Paris ouve o Papa

Disse eu atrás que a voz do Papa, a julgar pelo que líamos nas revistas católicas francesas do ano de 1937, não chegara a Paris. E ninguém a ouvia. Enganei-me: um homem ouviu o Papa, e ouviu exatamente o que o Papa quis dizer e entendeu precisamente as razões, as intenções e todas as inflexões da encíclica escrita com as reservas de energia e de saúde.

Que homem? Quem foi esse homem que de Paris ouviu Pio XI?

Foi um surdo; foi um prisioneiro de Estado. Foi um castigado pelo Papa, um apontado como pagão, como ateu, como nocivo aos interesses da Igreja e da Pátria. Nós já lemos atrás a carta que o Papa escreveu a Charles Maurras e a carta que Charles Maurras escreveu a Pio XI no dia 10 de maio, na prisão de La Santé, para enviar sua respeitosa saudação pelo aniversário natalício de que tivera notícia pelas freiras de Lisieux. Eis o que de início dizia a carta de Maurras:

Eu não saberia jamais exprimir a Vossa Santidade toda a entusiástica admiração com que acompanho o assalto que Vossa Santidade dá às forças do mal. Esta bela cruzada contra o comunismo abre e se

desdobra como um arco-íris no céu do mundo, e a alta bênção de Vossa Santidade para as forças da ordem e da paz causa já um sensível desconcerto no campo dos espíritos que massacram, incendeiam e matam...

Ainda em 1937, na Espanha, os bascos. . .

A queda de Bilbao já viera aquecer a controvérsia em torno da significação religiosa da guerra civil, quando, num domingo de maio de 37, tudo se complicou com o bombardeio de Guernica, a cidade sagrada dos bascos. Foi um feito brutal, atroz, como todos os bombardeios de cidades pacíficas onde as crianças brincam, as mulheres se azafamam e os velhos passeiam devagar nos jardins públicos. Brevemente (ainda estamos em 37) a humanidade sensível e delicada que tanto se emocionou com a destruição de Guernica fartar-se-á de bombardeios mais sensacionais e acabará perdendo a delicada sensibilidade. Guernica e Adis-Abeba depressa serão esquecidas. Em 39, teremos o inopinado e imbecil bombardeio de Helsinque, a mais cândida e inocente das cidades abertas, e o mais cruel e inútil bombardeio. Um avião abatido pelos finlandeses revelou uma inovação da técnica soviética: o piloto era uma mulher. Daí por diante o mundo se fartará.

Demain c'est Londres qui s'allume la nuit comme un flambeaul

E depois de amanhã será Bremen, Dusseldorf, Colónia, Berlim . . . E depois de depois de amanhã um estranho clarão nascido de um cogumelo medonho deixará escuro o sol do dia: Hiroshima e Nagasaki, cidades abertíssimas, bombardeadíssimas não apenas pela combustão elementar do fogo, do velho irmão fogo, milenar amigo do homem, mas por um "fogo novo" que despertou o entusiasmo de Teilhard de Chardin ("la flamme a jailli!"), e que também despertou nas entranhas soviéticas uma nova atitude, uma nova energia espiritual que durante anos e anos abastecerá gerações inteiras de canalhas: dois dias depois, a U.R.S.S. corajosamente declarou guerra ao Japão.

Mas voltamos à Espanha de 37. Guernica foi bombardeada, o nervo basco foi tocado com crueldade, e só ficou de pé na cidade destruída o carvalho secular. Sim, repisemos: na tarde de 26 de abril de 1937, quando a cidade tranquilamente se movia em torno da feira, subitamente surgem os aviões alemães: Heinkels III e Junkers 52 despejaram 1000 libras de bombas incendiárias. Houve 1654 mortos e 889 feridos (67). O aviador alemão Adolf Galand, que depois se alistou na *Condor Legion*, admitiu que os alemães eram responsáveis pelo bombardeio (68). Em 1946, Goering confirmou que Guernica fora um *test* da aviação alemã.

1937: Guernica

No dia seguinte o mundo inteiro acusava os nacionalistas espanhóis, e especialmente o General Franco, do criminoso, desumano, inacreditável bombardeio de uma cidade aberta que, para agravo da atrocidade, era a tradicional cidade sagrada do povo basco. Curiosa rapidez da imprensa mundial de cujo silêncio sobre os horrores comunistas se queixava Pio XI na *Divini Redemptoris*. Mais notável ainda é a reação dos intelectuais católicos da esquerda francesa. Surgiu logo o manifesto Pro-Basco, onde se destacavam as seguintes assinaturas:

François Mauriac
Jacques Maritain
Georges Bidault
Claude Bourget
Maurice Merleau Ponty

É preciso lembrar que nunca se ouviu falar de algum manifesto de intelectuais por ocasião do outubro vermelho de 34 nas Astúrias, quando foram direta e cruelmente assassinados 34 sacerdotes pelo simples e específico fato de serem "curas" e incendiadas 58 igrejas, sem falar no fuzilamento dos religiosos das Escolas Cristãs de Turon e dos seminários de São Lázaro e Oviedo. Também não houve manifesto de intelectuais sobre o que fizeram "los rojos" de fevereiro a abril de 36, e portanto antes do estado de guerra. Os intelectuais de *Vendredi*, naquele tempo, estavam ocupados em enviar açúcar e artigos sanitários para os violadores de freiras e para os assassinos de padres. Mas tudo isto se enquadra na nova lógica simbólica do jogo esquerda-direita. Manifesto intelectual contra as esquerdas é uma espécie de "contramão" no curso das ideias, ou de "círculo quadrado".

Na lógica e na moral clássica a mim me parece claro como água que os distraídos de 34 e 36 perderam o direito de dizer uma só frase sobre o sofrimento da Espanha, sobretudo agora quando a Igreja, por todas as vozes autorizadas, faz eco à *Divini Redemptoris*, e até do Arcebispo de Westminster chegavam palavras descrevendo a luta espanhola como "*a furious battle between Christian civilization and the most cruel Paganism that has ever darkened the world*" (69).

Nesta altura do ano o *Osservatore Romano* publica a notícia de 16 500 freiras, bispos e padres assassinados pelo terrorismo vermelho, que ultrapassa em ferocidade as experiências anteriores na Rússia e no México.

Em 1º de julho de 37, por iniciativa do Cardeal Goma, primaz de Espanha, foi dirigida ao mundo inteiro a Carta Coletiva do Episcopado Espanhol; e todo o mundo católico respondeu ao grito da Igreja de Espanha com a mesma unânime simpatia sobrenatural. Desde os bispos das ilhas Filipinas até o Cardeal-Arcebispo de Paris, o mundo católico inteiro formulou o mesmo desejo e deu os mesmos títulos de grandeza e justiça para a causa dos espanhóis que lutavam ao lado do general Franco pela libertação de Espanha. O grito de "Arriba Espanha!" deu a volta ao mundo.

Vale a pena realçar a resposta comovida dada pelo Cardeal Verdier, Arcebispo de Paris (70):

... "Que serviço prestais a todas as nações do inundo, mostrando-lhes, à luz dos fatos, a que extremidades conduzem o ateísmo prático, a degradação dos costumes, o desprestígio da autoridade e a convivência dos governos com todas essas doutrinas de destruição e de morte. A lição que nos dais, Eminência, é extraordinariamente oportuna, porque à luz de tão sangrento espetáculo podemos melhor apreciar os perigos que nos ameaçam e vemos com mais clareza qual deve ser nossa vigilância e nossa ação. Vemos com evidência que a luta titânica e sangrenta que se desenrola na Espanha católica é realmente uma luta entre a civilização cristã e a pretendida civilização do ateísmo soviético. E é isto que dá a esta guerra uma grandeza emocionante... (Ass.) Jean, Cardeal Verdier, Arcebispo de Paris, 7 de setembro de 1937.

1937, 1º de julho: pronunciamento dos "intelectuais" da esquerda católica francesa

No mesmo dia 19 de julho, em que o Episcopado Espanhol dirigia ao mundo católico a carta coletiva que pelo mundo inteiro seria respondida, a *Nouvelle Revue Française* publicava um artigo de Jacques Maritain no qual o autor dizia que "aqueles que matavam os pobres, o povo de Cristo, em nome da Religião, eram tão culpados como os que matavam os padres por ódio à Religião".

E aqui é impossível evitar uma confrontação. De um lado, temos um Papa com três encíclicas e várias alocações, e todos os bispos do mundo, numa espécie de Concílio Ecumênico epistolar, e numa unanimidade nunca vista, e de outro lado, no mundo católico, um punhado de intelectuais que toma posições e faz declarações curiosamente autônomas e alheadas ao que diz e faz toda a Hierarquia da Igreja Católica.

A segunda confrontação que faço é a seguinte: de um lado, o Papa e mais de 1000 Bispos falam insistentemente e sistematicamente nas motivações antecedentes, no monstruoso acúmulo de crimes

que conduzia imperativamente a um levante não somente restaurador da ordem e da justiça na Espanha como também punidor dos crimes praticados; e de outro lado o punhado de intelectuais insistentemente e sistematicamente esquece e despreza os mártires e as freiras violadas para apresentar a guerra civil como uma luta política começada em julho de 36 simplesmente para derrubar uma facção e colocar outra adversa e odiosamente mascarada de guerra justa ou santa.

A terceira confrontação que se impõe é a seguinte: de um lado, temos uma espantosa coleção de crueldades nitidamente marcadas pela intenção que as especifica: os padres eram mortos a marteladas pela simples e específica razão de serem padres, as igrejas eram incendiadas por serem igrejas; de outro lado, temos brutalidades de guerra, inevitáveis se a guerra se tornou inevitável. Se uma guerra só é justa quando seus dirigentes puderem ter a certeza de poder evitar qualquer excesso, qualquer crueldade acidental, então voltamos ao quadro caricato de uma guerra com espingardas de rolha, baionetas de papelão e bombas de creme. Só essa será justa. E então concluiremos que um cristão é um homem que jamais deve combater em defesa dos valores cristãos. E quanto mais cristã for a razão de sua guerra, mais odiosa e menos justa será essa guerra. Curiosa doutrina? Curioso pacifismo que contradiz toda a civilização cristã e que troca as cores violentas dos vitrais de nossa História por um cinzento budismo ou quietismo de qualquer inspiração sem sangue!

Fazemos ainda uma confrontação: a de todos os feitos já soberbamente conhecidos, a do terror de Madri, a dos curas esquartejados etc. etc. e a do bombardeio de Guernica. E somos forçados a reconhecer uma coisa: em 1937, o quadro de Picasso, *Guernica*, exposto em Paris e hoje no Museu de Arte Moderna de Nova York, teve mais sucesso, produziu maior *efeito* do que toda a Hierarquia católica em coro, chefiada pelo Papa. E os "intelectuais" assumiram a triste tarefa de inculcar no mundo uma ideia prodigiosamente estúpida: a de ter sido intencionada, desejada como tal, a destruição de Guernica. Todos nós sabemos que Guernica foi uma estupidez especialmente cruel por sua irrelevância como feito de guerra. Sabemos hoje que uma real responsabilidade recai sobre o estado-maior alemão, que aprovou a *experiência* do bombardeio. E por aí se vê que a valorização dada a esse incidente e a responsabilidade atribuída aos brancos só se explicam por uma absoluto e incondicional desejo de ver os brancos derrotados e os vermelhos finalmente vitoriosos numa Espanha definitivamente varrida de cruzados, militantes e combatentes em nome de Cristo Rei. Na perspectiva em que hoje vejo todas as devastações produzidas ou provocadas pela ferocidade das ideologias totalitárias, não posso evitar um sentimento de pungente repugnância quando penso no grupo de tolos enleados pelos mani-

festos das esquerdas a propósito da infortunada Guernica. E mais ridículo fica o protesto dos "intelectuais" quando hoje sabemos que nas próprias províncias bascas, cujo catolicismo era atirado em face dos *brancos* pelos companheiros de Merleau Ponty, desencadeou-se Uma perseguição religiosa que atingiu 278 padres, 125 religiosos, dos quais 22 jesuítas, que sofreram privações, torturas, prisão e morte (71).

Tem-se a impressão, não ousou dizer a divertida impressão de que os comunistas sabem que nada lhes tirará a privilegiada posição de simpatia dos "intelectuais" definitivamente condicionados pelo binário esquerda-direita. Mas é melhor procurarmos saber o que diz o Papa, e a atenção que deu o Vaticano ao episódio de Guernica.

Roma: os enviados bascos e o Cardeal Pacelli

Logo após o bombardeio de Guernica, vinte padres bascos, testemunhas visuais, escreveram uma carta ao Papa e dois padres bascos foram enviados a Roma com uma cópia da carta, e lá chegados, por intermédio de Dom Mugica, Bispo de Vitória, exilado, solicitaram a Mons. Pizzardo, Subsecretário de Estado do Vaticano, uma audiência do Papa. Pizzardo respondeu-lhes que o Papa achava a audiência desnecessária, uma vez que já recebera a carta. Dom Mugica escreve ao Cardeal Pacelli comunicando a chegada dos dois padres, mas durante muitos dias não teve resposta. Um dia, chegou um mensageiro ao Vaticano, onde estavam hospedados os dois padres, no momento em que eles tomavam a refeição da manhã. Sem tempo de terminá-la, correram à presença do Cardeal Pacelli, cujo secretário desde logo os advertiu de que seriam recebidos se nada falassem do assunto nem mencionassem a razão da presença deles em Roma! O Cardeal Pacelli recebeu-os de pé, e quando eles falaram na carta dirigida ao Papa, friamente lhes respondeu: "A Igreja está sendo perseguida em Barcelona", e indicou-lhes a porta de saída (72).

Este episódio, que as esquerdas explorariam para provar a subserviência da Igreja às "classes dominantes" que desejavam esmagar o mundo novo que nascia na Espanha, prova simplesmente que em Roma já transbordava a taça de amargura. Para efeito de desenvolvimento lógico podemos admitir que, além do Papa, e dos Bispos do mundo inteiro, também a Secretaria de Estado do Vaticano e o futuro Papa Pio XII se enganavam sobre a Guerra Civil de Espanha, e que só estavam certos François Mauriac, Emmanuel Mounier, Jacques Maritain, Merleau Ponty e os dominicanos de *Sept.*

Paris, agosto 1937: a revista Sept dos padres dominicanos morre de gripe espanhola

Em 27 de agosto de 1937, o editorial da revista *Sept*, dos padres dominicanos, começava com este dobre de finados: "Este número é o último que publicamos..." Em seguida o editorialista, depois de frases reticentes relativas a campanhas, ataques, etc, aborda o *punctum dolens* porque calar-se seria covardia. E conclui "corajosamente" que, se se tornou impossível realizar o serviço de Cristo sem esbarrar em tais hostilidades, é melhor desaparecer.

Parece-me evidente a fraqueza de uma argumentação que parte da premissa de que será covardia calar-se, e chega à conclusão de que, diante das hostilidades, é melhor desaparecer!

Nos meios ditos bem informados murmura-se que a revista *Sept* atravessava sérias dificuldades financeiras, coisa que, em qualquer filosofia e religião, explica satisfatoriamente a morte de uma revista. O caso de *Sept* é um pouco mais complicado porque, em outros meios também dotados das melhores informações, circulou o boato de que as "dificuldades financeiras" tinham um caráter disciplinar que pertence a outro plano e não costuma misturar-se homogeneamente com as cifras económicas. Em palavras mais claras, ou cada vez mais tenebrosas: em fins de julho, o Rev. Pe. Gillet, Superior Geral dos Dominicanos, teria recebido do Vaticano um telegrama ordenando o fechamento do periódico. Correndo a Roma, e certificando-se da situação, o Pe. Gillet telegrafou imediatamente aos interessados em Paris: "*Arrêtez Sept raisons économiques*" (73).

Mais luminosa pareceu a todo o mundo a explicação dada pela *Revue Catholique des Idées et des Faits* (Bruxelas, 24 de setembro de 1937): "*Sept* morreu de gripe espanhola".

Na verdade, a revista *Sept* poderia apresentar em sua certidão de óbito este verso de Anthero de Quental:

"Que sempre o pior mal é ter nascido"

Porque, de fato, *Sept* morreu de uma congénita inviabilidade. Desde 1930 o próprio Papa sugerira ao R.P. Bernadot a criação de um hebdomadário que fosse, para o leitor comum, o que *Vie Intellectuelle* era para a elite. Tudo parece indicar que *Sept* teria nascido, na mente do Papa, como uma compensação para a lacuna criada pela interdição da A.F. Essa versão, segundo a qual *Sept* teria nascido para atuar no quadrante das direitas, e teria crescido nos joelhos do

Papa como Marc Sangnier dissera de *Le Sillon*, foi lançada por uma curiosa brochura publicada em fins de 37. Essa brochura, sem nome de autor, sem menção de editor, nem de impressor, tinha o título que parecia cochichado ao ouvido do leitor: "Por que foi suprimido o jornal *Sept*". Na primeira página lê-se que "os dirigentes do falecido hebdomadário nada têm a ver com esta publicação em que duas pessoas, que não se identificam, assumem toda a responsabilidade em troca da única satisfação de contar a história de suas esperanças e imensas tristezas." (60).

E, depois de contar o auspicioso nascimento, os dois "responsáveis" anônimos e de impossível identificação passavam a denunciar o Cardeal Pizzardo como autor principal do assassinato de *Sept* instigado pela campanha do general de Castelnau em *Echo de Paris*. Em resumo, *Sept* fora assassinado pelas direitas, restando agora apurar se foram as *direitas* que, repudiando seu filho, traíram o *direitismo*, ou se foi esse filho das *direitas* que repudiou sua genealogia. O fato é que a morte de *Sept* já não é aceita com a tranquilidade que exalava em seu último editorial, ou seu último suspiro. Agora tudo se agita para mostrar que houve conspiração, que houve intriga, que houve política vaticana, que houve envolvimento do Papa.

Nós sabemos que tudo isto pode acontecer, e que tudo isso aconteceu em 1926 para condenar a A.F.; mas o que importa agora notar é a infinita distância entre as vagas incriminações de tendências naturalistas, e de obras antigas de Maurras e portanto alheias à A.F. e até, se quiserem, entre a falta de submissão dos dirigentes da A.F. e a afrontosa política religiosa de *Sept*, como a de outros intelectuais franceses, em relação à política religiosa clara e reiteradamente adotada pelo Papa e pelos Bispos do mundo inteiro. Ao contrário da A.F., que foi bruscamente atacada e censurada pela Igreja, *Sept* teve a iniciativa e todo o vagar de atacar, criticar e combater a posição que a Igreja tomara na guerra espanhola. E agora, por mais que se movam os cardeais que querem afirmar e usar a autoridade da Igreja, todos sentem que essa autoridade agoniza, ou está longe de ser aquela mesma vigorosa autoridade que fazia a mesa tremer quando Pio XI dava socos e dizia: "Eu sou o Papa!"

Aliás, independentemente do enfraquecimento ou do desgaste de Roma, é preciso notar que as "esquerdas", mesmo nos tempos de Pio X, nunca se chocaram com a autoridade. Seus métodos são sempre os da flexibilidade sinuosa, os da falsa submissão, ou os da "desconversa". No *Carnet de Notes* de Maritain, no dia 26 de setembro de 1937, está registrado: "À tarde vou a Paris para uma reunião relativa à crise do hebdomadário dominicano *Sept*". Mas

Maritain não se exprimiu bem: não há crise nenhuma do hebdomadário *Sept* em 26 de setembro porque já morreu em 27 de agosto. E, se é verdade que *Sept* desapareceu porque Roma quis que desaparecesse, também não há problema, ou talvez fosse melhor reunirem-se todos para uma espécie de exame de consciência coletivo, ou até quem sabe se não era melhor consultar as autoridades eclesiais. Que reuniões e que crises estarão os amigos do defunto *Sept* planejando em setembro e outubro de 1937? A resposta é clara e sensacional: "*Sept* vai ressuscitar!" No dia 19 de novembro corria a notícia em circulares distribuídas aos milhares. Mas logo se esclareceu o exagero da notícia. Não. Os reverendos padres dominicanos, acusados até de simpatias pelo comunismo, acharam melhor desvincularem-se do novo jornal que se anunciara como o *Sept* ressuscitado, e que seria organizado por uma equipe de leigos sob a direção de Stanislas Fumet. Seu nome seria *TEMPS PRÉSENT*, seu caráter exclusivamente leigo, ficando assim os reverendos padres dominicanos isentos de qualquer responsabilidade, e portanto em situação de perfeita obediência às instruções recebidas do Rev. Pe. Gillet. No dia 5 de novembro saiu o primeiro número do novo hebdomadário e os leitores de *Sept* lêem a seguinte declaração:

Temps Présent sucede a *Sept*. Não é *Sept* com outro nome. *Sept* só era concebível com os Dominicanos, cuja presença e direção tornavam possível a fórmula típica com que nele se articulavam o temporal e o religioso, *Temps Présent* é um jornal leigo, dirigido por leigos, composto por leigos, completamente independente de qualquer ordem religiosa. É portanto um novo jornal que apresentamos ao público. Será servido aos assinantes de *Sept*; continua *Sept*, mas como uma individualidade sucede a outra individualidade. (61).

Como se vê, os assinantes de *Sept* receberão *Temps Présent* e são convidados a crer que se trata de uma nova publicação, mas que também se trata da mesma. A engenhosa ideia de uma individualidade que sucede a *outra* individualidade tem majestosas ressonâncias metafísicas que impõem respeito e provocam admiração. E ninguém precisa deter-se demais no fato de ser M. Joseph Folliet, ao mesmo tempo, ex-secretário da redação de *Sept* e secretário da redação de *Temps Présent*. Os colaboradores de *Temps Présent* são: Luis Gillet, François Mauriac, ambos de *l'Académie Française*, André Derive, Jacques Maritain, Daniel-Rops, e Jacques Madaule. Como, porém, sempre há por toda a parte incrédulos e obtusos, François Mauriac logo no primeiro editorial, como numa *ouverture* wagneriana, toca o clarim da vitória:

Cortai uma árvore viva, a cepa logo se erija de brotos. *Sept* desapareceu em plena vitalidade: *Temps Présent* nasce tímido da mesma seiva... A verdade incomoda. Nunca tanto como hoje incomoda os interesses poderosos. Quantas vezes já me disseram ao ouvido: "Há muita coisa que é melhor não dizer, ainda que seja verdade". No dia que *Sept* foi abatido é que pude medir o lugar que ocupava, mais pelos gritos de satisfação que saudavam seu desaparecimento do que talvez pela dor e desassossego de tantas almas. Sim, nesse dia eu compreendi.

E agora certamente o autor de *Anges Noirs* espera que o ex-assinante de *Sept* compreenda luminosamente que, assinando *Temps Présent*, continua a assinar *Sept*. E assim se encerra brilhantemente a crise de *Sept*, e se consuma um ato de "submissão perfeita" como dirá em 1941, Yves Simon, evocando a doçura humilde com que Marc Sangnier contornou sinuosamente interdições, advertências, encíclicas e assim, mansamente chegou ao estuário de plácidas e respeitadas desobediências que tão vivamente contrastam com os trovões de Maurras, o riso de Daudet, e os gritos de leão ferido que Bernanos espalhou pelo mundo num total desatino. A divisa de Bernanos era "*faire facel*" A dos descendentes de Marc Sangnier poderia ter sido "*faire fesse*". Ou, em linguagem mais acadêmica, "não tomar conhecimento".

Uma digressão sobre os graus da perversidade

Não pretendo, de modo algum, comparar as diversas crueldades que o homem pode praticar e que este século tem produzido com magnífica eficiência, nem pretendo medir-lhes a malignidade pelo número de religiosos assassinados e de igrejas incendiadas. Não diria, por exemplo, que o Terror de Madri foi 54 ou 223 vezes mais cruel e perverso do que o bombardeio de Guernica. Uma coisa digo: há graus, dimensões de maldade, graus irredutíveis, dimensões inconvenientes. Como há graus e dimensões de bondade. E como há graus irredutíveis e incomensuráveis em todas as obras boas e más do espírito.

Péguy dizia (62) que o dreyfusismo do bom coronel Picquart "*était bien, mais le dreyfusisme de Bernard Lazare était infini*." E, aqui, "infinito" quer dizer "incomensurável". E no entanto o coronel Picquart, por honestidade, por suas virtudes militares expunha a vida e quase a perdeu. Mas Péguy, sem de longe querer diminuir o mérito do virtuoso coronel, tenta assim, com suas hipérboles, comunicar a ideia da altura, da largura e da profundidade da alma trágica de Bernard Lazare que exprimia, com a matéria fugaz de um episódio, uma dor transcendental de cinquenta séculos.

Parodiando Péguy, eu diria que o bombardeio de Guernica *était mauvais*, mas o assassinato de um só padre, pelo simples e específico fato de ser padre *était infini*. E a violação das freiras? E o convento entregue à curra popular mirante dias até a morte das freiras? E a violação? E o *strip-tease* dos cadáveres exumados e violados pelo simples fato de se tratar de freiras que tinham feito voto de virgindade?

Não me alongarei nem irei buscar na antologia de atrocidades as coisas que foram praticadas em nome de um "ideal", a pretexto de um mundo melhor que só poderá ser edificado pela crueldade. A maçonaria tem práticas e já se orgulha de uma literatura luciferina; o comunismo e o anarquismo são formas práticas do satanismo. E aqui me permito um momento de assombro quando vejo grandes filósofos (vítimas da armadilha esquerda-direita) traçarem simetria e ficarem horrorizados contra aqueles que combatem, que atiram, que matam em nome de Cristo. É claro, claríssimo, que só podemos exercer todas as formas de repressão do mal, e que só podemos punir desde a mais leve infração ao mais horroroso crime, com a mais benigna prisão ou com a pena de morte, e que só podemos julgar, condenar e executar em nome de Deus!! Prefeririam os filósofos católicos que os brancos lutassem em nome do Diabo? Ou que, em nome de Deus, não defendessem os inocentes?

Não me alongarei nas crueldades que eram encerradas e respondidas com um "Viva Cristo Rei"! Passando aparentemente de um extremo a outro, menciono a hiperbólica ferocidade praticada contra imagens, oratórios, capelas, paramentos, igrejas que António Montero (63) arrolou no capítulo intitulado "El martírio de las cosas". E ousou dizer que essa crueldade aplicada à transcendental inocência das coisas inermes, e dirigida à Coisa por elas significadas, mereceria um grau transcendente na escala que estou tentando. Tudo isto é *infinito* comparado a Guernica e a todas as brutalidades das guerras mais justas.

E aqui me detenho para consignar um receio: o de não ter, neste ponto, a incondicional aquiescência do leitor. E nesse caso aconselho-o vivamente a procurar outro passatempo. Porque *este ponto* que acabo de tocar é de incandescente, explosiva e transcendental intolância, sendo todavia da mais transparente e aquosa simplicidade. E só admito que autores estimáveis se tenham deixado ofuscar e enrolar porque *agora sei*, depois de tão instrutivas experiências, que o "intelectual" afetado de sinistrite entra num estado de irrealismo e de abstracionismo graças a todo um jogo interno de mecanismo de *censura*. Como entender a *posição* e os manifestos de

Maritain sem postular uma desarticulação entre os princípios especulativos luminosamente expostos e a aplicação dos mesmos princípios na espessa obscuridade das contingências?

Não veja o leitor, nas alusões de cunho crítico que faço aos "intelectuais", nenhuma pretensão de afirmar uma nova filosofia anti-Intelectual, e uma nova modalidade de disjunção entre a inteligência o o real, disjunção característica do idealismo filosófico que, melhor do que ninguém, Maritain combateu a vida inteira.

Em resumo. . .

Sem poder fazer retratações alheias sem procuração, e sem querer fazer psicanálise à distância, mas na ansiedade de compreender, sou forçado a tentar hipóteses e a experimentar nos fatos e nos textos sua congruência. E parto de alguns lemas simples que reputo incontestáveis em são juízo e reta intenção:

- 1 — Não é válido, hoje, em nenhum tom e em contexto algum, dizer qualquer frase que estabeleça um paralelo do comunismo com a causa dos pobres e da justiça social.
- 2 — Além disso, tudo tem limite, e é um pouco excessiva a ideia de que, assassinados os padres, estripadas as freiras, incendiadas as igrejas e mantidos nos quartéis os exércitos e internados os carlistas e falangistas nos reformatórios, então sim teria a Espanha as melhores chances de paz e prosperidade, e ninguém seria mais indicado para a consumação de tão difícil e nobre tarefa do que os incendiários, os assassinos, e os violadores de cadáveres.
- 3 — Além disso, não se entende bem, com critérios simples, a naturalidade, a plácida indiferença com que os intelectuais católicos encaram tantos horrores. Tratando-se de pessoas virtuosas, de costumes morigerados e sem nenhum antecedente de ferocidade, tais disparates só se explicam por aquela deslocação da razão prática a que atrás me referi e graças à qual o profissional dos jogos do espírito desdenha a vulgaridade das humildes evidências da "petite sagesse". Em outras palavras, a tremenda e chocante injustiça se explica por um chocante mecanismo de desatenção e de evasão. Mas esse processo não se move, evidentemente, sem certas conviências internas que frequentemente são mais insidiosas do que as descaradas conviências exteriores.

- 4 — Objetivamente, Mauriac, Maritain e Mounier (três M's oferecidos à gula trinitária de Tristão de Athayde), de 37 a 39, foram sistematicamente rebeldes, ou sistematicamente alheados, ou tranquilamente desatentos à orientação pastoral claramente e insistentemente formulada pelo Papa e pelos Bispos do mundo inteiro. Para a Igreja o levante de 36 tinha motivação justíssima, e coincidia com o que razoavelmente qualquer homem de bem, e por mais forte razão qualquer católico podia desejar, e era evidentemente o melhor que se podia fazer na Espanha pelos pobres, como aliás o demonstraram 25 anos de prosperidade e de paz.
- 5 — Mas, além e acima das ponderações do bom senso e da história, impunha-se à consciência dos intelectuais católicos ponderações de obediência. O historiador Hugh Thomas, que brilha pela despreocupação de brilhar, e que nunca aparece partindo um cabelo em quatro, nem demonstra especial devoção pelo general Franco, diz o seguinte, que transcrevo sem traduzir: "A núncio was despatched to the CastiTan capital. Henceforward any Catholic who sided with the Republic or who even, like Maritain, preached that the Church should be neutral, became technically rebels against the Pope" (op. cit., pág. 451).

Henry Bars explica o caso Maritain

Junto ao mais fiel seguidor de Maritain, não apenas na sua grande obra filosófica como nós, mas também nas suas posições, procuraremos uma explicação no enigma. Porque, apesar de todas as tentativas esboçadas, o enigma permanece.

Quando em março de 38 Henry Cornu, discípulo de Maritain, dirigia à Santa Sé um apelo veemente contra os horrores praticados pelos nacionalistas e silenciados pelo Vigário de Cristo, e logo depois, em *Temps Présent*, François Mauriac fazia coro com *Esprit*, Roma respondeu com a mensagem que enviou ao general Franco: "Feliz de sentir vibrar na homenagem de Vossa Excelência a voz autêntica da Igreja Católica..."

Um ano depois, termina a guerra de Espanha, com a vitória de Franco, e morre o grande Papa Pio XI, depois de saudar a vitória da Espanha e de mais uma vez denunciar o comunismo.

Na noite de 10 de fevereiro de 1939, Maritain fez na Rádio Paris o elogio fúnebre do Papa. Disse que "uma grande tristeza caíra sobre ele como se o mundo, e o que restava de civilizado, se tivesse tornado órfão. . .". Lembrou as grandes condenações doutrinárias, começando pela de uma escola política de espírito naturalista. Desenvolve as razões da condenação da *Action Française* (que pouco tempo depois será levantada por Pio XII por evidente influência de Pio XI). Mais adiante, na mesma alocução da Rádio Paris (64), Maritain fala na encíclica *Non abbiamo bisogno*, *Quadragesimo Anno*, alude à condenação do comunismo ateu e do racismo nazista, mas. . . não tem uma palavra para *Dilectissima nostra*, e para *Divini Redemptoris*, isto é, não tem uma palavra para a causa que consumiu de dor os últimos anos da vida de Pio XI, e perto da qual o *affaire A.F.* não passava de um fugaz atrito. Como explicar fora da "psicopatologia dos atos quotidianos" mais esta lacuna?

Ouçamos Henry Bars. Vale a pena fazer aqui uma longa transcrição, interrompida por reflexões nossas, porque o livro de Henry Bars é pouco conhecido:

A insurreição espanhola de 1936 não dilacerou somente a Espanha, mas também a França. A posição de Maritain lhe trouxe, na França e no estrangeiro, ódios inexplicáveis (ver *Raison et Raisons*, págs. 272-273).

Henry Bars usa um termo exagerado: "Ódios inexplicáveis".

Que dizia ele? De início e sobretudo afirmava que em si mesma e essencialmente, a guerra civil é um mau recurso (*un mauvais moyen*) que de todos os modos se deveria evitar...

A mim me parece, com solar claridade, que o exército espanhol, impassível diante das facções que desde 1931 incendiavam igrejas, esquartejavam padres e penduravam as carnes nos açougues com o letreiro "carne de porco", e só um julho de 36 levantado, deu ao mundo inteiro provas de ter querido, até onde podia, e não "de todos os modos" como filosofa mal Jacques Maritain, evitar a guerra civil. Para o meu sentir, parece-me até que o exército tangenciou o pecado da imprudência de haver tardado o *alzamiento*.

E quando a guerra civil explode é preciso tudo fazer para acabá-la o mais depressa possível em condições justas e humanas...

Estamos agora palmilhando a larga avenida do óbvio: toda guerra começada planta imediatamente a fulgurante ideia, e o incandescente desejo da vitória, isto é, do termo; e até da vitória mais rápida possível. Só conheço a história da luta de Joe Louis contra o alemão Schmelling, que decepcionou todo o mundo porque o simpático negro

não deu às galerias o tempo de se sentar: no primeiro soco conquistava a vitória e o título máximo com uma decepcionante brevidade. Mas ninguém vai à guerra, hoje em dia, como o lendário Marlborough. . . Não creio que o general precisasse consultar dois notáveis filósofos franceses, e os teólogos da Ordem dos Pregadores, para permitir em seu coração de espanhol o desejo de uma rápida vitória, mesmo sem o luxo de graças e elegâncias dos toureiros.

Até aqui o oceano do óbvio.

Mas precisamos abrir um largo parêntese nosso para atender à pressa de acabar "em condições justas e humanas". Busquemos reforço em outro estimado discípulo de Maritain, para ficar entendido que todos nós, mesmo na era pós-conciliar, continuamos a achar inevitável a noção de "guerra justa". No livro mais de uma vez aqui citado (65), Yves Simon, já ferido pela derrota da França, diz que "nestes últimos tempos o pacifismo absoluto fez enormes progressos nos meios católicos que se esquivam da doutrina da Igreja sobre a guerra justa sob a alegação de que, nas condições modernas, já não há lugar para a noção de guerra justa". E Yves Simon, pensando na França caída, acrescenta: "Na maior parte dos casos, esse argumento não passa de pura hipocrisia, porque os que recusam a ideia de guerra justa na resistência armada às tiranias mais abomináveis, não se embarçam em falar de justiça quando se trata de massacres que agradam a seus íntimos sentimentos (???). Hipócrita ou sincero, católico ou não, o espírito do pacifismo absoluto se tornou aliado, consciente ou não, dos traidores e covardes". Muito bem! Muito bem! Peço agora a Henry Bars a paciência de esperar um pouco porque tenho duas palavras para a sombra de Yves Simon:

Primeira — Foi a esquerda (ver *Esprit* de 25 de janeiro de 35) que pregou o pacifismo absoluto e o desarmamento total de França. Foi o *Front Populaire*, aplaudido por Yves Simon, que executou aquele lúgubre programa.

Segunda — Não sei por que não aplicou aos anarquistas de Espanha a qualificação de "tirania absoluta". Estamos aqui num ponto nodal da tragédia: a *blitz* cruel, teatral, wagneriana, de Hitler, eclipsou outros monstros.

E agora nós, Sr. Henry Bars. Dizíamos que a guerra civil "*est de soi et essentiellement un mauvais moyen*" que deve ser evitado. Muito bem. Mas certamente não deve ser evitado indefinidamente diante das tiranias mais evidentemente abomináveis, aparteia Yves Simon. Muito bem. Foi exatamente o que fez com *certa lentidão* o exército espanhol. O Brasil em 1964 não esperou o incêndio do mosteiro de São Bento.

Falou-se depois na necessidade de acabar o mais depressa possível em condições justas e humanas, coisa que nos proporcionou um breve *divertissement* que o leitor não levará a mal.

Aqui tocamos outro ponto nevrálgico desse problema tão rico de inervações afetadas. Para ser justa a guerra basta ter as motivações assinaladas por Yves Simon, ou terá de manter processos justos em seu desenvolvimento, e fim justo no seu termo. Concor daremos todos que não basta a *partida* justa. Mas se, para ser justa, a guerra precisa manter todo o tempo uma pureza de cristal, sem brutalidades, bombardeios objetivamente cruéis e absurdos, se para ser justa a guerra seus generais têm de tomar o absoluto compromisso de não permitir a possibilidade de um defloramento, de um saque, de um injustíssimo assassinato, então, então já não navegamos no oceano tranquilo das evidências e das opiniões incontrovertidas. Então, como diz o Pe. Berto, estaremos todos, a despeito de nossas idades propectas, montados em licornes multicores a caracolar num espaço não-euclidiano de n dimensões.

E eu pergunto às sombras ou aos fantasmas com que me entretenho, nesta clara manhã de janeiro de 1971, uma conversa às vezes acalorada: — Quando os amigos franceses acompanhavam nas gazetas e nos mapas, com alfinetes e bandeirolas, os avanços e recuos das tropas aliadas, tinham vocês, sempre, a consciência pacificada com a convicção de que nossos soldados e oficiais se comportavam, já não digo como os cristãos dos Atos, mas ao menos como *gentlemen* de tempos de paz civilizada? Ou se tranquilizavam com a ideia de que os exércitos aliados usavam, só para pregar sustos nos *boches*, espingardas de rolha? *Rions, rions, car le rire est propre de Vhomme*. Mas depois choremos as viúvas, os órfãos, os estropiados, as juventudes decapitadas de todas as guerras. E finalmente, como convém a homens comprometidos com o ofício de filosofar, filosofemos. Se a noção de guerra justa tivesse aquelas cómicas exigências do mundo da lua, não seria noção de coisa nenhuma: seria uma pseudo noção que quererá incluir na mesma ideia a imaterialidade abstrata e a materialidade concreta.

Numa coisa, porém, estaremos de acordo: essa guerra bem motivada deve acabar em condições justas, isto é, deve acabar com a vitória sobre as tiranias abomináveis, e com a remoção de tais injustiças. Terminada de outro modo, a guerra teria sido injusta por ter sido cruelmente inútil, como aquela em que os aliados vencedores entregaram tudo à U.R.S.S. vencida.

Mas voltemos a falar nos horrores de qualquer guerra, e nas inevitáveis brutalidades. E reconheçamos modestamente uma coisa, meus caros amigos: nós outros, corações sensíveis, peles finas, não aguentamos olhar de frente, e por conseguinte não sabemos falar adequa-

damente das convulsões e erupções de mal que as guerras exibem com luxo excessivo.

E abro aqui outro parêntese para falar de duas criaturas admiráveis e absurdas que se encontraram na fogueira vindas de países antípodas, e que só fizeram disparates na guerra de Espanha. Refiro-me a Bernanos e a Simone Weil. Bernanos é Bernanos. Foi "*camelot du Roi*" na Action Française. Quase estourou de dor em 1926, com vontade de arrancar os cabelos, os olhos, e o resto, porque "quem foi maurrasseano e deixa de ser, corre o risco de não ser mais coisa nenhuma". Sentia o mundo correr para um estranho abismo, sentia a França desmanchar-se sob seus pés. Quando estourou a Guerra Civil na Espanha, influiu para que seu filho Yves lutasse na cruzada. Quando, porém, esteve em Marrocos e viu a guerra civil, perdeu pé, sentiu tudo *chavirer*, e escreveu *Grand Cimitières Sous la Lune* sem perder o horror profundo, visceral, pela impostura das esquerdas. Maritain diria que Bernanos *était un homme de droite*. . . "Pobre Bernanos, que morreu docemente, abençoando Lavai e Pétain numa visão de sonho ou de agonia. . .

Simone Weil, alma judia em todas as suas dimensões, concentra num corpo frágil, num coração absurdo, todas as riquezas e misérias do judaísmo e da civilização cristã. Sofria com a dor dos pobres, e veio parar em França na porta de uma granja onde Gustave Thibon durante o dia arava a terra e à noite estudava gregos e latinos. Gustave Thibon hoje sofre conosco as dores da Igreja no grupo *Itinéraire*, mas foi esse *homme de droite* que descobriu a ardente e suposta socialista que Massis, *un autre homme de droite*, chama com admiração de "*Antigone juive*".

Quando estourou a Guerra Civil Espanhola, Simone Weil instantaneamente entregou-se ao monumental equívoco, mas não ficou escrevendo artigos. Correu a alistar-se entre os que lutavam pela "causa dos pobres". Não viu logo o monstruoso equívoco. Estava ainda longe dos focos. Mas um dia seu grupo disse que no dia seguinte iriam em expedição a um lugar próximo onde havia um "cura". E Simone Weil custava a crer no que ouvia. Olhava e via rostos jovens, humanos e ouvia o programa: matar. E por quê? Porque é um "cura". Na vertigem da dor Simone só tem uma ideia. Põe-se em marcha com os companheiros e adianta o passo. Vai à frente de todos, que imaginam ser o entusiasmo que a tornou ligeira. Ela vai pelo caminho ruminando estranhas palavras sem talvez se dar conta de que são palavras de oração. E sabia exatamente o que queria, o que devia fazer com seu leve e frágil corpo quando os milicianos apontassem os canos de espingarda para o peito do "cura" que devia morrer pelo simples e puríssimo fato de ser cura. A expedição fracassa porque outros já haviam tirado dali o padre escondido. Simone se sente frus-

trada da vida que queria dar por alguém. Cala-se e foge para a França com uma infinita tristeza. Procura de todos os lados a quem falar, com quem desabafar seu equívoco monstruoso. Ouve contar o equívoco monstruoso de Bernanos, e então escreve-lhe uma carta de irmã ferida. Bernanos "*était un homme de droite*"; Simone Weil "*était une jemme de gauche*". *Rions, rions*. . .

E aí está um *fioretti* que serve para mostrar o que valem certos esquemas. E para demonstrar que nós outros, a raça de nervos esticados, não podemos suportar certos espetáculos. Dependesse o mundo de nós, de um Yves Simon, de um Maritain, de um Bernanos, de uma Simone Weil e do pobre autor destas mal traçadas linhas que só se alista nesse grupo pela fraqueza comum, dependesse de nós o mundo para resolver a repulsa das mais abomináveis tiranias, estaríamos todos reduzidos a pó, laminados. E os maus governariam tranquilamente. E a ideia de "guerra justa" poderia ser espanada, polida e guardada sob uma redoma de vidro, ou eventualmente mostrada de longe aos alunos nas aulas de filosofia. E é por isso, meus caros amigos, precisamente por isso que existem homens como dom Francisco Franco Bahamonte, como o coronel don José Moscardo Ituarte, meninos como Luís Moscardo, moços de trinta anos como José António Primo de Rivera. Já contei atrás a morte de José António lida em Brasillach, o francês de trinta anos que também soube "viver ardentemente" e que também morreu "com la cara ai suelo".

Sem esses homens, poderíamos dar aula sobre guerra justa, fazendo esquemas no quadro-negro e citando doutores em latim — mas não saberíamos erguer, levantar, impulsionar uma só guerra justa — e o mundo seria governado por monstros, pacificamente.

Charles Péguy, que também "vivió ardentemente" e que morreu pela pátria, defendeu "as virtudes militares" contra os "políticos" do *affaire*, e exerceu-as na batalha do Marne, até o fim. Maritain, em *Antimoderne*, escrito no tempo em que era da A.F., salienta, como vimos, o papel que as virtudes militares desempenharam na salvação, sim, no *salut de* Psichari!

E agora voltemos a Henry Bars:

Mais concretamente, Maritain se recusava a ver na "guerra nacional espanhola" uma guerra santa (34 e seg.). O desenvolvimento que ele consagra a essa noção de guerra santa e que forma a tese central de seu prefácio ao livro de Mendizabal, se prende aliás estreitamente à filosofia da história exposta em *Humanismo Integral*...

Não esqueçamos que esse autor espanhol, Mendizabal, cujo livro (66) Maritain prefacia, já foi censurado pelo *Osservatore Ro-*

mano. O jornal *La Croix*, de 20 de janeiro de 1939, é disciplinarmente obrigado a reproduzir *in extenso* um editorial do *Osservatore Romano*, comentando um artigo do professor Mendizabal.

Vale a pena transcrever alguns trechos desse artigo do *Osservatore Romano*:

Há uma carta coletiva de bispos espanhóis, à qual responde o episcopado do mundo inteiro, e na qual estão descritos (...) com moderação, os horrores do comunismo.

Há um sistema incendiário de tudo o que é cristão... E diante de tudo isto, um católico espanhol, velho professor de Filosofia do Direito, num país católico como a França, ousa declarar que os católicos estão livres de manifestar suas simpatias e preferências...

E daí por diante o *Osservatore* passa a lamentar que um jornal como *La Croix* publique tais declarações do desavisado professor espanhol, cujo livro *Aux origines d'une tragedie*, Courrier des îles, 1937 foi prefaciado por Maritain. É também com esse velho professor espanhol tão asperamente censurado por *Osservatore Romano* que Maritain funda um "Comitê pela paz civil e religiosa na Espanha" (66).

É do prefácio do livro de Mendizabal que Henry Bars tira as explicações que dá da posição de Maritain. Continua Bars:

Enfim, na junção entre a filosofia e a ação, Maritain formulava um juízo severo sobre processos de guerra e de justiça do campo nacionalista, não sem falar também dos processos análogos ou piores empregados no campo republicano (mas, ao menos, eles não se cobriam com o título de católicos, e os católicos do mundo inteiro estavam abundantemente informados sobre eles...).

Um momento, julgo não ter ouvido bem. Vejamos: de início, Maritain, na explicação de Henry Bars, nivela os dois campos, as duas ações, como se só existisse no caso espanhol uma guerra simétrica como um tabuleiro de xadrez. Nós não ignoramos que os nacionalistas perseguem, ferem e matam combatentes, já que não conseguimos assimilar a ideia de uma guerra justa com espingardas de rolha; mas Henry Bars parece ignorar que os do outro lado, que por eufemismo chama de "republicanos", antes do levante, quando Franco disciplinadamente permanecia nas Canárias, matavam inocentes pelo fato translúcido e específico de serem católicos, matavam "curas" por serem "curas", esquartejavam padres, violavam cadáveres de freiras e em menos de um mês, em Madri, arrombam casas à noite, e onde encontram oratórios ou crucifixos, matam. Matam mais de 30.000 inocentes. E basta isto para quebrar a pretendida simetria que nos querem inculcar com misteriosa obstinação.

Até aqui eu me obrigava num engenhoso sistema de hipóteses eicorado por duas ou três traves, uma das quais a seguinte: a posição desses intelectuais de esquerda em parte se explica pelo abstracionismo, pelo alheamento, pela falta de informação. Mas agora Henry Bars nos diz, em tom de sociedade, que "todos estão abundantemente informados". Então perco pé e só me resta uma infinita tristeza.

Perdão. Levanto-me e retomo o fio do discurso. Desde 1931 existe um lado só, e esse lado se chama *perseguição religiosa*. Em português, espanhol, francês, inglês, alemão etc, etc. Perseguição religiosa.

Vamos admitir que Deus não é Deus; que o Verbo não se encarnou, que os padres espanhóis eram sacerdotes de uma mitologia vinda de onde veio a língua dos bascos. Ainda assim subsiste o inicial o brutal crime comum. E então os nacionalistas não estão apenas combatendo soldados de outra nação, por um desses equívocos gerados entre as nações, ambas movidas pela mesma intenção de servir à Pátria. Não. Os nacionalistas de Espanha estão reprimindo milícias, quadrilhas culpadas de gravíssimos crimes. Não há, pois, simetria; © se houvesse não poderíamos falar em guerra justa. E também não há a assimetria inventada pelos dois filósofos. Então, pelo fato de ser católico um povo terá menos direito de combater o mal? Ou, pelo fato de ser católico, um povo terá o dever de se deixar esmagar, terá cada pai o dever de não defender os filhos? Isto equivale a dizer que uma sociedade católica é impraticável, que uma civilização cristã é inviável neste bravo mundo onde há certa tendência ao entredevoramento. E se não é em nome de Cristo que puxamos da espada, será em nome do Diabo que podemos defender a Família ou a Pátria?

Há em tudo isto um entrelaçamento de planos dificilmente compreensível na pena de tão inteligentes católicos: na verdade, eles passam da pauta do "conselho evangélico" para a pauta dos deveres cívicos sem perceber que deste modo rebaixam o mais alto sem altear o mais baixo. O conselho evangélico me diz que será bom para minha vida personalíssima, e interioríssima, isto é, para minha intimidade sobrenatural, oferecer a outra face se me esbofeteiam numa; mas não me diz que seja bom oferecer a face de minhas filhas e de meus netos. O conselho evangélico nos diz que quem com ferro fere Com ferro será ferido; mas o preceito, desdobrado em moral natural o sobrenatural, nos comanda a defesa do próximo, a defesa da família, a defesa da civilização cristã, que só pôde durar um milênio porque seus habitantes usavam espadas e preferiam imitar o rei Luís de França, filho de Branca de Castela, a imitar os pacifistas hindus.

Volto ao fato da perseguição religiosa e não consigo entender o pouco interesse que dão a esse fato. E mais difícil se torna a compre-

ensão quando se lê a frase: "Os católicos estavam disso abundantemente informados", escrita, se não me engana o ouvido, num tom entre o irritado e o ofendido. Já não posso descansar na hipótese da desatenção, já que os próprios me dizem estar sobejamente informados.

Em conclusão, Maritain afirmava, "não tomar o partido de Salamanca não é tomar o partido de Valença". E ele achava que aliás um estrangeiro não precisava tomar partido nessa guerra civil. ⁽⁶⁷⁾

Esfrego os olhos. Não. Não tresli: lá está implacável o vocábulo "estrangeiro" que de repente cai no texto como uma mosca no leite. Que novo princípio é esse que nos leva a não nos interessarmos pelo que acontece nas terras de outros povos? Além disso, o argumento é falso porque contrariado violentamente pelos que o inventaram. O que salta aos olhos com uma evidência que dá pena é que Henry Bars decididamente não se move à vontade. Mas quero arrematar esse diálogo tão pouco platónico com uma constatação a que não posso evitar certa brutalidade. De tudo o que disse Henry Bars extraio agora o que não disse. Há duas ausências. À primeira já nos habituamos no *Le Paysan de la Garonne*. Não aparece no texto de Henry Bars uma só vez o termo "comunismo". Quando quer designar "o outro lado" diz: os republicanos. Torno a verificar que os intelectuais franceses são inteligentes demais para formularem o juízo singelo e profundo que não hesito em deixar consignado, e que me parece resumir bem o que disse Pio XI em *Divini Redemptoris*: o comunismo é uma merda, uma triste, feia e burra merda que, misturada ao sangue, dá o composto de insuportável odor que Brasilach sentiu na clareira de Katym, na Polónia.

A segunda, grande e estranha ausência é simplesmente o PAPA. Sim, o PAPA PIO XI. Somos ou não somos ovelhas de um só pastor? E então por que não damos ouvidos ao Pastor? Por que, nesse acalorado debate, não ouvimos o Papa? E se assim é, se nossas "posições" *sont trop* "para o Pe. Garrigou", se sabemos andar sozinhos com tanto desembaraço, se formamos sem necessidade de Mestre o juízo sobre as coisas deste mundo, então por que dizer em 12 de fevereiro de 1939 na Rádio Paris que a morte de um pastor tão pouco ouvido nos deixou órfãos?

Os últimos apontamentos de Maritain em Paris

Estamos em 1938. Maritain faz malas para uma viagem à América. Numa atmosfera de tensas expectativas reúnem-se em Munique

08 chanceleres. No dia 25 de setembro, Maritain registra em seu jornal estas linhas que são um certificado do mais perfeito alheamento aos ventos, aos rumores e aos abalos sísmicos da história:

Munich. La paix. Nous partons tous trois pour un séjour de deux ou trois mois aux États-Unis.

Munich. La paix. Frère Jacques, frère Jacques, pourquoi n'as tu pas reste bien sage dans ta vraie Sagesse

Termina a esquisita década dos 30

Deixemos o *pusillus grex* maritainiano atravessar os mares em direção ao Novo Mundo, onde Jacques abundantemente cumprirá o compromisso fundamental de sua vida: *Vae mihi si non thomastivizero*, com o inevitável desengajamento das contingências.

Na França dilacerada, as correntes históricas formam redemoinhos assustadores. A noite se aproxima. Aqui e ali observemos uma cena fugaz, leiamos uma primeira página de jornal, e, em torno, a massa obscura que espera com certo fatalismo o dia de amanhã.

Um *flash*: o "Boletim Hebdomadário das Lojas da Região parisiense pertencente ao Grande Oriente de França e da Grande Loja de França" anunciava no dia 23 de abril, página 5., o seguinte:

TEMPLE, 5, rue Jules-Breton, Paris 13^e
Vendredi 27 avril 1939, à 20h 45 précises
TÉNUÉ BLANCHE FERMÉE

Les théories néo-catholiques
Le Sens De La Vie Collective Suivant Les
Doctrines Chrétiennes

Conf. par M. Emmanuel Mounier, directeur de la Revue
"Esprit" (organe du néo-catholicisme)

Outro *flash*: *UAction Française* em 1938, depois de Munique:

Faisons la paix mais armons!
ARMONS!

NOTAS, CAP. II, PARTE II.

- Quadragesimo Anno*, Pio XI (35) ; *Mater et Magistra*, João XXIII (51).
Hugh Thomas, *The Spanish Civil War*, Eyre & Spottiswoode, Londres, 1964.
Ibid., pág. 58.
Ibid., pág. 29.
Ibid., pág. 78.
Ibid., pág. 40.
Robert Brasillach y M. Bardêche, *Historia de la Guerra Civil de Espana*.
Ibid., pág. 168.
Ibid., pág. 164.
António Montero, *Historia de la Persecución Religiosa en Espana*, B.A.C., 1961.
Ibid., pág. 27 e seg.
Ibid., pág. 31.
Jacques Maritain, *Carnet de Notes*, Desclée de Brouwer, 1965, pág. 226.
Ibid., pág. 367 e seg.
Edição Desclée de Brouwer, 1956, pág. 398 e seg.
Essa visita está registrada em *Grandes Amitiés*, pág. 379 e em Henry Bars, op. cit., pág. 372.
Henri Massis, *Maurras et Notre Temps*, pág. 117.
Ibid., págs. 120-121. (Esta paginação é da edição de 1961.)
Ibid., pág. 399.
Yves Simon, *La Grande Crise de la Republique Française*, ed. de l'Arbre, Montreal, 1941, págs. 50-51.
Ibid., pág. 79.
Henry Bars, *Maritain et Notre Temps*, Grasset, 1959, pág. 99.
Jacques Maritain, *Carnet de Notes*, pág. 285.
Mounier et sa Génération, pág. 269.
Julian Green, *Journal*, t. I, Plon 1938, pág. 17.
Ibid., pág. 100.
Cahiers de la Nouvelle Journée, n.º 7, pág. 85.
Témoignages de la Pierre qui vive, VII, pág. 567.
Henri Massis, op. cit., pág. 123.
Manoel Zurdo Piorno, *De Mounier a la Teologia de la Violência*, Madri, 1969.
Ibid., pág. 123.
Robert Brasillach, *Notre Avant-Guerre*, Plon, 1941 pág. 37.
Adrien Dansette, op. cit., pág. 122.
Daniel-Rops, *Un Combat pour Dieu*, Fayard, 1963, pág. 544.
Ibid., pág. 42.
Ibid., pág. 44.
Ibid., pág. 47, e para maiores detalhes ver António Montero, op. cit., pág. 52 e seg.
Robert Brasillach, op. cit., pág. 182.
Esprit, janeiro, 1936.
Robert Brasillach, op. cit., pág. 175 e seg.
Citado por Henri Massis, op. cit., pág. 272.
Jacques Marteaux, op. cit., Vol. I, pág. 281.
Ha ablado la Iglesia, Ed. Española, 1937; ver também Jacques Marteaux, op. cit., pág. 286.
Adrien Dansette, op. cit., pág. 120.
Ibid., pág. 123.

- (40) Leopoldo E. Palácios, *El Mito de la Nueva Cristandad*, Madri 71, 3.^a.
(47) G. C, *Dois Amores, Duas Cidades*, AGIR, 1967.
(48) Ibid.
(46) Ibid.
(80) Jacques Maritain, *Du Regime Temporel et de la Liberte*, Desclée de Brouwer, 1933, págs. 94-95.
(81) Ibid., pág. 98.
(82) Ibid., págs. 99-100.
(83) Ibid., 151.
(84) Jacques Maritain, *Humanisme Integral*, Aubier, 1936, pág. 98.
(85) Ibid., pág. 98.
(88) Ibid. pág. 99.
(87) Robert Brasillach, *Notre Avant Guerre*, pág. 180 e seg.
(88) Robert Brasillach, *Historia de la Guerra de Espana*.
(69) 18 de dezembro de 1924.
(60) 8 de maio de 1928.
(61) 15 de maio de 1931.
(62) 3 de maio de 1932.
(63) 29 de setembro de 1932.
(64) 3 de junho de 1933.
(65) Jacques Maritain, *Carnet de Notes*, pág. 226.
(66) Ibid., pág. 232.
(67) Hugh Thomas, op. cit., pág. 419.
(68) Ibid., pág. 421.
(69) Ibid., pág. 449.
(70) *El Mundo Católico y la Carta Colectiva dei Episcopado Espanol*, Ed. Rayfe, Burgos, 1938, pág. 159.
(71) Hugh Thomas, op. cit., pág. 451.
(72) Ibid., pág. 420, nota ao pé da página.
(73) Jacques Marteaux, op. cit., Vol. I, pág. 343.
(74) Ibid., pág. 341.
(75) Charles Péguy, *Notre Jeunesse*.
(76) António Montero op. cit., pág. 627.
(77) Publicada em *Raison et Raisons*, LUF, Paris, 1947, pág. 199 e seg.
(78) Yves Simon, op. cit., págs. 60-61.
(79) Henry Bars, op. cit., pág. 384.
(80) As partes transcritas de Henry Bars estão nas páginas 136 e 137, op. cit.

CAPÍTULO III

ENCRUZILHADA DE TRAIÇÕES

A queda da França

O presente capítulo é dedicado à catástrofe que foi para o mundo, para a civilização, para nós, a invasão, a ocupação e a capitulação da França; mas não imagine o leitor que eu pretenda repetir a história sobejamente contada, e sobejamente mal contada, dos bombardeios, dos avanços vitoriosos de divisões blindadas e dos demais acontecimentos que naquele tempo tinham para todos nós dimensões apavorantes, e não nos deixaram ver as verdadeiras correntes históricas que os acontecimentos eclipsavam.

Volviendo o olhar para o passado, torno a sentir o mesmo estuor, mas em vez de senti-lo atenuado pela distância, sinto-o mais vivo e mais lancinante. Estranha coisa. Instalei-me num observatório que deveria assegurar-me a tranquilidade das cúpulas, mas vejo que me instalei mais no âmago daquela tragédia, porque ousei aventurar-me na floresta das causas espirituais. E a primeira coisa que constato é que me enganara de dor. Enganamo-nos todos. E é desta outra dor que naquele tempo não sentimos que aqui me ocuparei. Sim, é de outra invasão, de outra ocupação e de outra queda que resiste à pulverização dos acontecimentos, à pulverização dos titeres e até se alarga dia a dia e nos leva hoje a gritar: "*Domine, quis sustinebit?*"

E volto a me colocar naquele tempo, naqueles anos bem demarcados na história superficial das correrias do mundo, por me parecer que esse estudo, da invisível e silenciosa perseguição religiosa na França, nos ajudará a viver mais corajosamente no meio dos escombros de uma civilização que mal ou bem tinha ainda sinais

muito vivos da Encarnação. Sim, torno a dizer "invisível e silenciosa perseguição religiosa", porque tenho a convicção de que foi nessa queda espiritual da França que começou, ou que ganhou raízes mais vigorosas e profundas, o descalabro religioso que o Papa já ousou chamar de "autodestruição da Igreja".

Acompanharemos alguns fatos bem conhecidos, para buscar, em ressonâncias menos conhecidas, o progresso do câncer que, por derrisão, será chamado de "progressismo" por seus próprios fautores.

Em 1º de setembro de 1939, com o respaldo do Pacto Germano-Soviético, a Wehrmacht arromba as portas da Polónia. A revista *Esprit* de outubro de 1939 publica um artigo assinado por P.A. Touchard, que a redação e a direção, talvez em estado de choque, não souberam apreciar em todas as suas implicações. Eis um tópico desse artigo:

Crendo não fazer senão um pacto restrito... Hitler atrela, à U.R.S.S., mais do que ao bolchevismo, e às incertezas de uma civilização asiática, o carro meio desmantelado dos destinos ocidentais. Da vigília de Moscou, a Europa despertará em meia-escravidão. Não foi Moscou que nos traiu, foi Berlim. Moscou segue seu caminho, e há muito tempo sabemos que o bolchevismo russo não passa de um instrumento de propaganda imperialista...

Não sei quem é esse Touchard que ainda usa o termo "bolchevismo", já grisalho nesse tempo, e que assim surge como um fantasma na revista *Esprit*. No mais pode-se dizer, com Jacques Marteaux, que P.A. Touchard, no seu artigo, previu tudo, menos a reviravolta alemã de 1941, e o alvoroço com que os Aliados receberam a herança da aliança soviética sem fazer muito caso da responsabilidade que faz estremecer o fantasma que na revista *Esprit* ainda treme diante do "bolchevismo". Preparemo-nos para assistir a um préstito de traições contra "os destinos ocidentais".

Aliás, para ser mais exato, é preciso reconhecer que, nessa ordem de ideias, já começara em todo o mundo, e especialmente na França, uma entusiástica aliança com o comunismo antes da traição de Berlim, que só parece maior pelo arruído que fazem as divisões motorizadas. Mas os que acompanharam as reações do esquerdismo católico em face do martírio da Espanha, e têm ouvidos para os gemidos do espírito, concordarão comigo que a traição espiritual foi anterior à civilizacional de que está incumbido o novo Átila com seus cavalos de ferro.

Tudo o que até aqui escrevemos pretendeu demonstrar que desde o princípio do século vem engrossando o caudal de traições, não contra o Ocidente, que é uma entidade cosmográfica que nos

deixa indiferentes, mas contra o Cristianismo. E a revista *Esprit*, entre outras, está engajada nessa operação. Brevemente a França será um verdadeiro leilão de mãos, pernas e demais partes do corpo estendidas em resposta atrasada, mas agora desmedida, ao convite de Thorez, que o Papa Pio XI gravemente recusou em nome da Caridade. E é a desmesurada evolução desse fenómeno que hoje nos arranca gemidos e lágrimas, perto das quais eram doces as lágrimas que todos choramos quando nos chegou, como uma paulada na cabeça, a inacreditável notícia da queda de Paris, em junho de 40. Hoje, *hélas!*, não haverá mais, para nós, notícias inacreditáveis. Se amanhã de manhã o jornal me disser que o Papa está na Lua, minha surpresa será moderada.

Junho de 1940

No dia 17 de junho de 1940, a França e o mundo inteiro ouvem o apelo do velho Marechal Pétain, herói de Verdun, *arquétipo das virtudes militares do exército francês*, que nos oitenta e quatro anos, quando já tinha o direito de assistir de camarote aos desatinos das novas gerações "que mortas mal poderão estrumar o solo que vivas não souberam defender", aceita a coroa de espinhos de um reino que mais parece um amontoado de escombros. Pobre França. Pobre Marechal. *Pauvres gens, pauvres gens.* . .

Contando com... contando com... contando com a confiança de todo o povo, ofereço à França o dom de minha pessoa para atenuar sua desgraça. Nestas horas de dor, penso nos infelizes refugiados que um extremo desamparo sulcam nossas estradas. Quero exprimir-lhes minha compaixão, e minha solicitude. É com o coração apertado que vos anuncio que devemos cessar o combate. Dirigi-me esta noite ao adversário para saber se querará conosco, de soldado para soldado, procurar termos honrosos para a cessação das hostilidades. Agrupem-se todos os franceses em torno do governo que presido durante esta dura provação, e abafem-se as angústias com a fé nos destinos da Pátria.

No dia 18 de junho de 1940, a França e o mundo inteiro ouvem o apelo caloroso e esperançoso do general De Gaulle, que fala de Londres. Hoje e ontem, deixando de lado tudo o que ontem queríamos adivinhar e esperar e tudo o que hoje sabemos, julgo que qualquer homem de bem está, ou estava naquele tempo, obrigado a se inclinar diante da grandeza do velho marechal que se imolava, e da grandeza do jovem general que anunciava possibilidades de resistência e que a elas se queria dedicar. Ninguém tem o direito de

duvidar da honradez, da sinceridade e do patriotismo dos dois soldados. Estamos diante desses grandes desafios em que os homens podem dar, e ambos deram a meu ver, a medida do melhor de si mesmos. Mas há uma enorme diferença entre as vidas e as estátuas. O tempo respeita as estátuas durante alguns séculos, mas em poucos anos desmancha, derrete os gestos mais magníficos.

Detenhamo-nos um instante naquele momento de grandes opções antes que os equívocos e as misérias conduzam um de nossos heróis ao poder, à glória e aos limites da paranóia, e conduzam o outro, com sua coroa de espinhos, à degradação e à prisão.

Nós outros, franceses honorários como Jefferson, e além disso torcedores da Inglaterra, escolhemos a bandeira de De Gaulle com a precipitação dos entusiasmos fáceis, e começamos depressa a contribuir de longe para a flagelação do velho Marechal. Mas Raymond Aron, mais lúcido e mais informado do que nós, "tinha atravessado a Mancha sem deixar extraviar-se sua sabedoria" e na *France Libre* publica um artigo onde explicava que, para o povo francês tão enamorado de seu solo e de sua paisagem familiar, a ideia de defender a França do exterior permanecia abstrata e sem nenhum apoio em lembranças ou tradições que animasse.

E assim fica patente que ninguém, em 1940, poderia tranquila e seguramente ostentar um critério que lhe dissesse com suficiente clareza onde estava a França, e que lhe permitisse desde logo distribuir elogios e injúrias com certa ponderação. Mas também é forçoso reconhecer que esse equilíbrio era quase impossível dentro da espantosa tormenta.

Hoje, lendo abundantemente o que não lera naqueles dias, verifico com certa admiração que o povo, a França, permaneceu mais agarrada ao Marechal Pétain do que arrebatada pelas palavras de De Gaulle. Sim, a nação agarra-se instintivamente ao chefe que lhes falava a antiga linguagem densa de tradição e de nacionalidade. Dava razão a Raymond Aron ainda que o não tivesse lido: uma salvação vinda da Inglaterra ou dos Estados Unidos, por mais bem encadeada que fosse a argumentação de De Gaulle, era realmente abstrata demais, era quase repugnante para um povo mal ou bem afinado num *tom histórico* com mais de mil anos. Além disso, esperança por esperança, poderiam os franceses buscá-la naquilo mesmo que na hora os afligia. Na fragilidade das coisas, amanhã ou depois aconteceria com Hitler o que acontecera com Cromwell, que também ameaçava os tronos e os altares: um grão de areia que em qualquer outro lugar não seria mais do que um grão de areia, posto naquele

ponto exato do ureter do ditador¹), bastou para prostrá-lo; e assim restaurou-se a monarquia e consolidou-se o altar. Neste ponto do léculo ainda era possível raciocinar, ou optar instintivamente, em termos europeus, e ocidentais, porque a U.R.S.S. está encolhida, e ainda não se manifestara claramente a diabólica crueldade amalgamada com a demência nazista. Como em 1871 muitos republicanos diziam que em Sedan fora dispersado e vencido "o exército do Imperador", em 1940 muitos monarquistas podiam pensar, e com bom fundamento, que a Alemanha apenas vencera os maus governos republicanos da França. E não era absurda nem impatriótica a ideia de um armistício para a recomposição do país e a recuperação de 1.500.000 prisioneiros. Nesse meio tempo nada impedia que a chamada França Livre se concretizasse e provasse sua capacidade de ação. O que desde já convém frisar é que, na França dividida, a maior dificuldade para a causa comum não vinha do governo de Pétain; o governo de Vichy, nos seus dois anos de relativa tranquilidade, incomodou menos os ingleses, que nesse meio tempo estavam sozinhos no combate, do que o afoito e impaciente chefe da França Livre. É conhecido o britânico suspiro de Churchill": "Todos têm a sua cruz, a nossa é a Cruz de Lorena".

Vale a pena reter o que Churchill deixou escrito sobre esses dias de transição e de estupor.

A despeito do armistício e da tragédia de Oran, que encerrou nossas relações diplomáticas com Vichy, eu nunca deixei de me sentir em união com a França. Quem nunca passou pela aflição que se apoderou dos mais animosos e ilustres franceses diante da apavorante ruína de sua pátria deve ser cuidadoso no juízo que formar das pessoas. Foge ao escopo deste livro a avaliação dos políticos franceses. Mas tenho a certeza de que a Nação Francesa fará o que puder pela causa comum, conforme permitirem as circunstâncias. Quando disseram aos franceses que a única salvação estava em aceitar a liderança do ilustre Marechal Pétain, e que a Inglaterra, que até então pouco lhes ajudara, depressa seria vencida, colocaram-nos em situação de não ter melhor escolha. Mas tenho a certeza de que eles continuavam a desejar nossa vitória, e que nada lhes daria maior alegria do que ver nossa persistência na luta vigorosa. Nosso primeiro dever foi o de dar leal apoio ao General De Gaulle em sua valorosa constância. Em 7 de agosto assinei com ele um acordo relativo às necessidades práticas de sua atuação... (2).

A seguir, Churchill lembra a necessidade em que esteve de manter contatos com Vichy, e de concordar com as boas relações que o Presidente Roosevelt fazia questão de manter com o Marechal

(1) Notas no fim do capítulo.

Pétain, como se tornou evidente pelo envio do embaixador Almirante Leahy. Tanto os americanos como os ingleses, que nesses dias estavam sozinhos na luta, procuravam manter e prolongar, no interesse comum, o equilíbrio tornado difícil pela queda da França. E nisto o General De Gaulle, que ainda não tinha prestado nenhum serviço apreciável, não soube esperar, colaborar e, sobretudo, não teve olhos para admirar, respeitar e consequentemente acatar o verdadeiro Comandante supremo da II Guerra, que quatro anos mais tarde lhe entregará sempre bela e ilesa a capital da França à custa da destruição quase total da capital da Inglaterra. Já nesse começo da luta comum, Churchill assinala, com amenidade de *gentleman*, a rigidez de humor do general francês: "*This mood was hard upon De Gaulle, who had risked all and kept the flag flying, but wftose handful of followers outside France could never claim to be an effective alternative French Government*".

Mais amargas serão as queixas de Roosevelt e do próprio Churchill em 1943 a propósito da tensão criada entre De Gaulle e Giraud. "*The quarrels over the French High Command, provoked by De Gaulle, had come at the critical moment*" (3). E isto ocorria quando se preparava a invasão da Sicília, e já se delineava a grande operação do Dia-D, e portanto quando era de vital importância para a causa comum a unidade de ação. O Presidente Roosevelt não hesita em dizer, em carta de 10 de junho de 1943 dirigida a Churchill, que o general Giraud estava disposto a romper, e a fazer declarações aos governos da Inglaterra e dos Estados Unidos, e ao povo da França denunciando "as injustiças causadas pela ambição de De Gaulle" (4).

Não me julgo capaz de bem ajuizar as reações e atos do general De Gaulle no turbilhão de fatos de que só teremos algum entendimento no dia do Juízo. Antes disso, valho-me do magnânimo conselho dado pelo próprio Churchill às pessoas que não passaram por tais provas. Abstenho-me de julgar aqui qualquer pessoa; mas é impossível fugir à evidência dos fatos exteriores. E à luz dessa evidência posso concluir que De Gaulle, objetivamente, fez o que pôde para contradizer sua mensagem de esperança, em junho de 1940, baseada na ideia de uma salvação vinda de fora — ideia que Raymond Aron e o próprio Churchill reconhecem ser abstraída demais. Sim, fez o que pôde para parecer utópica, irreal e até indesejável a contribuição da França Livre. Ou efetivamente tornou irreal essa contribuição em confronto com o gigantesco esforço do povo inglês e, depois, do governo norte-americano.

Mas deixemos essas apreciações que escapam ao objetivo principal desta obra.

Pronunciamentos de bispos sobre Pétain

Na obra tantas vezes citada de Jacques Marteaux, encontramos uma preciosa coleção de pronunciamentos de bispos franceses em 1940 e 1941, que transcrevemos resumidamente. É vale a pena começar por esta obra-prima de prudência sobrenatural:

30 de junho de 1940 — Discurso do Cardeal Gerlier:

... Tenho a convicção de que nossas orações foram ouvidas, que rião foram vãos os sacrifícios dos mortos, as lágrimas e as dores de todos os que choram um morto, ou que ansiosamente esperam notícias de um ausente. Não. Não foi tudo inútil. É ainda muito cedo para julgar. Arredemos as impaciências humanas, a veleidade ridícula de reduzir Deus às dimensões da vida humana e de nossa miopia imprevidente. Dizei-me. Que queremos nós? Que esperamos? Que a França vitoriosa faça triunfar a causa santa de que ela se fez campeã? Mas re-flitamos um minuto sob o olhar de Deus. Se amanhã — amanhã quer dizer em algum tempo, depois das necessárias delongas para essas evoluções que não se fazem num dia ou para essas evoluções morais mais lentas e mais fecundas do que as revoluções políticas — se amanhã, esclarecida pela provação, a França se reencontrar e abandonar o caminho destestável que a conduzia ao precipício, se se orientar corajosamente na união de seus filhos, para as reformas necessárias; se amanhã se multiplicarem os lares mais fecundos e mais cristãos; se amanhã se realizar a educação da juventude mais apta à tẽmpera dos caracteres porque mais impregnada de espírito cristão; se amanhã crescer uma geração menos apegada ao bem-estar, mais valorosa no esforço, mais corajosa no sacrifício por ter compreendido melhor o verdadeiro sentido da vida, dizei-me: não valerá mais isto do que o triunfo efêmero de uma vitória militar, que não basta para transformar um povo, como sabemos pela experiência de poucos anos atrás? E esta outra vitória, austera e silenciosa, que a França conquistará sobre si mesma, não lhe dará ela maior garantia para o futuro, não a tornará esta vitória roais forte para trabalhar eficazmente por uma causa que melhor serviremos pelas virtudes do que pelas armas? Rezemos, pois, rezemos mais do que nunca; mas rezemos com um coração humilde, com um abandono mais filial e uma confiança mais indestrutível.

5 de julho de 1940 — Carta pastoral de Mons. Mathieu, Bispo d'Aire e Dax:

... Não foi a invasão alemã que pôs a Pátria em perigo; antes foi ela para nós uma oportunidade de perceber que nossa pátria desde muito tempo vivia em perigo de morte.

27 de julho de 1940 — Declaração do Cardeal Gerlier ao jornal *Lyon-Soir* :

Os corações franceses sangram dolorosamente. É preciso (aceitar) a autoridade única de Pétain e Weygand, tão magníficos ambos no sacrifício que fazem pela Pátria, para que aceitemos as perspectivas que nos levam a invejar os desaparecidos. Não há palavras para exprimir o que sofremos, mas a hora é de indizíveis coragens.

A pavorosa catástrofe foi preparada pelo amolecimento de nossas energias morais que cedo ou tarde nos arrastaria à ruína. Não' fosse o desabamento violento produzido pela guerra, nós seríamos levados pelo progressivo achatamento dos tempos de paz. Perigo mais terrível, certamente, porque não provocaria em nós o sobressalto libertador.

Setembro de 1940 — Mons. Feltín, Arcebispo de Bordéus, no jornal *Aquitania*, citando um discurso do Marechal Pétain:

Nossa revolução nacional visa a restaurar as disciplinas coletivas: do trabalho, da família e da Pátria. Lutamos contra o capitalismo, egoísta e oprimido; queremos desembaraçar o país da mais desprezível das tutelas: a do dinheiro; queremos quebrar o poder dos *trusts* e seu poder de corrupção social; queremos estabelecer uma organização económica que suprima a luta de classes; o fator dinheiro deve ser submetido ao fator humano...

18 de novembro de 1940 — Discurso do Cardeal Gerlier:

No dia 18 de dezembro o Marechal Pétain viajou de Vichy a Lyon. Nunca esta cidade de Lyon, tão comedida na expressão de seus sentimentos, recebeu com tal entusiasmo e tais mostras de amor um chefe de Estado...

Novembro de 1940 — Do episcopado (*Vie Catholique* pág. 67) :

Os bispos do Oeste, reunidos em Angers em 20 de novembro, em número de 14, dirigiram ao Marechal Pétain unânime homenagem de gratidão, confiança e admiração...

Novembro de 1940 — Relatório do Cónego Tricot, professor do I.C.:

Nos meados de novembro fui encarregado por Sua Eminência, o Cardeal Baudrillard de levar ao Marechal uma carta em que o Reitor assegurava ao Chefe do Estado sua dedicação, afeição e inteira lealdade.

Dezembro de 1940 — Discurso de Mons. Delay, Bispo de Marselha:

... É com satisfação e confiança que os franceses ouviram o chamado do Marechal à disciplina e ao trabalho para o soergimento da Pátria. A voz de um chefe e de um pai foi ouvida...

Jacques Marteaux multiplica, da página 488 à página 566, os exemplos de alocações, discursos e demais manifestações de Roma e do Episcopado Francês em apoio e solidariedade ao Marechal Pétain. O próprio General De Gaulle assinala a popularidade do Marechal: "Um filme que chegou até nós (em Londres) mostrava

II visitas do Marechal ao Sul e ao Centro, e evidenciava sua popularidade".

Um equilíbrio impossível

Será preciso agora acrescentar que, se era abstrata demais para os franceses a ideia de ser salva pelo exterior, era irreal, para a França e para o mundo, a consolidação, ou até a simples continuação de um equilíbrio impossível. O Marechal, os Bispos e os franceses que apoiavam Vichy, cada qual à custa de um processo psicológico seu, tentavam pensar o problema francês em termos europeus e ocidentais, o que evidentemente seria praticável somente se Hitler não fosse Hitler, se o nazismo já não tivesse enlouquecido um parte da nação alemã, e se o comunismo não existisse. O povo é conservador e procura sempre se acomodar à atualidade, fazendo o que todo o mundo faz mas supondo que faz o que faz, com pequeninos acréscimos e decréscimos que ora chama de progresso ora de crise. Mas em geral o povo não vê logo, não descobre imediatamente os elementos intrusos (não digo novos porque guardo este termo para usos mais altos) que tornam impossível o *status quo* ou o progresso em andamento de adágio. O equilíbrio mantido ano e meio pelo governo Pétain, e todo o apoio dado pelos Bispos em tom clássico e até grandioso, tudo isto indicava o irrealismo tremendo em que se moviam. O Cardeal Gerlier mais de uma vez frisou, como anos atrás Pio X, as causas, os pecados da república, os antecedentes de que os acontecimentos de junho-40 eram simples decorrências. Mas assim mesmo faltou-lhe a percepção mais nítida, e até diria mais sensível da malignidade dos "intrusos" que tornavam impossível qualquer equacionamento em termos europeus ou ocidentais.

Há dois modos de ser realista no curso da história: ou por uma visão elevada e penetrante como a de um Donoso Cortês, um O'Connell e um Alexis Tocqueville, ou por um faro rasteiro que é quase um instinto animal. Os possuidores da lucidez profética só podem ser aqueles que se desprendem do visgo da atualidade, e que vêem o curso das coisas com certa elevação do espírito. Não é só a Astronomia que precisa de observatórios com cúpulas, é também a História. Esses videntes da História não deixam de ver o chão do presente e os vários desafios que se erguem em seu caminho, mas estão preparados para distinguir e para rejeitar energicamente as vinculações inaceitáveis.

Os outros, os intuitivos, nunca pousaram no mundo da Lua, mas frequentemente se atolam no sub-realismo que têm por máxima sagacidade, e julgam que a sabedoria está em deixarem-se levar pela onda. Três homens muito diferentes pertenceram a essa espécie de intuitivos da infra-história. Sem o menor senso profético, eles possuíram o olfato das coisas baixas que faltou ao pobre e nobre Marechal, e aos bispos como os cardeais Gerlier e Saliège. Esses três homens foram Mounier, Lavai e De Gaulle. É Raymond Aron que assinala o paralelismo entre o revolucionarismo de Mounier e o de Lavai: ambos julgam que o mundo moderno só pode ser feito com os elementos "inauguradores" que eu chamo de "intrusos". Mounier acha, tranquilamente, que nada se poderia fazer na França sem o comunismo e contra o comunismo; Lavai sentiu também que seria irreal qualquer política que os esquivasse ao imperativo revolucionário, que para ele era representado pelo nazismo e era conduzido por Hitler. A diferença de sorte dos dois personagens é chocante: um morreu tranquilamente com um burguesíssimo infarto em 1950 e teve em torno de seu túmulo toda Paris; o outro foi fuzilado em 1945 como exemplo do perfeito *colabô* — mas enfrentou os fuziladores de cabeça erguida e gritou: — *Vive la France!*

A diferença de destino dos dois personagens, que Raymond Aron aproxima, se explica pela maior impostura do século: aquela que deixou a fugaz e teatral explosão de maldade hitlerista eclipsar o inimigo número um da civilização. Ou então: aquela que contrapõe o comunismo ao nazismo, e gradativamente canonizou o comunismo na proporção em que satanizou o nazismo. No fundo são espécies diferentemente coloridas do mesmo essencial revolucionarismo de cromossomos socialistas. O revolucionarismo, como adiante veremos, é uma corrente civilizacional que *apenas* quer realizar uma *reprise* do pecado original com proporções planetárias. O novo Adão dessa imanente novíssima teologia não é o Cristo, nem o Homem. É a Humanidade como um todo. Os eruditos exegetas estão aí para explicar que Adão, desde a origem, queria dizer "toda a humanidade".

Nesta pauta não será difícil, mas também não será isenta de trabalho, a demonstração de que comunismo e nazismo são monstros gémeos. O Pacto Germano-Soviético, que terá sido uma distração ou uma mancada dos demónios, permitiu ao mundo a possibilidade da descoberta da grande intriga que desde o princípio do século cobrira com o seu espesso manto de estupidez a nudez hedionda do revolucionarismo dito de esquerda.

Em 1941 restabelece-se a impostura em bases duradouras e o comunismo voltou para os altares da ideologia "progressista". E

De Gaulle pôde efetivar seu realismo intuitivo confortavelmente. Ilffl, voltando atrás ao esboço de tipologia em torno da percepção íft História, coloco De Gaulle entre os realistas intuitivos que, em certos planos das atividades humanas, se chamam oportunistas. SI6 se opunha ao Marechal Pétain de dois modos: enquanto o Matthehal ainda imaginava ser possível tratar, em termos europeus e Ocidentais, com Hitler, De Gaulle sabia que isto era impossível. Isto 4, sabia que era impossível equacionar qualquer coisa na Europa sem conhecer e levar em conta o dado novo. Em compensação, o Marechal Pétain sabia que era inadmissível tratar com os comunistas a construção ou reconstrução do mundo. O General De Gaulle, to contrário, seguirá a onda que o instinto rasteiro lhe indica. Resultado: o Marechal Pétain, com todas as suas glórias, será condenado à morte com comutação para prisão perpétua aos 89 anos de Idade, e o General De Gaulle será glorificado; e depois de morto se transformará em Arco de Triunfo.

Gallia est omnia divisa in partes três

O equilíbrio da situação francesa em 40 e 41 era impossível: o irrealismo do regime de Vichy cairia com a vitória dos Aliados, ou sem ela; e o abstracionismo de De Gaulle permanecia sem apoio na França. A invasão da U.R.S.S. pelas forças de Hitler em 22 de junho de 1941 veio recolocar o mundo ocidental no torpor, ou no confortável engano a que se habituara.

Na França, isto proporcionará um *tertius quiã* entre o abstracionismo e o irrealismo. A França Livre precisa ter apoio no solo, na paisagem familiar em que os franceses estão há mil anos habituados a defender a Pátria. Como costuma acontecer onde se invoca o gênio do *tertius*, a *Résistance*, veio dificultar a relação entre franceses e franceses, veio carregar de ódio os reservatórios do ressentimento, tudo isto, seja dito a bem da justiça, sem nenhuma diminuição do heroísmo de tantos franceses que desejavam ardentemente lutar pela libertação do amado solo, do grande reino, "*le plus beau royaume après le Royaume de Dieu*" que mais uma vez, como Léon Bloy dissera em 1917, estava por terra, invadido "*comme un vieux lion rongé par la vermine*".

Antes de junho de 1941,

Os dirigentes comunistas da França tinham adotado em relação ao invasor uma atitude conciliante, e em compensação guardavam todas as inectivas para o capitalismo anglo-saxão e para o "gaullismo" seu la-

cajo. Mas essa atitude mudou bruscamente quando Hitler invadiu a Rússia... (5).

Começa, como assinala Maurice Vaussard,⁽⁶⁾ a fusão de católicos e comunistas sob a tutela do Coronel Passy. Em novembro de 1941, o Pe. Chaillet S. J. inaugurava a edição de sua primeira publicação clandestina, os *Cahiers du Témoignage Chrétien*. Outros personagens eclesiásticos, que anos depois serão conhecidos no mundo inteiro, se alistam nessa atividade principal da *Résistance*: as publicações clandestinas.

O primeiro fascículo tem um título sugestivo: "França, tem cuidado de não perder tua alma".

Bom conselho, mas o que causa estranheza é que, para não perder a alma da França, os católicos tão ardentemente se entreguem aos comunistas. O bom e sábio Cardeal Gerlier, se lhe chegavam aos ouvidos tais notícias, certamente se perderia a conversar com os eclesiásticos botões, que naquele tempo eram numerosíssimos, e talvez dissesse: "França, França, assim talvez salves teu corpo, se salvares... mas a alma?" Quem é totalmente desinibido no comentário dessa matéria, anos depois, é o historiador Adrien Dansette, que nos diz o seguinte, sem lhe passar pelo espírito que tangencia a pornografia:

Se os integristas são geralmente pessimistas e não abrem crédito ao homem, os progressistas, ao contrário, são otimistas e têm confiança. ...

Os cristãos progressistas inicialmente se encontram entre os jovens intelectuais da burguesia católica que adquiriram a maturidade na atmosfera da derrota e da *Résistance* nos contatos prolongados com os comunistas que esses acontecimentos lhes proporcionaram. (7).

Poderíamos aqui interromper tão penosas reflexões para algumas boas risadas, diante de mais esta pilhéria que só os "intelectuais" sabem improvisar. *Rions. . . rions. . .* Adrien Dansette diz que lá, na luminosa França de 41 e 42, os rapazes e as raparigas adquiriam *maturidade* nos "contatos prolongados" com os comunistas. Nós outros, brasileiros, sabemos que essa espécie de contato prolongado, também chamado "diálogo", nos desvãos da Faculdade Nacional de Filosofia, antes de 64, engravidava as moças. E em vez de amadurecer apodrecia a meninada, como ulteriormente cansamos de ver.

O mesmo historiador, na página seguinte, envolve o Pe. Bigo, entre aspas, mas esquece de mencionar as fontes:

"O progressismo cristão, escreve o Pe. Bigo, saiu de uma descoberta sensacional e mirabolante: a descoberta que os cristãos fazem de uma descrença, e fervorosa descrença, e a descoberta da revolução ope-

rária em marcha, de um mundo popular atravessado por uma imensa **recusa**, por lutas dolorosas, por uma esperança temporal que tinha no comunismo um dos pólos de pensamento e de organização". Os progressistas... (8).

Agora é Dansette que fala:

... os progressistas (na *Résistance*) esbarraram nessas realidades no grande livro da vida, de uma vida tão intensa que os marcou nas profundidades do ser; e o comunismo lhes deu uma interpretação impressionante que nunca tinham encontrado nem em suas relações nem nos livros que lhes davam para ler. Tornados revolucionários (!!!)...

Interrompi a *tirada* para me permitir um minuto de divertimento a que julgo ter direito: veja o leitor o que é que os rapazes foram fazer na *Résistance*. Sabotar a ocupação, aborrecer os nazistas? Preparar a libertação da França? Nada disso: foram descobrir o comunismo, admirar o comunismo, aderir ao comunismo. Mas Dansette dá sinais de impaciência por lhe havermos cortado o discurso. Tem a palavra o Sr. Dansette:

... Tornados revolucionários, acham que os males do capitalismo são inerentes à sua natureza, e que devem ser integralmente abolidos. É o que fazem os comunistas. Outros lutam pelo mesmo ideal, mas os comunistas são mais eficazes porque se apoiam nas massas mais numerosas e mais sadias. É preciso, pois, estar com o partido comunista na França e com a U.R.S.S. no mundo.

Tudo isto, evidentemente, a partir da invasão da Rússia pelos nazistas. No fundo são os nazistas que descobrem a mina de ouro duas vezes, a primeira para uso dela na curra da Polónia e no massacre de Katym, e agora para a redenção da França e do Mundo.

Mas voltemos ao que diz o Pe. Bigo. Antes de mais nada, advertimos que o Pe. Bigo exagerou o número de descobertas, e que entre elas mencionou uma "revolução *operária* em marcha" que só existe na cabeça de "intelectuais". Minha segunda ponderação é mais grave: o Pe. Bigo nos pinta os jovens franceses intelectuais de classe média com traços comprometedores. Quem em 1941 descobre o nosso velho conhecido comunismo como uma coisa *boulevard-sante*, isto é, como uma novidade capaz de reviravoltar todos os nossos critérios, ou esteve hibernado, ou é imbecil. Mas a minha terceira ponderação é ainda mais grave: o que realmente me admira na citação atribuída ao Pe. Bigo é o tranquilo tom informativo com que ele nos diz que os jovens católicos fazem a descoberta reviravoltante do comunismo, e o tom ainda mais tranquilo, se me permite, com que não diz e não se admira de que os comunistas não

descubram nos jovens católicos da *Résistance* a mais *bouleversante* de todas as novidades, a saber: a Encarnação do Verbo, è a Paixão e Morte de Nosso Senhor *propter nos homines et propter nostram salutem*.

Deixemos os historiadores e vamos aos fatos. Nos fins de 1941, M. François de Menthon, professor de direito e membro influente das organizações de democratas-cristãos, fundara o Movimento de Libertação Nacional, cujos efetivos vinham dos meios católicos e se fundiam com os do movimento *Liberte*, criado por M. Henry Fresnay, que também tinham participado na constituição de um terceiro movimento, o *Combat*.

Em janeiro de 1942, Henri Fresnay, que já se encontrava em zona livre com ingleses e americanos, partia para Londres a fim de estabelecer ligação com o Comando da França Livre (⁹).

Em 19 de janeiro de 1942, Jean Marin salta de pára-quadras no Sul da França e faz contatos com outros resistentes que se organizam e que ampliam o movimento. Georges Bidault é indicado para dirigir o serviço de informações e imprensa. Três democratas-cristãos de destaque, Nenthon, Teitgen e René Courtin, organizam um *Comité Geral de Estados*. O movimento ganha corpo e já Raymond Aron não poderá dizer que a França Livre está abstrata demais. Já tem contato com o solo francês, e De Gaulle já pode descer do astral londrino, mas ainda através da B.B.C.

Em 20 de janeiro, diante do microfone, o General De Gaulle anuncia a aliança da Resistência com a U.R.S.S.:

Ê com entusiasmo que o povo francês saúda os sucessos e a ascensão do povo russo. Porque a libertação e a *vingança por este ato*, se tornam para a França *doces probabilidades*.

Em primeiro lugar convém lembrar que ainda é cedo para falar em sucesso e ascensão do povo russo. Na frente oriental, depois de um recuo entre 41 e 42 na área de Moscou, os alemães avançam ao sul, em uma frente que vai de Petrogrado a Tostov. Os russos estão perdendo homens e terras. Nesse meio tempo operou-se o *turning point* na guerra, quando os ingleses e americanos, nas operações aéreas maciças, passaram à ofensiva. A Alemanha desvastada por terríveis *raids* noturnos que despejam 2.000 toneladas de bombas por noite, ainda avança na U.R.S.S.; só em janeiro de 1943 se detém exausta em Stalingrado.

Outro reparo. No livro de Jacques Marteaux, tantas vezes consultado, leio uma observação (¹⁰) que precisa ser complementada. Diz que "no intervalo de um ano a avalanche eslavo-mongol foi provo-

ft, chamada a se abater sobre a Europa, primeiro por Hitler e **Os** pejos Aliados anglo-saxões".

Lembrando o artigo de Touchard, citado nas primeiras páginas **é**oite capítulo, diremos agora que a traição de Berlim é acompanhada pela traição dos povos de língua inglesa. E agora devemos acrescentar o nome do General De Gaulle que chegou atrasado, apressado, mas ainda em tempo de acrescentar seu mimo no grande ofertório de traições à civilização, ao ocidente, ao cristianismo. Sinistra Wnjuração!

E, se lembrarmos a altura maior dos valores espirituais, é impossível evitar o libelo terrível que pesa sobre as esquerdas francesas, que, nesta pauta, inauguraram a corrida de traições.

Mas ainda há aqui nesse primeiro discurso de De Gaulle, como **On**efe da Resistência, estranhas ressonâncias que em nosso retrovisor parecem apavorantes. Refiro-me ao ponto em que o General De Gaulle declarou que o pacto com a U.R.S.S. tornara, para a França, a libertação e a vingança **DOCES** PROBABILIDADES.

E aqui está uma descoberta *bouleversante* que escapou à enumeração do Pe. Bigo: os jovens católicos franceses, graças à aliança com a U.R.S.S., já podiam antever e antegozar a *doçura da vingança*.

Mas o General de Gaulle tem outras revelações a fazer além do pacto da Resistência com a U.R.S.S. e da doçura dos sonhos de vingança. Ele anuncia não apenas a vitória... dos ingleses e americanos, mas também a Revolução (¹⁰). O bonzo, o ídolo do século 6 colocado nas peanhas da Resistência.

E não se diga que são vagos e convencionais os traços do *deus*: a aliança com a U.R.S.S. não permitirá figuras indecisas. Em fins de maio de 1942 chegam a Londres os representantes de organizações socialistas, sindicalistas e cegetristas: Christian Pineau, Pierre Brossolette, Emmanuel d'Astier de la Vigerie. E logo depois Pierre Vallon e André Philip. Todos veteranos do *Front Populaire*. Por que diacho ninguém se lembra de aplicar a *doce vingança* nos comparsas do governo que desarmou e quebrou a França?

Insistamos em certos fatos que evidenciam o regime de amnésia obrigatória da *Résistance*. Depois dos culposos governos que deixaram a França dasarmar-se física e moralmente, e cujos veteranos agora ocupam postos de destaque na *Résistance*, os jovens católicos deverão esquecer que os comunistas foram sabotadores e "pacifistas" no período da "*drôle de guerre*" em que os Aliados ficaram polidamente esperando que o sargento Adolf lhes desse atenção, suponho que já esqueceram o Pacto Qermano-Soviético. Depois desses sucessivos atos de amnésia cívica, os jovens resistentes deve-

rão treinar os reflexos para contestarem imediatamente, e com indignação, quem lhes vier dizer que os comunistas, no ano passado, ou no mês passado (conforme a data em que nos fixarmos), eram *colabôs* que denunciavam De Gaulle e Larminat como representantes zelosos dos interesses dos plutocratas londrinos... O ataque de Hitler à U.R.S.S. resolveu todas essas dificuldades, e em poucos dias os moços católicos da *Résistance* fizeram a descoberta, a que alude o Pe. Bigo, com o mesmo pueril prazer com que os meninos descobrem na moita de seu jardim os ovos de páscoa que são os antiquíssimos ovos das antiquíssimas galinhas recobertos de tinta.

Assim também, com algum bocado de tinta, os antiquíssimos traidores da França, da Espanha, da Rússia, da Europa, do Ocidente e do Cristianismo, se transformam em ovos de coelho que os jovens intelectuais franceses da média burguesia descobrem com gratinhos de prazer.

Não quero esquematizar um acontecimento complexo como a *Résistance*. Torno a dizer que, sem nenhum desejo de fazer cortesias diplomáticas, acredito piamente que muito heroísmo se manifestou na *Résistance*. O pobre povo francês, frustrado em seu brio e sua honra, diminuído, ridicularizado por uma derrota inexplicável, precisava de oportunidades que permitissem aos moços franceses, verdadeiramente franceses e verdadeiramente moços, meios de realizar num jato de generosidade o dom de si mesmo. A *Résistance* oferecia-lhes essa oportunidade tão ardentemente desejada como um encontro de amor. E aqui me volta, obsessivamente, o gemido do discreto e fidalgo Jacques Bainville: "*pauvres gens... pauvres gens...*"

Quem traiu quem?

Maritain estava nos Estados Unidos no dia da queda da França. E escreveu para os franceses, de que se sentia tão cruelmente separado, estas páginas que bem traduziam a dor imensa que passou pelo mundo como um vento de maus presságios.

É cruel demais ter de explicar, ou de tentar explicar o desastre de seu próprio país. Na verdade, ainda não medimos bem a extensão de nossa desgraça. Mais do que nunca, a França nos aparece como uma pessoa viva, preciosa em sua carne e em sua alma, preciosa para o mundo, carregada de promessas, de dons, de beleza, de doçura; e agora ferida, caída no chão, indizivelmente humilhada.

A impressão que todos nós aqui sentimos, a de que a França foi traída por todos os lados, corresponde sem dúvida à realidade, desde

que se dê à palavra traição um sentido muito mais extenso, mais complexo e ao mesmo tempo muito mais doloroso e menos carregado de intenções criminosas do que se costuma dar. (U).

Transporto o desastre a que se refere Maritain para outra pauta, e aplico suas lágrimas ao espetáculo que tenho hoje diante dos olhos, na convicção de que há uma profunda conexão entre o delastre de ontem e este que hoje me prende horas e horas nesta cadeira, debruçado sobre o papel, a dizer comigo mesmo antes de tentar dizer aos outros...

Sim, é cruel demais ter de explicar, ou tentar explicar o que acontece em nossa Igreja. Na verdade ainda não medimos bem a extensão de nossa desgraça. Mais do que nunca, a Igreja, que conheci jovem e bela como a mais bela das filhas de Jerusalém, nos aparece como uma pessoa viva, preciosa em sua carne e em sua alma, preciosa para o mundo, carregada de promessas, de dons, de beleza, de doçura e agora ferida, caída no chão, indizivelmente humilhada, a esmolar de seus filhos uma gota de piedade...

A impressão que todos nós sentimos, todos nós que a amamos e há tantos séculos a vemos sempre virgem e sempre bela, e sempre moça, é a de que Ela foi traída por todos os lados. Essa ideia corresponde sem dúvida à realidade, desde que se dê à palavra traição um sentido muito mais extenso, mais complexo, e ao mesmo tempo muito mais doloroso e menos carregado de intenções criminais do que se costuma dar. É um sentido mais profundo e mais antigo... E também desde que de todas as traições de que falo só de uma tenha uma certeza íntima e indiscutível, uma certeza experimentada que, com a graça de Deus por Ela mesma servida, ao filho ingrato lhe dá forças para cair de joelhos e para chorar...

Dirão que é descabida a comparação porque a Igreja tem sua vitória em Cristo, e não cai, não cairá porque suas raízes são de Fé, sua seiva de Caridade, e suas folhas e flores de Esperança.

Nós bem sabemos que a Igreja, no que tem de principal, no que tem de divino, não conhecerá jamais as humilhações da

derrota, ou terá na sua cruz a glória da cruz. Bem sabemos, Senhor, que a beleza maior da Igreja, a beleza sem par, está guardada para o céu. Bem sabemos, Senhor, que aqui na jornada nossas alegrias são de esperança e portanto de lágrimas. Mas não é só por nós mesmos, por nosso pobre irmão corpo que nos apegamos às alegrias deste chão tão doce de pisar, desta água tão bela de beber, deste sol que comemos com os olhos. Não é só por nós e para nós que rogamos um reflexo de esperança nas nossas pobres coisas, esta mesa, os livros, a casa lá dentro, a pobre família mal amada... não é só por nossa casa que rogamos uma beleza de vergel, uma largueza de mar, uma suavidade de jardim, é também, Senhor, para vossa Igreja que rogamos a beleza da terra. E perdoai-nos, Senhor, a fraqueza de nossa esperança...

*Vous avez fait le ciel pour vous-même, Seigneur,
Et la terre d'ici pour les enfants de Vhomme
Et nous ne savons pas de plus réels bonheurs
Que les bonheurs cernes par le monde où nous sommes.*

*Nous voulons bien un jour célébrer vos louanges
Et nous unir aux chants de vos désincarnés,
Mais vos enfants, Seigneur, ils ne sont pas des anges
Et c'est aux coeurs d'en bas que leur coeur et lié. ⁽¹²⁾*

Encruzilhada de traições, ainda

Perdi-me numa digressão, e agora retomo a ideia de Maritain: "A França traída por todos os lados" para aplicá-la à civilização, e ao cristianismo. Estamos, na verdade, numa encruzilhada de traições e agora daremos ao termo significados em níveis diversos. É muito fácil usar o termo traição com critérios brutalmente simplificados, e com a mesma simplicidade fuzilar 110.000 homens. Há níveis de traições verdadeiramente culposos em termos simplificados; e há traições falsamente culposas em termos cruelmente e culposamente simplificados. Em nossa exploração do passado encontraremos essas espécies falsas e verdadeiras de traições imputadas em nível baixo. Encontraremos outras disfarçadas em virtudes; e outras traições combinadas, trançadas, misturadas a verdadeiros heroísmos. Estando em pânico todos os critérios, e sendo mal ouvida a Mestra e Mãe, não admira a complexidade desse cipal de juízos inseguros

mas firmados em valores sem os quais não saberíamos viver como homens.

Recapitulemos.

O colaborador de *Esprit* atrás citado, Touchard, já nos fala da traição de Berlim, cometida contra a civilização, por ter aberto, com o Pacto Germano-Soviético, a Europa e o Ocidente aos bárbaros comunistas. M. Touchard admite que o comunismo é o que é, asiático, imperialista, mas não nos diz se este modo de ser o que é já não implica uma traição ao ser do homem e à sua vocação.

Neste nível, ao rés-do-chão da História, M. Touchard foi precipitado porque pouco tempo depois, como bem observa Jacques Marteaux, invertem-se os papéis e são os Aliados que passam à função de porteiros do Ocidente para o comunismo.

Já nesse nível, à altura dos comunicados e das crônicas de guerra, temos um vilão cuja traição é oculta por eclipse ou zeugma, e dois traidores, declarados: Berlim e, depois, Londres e Washington.

Vale a pena demorarmo-nos uns minutos neste plano de traições onde, para marcar o nível, prefere-se dizer "ocidente" em vez de "civilização", ou "civilização" em vez de referências mais altas.

A traição dos povos de língua inglesa

Este tópico representa para mim uma espécie de acrobacia espiritual, tal é a soma de contradições entrelaçadas que terei de enfrentar. Deixando de lado a admiração pela especial, peculiar e incomparável feição que a nacionalidade do animal-homem tomou nesta Hha que um grande Papa chamava de Hha dos Anjos, atendo-me à admiração que me manteve na ponta dos pés, boquiaberto e agradecido, durante os cinco anos de guerra em que toda a grandeza humana esteve escandalosamente concentrada em Londres. Como cidadão do mundo sempre admirei a descarada simplicidade com que os ingleses construíram um império onde exploravam os colonizados, e ao mesmo tempo (com a mesma discreta modéstia com que o general Montgomery aprisionou um exército italiano parecendo ser ele o aprisionado), davam realmente aos colonizados mais do que recebiam. E deste modo, forneciam ao mundo argumentos para incentivar os socialistas e logo outros tantos para confundir-los.

Mas foi durante a guerra que eu pude apreciar uma espécie de creme composto das várias substâncias do gênio britânico. A retirada de Dunquerque, por exemplo, teve cenas em que o herói era uma espécie de mistura de Charles Chaplin e de Ricardo Coração de Leão. O cômico e o trágico andaram sempre como amigos inseparáveis, um a amparar o outro. Lembra-me a cena incomparável de Londres arrasada. De manhã cedo todos retomavam suas atividades como se nada houvesse, e as improvisações eram praticadas com uma seriedade infinitamente divertida de que só um inglês é capaz. As casas comerciais em funcionamento penduravam um cartaz: "*Open as usual*". Numa mercearia de esquina, que vi no cinema, a bomba cortara o prédio ao meio com certa perfeição. Então eu vi chegar o velhote proprietário ou empregado que, diante de tal espetáculo, foi lá dentro e trouxe o cartaz: "*More open than usual*". E nesse dia eu tive um especial prazer de ser homem, e de ter nascido a tempo de apreciar tal espetáculo.

Um dia chegou-nos na CTB, onde eu montava uns aparelhos, um inglês, saído fresquinho da guerra. Aviador da RAF. Condecorado. Tímido como moça de antigamente, não falava na guerra. Puxando por ele, soube que era de uma das cidades costeiras do East mais severamente bombardeada. Ele disse o nome, e eu perguntei se essa sua cidade natal sofrera muitos estragos. E ele muito modestamente: "*Oh yes, she is pretty well destroyed.*"

Tudo isto, e mais o *Graf Spee*, e mais o *Bismarck*. E mais Winston Churchill com seus discursos, seu *humour*, seu charuto e uma coragem sem limites — tudo isto num corpo feito para ficar em casa e no máximo praticar a jardinagem ou a apicultura. E ainda não disse nada da gaita escocesa que em Alamein despertava os heroísmos encabulados gralhando da maneira mais absolutamente cacofônica que jamais se ouviu igual no mundo. A França não tem o que invejar a país nenhum do mundo: a variedade de seus santos e seus heróis dá para saciar; mas um São Tomas Morus só podia nascer na Inglaterra. E um Winston Churchill é inconcebível em qualquer lugar do mundo. Vale a pena ler devagar este telegrama passado a Macmillan quando fervia a discussão De Gaulle-Giraud na África do Norte:

Prime Minister to Mr. Harold Macmillan (Algiers) 11 June 43.
— There can be no question of our giving recognition until we know what it is we have to recognize. See St. Matthew, chapter VII, verse 16: "Ye shall know them by their fruits. Do men gather grapes of thorns, or figs of thistles?" Indeed, the whole chapter is instructive. You

are quite right to play for time and let De Gaulle have every chance to come to his senses and realise the forces around him. We play fair with him if he plays fair with us and with France. The President (Roosevelt) was less patient.

Aprecie, leitor, aquele "Na verdade o capítulo todo é instrutivo" e este apêndice: "... se ele for leal conosco, e com a França".

Winston Churchill sabia que Hitler não era homem de palavra; não era um *gentleman*. Talvez suspeitasse nele um grau pouco usual de crueldade e de monstrosificação. Certamente teria chupado seu charuto mais energicamente, ou talvez tenha tido vontade de rir quando leu o apelo de Pétain onde o pobre velho Marechal, com sua invisível coroa de espinhos em baixo do quepe, se dirigia a Hitler "de soldado a soldado".

Ele sabia que a vitória de Hitler seria o fim de... da... de quê? Da civilização? Sabia por dentro, por co-naturalidade com uma certeza física, que a Inglaterra devia lutar até o último tiro, e o último homem, em defesa de seu solo, e de algo que talvez designasse com algum termo assim: a decência humana. E, portanto, ele tinha mais deliberada intenção e mais claro motivo para defender a França do que teria o fogoso general que vivia a tropeçar numa *honneur* que mais atrapalhava do que servia. Pode ser que eu esteja sendo injusto: no caso faço essas apreciações para dizer ao leitor de hoje como é que eu via no palco incandescente de 1940, 1941 etc. moverem-se as pessoas, os homens, que hoje no mundo continuam a ir e vir como figuras nas memórias dos homens, e no outro mundo já escaparam ao nosso juízo.

Winston Churchill sabia que Hitler era um homem muito perverso, talvez um louco, e que era inaceitável a ideia de um mundo por ele dominado. Mas, infelizmente para todos nós, Winston Churchill tinha uma cegueira, ou um astigmatismo que não lhe permitia ver, em seu universo de ideias e valores, um *fato* que era evidente.

O fato da *satanização* que de dois modos se manifestou e marcou nosso sombrio século. O fenômeno *nazismo* foi um fenômeno de *satanização*, ou de ensaio prévio do reino do Anticristo.

Winston Churchill, não tendo faixa de percepção visual para a *satanização* do nazismo, não poderia ter também a percepção da "intrínseca perversidade" do comunismo, e de sua *satanização* talvez mais profunda e mais maligna do que a do nazismo tão aparentemente cruel. O nazismo não conseguiu atingir o grau de *satanização* que se apresenta com máscara de bondade.

O Demónio, símio de Deus

Não pretendo esboçar aqui um ensaio de demonologia, mas creio que algumas ideias tiradas da teologia da graça nos ajudarão a entender, ou a chegar a uma aproximação do fenómeno da satanização.

Pela mais assentada doutrina, sabemos que o homem, na atual condição de herdeiro de Adão e de resgatado e co-herdeiro de Cristo, pode fazer alguns atos bons sem a ajuda da *graça*, mas não pode fazer ato nenhum de bondade sobrenatural, de dimensões de eternidade, nem pode fazer regularmente atos bons e *viver bem*. Está acima da nossa capacidade natural o próprio bem natural íntegro e contínuo. Daí a impossibilidade de uma civilização *humanística* onde faltar a Igreja, que perpetua o Cristo na Terra.

Santo Tomás ensina que no estado de integridade o homem podia, com suas próprias forças naturais, querer e fazer o bem proporcionado à sua natureza, mas mesmo nesse estado de integridade (que está na linha da *natureza*) o homem não poderia realizar o bem do nível superior — o da vida eterna — sem o indispensável socorro das virtudes infusas.

No estado de corrupção (depois do pecado de Adão) o homem não atinge mesmo aquilo que está à altura do que convém à sua natureza, a tal ponto que já não pode só com suas forças naturais realizar em toda a sua extensão o bem proporcionado à sua natureza. Mas o pecado não corrompeu totalmente a natureza humana [embora tenha corrompido ou rompido totalmente a nova natureza, a sobrenatureza, pela qual o homem emergia da Criação primeira e ganhava direito de filho na nova criação mais próxima de Deus] e é por isso que nesse estado de degradação o homem pode fazer por sua capacidade natural alguns bens particulares como construir casas, plantar vinhas [cuidar do bem-estar] e outras coisas do mesmo, género. Mas não pode realizar em sua totalidade [com integridade, continuidade e sem desfalecimento] o bem que é de seu domínio natural. (13).

Sem a graça de Deus atuante e acolhida obediencialmente, não apenas nas almas fiéis que estarão em torno do altar até o fim do mundo, mas nas junturas e conexões sociais; sem a presença da Igreja acolhida, aceita; sem as marcas de Cristo-Rei na Cidade temporal, os homens não serão capazes de fazer "uma civilização" e não conseguirão traçar um contraponto, sequer medíocre, de seu tropel coletivo no mundo. Sim — sem aqueles liames sobrenaturais — os homens não conseguirão traçar uma história mediamente humana, uma história ao menos decente. Ao contrário, conseguirão

esse prodígio de mistura em que os mais belos atos humanos se entremeciam e se comprometem com uma organizada satanização.

Cabem aqui algumas reflexões sobre a teologia da antiga graça, onde o papel de Satã tem certa simetria com a obra de Deus — simetria quebrada, destorcida, hostil, derrisória e caricata. Os antigos diziam que o Demónio é o macaco de Deus. Tenta imitar a divina beleza com contorções de sua voluntária fealdade, a menos que não escolha acidentalmente a técnica que é, por assim dizer, a obra-prima do Arcanjo decaído e perdido: a imitação diabólica da beleza e da bondade de Deus.

Dentro de tal pseudo-simetria diríamos que, assim como há necessidade da graça mesmo para o bem natural contínuo e perseverante, há também necessidade do Demónio para explicar os níveis de maldade que visivelmente estão acima (ou abaixo, já que aqui tudo é negativo) da nossa própria capacidade natural de torpeza e maldade.

Vivemos um estranho século em que os homens tendem a formar grandes aglomerados, e estão sempre a fazer Congressos, manifestações de rua, acampamentos de 400.000 moços tatuados. A essa tendência há de corresponder uma feição peculiar das obras do Demónio. Não admira, pois, que o Inimigo do género humano esteja ativamente produzindo, no mundo e na história, obras de satanização cujas principais manifestações são a maçonaria, o comunismo e o nazismo. Duas palavras apenas sobre a maçonaria. Há uma tendência geral a subestimar essa organização, que se reveste de uma camada superficial de filantropia para a conquista dos bons desprevenidos. O próprio Pio X, quando ainda era patriarca de Veneza, escrevia:

Também eu, durante algum tempo, julguei que houvesse exagero no que diziam da maçonaria, mas a ulterior experiência de meu ministério ofereceu-me oportunidade de tocar diretamente as feridas que ela abriu. Desde então, convenci-me de que tudo o que foi publicado em torno dessa associação infernal não desvendou ainda sua inteira realidade. (14).

Em sua encíclica *Humanum Genus*, sobre a maçonaria, eis o que diz Leão XIII:

Num plano tão insensato e tão criminoso é certamente permitido reconhecer o ódio implacável de que Satã está possuído em relação à obra de Jesus Cristo, e sua paixão de vingança.

No mesmo livro atrás citado, Pierre Virion proporcionará ao leitor abundantes dados sobre as conexões entre a maçonaria, a cabala e o comunismo. No capítulo II, oferece-nos também amostras

de poesia luciferina do Pe. Roca, apóstata, cabalista, membro de sociedades luciferinas, discípulo de Saint-Yves d'Alveydre e de Stanislas de Guaita. Poupo ao leitor os sonetos do Pe. Roca, que são instrutivos na linha do problema demonológico na história ⁽¹⁵⁾.

Será preciso lembrar que foi a trama maçónica que envolveu o grande Dom Vital, cuja Instrução Pastoral "dada e passada em nossa prisão, na Fortaleza de S. João, sob o sinal e selo de Nossas Armas, aos 29 de março de 1875, festa da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo" ⁽¹⁶⁾, teve tamanha repercussão na história do catolicismo no Brasil? Sem a menor hesitação, acho que o livro de Dom Frei Vital deve ser lido com atenção em vista de sua palpitante atualidade: a luta em que saiu vencedor (e preso) o Bispo de Olinda, em 1875, é a mesma em que o atual Arcebispo de Recife e Olinda está empenhado, às avessas. Dom Vital combateu o satanismo maçónico: Dom Hélder propaga alegremente o satanismo comunista. Em um século operou-se em Olinda esta rotação.

Winston Churchill e o comunismo

O capítulo 20 do volume 5 do livro de Churchill tem o título: "*The Soviet Nemesis*". E as primeiras linhas são tiradas do *Oxford English Dictionary*, que define Nêmesis como "a deusa da Retribuição, que derruba todos os imoderados e imerecidos sucessos, reduz a nada as presunções trazidas pela boa fortuna... e é principalmente a punidora dos crimes extraordinários". E continua:

Nós podemos agora desmascarar o erro e a vaidade dos frios cálculos do Governo Soviético e da enorme máquina comunista e a espantosa ignorância em que estavam a respeito da própria situação. Eles... eles... eles... eles... eles... Uma guerra é antes de tudo um catálogo de erros estúpidos, de enganos grosseiros, e podemos hoje duvidar de que algum outro erro na história possa igualar a estupidez de que Stalin e os chefes comunistas se tornaram culpados quando nos Balcãs... Em matéria de estratégia, habilidade política, previdência e competência, Stalin e seus comissários mostraram-se até hoje os mais completamente despreparados imbecis da Segunda Guerra.

É neste estado de espírito que o grande herói e o grande líder da Guerra se achava em julho de 1941, quando a deusa Nêmesis toma a forma da inesperada invasão do solo russo pelas divisões motorizadas de Hitler. Lendo hoje estas linhas, temos a penosa impressão de mais uma colossal decepção a acrescentar-se ao volumoso compêndio a que só faltam agora as encadernações que costumam ser

feitas, com lápides de granito ou de mármore, conforme o gosto da família.

Será possível? Seria Winston Churchill uma besta e Stalin um génio? A verdade é que, depois de tudo o que o Presidente Roosevelt concedeu e de tudo que o Primeiro-MMstro inglês escreveu, providenciou e realizou, e sobretudo depois do panorama dos resultados finais, podemos dizer dos povos de língua inglesa exatamente o que acabamos de ouvir Churchill dizer dos soviéticos: podemos duvidar de que em toda a história algum erro possa igualar em estupidez os erros cometidos pelos ingleses e americanos em relação à Rússia. E podemos acrescentar que, "em matéria de estratégia, habilidade política, previsão e competência", tanto o Primeiro-Ministro como o Presidente mostraram-se até hoje os mais completamente despreparados imbecis do século XX.

O leitor certamente se escandalizou com a enormidade que acabo de escrever. Dou-lhe razão.

O juízo hiperbolicamente exagerado que me saiu da pena não traduz bem a opinião que tenho dos dois personagens, mas exprime o susto, o choque, a emoção que bruscamente me assaltou quando, depois de ler os acertados juízos de Winston Churchill sobre Joseph Stalin e seus escravos, vi de chofre a situação final da guerra em que "*the most completely outwitted bunglers of the Second World War*" chegam ao termo do *catalogue of blunders* com todos os proventos, todos os títulos de glória, coroas e condecorações.

E não se apresse o leitor a concluir que Churchill estava errado e que Stalin e seus comissários, e seus presídios, sejam modelos de sagacidade, de competência e de previsão. Mais do que nunca diremos que não foi pela força deles que chegaram a tão glorioso resultado e nele se mantêm:

*"To end a tale of length,
Troy in our weakness stands, not in her strength" (17)*

E, por falar em Tróia, convém retificar a interpretação que Churchill usa do mito de Nêmesis. Esse mito tem efetivamente um lado abstrato em que a deusa patrocina as bem fundadas vinganças. Mas não é este lado que os povos de língua inglesa vão ter como guia na continuação da guerra. É o outro, em que Zeus transformado em cisne persegue e alcança Nêmesis transformada em *goose* (que não sei se é fêmea de cisne ou de ganso, e creio que não valha

a pena tirar a limpo), e então gratifica-a com um ovo, do qual sairá Helena que, como sabemos, é o pomo da discórdia. Tróia será o desumano e satânico totalitarismo que desonra a civilização e se ergue contra a Igreja.

Para encurtar uma longa história, Tróia em nossa fraqueza se firma, e não em sua força.

Mas o erro que desde logo Churchill acrescentou ao seu catálogo não foi de se esquecer de Zeus, do cisne e do ovo; foi o de não contar até 10 ou até 10.000 antes de se precipitar para o microfone da B.B.C, para fazer a mais desastrada declaração, o menos inteligente de todos os *speeches* de sua vida. Compreendo as razões circunstanciais. Churchill é um homem de ação e está envolvido na mais intensa e complexa atividade que jamais um pobre cérebro humano teve de controlar e decidir em todas as iniciativas. Daí um certo complexo, um pavor da perda de tempo. Parece, à primeira vista, que em tão intensa e complexa operação a perda de um minuto pode ser desastrosa: e aqui estamos nós diante de um dos tantos falsos lemas com que se desorienta a humanidade. Faltou ao lado de Churchill o fantasma de Chesterton para dizer-lhe ao ouvido que em 22 de junho de 1941 a Inglaterra e o mundo precisavam de um "*unpractical man*" que resolvesse nesse dia, tranquilamente, avisar Sua Majestade que ia passar uns quinze dias de férias em algum agradável e escondido *cottage no Surrey*.

Salta aos olhos, com uma evidência fulgurante, que Churchill devia continuar sua guerra, suas ocupações, sua rotina da vida, sem tomar nenhuma decisão a respeito da U.R.S.S. e sem fazer nenhuma declaração. Ou então poderia ter feito um desses pronunciamentos que só no clima das chancelarias pode vir a lume. Dou uma sugestão com 30 anos de atraso:

22 de junho de 1941: O Reino Unido e seus aliados acompanham com interesse o desenrolar dos acontecimentos. Desponta no oriente, como convém, um amanhecer de esperanças para os povos que lutam pelo direito, pela honra do homem, pela liberdade e que até ontem tinham, contra tão elevados ideais, dois poderosos inimigos coligados.

Não pretendo aqui desdobrar a demonstração do que me parece evidente como o sol: não havia a menor vantagem para a causa comum no precipitado apoio prometido à U.R.S.S. A imensidade territorial da Rússia era a garantia principal da vantagem de uma pausa para meditação. Se os russos rechasassem imediatamente a invasão, salta aos olhos que isto só poderia ser feito com um desgaste enorme de lado a lado: não sobraria inimigo capaz de enfren-

tar a coligação anglo-americana. Se, como aconteceu, os russos, tomados de surpresa e desorganizados, efetuassem profundos recuos, Rússia adentro, indefinidamente, mais se atolariam as cento e sessenta e quatro divisões de Hitler que avançavam para leste de Leningrado a Rostov, numa frente como nunca se vira na história, e conseqüentemente mais livre e desafogado ficaria o Ocidente, e portanto mais próximo o Dia-D.

A ideia de aproveitar o mais depressa possível uma nova aliança se enquadrava bem na estrutura do mundo de 41 e na estrutura psíquica do grande comandante da vitória; mas enquadrava-se mal nas novas estruturas criadas pelos acontecimentos e exigidas pelas novas circunstâncias. E sobretudo não se enquadrava de modo algum com os verdadeiros e superiores interesses do homem. Digamos logo o termo sem maiores cerimônias: a decisão de Churchill, iniciada pelo discurso pronunciado na B.B.C, em 22 de junho de 1941, foi simplesmente imoral. E sobretudo revelou sua incapacidade de entrever, ao menos confusamente, que a malignidade do comunismo em nada era menor do que a do nazismo.

No discurso da B.B.C. (¹⁸), Churchill começa por admitir essa equivalência de malignidades, e diz que "ninguém mais do que ele foi um constante adversário do comunismo, que combateu durante vinte e cinco anos". Mas inesperadamente lança nos ares esta espantosa declaração: "*but ali this fades away*". Tudo isto se desvanece diante do espetáculo que agora se desenrola. Qual? O do castigo? O da retribuição? E onde foi parar a deusa Nêmesis do Oxford English Dictionary? E Churchill insiste com uma aterradora simplicidade: "*The past, with its crimes, its follies, and its tragedies flashed away*". O passado, com seus crimes, suas loucuras e tragédias apaga-se...

E isto — note bem o leitor — não é somente imoral num sentido alto e desinteressado; é também imoral num modesto nível prático que a prudência não pode desprezar. É estupidamente *imprudente* no sentido clássico e nobre do termo: a virtude do reto agir. Se eu sei, com experiência de um quarto de século, que este indivíduo, ou este grupo que traz escravizado o povo russo cometeu os mais abomináveis crimes, e as mais desvairadas loucuras, e se as circunstâncias me levam a ver nele ou nelas um aliado a quem devo apoiar e ajudar, a primeira coisa que devo providenciar imediatamente é:

NÃO ESQUECER SEUS CRIMES E SUAS LOUCURAS

Winston Churchill devia ter mandado escrever na parede de seu quarto em Downing Street 10:

"REMEMBER POLAND"

Depois da estranha promessa de uma amnésia total, o Primeiro-Ministro diz que pensa no povo russo que heroicamente defende sua pátria, fala nos lares, nas esposas rezando pelo esposo amado, etc, etc. Mas já cumpriu parte da promessa, porque já esqueceu os milhões de esposos amados que a U.R.S.S. trituroou, já esqueceu que o pobre povo russo não tem pátria, tem uma administração, e já não tem lar, tem "máquina de morar", como disse um arquiteto francês comunista.

Tudo isto está esquecido. A destruição de Varsóvia está esquecida. A maior hecatombe do mundo produzida pela demoníaca reforma agrária leninista. Tudo mergulhou no nada. Os vinte e cinco anos de experiência e combate reduzem-se a minutos de impaciência:

... "for we must speak out now, at once, without a day's delay..."

"Nós devemos falar agora mesmo, imediatamente, sem um dia de demora". Mas por quê? Por que não ficarem, a Inglaterra e os Estados Unidos, num retiro de observações, de recepção de dados, de organização de uma nova logística antes de *introduzir no problema os embaraços de compromissos inúteis* a que o aliado involuntário não tem o menor direito?

A chave do enigma nos é oferecida pelo próprio Churchill, que raramente deixa entrever paixões tão cegas. Eis o que diz logo após ter dito que não tem um dia a perder:

Devo fazer esta declaração, mas poderá alguém ignorar qual será nossa política? Nós só temos um objetivo, e um único e irrevogável propósito. Estamos resolvidos a destruir Hitler e todos os vestígios do nazismo. Disto nada nos desviará. Nada. Jamais parlamentaremos, jamais negociaremos com Hitler...

Mas desde já parlamenta e quer negociar com Stalin. E nem ao menos espera que Stalin peça socorro e esboce um "gesto largo e moscovita" que vagamente pudesse ser traduzido em inglês assim: "*Concerning the past, I am sorry. . .*". A Inglaterra, os Estados Unidos, o Ocidente, a Civilização, a Decência Humana, todas as entidades e categorias éticas — pelo microfone da B.B.C — demonstram uma indecente impaciência de ser o ganso, e de entrar em contato com o abominável Cisne das Neves.

O pacto com Satã

Lembro-me de ter ouvido contar a anedota que Deus queira seja apócrifa. Nos mesmos dias de junho-41, Churchill teria dito a seus pares na Câmara: "Se Hitler atacasse o Inferno, eu faria um pacto com Satã". (Risos). Os ingleses acham engraçada a ideia de inferno. *Hell*. E têm certa facilidade de rir do Demônio. Um sociólogo diria que isto é um simples traço cultural sem nenhuma implicação teológica.

Não sei se a anedota é verdadeira. Mas o fato histórico, em seu desenvolvimento, e com o seu desenlace, dificilmente pode eximir-se de implicações teológicas.

Stalin conta até 10.000.000

O volume sexto do *The Second World War* começa por um capítulo com este afetuoso título: "Nosso Aliado Soviético": e logo consigna, em tom meramente informativo, este fato que tem para nossa sensibilidade o volume da cordilheira do Himalaia: até 7 de julho o governo soviético não respondeu com uma só palavra ao discurso de Churchill. Na Inglaterra, os comunistas que sabotaram o esforço de guerra, com gritos contra "a guerra capitalista e imperialista", a partir de 22 de julho de 1941 passam a gritar estridentes *slogans* em torno de "A segunda frente!" Por onde se vê que muito presumivelmente o governo soviético, que não se digna responder ao Rei da Inglaterra e ao Primeiro-Ministro, desde o primeiro minuto, "*without a day's delay*", enviara suas instruções aos comunistas ingleses.

Incomodado com o silêncio moscovita, Churchill descobre que "tem o dever de quebrar o gelo". A imagem é imprópria para os belos dias de junho, a que os ingleses são tão sensíveis, mas em questões russas há sempre lugar para algum gelo. E com esse incompreensível sentimento do dever, Churchill escreve uma carta a Stalin, a 7 de julho, para congratular-se com o "espírito de resistência do exército russo" que até agora não fez outra coisa senão recuar. Tem de esperar ainda onze dias. Stalin não tem pressa de responder às aproximações de Londres. Afinal, em 18 de julho Stalin escreve agradecendo o discurso de um mês atrás. E logo dois dias depois Churchill precipita-se a responder. E, cinco dias depois, outra carta de Londres para Moscou, anunciando o envio de 3.000.000 de pares

de botas para os russos. Em 28 de julho de 1941, nova carta de Churchill para Stalin sobre *borracha*, que está faltando na Rússia. Em 31 de julho anuncia a primeira remessa de 10.000 toneladas de borracha, que é apenas o começo do enorme, da colossal quantidade de armas, munições, utensílios... de tudo que ingleses e americanos, com a mais estúpida solicitude da história, enviam ao taciturno Homem das Neves.

Em agosto de 41, Churchill mostra certo desapontamento e enfado:

Eu me esforço por manter, com frequentes mensagens pessoais, a mesma espécie de boas relações [tive certo pejo de procurar melhor tradução para "*happy relations*"] que cultivei com Roosevelt. Nessa longa série de contatos com Moscou recebi muitas grosserias e muito gelo (*rebuffs*) e muito raramente uma palavra cordial. Meus telegramas ficavam sem respostas durante meses...

O Governo Soviético tem a impressão de que nos concedem o grande favor de combaterem em sua própria terra por suas próprias vidas.

Nesse meio tempo a enorme frente de divisões alemãs avançou no território russo. Em dezembro de 41, com cinco meses de avanço e já dois meses de princípio de inverno, os alemães chegam perto de Moscou, e ocupam uma área maior do que a da Alemanha. Há um recuo na área em torno de Moscou no inverno 41-42, mas logo em 42 aumenta a penetração no sul. E aqui devemos fazer o que raramente se faz na discussão dos fatos da guerra: a cronologia paralela nos vários setores. Em que situação se acha essa Alemanha que avança Rússia adentro como se estivesse em posse de todo o seu entusiasmo, de todo o seu vigor, de toda a sua riqueza de recursos, e de toda a tranquilidade em sua retaguarda? Em novembro de 42, a arrancada alemã mantém-se ao norte e ao centro, e no sul progride e chega a Stalingrado. Repetimos a pergunta: e o conjunto da guerra? e o *front* ocidental? e a batalha do ar? Quem tiver alguma noção do que seja uma "posição" no jogo de xadrez, terá também uma aproximada ideia da interdependência das partes, e da impossibilidade de justa avaliação da partida e de suas *chances* se uma ou duas casas do tabuleiro estiver encoberta. A guerra não tem a estrutura lógica de um\ partida de xadrez, mas também não chega a ser um absoluto catálogo de disparates, como disse Churchill. E por isso, para podermos mal ou bem avaliar os sucessos do embate russo-alemão, precisamos lembrar: 19) que a U.R.S.S. até julho de 1941 teve pouco que fazer, além de massacrar os 12.000 oficiais poloneses e sepultá-los no bosque de Katym, e por isso teve vagares para se armar; 2?) que a Alemanha não só pagará muito caro seus sucessos como já começara a enfrentar reveses que indi-

cavam, muito antes da apelidada vitória de Stalingrado, o *tuning point* da guerra. Recapitulemos as várias parcelas do desgaste alemão:

1. Exércitos de; ocupação na Noruega, Tchecoslováquia, Áustria, Polónia, França, desde 1940
2. Perda do *Graf Spee*.
3. Perda da batalha aérea sobre a Inglaterra de agosto de 1941 a outubro de 1941: esta derrota custou a supremacia do ar, definitivamente perdida.
4. Vitória de Wavel na África sobre os italianos.
5. Rudolf Hess desce de pára-quadras na Escócia para propor a paz. Maio 41.
6. Afundamento do *Bismarck*.
7. Vitória na África, setembro de 42: Montgomery derruba Rommel com grande repercussão nos grupos dirigentes do Reich.

Mas o verdadeiro *tuning point*, e ousou até dizer o começo da derrota da Alemanha, está nos aperfeiçoamentos do radar e na ofensiva aérea maciça começada em maio de 42. O primeiro *raid* de quadrimotores com novos equipamentos de radar foi constituído por 1.000 aviões sobre Colónia, 30-31 maio de 1942, que despejaram 2.000 toneladas de bombas num período de 90 minutos. No dia seguinte foi Bremen o ponto visado pelo *saturation attack*; logo depois Essen e Bremen e assim até o fim da guerra. Diz a *Enciclopedia Britannica* (World War II), pág 791-N, que esses ataques sucessivos fizeram da "Alemanha a área mais devastada da Europa". Em junho de 42 entraram em jogo bombas de 4.000 lbs; em setembro, de 8.000 lbs. Para quem sabe sentir as *tendências*, ou o sinal da *derivada*, era clara, desde os fins de 42, a aproximação da derrota total da Alemanha.

Ora, é um país assim, exausto, vulnerado, implacavelmente visitado todas as noites pelo sinistro ronco da morte aérea, era um país assim neurotizado, e já sentindo baixar vertiginosamente sua estrela que, numa arrancada de menos de um ano, invade e domina quase a metade da enorme Rússia Europeia. E ainda pode perder 2.000 aviões para abater 4.500 aviões russos.

Não é nosso escopo, nesta obra, o estudo das oportunidades bélicas no *front* germano-soviético; nem temos à nossa disposição a espantosa multiplicidade de dados de que precisaríamos para assertivas tecnicamente exatas. Aparelhado com a lembrança do

"cheiro dos fatos", e agora com alguma leitura, e guiado pelo senso de objetividade de meu ofício ouso dizer, com certa convicção, que tudo isto prova o baixo valor bélico da U.R.S.S. naquela época, e portanto sua magra contribuição para o resultado final. Mas não faço nenhuma questão de defender esta tese, que não vem ao caso em nosso estudo. Irrita-nos sobretudo a segurança com que hoje, graças à difusão feita pelas esquerdas e à técnica de mentir de que são campeões, tranquilamente se apresenta a U.R.S.S. como vencedora, e até como principal vencedora. Infelizmente tudo se passa como se realmente, desde o início, Stalin tivesse feito tudo o que Churchill fez. Sim, tudo se passa como se a grande lutadora tivesse sido a U.R.S.S. porque foi ela realmente não apenas a grande, mas a *única* aproveitadora da guerra. E por quê? Porque o genial Winston Churchill e o muito menos genial Roosevelt, nessa matéria, não viram um palmo diante do nariz, e se comportaram como os mais perfeitos imbecis do século. Com a obsessiva estreiteza, com os apertados antolhos, só viam Hitler. Não raciocinaram, moviam-se e deliberavam segundo a imagem próxima. E muito menos adivinhavam, pressentiam, profetizavam...

Será justo descarregar toda esta imputação de falhas em cima do personagem Churchill, cuja grandeza é evidente e se impõe a qualquer pessoa que tenha estima por tudo o que há de belo e glorioso no animal racional? Creio que não é justo. Churchill estava imerso numa atmosfera civilizacional, e achava-se arrastado por uma genealogia histórica que lhe deixara nas proteínas espirituais de seu sistema de ideias e valores a marca do código genético do nominalista. Era um liberal, no sentido filosófico do termo; era um empirista, mais tolhido por essa obesidade da alma do que pela do corpo que suportou com invejável desenvoltura. Marcado pela deficiência filosófica do século, Churchill não pôde dar a plena medida de sua personalidade, e deixou sua gloriosa rubrica nessa pesada herança de erros a que atrás demos o qualificativo enérgico de traições.

Quem viveu aqueles dias e se exaltou com os heroísmos empenhados na defesa da civilização, quem acompanhou passo a passo os episódios da guerra, quem viveu naquele "mundo brutalmente simplificado", acordando com o desejo de vitória contra Hitler (nós também não víamos através de Hitler senão uma sombra vaga e subalterna), adormecendo e sonhando com a vitória, rezando todos os dias pela vitória, dificilmente pode hoje engolir a monstruosa injustiça praticada contra a Polónia, a Estónia, a Lituânia, a Roménia, a Letónia, etc. Todos esses povos foram entregues numa salva de prata à U.R.S.S., em recompensa da curra da Polónia. Vejam quanto

disparate: a guerra começou porque a Alemanha e a U.R.S.S. violaram a Polónia. A França caiu "indizivelmente humilhada" e a Inglaterra lutou com um prodigioso desgaste de tudo, perdeu o Império, teve sua capital destruída, para não permitir que aquele *Critério* germano-soviético arruinasse a civilização; ora, ao cabo de cinco anos, terminada a guerra, os bravos países de língua inglesa, que lutaram heroicamente para que a U.R.S.S. não comesse a metade da Polónia, entregam à mesmíssima U.R.S.S. a Polónia inteira.

E aí está o comunismo consolidado, instalado, a envenenar um século inteiro com o seu satanismo, para júbilo dos perversos e prazer dos tolos. Eis o que é realmente difícil de engolir, apesar de sabermos, pelo sonho de Pedro em Joze, que neste mundo temos de engolir cobras e lagartos.

A "*Résistance*" e a "*Liberation*" — 1944

Vimos atrás a alegre explicação dos progressistas: toda a flagelação da Igreja, a que hoje assistimos, nasceu dos contatos prolongados dos jovens católicos com os comunistas na *Résistance*. Vimos também o desembaraço com que De Gaulle passa o libelo ao louvor dos comunistas. E tudo isto mostra que a *Résistance* foi efetivamente uma oportunidade oferecida às varias vilanias que andavam dispersas, e que aproveitaram muitos equivocados heroísmos. Cabe aqui o lema: *corruptio óptima péssima*, porque é nas coisas que tocam de perto o Reino de Deus que se condensa e se cristaliza o ofertório de traição trazido por esse movimento que já não escondia o frémito de cio vingativo à medida que via aproximar-se o dia da paz. Atrás já vimos nosso General De Gaulle falar na doçura da vingança. Agora o mel se espalha e uma das últimas atividades da *Résistance*, que já se nota claramente na primavera de 44, é a diligência, a atividade febril e organizadora das "listas". Movem-se os comunistas impulsionados por sua intrínseca perversidade, movem-se os judeus, que têm milhões de parentes e amigos transformados em barras de sabão ou pele de abajur, e que nisto esquecem-se de que a vingança a Deus compete e não a nós. E a consequência desse esquecimento será a de se vingarem sobre quem não tinha culpa nenhuma. Mas os que se movem mais alvoroçados, os que têm mais pressa de se desordenarem são, *hélas!*, os democratas-cristãos. E o que causa especial estupor nesse espetáculo é o fato de ocorrer nos momentos que deveriam naturalmente predispor à generosidade

e a boa vontade. Eis aqui os lemas que Churchill traçou em todos os volumes de seu livro:

IN WAR — RESOLUTION
IN DEFEAT — DEFIANCE
IN VICTORY — MAGNANIMITY
IN PEACE — GOOD-WILL

Ora, é o oposto disto que vemos delinear-se em Paris: à medida que se aproxima a Paz, vemos mobilizarem-se tribunais iníquos, fundados sobre a injustiça, animados pelo ressentimento, manobrados pelos perversos e servidos pelos imbecis e pulhas.

Devo fazer duas ressalvas: não duvido um só instante da composição da *Résistance*, e da presença nela de muitos patriotas que realmente queriam, de algum modo, erguer do chão a mãe-pátria "indizivelmente humilhada". Sem nenhum desejo de usar a dialética oscilante e convencional que quer conceder alguma coisa a todo o mundo, afirmo minha firme convicção de que na *Résistance* houve certamente muita grandeza humana a procurar um modo de servir. Será preciso lembrar que naquele tempo, no Centro Dom Vital, todos nós acompanhávamos a *Résistance* com amor e fervor? E o que me prende hoje a este papel — eu gostaria de poder provar com estrelas na mão — não é a amargura da decepção; será isto também secundariamente, mas é sobretudo o desejo de retratar, de corrigir, para o serviço da verdade, a posição que talvez tenha deixado manchas de erros em tantas folhas de papel que andei por aqui escrevendo, e que algumas podem ainda estar por aí expostas à leitura...

O segundo reparo que tenho pressa de fazer refere-se ao direito de punir seus maus servidores, e até de aplicar a pena capital aos seus traidores, que tem toda sociedade e sem o qual é impossível a vida na *Polis*, e por conseguinte a vida em nível humano, já que o homem é o "animal-para-viver-na-Polis".

'Cette Résistance passe en jugement'

A primeira proposição que eu contesto é que a *Résistance* tivesse esse direito de punir, de condenar e de executar, que é fundado na lei natural, mas que tem, para existir, necessidade de certos requisitos de forma, de legitimidade, e claridade como situação de fato, de *signal* de direito natural, reflexo esquivo, vacilante, mas

visível da lei divina, e não apenas das codificações acertadas entre homens circunspectos em torno de uma mesa.

A França derrubada foi uma França dividida, foi uma França — digamos assim aos democratas — em processo de procura de sua substância, em busca da voz esparsa, dividida, tumultuada, de seus filhos. Quem poderia asseverar entre 1940 e 1945 que: "Ubi Resistencia ibi Francia", ou até "Ubi Gaulle ibi Gallia"?

Quem poderia, razoavelmente, ter a convicção de que, estando sujeito ao governo de Vichy, estaria agindo contra os interesses da França ou até traindo a França? Um grande dominicano da velha guarda, o Pe. Bruckberger, a quem Bernanos ouvia com o mais profundo respeito, foi um *résistant* notório, mas em 1945, no tempo em que se fuzilava com critérios de *Résistance*, sentiu que devia escrever um livro, *Si grande peine*, onde corajosamente dizia:

As mais altas autoridades religiosas nos disseram que o governo de Vichy era legítimo. Das duas uma: ou as palavras não têm sentido, ou então o que diziam significava que a autoridade do governo era justa (no seu fundamento) e que nós estávamos obrigados em consciência a obedecer. Mas, então, por que não obedecemos? Sim, nós nos opusemos a Vichy. É ou não verdade que nos apresentaram a obediência a Pétain como um dever? E nós? Obedecemos? Sim ou não? Católicos da Resistência, nós não obedecemos. E é isto que nos atormenta.

Num livro de bela generosidade ⁽¹⁹⁾, que mais adiante voltaremos a comentar, Jean Madiran aborda de frente o problema da *Résistance* com estas palavras de Mauriac (com quem raramente concordou, mas com quem neste momento se acha numa fundamental concordância):

"O denominador comum dos donos do jogo desde a Libertação é a Resistência: ela tornou-se governo. E se até agora não soçobrou com tão fracos pilotos, é preciso convir que a França também foi resistente..."

Aqui, evidentemente, o sinuoso Mauriac se entrega a um jogo de palavras que substitui o pensamento em colapso. Mas o acadêmico retoma o fio:

Que fizestes da França, vós que sois os senhores há doze anos? Sim, às vezes me ocorre que mais ninguém, na França, tem o direito de se erigir em juiz. ⁽²⁰⁾.

E agora Jean Madiran:

Essa *Resistência* instalada no poder, essa *Resistência*, "denominador comum", único e soberano, dos homens que há quatorze anos dirigem na França o governo, a justiça, as leis, a imprensa, a edição, e muitas outras coisas, entre as quais numerosas organizações religiosas — ESSA RESISTÊNCIA ESTÁ NO BANCO DOS RÉUS.

E Madiran, muito engajado no presente, não quer voltar aos debates de 1940-44, que deixa aos historiadores. E insiste em que esses debates, essa guerra civil entre no grande conservatório, no grande museu da história. "Que cada um guarde sua honra, sua fidelidade, seus remorsos talvez. Tudo isto agora só interessará aos eruditos das teses de doutorado, aos autores de monografias, aos arqueólogos, ou só interessará novamente, na hora muito pessoal e muito misteriosa em que, dos que tanto combateram, tanto esperaram, tanto amaram ou odiaram, desesperaram e sofreram, cada um encontrará o juízo de Deus e a piedade de sua misericórdia. Aqui, no mundo, a página foi virada; e é por artifício que ainda a querem colocar diante dos olhos: os anos de 1940-44 não podem, e não poderão jamais ser um *alibi* para o modo por que tem sido a França governada, dividida, dilacerada e traída desde 1945 até 1958".

E adiante acrescenta que os grandes mortos como Saint-Exupéry, Bernanos e Brasillach têm alguma coisa a nos dizer, de nosso presente e de nosso futuro.

Ora, é justamente para isto, e não para fazer história nem tese de doutorado, que volto àquela página, não para debater, não para discutir, nem para remexer cinzas, mas para evocar valores sempre vivos, personagens sempre presentes, e para dizer quase o contrário do que diz Madiran, para chegar, creio eu, a conclusão muito próxima da dele.

E começo por dizer que "essa *Résistance* instalada no poder, essa *Résistance* denominador comum", etc. etc. poderá ter todos os poderes e autoridades para dirigir na França o governo, a justiça, as leis, a imprensa, a edição etc, etc. Admito que um falso libertador encontrado, inventado, caracterizado, ensaiado para passar por baixo do Arco do Triunfo ao lado de Winston Churchill, e seguido a distância respeitosa pelas figuras vestidas de preto do MRP que mais parecem estar num enterro do que num dia de glória cívica, se torne por aclamação popular um verdadeiro governo, mesmo porque até hoje ainda não encontrei quem me desse umá receita plenamente aceitável de como se faz um governo, de indiscutível e incontrovertida legitimidade, mas, não sendo anarquista, sei que devemos nos contentar com um dos meios pobres, e pouco convincentes, que a humanidade até hoje inventou, e deverá aprimorar, se possível.

Em maré de tolerância nessa matéria estou disposto a admitir que tenha sido "governo" o que se fez em França de 1945 a 1958. O que não posso absolutamente admitir é que a *Résistance* de 1940-44, ou a *Résistance* propriamente dita, mistura de vilanias e de grandezas, possa servir de critério, e até de critério principal, e

até de critério único!, para julgamento de supostos crimes políticos, praticados contra a Pátria indevidamente identificada com a *Résistance*.

A *Résistance* que para mim, na situação definida por Jean Madiran, "*cette Résistance passe en jugement*", não é aquela "tornada governo", é aquela *Résistance* que, antes da vitória dos Aliados, e antes da cortesia feita pelo General Eisenhower, que cedeu o passo ao exército de um General francês para efetivar a libertação de Paris, já se arrogava o direito de fornecer, ao governo que nascesse de seu ovo, os critérios e as normas para a discriminação dos traidores. E o fato de ter sido usado esse critério durante a "*Épuration*" de triste memória prova que a "*Résistance devenue gouvernement*", na expressão de Mauriac, desmoralizou e desonrou a *Résistance*, e destarte praticou uma cruel injustiça contra os heróis que verdadeiramente, em consciência, julgaram servir à Pátria servindo à *Résistance*.

E note bem o leitor que nisto não me afasto da linha que Madiran traçou quando fala em virar a página de quatro anos de história. Também eu não quero, de modo algum, voltar atrás para me deter nas responsabilidades pessoais. E se aqui ou ali ainda fizer alguma referência a De Gaulle, a Bidault, ou a qualquer outro, não é a pessoa que procuro medir e pesar, é o "personagem" representativo das ideias que deixou escritas ou gravadas nos acontecimentos. E não é para entender a "intriga", o *plot*, o enredo de dimensões nacionais e repercussões mundiais que me detenho a ler e reler, a virar as páginas e a revirá-las de todas essas coisas idas e vividas. É para tentar discernir, na complexa *Résistance*, os fios de história, os princípios ou antiprincípios em jogo, por estar convencido de que *isto* é que importa compreender, para compreender, tanto quanto possível, o drama atual da Igreja, e para combater, *hoje* e *amanhã*, os verdadeiros inimigos.

Na história da *Résistance* (de 1941-44) há um primeiro vício grave, mas ainda no nível médio das humanas vilanias. Há o *unfair play* com que o General De Gaulle, de Londres, e sem ter nos ombros o imenso sofrimento de um povo que, aceitando e prestigiando Pétain, aceitou o armistício, quer forçar a identificação entre a vontade geral e a *Résistance*, ao mesmo tempo que se identifica ele mesmo com a *Résistance*.⁽²¹⁾

Isto passou-se em 1942. Em 2 de junho de 1943, a um ano de distância da *Liberation*, o General Giraud escreve uma carta a De Gaulle onde se vê seu nítido e enérgico repúdio dos processos e objetivos que já envenenam a *Résistance* e já anunciam a desonrosa *Épuration*. Vale a pena registrar essa carta de Giraud:

De início acho que é essencial não deixar subsistir entre nós nenhum equívoco. A França e nossos aliados esperam. Convém colocar o debate em plena claridade. Ora, duas doutrinas se afrontam. E a bem dizer parecem opostas. No que me toca, já defini minha posição política no discurso de 14 de março. Não preciso repetir.

Quanto à sua posição, os jornais clandestinos que circulam em França sob seu patrocínio, as declarações pronunciadas na BBC ou em público por vários membros de seu círculo, tudo parece afirmar e admitir que seu desígnio é o de instituir na França, após sua libertação, um sistema político totalitário em seu nome. A consulta popular deveria ser considerada somente mais tarde.

Essas declarações anunciam até uma maciça repressão a ser feita em França. Segundo expressões de alguns de seus colaboradores, "a França deve sofrer uma depuração que nenhum país, em tempo algum, logrou efetuar". A organização dirigida pelo Coronel Passy adotou os métodos da Gestapo.

Não é menos inquietante sua política exterior. As expressões que lhe são atribuídas, sobre os ingleses, sua recusa de visitar o General Eisenhower por ocasião de sua chegada à Argélia, demonstram igualmente uma manobra que, se por um lado prepara a sua Revolução, por outro lado compromete a salvação do país. Eu não me associarei a tal empreendimento, que equivaleria, pura e simplesmente, a estabelecer na França um regime copiado do nazismo, e sustentado pelas SS, contra o qual lutam todas as nações aliadas.

A França não quer isto. Peço-lhe então, antes de qualquer outra discussão, uma declaração pública desmentindo esses projetos, e o afastamento de seus autores, que não deverão, em caso algum, ocupar postos em qualquer comité executivo ou em qualquer função administrativa.

Queira aceitar etc. etc. (a) Giraud (22) _

Não posso sopitar uma observação: Giraud padece da mesma obnubilção geral e, para definir e repelir os projetos de *Revolução* que já se estribam na *Résistance*, compara-os ao nazismo. Por que não ao comunismo? A lógica de sua argumentação nada perderia na forma, e ganharia realidade na matéria, porque a *Résistance*, com reconhecimento suspiroso de uns e gritos de entusiasmo de outros, já é reconhecida como *rendez-vous* entre democratas-cristãos e comunistas. E, de certo modo, o que qualquer estudante de psicologia compreenderá, tenta ocultar os andrajos de sua ineficácia na guerra, com um manto cor de futuro, ou desde já vermelho e marchetado de foices e martelos de prata.

Giraud contesta a identificação da França com De Gaulle, com a *Résistance*, e sobretudo com a Revolução. E é nesta mesma linha que aqui estou contestando qualquer vestígio de direito nos *processos* da *Épuration*. E agora perguntemos: qual é o princípio ou antiprincípio animador dessa envenenada *Résistance*? A resposta que me vem imediatamente ao ouvido, como se Brasillach a sussurrasse, é esta: o "princípio" da inimizade.⁽²³⁾ E quais são os agen-

tes distribuidores desse elixir dos infernos? Nós já sabemos: são nossos velhos conhecidos comunistas, que os franceses se equivam de mencionar, e atrás deles os personagens movidos por suas grandiosas paranóias, e os mais escuros personagens subalternos e solícitos em compreender e depressa executar as ordens daqueles que têm por comandante da "História".

Humildade e magnanimidade

Sinto a necessidade de intercalar aqui uma digressão para evitar mal-entendidos com os franceses a que tantos devem tanto. Mais de uma vez já deixei escapar sinais de cólera e já falei da cortesia que teve o General Eisenhower de entregar Paris aos franceses numa bandeja levada pomposamente por De Gaulle. E quero afiançar que jamais me passou pela ideia ou pelo coração o desejo de trazer uma contribuição de humilhação à França "indizivelmente humilhada". Ao contrário, minha irritação diante dos que amesquinham a França foi sempre movida pelo amor. Desejei ardentemente que alguém, algum grupo, algum líder, no dia 16 de agosto de 1940, em nome do povo francês agradecesse aos ingleses e americanos o enorme esforço e os enormes sacrifícios graças aos quais os franceses, derrubados e impossibilitados de oferecer aos Aliados e ao mundo o espetáculo de *endurance* e de bravura de 1914, recebiam agora a pátria libertada, e a sua bela capital intacta. Em retribuição de tão incomensurável serviço recebido, a França prometia aos povos irmãos na glória da civilização, e no Sangue de Cristo, não uma retribuição especificada e medida em termos de tratados, mas uma retribuição contida na promessa de trabalhar com toda a sua força, todo o seu gênio, todo o seu valor, para o bem comum universal e para a verdadeira Paz, que só pode ser *opus justitiae*.

Se alguém tivesse pronunciado este discurso ou algum outro equivalente, enaltecendo a resistência dos londrinos em 41, a França teria feito um ato maravilhoso de humildade, e por conseguinte teria feito um real e não menos maravilhoso ato de magnanimidade. A teologia moral nos ensina que o aparelho de virtudes morais, adquiridas ou infusas, só tem vigor e integridade quando se conjugam bem as virtudes antinômicas.⁽²⁴⁾ A humildade é o complemento, ou o outro lado da magnanimidade.

Ao contrário, onde o ressentimento abafou a humildade, só deixando falar alto uma presunção com caricata grandiosidade, resul-

tou o ridículo de uma humilhação ainda maior, paramentada de "honneur" a que Péguy se referia dizendo: "au pluriel, au pluriel..."

A "Résistance" e sua incapacidade de julgar

O General Giraud contesta as identidades *Résistance — France; Gaulle — Résistance; France — Révolution; Gaulle — France*; identidades aliás que já tinham sido previamente contestadas pelo episcopado francês e pela Santa Sé.

Posso admitir (ao menos para evitar uma controvérsia que transborda todos os limites já comprometidos desta obra) que a aclamação de agosto de 1940 tenha transformado De Gaulle e seus satélites em governo. Mas não posso admitir, de modo algum, que esse governo invoque o foco infeccionado da *Résistance* para oferecer ao mundo um espetáculo de nova humilhação e desonra para a França. Em outras palavras, não posso admitir um só segundo os direitos do ódio e da inimizade tidos como dínamos da História, embora possa admitir, com os doutores da Igreja, o direito e exercício da *vindicta* como virtude social de castigação derivada da virtude da justiça. ⁽²⁵⁾ Uma sociedade tem o direito e o dever de castigar os culpados de crimes contra o bem comum, e pecarão gravemente contra a justiça os governantes que, em nome de uma falsa concepção da bondade, permitirem a difusão e o alastramento do mal sem repressões e punições.

O que no caso da *Résistance* se impugna, à luz da sã doutrina e à vista das circunstâncias, é a autoridade e principalmente o critério arbitrariamente composto à custa da imensa angústia de um povo assaltado e ferido profundamente. A perplexidade do Pe. Briickberger O.P. exprime bem a dolorosa situação de um homem virtuoso, e no caso parece indicar que jamais poderia o Pe. Briickberger admitir um só segundo a aplicação da pena capital a pessoas cujo crime seria o de ter resistido à *Résistance*. E, assim como temos a certeza de que muita grandeza humana, na vertigem dos critérios perdidos, tenha procurado servir a pátria na *Résistance*, temos também a certeza de que houve muito heroísmo em não aceitar, em resistir à *Résistance*.

Em vista desse estado geral de perplexidade, o encaminhamento natural da *Résistance*, se nela predominasse o virtuoso patriotismo, seria na direção da clemência e da magnanimidade à medida que se aproximavam o dia da vitória e os dias da paz. Entende-se, com constrangimento, certa agravação de severidades e de rigores penais

nos dias de guerra; mas entende-se infinitamente menos uma explosão de penalidades e castigos quando, à custa de tantos heroísmos, de tantos sofrimentos, de tantas imolações, finalmente voltamos à paz.

Os teólogos nos apresentam o alinhamento clássico de virtudes, dons e frutos: caridade — sabedoria — paz, onde se vê que a paz é, na vida da alma, o doce fruto das mais altas virtudes e dos mais altos dons. Subvertemos todas as ordens, todas as concatenações quando fazemos da paz (no caso, paz social) o fruto amargo, a semente venenosa do ódio e da vingança. E, aqui, no caso da *Résistance*, há um traço de caricatural injustiça que clama aos céus. É o seguinte: é aquela corrente, aquela manada histórica que envenenou, que desarmou a França, que anestesiou sua honra e seu valeroso garbo, é justamente o grupo que mais visivelmente e mais monstruosamente traiu a França que logo se encastelou na *Résistance* e agora se prepara para punir os traidores e para gozar as *doçuras* da vingança.

"*Mihi vindictam: et Ego retribuam*" (Deut. XXXII, 35)

Estudando os acontecimentos de 1943 e 44, diz Jacques Mar-teaux⁽²⁶⁾, pudemos analisar a circular de *Insurreição* dirigida pelo Coronel Passy⁽²⁷⁾ a Jean Moulin, presidente da C.N.R., em agosto de 1942⁽²⁸⁾. E não nos ficou a menor dúvida de que as instruções contidas nesse documento capital tenham sido cumpridas à risca, como também as que visavam à instalação "de *equipes de épuration*", e as que continham listas de pessoas designadas e já condenadas à *épuration*, e até as instruções que já definiam as modalidades da execução! Anos mais tarde, na sessão de 24 de outubro de 1950 da Assembleia Nacional, Jean Montigny dá algumas cifras que depois foram confirmadas:

M. Teitgen, diz Jean Montigny, ousa afirmar que o número de execuções sumárias em 44 e 45 não passava de 3.000, porque foi esse o número de queixas das famílias registradas nas Chancelarias. Ora, alguns dias depois, o Coronel Passy declarou publicamente que M. Texier, ministro do Interior do governo do General De Gaulle, lhe dissera que, de acordo com as informações que na época possuía, o número de execuções teria sido 105.000. Num artigo que na época lhe foi enviado, opusemos essas declarações às de M. Teitgen. E quando a cifra de cento e tantos mil foi enunciada na tribuna pelo deputado Dehors ninguém protestou. M. Teitgen, adotando uma nova atitude, contentou-se em desviar para outro partido a responsabilidade do massacre. Mas, nesse ponto, o M. R. P. não pode esquivar-se de suas responsabilidades.

O Cardeal Saliège, Arcebispo de Toulouse, "que não pertencia ao grupo de 20 bispos, cujas demissões tinham sido pedidas por Georges Bidault, e que até (anos atrás) sorria para a *Résistance*"⁽²⁹⁾, não hesita em declarar que a *Épuration* se tornara um nazismo puro e simples:

Mesmos processos, mesmas crueldades, mesmas mentiras, mesmo desprezo pela pessoa humana.

Menos sujeito à suspeita de parcialidade do que o testemunho de Harvard de la Montagne, ilustre dirigente da Action Française, é o depoimento de Maurice Vaussard, conhecido por seus pendores de democrata-cristão:

Na política interior, o novo governo, e por sua conta os dirigentes do M. R. P. se atrelaram à tarefa da depuração com mais zelo do que discernimento. Perseguram-se excelentes funcionários e técnicos, que tinham cumprido o dever profissional sem nenhuma complacência com o inimigo, mas também sem se convencerem de que deviam desorganizar os serviços de interesse público de que estavam encarregados...⁽³⁰⁾.

E aqui estão os heroísmos que resistiram à *Résistance*: técnicos, engenheiros, funcionários responsáveis por serviços públicos cuja suspensão ou desordem acarreta numa grande cidade milhares de mortes (como ocorreu em 1968), recusaram-se a atos de sabotagem sem nenhuma significação bélica e evidentemente nociva à França. Seus nomes estão perdidos no número: 105.000!

... alguns processos espetaculares serviram para dar a ilusão de uma repressão exemplar da colaboração. Mas as execuções só vieram realçar a arbitrariedade dos tribunais de exceção... E por que fuzilar BRASILLACH?... (31).

Sim, por que fuzilar Brasillach? Antes de maiores indagações, e de mais extensas considerações, trago aqui um dado que escapou ao meticuloso e honesto historiador democrata-cristão. Robert Brasillach, que combatera valentemente até o dia do armistício, esteve prisioneiro dos alemães, e chegando a Paris nas primeiras levas de prisioneiros libertados passou a escrever no *hebdomadário Je suis partout* em 1943, e aí publicou uma sensacional reportagem sobre o massacre de Katym, denunciado pelos alemães, e executado pelos comunistas na invasão da Polónia. Hoje todo o mundo sabe que em Katym foram enterrados, em fossas enormes, cerca de 12.000 oficiais poloneses sumariamente assassinados pelos soviéticos. Brasil-

lich, além das dez mil imprudências que cometeu em sua exaltada e curta existência, cometeu esta terrível imprudência: a de denunciar feitos comunistas em 1943, enfrentando a *Résistance* que nesse tempo... Quem nos vai explicar o grau de irreparável imprudência de Brasillach, com certo atraso, é François Mauriac, um dos mais ilustres resistentes:

Cometeu-se de início um erro irreparável. Eu não sou suspeito de nenhuma simpatia pelo *vichyismo*; mas se, de início, tivessem reconhecido que o governo do "Estado Francês" se constituía em moldes que permitiam tê-lo como legal...

Meu Deus! Interrompo a alongada e sinuosa frase do sempre sinuoso Mauriac para lembrar à sombra do escritor católico que todos os bispos de França, com raríssimas exceções, deixaram bem claro, e de início, isto que Mauriac reclama como se acabasse de cair da Lua em 1947: a dolorosa, trágica mas dificilmente contestável legitimidade do governo Pétain. Mas continuemos a aflita descoberta de Mauriac:

...se tivessem... se... ter-se-iam introduzido desde o início da Depuração circunstanciais atenuantes PARA QUASE TODOS OS CASOS... (realce nosso).

O erro capital foi este: permitiram aos comunistas utilizar a Depuração para vantagem e proveito deles. Isto aconteceu porque os comunistas foram hábeis ou talvez porque os outros partidos foram fracos...⁽³²⁾.

E aí está! *Eureka! Eureka!* Foi preciso morrerem fuzilados, injustamente, 100.000 franceses, foi preciso condenar Maurras, condenar Pétain — e fuzilar Brasillach, M. Vaussard! — e foi preciso chamar um dos mais lúcidos resistentes, um dos mais famosos romancistas do mundo para descobrir o que entrava pelos olhos, ou pelo nariz, isto é, para descobrir que a *Résistance* foi efetivamente o lugar e a oportunidade de "prolongados contatos entre comunistas e democratas-cristãos" como disse A. Dansette; ou para descobrir que foi na *Résistance* que nasceu ou desabrochou o progressismo católico, como diz o Pe. Bigo; ou para descobrir que foi na *Résistance* que os democratas-cristãos se desonraram no concubinato com o comunismo.

E agora, pela voz autorizada de François Mauriac, todo mundo ficou conhecendo a maior de todas as traições do ramallete espiritual a que mais de uma vez nos referimos. Sim, a esquerda católica,

com o aval dos dirigentes da *Résistance*, entregou ao comunismo os dois instrumentos da justiça: a balança para aquilatar os traidores e o gládio para executá-los.

Roberto Brasillach

E aí está a razão clara do fuzilamento de Brasillach. Esse moço genial, transbordante de vida, exultante, comunicativo, aventureiro da amizade, pesquisador e garimpeiro das esmeraldas da esperança e do *boriheur!*; esse admirável menino-prodígio, da raça dos Rimbaud e dos Radiguet, vivera sempre as mais líricas imprudências. Esteve na Espanha. Antes da guerra esteve *cem dias* em Berlim, de onde voltou maravilhado com a teatralidade exultante do nazismo, e chocado com a falsidade que sentia por baixo de todo aquele aparato wagneriano. Escreveu sobre Hitler páginas de admirável lucidez. E sentia, com dor profunda, o contraste entre o descabido e (para ele) mal fundamentado entusiasmo alemão, e o mais descabido estado de melancolia e depressão da França esquerdizada. E perguntava aflito "*pourquoi pas nous?*" Esteve na guerra. Bateu-se corajosamente. Escreveu nos joelhos o *Notre Avant-Guerre* e a peça de teatro *La Reine de Césarée*. Tinha vinte e tantos anos, amava a vida, amava sua irmã, seus amigos a começar por Bardèche, e amava sua mãe e sua Pátria e seu Deus e Senhor. No armistício teve amigos alemães. Cantou com eles o *Horst Wessel-Lied*, que horror! Anos atrás escrevera *boutades* contra o judaísmo que esquerdizava a França, mas durante a ocupação, e quando os nazistas começaram a perseguir os judeus na França foi um dos poucos a protestar em *Je suis partout* e em assinalar a particular crueldade com que, nas famílias judias presas, separavam-se os pais dos filhos. ³³).

Sartre não teve uma palavra. Mauriac escreveu no *Figaro* um vago e esotérico protesto. ³⁴).

Algumas consciências menos tranquilas, anos depois, lamentarão que Brasillach não tenha sequer tomado o cuidado de se esconder nos dias de Terror, em 44. Não é verdade. Ele se escondeu; mas os purificadores da nova França imediatamente acharam a solução técnica para fazê-lo aparecer: prenderam sua mãe como refém. E para bem entender o que *isto* significava é preciso tornar a dizer com desusada insistência, já que muita gente pensa que a piedade filial seja mais abundante no mundo do que o hidrogênio, que Brasillach amava ternamente sua mãe. Ou então é preciso ler seu tes-

tamento de jovem fabulosamente feliz, e tão depressa rejeitado pelo mundo. O universo de Robert Brasillach, diz Madiran, e a alma desse universo foi o amor filial e o amor fraterno... Eis sua despedida:

Et puis, je laisse mon amour,
Et mon enfance avec mon coeur,
Le souvenir des premiers jours,
Le cristal, le plus pur bonheur,
Ah! je laisse tout ce que j'aime,
Le premier baiser, la fraîcheur.
Je laisse vraiment tout moi-même
Ou, s'il existe, le meilleur,

A toi, à la première image,
Au sourire sur mon berceau,
A la tendresse et au courage
A la féerie des jours si beaux,
Soleil même dans les sanglots,
Fiérté aux temps les plus méchants,
Pour qui rien ne change à nouveau
L'âge qu'a toujours ton enfant.

Je ne garde pour emporter
Au dela des terres humaines
Loin des plaisirs de mes étés
Des amitiés qui furent miennes
Qu'« ce qu'on ne peut m'enlever,
L'amour et le goût de la terre,
Le nom de ceux dont je rêvais
Au coeur de mes nuits de misère,
Les années de tous mes bonheurs,
La confiance de mes frères,
Et la pensée de mon honneur
Et le visage de ma mère.

Eles prenderam sua mãe, como refém. E em pouco tempo tiveram a satisfação de ver a eficiência do estratagema: o claro e iluminado rosto de Brasillach apareceu logo diante dos purificadores da república.

Na verdade, feitas todas as contas, e lida a descoberta de "*Verreur capitale*" de Mauriac, nós hoje sabemos qual foi a imprudência mortal de Robert Brasillach: foi a de denunciar o massacre de Katym pelos comunistas.

Preso, "julgado", "condenado", Robert Brasillach passa seus últimos dias a rezar em versos de peregrina beleza, em salmos agônicos escritos na prisão, "la mort en face".

Em janeiro de 1945 foi dirigido ao Chefe do Governo um apelo de clemência assinado por sessenta e três escritores de todos os qua-

drantes de opinião e de credo político, todos eles de renome mundial, e aqui devemos fazer uma reverência diante do personagem Mauriac, que nessa eventualidade não apenas assinou o apelo como moveu céus e terra em favor do moço que, para os critérios habituais em que se desenhavam os epiciclos de sua vida e sua obra jornalística, era um "fascista". Eis o apelo e as assinaturas:

Os abaixo assinados, lembrando que o tenente Brasillach, pai de Robert Brasillach, deu a vida pela pátria em 13 de novembro de 1914, pedem respeitosamente ao Chefe do Governo que se digne considerar com benevolência o recurso que lhe foi dirigido por Robert Brasillach, condenado à morte em 19 de janeiro de 1945 com a idade de 35 anos. (Ass.) Mareei Achard, Jean Anouilh, Mareei Aymé, Jacques Bardoux, Jean-Louis Barrault, André Barsach, Jean-Jacques Bernard, André Bily, Henry Bordeaux, Mareei Bouteron, Émile Bréhier, Monseigneur Bressolles, Le Duc de Broglie, Le Prince de Broglie, Albert Buisson, Albert Camus, André Chevillon, Paul Claudel, Jean Cocteau, Gustave Cohen, Collete Jacques Copeau, Émile Dard, Georges D'esvallières, André Derain, Roland Dorgélès, George Duhamel, Charles Dyllin, Jean Effel, Claude Farrère, Max Favaletti, Le Duc de la Force, Émile Henriot, Arthur Honnegger, Janet, Jordan, L'amiral Lacaze, Lalande, Louis Latapie, Patrice de la Tour du Pin, George Lecomte, Jean Loisy, Louis Madelin, Gabriel Mareei, Germain Martin, Thierry Maulnier, François Mauriac, Paul-Henri Michel, André Obey, Wladimir d'Ormesson, Jean Paulhan, Pichat, Henri Pollès, Simon Ratei, Charles Rist, Daniel — Rops, Firmin Roz, Rueff, Jean Schlumberger, Jean Tharaud, Paul Valéri, Vlaminc.

O Chefe do Governo provisório chegou a conceder a graça pedida, mas retirou-a à vista de um inesperado documento trazido à última hora: uma fotografia de Robert Brasillach em uniforme alemão. O uniforme era realmente alemão, mas quem o vestia não era Brasillach. ⁽³⁵⁾ E assim Brasillach foi três vezes perseguido por uma intenção homicida, e três vezes foi a França ultrajada mal se levantara de sua prostração, "indizivelmente humilhada". Só lhes resta agora, aos que têm sede de vingança, cristãos, judeus e comunistas, fazer uma coisa para a qual, sem necessidade de invocar a justiça, o direito e a autoridade, basta-lhes o poder físico e químico de doze espoletas de balas de fuzil.

E agora Brasillach olha a morte de frente, dia-a-dia, com uma doce bravura, com uma humilde e quase diria alegre tranquilidade que felizmente para a tão propalada dignidade da pessoa humana, e para desagravo da França, da Civilização, do Mundo e da Igreja de Cristo, ficou gravada em apontamentos, versos, salmos escritos na prisão:

Salmo I: "Homo sum".

O Seigneur, nous qu'ils ont enfermés sous ces portes,
Nous qu'ils ont verrouillés derrière ces verrous,
Nous pour qui les soldats de ces murailles fortes
Font dans les corridors sonner leurs pas à clous,

O Seigneur, vous savez que couchés sur la paille
Ou sur le dur ciment des prisons sans hublot,
Nous avons su garder en nous, vaille que vaille,
L'espoir sans défaillance envers des jours plus beaux,

Nous avons rassemblé les anciennes tendresses,
Nous avons dessiné sur le plâtre des murs
Les magiques portraits de nos saintes jeunesses
Et nos cœurs sans remords savent qu'ils restent purs.

La sottise au dehors dans le sang rouge baigne,
Et l'ennemi déjà s' imagine immortel,
Mais lui seul croit encore au long temps de son règne
Et nos barreaux, Seigneur, ne cachent pas le ciei.

Salmo II: "Pai, afasta de mim esta taça. . ."

Vous avez fait le ciei pour vous-même, Seigneur,
Et la terre d'ici pour les enfants des hommes,
Et nous ne savons pas de plus réels bonheurs
Que les bonheurs cernes par le monde ou nous sommes

Nous voulons bien un jour célébrer vos louanges
Et nous unir aux chants de vos desincarnés,
Mais vos enfants, Seigneur, ils ne sont pas des anges,
Et c'est aux cœurs d'en bas que leur cœur est lié.

Pardonnez-nous, Seigneur, de ne pas oser croire
Que le bonheur pour nous ait une autre couleur
Que la joie de la source ou nos bouches vont boire
Et du feu ou nos mains recueillent la chaleur.

Pardonnez nous, Seigneur, dans nos prisons captives
De songer avant tout aux vieux trésors humains,
Et de nous retourner toujours vers l'autre rive
Et d'appeler hier plus encore que demain.

Pardonnez-nous, Seigneur, si nos ames charnelles
Ne veulent pas quitter leur compagnon le corps
Et si je ne puis pas, o terre paternelle,
Goûter de l'avenir une autre forme encor.

Car les enfants pressés contre notre joue d'homme,
Les êtres qu'ont aimés nos coeurs d'adolescents
Demeurent à jamais devant ceux que nous sommes,
Uespoir et le regret les plus éblouissants.

Et nous ne pourrions pas, pétris de cette terre,
Rever à quelque joie ou ne nous suivraient pas
La peine et le plaisir, la nuit et la lumière
Qui brillaient sur le sol ou marquèrent nos pas.

Salmo III:

Seigneur, voici venir les captifs de la terre.
Seigneur, vous avez fait les libres horizons,
Mais l'homme seul a fait la prison et la guerre,
Seigneur, ce n'est pas vous qui faites les prisons.

Faites que quelque jour de leur terres lointaines
Quittent leur durs ennuis les captifs de partout
Faites qu'ils laissént là leur verrous et leur chaînes
Et que tous les absents soient présents parmi nous.

Salmo IV — Depois da condenação à morte:

Tout est possible encor, mais a vous seul, Seigneur,
Ce peu de jours qui reste est tenu en vos mains,
S'approche l'oiseleur avec son sac au poing:
Ma vie est un oiseau aux filets du chasseur.

Salmo VII — Getsêmani (na antevéspera da execução):

Je monte vers Gethsémani
Tout au long de la nuit obscure.
La nuit est longue, la nuit dure,
O nuit, odeur de l'agonie.

Père, esfil vrai que vienne l'aube?
Qu'approche celui qui me livre?
Que ce cálice se derobe!
Que le matin me laisse vivre!

Mais s'il faut bien que je m'apprête,
Si nul ne peut rompre mes chaînes,
Que votre volonté soit faite,
La vôtre, Père, et non la mienne!

No dia 4 de fevereiro, à espera da execução:

Tout, quand vous voulez, Seigneur, est possible,
Le verrou se tire au seuil du cachot,
Le fusil s'abaisse au bord de la cible,
Les morts qu'on pleurait sortent du tombeau.

Devant le tombeau vous pleuriez aussi
Devant le tombeau ou dormait Lazare:
Aux jours de ce monde il fut votre ami,
Vous avez brisé ses sombres amarres.

Compagnon de Dieu, Lazare, mon frère,
Viendrez vous demain, viendrez vous ce soir,
O vous né deux fois aux joies de la terre,
Patron à jamais des derniers espoirs?

Prés du monument se tient invisible,
La petite filie aux yeux de matin,
Tout, quand vous voulez, est possible,
L'enfant Esperance a joint les deux mains.

Je remets, Seigneur, aux plis de sa robe
La peine des miens, l'étreinte du coeur:
Que l'enfant me rende, à l'heure de l'aube
Le jour de la terre, —. ou sinon, d'ailleurs.

No dia 5 Brasillach se cala, esperando a vontade de Deus.

O livro de Jacques Isorni, *Le Troces de Robert Brasillach*, tão impacientemente esperado, chegou-me às mãos hoje de manhã. Debrucei-me em cima dele o dia inteiro, e vivi misteriosamente arrebatado no espaço e no tempo, quatro ou cinco dias ao lado de Robert Brasillach, em Fresnes, nos primeiros dias de fevereiro de 1945.

Mais de uma vez, no curso destas páginas, já expliquei que tenho vivido entre "personagens" evocados e trazidos numa espécie de *reprise* a um teatro imaginário e imenso onde estou sentado horas a fio, a envelhecer, a envelhecer, sem conseguir arrancar-me da cadeira onde sou o único espectador. Viveram todos, com algumas exceções, neste mesmo século que, mais um pouco, percorro-o" inteiro. Não os trato aqui como pessoas, que não posso julgar, mesmo porque todos, com poucas exceções, já estão fora do alcance do nosso julgamento, mas que também não posso e não quero tratar como *autores*, como abstrações ou meros suportes de algum gesto ou alguma citação. Empenhado demais no "dentro" das coisas que passaram no curso da história, enlaçado demais nas coisas que vi, que ouvi, não pude guardar a isenção tranquila dos ensaístas que discorrem sobre ideias alheias ou próprias, não pude achar a pauta de uma objetividade parnasiana, ou não me pude instalar no tamborete do observador que daí passa a ver o mundo e a história na "perspectiva de um deus".

Vali-me do recurso miserável e pungente das invocações, que me privou, aqui e ali, da necessária neutralidade, mas em compensação me valeu uma intensa convivência que me dá ao mesmo tempo o conforto e o cansaço de ter vivido demais. .. Chego nestes capítulos finais como o soldado de Stravinsky: — *J'ai beaucoup, beaucoup marche. ..*

Em relação a Brasillach é mais misteriosa a trama de encontros, de intermináveis discussões, de inesquecíveis concordâncias e de intoleráveis discordâncias. E à medida que me aproximo do dia bem conhecido, 6 de fevereiro de 1945, sim, bem conhecido, já que Robert Brasillach era um *personagem* que devia morrer *au poteau*, como André Chénier, e já que eu assistia a uma *reprise* dentro do imenso teatro cuja cúpula era o século, à medida que me aproximava da cena que ainda faltava, pouco a pouco o personagem virava pessoa e o imenso teatro se contraía e se adensava numa sala, num banco de jardim, num encontro de amizade, até o dia em que, graças a Jacques Isorni, eu vi Robert Brasillach. E chorei sua morte.

Em fins de 1957 foi anunciada em Paris a primeira representação de *La Reine de Cesarée*, peça escrita por Robert Brasillach em 1942 durante a guerra. O teatro escolhido foi precisamente o *Teatre des Arts* onde Brasillach, maravilhado, descobriu o casal Ptöeff. A iniciativa da representação viera de Alice Cocéa, e o *metteur-en-scène* foi o ator Hermantier, de sólida reputação como veterano da *Résistance*. O mundo veio abaixo. Digo mal, o que veio abaixo foi o jornal *Monde*, onde Daniel Meyer se pôs a gritar um inesgotável ódio, e *Le Monde* que comentou com certa contensão: "Não compreendemos como Hermantier se meteu nessa galera pilotada por Alice Cocéa". E logo no dia seguinte Meyer, no *Monde* (é muito *monde* para uma só França!), soltou gritos: "*Hermantier au poteau!*" Entra em cena, ou melhor, vai para as ruas o acadêmico Robert Kemp com um artigo, não para comentar *La Reine de Cesarée* com seu valor e prestígio de crítico teatral, mas para aplaudir, o tumulto que no dia 27 de novembro impediu a representação da peça com correrias, tumultos, depredações e gritos: "*Au poteau! Hermantier au poteau! Brasillach au poteau!*"

Jean Madiran tem motivos de sobra para se deter espantado diante desse mistério do ódio:

Jean Brasillach foi executado em 6 de fevereiro de 1945. Ainda que, por hipótese extrema, formulada para encaminhar o raciocínio, supuséssemos que a execução foi plenamente necessária e plenamente justificada, a mim me parece que aqueles que julgaram e condenaram deveriam ser os primeiros a achar que a execução bastava. (Que encerrava a questão)... Como é possível odiar um inimigo morto há 12 anos, um inimigo que não morreu de morte natural e casual, mas que eles mesmos mataram? Que querem mais? ⁽³⁶⁾.

São efetivamente tenebrosos nesta *reprise* do fuzilamento de 45, esses doze fuzis apontados para o firmamento da cultura, para as constelações zodiacais da civilização, mas talvez apontados para um céu mais alto na esperança de uma *execução* mais efetiva.

Descontado o mistério da iniquidade, Jean Madiran não tem realmente razão de se espantar. Na verdade, só é possível odiar com tal perseverança o inimigo injustamente executado, o inimigo assassinado.

A pobre justiça humana funda-se em razões de miséria, mas válidas, para dar às sociedades politicamente constituídas o direito

de punir as prevaricações e o crime. A punição justa é boa, para a sociedade, ainda que dura e rigorosa; é medicinal para os que vivem nas bordas do crime, e medicinal para o próprio culpado. Mas, além de todas essas razões, e sobretudo quando se trata da pena capital, a punição é uma forma extrema e majestosa de satisfação da justiça, graças à qual o condenado, corri a ajuda de Deus e da *Polis*, é restaurado em sua dignidade. Diante de um condenado à morte devemos-nos curvar com profundo respeito, como diante de um homem investido de sua mais íntegra dignidade; diante do executado, por sentença justa, devemos-nos ajoelhar como diante de um justo que deu seu sangue para a possível e razoável continuação de nossa vida social. A grande tradição está cheia dessas marcas de respeito pelos condenados à morte: o jovem Tuldo, que Santa Catarina de Sena acompanha até o patíbulo para receber no seu regaço de virgem *mantelata* a cabeça decepada e o sangue; o turvo Prazini foi em pensamento acompanhado por Thérèse Martin, que obteve do Senhor a sua conversão no último minuto de vida. Sem falar naquele que canonizou *ex cathedra* o bom ladrão.

Quando, porém, a condenação é tão clamorosamente descabida, o condenado não é investido da dignidade que não perdera, e os juízes são despidos da que porventura tivessem. E não poderão perdoar àquele cuja sombra, cujo nome, cujo eco, cuja obra se levanta como um verdadeiro e severo julgamento. Só eles, só os que mataram Brasillach em 1945 poderiam gritar "*Brasillach au poteau*" em 1957. O tumulto era evidentemente dirigido por homens grisalhos e executados por jovens imbecis e democratas-cristãos. Lá estava entre os judeus M. Vakinoff, presidente dos ex-combatentes judeus, lá estava a esquerda católica. E mais uma vez, empurrados pelo empuxo do comunismo, que tomam por Mandamento da História, judeus e cristãos se desonraram e se esqueceram da palavra do Senhor que é dirigida a ambos: Deuteronômio XXXV... Mas há sempre um cristão e um judeu para estilhaçar qualquer veleidade de generalização injusta. O cristão foi aquele amigo de Madiran que permaneceu sentado durante o tumulto, e quando um policial veio convidá-lo a sair, respondeu:

— Estou esperando o autor para aplaudi-lo. Sou seu amigo pessoal.

E o judeu foi uma judia, Dominique Antoine, que se levantou no meio do tumulto para protestar contra a onda de ódio: "*J'ai vingt ans, je suis comédienne, Je suis juive...*" (37). Lembrando Massis e Simone Weil, eu quase tornei a escrever "esta Antígona de

Israel", mas para quê? Israel não precisa pedir emprestados heróis e heroínas à mais alta e mais nobre tradição dos gentios. Os judeus não são nossos "irmãos separados" como dizemos dos protestantes; são nossos "irmãos mais velhos". E a moça judia que se levantou como flor de Israel, naquele mesmo teatro em que tantas vezes Brasillach encontrara o *bonheur* da doce amizade dos Ptöeff, continuava Judite pela bravura, Susana pela pureza, Ester pela nobreza, e emendava conosco naquela que, pela humildade perfeita, se tornou rainha do céu e da terra. Ave Maria. (38).

Maurice Bardèche

Acabo de receber *Lettre à François Mauriac* de Maurice Bardèche, o amigo, o irmão, o esposo da irmã, o companheiro perfeito de Brasillach, e vejo que seria preciso voltar atrás, retomar, retocar, indefinidamente, para ter um clarão dos fatos essenciais que marcam a tragédia da França e do mundo católico, diante da qual todo o fragor da Wehrmacht é apenas um brinquedo de crianças possessas.

Remeto o leitor ao livro de Bardèche porque, de outro modo, não termino o meu... Mas não resisto ao gosto de citar um trecho de Madiran. (39).

Bardèche (nesse livro) realçou, deu forma com extraordinário vigor ao pensamento político de que acusavam Brasillach, e pelo qual o mataram, mas que Brasillach jamais teve, ou sempre desdenhara. Condenaram Brasillach por *isto* que, fora dele ou nele, não era dele.

E em outra página do mesmo livro (pág. 139) Madiran, com sua incomparável mestria no jogo dos contrastes, nos diz de dois homens admiráveis que o *turmoil* dos anos quarenta colocou nos extremos de uma fastástica escala de valores.

Brasillach era *o homem que* aprovava os nazistas; Maritain é do mesmo modo, e na mesma medida, *o homem que* aprovava os marxistas espanhóis, como também Mauriac. Maritain é vomitado por católicos que, de sua obra e sua pessoa conhecem na mesma medida em que Pierre Bloch e Daniel Mayer conhecem a vida e a obra de Brasillach. E se Brasillach aprovava os nazistas, *La Reine de Cesarée* DEVE ser uma peça nazista. E se Maritain aprovava os marxistas espanhóis, *Les Degrés du Savoir* DEVE ser um livro marxista.

O fim da guerra civil francesa

Insisto em terminar este longo e doloroso capítulo por onde o comecei: a verdadeira tragédia da França não consistiu nos superficiais movimentos de tropas e tanques, que na hora da dor, como sempre acontece, saturaram todas as atenções e todas as sensibilidades. Hoje tudo aquilo parece uma reminiscência de perversidades colegiais. Em compensação, as consequências das lutas espirituais estão aí diante de nós, gigantescas e insolentes. E eufóricas!

E não foi a guerra física, militar, que terminou com três pronunciamentos infinitamente vergonhosos para a França: foi a torrente que vem de muito longe, mas no começo do século ganhou alento e matéria no *Affaire*. E evitemos, ou melhor, recusemos categoricamente palavras de evasão e mentira. Não houve julgamentos, não houve condenações, não houve execuções: Pétain foi sequestrado; Maurras foi sequestrado; Brasillach foi assassinado.

Comentando o tumulto de 28 de novembro de 1957, e a onda de torpezas que tentou recobrir com o eufemismo de "memória do rancor", o acadêmico Robert Kemp escreveu isto que Madiran com ironia ou perplexidade chama de "remorso de Robert Kemp".

A despeito do seu incontestável talento literário, Brasillach não me era muito simpático...

Uma noite levei-o para casa em meu carro.

Minhas mãos no volante. Por que não quis o céu que numa curva mal feita o carro capotasse e Brasillach morresse?

Mas a última palavra nesse diálogo por cima dos abismos — Madiran bem o diz — está com Brasillach. Na última manhã de sua vida, antes de dar o sangue, Brasillach escreveu suas últimas palavras: "*Je pensais avec douceur à tous ceux que j'avais reconstruit dans ma vie*".

NOTAS CAP. III, PARTE II

- (1) O pensamento que cito de memória e o diagnóstico são de Pascal.
- (2) Churchill, *The Second World War*, Cassei, Londres, 1968, vol. IV; pág. 166 e seg.
- (3) *Ibid.*, vol. IX, pág. 156.
- (4) *Ibid.*, vol. IX, pág. 154.
- (5) Charles de Gaulle, *Mémoires de Guerre*, Plon, pág. 227 e seg.
- (6) Maurice Vaussard, *Histoire de la Démocratie Chrétienne*, ed. du Seuil, 1956, pág. 67.
- (7) Adrien Dansette, *Destin du Catholicisme Française*, ed. Flammarion, 1957, pág. 225.
- (8) *Ibid.*, pág. 226.

- (9) Robert Aron, *Histoire de Vichy*, pág. 402.
- (10) Jacques Marteaux, *U'Église de France devant la Révolution Marxiste*, ed. La Table Ronde, 1958, pág. 599.
- (11) *À Travers le Désastre*, ed. de la Maison de France, N. Y., 1941. pág. 13.
- (12) Robert Brasillach, *Psaume II*.
- (13) *Summa Theologica*, I^a II^ae, qu. 109, a. 2.
- (14) Pierre Virion, *Mystère d'Iniquité*, ed. St. Michel, St. Céneré (53) Mayenne, 1966, pág. 13.
- (15) Pierre Virion, op. cit., págs. 15, 16. Vale a pena consultar também Edith Delamare e Léon Poncins: *Infiltrations dans l'Église*, Difusion: La Librairie Française, rue Abbé Gigoive, 27.
- (16) Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, *Instrução Pastoral sobre a Maçonaria e os Jesuítas*, Vozes.
- (17) Shakespeare, *Troilus and Cressida*, ato I, cena III.
- (18) Churchill, op. cit., vol. V, pág. 336.
- (19) Jean Madiran, *Brasillach*, Club du Luxembourg, 1958, pág. 49.
- (20) *U'Express*, 28 de novembro 1957.
- (21) Jacques Marteaux, op. cit., vol. I, págs. 604-5.
- (22) General De Gaulle, op. cit., vol. II, pág. 487.
- (23) Gustavo Corção, *Dois Amores, Duas Cidades*, (AGIR, 1962) capítulo "Filosofias de Inimizade".
- (24) Ver Pe. H. Petitot O.P., *Sainte Thérèse de Lisieux*, Ed. Revue des Jeunes, 1939.
- (25) São Tomás, *S.T. II^a II^ae* qu. 108 a. 1.
- (26) Jacques Marteaux, op. cit., v. II pág. 16.
- (27) Ver a carta do General Giraud ao General De Gaulle.
- (28) Jacques Marteaux, op. cit., v. I, pág. 602.
- (29) Robert Harvard de la Montagne, *Histoire de la Démocratie Chrétienne*, Amiot^Dumont, pág. 210.
- (30) Maurice Vaussard, op. cit., pág. 114.
- (31) *Ibid.*
- (32) *L'Époque*, 12 nov. 1947, citado por Jacques Marteaux, op. cit., vol. II, pág. 30.
- (33) Jean Madiran, *Brasillach*, pág. 60 e Jacques Isorni, *Procès de Robert Brasillach*, pág. 162.
- (34) Jean Madiran, op. cit., pág. 61.
- (35) *Ibid.*, pág. 20.
- (36) *Ibid.*
- (37) *Ibid.*
- (38) Este tópico foi escrito no dia 6 de fevereiro de 1971, em memória de Robert Brasillach.
- (39) Jean Madiran, op. cit., pág. 175.

CAPÍTULO IV

O ATIVISMO DESESPERADO

Tempos de otimismo

Depois de tão prolongada agonia, o mundo acorda, abre as janelas, solta foguetes, fala em "vitória" e respira otimismo. Anda no ar um excitante teor de oxigênio, como no *Doutor Ox* de Júlio Verne, ou algum novo gás, como *Nos Dias do Cometa* de H.G. Wells.

Nos meios católicos sopra o mesmo vento de euforia. Notemos que, desde o pontificado de Pio XI, ganha alento a Ação Católica. A ideia de institucionalizar a participação (ou colaboração) dos leigos no apostolado da Hierarquia tem fundamento antigo e encontra-se, já desenvolvida, na era patrística. Assinalemos ainda uma ideia que adiante será desenvolvida: de dois modos se pode usar o termo "novo" nas coisas que se referem ao desenrolar da relação Igreja-Mundo. De um modo primeiro e principal diremos que é novo na Igreja, e inalteravelmente novo, tudo o que se refere à ordem da graça que nos vem da "nova-criação", que tem em Cristo o seu centro. Nesse sentido, a Igreja é sempre nova, e é a rigor a única coisa nova *sub sole*. Podemos, nesta pauta, falar em renovação se quisermos designar as atividades que removem a poeira superficial e que assim devolvem à vista dos fiéis o espetáculo perpétuo da inoxidável juventude da Igreja. O segundo modo refere-se às coisas e às influências que vêm do mundo que, para vencer sua crescente senectude, só dispõe do *make-up* ou do *novo* por alteração, ou por substituição.

Vejam bem, enquanto a Igreja se renova na sua identificação, na sua integração, o mundo só se renova por *alter-ação*.

O período histórico que aqui nos dispomos a analisar se caracteriza por cruzados equívocos entre a novidade da Igreja e as novidades do mundo. Estando a Igreja no mundo, sendo habitantes do mundo os membros da Igreja militante, não admira que em cada um de nossos corações o mundo encontre brecha para tentar impor seus critérios à Igreja. E também não admira que esses critérios do mundo consigam às vezes magníficos resultados no "mundo eclesiástico", já que o Papa e os bispos também estão no mundo.

Um desafio do mundo

O "ativismo" que está no título deste capítulo é uma dessas infiltrações na Igreja de critérios do mundo. E não creio que se aplique bem a essa febre a palavra da advertência do Senhor: "Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas quando só uma é necessária..." (Luc. XII, VI) que se situa no plano dos conselhos evangélicos. O texto indica bem que toda a atividade de Marta se processava em torno de Cristo e em razão de sua presença, e que o *conselho* a adverte contra a dispersão e a encaminha para a "melhor parte", que Maria já escolhera.

O ativismo a que me refiro aqui não é o de uma dispersão maior ou menor de atividades próprias da Igreja; é antes o da infiltração de um critério espúrio que vem de fora. A Ação Católica poderá muitas e muitas vezes ter merecido a palavra do Senhor: "Marta, Marta..." sem ter deixado de ser católica. Mas seria de uma chocante impropriedade dizer "Marta, Marta..." aos militantes da JUC, da década de 60, que já se adestravam para se tornarem militantes comunistas, e depois guerrilheiros, sequestradores, assassinos, etc, etc.

Volto a dizer que a colaboração dos fiéis no apostolado da hierarquia existe desde que existe cristianismo. Os Atos dos Apóstolos outra coisa não são senão um maravilhoso álbum ilustrado de Ação Católica. Dito isto, posso reafirmar que é no reinado de Pio XI que a Ação Católica recebe um especial alento, ou melhor, ganha uma consciência mais viva de que a Igreja está sendo *desafiada* pelo mundo. Entre os numerosíssimos textos pontifícios de Pio XI (*) relativos à Ação Católica, a sua essência, aos seus meios e fins, há uma insistente ênfase dada à penúria espiritual de nossa época, à

(!) Notas no fim do capítulo.

qual a Igreja não pode ficar desatenta. A título de exemplo tomemos passagens de uma carta *Laeíus Sane* escrita por Pio XI ao Cardeal Segura, Primaz de Espanha, em 6/11/29: (2)

Bem sabeis em que tempos vivemos, e bem compreendeis o que nos pedem por assim dizer aos gritos. Por um lado, vemos que a sociedade humana não tem sido pouco despojada de espírito cristão, que foi substituído por um estilo de vida pagão; vemos que, em muitas e muitas almas, vacila a luz da fé católica e por consequência se apaga o sentimento religioso, e dia a dia mingnam miseravelmente a integridade e a santidade dos costumes.

Por outro lado, aflige-nos profundamente ver que, em muitos lugares, o clero não pode suprir as necessidades do tempo, seja em razão de seu restrito efetivo em muitos países, seja porque não pode atingir certas classes de cidadãos, cuja aproximação lhe é vedada, ficando assim essas classes alheadas aos conselhos e preceitos do Evangelho.

Eis por que é absolutamente necessário que em nossa época todos se tornem apóstolos; que os leigos não tenham vida ociosa, que, ao contrário, unidos à hierarquia eclesiástica e dedicados à sua orientação, tomem parte no combate sagrado e ofereçam seus serviços de modo que, por suas orações, por sacrifícios e colaboração ativa, contribuam poderosamente para o aumento de Fé e para a inspiração cristã nos costumes.

Em carta dirigida a Mons. Skwineckas e aos bispos da Lituânia, em 27-12-30, não é outro o apelo: (3)

Em nossos dias é de imperiosa necessidade que valorosos leigos se unam de modo mais estreito às autoridades eclesiásticas, a fim de lhes dar ajuda e apoio nas obras do apostolado...

Eis algumas amostras do patético apelo lançado por Pio XI: a mobilização geral da Caridade sobrenatural para atender ao que o mundo de nosso século pede aos gritos. Mas desde já, e para bem marcar o abismo que separa esse ideal do que hoje chamam de *secularização*, convém notar uma coisa que certamente escandalizará algum leitor moderno saturado das ideias de nosso tempo: o mundo pede um socorro aos gritos — mas a rigor o mundo grita de dor e não sabe bem o que quer e o que pede; quem sabe é a Igreja. A Igreja ouve o apelo do mundo, mas é melhor dizer que a Igreja ausculta o mundo, para bem conhecer o seu mal, e não o escuta como quem ouve seu senhor, ou como quem ouve e escuta seu mestre.

A Igreja deve servir o mundo com solicitude e humildade; jamais com subserviência, jamais como quem atende a exigências e reivindicações.

A Igreja ouvirá também o mundo para conhecer seus recursos e bem aproveitar os meios que ele oferece. Mas todos esses cuidados de hierarquização aqui assinalados são imprescindíveis por uma razão fácil de compreender: o que a Igreja quer dar ao mundo são os frutos da obra de Cristo, são bens que ultrapassam os recursos naturais e que o mundo nem sabe claramente pedir, e muito menos exigir. Por amor dos homens, criaturas de Deus e co-herdeiros de Cristo, a Igreja precisa zelosamente afirmar e exercer sua autoridade sobrenatural e ter o extremado e constante cuidado de não ceder, sob pretexto de humanitarismo, aos critérios e às normas do mundo.

A Ação Católica, "menina dos olhos" de Pio XI, é uma mobilização dos membros da Igreja para uma obra de salvação sobrenatural. A quem quiser bem compreender o que foi a Ação Católica desejada e encorajada por Pio XI eu recomendaria a leitura desse repositório de textos do Pe. E. Guerry. O estudioso que tivesse ainda hoje esse zelo e essa paciência, seria melhor dizer esse amor, veria com que penetrante lucidez e empenho ardente a Igreja, nesse passo, bem acentuou a primazia do sobrenatural.

Pio XI sentiu bem a miséria de seu tempo, quando lançou ou incrementou a Ação Católica; mas hoje, à vista das decorrências, podemos dizer que o grande Papa que bem sentiu a enfermidade do século não avaliou bem e não soube bem se defender de sua malignidade. E não soube defender-se de certo frenesi de *eficácia* que se apodera de todo homem de ação, mas não deveria achar fácil acolhida num homem de Igreja. Todos nós, na medida que usamos corretamente as virtudes práticas, desejamos normalmente o que os economistas chamam de produtividade: relação entre a obra feita e a soma de meios empregados em sua produção. É razoável o desejo do bom rendimento em tudo; mas é mister não esquecer que esse critério não pode nunca ser o principal nas obras do espírito. Ceder à *eficácia* é, de certo modo, entregar-se ao critério do mundo e, mais, à lei do quantitativismo material.

Temos já aqui um geotropismo, uma força de gravitação a puxar para baixo. Todos nós notamos em muitos setores nascidos na Ação Católica, desde cedo, certo esvaziamento dos fins em favor da hipertrofia dos meios, e da atividade pela atividade. Mas o grande inimigo da Ação Católica não foi esse. Foi outro, que de fora observava a grande mobilização de Pio XI e esperava a primeira oportunidade para trazê-la ao serviço de outra causa. Para essa escamoteação era preciso encontrar o ponto de contato, o denominador comum, ainda que constituído apenas por palavras comuns, frases ambíguas, aliterações, *jeux de mots*.

Os católicos que gostavam de fazer excursões sociais para bem sentir o seu século, frequentemente encontraram outra raça de homens que diziam "nós também queremos um mundo melhor...".

O católico bem formado saberia responder: — Perdão, não aceito o seu "também" porque o que nós queremos não é o que você chama um "mundo melhor" e que talvez eu chame um "mundo pior"; o que nós queremos é um mundo mais cristão. Queremos que o Cristo reine, e que as almas se salvem.

É claro que nosso imaginário católico bem formado não ignora que é habitante de duas cidades, e que também tem deveres de estado em relação à ordem temporal e à civilização, entre os quais o de vigiar bem os grupos de homens que pelas esquinas e cafés andam a sonhar com um mundo melhor. Nosso católico sabe essas coisas, mas, sabe agora, com especial acuidade, que sua Ação Católica está sendo visada e amanhã será assaltada.

Podemos marcar um dia, um fato, duas pessoas, já que é costume, nesta espécie de estudo, usar marcos simbólicos das transições decisivas. Escolheria eu para isto o encontro de Pio XI com o Pe. Cardijn e a frase famosa, atribuída a Pio XI: "O maior escândalo de nosso tempo é o fato de ter a Igreja perdido a classe operária".

Desse episódio e dessa frase — digo-o simbolicamente — tiraram-se mais coisas do que tiram os mágicos de uma cartola: ovos, coelhos e serpentina, principalmente muita serpentina.

Uma das primeiras coisas tiradas foi a seguinte: a Igreja reconhece que a classe operária tem sido lesada; ora, os marxistas dizem isto desde o amanhecer até o anoitecer, logo a Igreja e o comunismo encontraram uma tarefa comum.

A segunda coisa seria formulada assim: a Igreja reconhece que lesou as classes operárias, ora são as classes dominantes que sabidamente (para quem recita seu marxismo) lesou a classe operária, logo a Igreja reconhece, afinal!, que esteve durante séculos a serviço da classe dominante. E se a Igreja reconhece afinal! que esteve a serviço da classe dominante, e queixa-se do resultado, *ipso facto* reconhece que deve mudar de hemisfério.

Há entretanto um pequeno obstáculo a vencer: a Igreja se obstina em defender a propriedade privada, a livre empresa e a condenar, com veemência crescente, o socialismo e o comunismo que, para o supracitado Pio XI é nada mais nada menos do que "ímpio, desumano, atroz, monstruoso e intrinsecamente perverso".

Como fazer? Os católicos aqui se dividirão em dois grupos, como costuma acontecer em tais situações de dilema. Num dos gru-

pos está o nosso imaginário estudioso que logo descobrirá a invalidez de toda a serpentina de falsos raciocínios tirados da frase atribuída ao Papa. Jamais Pio XI quis dizer que a Igreja lesou ou abandonou a classe operária. Como se vê na carta ao Cardeal Segura, atrás citada, Pio XI diz que é difícil atingir certas classes pelo fato de *terem vedado* tais aproximações. Pio XI queixa-se de uma civilização que se tornou laica, ímpia, e que, entre outras iniquidades, maltratou a classe operária, e numa iniquidade que a todas supera, deixou a pobre gente à mercê dos insufladores de ódio.

A Igreja jamais reconhecerá que haja alguma coincidência entre o que ela deseja para a classe operária e o que deseja o comunismo, e jamais admitirá que se dê o nome de justiça social ao que propalam os revolucionários.

Se a maioria dos católicos pensasse assim, não haveria equívoco nenhum, e a Ação Católica seria uma ocasião de melhor discernimento, de *maior vigilância* e jamais uma ocasião de aproximação entre católicos e comunistas.

Infelizmente, grande parte (incluindo na mesma soma os menos dotados que costumam seguir mais o ruído das palavras do que o sentido, e os mais dotados que se entregam a todo um mecanismo de censuras) passou a "raciocinar" ou a ruminar palavras mais ou menos assim: o que os Papas condenam é a doutrina, mas todos nós sabemos que uma coisa é a teoria e outra é a prática. Podemos cooperar na prática.. .

Cooperar em quê? Evidentemente todos os que agem, agem em vista de um fim. Cooperar, unir-se na ação, implica, pois, concordância de fins. Ora, só pelas doutrinas poderemos saber se há ou não há concordância de fins. Se a doutrina católica repele essa concordância de fins, a disciplina repelirá a concordância de ação prática, a colaboração. E foi o que fez.

Neste ponto entram os "intelectuais", para levantar cortinas de fumaça que escondem o pensamento da Igreja e que desnorream o senso comum. Refiro-me aos "intelectuais católicos", e mais especialmente à chamada "esquerda católica".

E cabe aqui uma indagação: qual é a paixão que os move e que os inebria? É a paixão da ação. E é neste rebordo que se encontram católicos e comunistas: a vertigem da *praxis*, que dá ao homem um sentimento voluptuoso de possessão, de criação. "*Erit sicut dii*". E é nesta linha divisória que termina a ação prática retamente regulada, nos seus mais variados níveis, desde o apostolado até a ação política ou até a atividade fabricadora, e que começa a febre, o *ativismo* desenfreado. E quando esse ativismo ousa envol-

ver todos os problemas do homem, ousa arvorar-se em um "novo humanismo" e até se atreve a ditar exigências e estilos para a atividade sobrenatural, bem merece então o qualificativo que o opõe, não apenas às esperanças, mas à Esperança: *ativismo de desesperados*.

A produtividade e a verdade

Emprego aqui o termo "produtividade" na sua mais ampla significação, que inclui a do termo francês *efficacité*, que na tradução portuguesa, eficácia ou eficiência, não tem a mesma ressonância. A falta do sufixo tira, à perfeição sob juízo, seu cunho acidental e dá-lhe feição sistemática.

O confronto dos dois termos — produtividade e verdade, tenta exprimir um antagonismo de duas atitudes do espírito. Em todo o frenesi do "progressismo" católico há uma avidez de sucesso, de resultado, de atuação, de ativismo, de produtividade ainda que somente da palhada que hoje enche o mundo católico, e em toda essa avidez se observa o mais completo desprezo pela Verdade em todos os níveis. Não somente desdenham os ativistas desesperados a Verdade que liberta e que salva, como cultivam a contraverdade, a falsificação de fatos, de textos, como quem respira, ou como o atleta ou o virtuose que tem necessidade imperiosa de exercitar-se constantemente. Não sei que grande pianista, devendo ficar de cama em repouso pós-operatório, conseguiu licença do médico para instalar um teclado mudo, onde pudesse dedilhar duas ou três horas por dia "para não perder a mão". Os ativistas, e nisto os comunistas são campeões, têm "necessidade" espiritual de mentir *para se libertarem da Verdade*.

Daí uma aversão que os grandes estudiosos têm às vezes pelas mais legítimas e até sagradas produtividades. E neste ponto defrontamos mais um curioso contraste de nosso poliédrico mestre Maritain. Esse grande filósofo, e até diria esse grande contemplativo é, nitidamente, infenso a essa faceta característica das chamadas "esquerdas". Tido por "homem de esquerda" por seus adversários, por alguns admiradores que o admiram em falsa perspectiva, e até por si mesmo, Maritain professa, neste ponto, uma nítida e declarada aversão pelo primado da produtividade. Em dois de seus últimos livros ⁽⁴⁾, Maritain assinala com vigor a fraqueza do ativismo que tem na produtividade sua regra suprema, enquanto a Igreja a tem na Verdade. E termina em *Le Paysan* (pág. 141) esse confronto com

certa ênfase. "O dia em que a *efficacité* prevalecesse sobre a Verdade, dia que jamais chegará para a Igreja, as portas do Inferno teriam prevalecido".

Jacques Ploncard d'Assac ^(B), que leio sempre com proveito e gosto, diz que "Maritain não tem razão de opor verdade e produtividade, porque a verdade é eficaz, é mesmo formidavelmente eficaz; e porque são as falsas habilidades dos copistas do modernismo, esses retardados do século XIX, por si mesmos batizados de progressistas, que travaram a eficácia da verdade". Mas logo acrescenta que acha interessante a reação de Jacques Maritain por marcar uma dúvida (ou hesitação) no caminho que vinha trilhando, e onde teve tão maus encontros, o antigo amigo de Massis.

Ploncard d'Assac cita *Carnet de Notes*. Se tivesse lido passagem análoga mas mais desenvolvida de *Le Paysan*. ..., creio que não diria que Maritain opõe *veritê et efficacité* porque o que realmente opõe é o primado da verdade ao primado da produtividade. E creio que ainda ficaria mais agradado e... mais surpreso, porque o vigoroso repúdio dos prestígios do ativismo só pode causar surpresa num autor que se tornou mais divulgado e mais discutido pelos extravios nos meios do ativismo das esquerdas do que pelas especulações do mais elevado teor filosófico.

E nós mesmos, que começamos por conhecer e admirar em Maritain o inflexível tomista, também nos surpreendemos, em sentido inverso, quando deparamos mais um de seus extravios nos pontos em que o filósofo, contra sua vocação e contra o firme propósito formulado no *Avant-Propos* de *Primauté du Spirituel*, se perde nas névoas das contingências. Em artigo já assinalado ^(C), Alfredo Lage cita as palavras de Maritain pronunciadas como presidente da delegação francesa à segunda conferência da UNESCO em 1947, na cidade do México ⁽⁷⁾:

O que torna aparentemente paradoxal a tarefa da UNESCO é que essa tarefa implica uma concordância de pensamento entre homens cujas concepções do mundo, da cultura, e do próprio conhecimento são diversas ou mesmo opostas. Esses homens pertencem não apenas a civilizações diferentes, mas a famílias espirituais e escolas filosóficas antagônicas. Como conceber entre eles uma concordância de pensamento?

Agora diz-nos Alfredo Lage:

Responde o pensador francês que, sendo de natureza prática a finalidade da UNESCO, pode o acordo realizar-se espontaneamente não

sobre concepções especulativas comuns, mas na base dos mesmos princípios práticos; não quanto à afirmação de uma mesma concepção do mundo, do homem e do conhecimento, mas quanto a um mesmo complexo de convicções dirigindo a ação (págs. 102-3).

Ora — continua A. Lage — princípios práticos, conjunto de convicções que presidem à ação, não variam essas coisas conforme as concepções do mundo que abraçarmos? Como então separar verdade prática e verdade especulativa? Podem, por exemplo, um cristão, para quem a religião importa mais do que a vida, e um marxista, ao qual o princípio revolucionário de ação impõe a liquidação da religião, ópio do povo, encontrar-se no planejamento de uma ação política comum?

No resto do artigo A. Lage mostra a impossibilidade de tais colaborações; e nisto está desenvolvendo filosoficamente o que a Igreja desde Pio XII e João XXIII já decidiu disciplinarmente: essa colaboração não é permitida aos católicos. A meu ver, o inflexível filósofo tomista Jacques Maritain não está como *the right man in the right place* na presidência da delegação francesa, na orgia de relativismo, de pragmatismos, de oportunismos e de marxismos a que voluptuosamente se presta a UNESCO, que quer ser a muito prática institucionalização do impossível, e portanto do impraticável. Por mim, parece-me que o mundo seria mais decente, mais leal em suas entranhas se em vez de uma UNESCO possuísse duzentas e quarenta, cada uma ao sabor de seus associados. Assim, o pluralismo aceito, tolerado, como regra mínima de convivência, abriria mão de instituições que têm pretensão à universalidade e à unidade máxima. Na verdade, só são ecumênicas, mundiais e universais nessas associações as coisas infra-humanas: as máquinas de escrever, os microfones, as laranjadas e as instalações sanitárias. No mais é tudo pluriversal e cacofônico. Mas os congressistas entram e saem, chegam e partem, falam, cumprimentam-se com a satisfação íntima da ilusão de estar fazendo alguma coisa por um mundo melhor. Receio muito estarem, nesse jogo de auto-ilusionismo, trabalhando ativamente para um mundo cada vez mais desesperado.

O progressismo de vento em popa

Não prevaleceu na Igreja o primado da eficácia; não prevaleceram as portas do Inferno. Mas se há, realmente, um nexos entre as duas coisas, como ensina o filósofo, podemos dizer sem receio de exagero, que dos meados da década dos 40 em diante, o estranho vento de otimismo que corre mundo e que força as portas da Igreja

parece indicar uma universal conspiração contra a Igreja, mascarada, evidentemente, de uma intenção geral de tirar a Igreja de seu *gheito*, de sua paralisia, de modernizar seus atavios, e de dilatar suas fronteiras. Dirão que os católicos respondem à mobilização de Pio XI. Na verdade, porém, o que ocorre é justamente o oposto. A Ação Católica, menina dos olhos do grande Papa, é cada dia mais ação e menos católica. A contaminação nos "contatos prolongados com os comunistas", que tanto alegraram Adrien Dansette e o Pe. Bigo, produzem seus efeitos. O ativismo apodera-se dos meios católicos, e o "progressismo" vai de vento em popa.

Em 1944, enquanto o Governo Provisório se ocupava na sinistra tarefa recoberta com o eufemismo de *Depuração*, Emmanuel Mounier parece atingir um dos patamares de seu sonho revolucionário, e ao mesmo tempo a maioria de quem já tem a chave da casa, e entra e sai, anda e desanda, diz e desdiz, sem necessidade de consultar, nem de pensar em Autoridade, Magistério, Papado e outros tabus que se vão apagando à medida que desponta a aurora do mundo novo trazido pela Revolução. Dezoito anos nos separam dos tempos em que Roma fulminara a Action Française. Para os progressistas escoaram-se dezoito séculos. Eis o que lemos em *Esprit*, no número de dezembro de 1944:

Essa inevitável revolução já tem suas linhas mestras conhecidas: expulsão das potências do dinheiro, supressão do proletariado, instalação de uma república do trabalho, formação de novas elites proletárias... É só o resultado que importa, e não o romantismo ou a moderação da linguagem. Basta reconhecer que a operação é profunda, radical e que não se fará sem reações violentas, que provocarão contra-violência...

O "doux Mounier", com a *cocarde* no chapéu, abre o cortejo da Revolução, cantando o *Ça ira*: atrás dele o estranho George Zerapha, que Jacques Marteaux descreve como um "*factum*" em que se casam a inteligência profética e o calor de destruição, entoa a partitura do barítono:

Quem recusa a Revolução desconhece a realidade política... É preciso aproveitar esta ocasião única: a França está reduzida a pó. Está no zero. Não pode cair mais baixo. É impossível destruí-la mais do que já está. A França hoje nada tem a perder. Precisamos agarrar pelos cabelos essa oportunidade para a operação cirúrgica que se impõe e que a ressuscitará.

E atrás desse sinistro personagem, que me lembra o que Egon Friedel dizia de Marat, rato saído dos ralos de esgoto, marcha Jean Lacroix, professor universitário, didático:

O problema político francês, e até o mundial, é comandado pela atitude comunista e pela atitude em relação aos comunistas... Alguns podem tratar o comunismo como um partido com o qual devemos negociar ou combater, conforme a relação das forças e a necessidade da hora. Nós o levamos a sério, e de outro modo. Claro é que o anticomunismo político seria a pior das atitudes... A história passa pelo comunismo. Não seria mais exato dizer que já passou? Não desconheço o perigo de tais fórmulas, especialmente na França, onde a tensão revolucionária é ainda tão fraca: incapazes de operar nossa revolução, corremos o risco de padecê-la. Seria então absurdo desencorajar qualquer esforço revolucionário autêntico.

Detenhamo-nos uns minutos, não para recuperar forças e continuar a análise dessas amostras de história, mas para outra espécie de recuperação que não costuma ser praticada, nem pelo autor nem pelo leitor, nesta espécie de estudo. Refiro-me à recuperação de ideias simples e de juízos fáceis de que fomos despojados, roubados por esses papagaios da falsa inteligência, ou por esses acrobatas das frases vazias.

Começemos pela França em pó. Que quer dizer a proposição do sinistro Zerapha? Nada. Absolutamente nada. A França atravessa uma crise difícil. Sofreu a mais brutal humilhação de sua história, suporta um Governo Provisório de opereta, mata seus poetas, sofre a prostituição de seus intelectuais, sofre a defecção dos católicos. Mas, atrás, em baixo, ou dentro dessa constelação de dramas há uma coisa terrivelmente simples que permanece e continua.

Sim, há milhões de criancinhas que continuam a mamar, a fazer manha e a dormir encostadas docemente a milhões de mães. Há outros milhões de crianças maiores que continuam a brincar e a ver, com o mesmo olhar maravilhado, as flores da primavera e a neve do inverno. Os velhos, milhões, continuam a envelhecer com suas manias, que são apegos, e suas melancolias, que são desapegos. E milhões e milhões de ativos, do trabalho de cada dia. Há o leiteiro, o jornaleiro, o chofer de táxi, as lojas, as oficinas, os cinemas, os jardins. A flecha da Sainte Chapelle felizmente não foi atingida e continua a mostrar o mesmo grande céu a uma rumorejante e distraída multidão. Gente, gente, gente. Cada um com seus cuidados, suas dores, seus amores. E por baixo dos pés inquietos há uma terra, sim, uma terra antiga que se espalha aqui, ondula acolá, ergue-se abrupta nos Alpes e nos Pireneus e nos vales férteis se veste das mesmas videiras onde os homens colhem o sangue da terra que

nos altares se transformará em sangue do céu... Detenho-me, para não diluir numa imensa pluralidade de pequenas coisas a paisagem humana de uma pátria. "*Ce paysage est un visage*"; e eu tenho para mim, com forte convicção, que foi numa intuição fulgurante que Brasillach viu essa figura, "*le visage de ma mère*", quando no seu último segundo de vida, diante do pelotão de fuzilamento, gritou: "*Vive la France*". Sim, tenho para mim, com forte convicção, que ele queria que *ela* vivesse.

E agora deixe-me o leitor dizer a mais veemente repulsa, a mais violenta náusea que me vem da leitura daqueles tópicos atrás citados. Devo dizer que não é o comunismo, que não é a rebeldia desses católicos de *Esprit* que mais me incomodam. É antes, o abstracionismo pedante e cruel em que ficam fazendo frases por cima das vidas dos homens. O pensamento, rodando e rodopiando no vazio, tem contorções mais indecentes do que os pobres corpos prostituídos que se despem em convulsões de um complicado e exausto despudor. O que me fere diretamente, o que me injúria a honra de homem simples, que ama as coisas simples, as crianças, as flores, os gatos, torno a dizer, é o abstracionismo cruel e indecente desses intelectuais que, entre baforadas de cigarros e goles de bebidas, eructam frases que poluem toda uma civilização.

Tudo tem consequência, até a inconsequência, ou sobretudo a inconsequência. O hábito profissional de fazer extrapolações, ou de observar as extrapolações traçadas pelos fatos, leva-me a correr rapidamente os olhos por cima das datas, 44, 45, 46 . . . 68. Aonde vai chegar esse revolucionarismo de *Esprit*? Quais serão os novos dessa família espiritual? A resposta nos é dada numa fotografia que vejo no *Paris Match* de maio de 68: as praças de Paris apinhadas de jovens empenhados em dizer não! a tudo e em traduzir essa contestação de emasculados em depredações mais ou menos imbecis. No fundo, num ajuntamento maior, um grupo ostenta um cartaz, onde se lê, em letras enormes: "Comité des pédérastes de Paris".

Revolução, revolução, revolução

O intelectual que escreve artigos católicos invocando a Revolução é seguramente o tipo de homem que menos sabe como se fazem as coisas para que a água chegue nas bicas, a luz nas lâmpadas, o pão, a carne e o leite nas cozinhas e nas mesas. É certamente o indivíduo menos capaz de dirigir, de providenciar, de governar. É o menos capaz de imaginar a soma de esforços concatenados e orga-

nizados que é preciso manter em continuidade e ordem para tornar possível a vida quotidiana de um povo. Consequentemente é o menos capaz de respeitar, de agradecer e de retribuir. Ele abre a bica. Se não sai água, solta um palavrão que todo bom "intelectual" tem sempre pronto ao canto da boca; se a água jorra, ele a recebe sem nenhuma admiração e sem nenhum agradecimento, primeiro, porque as coisas não são maravilhosas; segundo, porque tudo lhe é devido.

Ora, justamente dessa impotência *política*, dessa incapacidade de sentir as palpitações da *polis* é que nasce o ressentimento anarco-revolucionário que a consciência por si mesma enganada toma como afirmação máxima de politização.

Um corpo político, sob esse ponto de vista, é infinitamente mais complexo do que um corpo vivo que, anatomicamente, será milhões de vezes mais complexo, mas fisiologicamente, biologicamente tem na imanência vital, no princípio animador que Schrödinger chamou de "entropia negativa" ⁽⁸⁾, a unidade que falta ao corpo político, no qual cada indivíduo tem de trazer não apenas um elemento de coesão e cooperação, mas também *uma consciência* dessa contribuição e de sua responsabilidade. Para a manutenção da saúde cívica é indispensável um consenso em torno da primordial necessidade de uma *ordem* como primeira exigência da justiça social e do bem comum. Sim, a ordem social é a primeira exigência interna da justiça e não a armadura exterior que os viciados no jogo esquerda-direita contrapõem à justiça.

Não há mais criminosa leviandade social do que essa que quer fazer do processo revolucionário o próprio dinamismo das civilizações, ou que quer trazer, para o ingente esforço de ascensão civilizacional, essas bombas de toneladas de irracionalismo desorganizador, incendiário e homicida. Entende-se a necessidade de um levante, como no caso de Espanha em 36 e do Brasil em 64, quando o problema se reduz à rejeição vigorosa e violenta de um governo calamitoso, mas não se entende que para elevar o nível médio da prosperidade de um povo, para incentivar a agricultura, para melhorar a produtividade se faça uma revolução. Se depois do que dissemos o anarco-revolucionário nos retrucasse que a Revolução visa a tornar os homens melhores e mais predispostos à justiça, ou visa a colocar os desfalcados nas posições atualmente ocupadas pelos gananciosos, nós ficaríamos realmente embaraçados porque, com tal espécie de interlocutor, só seriam possíveis dois tratamentos: ou começar pelo 2 e 2 são 4, ou sacudir o pó das sandálias.

Duas palavras sobre o comunismo

Voltemos a considerar o que dizem os católicos de esquerda, e notemos a tranquilidade com que falam do comunismo. É aqui torno a dizer que não é a indisciplina desses católicos a coisa que mais me incomoda. A Igreja condenou o comunismo com singular veemência, a *gaúche catholique* faz o *trottoir* atrás do comunismo, na convicção de que a história, isto é, o trilho obrigatório, que só existe na cabeça deles, passa pelo comunismo. Tudo isto são ofensas à autoridade da Igreja, e outras tantas ofensas à dignidade da inteligência, mas o que mais me aborrece é, outra vez, o mesmo cruel e pedante abstracionismo que é uma falta de respeito pelas coisas simples, a água, a terra, o fogo e a falta de respeito pelos fatos simples. E eu não posso admitir que os mais alfabetizados homens do mundo, no coração da Europa, ignorem, em 1940, o que custou à Rússia, ao pobre povo russo, e aos outros povos envolvidos no mesmo turbilhão, a revolução leninista, e logo depois a administração leninista que foi mais mortífera do que os dias de revolução e mesmo mais mortífera do que as duas guerras mundiais somadas. A Nova Economia Política e a Reforma Agrária, isto é, as "ideias" marxistas ou leninistas postas em jogo devastaram a U.R.S.S., esfomearam a U.R.S.S. As dezenas de milhões de vítimas dessas "providências administrativas", talvez até centenas de milhões, tornaram-se entre 1924 e 1930 escândalo mundial. O Papa Pio XI moveu céus e terra para enviar abastecimentos para as crianças de Moscou. A *American Relief Association* enviou o admirável jesuíta Pe. Walsh à U.R.S.S. com um serviço que distribuiu milhões de refeições. Em 1928, em Paris, eu vi no Museu Grévin (9) uma vitrina mostrando ruas semeadas de mortos de fome, no centro de Moscou. Eu acredito que um intelectual francês, em 1928, não se dignasse visitar o museu de figuras de cera; admito que desprezasse esse passatempo e essa curiosidade de turista, mas não posso admitir que ignorasse esses fatos, e ainda menos admito que, não podendo ignorá-los, se obstinasse a falar abstratamente do "comunismo"; e o que acho especialmente intolerável é a impostura com que se mente a si mesmo para melhor mentir aos outros, quando associa o flagelo à ideia de justiça! A História passa e já passou pelo comunismo. A História também já passou e até se entreteve mais de cem anos com a Peste Negra do século XIV, logo a Peste Negra será o único remédio para realizar a distribuição mais equitativa dos bens materiais.

Eu resumirei este tópico numa frase: "O maior escândalo deste século foi o conúbio adúlterino católico-comunista".

Honra e glória à U.R.S.S. vencedora!

Enquanto os "intelectuais" da família espiritual dos Mounier falam em "nossa revolução" mas não atinam com a maneira prática de conduzir ao cadafalso o pó que fora a França, outros mais expeditos se contentam com a imitação do modelo que, na opinião deles, já se impôs à admiração do mundo. Nós sabemos que a língua francesa tem apego aos possessivos. Por uma índole que vem de longe e que deixo aos estudiosos do ramo, a língua francesa mete um possessivo à cunha, e ao arrepio da lógica, em cada frase. Para descrever um ato simples, como o de tirar o chapéu, o francês prefere: "*Pierre ôta son chapeau*", onde nós diríamos "Pedro tirou o chapéu" com a tranquila certeza de que ninguém se perderá em cavilações em torno da hipótese de ter Pedro tirado o chapéu do seu vizinho de banco, coisa que seria tão extravagante como o personagem de Dostoiewski que mordeu a orelha do governador. Será meramente linguística a preocupação que já De Gaulle externara e agora *Esprit* retoma? Quererão fazer a tal "nossa revolução" por uma razão filológica ou por uma razão patriótica? Mas a ideia de revolução dissociou-se da ideia de pátria que foi deixada para "as direitas", e por isso eu concluo que não custou muito aos católicos de esquerda abrirem mão da língua e da pátria, uma vez que o essencial era entrar na *fila* da História. Os acontecimentos recentes nos proporcionam um dos princípios secretos dos mecanismos da História. É este: o homem é o animal que gosta de andar em fila.

Aqui no Brasil, nos tempos dos gloriosos governos Kubitschek e Goulart, que esfomearam o Brasil, passamos anos no regime das filas e então observamos a felicidade com que os homens entram em filas, com a ideia de que tudo depende *de vez*, isto é, que a vida é servida aos quinhões de oportunidade. Repetidamente observamos o fenómeno: pessoas entravam em filas e só depois perguntavam: "Que fila é esta?" Conta-se até a história do gaiato e seis companheiros que formaram uma fila diante de um muro. Meia hora depois, centenas de pessoas perguntavam: "Que fila é esta?" até chegarem aos gaiatos que, finalmente, respondiam: "É a fila do Nada." É aqui acrescento um pesponto à minha teoria: "O século está cheio de filas do Nada".

Em 1945 Maurice Schumann e o R. P. Léon Merklen entram numa das filas da História e entoam um hino à Rússia Soviética:

"Honra e glória aos russos que tiveram uma parte essencial nas provações e nos combates. Tenham ou não consciência disto, o fato é que eles prestaram um serviço de primeira ordem não somente à França e à Europa, mas à religião e à Igreja..." (10).

De início, o líder democrata-cristão e o diretor de *La Croix* esquecem a parte essencial que os soviéticos tiveram no martírio da Polónia, no massacre de Katym. Exaltam o papel da mole resistência soviética de meados de 41 até fins de 42, quando os ingleses e americanos já haviam passado à ofensiva, esquecidos de que toda a catástrofe da França e do mundo só se tornara possível com o Pacto Germano-Soviético.

Não me canso de admirar o zelo com que todo o chamado mundo ocidental democrático promoveu a série de mutações históricas da U.R.S.S. sem que se possa realmente atribuir esse resultado a uma especial habilidade dos dirigentes da U.R.S.S., que não fizeram mais do que endurecer o corpo e opor à imoderada e indecente excitação das democracias uma imobilidade de bonzo que espera o devido incenso.

E assim, gradualmente, observamos as transmutações que não se operaram na substância da U.R.S.S. mas nas cabeças dos ingleses, americanos e principalmente nas cabeças da esquerda católica francesa.

Em 1940, a U.R.S.S. era cúmplice de Hitler e inimiga de todos nós. Em 1941, graças à agressão de Hitler, recebe imediatamente a absolvição, sem necessidade de fazer nenhum ato de contrição. Logo se transforma em "nossa aliada". Pelo fato de ter feito aos ingleses e franceses o imenso favor de defender muito mal seu próprio solo, recebe armas, munições, roupas, sapatos e elogios do mundo inteiro. Vira heroína quando a enorme avançada alemã se detém em Stalingrado. No fim da guerra é, não apenas co-vencedora, mas a principal vencedora. Mais um pouco e temo-la finalmente como única vencedora. E a guerra que começou com o Pacto Germano-Soviético, antes de acabar já nos proporciona a chave de ouro: o Pacto Franco-Soviético, selado entre Stalin e Bidault, em dezembro de 1944. Vale a pena registrar as palavras do Ministro de Negócios Estrangeiros do governo francês:

Minhas senhoras, meus senhores, o tratado que assinamos em Moscou se inscreve na linha de uma constante essencial da política francesa... Nunca, antes do Pacto Franco-Soviético, sentimos tanta certeza de estarmos obedecendo à lógica dos acontecimentos...

Mas nós não estamos aqui neste estudo empenhados em seguir a "lógica dos acontecimentos" ou os trâmites da política fran-

cesa. O que interessa acima de tudo é o que chamaríamos de encaideamento lógico dos disparates na Igreja. Deixemos, pois, os acontecimentos exteriores e examinemos os vários movimentos que surgem no clero, e que rapidamente evoluem até o limiar do Concílio. E continuamos a observar mais atentamente a Igreja de França, na convicção de que foi principalmente daí que saiu e se propagou a COISA que Maritain chamou de "completa temporalização do cristianismo", e o Papa Paulo VI apontou como "autodestruição da Igreja".

O ativismo ganha o clero e a hierarquia

Na década dos 40 surgem e rapidamente evoluem vários *movimentos* e *pronunciamentos* no clero francês. O historiador Adrien Dansette dá ao fenómeno conjunto um título otimista: "Tomada de consciência do clero". Como já observei em outra passagem, podemos tomar os títulos que Adrien Dansette escolhe para os capítulos de seu livro como expressivos do estado de espírito que reinava na época. Ei-los:

Cap. I: Descristianização e velhice da Igreja.

Cap. II: O despertar do laicato e o começo da Ação Católica.

Cap. III: Tomada de consciência do clero.

Há, portanto, atrás de todos os vários movimentos e acontecimentos desse período a mesma motivação expressa naqueles termos escolhidos para o Cap. I: "Descristianização e velhice da Igreja", nos quais já se entrevê não apenas o quadro descritivo de um mundo desoladamente descristianizado, como também um esboço de explicação, ou a aceitação comum de uma causa: o mundo está descristianizado não por causa da senectude da civilização, mas por causa da senectude da Igreja. Mas não se diga que tal motivação trazia uma carga pessimista. Não, ao contrário, o que também se observa em todos os movimentos é até o que poderíamos chamar de *euforia*.

Admitida a ideia de que a causa principal da descristianização¹ está na Igreja, na sua esclerose, no seu envelhecimento, e admitida uma espécie de fundamental inocência do mundo (""), a conclusão que se tira é *otimista* porque a ação católica e a recristianização acham-se auxiliadas poderosamente de dois lados. De um lado, a

Igreja tem no Espírito Santo o princípio eterno de renovação que nos dará, em cada momento, uma Igreja jovem, desde que saibam os padres e a hierarquia renovar certas estruturas que são obras da história e de outras gerações clericais, e não obras intocáveis do Espírito Santo. De outro lado, temos um mundo ansioso pelo evangelho e inocente da descristianização. Dessas duas meias-verdades, tira-se um exuberante otimismo: é só arregaçar as mangas e sair do ghetto. Lembremos ainda um fator que está presente em todos os movimentos e que veio de fora, através dos "intelectuais", dos leigos e de algumas casas religiosas: a infiltração comunista.

Essa infiltração, nos vários movimentos, atuará com maior ou menor intensidade. Na maioria dos casos se traduzirá numa amável tolerância que entrevê possibilidades de *diálogo* e que previamente esquece todos os pronunciamentos pontifícios que condenam o comunismo e proíbem a colaboração; e numa minoria já extremada e virulenta se traduzirá numa intemperante corrida a ver quem primeiro e mais incondicionalmente se entrega. Variam as taxas, mas a infiltração comunista é um *dado* presente em todos os movimentos que adiante enumeraremos. E é certamente esse fator que dá a todos os movimentos a tendência exteriorizante e secularizante que vinte anos mais tarde ganha proporções de escândalo e de calamidade planetária.

E agora enumeremos os vários movimentos que a seguir serão examinados nos seus traços principais e na sua evolução. Ei-los:

1. JEUNESSE DE L'ÉGLISE — atuação dominante: Padre Montuclard.
2. LA FRANCE, PAYS DE MISSION? — Pe. Godin.
3. ESSOR OU DÉCLIN DE UÉGLISE — Carta pastoral do Cardeal Suhard.
4. ÉCONOMIE ET HUMANISME — Pe. Lebret.
5. PADRES-OPERÁRIOS — Pe. Loew.

Jeunesse de VÊglise

O movimento *Jeunesse de VÊglise* nasceu em 1936 e começou por um pequeno grupo de padres e leigos que se dedicaram ao estudo dos problemas contemporâneos considerados à luz de uma consciência católica desejosa de maior aprofundamento e de maior e mais viva presença da Igreja no tempo. Sua denominação traz ressonâncias de todas as "juventudes" da Ação Católica que Pio XI incentivara, e que já dividira nos J's (JUC, JEC, JIC, JOC) que prenunciavam o sinistro segregacionismo etário de nosso tempo. Por outro lado,

essa denominação revelava o pressuposto que Adrien Dansette põe no título de um de seus capítulos. Mas a preocupação principal de *Jeunesse de VÊglise*, manifestada em publicações de periodicidade irregular, era o de confrontar o mundo moderno e a Igreja com um espírito de renovação. ⁽¹²⁾. De um lado houve certa influência de *Humanismo Integral* na ideia da procura de um ideal histórico concreto e no otimismo que animava essa procura. Mas o método e o campo de trabalho se afastavam de Maritain: era nos inquéritos sociológicos praticados em meio operário que o novo grupo procurava abrir o caminho de um novo apostolado. Essa tendência faz de *Jeunesse de VÊglise*, de certo modo, um precursor de *Économie et Humanisme* e do movimento dos Padres-Operários.

O historiador Adrien Dansette parece pertencer resolutamente ao grémio de indivíduos que sempre vêm em todas as iniciativas as mais excelentes intenções, reservando para data ulterior a reflexão melancólica: "mas, infelizmente, seu principal animador, o Pe. Montuclard, em 1951.. ."

Num certo nível de análise psicológica podemos dizer que a época se caracterizava por uma multiplicidade e variedade nunca vista de boas intenções. B com um aperto de coração que volvemos a pensar nesses tempos em que tanta gente se aplicou ao trabalho de pavimentação e de engalanamento das portas do Inferno. Nunca se viram tantas e tão boas intenções.

Na verdade, seria mais exato dizer que nunca houve tão generalizado espírito de tapeação. Todos queriam ser otimistas, e num primeiro degrau de sinceridade, queriam querer com boas intenções. Como, porém, estava em causa a confiança nos critérios tradicionais da Igreja, já que a Igreja envelhecera, não podiam os grupos nascentes apoiar-se numa espiritualidade mais atenta às malícias do mundo e às enganosas manobras do amor-próprio. Confiavam todos n' "O Homem", no mundo e em si mesmos; e a essa generalizada e eufórica *duperie*, simpática, se quiserem, dá-se a irrelevante denominação de boas intenções.

Na continuação dos anos trágicos para a França, o movimento *Jeunesse de VÊglise* teve contatos com o grupo de *Témoignage Chrétien*, fundado pelo padre jesuíta Pierre Chaillet nos primeiros dias da *Résistance* (1941), no qual grupo a estreita colaboração com os comunistas se tornara um fato quotidiano e trivial. A despeito das encíclicas e dos decretos pontifícios, um dos mais destacados colaboradores leigos de *Témoignage Chrétien*, André Mandouse, não

esconde sua posição: "*Les communistes? Je suis avec eux!*" E foi num artigo que fez época, *Communistes et chrétiens, jeu de cache-cache*, que Mandouse, respondendo a um desafio de Gaston Fessard, tornou ostensiva a doutrinação do colaboracionismo cristão-comunista.

E é nessa isca que poucos anos depois o Pe. Montuclard, o principal animador de *Jeunesse de VÉglise*, morderá. E rapidamente se desenvolverá o neoplasma no movimento *Jeunesse de VÉglise*. O sétimo caderno já tem este título: *Le Communisme va-t-il dans le sens de l'histoire?* que, apesar da forma interrogativa, já encerra duas brutais afirmações que parecem colhidas pelo Pe. Montuclard em algum Sinai, entre relâmpagos e trovões.

A primeira é esta: "A história tem um sentido", entendido o termo "sentido" como intenção ou polarização em vista de um fim. Em pauta teológica nós sabemos que todo o universo criado tem em Deus seu fim último: "Deus fez tudo para Si" (Prov. XVI, 4) e que não cai um fio de cabelo sem o Seu consentimento. Sabemos também que, em relação aos seres dotados de inteligência e vontade livre, Deus tem um Plano de maior aproximação, de "segunda criação", que os admite numa intimidade maior da Trindade, mas também sabemos que nesse Plano está incluída a liberdade dos seres que assim Ele mesmo criou, e o consentimento do mal; que esse Plano inclui, depois do primeiro pecado, todo um Plano de Redenção que continua a supor a liberdade dos seres racionais e o consentimento do mal. Nesses termos, podemos dizer que a história humana tem um encontro marcado com aquele que há de vir julgar vivos e mortos, e um fim ou sentido que transcende a própria história. Mas não é isto que o teólogo Montuclard pretende inculcar-nos quando nos fala em "sentido da história". É numa ordenação, numa finalização cujo agente é imanente na história, ou é a própria história hipostasiada ou deificada.

A segunda terrível afirmação contida no título interrogativo do Pe. Montuclard seria esta: "Os acontecimentos ou movimentos se medem pela congruência ou incongruência que tenham com o sentido da História".

Até aqui, no mundo católico e no mundo não-católico dos homens de reta razão, os acontecimentos e movimentos se aquilatavam com critérios da lei natural que é a vontade de Deus impressa na natureza das coisas. Todo o grande e multimilenar esforço da humanidade tem sido o de extrair e aprimorar uma consciência moral que as tábuas dos direitos do homem e os códigos morais procuram exprimir. Civilizar-se é espiritualizar-se, disse Maritain; e eu creio que poderíamos acrescentar: principalmente na direção de um afi-

namento moral. A pluralidade de experiências, de tipos de civilização e de religiões inspiradoras dificulta, tragicamente, esse trabalho do homem à procura de sua alma. A tradição judaico-cristã teve, entre as demais civilizações, a vantagem imensa de contar com a Revelação, não apenas para a ordem da salvação, como também para as coisas da ordem natural.

Agora chega-nos este teólogo, com novidades colhidas num Hegel e num Marx, pelas quais se mudam os multimilenares critérios do senso moral. A vontade de Deus, se é dela que ainda cuidam, seria manifestada no "sentido da História". E é fácil ver que, com este pseudocritério, ou nos perdemos nas mais brumosas e inconsistentes divagações ou nos agarramos à mais grosseira filosofia do sucesso. Nós sabemos, ponto por ponto, que a URSS emergiu vencedora, supervencedora, da tragédia da Segunda Guerra Mundial, porque Churchill foi precipitado, Roosevelt viu pouco adiante do nariz e a França estava internamente esfaqueada. Dessa conjuração de acasos, saiu a lotérica vitória da URSS. Os adeptos da nova religião, durante mais de vinte anos, repetirão mil ou cem mil vezes que aquele sucesso se explica pelo fato de o comunismo estar no sentido da História. O Minotauro não-euclidiano de quatro dimensões é o dispensador de favores aos que se "alinham" no seu campo de forças.

Não nos admiraremos muito se mais adiante encontrarmos o Pe. Montuclard a escrever esta frase: "O homem moderno está persuadido de que a História desempenha na Humanidade um papel libertador". E também não nos admiraremos diante da rápida evolução do Pe. Montuclard e do movimento que lidera. Em 1951, no caderno intitulado *Les Événements et la Foi*, vê-se que *Jeunesse de l'Église* emparelhou-se com o movimento dos Padres-Operários e que o "teólogo" Montuclard abre o jogo e se coloca em frontal oposição ao Magistério, a respeito do comunismo, sem o qual a classe operária sucumbiria no vazio e na estagnação de um imenso desespero. Em 1953 *Les Événements et la Foi* é colocado no Index. E pouco depois, quando o último caderno de *Jeunesse de VÉglise* fala em "evangelho cativo", insinuando que só a classe operária e o comunismo o podem libertar, o Pe. Montuclard deixa a batina e sai pela porta da esquerda.

La France, Pays de Mission?

De todos os líderes ou promotores de novos movimentos católicos, a mais atraente figura parece-me ser a do Pe. Godin. Filho

de família modesta, operário antes de ser seminarista, conservou-se sempre "povo" e logo que se ordenou quis consagrar-se ao apostolado das classes humildes. Em 1934, ingressou na JOC, onde foi capelão durante dez anos. A guerra e principalmente a ocupação alemã trouxeram às atividades jocistas muitas dificuldades. Foi nos períodos de inatividade forçada que o Pe. Godin encontrou a ideia de um movimento que deveria substituir ou complementar as atividades de Ação Católica estruturadas em torno das paróquias. Depois de uma longa conversa com um missionário, ele sentiu mais vivamente a diferença de métodos: em país cristão o padre gravita em torno da paróquia e de certo modo pode esperar que o povo o procure; nos países de missão, ao contrário, o padre é um *enviado*, como nos primeiros tempos do cristianismo, e deve ir viver com aqueles que quer evangelizar e como eles. E deve criar, no meio deles, as comunidades, os pontos de encontro e de convivência estáveis, que serão as futuras paróquias, no dia em que a terra de missão se tornar terra cristã.

A descoberta sensacional do Pe. Godin foi simplesmente esta: a França não se podia mais qualificar como país cristão; a França devia ser vista como terra de missão. Com a colaboração do Pe. Daniel, o Pe. Godin esteve vários meses estudando os problemas do apostolado missionário e redigiu um volumoso *Relatório sobre a conquista cristã nos meios proletários*, que se tornou célebre com o título interrogativo *La France, pays de 'mission?*

Nesse relatório, os padres Godin e Daniel se alongaram na consideração de um princípio clássico: o da adaptação do apóstolo aos costumes do país que quer evangelizar e do respeito pelas estruturas culturais que encontrar, enquanto não se chocam com a lei natural e os mandamentos.

O primeiro princípio está claramente ensinado pelo mestre de todos os missionários, o Apóstolo Paulo: "Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus. . ." (1-Cor. IX, 20).

O grande Papa São Gregório Magno, para empreender a conversão da Inglaterra, teve os dois cuidados: colheu todas as informações de costumes e língua, para que os missionários parecessem anglos no meio dos anglos, e recomendou a Santo Agostinho que não destruísse os templos pagãos, mas apenas retirasse os ídolos e em seu lugar colocasse a Cruz. A Igreja quer dos gentios, dos pagãos, a mais profunda e radical de todas as transformações humanas, mas por isso mesmo valoriza os costumes e os traços culturais para que os evangelizados compreendam bem que a boa-nova é de outra ordem.

Mais adiante nós veremos que foi justamente em torno da justa medida das adaptações recíprocas que os padres-operários e as autoridades eclesiásticas que os incentivavam cometeram graves erros com o mesmo monótono e triste resultado: temporalização, comunização. . .

O inquérito dos padres Daniel e Godin foi levado ao Cardeal Suhard, que começou a leitura ao anoitecer e terminou-a de manhã. Mandou chamar os dois autores e não escondeu a emoção que lhe causara a leitura, não porque só então tivesse a pungente revelação do estado de descristianização em que se achava a França, mas justamente porque esse era o seu cuidado, o seu tormento constante. Homem inclinado a confiar e a se entusiasmar, via um programa sério no trabalho dos dois padres e encorajou a publicação com alguns pequenos reparos. E foi mais longe, em julho de 44 formou um pequeno grupo de padres, aos quais recomendou o estudo e a preparação de um apostolado popular, com caráter missionário, com base no relatório do Pe. Godin, já publicado e já famoso. Em poucos anos, o livro *France, pays de mission?* chegava aos cem mil.

O Pe. Godin, como bem observa o historiador A. Dansette, não trazia nenhuma solução feita, mas sacudia a Igreja de França com um entusiasmo juvenil. Na sessão do seminário da Missão de Paris, instalada em Lisieux, em princípios de 44, todos tiveram o sentimento de que nascia uma grande obra apostólica. Chegou, afinal, o dia de instalar a Missão de Paris num modesto apartamento, rua Ganneron, 47, XVIIIe. Começava com seis padres. "Tudo está em plena marcha — exclamou o Pe. Godin. — Eu agora posso desaparecer. A ideia está lançada".

Dois ou três dias depois, o Pe. Godin foi encontrado morto, no seu escritório da *Mission de Paris*, asfixiado por um aquecedor de carvão. E assim morreu, aos 37 anos, o apóstolo generoso que deixou em torno de si uma impressão muito forte de gênio e santidade. Homem de Igreja, padre obediente, ele sabia que nada podia e devia fazer sem o Bispo. E costumava dizer aos companheiros, quando sobrevinha alguma delonga de Roma ou entrave na própria arquidiocese de Paris: "Nós estamos nos motores, eles estão nos freios"; mas, no seu otimismo, não parece ter percebido que o pé do Cardeal Suhard mais de uma vez passou do freio para o acelerador. . .

O próprio Adrien Dansette, habitualmente inclinado ao otimismo, não nos esconde, desde já, suas apreensões. A "ideia estava em caminho", mas poucos anos depois tomará direções estranhas que o Pe. Godin não reconheceria como prolongamento de sua obra.

A carta pastoral do Cardeal Suhard publicada com este título em 1947, pela enorme repercussão que teve, provou que exprimia um estado de espírito que se alargava nos meios católicos. Adrien Dansette, que nunca perde uma oportunidade de manifestar sua índole "progressista", diz que a carta pastoral do Cardeal Suhard "respondia à expectativa do que havia de jovem e de vivo no catolicismo francês".

Desde o título, a pastoral se define: a Igreja é desafiada pela história ou pelo mundo, e das duas uma: ou se abre ou declina. O termo *essor*, que dá tão bela sonoridade ao título da pastoral, já por si revela toda uma interpretação do momento histórico, e até diria toda uma eclesiologia. *Essor* quer dizer ação de se lançar, de levantar vôo, de se desenvolver, de se desprender de laços ou liames. Poderíamos tomar *essor* como sinónimo de termo *take-off* transposto da aviação para a economia a fim de designar o primeiro impulso de um soerguimento económico.

O título da pastoral exprime, então, um dilema em que se encontrará a Igreja: ou se expande ou se atrofia. Como, porém, ninguém, no mundo católico, deseja o desaparecimento da Igreja, a forma optativa não tem sentido e é* melhor dizer: se a Igreja não se desenvolver, então se atrofiará. E esse lema não é outro senão o clássico "quem não progride regride" que rege o dinamismo da vida espiritual, e que milhares de vezes ecoou nas abóbadas medievais. É uma lei do espírito, a do não-estacionamento: a alma cristã deve trabalhar todos os dias para crescer na santidade. Se não trabalhar, não imagine ela que fica estacionada onde estava. Não, no momento em que deixa de querer o melhor, no momento em que suspende as forças ascensionais, fica essa alma entregue às forças da gravitação, que puxam para baixo. Imagine o leitor um *iapis roulant* que nos puxa para trás; se quisermos estacionar, precisaremos avançar; se quisermos avançar, precisaremos ainda mais avançar. Quem não progride regride, assim falava Santa Catarina de Sena, repetindo o eco de toda a tradição. Mas progredir, no léxico da autêntica espiritualidade cristã, não quer dizer *mudar*, não significa crescimento por incorporação de matéria heterogénea: significa crescimento homogéneo; significa permanecer, ou significa desenvolver as virtualidades da semente. -No léxico moderno progredir significa, quase sempre, alterar-se, tornar-se outro.

O título da pastoral, tomado no sentido clássico, não traria nenhuma novidade. A Igreja sempre desejou a maior santidade de

seus membros e a maior expansão dessa santidade na atividade missionária. Quando Jesus diz aos discípulos: "Duc in altum..." (Luc. 5,4) outra coisa não faz senão incitá-los a um *essor*.

Será esse clássico incitamento ao progresso espiritual e ao crescimento homogéneo que inspira a pastoral do Cardeal Suhard, ou será o de "aberturas para o mundo"? Vejamos o texto e vejamos depois as articulações desse texto com os diversos movimentos que se inscrevem todos nessa mesma perspectiva do *take-off*.

Dois anos depois do fim da guerra sabemos já que a paz não se parecerá com aquilo que esperávamos... e não será uma volta tranquila às formas do passado. A crise que abala o mundo ultrapassa de muito as causas que a provocaram. O conflito contribuiu para isso com sua sequência de desgraças, mas o *bouleversement* (a desordem) que o desencadeou não terminou com o seu fim, porque vem de mais alto e irá mais longe. As ruínas são grandes desgraças, mas são também um grande símbolo: morreu na terra alguma coisa que não se levantará jamais.

Esta conclusão não é imaginária...

Detenhamo-nos neste ponto e procuremos antecipar com nossas próprias luzes o que será que morreu sobre a terra e que "não se levantará jamais". De início não podemos esconder certa estranheza diante desse anúncio que de um lado tem ressonâncias de catástrofe e de outro, cores esperançosas de "um grande símbolo". Em que pauta terá ocorrido essa singular ruptura, essa marcada descontinuidade que o Arcebispo de Paris assinala nestes termos: "morreu na terra alguma coisa que jamais se levantará"? Não se trata, evidentemente, da vida da Igreja, que não pode sofrer tais descontinuidades. Falará o Arcebispo da marcha das coisas temporais? Todos nós sabemos que a História tem seus solavancos, suas sinuosidades e curvaturas, mas nenhum de nós diria que em quatro ou cinco anos observou-se no andamento da civilização uma brecha assustadora ou uma transmutação que mereça a qualificação de grande símbolo. De qualquer modo parece-nos mais razoável, mais sábio, insitir mais na grande continuidade da vida e da História do que nas transmutações que ocorrem na superfície das coisas. Depois da guerra, das humilhações e dos sofrimentos, entenderíamos muito melhor um chamamento do Pastor às coisas do Reino de Deus, mas deixemos para mais adiante todas essas reflexões e vejamos qual é a tal coisa que morreu no mundo, e qual é o grande símbolo:

... Esta conclusão não é imaginária. Fundamenta-se em milhares de testemunhos que afluem das províncias e dos países estrangeiros, nesta encruzilhada, que é Paris. Todos demonstram que a crise atual não é uma simples Uôença ou decadência do mundo, mas uma crise de crescimento.

Agora estamos diante de uma proposição que é uma clarinada de otimismo. O mundo moderno, e não somente a partir do meado do século XX, ostenta uma impiedade e um indiferentismo religioso que deve afligir as almas sensíveis aos direitos do Reino de Deus, tão ostensivamente usurpados pelo mundo. O Cardeal-Arcebispo de Paris nos explica (e nos tranquiliza?): "tudo isto é crise de crescimento". Crescimento de quê? Crescimento em direção a quê? A ideia de crescimento é correlata à de uma plenitude de forma ainda não atingida mas em processo de atingimento. De que modo aplicaríamos essa ideia a uma civilização? Mas nesse caso o que foi que "morreu sobre a terra e jamais se levantará"? Fazemos esta pergunta porque já agora a ideia de crise de crescimento não se coaduna bem com aquela de tão irreversível ruptura. E o grande símbolo?

Em palavras mais simples: o que é que afinal nos anuncia o Cardeal Suhard, depois desse exórdio e desse entrechoque de expressões que ora assustam, ora tranquilizam? A resposta está na continuação da pastoral:

Até hoje, efetivamente, a terra esteve compartimentada. Os homens viviam em nações separadas, desde trinta anos; com o avião e a eletricidade não há mais distâncias. Pela imprensa, pelo cinema e pelo rádio os habitantes das regiões mais longínquas comungam ao mesmo tempo na mesma vida. Ouvem os mesmos discursos, tomam conhecimento dos mesmos acontecimentos, discutem as mesmas ideias. As conseqüências não se fazem esperar. Pouco a pouco as civilizações particulares se apagam para dar lugar a uma civilização comum a toda a humanidade. O mundo, pela primeira vez, toma consciência. Arma-se, então, uma pergunta angustiosa. A esta civilização comum que por toda a parte se estabelece, a este novo humanismo para o qual não estávamos preparados, quem fornecerá a alma? Qual será o animador desse grande corpo que a humanidade hoje forma?

Não sei se o leitor sentiu a mesma decepção que sentimos nós, quando leu essa passagem em que o Cardeal-Arcebispo de Paris faz a mais convencional e superficial apologia da eletricidade e do avião e dá ao melancólico quadro da uniformidade mundial o desmedido título de "civilização comum" que pela primeira vez chega à unidade, e também pela primeira vez toma consciência... de quê?

Mas esse quadro, que a carta pastoral esboça, não surgiu da noite para o dia. O telégrafo e o telefone têm mais de cem anos. Vinte anos antes dessa carta pastoral, o autor destas linhas, sendo engenheiro-chefe da Estação Receptora da Companhia Radiotelegráfica Brasileira, projetara e construíra, em Jacarepaguá, os aparelhos com que se conseguiu o primeiro serviço de radiotelegrafia entre Rio e Europa e Estados Unidos. Na *Volta ao Mundo em 80 Dias* de Júlio Verne, que o Cardeal certamente lera em sua meninice, já o

telégrafo desempenhava um relevante papel e já se falava num mundo unificado pelos meios de comunicações e transportes. Não se vê, pois, a conexão entre essa constatação superficial do progresso técnico e a frase trágica "morreu na terra alguma coisa que não se levantará jamais".

O progresso técnico que facilmente deixa boquiabertos os espíritos fracos é o mais contínuo, o mais emendado, o mais concatenado de todos os progressos; e se é verdade que ele aparece como uma imposição de novidade que substitui e torna obsoletas as coisas anteriores, é também verdade, mas geralmente ignorada, que o seu processo, o seu modo de operar é mais social e histórico do que o processo das inovações propostas pelas artes. O técnico trabalha todo o tempo apoiado no trabalho coletivo e sucessivo anterior.

Por outro lado, os *quanta* de progresso científico-técnico, mais decisivos para os grandes avanços, são trazidos por uns poucos homens que têm a ousadia poética de descobrir metáforas de coisas e fenômenos, graças às quais ele aproxima coisas distantes e realiza concílios nunca dantes concebidos.

Querera a famosa pastoral atribuir aos avanços da técnica a definitiva morte de alguma coisa sobre a terra? Nesse caso é pena que o Cardeal Suhard não tenha lido ou não tenha dado a devida atenção a uma alocação de Pio XII, pronunciada em 2 de março, uma ou duas semanas antes da pastoral que saiu em meados de março. Eis o que dizia Pio XII:

Recentemente foi proposto ao cristianismo este conselho, quase este desafio: se quiser conservar seu prestígio e sair do ponto morto, terá de se adaptar à vida e ao pensamento moderno, às descobertas científicas e à extraordinária potência da técnica, em face das quais as formas históricas do cristianismo e seus velhos dogmas não serão doravante senão evanescentes luzes do passado.

Grave erro! e como atrás dele se descobre a falaciosa ilusão dos espíritos superficiais! Eles parecem querer empurrar a Igreja, como num leito de Procusta, nos quadros estreitos das organizações humanas. Como se a nova configuração do mundo, como se a dominação presente da ciência e da técnica ocupasse todos os domínios e não deixasse nenhum espaço livre para a vida sobrenatural, que em toda a parte jorra.

Pio XII não se sente intimidado e inferiorizado diante das máquinas do progresso, nem anuncia que morreu sobre a terra alguma coisa que jamais se reerguerá. Aliás, por falar nessa coisa que morreu, sobre a terra e nunca mais se reerguerá, convém voltarmos à pastoral com esta simples e cândida indagação: que coisa é esta?

A frase do Cardeal, segundo Jacques Marteaux, fez sucesso, principalmente na parte que se refere ao "símbolo" e à "crise de

crescimento". Adrien Dansette diz que a pastoral inteira teve grande ressonância, por corresponder a uma expectativa de "tudo o que havia de jovem e vivo no catolicismo francês". Mas nada disso nos explica o que foi que morreu e que jamais se levantará, e eu imagino com certa facilidade o ar de infinita superioridade com que "tudo o que havia de jovem e vivo no catolicismo francês" consideraria a obtusidade deste escriba sul-americano, que insiste em querer que as frases de uma carta pastoral, mesmo em Paris, estejam obrigadas a ter algum sentido.

O Cardeal disse enfaticamente que morreu uma coisa em março de 1947 e que esta coisa jamais reaparecerá. Depois acrescenta que essa morte, a par de algumas desgraças, é um "símbolo". De quê? De crise de crescimento. Mas quanto mais simbólica for a morte, e mais esperançosas suas consequências, mais compreensível é nossa insistente curiosidade. Que foi que morreu? Bem sabemos que num floreio de retórica dizem-se coisas extremamente banais sob formas extremamente solenes. Um dos lugares-comuns que mais seduz os espíritos fracos e mais sucesso desperta nas multidões é o das mudanças de costumes apresentadas como progressivas e como irreversíveis. Em qualquer mês de março podemos apresentar o fevereiro próximo passado como um defunto solidamente morto, e poderemos garantir que jamais ele se erguerá do pó. Mas nós não podemos atribuir tamanha simplicidade a carta pastoral que teve repercussão no mundo inteiro. O Cardeal anuncia certamente alguma coisa mais séria e mais profunda do que as mudanças de costumes e vestuários. E Uma vez que todo mundo julgou ter entendido as frases sem necessidade de perguntar que coisa morrera, concluímos nós que todo mundo viu nesse exórdio da pastoral não o anúncio de um acontecimento, não a exposição de um fato, mas o anúncio e a exposição de um novo princípio. Qual? Este: o mundo só progredirá, a Igreja só realizará seu *essor*, seu crescimento, sua propulsão, à custa de decisivas e "corajosas" rupturas com o passado.

O Cardeal Suhard, ou quem lhe escreveu a pastoral, está simplesmente enunciando um dos lemas do "progressismo". E é por isso que, logo a seguir, surge na pastoral o inevitável *conjugado* baseado na seguinte ideia: não é no mundo exterior que a Igreja encontrará os principais obstáculos ao seu *take-off*, já que está superada a ideia tridentina de uma Igreja militante em guerra incessante contra três cruéis inimigos, e sim no seu próprio interior.

São os católicos de tendências conservadoras, que no catolicismo francês têm um especial vigor de reação, os entraves do crescimento, do *essor*. E aqui o Cardeal Suhard não hesitou em exumar o

termo "integrismo", para lançá-lo em circulação, com atualizada significação:

Entra em cena o fantasma do "integrismo"

Foi realmente em outubro de 1946 que o Pe. Louis Beirnaert publicou, em *Études*, um artigo que parece uma introdução ou uma preparação a *Essor ou Déclin de V'Église*. Nesse artigo o Pe. Beirnaert nos fala de "um movimento de crescimento que empolga o homem moderno e o orienta para um futuro com traços ainda imprecisos, mas com imenso poder de sedução. . .".

O Pe. Beirnaert, como qualquer progressista da época, não percebe que "o imenso poder de sedução", que ele vislumbra, não vem e nunca pode vir do impreciso futuro. A humanidade se move para um futuro por uma inelutável decorrência do fluxo do tempo, mas é um erro vulgar e abundantemente repetido esse que empresta ao futuro um enorme poder de finalização. No rápido decurso de nossa vida, muitas vezes colocamos num futuro próximo o pólo de nossas atividades: o estudante quer formar-se; o noivo quer casar-se; o menino quer crescer. Em todos esses estados da vida há, realmente, uma convergência de esforços para o atingimento de um estado futuro; mas fora da modesta escala da vida humana, o futuro nunca, jamais possuiu o que o Pe. Beirnaert descreve como "imenso poder de sedução". Nenhum de nós, por exemplo, conseguiu inquietar-se com o casamento de sua tataraneta, ou alegrar-se com as facilidades de locomoção no ano 3000. A alma humana, que facilmente se entrega a tempestuosas paixões, não consegue emocionar-se com futuríveis, mas são inúmeros os casos de paixão pelo conhecimento do passado que, este sim, sempre exerceu sobre o homem verdadeira fascinação. Chesterton dizia que o homem é um monstro que anda para a frente com a cabeça voltada para trás; mesmo porque na frente tudo é "silêncio, escuridão e nada mais".

Não há pois, no famoso "homem moderno", os pruridos que o Pe. Beirnaert assinala com respeitosa admiração; mas há outra espécie de prurido que escapou à sagacidade do padre colaborador de *Études* nos idos de 1946: o "homem moderno" daquele tempo, sobretudo o que se podia observar em certos setores do catolicismo francês, sentia a mesma coisa que sentirão sempre os "homens modernos" de todos os tempos: a vontade de matar o pai.

Sob o pretexto de servir mirabolantes e rutilantes deuses futuros, de trabalhar para um mundo melhor, o que os progressistas que-

rem, a qualquer preço, é romper com pessoas ou aborrecidas continuidades morais que hoje o prendem ao que ontem prometeram. Daí a necessidade de completar seu suposto mecanismo de propulsão com um mecanismo de vigorosa rejeição.

Como os aviões a jato, o "progressista" só se move "para frente", isto é, na direção a que ele dá todas as eufemísticas denominações, à custa da retro-rejeição de sua própria substância. Não me custa muito imaginar a "Nova Igreja" dos progressistas numa vistosa e engalanada aeronave que se dirige para o sonhado Novo Mundo, com uma propulsão que vem da vigorosa evacuação de sua carga. Joga para trás o latim e graças a esse jato avança alguns quilômetros; repele vigorosamente o gregoriano, e avança outros tantos quilômetros; evacua vigorosamente as imagens, as batinas, as tonsuras, os sinais sagrados: novo avanço; num jato cada vez mais forte se deslustra do missal, do breviário, do celibato sacerdotal; acelerando o motor de retro-rejeições, joga fora os dogmas, os mandamentos e as bem-aventuranças. E assim, varando a estratosfera, como um bólido incandescente, a aeronave chegará um dia a Marte ou Vénus, onde os habitantes, estupefactos, verão que a enorme e coruscante aeronave não traz coisa nenhuma a ninguém: chega vazia, traz o vácuo absoluto e absolutamente ecumênico.

Deixando a ficção de nossa febricitante imaginação, voltemos à ficção que o Pe. Beirmaert apresentava, em 1946, aos leitores de *Études*, no pausado tom de quem expõe a mais sábia e decantada doutrina. Termina o artigo com a visão de um "movimento que de certo modo prolonga no sacerdócio cristão o profetismo do Antigo Testamento. Esse sacerdócio nada deseja com mais força do que sua união com a hierarquia. Se encontra obstáculos, é da parte da massa católica conservadora e pesada, apegada a seus hábitos, e suas rotinas, com um integrismo mais zeloso de denunciar os erros do que de promover a verdade, e mais diligente em defender estruturas do que difundir o Reino de Deus..." (13).

O termo que anos atrás, nos tempos de Pio X, tinha outro sentido e caíra em desuso, desaparece como um *révenant*, e logo se apresenta nitidamente definido: é a força de inércia que se opõe ao profetismo. E observe-se um curioso aspecto da questão que talvez tenha escapado ao leitor fatigado ou distraído. Os alvissareiros e trêfegos descobridores ou inventores de impulsos, de "progressos", de expansão do Reino de Deus não dizem nunca duas palavras dos conhecidíssimos inimigos da Igreja. Não. Em relação ao mundo, tomado em todos os seus sentidos, nunca foram os católicos tão otimistas. O indiferentismo religioso de uma civilização apóstata en-

I
j

tregue ao culto de um bem-estar tornado objeto de consumo não os intimida. Os maçons? Os comunistas? Com esses, como atrás já se viu, os progressistas já entabularam um *modus vivendi* ou, se quiserem, um *gentlemeris agreement* onde não há nem *agreement* nem *gentlemen*. Não. A única coisa que se opõe ao *essor* ou ao novo *profetismo* é o compacto povo de Deus que se obstina em conservar suas devoções e em defender a Fé de seus filhos. O único obstáculo é interno: daí a necessidade de evacuação que atrás descrevemos e que os anos pós-conciliares realizaram.

Outro aspecto digno de nota dessa exumação do termo é aquele que já estudamos atrás no jogo esquerda-direita, que está na medula de todos esses movimentos revolucionários: as esquerdas sempre tiveram necessidade de criar arquétipos negativos, adversos, e de tirar dessas criações a eficácia de *rótulos* intimidatórios ou infamantes com que cativam ou paralisam os espíritos fracos.

Comentando a carta pastoral do Cardeal Suhard, o historiador Adrien Dansette (14) se encoraja e se deleita em desenvolver considerações em torno do binómio progressista e integrista:

Os integristas são geralmente pessimistas que não têm confiança na natureza humana, crêem na irremediável corrupção, repelem as noções de desenvolvimento e progresso. Por isso são hostis às ideias novas, às mudanças, aos esforços de libertação humana, e para combatê-los apelam sempre para a tradição e a autoridade. Além disso, julgam intrinsecamente mau o mundo moderno e não admitem que a Igreja possa adaptar-se a ele...

E mais adiante, no capítulo dedicado ao "progressismo", nosso historiador traça o perfil do progressista:

Se os integristas são em geral pessimistas que não abrem crédito ao homem, os progressistas, ao contrário, são otimistas e têm confiança no homem. Eles têm fé nas possibilidades infinitas do progresso, crêem que o mundo se orienta para um paraíso terrestre e se levantam contra a ordem herdada da tradição, como também subestimam o valor dos obstáculos que lhes opõe o real. (15).

Não é muito difícil mostrar que essa contraposição caracterológica do mundo católico encerra diversos *binários* que podem ser colocados em vários planos, e é por isso mais geradora de equívocos do que benéfico utensílio mental. Tomemos por exemplo "a confiança no homem" que, para Adrien Dansette, é uma virtude do otimismo progressista, e cuja ausência é um vício do pessimismo integrista. Ora, essa "confiança no homem" pode ser colocada e ana-

Usada em vários planos. Primeiro, no plano da estrutura psicológica haverá sempre indivíduos mais propensos a confiar nos homens, e outros menos propensos, ambos os casos constituindo simples inclinações temporais, ambas normais dentro de certa faixa, e ambas patológicas nos casos extremos. Certamente existem dentro da Igreja os dois tipos, o melancólico e o extrovertido e confiante; se me perguntarem qual dos dois tipos, arregimentados e transformados em correntes históricas, causaria mais desastre à Igreja, eu ficaria indeciso. Talvez mais as vigorosas e alegres besteiras dos otimistas. Em todo caso, o que é certo é que até hoje nenhum Papa, nenhum doutor da Igreja ensinou que a inclinação temperamental que abre créditos ao homem e à vida seja virtude moral e muito menos teológica. Estamos em terreno moralmente neutro, e nos casos extremos de depressão ou de alegre bobice, estamos no obscuro domínio da psiquiatria.

Mas a "confiança no homem" pode ser colocada no plano moral, e não hesito em situá-la entre as virtudes anexas da *justiça* e até mais exatamente, no setor da *amicitia* ou *amizade cívica* sem a qual a vivência do corpo político se torna não apenas insuportável, mas impossível. Quando uma sociedade chegar ao ponto crítico do medo permanente, da permanente suspeita, sem saber de onde virá a denúncia, e de onde partirá o tiro, podemos asseverar que essa sociedade já não é uma *polis*, cuja forma é o *nomos*, e cujo sangue a *filia*.

Posto o problema nestes termos, podemos dizer que "a confiança no homem" é uma virtude anexa da justiça, conexas à prudência, e graças à qual cada um de nós contribuirá para o maior teor de amizade cívica dentro do corpo político. Qualquer pessoa de bom senso entenderá que o exercício dessa virtude cívica não é fácil, e que se torna tanto mais difícil quanto mais anormal se torna a sociedade. A título de paradoxo poderíamos dizer: numa sociedade povoada de galopantes e trêfegos otimistas que abrem "ilimitado crédito à juventude", como recomendou Dom Hélder Câmara num de seus delírios, a prudência recomendaria uma retração geral da confiança no homem, até dias melhores.

Há ainda um terceiro plano em que pode ser colocada e analisada a "confiança no homem": é o plano sobrenatural, onde tudo se refere à salvação e à vida eterna. Ora, nesse plano, a confiança no homem (em si mesmo ou no próximo) é objeto de uma maldição explicitamente revelada: "*Haec dicit Dominus: maledictus homo qui confidit in homine*" (Jer. XVII, 5). "Eis o que diz o Senhor: maldito seja o homem que se fia no homem, que busca apoio na carne e afasta de Deus seu coração". A obra da salvação é obra de

iniciativa essencialmente divina e fora do alcance de qualquer virtude ou engenho humano; e o Senhor é especialmente cioso desse teor divino da obra redentora, como se vê no momento infinito da confissão de Pedro (Mat. XVI,13), em que, depois do soleníssimo pronunciamento do primeiro Papa, Jesus o elogia de um modo que realça energicamente o divino de que é portadora uma pobre criatura feita de carne e sangue, isto é, de pouco mais do que nada: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que te revelaram isto, mas meu Pai que está no Céu." E pouco adiante, quando Pedro traz uma contribuição sua, adornada de excelentes intenções, ouve esta apóstrofe: "Para trás, Satã. Tu és para mim escândalo. Teus pensamentos não são de Deus, mas de homens" (Mat. XVI,23).

Alguém talvez se admire de que eu traga para a análise de um desprezioso díptico do historiador Dansette todas essas considerações que são da alçada da Teologia Dogmática e da Teologia Ascética e Mística. Receio que o próprio Dansette, historiador do catolicismo francês, julgue que o plano de seu trabalho dispense tais apelos e fique um tanto atordoado se eu lhe disser que é justamente essa confiança no homem, armada sem cuidados e discriminações, que faz do "progressismo" um pestilencial processo de apostasia que no fim dos tempos ouvirá o ribombo do grito de Jeremias com espantosas ressonâncias: "Afastai-vos de Mim, malditos!!"

Naquele tempo (1947) o otimismo dito progressista já anunciava, a quem tivesse algum hábito das leituras espirituais, o pendor naturalista, ou, se quiserem, o neopelagianismo que faz do homem o artífice de sua salvação. Hoje temos diante de nós, com proporções planetárias e infiltrações até no Vaticano, "o novo humanismo" apóstata e idolátrico. O homem é entronizado no lugar de Deus, e uma legião de imbecis dirigida por escolhidas equipes de possessos vive a esperar *la réussite de l'homme*, como termo feliz da história. Um velho e prestigiado dominicano *saisi par la débauche* é o autor infeliz deste mal disfarçado *non serviam*.

Ainda o díptico integrismo-progressismo

Vale a pena determo-nos ainda uns minutos na consideração do díptico traçado pelo historiador Dansette e inspirado na pastoral do Cardeal Suhard. Tomemos agora no lado "integrismo" o termo "crêem na irremediável corrupção"; ora, isto é uma intolerável heresia que qualquer católico semi-alfabetizado saberá repelir. Esse

defeito atribuído aos integristas coaduna-se muito mal com o zelo de defender a doutrina e o maior empenho de apontar os erros do que difundir as verdades. Quererá o Sr. Dansette dizer que os integristas se preocupam, com demasiada inquietação, na salvação de suas almas e apostam pouco na misericórdia de Deus? Este zelo, inquieto ou confiante, conforme o caso, cabe perfeitamente dentro da normalidade e da ortodoxia católica. Ajudemos Adrien Dansette, e digamos que, nesta linha, o integrista se caracterizaria por excessiva e nervosa inquietação, em lugar do bom temor que robustece a alma, produzindo nela, além disso, mais quietude do que perturbação. Admitamos a existência de muitas pessoas assim dentro da Igreja. Qualquer confessor conhece os casos dos escrupulosos que voltam indefinidamente aos mesmos pontos, mas também qualquer confessor inteligente sabe que isto se explica mais por uma afecção psíquica do que por uma errônea concepção do cristianismo.

Mas agora observemos que falta, no lado progressista, o termo correspondente àquele mal formulado "crêem na irremediável corrupção". Qual será, no lado progressista, o termo correspondente? Se quisesse ser extremado, como no lado integrista, diria simplesmente: no limite, na situação extrema, o progressista não crê na corrupção, no pecado, no perigo da condenação eterna e, portanto, na necessidade da Salvação. Esta é a *tendência* do progressismo desde seus primeiros passos. Na situação atual não ouvimos falar em perigo de danação, em inferno, e em necessidade de salvação, a não ser nos reduzidos redutos que, desde 1946, os ansiosos de *essor* chamavam de integristas. ⁽¹⁶⁾

A peroração do Cardeal Suhard

Voltemos à famosa pastoral, que marcou época, a fim de apreciarmos a direção do pensamento do Cardeal:

Não podemos ser santos e viver o Evangelho que invocamos, sem nos esforçarmos por assegurar a todos os homens condições de alojamento, de trabalho e de alimentação, repouso e cultura... sem as quais não há vida humana. Assim, a missão do cristão não é somente um apostolado; é a convergência de três ações simultâneas: religiosa, cívica e social.

O Cardeal infelizmente não disse que o dever de promoção do bem comum é extremamente diferenciado, conforme as possibilidades de cada um. Em regra geral, dentro de um corpo político como o que existe na França, no Brasil, na Espanha, etc, noventa por

cento das pessoas pouco podem dar, além de seus pesados deveres de estado. Não se pode imaginar esta pergunta de um confessor que acabasse de ler a pastoral a uma mãe de família da pequena burguesia ou de condição mais humilde, sem algum divertimento, ou sem a previsão de muito sofrimento: "A senhora tem procurado assegurar a todos os homens condições de alojamento, de trabalho, alimentação, etc, etc?"

É fácil imaginar a estupefação da boa senhora, que no entanto acharia perfeitamente natural esta outra pergunta, infinitamente mais terrível: — "A senhora tem procurado amar a Deus, de toda a sua alma, todo o coração, todo o entendimento, e ao próximo como a si mesma?"

Mas é na peroração que encontramos um dado ainda mais marcante desses anos febris. O Cardeal fala num apostolado comunitário "*axé sur la classe ouvrière*". E aqui, se nós, naquela época, tivéssemos a lucidez e a coragem de andar ao arremão de toda uma "entropia crescente", poderíamos perguntar com suprema e atrevida impertinência: — Que é *isso*?

O mito da classe operária e de sua missão histórica

No linguajar moderno, o termo "classe operária" não designa apenas a multidão de pessoas que trabalham com as mãos e recebem salários. Esta vaga definição incluiria os camponeses, que no mesmo linguajar de século e meio ou pouco mais sempre se separaram da classe operária propriamente dita. Os milhões de humildes trabalhadores que operam no chamado setor terciário da economia — que no mundo moderno tende a absorver o primário e o secundário — também sempre foram considerados estranhos à classe operária. As datilógrafas e estenógrafas, os pequenos funcionários, os barbeiros e pedicuras, nunca mereceram, dos adoradores do ídolo do século XIX, três grãos de incenso. A classe operária, na perspectiva da causa material, se define como conjunto de pessoas que trabalham como assalariados no setor secundário da economia. Detida neste ponto, a definição seria vaga demais, ou não seria uma definição. Qual será o traço específico, trazido pelos socialistas, que dá a esse vago coletivo uma forma e uma clara norma de pertinência? Nós todos, hoje, pagamos para saber o que é que marca a classe "operária" no léxico socialista: é a tomada de consciência de uma espoliação e de uma luta. O marxismo seria impraticável sem essa "coisa nova" que lançaram nos caminhos da História. Com base em

episódios infelizes, provocados pela brusca descoberta da máquina a vapor, e dos demais maquinismos que davam ao homem um domínio nunca visto sobre a natureza inferior, foi possível fazer do ressentimento e da inimizade o vínculo de coesão molecular da "coisa nova" que se agigantará no decorrer de um século. Note bem o leitor que eu disse "ressentimento e inimizade", e não incluí o sentimento de dignidade ofendida por uma injustiça, não por que ignore o fato das injustiças abundantemente praticadas, mas por não ignorar também que os movimentos socialistas, e mais especialmente o marxismo, comecem por uma ciência do homem, onde não há nenhum lugar (a não ser nos interstícios da demagogia e da *praxis*) para essas categorias éticas.

Além disso, quando o socialismo, e sobretudo o marxismo, põe toda a ênfase no título de *operário* — coisa que muitos espíritos vacilantes verão como uma dignificação do trabalho —, na verdade despoja o homem de seu título mais comum e maior e condena-o à prisão perpétua na classe.

Qualquer pessoa de mediano bom senso sabe que os homens, por uma perfeição de sua natureza, são propensos a terem certo garbo de seu ofício e a verem o cosmos sob o prisma da navalha de barbeiro ou da tesoura do alfaiate. Assim é que meu excelente oficial barbeiro, certo dia, vendo passar na calçada fronteira um senhor circunspecto, disse-me que era tabelião e qual era o seu cartório, mas depois de uma pausa, acrescentou este dado profundo: — "Barba muito áspera".

O barbeiro, por seu prisma, vê passar barbas e bigodes aparados; o alfaiate vê passar abas de casaco mal ajustadas ou bem afeioadas a ancas invisíveis; a manicura vê unhas. Mas enlouqueceriam todos, e nós com eles, se numa universal alucinação só vissemos o mundo, cada um através da fresta de seu espectroscópio.

O mais compenetrado barbeiro quer ser mais do que barbeiro, não na linha da promoção funcional, mas na linha mais importante e mais acessível da condição humana. Em casa, atravessando o limiar de sua porta, o barbeiro se libera da navalha e recupera com o nome de batismo os títulos de pai, de marido, onde em nada entra a consciência do ofício e da classe.

Se não sou eu que me extravio do mais antigo e límpido bom senso; se não sou eu, na minha simplicidade de engenheiro, que não vejo um palmo diante do nariz nos problemas profundos que envolvem tantas dimensões naturais e sobrenaturais do homem, como se explica então a frase do famoso Cardeal que quer o apostolado "*axé sur la classe ouvrière*"?

Explica-se pela radioatividade ideológica que andava na atmosfera de Paris, nos anos 40. Seria mais clássico e infinitamente mais católico dizer que nosso apostolado deve-se inclinar para os pobres; mas a frase "*axé sur la classe ouvrière*", trinta anos atrás, soava como as trombetas de libertação e vitória. Ou soava com essa estranha virtude de produzir todo um jogo de alucinações que marcavam o otimismo, que era uma forma do desespero do século.

Além disso, cumpre notar que o Cardeal Suhard não está isolado, não inventou nem está sozinho nesse prazer de incluir em seu discurso barbarismos tirados de um *basic Russian*. Anos antes o Pe. Montuclard, na sua *Jeunesse de VÉglise*, usara expressões como esta: "missão histórica do proletariado". E antes dele, em 1936, dez anos antes do Cardeal Suhard, Jacques Maritain aborda, em *Humanismo Integral*, a mesma ideia de um "papel histórico do proletariado", e, com uma série de reservas, de cuidados finos manifestados em frases incisivas, chamadas ao pé da página, parênteses, condicionais, com toda uma prudência que o Pe. Gaston Fessard⁽¹⁷⁾ louva com um respeito não menor do que o meu, chega a concluir que o "ganho histórico de ordem espiritual do fenômeno socialista" consiste na tomada de consciência de uma dignidade humana ofendida e humilhada, e a tomada de consciência de uma "missão histórica" que o marxismo ativou e deformou com a ideia de um "acesso do proletariado à consciência de classe".⁽¹⁸⁾

Nas páginas muito lúcidas que escreve a esse respeito, defendendo Maritain dos mais brutais adversários, mas também mostrando as desdobradas e multiplicadas consequências das concessões feitas às esquerdas, Gaston Fessard começa por dizer:

Falando da "missão histórica" do proletariado, J. Maritain empregava, efetivamente, uma expressão perigosa, duas vezes ambígua, primeiro por causa dessa palavra em que se exprime, como vimos, "a obra de Marx" e também da "missão" que lhe atribuía. Mas, consciente desse perigo, Maritain fez tudo para o evitar. Duvido, entretanto, que ele tenha conseguido evitar que a dupla ambiguidade produzisse seu fruto no espírito dos leitores. Seria possível fazer melhor em 1936?

O sagaz jesuíta nos faz inopinadamente essa pergunta que nos parece quase cómica, como se no ano de 1936 estivéssemos na guerra do Peloponeso, e ainda não soubéssemos nada do papel que a torrente socialista já começava a representar na História, e como se a Igreja até essa data nada nos tivesse dito sobre a revolução mundial.

Ora, nesses anos em que Maritain escreveu *Humanismo Integral*, a *Quadragesimo Anno* de Pio XI já retomara, em termos mais enérgicos, a condenação do comunismo e do socialismo, mesmo em

suas formas aparentemente mitigadas. É curioso notar que nenhum papa, até João XXIII, abordou o problema socialista, a começar por suas supostas motivações generosas atinentes à dignidade da pessoa humana: há, portanto, sobejas razões para estranhar que um bom filho da Igreja, com tanto desembaraço, desenvolva em direção diferente ideias próprias sobre um assunto dez vezes abordado pelo Magistério.

Além disso, o ano de 1936 e os anteriores tiveram o sangue de milhares de mártires espanhóis para dizer alguma coisa sobre os ídolos da mitologia marxista. Nesse ano, e nos seguintes, a consciência católica esteve especialmente sensibilizada para a significação profunda, teológica, dessa torrente revolucionária. Mas o jogo esquerda-direita, como já vimos, produziu na França obnubilações, censuras psicológicas, processos de autofalsificação, cujos frutos amargos comemos hoje, e comerão amanhã nossos filhos e netos.

Levando em conta a condenação da *Action Française*, a gemação de Maritain e Mounier em torno de *Esprit*, lembrando o que o próprio Pe. Gaston Fessard andou a escrever nessa época; equacionando, em suma, todas as cortinas de fumaça da época e todos os disparates produzidos na invisível guerra civil espanhola, concordaríamos com o Pe. Fessard. Era realmente difícil, em tais circunstâncias, fazer coisa melhor em 1936. Chegamos a lamentar que durante dez ou vinte anos os intelectuais católicos da França não tivessem feito um rigoroso e silencioso retiro.

Um leigo responde ao Cardeal Suhard

Menos de um mês transcorrerá, quando Pierre Virion, com extraordinária lucidez, como se já tivesse diante dos olhos o planiférico de desgraças que hoje está desvendado, escreve este comentário à famosa pastoral:

Devemos observar que a *nova Teologia*, apesar de suas pretensões, invoca teorias que nada têm de novo, e ainda por cima nada têm de acertado. Sua índole essencial consiste numa transposição dogmática do tema da evolução, da ordem material para a ordem espiritual. As conclusões morais tendem a consagrar em bloco o comportamento atual da sociedade como uma etapa do progresso.

! Digam o que disserem, esta é a posição intelectual dos partidários da evolução espiritual e é, sem sombra de dúvida, o segredo de uma simpatia retardatária que têm por aquela religião do Progresso, que os próprios não-católicos, como Aldous Huxley, já denunciaram como um culto idolátrico que escraviza o homem às atuais exigências técnicas,

políticas e econômicas, em vista de uma perspectiva de felicidade sempre prometida às gerações futuras, e nunca alcançada pelas gerações presentes.

É desse ponto de vista progressista que já apelidaram nosso moderno caos de "crise de crescimento". Ora, a sociedade está como a cobaia de uma experiência de cega e estúpida tecnicidade. Tudo se diz planificado. No fim veremos o esmagamento do indivíduo, da família, do cidadão, do produtor, do trabalhador, pelo "social" divinizado. Veremos a sujeição do vencido, do prisioneiro, até a tortura lenta e brutal, até a destruição pela fome ou a expulsão do lar e da pátria infligida a populações inteiras. Veremos massacres em massa. Ainda não começamos, mas desde já sentimos a ameaça próxima de um recrudescimento de todos esses males sobre nossas cabeças. Será tudo isso um impulso laborioso de sadias forças da vida? Merecerá isto o nome de crise de crescimento? Antes nos parece merecer a denominação que deu Pio XII de "terrível naufrágio", ou de "doença de que é preciso salvar a humanidade".⁽¹⁹⁾ Com efeito, sentimos no peito o peso asfixiante de idealismos dementes, de um materialismo feroz, de uma descristianização geral que há mais de um século acumula seus horrores.

Em vista disto, podemos achar estranha a censura; de não quererem *nos adaptar*, que fazem os evolucionistas àqueles que, por isso mesmo, e sem nenhuma outra razão, já são chamados de "integristas". "Declarai guerra às trevas de um mundo separado de Deus", dizia Pio XII. (20).

Ainda algumas reflexões sobre a classe operária

Antes de chegarmos à crise dos padres-operários vale a pena, creio eu, determo-nos alguns minutos na contemplação de um monstro *mude in France*, cuja monstruosidade consiste precisamente em apresentar-se como padrão de normalidade e de perfeição. Refiro-me à *classe ouvrière* tal como se encontra essa entidade, em França, nos anos 40. É com entusiasmo mal disfarçado que o historiador nos fala do "vigoroso ateísmo" que é o traço característico mais atraente da dita entidade. Outros já falaram da consciência de classe, manifestada em termos de marxismo. Em 1951, nas vésperas da experiência dos padres-operários, e nas vésperas de sua saída da Igreja pela porta dos fundos, depois de haver pugnado pela *jeunesse de VÉglise* e pela libertação do evangelho cativo, o Pe. Montuclard diz que o futuro da Igreja será condicionado pela sorte da classe operária, "a única força nova com que pode contar a humanidade" ⁽²¹⁾. Mas é preciso "registrar, como um fato, a ligação orgânica do comunismo com o mundo operário" (...) "Sem o comunismo não haveria na classe operária senão o vácuo e a estagnação."

Anos atrás (1936) ouvimos Maritain falar com todas as precauções e vacilações da "missão histórica do proletariado", e lemos mais o seguinte:

Se a classe operária quer ser tratada como pessoa maior, por isso mesmo não deve esperar ser socorrida, *melhorada*, ou salva por outra classe social. É a ela mesma, ao contrário, e ao seu movimento de ascensão histórica que incumbe o papel principal na fase próxima da evolução. ⁽²²⁾.

E agora detenhamo-nos para respirar. É difícil encontrar na história cultural de um povo, e justamente do povo mais inteligente do mundo, um igual emaranhado de disparates formulados todos em torno da pobre e triste miséria de um grupo humano que além de ser maltratado materialmente por uma sociedade de antropófagos, é ainda mais maltratado espiritualmente pelos intelectuais católicos que se entusiasma diante do teratológico espetáculo do vigoroso ateísmo, exibido pelos pobres trabalhadores franceses traídos e enganados por todos os lados.

Deixemos o plano das frases inteligentíssimas e consideremos o fenómeno com o mais ingénuo e límpido bom senso. Como modesto engenheiro educado na docilidade ao real, e na obediência às leis que fazem as coisas operarem segundo suas naturezas, eu só posso dizer uma coisa simples e elementar da famosa *classe ouvrière* francesa: se ela é o que dizem seus admiradores, conluo eu que ela está doente, que constitui dentro do povo francês um neoplasma que só pode ter, em relação ao corpo político da nação, um papel histórico muito simples: levá-lo à morte. E a primeira consequência prática que tiramos dessas reflexões cada vez mais elementares é a do imperativo de trabalhar para libertar os pobres trabalhadores franceses da humilhante estupidez de deverem seu ser e sua solidez ao comunismo que em nenhum outro lugar do mundo trouxe qualquer microscópico acréscimo de dignidade aos operários.

Na Rússia, a terra de promessa dos comunistas, os operários têm nível de bem-estar e de decência inferior ao dos operários franceses, e muito inferior ao dos norte-americanos. Essa observação foi feita aos intelectuais do progressismo católico que se preparavam para apoiar a grotesca cruzada sem cruz dos padres-operários. Quando se falou no elevado padrão dos operários norte-americanos, conseguido sem decapitar os reis e sem inundar de sangue o Mississippi, um genial progressista lançou a frase que correu toda a Paris, e se cristalizou em letra de forma no livro do historiador Dansette ⁽²⁵⁾: "É melhor ser um Sócrates descontente do que um porco satisfeito".

Creio que em nenhum recanto do planeta, incluindo aquele onde se imprime, em Petrópolis, a revista *Vozes*, jamais se pronunciou tão solene e presunçosa asneira.

Quanto ao imperativo de uma ascensão própria do operariado, sem salvação de fora, devo observar que um dos maiores filósofos do mundo, nesse problema, perdeu pé. Não ignoramos, por suas próprias lições, que no dinamismo interno do processo ascensional de educação o agente principal é o próprio educando, com suas energias espirituais ricas de todas as virtualidades. Mas o processo educacional tem dupla perspectiva. Na segunda, a da transmissão de um dado cultural ou de um dado revelado, o agente principal é o mestre, é o pai, é, em suma, o dirigente, a autoridade que já possui as perfeições que o educando por si mesmo jamais alcançaria. Cabe aqui lembrar o princípio metafísico: nada passa da potência ao ato a não ser por algo que já esteja em ato.

O antiassistencialismo e o antipaternalismo daquela ideia, pela qual a classe operária só poderá elevar-se e realizar sua missão histórica sem o auxílio de outra, pertencem ao credo do democratismo e do materialismo que vê o mais sair do menos e todas as formas emergirem da matéria.

E agora aprontemo-nos para assistir à soma de disparates que formou o episódio dos padres-operários. Vamos ver em funcionamento acelerado o cabedal de erros a que fomos apresentados neste tópico.

"Economia e Humanismo"

Neste meio tempo vemos surgir na França um novo movimento, dirigido por dois dominicanos, o Pe. Lebret e o Pe. Desroches: o movimento chamado *Economia e Humanismo*, ao qual esteve também ligado o Pe. Loew, que foi o primeiro padre-operário. O objetivo principal do novo movimento era o da sociologia posta a serviço de um esforço de humanização da economia. O campo de observações e de operações foi, como era de esperar, a classe operária.

O Pe. Desroches demorou-se pouco e terminou a experiência transformado em comunista. O Pe. Lebret morreu católico; não sei se morreu dominicano, isto é, religioso empenhado em pregar a Fé e converter um mundo indiferente ou apóstata, como queria São Domingos de Guzmán.

Em 1947, o Pe. Lebret fez as malas, empacotou suas ideias de atuação direta e eficaz nas estruturas temporais e voou para o Brasil.

Já contei atrás alguns episódios de nossos encontros, e já disse que foi *Economia e Humanismo* o primeiro veículo da subversão comunista que poucos anos depois se apoderou da parte mais vulnerável do jovem clero brasileiro. Nós pagamos para ver a *Economia e Humanismo*. Acompanhamos passo a passo, em vários casos, o curioso e repulsivo fenómeno da gradativa deterioração de uma alma sacerdotal. Temos na memória dolorosa a lembrança de muitos padres que, a partir da missão Lebret, começaram a sofrer um processo de secularização, isto é, começaram a se desinteressar das coisas do Reino de Deus, e começaram a se apaixonar pela ação direta nas estruturas temporais.

Devo assinalar que, em anos de contatos sempre apressados, em conversas de boas-vindas e de despedidas, e em conferências menos trepidantes, nunca ouvi, que me lembre, uma só palavra do Pe. Lebret que pudesse ser entendida como pregação marxista. Mas hoje, depois de tudo o que dolorosamente aprendemos, atrevo-me a dizer que, consciente ou inconscientemente, o Pe. Lebret irradiava a paixão da *praxis* marxista.

O que é, para o marxista, esta *praxis*?

Entenderíamos mal o termo se o tomássemos como significativo de uma filosofia da ação. Na verdade, é talvez essa linha divisória que mais decisiva e irremediavelmente nos separa de um marxista para o qual não existe o valor-verdade nem como subsidiário do valor-ação. Já registramos aqui, mais de uma vez, a veemente energia com que Maritain repele a mística da *efficacit e*, mas  e em Jean Ousset ⁽²⁴⁾ que encontramos mais desenvolvida a explicação do abismo que nos separa do marxismo:

A PRAXIS MARXISTA. — Para o marxista, as hierarquias sociais, os modos de pensar e sentir, os valores morais, as categorias intelectuais nada representam, nada são independentemente do tempo. Não h a princípios morais, noções intelectuais, não h a ciência política e ideal de civilização que *sejam* algo fora da História. Tudo isso não   senão um aspecto ligado a tal ou qual "momento" da evolução, e não tem sentido senão em relação   evolução universal e perpétua.

Em consequência disto, a linguagem do marxista, mesmo quando parece que ele afirma ou nega à maneira do senso comum, procede de um espírito muito diferente. As palavras são idênticas, mas tomadas e carregadas com outras significações. E ainda que o verbo "ser" continue a animar gramaticalmente cada frase, a "metafísica interna da linguagem"   de fato contradita pelo próprio pendor do pensamento. Quantas vezes os chefes marxistas se queixaram dos discípulos que tendiam a dar um sentido est tico demais a fórmulas eminentemente dial ticas. "Espírito escolástico demais!", disseram a Malenkov na época de sua liquidação. Liou-Chao-tchi ⁽²⁵⁾ dizia: "Há dois grupos de marxistas. Lutam pela mesma bandeira e se crêem ambos autenticamente marxistas. Um abismo, entretanto, os separa..."

Em outras palavras, as próprias citações de Marx não bastam para regular a a o revolucionária. Ou melhor, para o marxista, a experiência e o trabalho prático não são a simples aplicação do que poderiam indicar as citações de Marx tomadas estaticamente. Se, para um cristão, a prática e a experiência consistem na realização do que aconselham as máximas de sabedoria divina ou humana, para o marxista as coisas são mais complexas. O que Marx diz não é para ele um dogma, ou uma palavra dos evangelhos, cuja verdade absoluta comunicaria   a o que tende a realizar a virtude que se propõe atingir. A a o revolucionária não é para o marxista uma realização prática de noções reputadas verdadeiras no sentido tradicional do termo. A a o marxista, diz muito bem Liou-Chao-tchi, "não consiste em fazer repousar sua atividade sobre citações, inclusive as de Marx, mas sobre a própria experiência e sobre os ensinamentos do trabalho prático". (...) Enfim, para o marxista é a própria prática que rege e comanda a prática. ⁽²⁶⁾

Jean Ousset conclui que esse estranho terreno do marxismo está nos antípodas da concepção cristã. Não apenas da concepção teológica, mas da noção que temos de tudo da vida, da inteligência, do conhecimento e das relações da linguagem com o pensamento.

Eu diria, de início, que estão nos *antípodas do senso comum*: e   essa desnaturação monstruosa que compele os comunistas, irresistivelmente, ao uso da mentira como ao uso de uma liberação. Sim, o marxista mente com um acompanhamento psicológico de j bilos e volúpias, como quem se libera de constrangimentos e enfim se afirma senhor de si mesmo. O pobre deformado são não percebe que mente aos outros, voluptuosamente, porque se condenou a mentir-se a si mesmo, numa espécie de secret ssimo inferno que será a única coisa privada de cada alma entregue ao comunismo.

Mas o homem, mesmo sendo marxista, não pode mentir totalmente, nem pode opor-se totalmente à natureza das coisas.

Como bem assinala Jean Daujat ⁽²⁷⁾, não existe no marxismo uma "doutrina", uma filosofia anterior   a o. .. Para um comunista consciente de seu marxismo, ele poderá constantemente contradizer-se sem contradição e sem hipocrisia, ou sem o sentimento disso, já que o *comunismo   a o*.

Mas então por que tamanha logorr ia a inundar o mundo de frases, sentenças, ensaios, conferências, tratados? Por que tão ardente zelo de transmissão de uma ideologia? São os próprios pais do comunismo, Marx e Engels, que responderão com esta fórmula que sintetiza a *praxis* marxista: "Nossa doutrina não é um dogma (não é efetivamente uma doutrina), é um guia para a a o." E Lenine acrescenta⁽²⁸⁾: "Esta fórmula clássica frisa, com força e de modo impressionante, este aspecto do marxismo, que se perde de vista a cada instante."

Voltando ao Pe. Lebret, torno a dizer que nunca ouvi uma só proposição que revelasse a intenção de anunciar o marxismo; mas agora, recapitulando todas as consequências e as várias publicações de que me recordo, posso em consciência afirmar que ele nunca, a não ser nos curtos momentos em que nossos encontros se realizavam em torno da Santa Missa, deixou de irradiar vigorosamente a *praxis*. Desde as expressões tão repetidas, "*un guide pour Vaction*", até o culto de "*V efficacité*", tudo fazia do Pe. Lebret um homem de ação, mas um homem de ação de um novo figurino. O resultado prático da passagem dessa vigorosa personalidade em nosso pouco consistente meio católico foi desastroso.

Sem pregar o marxismo, anunciou aos espíritos fracos um novo cristianismo que trazia a estupefaciente descoberta do cristianismo secularizado, como diria o Pe. Bigo. Seu novo evangelho inebriava e nós vimos centenas de padres transformarem-se em "sociólogos" ou "economistas" que passaram a orquestrar a cacofonia de um "Crepúsculo de Deus" em favor de uma aurora de novo humanismo. Na maior parte, esses padres, na continuação dos dias, e na década seguinte, se transformaram em marxistas e tiveram atuação na ação direta comunista.

E aqui cabe a pergunta. Por que é que um padre arrebatado pelo vento da temporalização ou secularização, além deste primeiro erro, já bastante grave, ainda cai em outro, quando entre as áreas do mundo ocupado febrilmente em conquistar padrões de bem-estar e de técnica, em vez de escolher aquelas onde as igrejas ainda tocam sinos e os homens ainda, vez por outra, lembram o nome de Deus, escolhem eles o comunismo e assim elevam ao quadrado o erro cometido?

Creio que a resposta não é difícil: o padre que se atira no século cai de muito alto, e por isso não pode cair de pé na posição ainda disfarçada e dotada de resto de dignidade. Caindo de muito alto, o infeliz não se equilibra numa vertical vacilante, e cai de quatro num sólido e estável comunismo.

Fechando este triste parágrafo, lembro que a gloriosa ordem dominicana, no Brasil, com poucas e honrosíssimas exceções, se descompôs e chegou a transformar um convento de São Paulo num covil de guerrilheiros. Em 1968 a polícia havia descoberto o centro de subversão no Convento das Perdizes e deteve o famoso frei Chico, que era prior da *gang*. As autoridades eclesiásticas, partindo do postulado indemonstrável de que um padre, sendo padre, não pode ser comunista nem guerrilheiro, fizeram pressão sobre o governo, que mandou suspender a diligência. No ano seguinte rebentou o

tumor: dois moços ex-dominicanos entregam o companheiro de guerrilha Marighela, que morreu matando e lutando, enquanto os "dominicanos" que serviam de *isca* fugiam de gatinhas, por baixo dos carros, sendo um deles agarrado nas calças por um cão policial.

E logo os provinciais dominicanos franceses, numa carta espantosa⁽²⁹⁾, dirigida ao Cardeal-Presidente da Comissão de Justiça e Paz, têm a audácia de negar todos os fatos e de se *solidarizarem com bandidos, guerrilheiros, relapsos e apóstatas*, entre os quais o provincial e vice-provincial brasileiros que já haviam deixado os votos, a fé, a Igreja, publicamente *complementados*, "*chacun avec sa chacune*", como no *Roman de la Rose*.

Agora, depois desta brusca e incontida extrapolação, voltemos ao centro do *turmoil*.

Paris, 1950

No fim deste ano morreram três homens cujas vidas andaram sempre interligadas e em torno de cujos túmulos ainda conseguiram desencadear uma explosão de retórica às vezes comprometedora para os defuntos: Mounier, Sangnier e Léon Blum.

O Pe. Daniélou, que raramente na vida deixou passar uma boa ocasião de ficar calado, escreve que "raramente a morte pareceu tão desconcertante para o olhar humano, porque Mounier parece não ter deixado no momento em que uma geração mais precisava dele"⁽³⁰⁾. O R. P. Roquette, de *Témoignage Chrétien*, foi menos obscuro e soltou aos quatro ventos seu elogio fúnebre de Mounier: "Esse profeta da contestação cristã, esse lúcido marxista que não se deixou ligar aos dogmas políticos. . ." ⁽³¹⁾.

Padres-Operários

Estuguemos o passo e enveredemos pela década dos 50. Aproxima-se e avoluma-se a onda que resolutamente quer enfrentar o comunismo da classe operária. Para combatê-lo? Não! Evidentemente não, porque já passou o tempo em que a vida cristã era vista como um incessante combate. Mas então o que querem fazer os padres-operários no meio operário?

Um ano atrás, em 30 de maio de 1949, morria o cardeal Suhard depois de haver transmitido a Mons. Ancel suas apreensões sobre o

movimento dos padres-operários que nascera da Missão de Paris. O velho Cardeal queixava-se, bastante tarde, das infiltrações marxistas no clero e dos abusos que já se praticavam na liturgia. Os mais íntimos ouviram o Cardeal dizer com angústia, no seu último sopro de vida: — Abri uma porta. .. abri uma porta. . .

Seu sucessor, o Cardeal Feltin, robusto e ainda longe da agonia que costuma trazer aos homens uma lucidez já inválida para o mundo mas ainda proveitosa para a eternidade, não se preocupou com as portas abertas demais, e logo retomou o diapasão de um princípio, espantosamente falso, proposto por seu antecessor aos padres-operários: "O padre-operário, para eficazmente evangelizar em meio operário, deve *naturalizar-se operário*".

O que realmente mais assombra, de tudo o que aconteceu na origem dessa maléfica corrente que hoje aflige a Igreja, sob pretexto de evolução e progresso, não são as imprudências cometidas na continuação de algum deslize, não foram os pecados e as fraquezas da hierarquia, do clero e dos leigos na sarabanda histórica. O que a mim mais me espanta é a alucinante facilidade com que abandonaram ensinamentos e princípios e a não menor facilidade com que forjaram novos princípios, sempre que tiveram de enfrentar o comunismo. Porque é um erro, bastante difundido, pensar que o caso dos padres-operários foi um desses tantos em que os abusos maiores surgem na continuação e acumulação de erros, fraquezas e abusos menores. Não. O *affaire* padres-operários de início começou por erros estridentes que só não produziram imediata e enérgica reação, porque a atmosfera do meado do século estava envenenada por um otimismo insensato, que só agora vemos em toda a sua hediondez e só agora sabemos que era um disfarce da profunda desesperança, que é o mal do século.

Quando em 1º de julho de 1949 a Sagrada Congregação do Santo Ofício publica o decreto que ameaça com excomunhão por apostasia os católicos que se inscreverem no partido comunista, ou lhe prestarem apoio, ou com ele colaborarem por escrito, a União dos Cristãos Progressistas, nascida em 1947 das sementes da *Résistance*, "se contenta em declarar que esse decreto não lhe diz respeito, já que a U.C.P. não ostenta nenhuma colaboração constante com o partido comunista." (32).

Na verdade ninguém na França foi atingido pela abstrata ameaça de excomunhão, embora houvesse um crescente frenesi de colaboração com os comunistas. Imaginará algum leitor ingênuo que os padres-operários, desde o início do empreendimento, ignoravam que na classe operária a maioria dos franceses, sendo ou não sendo

comunistas, conhecendo ou não conhecendo os lemas e os corolários do marxismo, votavam sempre com o PC, e acompanhavam-no sempre que o partido precisasse de manifestações na rua? Imaginará um leitor ainda mais ingênuo que então, sabedores de tal enfermidade da classe operária, os valores cruzados do novo movimento partiam dispostos a combater essa triste deformação do espírito ou essa idolatria com as armas da caridade?

Não, amigo leitor, essa ideia simples demais, clara demais, e ainda por cima obediente demais ao Magistério, servirá para nós outros, operários ou engenheiros do Brasil, mas para os franceses *de gauche* é sempre necessário partir um cabelo em quatro, ou em quatro mil, é sempre imperioso fazer frases inteligentíssimas, e sobretudo é misteriosamente obrigatório falar do comunismo em tom do mais profundo respeito.

Nos dias dolorosos do fracasso e do choque com Roma, os autores do famoso *Documento Verde* dirão:

Nós aprendemos que a política... é, para o operário, a própria defesa de seu pão, de sua pele, de seu futuro, e que por isso teríamos de fazer a política da classe operária, sob pena de não sermos honestos operários. (33).

Por onde se vê que a disposição de ser um "honesto operário", segundo os critérios da moral e da política operária, não surgiu como uma conclusão de longa experiência, mas desde logo se delineou como atitude inicial.

O próprio Pe. Fessard, que faz uma análise profundíssima de todos os equívocos da triste experiência, no momento de apreciar esse engajamento dos padres-operários na "política" dos operários, exprime-se nestes termos:

Por mais legítimo que seja um tal combate, quando a justiça da causa é certa...

Perdão! Não posso convir que seja legítimo o combate, nem que seja certa a justiça da causa. Mas deixemos o Pe. Fessard prosseguir:

Por mais legítimo... esse combate arrastava os operários a uma ladeira escorregadia. Porque, pelo viés de uma solidariedade que se estendia de passo a passo indefinidamente, os padres-operários serão arrastados a participar de movimentos e ações reivindicatórias, de caráter mais político do que económico, tais como o Movimento de Paz e Apelo de Estocolmo, as campanhas a favor de Henri Martin, as manifestações contra o General Ridgway, etc. Em cada uma dessas situações, a justiça e a lealdade em relação à classe operária os obrigavam a não se evadir, e a aderir...

Perdão! Por mais que aprecie a sagacidade com que o Pe. Fessard procura explicar todo esse drama do progressismo e dos padres-operários, com recursos hegelianos, >e procura reprová-los, não posso concordar com a ladeira escorregadia a que são arrastados os padres-operários. Não é na continuação dos escorregamentos que aparece o erro, é nos "princípios", é nos estandartes com que desde o início norteiam a campanha. Também não posso ler sem estranheza os termos "justiça e lealdade em relação à classe operária", escritos sem o menor sinal de restrição. Acho que o Pe. Fessard tinha o dever de escrever: "a mal norteada noção de justiça e lealdade. . .", ou então de colocar aspas nos termos "Justiça" e "Lealdade", sobretudo quando Roma já publicou o decreto que proíbe claramente esse tipo de colaboração com os comunistas, sob pena de excomunhão.

É curioso notar que o próprio Pe. Fessard é sempre cerimonioso diante do comunismo, como se uma espécie de respeito humano, espalhado por toda a França intelectual, o impedisse de falar em termos de senso comum, e o obrigasse sempre a falar em termos "intelectuais."

Notemos aqui de passagem um preciosíssimo depoimento do Pe. Loew que, no meio das maiores tormentas, conseguiu preservar sua sabedoria.

Conversando com os operários, seus companheiros, sobre os motivos da supressão dos padres-operários, o Pe. Loew ouviu reflexões de operários que provam a sua compreensão da necessidade que se impunha aos padres de recusar qualquer engajamento político:

Eis aqui, palavra por palavra, o que eu ⁽³³⁾ lhes expliquei. "Vocês compreendem: há entre nós alguns (padres) que, diante das injustiças sociais e diante da incapacidade dos patrões para resolvê-las, acreditaram que deviam engajar-se como dirigentes nos sindicatos e secretários nos partidos...". É aqui eu afirmo da maneira mais formal que, ao ouvir estas simples frases, meu interlocutor (operário) me deteve para dizer: "Sim. Aí é que está a coisa, eles fizeram "política". Não. Os padres *{les cures}* não se devem meter na "política".

E aí está um maravilhoso documento que vem provar que um pobre-operário, apesar de suas tinturas de comunismo, tem mais bom senso do que padres, bispos e cardeais católicos! E prova ainda outra coisa mais profunda e mais comovente: o operário diz "*les cures*", com todo o respeito, como quem naqueles padres-operários via o que *queria* ver mais o padre do que o operário!

É terrível esse emaranhado de equívocos que leva um grupo de padres, incitados por dois cardeais, ao arrepio do Magistério, a pensar que, para cativar ou "evangelizar" os operários, era indispensável provocar-lhes uma completa adesão a seus interesses materiais, como se esses homens fossem inacessíveis a um relacionamento mais elevado. E o que toca as raias do tragicômico é o fato de não perceberem eles, os padres-operários, a tremenda injustiça que praticavam contra os pobres operários, privando-os da correção fraterna, da amizade desinteressada e do testemunho de um padre que está pronto a lhes comunicar a "*bouleversante découverte*" de um Deus crucificado.

Volto à ideia dos erros iniciais, e não dos deslizes da experiência. E pergunto: os padres-operários franceses, no primeiro passo da missão, levavam eles a intenção de *converter os operários*?

Converter? Não! Que horror! Na década dos 40 e dos 50 não se usa mais o termo converter, e não se usa mais a ideia de "mudança de vida", de *metanoia*, que durante vinte séculos, desde os apelos de João Batista, acompanha a tradição católica. Montuclard mais de uma vez arreda de si o termo e diz: "*sans intention de convertir*". Ecoando essas lembranças vinte anos depois, Maritain diz em *Le Paysan* esta frase dificilmente aceitável em qualquer contexto: "*sans la moindre intention de le convertir*".

Além disso, no caso dos operários franceses, qualquer conversão seria nociva a todo o curso da História, em vista do papel que essa classe está chamada a representar. E desde já representa a única parte da humanidade intocada pela miséria espiritual trazida pela civilização burguesa. Eis o que deles diz um Montuclard nos dias de maior exultação:

Isto é um fato observado (...) A classe operária é sadia, simplesmente porque sua condição jamais permitiu que o operário *explore* seu semelhante. ⁽³⁴⁾

Não sei o que mais admire nessa passagem, se a candura quase a tangenciar o cinismo, ou se a estupidez que compele o progressista a formular um elogio em termos de insulto: o operário é puro porque *sua condição não permite que ele explore* seu semelhante. A lógica cruel dessa reflexão nos levaria a clamar: então deixemo-los encadeados nessa condição para impedir que um poderoso acréscimo de ódio venha a envenenar a humanidade!

Além disso, os próprios padres-operários são os primeiros a reconhecer que são eles que precisam de se adaptar e até de se converter:

Era preciso nada fazer, mas deixarmo-nos modelar, deixarmo-nos ligar por todas as fibras de nosso ser; era preciso esposar esse mundo a que nos enviava a Igreja, sem bem sabermos como faríamos partilhar nossa fé, nem como realizaríamos nosso sacerdócio. Não se tratava, aliás, somente de uma situação material a esposar, mas de uma consciência nova que era totalmente desconhecida para a Igreja. ⁽³⁵⁾.

É verdade que essas linhas foram escritas pelos padres insumissos no termo da funesta experiência, mas elas exprimem mais uma orientação inicial do que uma mentalidade terminal. E insisto neste ponto: os erros da fracassada e dolorosa experiência não estiveram nos escorregões, nos desvios somados, nas imprudências acumuladas; estiveram, principalmente, nas intenções iniciais e sobretudo nos esdrúxulos princípios invocados para essa nova missão.

E aqui merece destaque o famoso princípio lançado pelo Cardeal Suhard e reforçado pelo Cardeal Feltin: o princípio da necessidade da *naturalização*. Lembrando o Pe. Godin, que costumava dizer da hierarquia: "eles são os freios, e nós o motor", quando se sentia travado em seus entusiasmos, dizemos hoje que os arcebispos de Paris, nos anos 40 e 50, mais de uma vez se enganaram com os pés e, em vez de calcarem o freio, pisaram no acelerador.

Esse falso princípio da *naturalização* tem a estrutura dessas tantas meias-verdades que envenenam o mundo. De início, qualquer pessoa de mediano bom senso sabe que o professor, o pregador, o missionário precisam aparelhar-se de algumas identificações com o meio onde pretendem atuar, para que a comunicação se torne possível e fecunda. São Gregório preparou seus monges missionários para a conversão dos anglos: com o auxílio de vários anglos trazidos a Roma pelos azares das guerras, eles aprenderam a língua, conheceram os costumes do povo com que desejavam conviver fraternalmente e estudaram as religiões e os cultos idólatricos que deveriam combater, seguindo nisto um conselho do Apóstolo Paulo: "com os judeus me fiz judeu para ganhar os judeus" (1-Cor. IX, 20). Mas o grande Papa não aconselhou seus missionários a serem idólatras para ganhar os idólatras, nem sequer ensinou que os missionários deviam conformar-se com o espírito do século, em frontal oposição a outro ensinamento de São Paulo.

A *naturalização* aconselhada aos padres-operários, se não incluía o explícito conselho de aderirem ao comunismo, também não incluiu nenhum conselho de cuidado e reserva nessa direção. E sobretudo pecava por excessiva *identificação* que nivela, igualiza e impede o funcionamento dos vasos comunicantes, ou o princípio metafísico pelo qual "nada passa da potência ao ato a não ser por algo que já esteja em ato".

Se alguém é enviado para comunicar e transmitir um conhecimento aos que o ignoram, é mister que haja um desnível, e que os destinatários da mensagem tomem consciência e encarem amistosamente esse desnível. De outro modo, o que se pode levar a outros, com a alcunha de vivência, testemunho ou evangelização, é apenas o calor do corpo, que é a solidariedade das cocheiras e dos estábulos. O princípio da *naturalização*, como foi aconselhado e como foi praticado, destrói todas as possibilidades de missão espiritual e de real evangelização. É bom que os evangelizados sintam no padre *um como eles* pelo traço da humanidade comum; mas é indispensável que vejam no padre alguém que lhes traz algo de novo e de alto, e que logo compreendam, como tão bem compreendeu o interlocutor do Pe. Loew, que o padre, por mais humilde que seja seu porte e sua palavra, é um *pai, e não um-homem-como-outro-qualquer*.

O padre-operário pode querer ganhar a confiança magoada e ferida do mundo operário. São João Bosco também procurava ganhar a confiança dos rapazes vadios, e para isto montava em praça pública um trapézio e fazia mais vistosas acrobacias do que o mais ágil dos moços ou meninos. Mas, depois de quinze minutos de trapézio, apurava seu pobre esqueleto vestido de carne consagrada e, mudando de tom, mudando de alegria, começava a ensinar gravemente a sagrada doutrina. E tinha um auditório eletrizado de atenção. E formou santos.

Pelo princípio da *naturalização*, João Bosco, terminado o trapézio, sairia com a malta de vagabundos a caçar passarinhos ou a roubar frutas nos pomares da odiosa burguesia. E à noite, dormiriam todos juntos na tépida fraternidade das calorias. Levo um pouco mais longe a consequência do princípio da *naturalização*: se os padres-operários da missão de Paris devem viver e agir como os operários, devem votar com os comunistas, e entrar em todas as manifestações promovidas pelo P.C., então concluímos que os missionários enviados às terras dos índios canibais deveriam aderir à antropofagia.

Ainda uma observação sobre os erros iniciais, de direção e até de intenção, que condenavam a experiência da missão operária a um fracasso e a um agravamento do mal-entendido entre os ope-

rários e a Igreja. Se a hierarquia, o clero e os intelectuais franceses, em vez de ostentarem tão galharda autonomia (ou que outro nome se lhe dê), tivessem os olhos voltados e os ouvidos inclinados para Roma, teriam todos consciência de que o comunismo é, em nosso século, uma das faces maiores do poliedro "mundo" que, segundo o Concílio de Trento, é um dos três inimigos cruéis da Igreja. E com esta consciência assim avivada e prevenida, saberiam todos que a experiência da Missão de Paris, e depois a dos padres-operários, era uma expedição perigosa em terreno minado. Dessa ponderação tirariam todos a necessidade, não apenas de uma preparação, mas também de uma seleção, baseada em provas cuidadosamente organizadas. Os candidatos à aeronáutica fazem provas de saúde e de nervos; os astronautas passam por uma cadeia de testes, antes de ousarem entrar no aparelho que os levará à Lua.

É evidente que a expedição dos padres-operários estava a exigir o mesmo cuidado. Era mister organizarem-se provas que afastassem os espíritos fracos, propensos ao contágio da estupidez comunista. Ora, tem-se a impressão de que o critério da seleção foi exatamente o oposto. Os entusiastas que se apresentavam, desde o início, davam todos os sinais de um imoderado desejo de mergulhar naquele mundo de vigorosa e dogmática descrença que os fascinava.

Em tudo isto precisamos sempre ressaltar aqueles que não se contaminaram e que sempre se moveram por um verdadeiro espírito missionário. Estou pensando no Pe. Loew e em Madeleine Debrêl, mas esses mesmos apóstolos, que se impõem à nossa admiração, ainda se ataram por um inexplicável respeito humano em relação ao comunismo que, aliás, se encontra em toda a cultura francesa contemporânea. Um secreto desejo de querer sempre afirmar uma superioridade de inteligência parece impedir que os franceses se curvem para observar melhor essa coisa burra, triste e feia que enche o século. E a consequência disto é que o povo mais inteligente do mundo passa a cometer e a pronunciar as maiores tolices do século, embrulhadas num linguajar que quer ser privativo dos deuses da *intelligentzia*. ... Triste coisa.

Ao cabo de pouco tempo, desencadeia-se o fracasso. Ainda em setembro de 1953, falando ao clero, o Cardeal Feltin retomava a ideia do Cardeal Suhard e desenvolvia-a nestas palavras: "O mundo operário afastado da Igreja tem sua história, suas tradições, seus valores morais, suas riquezas espirituais e uma certa unidade em razão da qual não aceita em seu meio o estrangeiro que lhe venha dar lições. Para exercer influência sobre ele é preciso ser *naturalizado*, reconhecido como membro desse mundo".

Parece assentado, já em 1953, dez anos antes da *Gaudium et Spes*, que não se deve falar em inimigos da Igreja, e não se pode dizer que essa infeliz porção da humanidade está doente. Aliás é falso, ou falsíssimo, como se diria em italiano, que esse bloco operário não queira receber estrangeiros que lhe venham doutrinar: os homens mais estrangeiros do mundo vieram ensinar-lhes a abandonar o amor de Deus e da pátria, em troca de uma furiosa solidariedade.

Em junho de 1952 os comunistas desencadeiam em França um movimento contra o General Ridgway, que acabava de ser nomeado sucessor de Eisenhower no supremo comando das forças aliadas na Europa. Esquecidos de todos os heróicos serviços prestados por Ridgway na operação de desembarque na Sicília, e, portanto, na libertação da Europa e da França, nossos *prêtres-ouvriers*, naturalizados na terra dos liliputianos marxistas, tomam parte nas manifestações contra o general americano. Dois desses padres-operários, ancestrais de nossos "padres de passeata" de 1968, foram presos e *passés à tabac* na delegacia. Hoje, se isto se passasse no Brasil, a curiosa expressão se traduziria por "torturados". O Cardeal Feltin *lamenta* que padres-operários tenham tomado parte em manifestação dessa espécie, mas também logo reclama contra a prisão e os "tratamentos indignos da pessoa humana". Começa nesta época a ser invocada a "dignidade da pessoa humana" somente nos casos de algum excesso na repressão das ondas crescentes de desumanização.

Convém apontar aqui mais um erro inicial dessa funesta experiência que só serviu para acelerar o processo de comunização do clero francês. Os padres-operários querem unir-se aos operários como operários, e portanto nas fábricas e nas oficinas. Seria mais sensato procurá-los fora do trabalho, nas famílias e nas paróquias, onde houvesse lazer para uma amizade que pudesse trazer frutos sobrenaturais. Mas essa indicação trivial do senso comum é uma das coisas mais energicamente rejeitadas. E por quê? Porque no fundo, um ou dois milímetros abaixo do limiar da consciência, o que reduz esses padres não é a missão, é a revolução. Daí toda a trama de choques e conflitos em que se enredaram os Petits Frères dirigidos pelo Pe. Voillaume, a JOC, as atividades assistenciais das paróquias e os padres-operários. Nunca os pobres foram tão procurados, e nunca se estraçalharam tanto, entre si, os movimentos de filantropia infracatólica. Pobres pobres!

*"Jesus-Christ s'habille en pauvre
Faites-lui la charité..."*

Mas a caridade, a verdadeira, 1 Cor. XIII, anda substituída por uma "novo humanismo" que já se anuncia nos meios eclesiásticos.

Em 1952, começam os bispos franceses a sentir que se torna dia a dia mais difícil o exercício da autoridade. Os padres-operários falam-lhes de igual a igual.

Em 1953, o Pe. Montuclard, depois de tantos ardores para rejuvenescer a Igreja e para libertar o "evangelho cativo", sai de cena pela porta da esquerda. É o primeiro dominicano de uma série, depois da crise de *Sepi*. Pouco depois é o Pe. Desroches, irmão gêmeo do Pe. Leuret, que com passo firme, próprio dos dominicanos, também sai de cena pela porta da esquerda.

Os incidentes se multiplicam e se acumulam. Em 1953, a Santa Sé começa a suspeitar que os bispos franceses já não dominam a situação criada por tantos casos. Em julho de 1953, o Cardeal Pizzardo, escrevendo a Mons. de Bazellaire, se admira da profusão de publicações marxistas que circulam nos seminários. Um novo Núncio, Mons. Marella, é enviado para substituir Mons. Roncalli (o futuro João XXIII), que não parece ter compreendido a gravidade da situação, e sobretudo não parece ter conseguido estabelecer uma boa comunicação entre Roma e os cardeais franceses. Durante todo o episódio, tem-se a penosa impressão de uma barreira de desentendimento entre Roma e o episcopado francês; mas também se tem a impressão de que em Roma sentiu-se o perigo antes de o sentirem os cardeais franceses. E se é verdade que de longe Roma não avaliava bem as repercussões e consequências de qualquer medida disciplinar, parece inegável que a maior responsabilidade de todos esses desentendimentos cabe à Igreja de França⁽⁸⁶⁾.

A notícia do choque entre padres-operários e a Santa Sé, espalhando-se rapidamente, transforma-se em sensacionalismo e em escândalo. O romancista Gilmert Cesbron escreve o romance *Les Saints vont en Enfer*, que tanto deforma as intenções dos melhores e dos piores padres-operários, como deforma os ambientes de trabalho. Em poucos meses o romance vende 200.000 volumes, e então a opinião pública francesa fica, ao menos provisoriamente, sensibilizada mas inteiramente equivocada sobre a questão. Entrevistado por um jornalista, o Cónego Hollande, superior da *Mission de Paris*, responde: "Nós temos nojo desse livro!" E os padres-operários quando se despediam para assinar o ponto na fábrica, diziam rindo: "Vamos para o Inferno".

Um "unhappy enã"

Em 5 de novembro de 1953, Pio XII recebe três cardeais franceses e declara sua irrevogável decisão de pôr termo à experiência dos padres-operários. Acertam-se as medidas somente para o clero secular, deixando ao cuidado dos respectivos superiores as decisões relativas aos religiosos.

A crise dos religiosos começou pela ordem dos Frades Pregadores e chegou a furo quando o R. P. Suarez, Superior-Geral, veio bruscamente a Paris, para demitir três provinciais, e afastar de seus cargos quatro outros dominicanos de renome, entre os quais figuravam Chenu e Congar, hoje sobejamente conhecidos por seus excessos pós-conciliares. Em 1954, com o título de *Les Prêtres-Ouvriers*, aparece o livro de protesto publicado pelos padres insubmissos.

E aqui, para encerrar este lamentável episódio que veio acelerar a tormenta "progressista", cumpre assinalar as várias reações suscitadas pelo drama:

19 — Da hierarquia, e mais especialmente da Santa Sé, através de vacilações e apalpadelas, o que sempre se observa é um zelo de defender a dignidade e a integridade do sacerdócio dos padres engajados na missão operária. Poucas alusões são feitas à infiltração marxista, em comparação com as inquietações manifestadas sobre a integridade do sacerdócio. Pio XII chega a dizer: "É melhor que não se faça esse apostolado do que se aliene o sacerdócio de sua integridade". Só podemos admirar e agradecer a Deus esse zelo primordialmente religioso e sobrenatural; mas não podemos deixar de registrar nossa estranheza em relação à pouca atenção que a hierarquia parece dar ao fenômeno de infiltração marxista que envenenará por longos anos aquilo mesmo que a Santa Sé e os Bispos mais querem defender.

20 — A reação dos padres-operários cobre toda uma gama de paixões, desde a mágoa profunda dos que se submeteram sinceramente, até a insolência extrema dos insubmissos.

E é aqui, na faixa da reação dos insubmissos, que se pode ver a gravidade da perversão produzida pela contaminação marxista. As teclas que martelam são a do "comportamento capitalista da Igreja", a do indissolúvel compromisso que eles tomaram em relação à "luta de classes" exigida pela "dignidade humana". Eis um trecho característico do manifesto assinado por sessenta e três insubmissos: "No momento em que milhões de trabalhadores, na França, como no

estrangeiro, estão em marcha para sua unidade de defesa do pão, da liberdade e da paz, no momento em que o patronato e o governo acentuam a exploração e repressão para entrar, a qualquer preço, os progressos da classe operária e salvaguardar seus privilégios (*sic*), as autoridades religiosas impõem aos padres-operários etc, etc".

Qualquer pessoa semi-alfabetizada e medianamente informada verá logo que este protesto é do mais límpido e incontestável comunismo. Esses 63 padres ou ex-padres são apenas, sem tirar nem pôr, 63 agitadores e seguidores da Revolução Comunista que eles apelidam "marcha para a unidade". A eles se aplicaria, se ainda tivessem veleidades de pertencer à Igreja, a pena de excomunhão do Santo Ofício de 1949.

Vale a pena determo-nos um instante mais na consideração do repulsivo mas instrutivo fenómeno. Transcreveremos abaixo uma passagem longa, tirada do famoso livro *Les Prêtes-Ouvriers*, págs. 233-234:

Para nós, o conflito é antes de tudo e essencialmente este: a Igreja, de fato, nos impede de aceitar esta consciência nova que nós representamos no seio da Igreja, e nos impede de ser o que somos. Somos rejeitados, como a classe operária é rejeitada pelo regime estabelecido, por causa de nossa participação, ativa, na classe operária, e porque a Igreja, pela maioria de seus membros e de suas instituições, defende um regime contra o qual, com a classe operária, nós lutamos com todas as nossas forças porque é opressor e injusto. É preciso ser lúcido.

Aqui me detenho para respirar. E perco-me em interrogações sem resposta, ou com uma resposta extremamente simplificada.

Como é possível que moços franceses, em 1954, ignorem os rudimentos da história da Revolução Comunista na Rússia, além de ignorarem o que foi o comunismo no México e na Espanha? Esses moços franceses, poucos anos atrás, eram filhos dóceis da Igreja, e sabiam desde 1937 que o comunismo é intrinsecamente perverso. É impossível que não saibam, ainda em 1954, que a França foi libertada pelos norte-americanos, que desviaram suas tropas para permitir a entrada triunfal de De Gaulle em Paris, e recuaram suas tropas para que os russos entrassem triunfalmente em Berlim. Esses moços padres, de 30 a 40 anos, chamam hoje os norte-americanos de "porcos" e a si mesmos se chamam de "sócrates", e fingem ignorar a monstruosidade total da Revolução Russa, do Pacto Germano-Soviético, e, sobretudo, fingem ignorar que foram os comunistas que levaram a França à desonra da *Épuration* de 1945. E agora, esses sessenta e três indivíduos estão diante de mim, numa passeata invisível, a dizer esta frase que é o vértice de todas as imposturas a que já aderiram: "É preciso ser lúcido".

Prossigamos a citação cada vez mais repulsiva e instrutiva:

É preciso ser lúcido.

Eles esqueceram uma palavra de Fernando Pessoa, uma só que com vantagem substituiria as duzentas páginas do "livro branco". Continuemos:

É preciso ser lúcido: a Igreja se apega a esse regime por causa das condições de existência, é porque, em suas instituições, ela está ligada materialmente a esse regime, mesmo em suas iniciativas mais caridosas...

A condenação do capitalismo é apenas teórica na Igreja. De fato a Igreja o aceita muito bem e coopera com ele. Para um operário isto não tem a menor possibilidade de dúvida.

Dizem-nos que é preciso aceitar esse regime como um regime relativo porque a Igreja é encarnada e vive no mundo capitalista, como outrora viveu no mundo feudal. Mas a metade da humanidade já rejeitou de fato esse regime...

E aqui me detenho, outra vez, para ponderar o seguinte: é impossível que 63 moços franceses, em 1954, ignorem que a situação material dos operários franceses, ingleses, espanhóis, italianos, para não falar nos "porcos", é muito superior à dos pobres operários soviéticos; sem falar na situação espiritual.

E isto nos abre os olhos para o mundo mental de falsificações, de falsas abstrações, em que se movem esses pobres fanatizados que, depois de desprezarem os ensinamentos da Igreja, desprezam, num desvario hiperbólico, os mais elementares ensinamentos dos fatos.

Completemos a citação:

Mas a metade da humanidade já rejeitou esse regime... e no próprio seio dos países capitalistas a imensa massa dos proletários já rejeitou em espírito esse regime de que são vítimas.

Sentindo-se rejeitada ao mesmo tempo que o dito regime, apoderouse da Igreja um medo da classe operária e do advento do proletariado com todas as mudanças que traria às instituições, à vida e à consciência dos homens; e de uma maneira mais precisa, por causa do comunismo que inspira essa ascensão do proletariado e lhe dá sua força revolucionária e suas perspectivas de porvir.⁽³⁷⁾

O inventário da experiência

Os otimistas esforçam-se por inculcar a ideia de um saldo positivo na experiência dos padres-operários. O Arcebispo de Milão,

Mons. Montini, publicou, na época, um pronunciamento que aludia ao desastroso movimento, nestes termos: "Foram converter e saíram convertidos". Mas eu ousou dizer que Monsenhor Montini se enganava, e neste engano provava estar alheio ao linguajar "progressista": na verdade, com alguma honrosa exceção, *eles não foram converter ninguém*. Quanto ao radiante marxismo que exibem na saída, também não creio que mereça o nome de *conversão*; terá sido um curso de pós-graduação, um aperfeiçoamento do marxismo que já se encontrava nos vasos capilares da esquerda católica francesa. Mais nua e crua foi a apreciação de um operário comunista: *"ils sont venus pour nous avoir et c'est nous qui les avons eu"*. *Non, ils ne sont pas venus pour vous avoir. ... ils sont venus pour se rendre*. Mas, deixando de lado as intenções iniciais desse movimento, e adotando um ponto de vista mais alto, pode-se dizer que tudo começou num afã de recristianização das áreas perdidas pela Igreja, e terminou numa discristianização do clero. É esse *unhappy end* seria engraçadíssimo se em toda essa história não estivesse envolvido o Sangue de nosso Salvador.

A meu ver, não vem ao caso avaliar o saldo positivo ou negativo desse episódio; o que importa é compreender bem que esse movimento, a par de outras coisas referidas neste estudo, é um afluente dessa enorme inundação de tolices e torpezas que vemos hoje em torno de nós e nos deixa a consciência boquiaberta.

Mais uns anos transcorrem e temos o Concílio que ainda encontrou uma parte da hierarquia não contaminada pelo furor de secularização. Depois do Concílio a maré sobe rapidamente e chegamos ao ponto em que estamos hoje: a nos entreolharmos, com angústia e estupefação.'

Uma estranha explicação

Antes de passarmos à conclusão, onde procuraremos pôr em linguagem teológica ao nosso alcance as causas de tão grande calamidade, devo fazer um último reparo — com o valor de retratação — ao livro de Maritain, *Le Paysan de la Garonne*, no ponto onde ele, pela primeira vez, esboça uma explicação na linha das causas eficientes.

Relembremos a apreciação feita atrás. Maritain analisa, com a profundidade habitual, os ingredientes da salada do que ele chama neomodernismo, e nós chamamos "progressismo", como o chamam seus próprios fautores. Maritain denuncia a idolatria da atualidade

que chama de cronolatria epistemológica⁽³⁸⁾, aponta o desprestígio do que Mes Monnerot chamou o "valor verdade". Maritain chama de logofobia⁽³⁹⁾ esse aviltamento das inteligências. Zomba da mania do comunitarismo⁽⁶⁰⁾, diz que os católicos estão-se prosternando diante do mundo⁽⁴¹⁾. Denuncia o culto da *efficacité*⁽⁴²⁾. Acrescenta algumas vergastadas naquilo que combateu em toda a sua vida, o idealismo filosófico, que agora chama de *idéosophie*⁽⁴³⁾. Denuncia o fenomenologia (***) e finalmente arranca as penas do teilhardismo.

Já assinalamos atrás a curiosa e até diríamos estranhíssima omissão. Entre os ingredientes da *Coisa*, Maritain não menciona uma só vez o comunismo.

Mas, antes de desenvolver sua análise, o grande filósofo já deixou registrado na página 88 um grito de dor e de estupor: "Em outros termos, nada há fora da terra. Completa TEMPORALIZAÇÃO DO CRISTIANISMO" — só comparável ao grito de Paulo VI: "Autodestruição da Igreja"!

Até aqui tivemos algumas divergências, mas o filósofo ainda não nos disse quais foram as linhas de história que convergiram para a enxurrada de escândalos e tolices que flagela a Igreja. Ou melhor, ele já nos ofereceu, de passagem, uma *explicação* que na primeira leitura todos nós engolimos. É a essa explicação que aqui vamos voltar.

Podemos começar na pág. 74 o início do desenvolvimento da ideia pela qual a crise moderna é uma descompressão, ou ultracorreção simétrica de erros de rigorismo e de fuga ao mundo acumulados no passado. Passo a transcrever os textos com apartes nossos:

Abreviando, eu diria que durante séculos (...) o ensinamento homilético cristão se empenhou em convencer as pessoas (que amam as criaturas, mas não à maneira dos santos) de que a criatura nada vale. De tanto repetir esse lugar-comum...⁽⁴⁵⁾.

Lugar-comum? O termo não me parece feliz para designar um ensinamento que está na base de todas as escolas de espiritualidade cristã. Desde sempre se ensinou na Igreja a indigência, o "nada da criatura", ou nas lições de temperança sobrenatural que exercitam o desprendimento, ou nas lições de humildade que estão na base da Regra de São Bento, e da espiritualidade de São Bernardo, ou ainda nas considerações sobre o temor de Deus. Santa Catarina de Sena dizia de si mesma: "eu sou aquela que não é", para acentuar, na linguagem hiperbólica dos místicos, o infinito contraste entre a cria-

tura e o Ser pleno e total que disse: "Eu sou aquele que sou". Santo Inácio exercitava a vontade na indiferença em relação às criaturas para bem assinalar que para nós elas só valem "tanto quanto nos ajudem a chegarmos a Deus". Mas é o próprio Espírito Santo quem constantemente nos ensina, com gemidos inefáveis, a lição principal do Dom de Ciência.

Convimos com quem quiser que o "nada" da criatura e o "desprezo" ou desapego do mundo sejam palavras duras e lições difíceis; e que é um pouco ridículo estarmos aqui a falar de coisas tão altas, nós que tão pouco nos alçamos acima de nossa miséria. Mas essa desproporção é inseparável de nossa condição e é isto que nos anima a prosseguir.

A lição é difícil de seguir, mas muitos a seguiram e chegaram a heróicas alturas da santidade. Outros, mais numerosos, andam pelo meio do caminho, ainda presos às coisas. Outros, ainda mais numerosos, aí de nós, mal chegam a dar os primeiros passos, mas ao menos do Dom de Ciência tiram a bem-aventurança das lágrimas, e choram a imensa tristeza de não serem santos. Outros, que infelizmente também não são poucos, em vez de chorarem lágrimas humildes, se irritam consigo mesmos e logo com os outros e sentem azedume de não serem santos. Na continuação desse extravio, passarão a queixar-se mais da ruindade das coisas (às vezes em termos que tentam imitar a língua dos santos) do que da malícia do próprio coração. Nas casas religiosas de anos atrás eram certamente abundantes esses pobres ressentidos.

Mas cremos que o filósofo exagera demais quando dá a esse fenómeno a denominação de maniqueísmo larvado, quando o imagina tão extenso e quase organizado.

Na verdade, e não só ontem e hoje, a maioria dos casos não é nenhum dos que acima mencionamos. A maioria é a da imensa multidão de relaxados, que cumprem as regras exteriores dos preceitos (vão à missa, etc, etc), mas mal ousam sequer balbuciar o preceito da perfeição, e às vezes em toda a vida nunca chegaram a desconfiar de que o "desprezo do mundo" ou a consideração do nada da criatura são decorrências de um severo preceito. Nos tempos modernos, desde a Renascença, com seu humanismo otimista, é certamente nesse relaxamento espiritual que engatinha o Povo de Deus. Continuemos a ler Maritain:

De tanto repetir esse lugar-comum, os autores ascéticos e os pregadores acabaram por estender toda a estrumeira de São Paulo à criação inteira, na medida, sem dúvida não pequena, em que ela pode tentar

o ser humano, mas também, finalmente e imperceptivelmente tomada a criação em si mesma. Maniqueísmo larvado que se superpõe à fé cristã, sem a arruinar, por efeito de um simples fenómeno de desatenção. (...) Assim, é em si mesma que a criatura é esterco, e é nele mesmo que o mundo é corrupção. O pecado original apodreceu tudo na natureza. O católico certamente não proferirá esta proposição...

Maritain reconhece que isto (se existisse! digo eu) seria resultado de infiltrações protestantes e jansenistas, mas insiste em dobrar sua ideia como se esse rigorismo ou esse maniqueísmo larvado, algum dia e em algum lugar (excetuados esta ou aquela casa religiosa, este ou aquele seminário), tivesse possuído extensão e organização de sistema para caracterizar toda uma corrente histórica, ou toda uma civilização e para merecer um "ismo".

... O que eu queria notar é que as fórmulas do próprio registro prático se viciam pouco a pouco e se deixam infiltrar ao mesmo tempo por um pelagianismo e por um maniqueísmo inconsciente. À vontade humana caberia tomar a iniciativa e nada fazer (por medo do Inferno sem dúvida) que fosse proibido e que desagradasse a Deus. E então Deus recompensaria. E enquanto São Paulo e os santos (para os quais o mundo por si mesmo não era mau, era antes bom) não desprezavam o mundo senão por um amor louco (místico) por Aquele que primeiro nos amou (...), ao contrário, o *cristianismo adulterado* (grifo nosso) deixa numa sombra sagrada o *ágape divino*, e já não é em relação a Deus, mas em si mesmo, que o mundo, a seus olhos, nada vale. (47).

Ê pena que Maritain não tenha localizado e datado esse fenómeno que descreve, porque a cada linha que lemos nos ocorre a pergunta: onde? quando? Continuemos a leitura:

As fórmulas práticas (...) tornavam-se antes de tudo proibitivas, e traziam *ao primeiro plano* os valores de negação, de recusa e de temor, o cuidado de ter as coisas por inimigas e de se abster delas. Baixar os olhos, desviar a cabeça. Fugir às ocasiões perigosas! O "moral" passava à frente do "teológico"; a fuga ao pecado sobrepujava a caridade e a união de caridade.

Quando? Onde? A impressão que se tem, na leitura desse trecho, é que o filósofo está evocando imagens de desvãos de conventos mal dirigidos e de seminários ainda mais desnorteados. Esses fatos existiram. Podemos até convir em que emperraram muitas casas religiosas, onde as freiras se julgavam na obrigação de correr ao confessionário se acaso vissem um mosquito nu, no banheiro. Esse mofo espiritual, sem dúvida, existiu aqui e ah, e certamente produziu reações neuróticas que queriam imitar a santidade, mas

nosso filósofo parece atribuir demasiada extensão e demasiada profundidade ao fenômeno. Continuemos a leitura:

Esta descrição não se refere, de modo algum, à vida real da Igreja, tal como se processa nas suas profundezas; mas refere-se à versão do cristianismo que reinava nos espíritos e afligia os costumes da grande massa, mais ou menos mal instruída, dos fiéis.

Esfrego os olhos e torno a ler: "grande massa", e então sou levado a imaginar este quadro fantástico: o da grande massa dos fiéis baixando os olhos para evitar as ocasiões de pecado!! E o nosso mestre vai agravar o caráter onírico de sua visão porque, quando estávamos inclinados a crer que ele descrevia costumes antigos e até medievais, somos explicitamente solicitados a crer, sob palavra, que são as grandes massas modernas que ostentam aquele escrupuloso e mórbido comportamento:

A bem dizer, o processo que acabo de assinalar não causava (ainda) graves destruições nos séculos antigos porque...

O filósofo desdobra as razões que impediam tais desvios nos tempos antigos. E continua:

Em suma, o maniqueísmo e o pelagianismo práticos de que falei conservavam-se como parasitas *externos*, como os piolhos na cabeça de São Bento Labre não eram vírus que atacavam a substância da Fé Cristã, e ao mesmo produziam reações malignas porque, como já disse atrás, a Fé é alérgica a qualquer vestígio de maniqueísmo.

Foi no século XIX, e mais ainda, na primeira metade do século XX que tudo decididamente se estragou. O vírus, agora, penetrou na substância.

Que substâncias? A da Fé? Pelo que o próprio Maritain nos diz quatro linhas atrás, não se vê como pôde esse vírus do maniqueísmo penetrar a substância da Fé. Mais depressa entenderíamos a operação de um agente externo destruindo, ferindo as mentalidades, arrastando os homens ao pecado e consequentemente destruindo a Fé. Mas não disputemos em torno de um termo infeliz, quando devemos concentrar nossa atenção no quadro cultural-religioso que o filósofo descreve e com o qual, mais adiante, quase num passe mágico, nos explicará a gênese da atual calamidade da Igreja.

E ao mesmo tempo o trabalho inconsciente, desde tanto tempo prosseguindo em segredo, toma forma aparente. Começou-se a sofrer seriamente, às vezes cruelmente (quando?), da espécie de invasão de maniqueísmo prático que sobretudo afetava os métodos de educação da piedade, mas tinha alcance e significação muito mais gerais, e que impunha uma atitude negativista em relação ao mundo — com tanto maior agressividade quanto maiores eram as reivindicações e promessas que vinham do mundo. Desde esse momento...

Maritain insiste em dar ao processo que descreve uma extensão e uma significação de momento histórico que não tem nenhum suporte real. O filósofo está visivelmente inventando as peças de uma explicação que ele, certamente, deseja encontrar, mas que não encontrará, a não ser que consiga vencer e dominar todos os mecanismos de "censura" psicológica.

Desde esse momento, para muitas almas interiores, o vocabulário corrente de reprovação da natureza e do mundo, até então aceitos como óbvios no seu especial registro, tornava-se cada vez mais dificilmente tolerável, mesmo em livros tão preciosos como a *Imitação*. E assim o campo da leitura espiritual se restringia. Outras almas tomavam o caminho da rebelião. Quanto à massa de fiéis, ela sentia obscuramente que uma grave injustiça, mas contra a qual ela, massa de fiéis, se achava indefesa, era praticada em relação ao mundo, e em relação aos fiéis, injustiça capaz de levar a um desastre.

Torno a dizer que, correndo os olhos pelo mundo pelos anos, não vejo nenhum crescente rigorismo e nenhuma agravação do pessimismo maniqueu no mundo católico. Não vejo eu como não viram os Papas que há dois séculos advertem o orbe católico contra a maré montante do laxismo, do liberalismo, e dos insidiosos ataques do século que quer ver a Igreja prostrada a adorá-lo, como hoje a vêem os progressistas. O que eu vejo com meus próprios olhos, e o que ouço dos Papas é a advertência contra um estuário de tolerâncias e liberdades que se alarga, e que hoje provoca o grito do filósofo: "Completa temporalização do cristianismo"! Mas não somos só nós que vemos, desde a Renascença, avolumar-se a torrente que quer destruir a Igreja. O próprio Maritain sempre acompanhou a ansiedade dos Papas (excetuando o caso da Espanha) e posso asseverar que é a primeira vez, em sua imensa obra, que ele vê o monstro gigantesco e horrendo que agora, pela primeira vez em toda sua longa vida, menciono. Continuemos a leitura:

A espécie de invasão de maniqueísmo prático cujos efeitos se faziam sentir não se apresentava como um erro doutrinal formulado pelo intelecto e exteriormente pronunciado. Não! É *dentro* que essa invasão se espalhava sob formas de proibições puramente moralistas, de exigências de fuga, de hábitos de temor, de disciplinas de recusa, onde o amor não tinha parte alguma, tudo isto levando a alma à inanição, ao estioamento e a um torturante sentimento de impotência. É sobre esta aberração de natureza maniqueia que insisto aqui porque ela constitui o assunto do presente capítulo (...) e é do fruto venenoso de um longo equívoco que trato nesta seção. É preciso acrescentar que esta *aberração* (grifo nosso) ocorreu num contexto infeliz que contribuiu para nisto sensibilizar os espíritos e assim tornar mais graves os efeitos.

A hostilidade de uma civilização em que o cristianismo, e sobretudo o cristianismo assim desfigurado, era de todos os lados atacado, e em que a ciência era apresentada como inimiga da religião; o enfra-

quecimento das defesas naturais, devido à psicastenia moderna que já era tão proveitosa para os psiquiatras, e o enfraquecimento dos mais indigentes em matéria de doutrina; a crise modernista (...) e o recurso *Quase exclusivo às medidas disciplinares* (grifo nosso) na indispensável luta contra os erros...

Esta apreciação da atuação de Pio X, onde a *Pascendâi* é esquecida e certo travo parece reprovar as "medidas disciplinares" de que hoje temos tão profunda nostalgia, já prepara a inesperada conclusão a que vai chegar o filósofo, mas destoa do que ele sempre disse do grande Papa. Continuemos:

...contra os erros; a miséria espiritual de um laicato cristão, que em geral continuava a imaginar que o apelo à perfeição da caridade, com tudo o que implica de recolhimento contemplativo, não lhe dizia respeito, mas somente aos religiosos...

Este dado do "contexto infeliz" mostra um laicato entregue ao laxismo e à minimização da vida religiosa. De que se formavam, então, as "massas" que atrás nos eram apresentadas como afetadas pelo vírus do maniqueísmo larvado e de fuga ao mundo?

... a confusão e a coalescência admitidas [por quem?] e tidas como naturais há dois séculos entre os interesses da religião e os de uma classe social furiosamente apegada aos seus privilégios...

Um momento! Aqui me vejo forçado a interromper a enumeração de coisas que formam o contexto infeliz, onde se desenvolveu a maré de maniqueísmo larvado. Um momento! Faço questão de frisar que não sei o que quer dizer "confusão e coalescência admitidas dois séculos entre os interesses da religião e os de uma classe social furiosamente apegada aos seus privilégios". Já ouvi essa frase nos arraiais dos mais cruéis inimigos da Igreja. Quanto à "classe furiosamente apegada, etc", também não sei o que seja, em língua católica, mas pelo que vimos no tópico anterior, sei que foi inventado, nos meios católicos progressistas, o mito de um monstro com esses sinais: a "classe ouvrière", cuja consciência, no dizer de seus entusiastas, era a luta de classes que é indubitavelmente a forma mais furiosa que já tomou na História a defesa de interesses grupais. Bem sei que essa versão é caluniosa para os pobres operários, mas não sou eu o autor nem o propagador do mito. Note bem o leitor: a chamada classe burguesa pode ser apontada por seus vários defeitos e até pode ser defendida por essa variedade, enquanto a chamada classe operária, segundo a definição de seus apóstolos, é monocromática e só existe para ser feroz. Deixemos a mitologia socialista, lamentemos que Maritain tenha cometido esse barbarismo,

admitindo a entrada de tais frases no seu léxico. E agora observemos, ao pé da página, a nota que é a dobradiça de toda a dialética maritainiana, nesta explicação. Essa nota, surpreendente, que deve ser lida após o vocábulo "privilégios", é a seguinte:

(1) A data da fundação da revista *Esprit* em França (1932) e mais ou menos na mesma época a de *Catholic Worker* nos Estados Unidos, pode ser considerada como marcante, ao menos simbolicamente, do ponto de ruptura que anunciava o fim dessa confusão. (45).

Ora, como agora sabemos sobejamente, a data de 1932 e a fundação dessas duas revistas furiosamente progressistas podem ser tomadas, ao menos, simbolicamente, como marcante da explosão que anunciava *ISTO* que o Papa chamou autodestruição da Igreja. É espantosa e curiosamente reveladora a escolha dessa data e dessa revista por Maritain, que ajudou Mounier a fundá-la. Além disso, há no ilogismo interno do texto algo de chocante a que o génio de Maritain não nos habituou. Essa nota ao pé da página, seu conteúdo e seu tom teriam alguma lógica se Maritain estivesse descrevendo uma dramática crise passada de que a Igreja finalmente e felizmente se emancipara. Quem conhece, pouco que seja, a história do catolicismo francês a partir de 1932, não pode ler sem esfregar os olhos, sem reler e tornar a esfregar os olhos. Lá está ela, implacável, a nota:

(1) A data da fundação da revista *Esprit*, etc, etc, etc, como marcante do ponto de ruptura que anunciava o fim dessa confusão.

A lógica se restabelece, a seguir, no recurso que Maritain faz ao mecanismo da dialética interna do erro que levaria uma conjuntura fatigada de seu erro à extremidade oposta. Mas assim mesmo, antes de discutirmos o valor dessa explicação, em que o tal maniqueísmo larvado foi *a causa* do atual progressismo, ainda reclamo a imprecisão da nota que termina dizendo "anunciava o fim dessa confusão". Neste ponto, depois de ter dito o que já disse da "completa temporalização do cristianismo", se quer apegar-se a essa explicação tão evidentemente artificial, deveria dizer: "... que anunciava o fim dessa confusão, e o começo de outra confusão muito maior". Maritain não completou sua nota, pela mesma razão que omitiu o termo "comunismo" nas 400 páginas de um livro em que "velho leigo se interroga a propósito dos tempos que correm".

Continuemos a leitura da "explicação" até o fim:

... eis aí o contexto no qual cresceu a onda de maniqueísmo larvado de que falei e que chegou até o terço deste século. Tudo isto ia acumular no inconsciente de uma grande massa de cristãos, clérigos ou leigos, uma enorme carga de frustrações, de decepções, de dúvidas recalçadas, de ressentimentos, de amarguras, de bons desejos sacrificados, com todas as ansiedades e aspirações sem saída da consciência infeliz.

Chega o *aggiornamento* — será de espantar que com o anúncio do Concílio e tudo em torno dele, e agora depois dele, a enorme carga inconsciente de que acabo de falar tenha jorrado numa espécie de explosão que não honra a inteligência humana? O Concílio parece uma ilha guardada pelo Espírito de Deus... No que concerne à atitude do cristão em relação ao mundo, foi levado ao extremo oposto do desprezo quase maniqueu do mundo professado no *ghetto* cristão do qual estamos saindo agora.

Maritain precisa dizer que estamos saindo de um longo equívoco para salvar a consistência meio desconjuntada de sua explicação. E continua:

Mas desta vez não é diante de uma aberração voltada para dentro sob formas *torturantes* e *tenebrosas* que nos achamos, é diante de uma aberração voltada para fora com todo o *brilho* e a *jubilosa arrogância* de uma razão perturbada pela embriaguez da novidade: segundo fruto venenoso do longo equívoco de que aqui trato, tão perigoso e, talvez (por causa desse caráter intelectual), mais perigoso do que o primeiro, mas de duração provavelmente menos longa, porque, quando a estupidez toma no mundo cristão dimensões tão consideráveis, depressa ela se reabsorverá ou se destacará decididamente da Igreja. Que estupidez? A prostração diante do mundo.

Antes de passar à análise dessa estranha explicação, chamo ainda a atenção do leitor para a adjetivação escolhida para um e outro erro. Para o suposto maniqueísmo larvado, Maritain emprega os termos: formas TORTURANTES e TENEBROSAS. Para o progressismo já desabrochado (1965) reserva os termos: com todo o BRILHO e FELIZ ARROGÂNCIA de uma razão INEBRIADA DE NOVIDADE.

Os vários defeitos de uma explicação feita sob censura

A "explicação" com que Maritain quer fazer o atual "progressismo", com toda a sua monstruosidade, nascer da dialética interna do erro, ou da ultracorreção do rigorismo ou pessimismo quase maniqueu, tem vários defeitos, ousou dizer gerados todos por um estranho propósito de não ferir "as esquerdas".

O primeiro, já assinalado, é o do irrealismo histórico. O fenómeno descrito por Maritain só pôde existir, e efetivamente existiu, em tempos de fervor religioso em que o *Santo* era o principal arquétipo de uma civilização. Muitos quererão imitar a santidade com crispações neuróticas. A Idade Média conheceu essa doença, que São Domingos combateu e que gerou a heresia albigense com todas as conhecidas consequências. Nos tempos modernos subsistirá o fenómeno de falsa espiritualidade nos desvãos de casas religiosas e de seminários entregues a diretores ressentidos ou estúpidos. Mas a dominante para a massa dos fiéis está no extremo oposto: no laxismo, no apego apenas regulado a todas as coisas do mundo, apego tão característico de uma civilização apóstata que chega a tornar imperceptível, na cidade, nos grupos, no mundo, a presença de uma raça de homens que corre e luta neste mundo para ganhar no céu a palma da vitória.

E se a descrição maritainiana se aplica apenas a alguns desvãos, onde o mofo cobriu a verdadeira espiritualidade, então eu diria que a "explicação" terá o defeito de não observar a proporção entre o efeito e as causas.

Além desses, a "explicação" tem o defeito de não fazer o menor uso da sagacidade da Igreja, que jamais, nos últimos duzentos anos, apontou tão funesto erro. Ao contrário, com uma constância que chega até o Concílio, todas as encíclicas que de algum modo abordam a relação Igreja-Mundo denunciam o inimigo exterior que ataca a Igreja: o liberalismo, o socialismo, o comunismo, a maçônica, o laicismo. Então, durante duzentos anos, não somente grassou cá fora a epidemia do maniqueísmo larvado, como também no Magistério o erro se infiltrou e determinou um total silêncio sobre a matéria. Parece-me que, para explicar ou tentar explicar as causas de uma crise colossal na Igreja, nosso primeiro cuidado deve ser o de erguer os olhos para o Magistério. De que se queixava a Igreja antes da crise? Contra que erros prevenia os fiéis? Que inimigos denunciava? Depois disto podemos trazer nosso engenho para o desenvolvimento deste ou daquele argumento, mas parece-me "intelectual" demais a confecção de uma explicação histórica que só relanceia um olhar para o papado, para se queixar de ter sido o combate ao modernismo feito quase exclusivamente com medidas disciplinares.

Além disso, a explicação tem uma curiosa originalidade, em relação a seu próprio autor: ela nunca apareceu em nenhum outro ponto de sua obra. Em *Humanismo Integral*, quando a ocasião era

excelente e o ambiente se prestava, o termo *maniqueu*, se não me engano, só aparece no Capítulo II, para evidenciar o caráter maniqueu do humanismo de Marx, e para frisar que não é maniqueu o humanismo cristão. Três anos antes, em *Du Regime Temporel et de la Liberte*, págs. 102-103, também se fala num "maniqueísmo histórico ao qual escapa o pensamento cristão". Não se vê, nas reuniões do *Cercle de Meudon*, nenhuma sessão programada em torno de tão grave e pertinaz equívoco espiritual.

Com todos esses defeitos, com a ausência do agente "comunismo" na loucura do progressismo, e com a esquisita desarticulação lógica trazida pela nota ao pé da pág. 78, que é mais expressiva do que todo o tópico, fica evidente que Maritain, a despeito de todo o seu imenso saber, não é bom intérprete das coisas que aconteceram em torno dele, e não está bem qualificado para explicar a crise da Igreja, já por essa incapacidade de se mover entre as coisas contingentes, já pelo mecanismo de "censura" que visivelmente corre em seu socorro, quando ele é desafiado.

É pena que ele tenha escrito estas páginas de *Le Paysan*; é pena que em 1932 tenha ajudado Mounier a fundar *ISEsprit*. É pena, em suma, que o grande filósofo, a quem todos nós somos tão gratos e tão ligados, não tenha ficado atento à sua *grande sagesse*, já que a *petite sagesse* do senso comum lhe faltava tantas vezes. O leitor talvez não imagine a dor com que escrevo estas linhas. A questão é que, sentindo o dever de me retratar em posições tomadas por influência do Mestre que todos seguíamos, senti-me obrigado a esse doloroso descolamento de peles.

O estuário se explica pelas nascentes e pelos afluentes

Insistindo neste ponto em que se concentra todo o interesse desta obra, se algum tiver, diríamos que o erro principal da explicação proposta pelo Camponês do Garona reside na sua estrutura antitética, pendular e quase hegeliana. Por que partir um cabelo em quatro, *pourquoi chercher midi à quatorze heures*, quando a verdadeira e simples explicação é clara como água, sem deixar de ser misteriosa como toda a iniquidade. Torno a perguntar: por que buscar a explicação num jogo de contrários, num processo de ultracorreções e de simetrias psicológicas, quando salta aos olhos a *continuidade* do fenômeno que vem, desde a Renascença e a Reforma,

afastando de Deus toda a civilização, e quando não é menos evidente a *homogeneidade* entre o que se desencadeou naquela época, engrossou nos séculos seguintes e ganhou proporções planetárias em nosso tormentoso e agonizante século XX?

Valho-me dum exemplo aquático para traçar uma explicação clara como a água. Tomemos o fenômeno que se observa além da ilha de Marajó: as águas do maior volume fluvial do mundo chocam-se com o oceano e produzem a revolta chamada *pororoca*. A explicação do insólito e pitoresco fenômeno está no que se acumula na imensa bacia hidrográfica do Amazonas e desemboca em torno da ilha de Marajó; mas a substância da pororoca é a mesma das nascentes do rio principal e dos seus afluentes. Para explicar o enorme volume de água que passa a fronteira do estado do Pará, eu não preciso buscar antíteses num estado anterior em que o rio fosse de fogo, e graças a essa dialética especial, na altura de um *turning point*, se transformasse em água.

Infelizmente para nós não é água, irmã-água, que temos na nascente de nossa civilização moderna e que agora inunda nosso século. Será, se quiserem, água, mas pluralista e turvada, águas turvas.

Como já vimos no capítulo III da Parte I desta obra, e como abundantemente discorremos em obra anterior, *Dois Amores, Duas Cidades* (Agir, 1967), o mundo moderno ou a chamada Civilização Ocidental Moderna, que se planetarizou e se impôs a todo o orbe, nasceu de duas fontes poluídas, a Reforma e o Humanismo Renascentista. Essas duas fontes, diversificadas nas manifestações superficiais de que se ocupam os historiadores, têm, entretanto, uma fonte subterrânea comum. Na obra supracitada fizemos a análise filosófica do constitutivo formal do "mundo moderno" e concluímos que seus ingredientes principais são o nominalismo e a moral do amor-próprio ou do homem-exterior. Devemos todavia notar que não foi nas academias e nos cursos de filosofia que esses venenos da Razão especulativa e da Razão prática estruturaram uma civilização; foi antes na disseminação, na poluição que fez chegar tais elementos aos brônquios da alma dos homens medianos.

Foi no nível do senso comum pervertido que se processou a tragédia: o homem da rua, sem jamais ter ouvido falar em Occam, é um guapo nominalista; e sem jamais ter ouvido falar em Benjamin Franklin ou em Hobbes, é um sólido participante do novo mundo em que o homem é essencialmente inimigo de si mesmo antes de se tornar um espalhafatoso inimigo do próximo.

Eu gostaria que meu leitor, nesta altura, voltasse a ler *Dois Amores, Duas Cidades*, principalmente na parte II do volume II; mas reconheço que é muito pedir ou muito sonhar.

Acordando, tentarei aqui, mais uma vez, resumir a ideia que tem base nas teologias de Santo Tomás, Santo Agostinho e São Paulo. Houve naquele ponto da história do mundo ocidental, onde florescera a inacreditável civilização das catedrais e dos reis santos, uma espécie de repetição do pecado original e uma *répétition* (teatral) do Pecado Final. O homem provara frutos de novas ciências e descobrira sua força, sua maioridade, sua suficiência. No capítulo I, parte III, vol. II de *Dois Amores, Duas Cidades*, o autor se refere à descoberta apregoada pelo novo humanismo: A DESCOBERTA DO HOMEM, mas também se refere a um frade imaginário, que estivera a ouvir o canto de um pássaro durante duzentos anos, acorda espantado com o pregão da DESCOBERTA DO HOMEM e, abanando a cabeça, resmunga de si para si: "*Videtur quod non, videtur quod non. . .*"

E tem toda razão o religioso da fábula, porque nunca esteve o verdadeiro homem tão eclipsado.

Descoberta sim, mas do "homem exterior": Se voltarmos atrás, à parte II deste volume, encontraremos em Santo Tomás a explicação do novo humanismo que se firmou no mundo ocidental: *unde non recte cognoscentes seipsos, non vere diligunt seipsos, sed diligunt illud quod seipsos esse reputant* (Ha. Ilae, qu. 25, a. 7). Não se conhecendo a si mesmos realmente, não se estimam a si mesmos verdadeiramente, mas se estimam pelo que julgam que são. E de que modo se enganam a si mesmos? Responde Santo Tomás que se enganam por considerarem que o *homem exterior* é o principal de si mesmos. E aqui está o ponto nevrálgico da nova civilização: a descoberta do homem na perspectiva do homem-exterior. E é nisto que consiste essencialmente o *individualismo* que marca a Civilização Ocidental Moderna em todas as suas antitéticas manifestações, desde a do mais desvairado liberalismo, até o mais desvairado socialismo. Tudo sai da mesma cepa: a valorização do homem segundo o homem exterior. ⁽⁴⁹⁾.

O homem que verdadeiramente se procurou durante toda a Idade Média *nosce teipsum* — passa a extraviar-se, a esquecer-se de seu nome, pobre Parsifal sem elmo e sem lança, passa a empa-

nar a semelhança de Deus em favor da semelhança com os símios, mas nesse mesmo extravio ou nesse mesmo tropeço, e para divertimento dos demónios, passa a apregoar com grande alarido a Descoberta do Homem!

Não quero dizer, de modo algum, que toda a história e toda a civilização desde este ponto tenham ficado corrompidas. A humanidade continuou a progredir em várias linhas, e dentro da Igreja os militantes continuaram a completar o número dos eleitos; mas quero dizer, e redizer com a máxima ênfase, que o conjunto histórico chamado civilização, e marcado por ideias e valores zodiacais, deixou-se permear por uma corrente extremamente perniciosa.

Com o que hoje vemos no mundo e na Igreja, isto é, com o que sabemos deste estuário de erros e subversões, podemos traduzir o que dissemos em *Dois Amores, Duas Cidades*, para uma linguagem mais moderna do que a da teologia do amor-próprio, mas antes de tal trabalho quero frisar com especial insistência um ponto capital: não entenderá nada vezes nada do que acontece hoje no mundo e na Igreja quem não tiver dado a devida atenção à teologia do amor-próprio firmada na Ha Ilae de Santo Tomás, na *Cidade de Deus* de Santo Agostinho e na dialética da teologia paulina.

Pela subversão do falso humanismo, o homem se entrega à específica dinâmica do amor-próprio: começa por se enganar a si mesmo para a si mesmo se desamar, e para enganar e desamar o próximo.

Em mais atualizada versão, diríamos que a Reforma e o pseudo-humanismo renascentista são as nascentes da torrente contestatária ou revolucionária que ganhou terreno no século XVII, ganhou ideologia e difusão nas *sociétés de pensée*, explodiu na Revolução, engrossou no século XIX a despeito da luta tenaz da Igreja contra todos os "ismos" deste século, como tão bem nos mostra Corrigan, e entrou, no século XX, no centro do mundo ocidental, pela explosão do "Affaire Dreyfus", e pelo Modernismo.

No século XX, como vimos atrás, a torrente produziu cachoeiras, corredeiras, erosão das ribanceiras, e chegou à revolução de 1917. Daí para cá o veneno do século entrou nos recintos da Igreja e produziu a catástrofe que temos diante dos olhos. Ao contrário do que tantos disseram em tantas línguas, ousou dizer que *hoje* melhor do que nunca podemos avaliar o mal que a Reforma fez à Igreja e portanto ao mundo. Sem prejuízo da ideia, conhecida há tantos anos, de que os atuais protestantes são mais herdeiros de erros do que fatores de heresias, hoje, depois de todos os concílios (Trento, Vaticano I, Vaticano II), podemos dizer que mais do que nunca sabemos avaliar, pelo mal que produz nos meios eclesiásticos, a in-

trínseca malignidade da Reforma em que Lutero foi apenas um dos títeres de Saã.

E sabemos também que o humanismo renascentista, se se equivooca sobre o que o homem é, não merece nome de humanismo. Na mesma obra citada, fizemos um tímido reparo à qualificação dada por Maritain ao novo humanismo: "humanismo antropocêntrico"; e propusemos outro: "humanismo /antropocêntrico".

Hoje, menos timidamente, digo que "humanismo antropocêntrico" é "círculo quadrado". Sim, a civilização que pretende centrar-se no homem já se equivoca sobre o que é o homem e o que deve ser uma civilização; não conseguirá, portanto, realizar a proeza que começa por descentrar o homem de si mesmo, como tão bem se vê no que tão bem diz Santo Tomás.

E não se veja nisto uma querela de termos. Não. Estamos aqui num ponto nodal da questão. Se concedermos que o humanismo renascentista é um humanismo antropocêntrico, já concedemos demais tanto no que concerne à ideia de humanismo como no que concerne à ideia de centro. Na verdade, o que naquelas duas fontes começou foi uma contestação do senhorio de Deus. Foi portanto uma revolução que será o grande pseudo-ideal de quatro séculos de desumanismo ou de Civilização do Homem Exterior. Daí por diante começam os grandes e sonoros equívocos que levam os "espíritos abertos" a sempre ver um lado positivo ou um lado glorioso numa enfermidade histórica intrinsecamente má.

Se por medo do dualismo moral, inevitavelmente cortante, quisermos em cada caso compor um juízo de valor moral com um juízo de valor metafísico ou de graus de perfeição, ficaremos evidentemente condenados a fugir da noção de bem e mal, ou então condenados a baralhar todos os valores para salvar o valor com medo do maniqueísmo. O resultado será inevitavelmente o da ruína da noção de valor num ou noutro domínio. E é a esse espetáculo, ou a esse *happening* de disparates que estamos assistindo quando vemos o empenho que os mais prestigiados espíritos põem em procurar bondades, valores positivos, fragmentos do Evangelho ou da Igreja nas mais aberrantes perversões do século. E tornarei a dizer que esse frenesi de otimismo é um disfarce transparente da desesperança deste crepúsculo de civilização.

O Cavalo de Tróia

Houve o Concílio, houve o *aggiornamento*, e cá estamos nós, os pobres cidadãos do famoso e atualizadíssimo "povo de Deus", a

nos entreolharmos "com a consciência boquiaberta", ou com a alar-mada desorientação dos magos que, em caminho de Belém, viram apagar-se a estrela que os guiava. Onde está a Estrela, onde a Casa de Ouro, onde o cofre do Sagrado Depósito? Onde? Onde? "A ronda da noite nos encontrou, nas ruas da cidade, nas ruas e nas praças, a procurar nosso amor" (Cant. III, i,2). Onde está a Igreja que é a porta de ouro e luz, de luz e sangue, de um Reino que não é deste mundo? Onde está o caminho de Belém?

Em nossa aflição, e por vício ou dever de ofício, pomos em frases os gemidos de amor e dizemos, por exemplo, com nosso grande amigo Maritain: "Completa temporalização do cristianismo"; mas não podemos aceitar a explicação que ele nos dá de sua grave enfermidade, pela qual teria vindo de *dentro* da própria Igreja o mal que nos aflige. Sabemos que o *dentro* da Igreja é santo e absolutamente impenetrável ao mal. A Igreja tem em seu seio justos e pecadores, mas não assume em sua substância o pecado de seus filhos. Não podemos, pois, explicar as feridas da Igreja por um processo endógeno que vem de seu envelhecimento ou de suas avitaminoses. A Igreja *não é* o povo de Deus, como pretendem os progressistas que interpretam assim o Capítulo II da *Lumen Gentium*, que com esta expressão designa os membros da Igreja, e somente por sínodoque identifica a parte ao todo. É nos membros visíveis da Igreja da Terra e naquilo que a eles mesmos é exterior, que podemos apontar manchas e rugas, e nunca à própria Igreja que, neste mundo, é a única coisa *nova* e constantemente *renovada*.

Charles Journet, citado por Maritain em *Le Paysan*, assim se refere à linha divisória que separa o *dentro* do *fora* da Igreja: "suas fronteiras próprias, exatas e verdadeiras, não circunscvem senão o que é bom e puro em seus membros justos e pecadores, assumindo dentro dela tudo o que é santo, mesmo dos pecadores e deixando fora tudo o que é impuro, mesmo dos santos. É em nosso próprio comportamento, em nossa vida, em nosso próprio coração, que se defronta a Igreja e o Mundo, o Cristo e Belial, a luz e as trevas." (^{4f}>).

Sendo assim, é inconcebível um processo de degradação que venha de *dentro* da Igreja; quando o Papa Paulo VI fala numa "autodestruição", deve-se ver nesta expressão mais um grito de dor do que uma proposição teológica.

Dietrich von Hildebrand nos previne contra certa dialética em voga que pretende alcançar a verdade quando o pêndulo, depois de

oscilar entre a tese e a antítese finalmente se equilibra na síntese. "A ilusão dos católicos progressistas é ainda mais simplista do que a dos que minimizaram os erros graves que se infiltraram entre muitos católicos interpretando-os como "reações naturais" contra os erros anteriores..."⁽⁵⁰⁾. E continua: "A ilusão dos progressistas, ainda mais simplista, é a de acreditar que essa reação é por si mesma o atingimento de uma verdade".

Não cometeríamos a injustiça de atribuir a Maritain a ideia de, que a reação "progressista" contra o tal "maniqueísmo larvado" é em si mesma boa ou apenas melhor do que esse erro, mas reclamamos a confiança excessiva que o filósofo põe na "lei do pêndulo" para explicar a catastrófica crise de hoje como uma ultracorreção dos esparsos e desconexos "rigorismos" cada dia, aliás, mais raros.

O próprio Dietrich von Hildebrand, no capítulo *Falsas Reações*, da mesma obra, leva longe demais o perigoso jogo dos contrários, que domina toda a filosofia moderna catalisada por Hegel, e envereda por uma explicação parecida com a de Maritain: para explicar certas *reações*, verdadeiras ou falsas, parte de um erro anterior, mas, esticando-o demais, quebra sua lógica interna e o incapacita de ser praticado.

Dá, por exemplo, o caso de uma defeituosa espiritualidade que tinha "a intenção exclusiva de obedecer aos mandamentos de Cristo dentro de uma total indiferença para com a pessoa do outro" e que levava, ou levou à reação, também defeituosa, que passa a falar em amor de caridade pelo próximo com esquecimento do amor de Deus. Na verdade, como o próprio von Hildebrand reconhece na página seguinte, essa caridade não é caridade; mas a primeira ideia de obedecer exclusivamente aos mandamentos de Cristo com "total indiferença pelo outro, como pessoa," também é contraditória nos termos porque o mandamento dos mandamentos inclui preceptivamente esse amor.

Parece-me que em todo este capítulo desenvolvido através do cipoal de equívocos, von Hildebrand contrapõe falsos contrários, tomados em planos diferentes. A uma intenção real contrapõe uma intenção contrária, mas apenas declarada e não provada.

Ora, uma das principais trapaças das esquerdas, e do chamado "progressismo" católico, consiste precisamente em tentar inculcar a *declaração de uma intenção* (declaração cem mil vezes repetida, mas apenas avalizada por essa repetição) como equivalente de uma *real e provada intenção*. ;

Assim é que falam em "justiça social", "mundo melhor", "paz", para que todos os oponentes de suas manobras sejam etiquetados como inimigos da justiça, imobilistas e belicistas.

Neste mesmo capítulo, Dietrich von Hildebrand multiplica exemplos de erros de espiritualidade e de ascética, em relação aos bens naturais e ao amor humano, que parecem dar razão ao que Maritain diz do maniqueísmo larvado. Posso queixar-me de uma omissão, de um descuido de von Hildebrand: na data em que escreveu seu excelente livro *O Cavalo de Tróia na Cidade de Deus, Le Paysan...* já estava publicado.

Tornava-se necessário, por amor à exatidão, o cuidado de dizer que esses erros e desvios espirituais não tiveram, nos tempos modernos, extensão e sistematização que dessem direito a um "ismo" contraposto ao tentacular e planetário "progressismo".

O fato é que Dietrich von Hildebrand não diz que esses erros tiveram valor de causa relevante, e até principal, no "jogo do pêndulo" que precipitou o mundo católico na medonha situação que Maritain denomina "completa temporalização do cristianismo" e que o próprio Papa chama de autodestruição da Igreja!

Para Dietrich von Hildebrand o ataque veio de fora; e os inimigos entraram na Cidade de Deus dentro de um cavalo antiquíssimo. Com enérgica acentuação, von Hildebrand mostra a brutal desproporção entre o "progressismo" e o suposto *ghetto*, e por isso se sente compelido a procurar a explicação do fenómeno num agente exterior, mais do que nas pobres feridas dos católicos medíocres, como nós, que choramos a tristeza de não sermos santos. Esse agente exterior é o Cavalo que entra na cidadela trazendo escondidos em seu bojo os inimigos. É esse aparatoso, volumoso e antiquíssimo aparelho que Maritain não viu, porque estava olhando severamente para o que se convencionou chamar de "direitas".

NOTAS, CAP. IV, PARTE II

- (1) Abbé E. Guerry, *L'Action Catholique, Textes Pontificaux Classes et Commentés*, Desclée de Brouwer, 9ème mille, 1936.
- (2) Ibid., pág. 22.
- (3) Ibid. págs. 22-23.
- (4) Jacques Maritain, *Carnet de Notes*, pág. 249; *Le Paysan de la Garonne*, págs. 137-138 e 141.
- (5) Jacques Ploncard d'Assac, *Le Poid des Clefs de Saint Pierre*, Difusion de la Librairie Française, 27 rue de l'Abbé Gregoire, Paris, pág. 13. (Jacques Ploncard d'Assac vive exilado em Portugal).

- (6) *Hora Presente*, maio de 1970, n.º 6, pág. 138.
- (?) O discurso completo de J. M. está em *Le Philosophe dans la Cite*, Alsatia, Paris, 1960.
- (8) Erwin Schrödinger, *What is Life?* (Anchor, 1956).
- (9) Museu de Imagens e Cenas Históricas em Cera, Paris.
- (10) *La Croix*, 18 de maio de 1945.
- (H) E quem não aceitar este postulado em que se misturam a ordem metafísica e a moral, será acusado de "maniqueísmo larvado".
- (12) Adrien Dansette, op. cit., pág. 234.
- (13) Jacques Marteaux, op. cit., tomo II, pág. 162.
- (14) *Ibid.*, pág. 140.
- (15) *Ibid.*, pág. 225.
- (16) Para melhor conhecimento dos equívocos em torno do termo "integrismo" é preciso ler *Vintegrisme, histoire d'une histoire* de Jean Madiran, Nouvelles Éditions Latines; e também as lúcidas críticas do Padre Calmei e do Padre V-A. Berto em *Itinéraires*, abril, 1967.
- (17) Gaston Fessard S. J., *De Vactualité historique*, Desclée de Brouwer, 1959, Vol. II, pág. 182.
- (18) Jacques Maritain, *Humanisme Integral*, Aubier, 1936, pág. 235.
- (19) Alocução de Natal de 1942.
- (20) *Écrits de Paris*, abril de 1947. Lembramos que Pierre Virion é autor de *Mystères de Vlniquité*, Ed. Saint-Michel, e *Gobierno Mundial y la Contra-Iglesia*, Ed. Cruz de Ferro, Buenos Aires.
- (21) Adrien Dansette, op. cit., pág. 235.
- (22) *Humanisme Integral*.
- (23) Adrien Dansette, op. cit., pág. 229.
- (24) Jean Ousset, *Marxisme et Revolution*, Ed. Montalza, Paris, 1970, pág. 67 e seg.
- (25) Liu-Chao-Tchi, *Pour être un bon communiste*, Ed. Sociale, Paris, 1955, pág. 25.
- (26) *Ibid.*
- (27) Citado por Jean Ousset.
- (28) *Lenine, Karl Marx et sa doctrine*, Ed. Sociale, pág. 79.
- (29) *Permanência*.
- (30) *Études*, maio de 1950.
- (31) *Témoignage Chrétien*, março de 1950.
- (32) Citado por G. Fessard, op. cit., Vol. II, pág. 85.
- (33) Padre Loew, *Journal d'une Mission Ouvrière*, págs. 37-38.
- (34) Citado por G. Fessard, op. cit., Vol. II.
- (35) *Ibid.*, pág. 78.
- (36) Adrien Dansette, op. cit., pág. 270.
- (37) *Les Prêtres-Ouvriers*, págs. 233-234.
- (38) Jacques Maritain, *Le Paysan de la Garonne*, pág. 25.
- (39) *Ibid.*, pág. 28.
- (40) *Ibid.*, pág. 81.
- (41) *Ibid.*, pág. 85.

- (42) *Ibid.*, págs. 137 a 141.
- (43) *ibid.*, pág. 147.
- (44) *ibid.*, pág. 159.
- (45) *Ibid.*, pág. 74.
- (46) *Ibid.*, pág. 74.
- (47) *Ibid.*, pág. 75.
- (48) *Ibid.*, pág. 78 (ao pé da página).

NOTA: Certamente Maritain não leu as monstruosas publicações da revista *Esprit*, por nós assinaladas: a primeira, apelando para um "novo São Luís" que desarmasse a França em 1935, *sans aucune arriere pensée*, enquanto a Alemanha se armava febrilmente; assinalada por nós no Capítulo II, parte Iª e publicada no número de *Esprit* de abril de 1935. Esse artigo revela um aberrante impatriotismo e mostra que foi essa espécie de francês que desarmou e traiu a França; a segunda, terceira e quarta compreendem, respectivamente, os artigos de Mounier, Georges Zerapha e Jean Lacroix, citados neste capítulo, no tópico "*O progressismo de vento em popa*". Maritain certamente não leu tais monstruosidades, e não acompanhou a evolução da revista que, em 1932, ajudou Mounier a lançar. Mas, se não leu, e se se desinteressou dos rumos da revista, não compreendemos com que fundamento inculca sua fundação como um *turning point* alvissareiro da história da Igreja.

- (49) Charles Journet, *VÊglise du Verbe Incarne*, Tomo II, pág. 244.
- (50) Dietrich von Hildebrand, *O Cavalo de Tróia na Cidade de Deus*, AGIR, 1971.

CONCLUSÃO

"A pérola da justiça", segundo a grande palavra de Catarina de Sena, "está no coração, da misericórdia". Aqueles que se esquecem de que DEUS castiga, e não mais querem adorar, n'Ele, a santa perfeição da justiça, se desequilibram e se escandalizam diante de cada fato da história humana. As forças inferiores desencadeadas não passam de instrumentos de Sua vontade, que é conservadora da ordem eterna e que, livremente, mede a misericórdia e a vingança. Vemos hoje (1922) o estado atroz e derrisório a que ficou reduzida, na Rússia, a classe abastada, bruscamente transformada em mendigos e famintos. Mas os sanguinários comediantes que realizaram esse feito e que, como todos os ateus marxistas, julgam-se os motoristas da história humana, não passam de escravos encerrados, com a mais estrita exatidão, no círculo que a permissão divina determinou. (Jacques Maritain, Antimoderne, 1922.)

Depois de estafantes investigações, de inquéritos em que ouvi-» mos centenas de testemunhas, chegamos a uma conclusão espantosamente clara e misteriosissimamente obscura que está em três li-» nhãs do catecismo de Trento:

A Igreja Militante é a sociedade de todos os fiéis que vivem na terra; chama-se militante porque sustenta guerra sem tréguas contra os cruéis inimigos: o mundo, a carne e o Diabo.

Sim, todas as análises e todas as tentativas de explicação do que acontece em nosso século reduzem-se a isto: a Igreja está cercada por seus inimigos, que nunca estiveram tão assanhados e tão empenhados em demoli-la. Desses inimigos que hoje, mais do que no passado, afligem a Igreja, aqui nos ocupamos, principalmente, do *mundo* e da *carne*.

O que é mundo?

O termo é polivalente e mais de um teólogo já analisou os seus vários sentidos. Procuremos, aqui, entre os vários sentidos, qual é o que designa um inimigo da alma e da Igreja. De início tomemos o sentido metafísico que designa o universo criado. Nesse sentido o mundo é intrinsecamente bom, e cairíamos em maniqueísmo pleno e perverso se apontássemos alguma essencial maldade no ser das coisas. Essa perversidade nos levaria a imputar a Deus alguma maldade, ou a dividir a Onipotência de Deus em dois hemisférios, mal e bem, luz e trevas, como na antiguidade pagã muitas vezes se fez.

A obra de Deus é boa, e Deus mesmo nos diz que imprimiu em sua Criação a marca de sua verdade e sua bondade; mas o mundo, que é bom, intrinsecamente bom, não tem nem pode ter a plenitude do *ser* e a plenitude da bondade que só Deus possui. O mundo bom, ordenado, belo, maravilhoso, tem entretanto a miséria de toda a criatura, a composição de potência e ato, de ser e de não ser, e

por isso é vulnerável ao mal, que não é um *ser*, mas apenas a privação de um bem exigido pela natureza das coisas. Aqui começa a história da miséria e da fragilidade do mundo, mas ainda não começou a da inimizade *do mundo*.

Tomemos agora o mundo do homem, e mesmo o universo, depois do pecado de Adão. Ainda não é este o *mundo* inimigo, porque é a ele, assim mesmo manchado e ferido, que se aplica a palavra de misericórdia de Deus: "Deus tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho único" (Jo. III, 16). E também: "Eu não vim para condenar o mundo, mas para salvá-lo" (Jo. XII, 47). Já aqui, entretanto, se observa uma atitude nova e tensa que caracteriza fundamentalmente a vida cristã. Em relação a esse mundo, em si mesmo bom, mas marcado pelo pecado do homem e por uma senectude que o levará a *passar*, Jesus nos adverte que estamos *no* mundo, mas não somos *do* mundo. E aqui chegamos ao dualismo mais contrastante e mais importante da relação Igreja-mundo, e ao ponto mais agudo da significação do termo "mundo". Se nós e a Igreja estamos no mundo, mas não somos *deste mundo*, temos de procurar em *outro mundo* nosso lugar, nossa pátria verdadeira. "Meu Reino não é *deste mundo*", disse Jesus a Pilatos, "se meu Reino fosse *deste mundo*, meus servidores teriam combatido para impedir que eu fosse entregue aos judeus; mas o meu Reino não é *deste mundo*" (Jo. XVIII, 15-17).

Há então na obra de Deus uma criação de todas as coisas visíveis e invisíveis, e um desdobramento, ou uma *nova criação* na ordem da salvação. Já no Antigo Testamento encontramos vários anúncios do outro mundo ou de uma *nova criação*: "Não cuideis das coisas antigas, eis que vou realizar algo de novo" (Is. XL, 15-17). Seria espantosamente pueril imaginar que Isaías profetiza novidades horizontais da história e que as "velhas coisas" são o Concílio de Trento, o latim, o gregoriano, etc, etc. ao passo que as "novas" seriam as coisas depois do Concílio Vaticano II, e até quem sabe? — depois da revolução na América Latina.

É na terceira parte do livro de Isaías (LVI a LXVI) que o anúncio da nova criação atinge seu esplendor, ou melhor, atinge o máximo esplendor que era possível neste ponto adventista da Revelação. Fala-se aí expressamente da criação de um novo céu e de uma nova terra. A magnificência de Sião é descrita como o raiar de uma nova manhã de criação.

O excessivo dualismo, que parece ameaçar a ortodoxia, se integrará melhor, não na visão de duas criações, mas na consideração

de dois *tempos* ou de dois *atos* da mesma criação. Há realmente no ato criador de Deus o que nos atrevemos a chamar de dois *atos* da mesma criação, ou de dois tropismos — o primeiro, que tem caráter de projeção, tira as coisas do nada, as atira e as entrega às suas próprias naturezas e operações, "*operado sequitur esse*", e o segundo, que tem caráter de vocação, chamamento de todas as coisas, como se todas as coisas criadas devessem ser, desde já, marcadas, orientadas, polarizadas para a Glória. À imitação do que se passa na intimidade insondável da Trindade Santíssima, toda a criação, de certo modo, sai do Pai e volta ao Pai: "Deus criou todas as coisas para si" (Prov. XVI, 4).

No que concerne aos seres dotados de inteligência e vontade livre, o chamamento de Deus e a nova criação mais próxima de sua intimidade constituem a ordem da Salvação, motivada e tornada ainda mais próxima de Deus e mais bela pela resposta que Deus deu ao pecado da criatura: "Onde abundou o pecado» superabundou a graça" (Rom. V. 29).

Estamos habituados a pensar na graça em termos adjetivos, como quem pensa numa qualidade que *apenas* realça ou renova algo de subsistente. Para nós a graça é efetivamente um *habitus* que qualifica a alma e supõe a natureza. Sim, supõe a natureza, mas de tal modo a transpõe ou a transporta para outras oitavas de sobrenatureza que mal conseguimos bem avaliar a força da *novidade* em que essa qualificação nos insere, em união com o Cristo ressuscitado, à direita do Pai. Dificilmente assimilamos a ideia de estarmos, pela graça de Deus, desde já, supernaturalizados na pátria eterna, e desde já substantivamente renovados.

É no Novo Testamento, que por isso mesmo se chama *Novo*, que a revelação da nova criação ganha plenitude. Não é metaforicamente, literariamente, que São Paulo diz: "Quando alguém está em Cristo é uma nova criatura, e então pode dizer: o antigo desapareceu, vede! tudo é novo!" (2 Cor. V, 17). Mas o ponto mais alto deste anúncio excessivo, para essa desmesurada Esperança, para essa medida cheia, calcada, recalçada e transbordante da beatitude prometida, está nas últimas páginas do último livro inspirado:

Vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido, e o mar já não existia. E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, do lado de Deus, ataviada como esposa que se enfeita para o esposo. Ouvi uma grande voz que descia do trono e dizia: — É aqui o Tabernáculo de Deus entre os homens, eles serão seu povo, e o próprio Deus estará com eles; en-

xugará as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais morte, nem luto, nem dor, porque as primeiras coisas terão passado... E aquele que estava no trono disse: — Eis que todas as coisas faço novas". (Apo XXI, 1-5).

Por esses textos vê-se que o termo "novo" deve ter para nós um sentido tão alto e tão santo que o resguarde do uso vulgar e estúpido que dele fazem os chamados "progressistas", dilapidadores das coisas sagradas.

Mas não é ainda no sentido de *velho mundo* que o mundo é inimigo da Igreja. Para o cristão esse pobre velho mundo ainda é o lugar e a ocasião que se oferecem para completar, em sua peregrinação e no Corpo Místico de Cristo, o que faltou em Sua paixão (Col. I, 24). Nesse sentido, amamos o mundo, obra de Deus, e reduplicadamente amamos o mundo em que Jesus caminhou e caminhará conosco até a consumação dos séculos; e amamos com entranhas de misericórdia e especial dileção os pobres de todas as pobrezaas, que são muitas, e o horror que ganharmos ao pecado e ao mal multiplicado no mundo será mais uma forma de amor pelos atropelados e pelas vítimas, e até pelos autores do mesmo mal.

Pode ser que, por desfalecimento do amor-próprio (*carne*), ou por tentação do demônio, nos deixemos muitas vezes colar no visgo desse velho mundo que não é o Reino de Deus, mas nesse caso não é o mundo o agente inimigo que nos desvia de Deus: é Satã ou a *carne*.

Quando é, então, que mundo significa inimigo da Igreja e da alma? O próprio Senhor Jesus nos responderá: "O mundo os *odeia* porque eles não são do mundo, como Eu não sou do mundo" (Jo. XVIII, 14-16). E assim vemos que mundo inimigo é aquela parte ou aquela manifestação que se organiza como anti-Igreja, é o mundo militante que move guerra ao Reino de Deus, ao "outro mundo" já aqui e agora começado na vida da graça. Esse mundo-inimigo, formado por correntes históricas animadas de soberba e aceleradas neste século por um febril desespero, odeia os cristãos por causa do novo absoluto, que se realiza no Cristo, e que esse mundo rejeita; sim, odeia-os por causa de sua condição peregrina, e tenta por todos os meios secularizá-los, isto é, arrancá-los do Reino de Deus para naturalizá-los neste mundo.

E aqui cabe a pergunta: e a *carne*? O que é *carne*, como inimiga da Igreja e da alma? Já vimos em *Dois Amores, Duas Cidades* (AGIR, 1967) que o termo *carne*, do binómio paulino *carne-espírito*, segundo Santo Agostinho e Santo Tomás, não designa a parte

corporal do composto humano, designa antes o homem todo na medida em que esse homem toma a atitude de *querer ser a sua própria lei* ou de *vivere secundum seipsum*, com aversão e desprezo pela vontade de Deus. Será sinónimo de vontade-própria ou de amor-próprio no sentido mais espiritual e profundo do termo. É nessa inflamação do eu-exterior que o mundo-inimigo e o Demónio encontram a brecha para a derrota das almas. Mas é preciso lembrar que, nestas linhas, o termo *carne* se aplica, não apenas no plano da moral particular e individual, mas no plano de toda uma civilização que fomenta e estimula a vontade de poder, a vontade de autonomia, a vontade de egoísmo, a vontade de soberba, dando-lhes nomes de novo humanismo. A obra anteriormente citada ocupou-se desse drama de toda uma civilização que deixou de ser cristã; e a obra que nestas últimas páginas encerramos, na sua maior parte, tenta mostrar o triste privilégio que têm os habitantes deste século: estamos de camarote diante do planisfério das consequências. Vimos alargar-se a corrente histórica inimiga da alma e da Igreja, e para nossa maior confusão vimos a carne inimiga dos próprios membros da Igreja, de alto a baixo, dos mais inteligentes aos mais visivelmente parvos, trabalhar na obra que o próprio Papa chamou de autodemolição da Igreja, obra que não seria possível se os outros inimigos não contassem com essa brecha que é exterior à Igreja, e que permite essa catástrofe que *parece* vir de dentro da Igreja, porque vem de seus membros, e mais especialmente de *son personnel*, como diz Maritain no seu livro último, *U'Église du Christ*. O que nos assusta de modo particularmente agudo é o fato de existir em torno da Igreja um mundo que enaltece a *carne*, e o fato ainda mais grave de existir no seio da Igreja um número alarmante de levitas que precisamente se gabam de ser servidores do mundo, da carne, e por que não do Demónio? Nas páginas deste livro vimos o mal que fizeram à Igreja as correntes históricas que a soberba humana organizou para dispensar os favores de Deus, dos anjos e dos santos.

A principal característica dessa torrente histórica que, para nossa vergonha e infinita tristeza, conseguiu aliciar combatentes, guerrilheiros, milicianos do demónio no próprio mundo católico, é precisamente o desprezo do arremate mais belo da obra de Deus. Sim, desprezo do novo mundo, desprezo da Nova Jerusalém, desprezo de um Deus poderoso e enxugador das lágrimas dos homens. Em nome de quê?

Em nome de um otimismo confiante nos recursos humanos, na ida à Lua, e nos transplantes de corações logo rejeitados, em nome de um novo humanismo que ousa dar o qualificativo de novo ao capricho inconstante dos homens, em nome do nada e da vaidade das vaidades, perseguição de vento, o caudal de erros se alargou nesta estuário de disparates que inunda o mundo e produz na Igreja devastações incalculáveis. Que nome daremos ao mal deste século?

Este: DESESPERANÇA.

Ei-lo, o mal de nosso tormentoso e turbulento século que ousou horizontalizar as promessas de Deus transformadas em promessas humanas. Que ousou tentar a secularização do Reino de Deus que não é deste mundo. Ei-los os escavadores do nada a construir em baixo-relevo, *en creux*, a nova torre de Babel. Esperantes às avessas, *eles* querem fazer revoluções niilistas, querem voltar ao zero, querem destruir, querem contestar, rejeitar, querem niilizar. E se chamam "progressistas".

No século anterior as agressões e traições convergiram contra a Fé, como se viu na crise modernista que São Pio X represou. Temo de pensar que o próximo século será o do DESAMOR. Perguntando ao mar, às árvores, ao vento, o que querem esses homens que se agitam e meditam coisas vãs, parece-me ouvir uma resposta de pesadelo. Eles querem produzir uma sinarquia, uma espécie de unanimidade, uma espécie terrível de paz e bem-estar. Qual?

Querem chegar ao PECADO TERMINAL.

"Porque por causa de um só homem o pecado entrou no mundo, e com o pecado a morte". (...) "mas se pela falta de um só sobre todos caiu a condenação, pela justiça de um só a todos virá a justificação que dá a vida. (...) E onde abundou o pecado superabundou a graça." (Rom. XVIII, 21)

Qual será o sentido da história marcada neste século? Só pode ser a do tríptico que venha completar, no estilo na tríade hegeliana, o díptico paulino formado pelo primeiro e segundo Adão. No quadro que o apóstolo expôs aos romanos temos de um lado Adão com sua singularidade de vértice a condensar toda a humanidade e a transmitir-lhe as consequências e a marca do pecado original; de outro lado temos o mistério da redenção que, em Cristo, segundo Adão, se oferece a todos os homens. Completa-se agora a tríade com a síntese onde o "terceiro Adão" será o Adão-massa, a huma-

nidade unanizada na mesma negação, na mesma afronta simétrica da primeira — no mesmo PECADO TERMINAL com que Satã imagina descer o pano sobre o quinto ato do espetáculo do mundo.

Os "teólogos" da nova Igreja sonham convergências, realizações, e afanam-se para esse *happy end* sonhado na Alemanha ou na França. Por todos os meios de comunicação Satã multiplica sua promessa de mentira coní que perdeu o homem no princípio da História e quer perdê-lo sem remissão no fim: *erit sicut dii*. Desde já falam muito no homem, na promoção do homem, na revelação do homem, na "*réussite de l'homme*", como diz o velho dominicano Chenu, que já entrevê o fim do mundo sem guerras e sem explorações do homem pelo homem, e nesta apoteose já entrevê uma humanidade tornada enfim fraternal. No sonho do Pe. Chenu, não haverá Juízo nem haverá condenações porque cada um será o único juiz de seus atos, como já se ensina hoje nos novos catecismos.

Acordarão todos um dia com o fragor dos trovões e o luzir dos relâmpagos do Ocidente ao Oriente, mas em vez da sonhada convergência verão a mais terrível das divergências.

Que fazer? Lutar. Combater. Clamar. Guerrear. Mas lutar sabendo que lutamos não somente contra a *carne* e o *mundo*, mas contra o principado das trevas. É preciso gritar por cima dos telhados que, se o cristianismo se diluir, se a Igreja tiver ainda menos visível o ouro de sua santa visibilidade, se seu brilho se empanar pela estupidez e pela perversidade de seus levitas, o mundo se tornará por um milénio espantosamente, inacreditavelmente, inimaginavelmente estúpido e cruel.

Roguemos pois a Deus, com todas as forças; desfaçamo-nos em lágrimas de rogo e gremos a súplica que nos estala o coração: enviai-nos Senhor, ainda este século, um reforço de grandes santos, de grandes soldados que queiram dar a vida, no sangue ou na mortificação de cada dia, pela honra e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo. Compadecei-vos, Senhor, de nossa extrema miséria, e sacudi os homens para que eles saibam quem é o Senhor!

É preciso lutar; e sobretudo não desanimar quando nos disserem que o inimigo cerca a Cidade de Deus com cavalos e carros de combate. Ouçamos Eliseu: "Não tenhais medo porque os que estão conosco são muito mais fortes do que os que estão contra nós". E elevando a voz Eliseu clamou: "Senhor, abri-lhes os olhos para que *eles* vejam. E abrindo-lhes os olhos o Senhor eles viram, em torno de Eliseu, a montanha coberta com cavalos de guerra e carros de fogo." (II Reis, VI, 16)

E para bem encerrar estas páginas tão sofridas, ouçamos depois do Profeta a voz do grande santo Papa que pusemos no frontispício desta obra. Ouçamos a voz de São Pio X, que desde o princípio deste século de desesperança clamou para despertar as indiferenças, quebrar os orgulhos e pelo santo temor preparar o caminho da Salvação:

Qual seja o desenlace desse combate contra DEUS empreendido por fracos mortais, nenhum espírito sensato poderá duvidar. É certamente fácil, para o homem que quer abusar da liberdade, violar os direitos e a autoridade suprema do Criador; mas ao Criador caberá sempre a vitória. Digamos mais: a derrota se aproxima do homem justamente quando mais audaciosamente se ergue certo do triunfo. E é disto que Deus mesmo nos adverte: "Ele fecha os olhos para os pecados dos homens" como que esquecido de seu poder e de sua majestade, mas logo depois desse aparente recuo, "despertando como um homem cuja força a embriaguez aumentara, ele esmagará a cabeça de seus inimigos, a fim de que todos saibam "que o Rei da terra inteira é Deus" e que "os povos compreendam que não são senão homens."